3 1761 07149080 9

TENTATIVA ETYMOLOGICO-TOPONYMICA

OU

INVESTIGAÇÃO DA ETYMOLOGIA
OU PROVENIENCIA DOS NOMES DAS NOSSAS POVOAÇÕES

POR

Pedro Augusto Ferreira

Bacharel formado em Theologia,
continuador do **Portugal Antigo e Moderno**
e Abbade de Miragaya, aposentado.

II

SEGUNDO VOLUME

PORTO
TYPOGRAPHIA MENDONÇA (A VAPOR)
Rua da Picaria, 30

1915

Tentativa Etymologico-Toponymica

OU

INVESTIGAÇÃO DA ETYMOLOGIA

OU PROVENIENCIA DOS NOMES DAS NOSSAS POVOAÇÕES

196

TENTATIVA ETYMOLOGICO-TOPONYMICA

OU

INVESTIGAÇÃO DA ETYMOLOGIA
OU PROVENIENCIA DOS NOMES DAS NOSSAS POVOAÇÕES

POR

Pedro Augusto Ferreira

Bacharel formado em Theologia,
continuador do **Portugal Antigo e Moderno**
e Abbade de Miragaya, aposentado.

SEGUNDO VOLUME

PORTO
TYPOGRAPHIA MENDONÇA (A VAPOR)
Rua da Picaria, 30

1915

LIBRARY
JUL 24 1960
UNIVERSITY OF TORONTO

DP
515
F47
V.2

DUAS PALAVRAS PRELIMINARES

Os trabalhos etimológicos, tão árduos que poucos pacientes leitores cativam, eram para o Dr. Pedro Ferreira, um prazer, um alegre passatempo.

Apaixonado cultor desta especialidade, sentia grande satisfação quando lobrigava a origem nebulosa do nome duma terra, como sucedeu por exemplo com Tavira.

Infelizmente não viu concluida a sua obra; e quando este 2.º volume, a que êle algures chama 2.ª parte, estava impresso até páginas 384, faleceu em 17 de junho de 1913.

Depois disso, saiu a lume a sua **Auto-biografia,** *que teve distribuição gratuita, assim como esta obra a terá.*

O Dr. Pedro Ferreira escreveu sempre de graça, até mesmo no trabalhosíssimo **Portugal Antigo e Moderno,** *de Pinho Leal e dêle. O próprio opúsculo*

Três Canais de Irrigação em Portugal que principiou a vender-se, foi retirado das livrarias para ser oferecido e ainda lhe restaram muitos exemplares que não chegou a dar, por não saber quem estimaria recebê-los.

O terceiro e último volume da *Tentativa* vai entrar no prélo.

Publica-se esta obra em homenagem à sua memória e em satisfação da sua vontade, porque, sentindo o peso dos 80 anos e prevendo o próximo fim dos seus dias, recomendou que se imprimissem os três volumes da *Tentativa Etimológica*, para que deixou manuscritos que é pena êle não possa rever.

Sirva ela de incitamento e auxílio a quem queira dirigir as suas lucubrações mentais no sentido das investigações etimológicas, onde há tanto que trabalhar.

I

Concelho de Freixo d'Espada á Cinta

Esboço etymologico

Indicarei as freguezias todas por ordem alphabetica e algumas povoações, casaes e *quintas* d'ellas.

— Note-se, porém, que na parte leste do districto de *Bragança,* nomeadamente nos concelhos supra, dá-se o nome de *quintas* a muitas *povoações,* algumas das quaes ainda téem 50 a 80 casas e já foram *parochias independentes.*

Algumas ainda conservam a sua egreja matriz com pia baptismal e *Santissimo permanente;* mas, por não poderem sustentar a sua autonomia, foram extinctas e unidas a outras parochias.

Denominam-se *annexas* e ha na dita região mais de 100?!...

Não é raro encontrar-se alli um presbytero parochiando a um tempo *duas, tres* e até *quatro freguezias* — comprehendendo algumas d'ellas — *tres e mais annexas?!...* [1]

Tal é a pobreza do districto e do bispado de *Bragança, por falta de estradas a macadam* e de *linhas ferreas.* Mas devem mudar as suas condições economicas e agricolas e prosperarão muito com a via ferrea de *Foz Tua* a *Bragança,* já concluida,— e com a do *Pocinho* a *Miranda,* já principiada, mas ainda *muito atrasada!...*

Deixemo-nos agora de *cantigas* e vamos ao esboço etymologico das freguezias do concelho de *Freixo d'Espada á Cinta.*

* * *

1.ª — *Fórnos.*

Talvez tomasse o nome dos fórnos de coser pão, telha ou ceramica — ou de apuramento de metaes.

---

[1] Vejam-se no *Portugal antigo e moderno* os meus artigos *Villa Verde,* concelho de *Mirandella,* vol. XI, pag. 1:094,— e *Zava,* concelho do *Mogadouro,* vol. XII, pag. 2:078.

A mesma etymologia devem ter as nossas povoações denominadas *Fornello, Fornéllos, Fornea, Forniço* ou *Fornico,* etc., — ao todo mais de 100.

Pódem ver-se os nomes d'ellas e de *todas ou quasi todas* as povoações do nosso paiz — na *Chorographia Moderna* do sr. João Maria Baptista, — obra muito interessante. — Para esta ordem de estudo — *é indispensavel.*

2.ª — *Freixo d'Espada á Cinta*, capital do concelho.

Talvez tomasse o nome do latim — *Fraxinus ferro cincta* — *freixo cingido de ferro* para castigar delinquentes *na falta de pelourinho,* como por vezes, na falta de forca propria, — os reus de pena capital *eram enforcados nas arvores?!...*

Nós temos tambem uma aldeia chamada *Ferro Cinto,* que tomou o nome de *ferro cinctus* e deu o titulo ao *visconde de Ferrocinto*, ha poucos annos fallecido.

A mencionada villa tem desde longa data um *pelourinho,* mas com certeza a povoação de *Freixo d'Espada á Cinta* é muito anterior ao seu actual *pelourinho!...*

O dr. *João de Barros* diz que a villa foi fundada por um primo de *S. Rozendo* em 977 e que, por serem as armas do dito fidalgo — *um freixo* e *uma espada* — a villa tomou d'ellas o nome de *Freixo d'Espada á Cinta?!...*

Outros dizem que, chegando alli um *capitão gôdo* (?), por appellido *Espadacinta* (?), — muito cançado e muito fatigado, se deitou á sombra d'um grande *freixo* que alli encontrou e se ficou denominando *Freixo do Espadacinta,* — nome que passou á villa, cujas armas perpetuam a lenda, pois são — *em campo de purpura um freixo e uma espada.*

Tambem junto da matriz e do pelourinho da villa se vê um grande *freixo,* que dizem ser o *freixo da lenda?!...* [1]

---

[1] Foi isto o que *Pinho Leal*, meu benemerito antecessor, disse das taes *lendas etymologicas* no seu artigo *Freixo d'Espada á Cinta*, vol. III do *Portugal antigo e moderno*, pag. 334, — mas *quem não acreditar não pecca.*

— Ao sr. dr. *Guerra Junqueiro,* illustrado filho da localidade, mimoso escriptor e laureado poeta, — cumpre resolver tão intrincado problema.— Póde até s. ex.ª dedicar-lhe um poemeto ou um poema.

A villa comprehende varias quintas, entre ellas a do *Juncal* que tomou o nome do *junco.* D'elle procede tambem o appellido *Junqueiro.*

Outra quinta chama-se *Patarra.* Supponho que tomaria o nome de *Patarra,* appellido ou apodo.

O caes de *Freixo* denomina-se *caes do Saltinho.*— É o *terminus* da navegação do *Douro* e tomou o nome d'uma pequena cascata ou catadupa que alli ha,— miniatura do *Salto da Pandeira,* mencionado supra.

*
* *

3.ª— *Lagoaça.*

Tomou o nome d'uma grande bacia que está junto da villa e que por occasião das chuvas deve ser uma especie de *lagôa.*

Dos *lagos* e *lagôas* tomaram o nome tambem mais de 300 povoações nossas.

4.ª— *Ligares.*

É metathese de *ilgares,* por *algares:* — fójos, barrancos, covas, ravinas.

Note-se que a dita parochia é muito accidentada e abunda em *barrancos, algares, ravinas* e *quebradas.*

5.ª— *Mazouco.*

Este nome, na minha opinião,— vem do provincianismo hespanhol *masa,* o mesmo que *masada* (lêem-se *maça* e *maçada)* — quinta, herdade, estabelecimento rural, como diz *Valdez.*

Mazouco é, pois, diminutivo de *masa,*— pequena quinta, pequena herdade.

Cf. *Villarôco,* ou *Villarouco,* diminutivo de *villar,* como *Villarejo, Villarelho, Villarinho,* etc., povoações nossas.

Cf. tambem *Masa, Masarach, Masarrochos, Maso, Masoucos* (plural de *Masouco?!...*),— *Masueco, Mazarellos* (lê-se *Maçarellos* ou *Massarellos),*— *Mazares, Mazarete, Mazas, Mazo, Mazon, Mazos, Mazueco, Mazuecos* (?),— *Mazuela, Mazuelas,*

Mazuelo, etc.,—povoações hespanholas, que talvez tomassem o nome de *masa* supra, como—na minha opinião—*Masouco* ou *Mazouco,* povoação nossa.

Tambem supponho que téem a mesma etymologia *masa ou masada*—em portuguez *maça* e *maçada* ou *massa* e *massada*—as nossas povoações seguintes:—*Maça, Macacórte* por *Maçacórte,* o mesmo que *Massa Córte*, infra;—*Macada*, por *Maçada* ou *Massada*,—*Maçadas, Maças, Massa Córte* (V. *Macacórte*, supra);—*Massada*, *Massamá* por *Massa Má;* [1]—*Massarellos*, *Massas, Massorra*,—*Mazo*, *Mazôpo*,—talvez fórma de *Mazôco,* pois *co* e *po* substituiram-se e confundiram-se, [2]—*Mazorra,* grande *masa,* grande quinta?—e *Villar de Maçada* ou de *Massada,* povoações nossas.

Para evitarmos repetições, veja-se o que dissemos de *Mazouco* e de *Samouco* nas paginas 322 a 327.

* * *

6.ª—*Poiares* ou *Poyares.*

A etymologia d'esta povoação e freguezia—*habet dentem coelhi!...*

Se a de *Mazouco* é difficil, emmaranhada,—esta não lhe fica a dever nada, como os leitores vão vêr.

Na minha humilde opinião este nome *Poiares* póde vir de *poiaes* e de *pilares.*

Proponho estas duas etymologias—e deixo campo aberto

---

[1] Cf. *Quinta Má*, o mesmo que *Massa Má;*—*Lamamá* por *Lama Má,*—*Matamá* por *Mata Má,* etc. povoações nossas.—Junte-se *Pedra Má*—sitio no fundo do valle d'*Arouca.*

É um despenhadeiro onde passa a nova estrada a *macadam* e onde eu já passei *quatro vezes?!...*

[2] Cf. *Comba* e *Pomba,*—*Combinho* e *Pombinho,*—*Colombo* e *Pombo,*—*Couve* e *Pouve,*—*Couves* e *Pouves,*—*Coval* e *Poval*, etc. povoações nossas.

Tambem temos *Alporão* por *Alcorão?*—velha torre de *Santarem. Alcorão* é tambem povoação nossa—e ainda hoje na *Foz do Douro,* etc. o povo diz *tricolantes* em vez de *tripulantes.*

Veja-se o topico infra:—*Substituição de letras.*

para qualquer outra que melhor satisfaça — porque em assumpto d'esta ordem não ha *precisão mathematica* — e porque sabios etymologistas francezes por vezes propõem *duas, tres* e *mais etymologias* para o nome *d'uma povoação.*

Como já dissemos, *Poiares* póde vir de *poiaes* e de *pilares.*

A Hespanha tem differentes povoações com os nomes de *Poyal* e *Poyales.*

Nós não temos povoação alguma com o nome de *Poial* ou *Poyal*, mas temos differentes povoações com os nomes de *Poiaes* e *Poiares*, que talvez correspondam a *Poyales* supra.

Note-se que *l* e *r* trivialmente se confundiram e substituiram — e que o *l* intervocalico muitas vezes cahiu.

Note-se tambem que a desinencia *al* na toponymia portugueza deu *aes* e *ares* no plural.

Cf. *Alhal, Alhaes* e *Alhares,* — *Casal, Casaes* e *Casares,* povoações nossas, — *Casal*, *Casals* ou *Casales, Casar* e *Casares,* na Hespanha.

— *Felgar* por *felgal,* — *Felgaes* e *Felgares.*

— *Olival, Olivaes* e na Hespanha *Olivares* por *Olivales,* o mesmo que entre nós *Olivaes.*

— *Palhal, Palhaes* e *Palhares*, povoações nossas.

Do exposto se vê que *poial* sem violencia alguma deu ou podia dar *Poiaes* e *Poiares.*

Tambem *Poiares* pode vir do antigo portuguez *poyares* — pilares.

Ruy Fernandes na sua minuciosa, muito interessante e muito conscienciosa *Descripção do terreno em volta de Lamego duas legoas,* escripta em 1532, [1] fallando da ponte de pedra que *D. Affonso Henriques* e sua mulher, a rainha *D. Mafalda,* mandaram fazer sobre o *Douro*, no *ponto do Piar* ou *do Pilar*, — entre a freguezia de *Barrô,* concelho de *Rezende*, districto de *Vizeu,* — e a freguezia de *Barqueiros,* concelho de *Mexãofrio,* districto de *Villa Real de Tras-os-Montes,* diz textualmente o seguinte:

---

[1] *Ineditos de Historia portugueza,* vol. v, pag. 546 e seguintes.

«*Dos piares do Douro.*

«Item entre a barca do *bernaldo* e a do *porto de rrei* estam huus fermosos *peares* de huua ponte que a Rainha *Dona Mofalda* [1] dysem que mandava fazer, os quaes sam dous no meio do Douro, de muito grande altura e muy largo fundamento.

«Os dous que estam no rio, neste mez de maio hiram bem dez palmos descobertos, e no Verão hiram bem 20 palmos, e mais. E estam outros dous de fóra,—hum da parte d'aquem *(Lamego,* margem esquerda) e outro da parte d'alem.

«Estes *poyares* (sic) foram já de dobrada altura, e os derribaram, e fezeram delles pesqueiros,...» [2]

Do exposto se vê que os *pilares* no antigo portuguez tiveram as fórmas *piares*, *peares* e *poyares* ou *poiares?!...*

Póde portanto *Poiares* vir de *poiaes* e de *pilares.*

Póde mesmo *poial* ser uma fórma de *pilar!...*

Assim como *pilares* deu *poiares, pilar* podia dar tambem *poiar* e *poial,* porque na toponymia portugueza *ar* e *al* trivialmente se confundiram e substituiram.

Cf. *Avellal* e *Avellar*,—*Marmelal e Marmelar*,—*Tojal* e *Tuzar* por *Tojal,* etc., povoações nossas.

Temos tambem *Aldão* e *Ardão*,—*Algar*, *Algarão, Algueirão* por *Algarão,*—e *Argueirão* por *Algueirão?;*—*Aljariz, Aljeriz* e *Argeriz* por *Aljeriz*—ou *Aljeriz* por *Argeriz;* [3]—*Alvellos* e *Arvellos*,—*Arbouça* por *albouça*—a bouça, etc., povoações nossas.

---

[1] *D. Mafalda* mulher de *D. Affonso Henriques.*

Note-se a substituição de *o* por *a.*

[2] Veja-se no *Portugal antigo e moderno* os meus artigos *Pontos do Douro,* vol. VII pag. 199, n.º 21,—e *Villa Real de Traz-os-Montes,* vol. XI, pag. 932, onde dei um longo extracto da memoria de *Ruy Fernandes* supra.

Note-se tambem a fórma *pesqueiros* por *pesqueiras.*

[3] Na minha opinião *Argeriquiz*, patronimico de *Argericus*, nome gôdo, deu *Argeriz*, *Aljariz* e *Algeriz* supra,—bem como *Algeruz* e *Algiráz,* povoações nossas tambem.

Algiráz, póde vir de *Argericaz,* patronimico tambem de *Argericus*, como *Froila*, nome gôdo, deu *Froilaz,* unde *Forjaz,* appellido d'alta cotação em *Coimbra,* etc.

*
* *

Do exposto se vê que *pilar* podia dar muito bem *poial*—e que *Poiares* póde vir de *poiares* e de *pilares;* mas qual d'estas duas etymologias é mais acceitavel?

—Não sei. Eu opto pela primeira e ahi vão as razões em que me fundo.

Poial em portuguez é quasi o mesmo que *poio,* em castelhano *poyo:*—logar onde se assenta ou colloca alguma coisa; banco fixo; assento de pedra, ordinariamente junto das portas das casas e encostado ás paredes d'ellas do lado exterior, como dizem com pouca differença *Valdez* e o sr. *Candido de Figueiredo.*

Tambem *poial* por extensão póde significar *pouso, pousadouro,* logar para *pousar* e *descançar,*—unde *Pousadouro, Pousadouros, Pouso* e *Pousos,* muitas povoações nossas,—e *pousadouros,* sitios, onde lá no *Douro* os carretões das uvas, etc. costumam pousar e descançar.—Assim tenho eu na *Penajoiá,* minha terra natal, freguezia do concelho de *Lamego,*—no alto d'um caminho publico, bastante ingreme, uma propriedade com o nome de *Pousadouros,*—nome que tomou certamente dos taes *pousos* ou *poiaes.*

Tambem supponho que os *Poiaes de S. Bento,* em *Lisboa,* tomaram o nome d'algum sitio que alli houvesse, onde costumassem *pousar* e *descançar* os carretões.

Todas as nossas freguezias e povoações de *Poiares* podiam, pois, tomar o nome de *poial* em qualquer das ditas accepções.

Podiam tambem tomar o nome de *pilar,* mas custa-me a crêr em *tantos pilares*—e haveria sempre *dous, pelo menos,* em cada uma das nossas muitas povoações denominadas *Poiares.*

Tambem me custa a crêr que o nosso termo *pilar* venha do latim *pilaris*—e este de *pila,* como diz o snr. *Candido de Figueiredo,*—desculpe s. ex.ª

Pilar no latim é *pila,* mas *pilaris* em latim puro não significa *pilar,* mas *coisa relativa ou pertencente á péla,* como se lê no *Magnum Lexicon* latino.

Ora a *péla,* como diz o sr. *Candido de Figueiredo,*—é uma *bóla* e não tem relação alguma com o pilar:—*simples columna*

em que assenta uma construcção qualquer,— como diz o mesmo senhor.

É possivel que o adjectivo *pilaris* desse *pilar,* — não no latim puro, mas no *baixo latim.*

V. o *Glossario de Ducange,* que agora não tenho á mão.

Somma e segue.

Nós tambem temos uma quinta com o nome de *Paiares,* que póde ser uma antiga fórma de *Poiares,* pois na edade media todas as nossas vogaes se confundiram e substituiram,— nomeadamente *o* e *a.*

N'este mesmo artigo *Poiares* viram os leitores que em 1532 *Ruy Fernandes* em vez de *Mafalda* disse *Mofalda* — e em vez de *pesqueiras,* disse *pesqueiros.*

Tambem temos na toponymia portugueza *o* por *a* em muitas povoações. Occorrem-nos as seguintes:

— *Alivã* por *olivã.*

Cf. *Oliva* e *Olivão,* povoações nossas.

— *Alcanena* e *Alcolena,* talvez fórmas do mesmo nome.

— *Ambrazes* — de *Ambrosiis,* patronimico de *Ambroxius.*

— *Aracio,* o mesmo que *Horacio.*

— *Arrentella* e *Orentella* por *Arentella* ou *Arrentella?*

— *Arieiro* e *Orieiro,* o mesmo que *Arieiro.* [1]

— *Areóla* e *Oriolla,* o mesmo que *Areóla,* de *arenóla,* diminutivo de *arena,* areia.

— *Ariz* e *Oriz?*

— *Arnolha* e *Ornolho?*

— *Aguella* e *Ouguella,* o mesmo que *Aguella!...*

— *Oressa, Ouraça, Ourassa* e *Ouressa* — do provincianismo *aurecia* — aragem, viração, vento suave.

---

[1] Os leitores pódem rir, mas — *rira bien, qui rira le dernier?!...*

É assim a *arte nova,* mas demanda aprendizagem — e *quam quisque norit artem in hac se exerceat?!...*

— *Carutello* e *Curutello* por *Corutello.*

— *Caselha* e *Cozelhas* (aro de *Coimbra),*—por *Caselhas.* [1]

— *Cava* e *Cova* por *Cava*, do latim *cavea* — cova.

— *Gomeira* por *gameira* — dos *gamos*, veados.

— Cf. *Gameiro*, appellido e aldeia,— *Gomella* e *Gomide* por *Gomido* e este por *gamêdo?*

— *Górça* ou *Pedras de Górça*, ponto do *Douro.*— De *garça!...*

Note-se que ainda hoje no inverno se vêem *garças* nas pedras do *Douro.*

— *Saldanha* e *Saldonha* por *Saldanha* — de *Sardenha?*

— *Alcaforada* e *Alcoforado,* povoações nossas.

— *Alcordal* por *alcardal* — *o Cardal*, povoações nossas.

— *Alcorriol* por *alcarriol* — o carrinho, etc.

Do exposto se vê que *Paiares* póde ser o mesmo que *Poiares*, mas na minha opinião *Paiares* vem do castelhano *pajares* — palheiros, palhaes, palhares.

Note-se que a Hespanha tem muitas povoações com os nomes de *Pajar*, *Pajares*, *Pajarete*, *Pajaron*, *Pajaroncillo*, etc.

Tambem abundam na Hespanha *Majada* e *Majadas,*— entre nós *Malhada* e *Malhadas.*

Tambem temos uma quinta denominada *Majapão* por *Malha pão.*

Poiares é muito provavelmente uma fórma de *Pajares* supra, — mesmo porque na edade media as letras, *i, j* e *y,* se confundiram e substituiram. Por exemplo escreviam *major* e *mayor* e liam *maior* — e vice-versa.

Podiam, pois, escrever *Paiares* e lêr *Pajares,* recordação leonesa, como escreveram *Majapão* por *Malha-pão,* quinta nossa.

É tambem recordação leonesa, como já dissemos, *Alprajares* por *Al* + *Pajares* — e este por *Al* + *Palhares* — os palheiros, palhaes ou palhares.

---

[1] Junte-se *Caselho, Caselhos* e *Cozelhos,* povoações nossas tambem.

Cf. *Alpalhão — o palheirão,* grande palheiro — villa e freguezia que demora entre o *Crato* e *Niza.*

Nós tambem temos *Palheirão,* herdade,— e a Hespanha tem *Pajaron,* o mesmo que *Palheirão.*

* * *

— *Alva,* castello e villa extincta, hoje simples aldeia ou quinta da freguezia de *Poiares,* supra.

V. *Alva, Barca d'Alva, Freixo d'Espada á Cinta, Poiares* e *Villa d'Alva,* no *Portugal antigo e moderno.*

Pinho Leal foi pouco feliz no artigo *Alva,* supra; — tentou reparar os lapsos no artigo *Barca d'Alva,* mas foi pouco feliz tambem.

As ruinas do castello e da villa d'*Alva* estão em sitio alto na margem direita do *Douro* e algo distantes do rio.

A povoação da *Barca d'Alva* demora na margem fronteira — esquerda — do *Douro;* — tem hoje (1907) talvez 100 fogos e 400 habitantes: — nunca teve castello algum — e já não é *sesonatica,* por estar toda litteralmente cercada de *eucalyptos.*

Tambem a *Barca d'Alva* nunca teve capella alguma.

A capella ou santuario da *Senhora d'Alva* ou do *Castello d'Alva* — esteve e julgo que ainda está junto das ruinas do castello e da villa *d'Alva,* em *Traz-os-Montes,*— e *nem se vê da Barca d'Alva*, provincia da *Beira Baixa.*

Fica assim d'algum modo rectificado o que disse o meu benemerito antecessor nos artigos supra.

Mas deixemo-nos de cantigas e prosigamos com as etymologias.

O castello e a villa *d'Alva* podiam tomar o nome do *sitio onde estão,* por ser *alto, vistoso* e *desassombrado.*

Cf. *Montalegre, Monte Alto, Montalvão, Monte Alvinho* e *Montalvo,* povoações nossas.

Tambem *Alva* podia tomar o nome do latim *Albus, Alvo,* antigo nome pessoal, o mesmo que *Branco,* appellido.

Albus podia dar *Alba villa,* como *Regulus*, *Regulo,* nome romano e nome d'um santo, deu *Regula villa* — a villa da *Regoa.*

E assim como *Branco* deu *Branquinho,* — *Albus* deu *Albinus, i* — *Albino, Alvim* e *Alvem,* povoação nossa, o mesmo que *Alvim* — pelo diapasão francez *em* por *im,* — como *Agostem* por *Agostim,* o mesmo que *Agostinho,* povoações nossas tambem. [1]

O mesmo *Albus* — *Alvo,* — deu *Alves,* appellido vulgar, patronimico de *Alvo,* — e talvez que *Albano* seja uma fórma d'*Albino,* posto que *Albano* póde vir *d'Albanum,* cidade da *Italia.*

Desculpem os meus poucos leitores tantas divagações e tantos *dislates* (?...) a proposito das etymologias de *Poiares* e de *Freixo d'Espada á Cinta.*

— *Sat prata biberunt.*

II

Concelho de Miranda do Douro

Esboço etymologico

Seguiremos a ordem alphabetica das suas 15 freguezias.

1.ª — *Athenor.*

Póde vir de *Antenor,* nome grego d'um principe troiano, etc., mencionado por Virgilio na *Eneida,* livro 1.º, e que deu o patronimico *Antenorides* aos seus tres filhos mortos no cerco de *Troia.* [2]

Athenor póde vir tambem de *Athenodor* por *Athenodoro,* nome grego d'um poeta comico — tragico do tempo d'*Alexandre Magno* e que *Plutarco* mencionou na vida d'aquelle imperador.

Chamava-se tambem *Athenodoro* um sabio grego, mestre e amigo intimo d'*Augusto.*

Athenodoro foi tambem nome de um santo e martyr, bispo

---

[1] Veja-se o topico infra — *Diapasão francez.* É curioso e muito interessante para o estudo etymologico de varias povoações nossas.

[2] *Antenorides* rima com *Dioscorides,* medico de *Marco Antonio* e de *Cleopatra.*

de *Neocesarêa,* o mesmo que *Nova Cesarêa,* irmão de *S. Gregorio Thaumaturgo* e discipulo d'*Origenes.*

Foi martyrisado no anno 233 da nossa era, reinando o imperador *Aureliano.*

É, pois, grego o nome d'esta freguezia e revela muita antiguidade! Póde ser contemporaneo da occupação romana, porque os romanos traziam comsigo contingentes das muitas nações que haviam subjugado, uma das quaes foi a *Grecia,* mas adoraram-na sempre e sempre a consideraram *sua mestra* no campo das *artes* e das *sciencias.*

Pelo idioma *grego* modelaram os romanos o idioma *latino,* — como nós modelámos pelo idioma *latino* o idioma *portuguez.*

Athenor, o lindo nome d'esta freguezia, póde vir, pois, do tempo da occupação romana. Póde mesmo ser *pre romano* e vir do tempo em que os gregos — anteriormente aos romanos — occuparam grande parte da *Galliza* e do norte de *Portugal,* como diz *Herculano.*

Reforça esta minha opinião o facto de chamar-se ainda hoje *Aldeia dos Gregos* uma povoação do limitrophe concelho do *Mogadouro,*— povoação que já foi freguezia autonoma com o mesmo nome de *Aldeia dos Gregos,*— hoje simples *annexa* da freguezia de *Saldanha.*

Isto prova que *os gregos* tiveram *demorada residencia n'este cantão!...*

A freguezia d'*Athenor* ou de *Antenor* já pertenceu ao extincto concelho d'*Algoso,* hoje simples parochia do concelho de *Vimoso*, que tomou o nome dos *vimes,* como *Vimeira, Vimeiro*, *Vimieira*, *Vimieiro*, etc.,— muitas povoações nossas.

Algoso é methathese de *lagoso*, como prova evidentemente *uma lagôa* que ha na propria villa,— lagôa que rivalisa com a de *Foscôa.* [1]

Tambem *lagósa*, *lagosella* e *lagosêllo* deram *Nagósa, Nago-*

---

[1] Veja-se o meu longo artigo *Villa Nova de Fozcôa* no *Portugal antigo e moderno*, vol. XI, pag. 835.

sella e *Nagosêllo*, povoações de que adiante fallaremos, quando volvermos a *Tavora*.

Pertence á freguezia d'*Athenor* uma povoação denominada *Teixeira*, que já foi parochia independente e tomou o nome dos *teixos*, como outras muitas povoações nossas.—Tão são *Teixe*, o mesmo que *Teixo*; —*Teixedas*, *Teixedo*, *Teixeira*, villa, duas freguezias, etc.—*Teixeira de Cima*, *Teixeira de Baixo*, *Teixeiras*, *Teixeirinha* e *Teixeiró* por *teixeirola*, o mesmo que *Teixeirinha*. [1]

Junte-se *Teixinho*, *Teixello*, *Teixo*, *Teixoeira*, fórma anterior de *Teixeira*,—*Teixoso*, aldeia, freguezia e titulo de viscondado,—e *Treixedo* por *Teixeiredo*,—ao todo mais de 20 povoações nossas.

* * *

Os *teixos* tomaram o nome do latim *taxus*—e são arvores silvestres e tambem *ornamentaes*, por vezes lindissimas, porque, além de serem muito flexiveis, são muito resistentes—e têem folhagem mimosa que se presta a ser educada e aparada com tesoura, como a *murta*.

Em *Lamego* vi eu dois *teixos* muito lindos!—Um d'elles estava no cimo da rua da *Esperança*,—no quintal do *Felix*, venerando ancião e laureado fogueteiro que *ordenou dois filhos!*...

Aquelle *teixo* era antigo e formava por si só uma pyramide que tinha talvez 5 metros d'altura, terminando em uma corôa muito correcta.

A base da pyramide era, como ella, quadrada, mas um pouco mais larga e tinha nas quatro quinas superiores 4 pombas—em 1845, data em que eu fui para *Lamego* estudar preparatorios.

Julgo que ainda lá se conserva.

O outro *teixo* estava no jardim do palacio da *Corredoura*, da nobre familia *Perfeitos*, junto de *Lamego*. [2]

---

[1] *Teixeirola* deu *Teixeiró*, como *areóla*, diminutivo de *area*—eira deu *Eirô*, pequena eira,—e *Ecclesióla*, diminutivo de *ecclesia*, deu *Grijó*, pequena egreja, etc.

Veja-se o topico infra:—«Diminutivos com a desinencia *olus, ola*.»

[2] V. *Cambres* e *Portello* no *Portugal antigo e moderno*.

Formava, revestia e sustentava uma casinha ou sala com 3 ou 4 janellas,— casinha que balouçava e tremia, mas não cahia.

Lá estive eu com a minha familia, aproximadamente em 1852, por occasião do grande arraial do *Senhor dos Afflictos*, o 1.º d'aquella freguezia, em Agosto,— no rigor do verão.— E o sol não nos incommodava nem batia nas janellas, porque a tal casinha estava entre grandes *tilias* que a ensombravam.

Consta-me que já não existe, porque a sr.ª *D. Mecia de Magalhães*, herdeira e sobrinha dos *Perfeitos*, mandou arrancar os lindos *teixos* da tal casinha — bem como arrancou *(Deus lhe perdôe!...)* — os magestosos *castanheiros da India* que povoavam e ensombravam o campo fronteiro ao *Palacio da Corredoura?!...*

O dito campo é vasto e foi muito lindo, emquanto esteve arborisado com os magestosos *castanheiros da India.*

D'elle tomou o nome de *Corredoura* (picaria) o grande palacio — e n'elle ainda no meu tempo — *como recordação de melhores tempos* — deram-se luzidas *cavalhadas*, imitando as da idade média, com *jogos d'argolinhas*, *panellas com pombas*, etc. por occasião do grande arraial do *Senhor dos Afflictos.*

Em uma das ditas *cavalhadas* entrou *de lança em riste* (?) no anno de 1852 o meu irmão *Jorge Augusto Ferreira*, que ao tempo era *um pimpão* e contava apenas 22 annos. Elle ainda hoje vive, mas bastante alquebrado de forças, pois já conta 77 annos!...

A tal sr.ª *D. Mecia de Magalhães Perfeito* não só arrancou os teixos da bella *casinha* e os magestosos *castanheiros da India*, mas praticou outros dislates.

Birrando com a côr vermelha, rasgou muitas folhas dos titulos e prasos do seu volumoso cartorio — *por terem illuminuras de nanquim?!...*

Mandou queimar preciosa mobilia do palacio: — *biombos*, *mesas*, *commodas*, *contadores*, etc.— só porque, tendo vindo, em tempos muito remotos, do *Japão* e da *India*,— tinham *acharoados vermelhos?!...*

Agora *um cumulo:*

Dizendo-se muito religiosa e costumando ouvir missa na ca-

pella do palacio,— um bello dia *(— credite posteri!)* — mandou reunir as imagens das suas capellas todas e *queimou-as*,— sendo algumas d'ellas *preciosas esculpturas romanas?!...*

Nem poupou uma linda imagem romana de *Santo Antonio*, — chamando-se *Antonio Vieira Tovar de Lemos* — o proprio marido d'ella — e *Antonio Perfeito de Magalhães* o tio, de quem herdou o *palacio da Corredoura*, etc., etc.

Custa a crer, mas *é facto!...*

Prosigamos com o esboço etymologico do concelho de *Miranda.*

* * *

2.ª — *Cicouro* e *Constantim.*

Estas duas povoações já foram duas freguezias autonomas, independentes, mas, pela falta de vida d'este malfadado cantão, hoje constituem uma só freguezia.

A povoação de *Constantim* tomou claramente o nome de *Constantini*, patronimico de *Constantinus, i,* que deu *Constantino,* nome d'um santo, etc.— e *Constantim,* como *Augustinus, i,* diminutivo d'*Augustus* — *Augusto*, deu *Agostinho* e *Agostem*, povoação nossa, o mesmo que *Agostim,* pelo diapasão francez *em* por *im.*

Tambem *Martinus, i,* deu *Martinho, Martino* (é nome pessoal aqui no *Porto)* — e *Martim*, nome do lendario *Martim de Freitas,* alcaide-mór de *Coimbra,* etc.

* * *

Tambem *Martim* deu o nome a differentes povoações nossas. Taes são *(Martim Annes (Martim,* filho de *João),— Martim Branco, Martim Carro, Martim Diz (Diniz?);— Martim Gil, Martim Joannes,* o mesmo que *Martim Annes,*— e *Martinacha,* o mesmo que *Martim Acha?*

Tambem *Martinus* deu *Martinellus, i,* que se encontra em *Martinel,* povoação nossa;— *Martines,* casal, o mesmo que *Martiniz; Martinhães,* aldeia que tomou o nome de *Martinianis,* patronimico de *Martinianus, i*, diminutivo de *Martinus*, como

tambem *Martinianos,* casal,—*Martins,* appellido vulgar;—*Martinxel*—de *Martinicellus, i,* outro diminutivo de *Martinus,* [1] —e *Martinxes,* aldeia, plural de *Martins?*

Tambem *Martinho* pelo diapasão leonez *igo* por *inho*—deu *Martigo* e *Martingo*, o mesmo talvez que *Martinho,* povoações nossas.

Com a mesma desinencia *im* por *ino,* de *Constantim, Agostem* por *Agostim, Martim* e *Martins,* temos tambem *Severim* e *Severino,* diminutivos de *Severus*—*Severo,* como *Severiano*, nomes de santos, etc.

Por seu turno *Severus, i,* deu *Sever*, aldeia, e *Sever do Vouga,* villa, freguezia e séde de concelho;—e *Severianis,* patronimico de *Severianus*, *i,* deu *Cervães* por *Servães,*—aldeia, freguezia e actualmente appellido muito considerado no *Porto,* etc.

—Com vista ao sabio romano *Sulpicio Severo*—e ao meu particular amigo, bem mais rico do que eu,—*Severim José de Brito*—natural de *Paredes de Coura,* negociante e capitalista no *Porto* e grande proprietario no *Douro,* etc.

Junte-se *Galdins,* povoação nossa, plural de *Galdim,* o mesmo que *Gualdim,* aldeia e nome do lendario mestre do Templo—*Gualdim Paes de Marecos.*

Por seu turno *Gualdim* é o mesmo que *Gualdim* e *Gualdino,* nomes de santos, etc.,—diminutivos de *Gualdus,* fórma latina de *Wild* ou *Wald*, nome germanico e appellido portuguez, que, na passagem para o latim, deu *Waldus, i,* unde *Ubaldus, i*—*Ubaldo*, nome d'um santo, etc.

Deu tambem *Ubaldim*, o mesmo que *Gualdim, Galdim*, *Gualdino* e talvez por metathese *Balduino* e *Baldwino*, nomes de santos, etc.

—Com vista ao sr. *Gualdino de Campos,* talento superior e distincto escriptor.

---

[1] Veja-se o topico infra:—«Diminutivos com a desinencia *cellus, i*», topico *muito interessante* para o estudo etymologico das nossas povoações.

O mesmo *Wild* ou *Wald* pela fórma *Ubaldus*, *i* — na minha opinião deu *Balde* e *Baldos*, povoações nossas, — e *Valdigem*, talvez, contracção de *Ubaldini — ghem* [1] — casa de campo de *Ubaldino*, o mesmo que *Gualdim*, *Galdim*, *Gualdino* ou *Balduino?*

Vejam-se as paginas onde summariamente fallei do doble *W* germanico e mostrei as modificações que soffreu na passagem para o latim e do latim para o portuguez, por não terem estes dois idiomas letra correspondente.

* * *

Mas qual a etymologia de *Constantino e Constantim?*

E' o latim *constans*, *antis* que, além de *Constantino* deu *Constancia* e *Constancio*, nomes de santos, — *Contanças*, *Constance* e *Villa Nova de Constancia*, povoações nossas, — *Constantina* e *Constante*, nomes pessoaes e appellidos, etc.

Villa Nova de Constancia demora na confluencia do *Zezere* com o *Tejo* e foi assim denominada pela rainha D. Maria II, aproximadamente em 1848, porque durante a revolução popular de 1846 a 1847 se conservou fiel á mesma rainha —e porque o nome anterior da mencionada villa era mal soante.

Chamava se *Punhete*, deturpação de *Pinhete* por *pinhalete*, — pinhalzinho, pequeno pinhal, como já dissemos.

Tambem o sr. conselheiro *José Luciano de Castro*, sendo (ha bastantes annos) ministro do reino — ou presidente de ministros, — e estando em vesperas de eleições, deu o nome de *S. João do Campo* a uma freguezia do concelho de *Coimbra*, chamada anteriormente *Lava Rabos?!...*

D. Francisco d'Almada tambem deu o nome de *Fonte das Virtudes* a uma fonte do Porto, chamada *Fonte de Lava Cólhos*, nome congenere de *Lava Rabos*.

Tambem houve aqui no Porto uma fonte com o lindo nome de *Mija Velhas*, — outra chamada *Fonte da Ourina* por

---

1 Esta desinencia *ghem* encontra-se como suffixo e *n'esta mesma accepção* em muitos nomes de povoações *germanicas*. — Corresponde aos nomes geographicos latinos: — *Caesaris villa*, *Tiberii villa*, *Augusti villa*, etc. — casa de campo de *Cesar*, de *Tiberio*, *d'Augusto*.

Vide *Förstemann*; mas *Valdigem* por *Valdige* é talvez o mesmo que *Valduge* por *Valdujo* — *valle do ujo*, povoação nossa tambem. Note-se que o povo não diz *Valdigem*, mas *Valdige!...*

Fonte Taurina? — e outra na rua do *Laranjal* com o nome de *Fonte do Olho do c...*

Ainda tem o Porto nos *Guindaes* [1] a fonte de *Mal m'ajudas* — e em *Miragaya* a *Fonte da Colhér.*

* * *

Temos tambem ainda em Portugal muitas povoações que deviam ser chrismadas e receber outros nomes, porque os seus nomes actuaes estão pedindo esponja.

Ahi vai uma amostra do panno:

— *Ranhados*, *Porco*, *Mamarosa*, deturpação de *Lamarosa*; — *Malaguarda*, *Malaqueijo*, *Malas Caras*, *Malarranha*, *Mal Curado*, *Mal Enforcado*, *Mal Julgado*, — *Mal Lavado*, *Mal Penteado*, *Mal Talhado*, *Maluca* e *Malvado*.

Junte-se *Mamodeiro*, *Mamporcão*, *Mamprolé*, *Mancão*, *Mangação*, *Mangancha* (manga ancha), — *Mão pelo cão*, o mesmo que *Mamporcão* supra.

Marafonas, *Mardinga*, *Margalho*, *Mariola*, *Mascarra*, *Mata Bodes*, *Mata Burros*, *Mata Cães*, *Mata Christo (?!...)* — *Mata Fome*, *Mata Ladrões*, *Mata Mouros*, *Mata Porcas*, *Mata Porco*, *Mata sete*, *Mata Vacas*, *Matraque*, *Mijão* e *Mijarella*, fórma anterior de *Misarella*, cascata, catadupa, etc.

Mas basta de *Constantim*.

Fallemos agora da etymologia de *Cicouro* — etymologia *de pelle diabi!...*

* * *

Cicouro por *Sicouro* é talvez uma fórma de *Sequeiro*, nome de varias povoações nossas, tirado do latim *siccus* — sêcco. Taes são as seguintes: — *Seca*, *Secalina*, *Secarias*, *Secas*, *Seco*, *Secos*, *Seculinho*, por *secalinho* ou *secalino?*; *Segolim*

---

[1] *Guindaes* é um despenhadeiro medonho de fraguêdo nú, que tomou o nome do leonêz ou castelhano *guindales* — ginjaes, ginjeiraes, pois *guinda* em castelhano significa *ginja* e *guindal* ginjal, como diz *Valdez*.

Eu ainda me recordo de vêr entre as ditas fragas gingeiras espontaneas, bravas.

Ao poente dos *Guindaes* demora o *Codeçal*. — Tomou o nome do *codêço*, planta arbustiva que deu tambem *Codeceda*, *Codecido* por *Codecedo*, *Codexido* por *Codecido*, *Codeçosa*, etc., povoações nossas.

por *Segalim* e este por *secalim*?; *Sico e Sicurio*, quasi *Sicouro*, povoações nossas.

Cf. tambem *Sequeira e Siqueira*, apellidos, etc.— *Sequeirinha*, *Sequeiró* — de *sequeirola*, o mesmo que *Sequeirinha*; — *Sequeiro*, *Sequeiros*, *Sequeirós*, *Siquieira*, o mesmo que *Sequeira* e *Siqueira*; *Sequinique*, [1] *Sequíto*, etc.

Tambem temos — *Asseca* por *Al* + *Secca*, ou *A* — *Secca*, titulo de viscondado, etc.

Cf. *Abarella* por *A Barella* e este por *A Varella* — a varinha, povoação nossa, como *Varella*, *Varellas* e *Varellinha*.

Junte-se *Abebera* por *A Bebera*; *Abichanas* por *As Bichanas*; *Abicheiro* e *Abicheiros* por *Al*— *Bicheiro* e *Al* — *Bicheiros* — *o Bicheiro* e *os Bicheiros*, com o prefixo arabe *al* — *o*, *a*, *os*, *as*.

Note-se que *Bichana*, *Bicheira*, *Bicheiro* e *Bicheiros* tambem são povoações nossas, como *Bicha*, *Bichaca*, *Bichico*, *Bichinha*, *Bicho*, *Bichoca* e *Bichos*.

Junte-se tambem *Aboicinhas* por *As* —*boicinhas*, o mesmo que *Bouçainhas* e *Boucinhas*, povoações nossas.

Tambem temos *Aboim* e *Boim*; *Aboinha* e *Boinhas*; *Abouça e Bouça*; *Abroca e Broca*; — *Abrunheta* e *Brunheta*; *Acharrua* e *Charrua*; *Acheiras e Cheiras*; *Acipreste* e *Cipreste*; *Adanaia*, *Anaia e Danaia*, etc., povoações nossas.

Junte-se tambem *Sigoeira* por *Sigueira* e *Sigueiro*, — talvez fórmas de *Siqueira* e *Siqueiro*, pois *ca*, *co*, *cu* e *ga*, *go*, *gu* trivialmente se confundiram e substituiram.

Note-se tambem que na onomastica portugueza *Siqueiro* podia dar *Sicouro* e *Cicouro*, porque em portuguez *ei* e *ou* por vezes se confundiram e substituiram.

Cf. *Apeadeiro* e *apeadoiro* ou *apeadouro*; *despenhadeiro* e *despenhadoiro* ou *despenhadouro*? — *Picadeiro* e *Picadouro*, povoações nossas, — como *Fonteira* e *Fontoura*, *Refonteira* e *Refontoura*, *Peneiços* e *Penouços*, *etc.*

Cf. tambem *venidero*, quasi *vindeiro*, na *Hespanha* — e em *Portugal* — *vindouro*.

Sem violencia, pois, *Sequeiro* ou *Siqueiro* podia dar *Si-*

---

1 Cf. *Saquinibaque*, *Manique*, *Penique* e *Totenique*, povoações *nossas*. — E talvez que *Peniche e Penique* sejam fórmas do mesmo nome, pois *ché* e *ké* ou *qué* substituiram-se e confundiram-se, como havemos de provar.

couro e *Cicouro*, — julgo eu. — Mas talvez que *Cicouro* venha de *sicorio*, depreciativo popular de *secco* e synonimo de *sequinho*, como *Sequíto* supra.

Ad ridendum ahi vão alguns termos populares depreciativos com a desinencia — *orio*. Taes são *latinorio*, *simplorio*, *finorio*, *chapelorio*, *foguetorio*, *vivorio*, *regalorio*, *quintalorio*, *tratantorio*, *capasoria* e *capasorio*, — *villoria*, *vinhoria*, *farelorio*, *palanfrorio*, *etc.*

Junte-se Casalorio, casal nosso.

A Hespanha tem *Frechorio*, diminutivo de *freixo*, povoação de *Oviedo*, — e *Tenorio*, apellido de *D. João Tenorio*, rival do *heroe manchêgo*.

Tenorio é tambem appellido portuguez, vindo da Hespanha, como outros muitos appellidos nossos, entre elles *Camões*, *Saldanha*, etc.

Por seu turno ha na Hespanha muitos appellidos portuguezes, taes são *Cardoso*, *Fonseca*, *Barrilar*, *Bacalar*, etc.

Cardoso e *Fonseca* são appelidos muito nobres e muito antigos, que têem o seu solar nas aldeias de *Cardoso* e *Fonseca*, pertencentes á freguezia de *S. Martinho de Mouros*, concelho de *Rezende*.

Veja-se no *Portugal antigo e moderno* o meu artigo *Villar*, povoação da freguezia de *Barrô*, pertencente ao dito concelho. Alli (pag. 1:174 do vol. XI) mencionei as nobilissimas e antiquissimas casas de *Fonseca* e *Cardoso*.

Os appellidos *Barrilar* e *Bacalar* na minha opinião provieram das duas povoações d'este nome, pertencentes á freguezia, villa e concelho d'*Armamar*.

Note-se que em todo o nosso paiz — *e em toda a Hespanha* — não ha outras povoações com os nomes de *Bacalar* e *Barrilar*, — e que na Hespanha *Bacalar* é appellido muito nobre e muito antigo!

D. Vicente Bacalar e Saña foi *marquez de S. Filippe* e distincto escriptor do seculo XVII.

Eu tenho a interessantissima obra d'elle: — «*Commentarios de la guerra de España*, e historia de *su rey Phelipe V.* — *Genova*... 2 vols. 4.º.

— Com vista ao snr. *Joaquim de Araujo*, distincto escriptor tambem e nosso consul actual em *Genova*.

Prosigamos.

* * *

Cicouro póde vir, pois, de *siccorio* e ser uma fórma de

Sicouro. Mas — dirão os timidos leitores — *Sicouro* daria *Cicouro?* — Se não deu, podia dar, pois na onomastica portugueza *c* e *s* — *mesmo iniciaes* — trivialmente se confundiram e substituiram.

Cf. *Ceiça*, *Ceiçal*, — *Seixa* e *Seixal* — do latim — *saxum* — pedra; *Ceiceira* e *Seiceira*; *Cella*, *Cellão*, *Cellas* — *Sella*, *Sellão* e *Sellas*; — *Centas* e *Sentas*; *Centieira*, *Centieiras* — *Sentieira* e *Sentieiras*; *Cepa* e *Seppa*; *Cepães e Sepães*; *Cepeda e Sepeda*; *Cerdeira* e *Serdeira*; *Cerdeiral e Serdeiral*?!...

Somma e segue.

Cernancelhe e *Sernancelhe*; *Cernande* e *Sernande* — de *Sezinandus*, — *Sezinando*, nome d'um santo, etc., que pela fórma *Sezinandicellus*, *i* tambem deu ou podia dar *Sernancelhe*!...

E' assim a *arte nova*.

A critica é facil, mas a arte é difficil — e eu direi que em assumpto de tal ordem — *a propria critica é difficil* — não sendo critica balofa ou de mófa, — critica impropria da *gente séria*.

Quando volver a *Tavora*, novamente falarei de *Sernancelhe* e então serei mais explicito.

Ainda temos: — *Cerqueira* e *Serqueira*, — do latim *quercus* — carvalho, carvalha, carvalheira?, — como *Cerqueiral* e *Serqueiral*; mas, como já disse e novamente digo: — as fórmas *carvalho*, *carvalha*, *carvalhal*, carvalheira, e carvalhos, — não véem do latim *quercus*, mas de *carpa*, grande arvore, que ainda se encontra em *Carpalhosa*, povoação nossa, como tambem *Carvalhosa*, pois *bá e pá* trivialmente se confundiram e substituiram. [1]

Junte-se ainda *Certã*, *Certão* e *Sertão*; *Cerzeda* e *Serzeda*; *Cerzedello* e *Serzedello*; *Cever* e *Sever*; *Cide* e *Side*; *Cioga* e *Sioga*; *Cisto* e *Sisto*, o mesmo que *Sixto*, *Xirto*, *Xisto* e *Xistro*, povoações nossas que tomaram o nome de *Xisto*, santo, etc., — este do latim *Sextus*, Sexto, antigo nome pessoal, — e este de *sextus*, sexto, adjectivo numeral romano.

Sexto e *Sixto* foram tambem nomes de santos, como *Xisto*.

De passagem direi que os romanos tiraram nomes pessoaes *de todos os adjectivos numeraes* — desde *primus* até *decimus*. Este topico é muito interessante e bastante longo.

---

[1] Note-se que no *Minho* em vez de *Carvalhal, Carvalha, Carvalho, Carvalhosa*, etc., dizem *Carbalha, Carbalhal, Carbalho* e *Carbalhosa*.

E' diapasão callaico, pois na *Galliza* tambem ha muitas povoações com os nomes de *Carballa, Carballal, Carballo*, etc., que sôam *Carbalha, Carbalhal* e *Carbalho*, como no *Minho*.

Prosigamos.

Temos tambem *Cezimbra* por *Sezimbra*, pois como já disse na primeira parte d'estes meus *dislates*, a povoação de *Cezimbra* tomou o nome do latim botanico *sysimbrium* — certa planta que os romanos muito estimavam, porque dava *flores brancas*, de que faziam grinaldas para os noivos.

Talvez que a dita planta não fosse vulgar e ao tempo abundaria — *abundará mesmo hoje ainda* — na excepcional flora da *Arrabida*, junto de *Cezimbra.* [1]

E talvez que os romanos levassem ou exportassem de *Cezimbra*, povoação maritima, as taes plantas e flores para outras regiões do seu vasto imperio.

Note-se que das plantas tomaram o nome *centenares* ou antes *milhares* de povoações nossas.

Temos finalmente *Cintra* por *Sintra*, pois na minha opinião *Cintra* vem de *Schintila* ou *Swintila*, nome germanico, posto que o meu benemerito antecessor *Pinho Leal*, no artigo proprio diz que a formosa villa de *Cintra* vem de *Cynthia*, nome que os *celtas* davam á lua?...

De *Schintila* ou *Swintila* — *Sintila* — Sintra — Cintra.

Note-se que em varios documentos antigos se encontra a fórma *Sintra.*

Do exposto se vê que *Cicouro* póde vir de *Sequeiro* ou *Siqueiro* — e de *Sicorio*, affim ou parente proximo de *Sicurio.*

Passemos adiante.

*
* *

3.ª — *Duas egrejas.*

A etymologia d'esta parochia é tão clara como o nome d'ella; mas comprehende as povoações de *Cercio*, *Val de Mira*, *Gravatos*, *Fonte Lataca* e *Horta da Silva*, cujas etymologias não são faceis.

— *Cercio* já foi freguezia autonoma e vem talvez de *Sergio*, nome d'um santo, etc.

Nós tambem temos *Cergio* appelido, — e a Hespanha tem *Cercio* e *Cierzios*, povoações.

— *Fonte Lataca* — talvez seja uma fórma barbara de *fonte lactata* — *aleitada* ou *lactea*, cuja agua tivesse côr similhante á do leite.

Cf. *Fonte Leite*, povoação nossa tambem.

---

[1] Chamamos para este ponto a attenção dos naturalistas que tenham estudado ou se proponham estudar a interessantissima flora da *Arrabida.*

No latim ha *lactatus, a, um* — coisa nutrida ou alimentada com leite, — e *lactata* podia dar *lataca*, pois *ca, co, cu* e *ta, to, tu*, confundiram-se e substituiram-se.

Veja-se o topico infra — *Substituição de letras.*

Val de Mira — póde vir de *Wladimirus, i*, nome germanico e nome d'um santo, etc., que na minha opinião deu *Valdemir*, por *Valdemiro*, quasi *Valdemira* ou *Val de Mira*; — *Val de Mil*, por *Valdemir*, — e *Vald'Amil*, sitio de que logo fallaremos, quando volvermos a *Tavora.*

Wladimirus, i tambem deu *Baldomero*, nome d'um santo, etc.; — *Baldomira* e *Baldomiro,* nomes pessoaes e appellidos, — e *Val do Mar*, aldeia nossa, o mesmo que *Val de Mar*, *Val de Mil* e *Valdemir*, supra.

Note-se que na onomastica portugueza *i* deu trivialmente *a.*

Cf. *Leodomirus, i* que deu *Leomil* e *Lomar*; — *Gunthimirus i, Gunthimiro*, nome germanico tambem, que deu *Candemil*, terra natal do snr. conselheiro Antonio Candido.— *Cantemil, Contumil, Gondomar,* etc.

Note-se tambem que *Miro* e *Mira* foram nomes pessoaes, — e *Mirão*, nome d'um santo e de varias povoações nossas.

* * *

— *Gravatos* — é contracção do portuguez bem conhecido *garavatos*, como *garavetos, gravetos* e talvez *gravitos* — cavacos, lenha miuda, chamiços.

Cf. *Gravateira, Gravato, Gravedo* por *Graveto* — *Gravetal, Graveto e Gravito,* povoações nossas.

Tambem temos varias povoações com os nomes de *Cavaca, Cavaco* e *Cavacos*, — *Cavaco*, appellido e fabrica de ceramica no *Porto* — *Chamiçal* e *Chamiço*, aldeias.

— *Horta da Silva* — é o mesmo que *horta da selva*, — do latim *silva* — selva, mata, bosque, brenha, que deram *Brenha, Mata* e *Bosque*, appellidos vulgares, synonimos de *Silva*, appelido vulgar tambem.

* * *

4.ª — *Genisio.*

Esta freguezia tomou claramente o nome de *Genisio*, o mesmo que *Genesio*, antigo nome pessoal e nome d'um santo, — em latim *Genesius, ii, iis*, que deu *Genés, Gens* e *S. Gens*, povoações nossas

Por seu turno *Genisio* tambem nome d'um santo, em latim *Genisius, ii, iis,* — talvez désse *Gerizes* por *Genizes, Ginzo* por *Genizo* e este por *Genisio,* — e *Giz,* contracção de *Genisiis,* pois não é provavel que o *giz* désse o nome a duas povoações nossas.

Esta freguezia já teve annexa a de *Villar Secco,* actualmente freguezia do concelho de *Vimioso.*

Villar Secco é pouco distante de *Cicouro* e está dizendo que demoram em região *secca, seccalina* ou *siccoria?!...*

Veja-se o topico supra — *Cicouro e Constantim.*

* * *

Esta parochia de *Genisio* comprehende tambem uma *quinta* — ou aldeia, sua *annexa,* chamada *Especiosa,* que já foi parochia independente e tomou o nome de *Especiosa villa,* — granja, quinta ou casa de campo de *Especioso,* antigo nome pessoal e nome d'um santo, etc.

Especiosa foi tambem nome de mulher, mas são raras, rarissimas em *Portugal* e fôra de *Portugal* as povoações que tomaram o nome das *mulheres,* porque outr'ora ellas não tinham a consideração que teem hoje.

Os tempos mudaram muito n'este ponto.

As mulheres são hoje tão consideradas como os homens — *e mais ainda!* — graças á nossa religião santa que abertamente pugnou em favor d'ellas, pelo que chegou a denominar-se *religião das mulheres?!...* — Com vista ao *Japão,* etc.

5.ª — *Iffanes,* curioso especimen *d'arte nova.* — E' contracção de *Epiphaniis,* patronimico de *Epiphanius, ii* — *Epiphanio,* antigo nome pessoal e nome d'um santo como *Epiphania* [1].

Estes nomes pertencem á serie dos muitos que foram tirados d'*assumptos religiosos,* como *Deo Gratias,* — *Deus dedit,* o mesmo que *Deuladéu* (Deus a deu) — nome da heroina de *Monsão,* — *Deodato,* o mesmo que *Adeodato* (*a Deo datus*) — dado por Deus — nomes tambem de santos, etc.

Junte-se *Ascencio* e *Assenço,* tambem nomes de santos, tirados da festa da *Ascensão,* em latim *Ascencio, onis*; *Paschal* e *Paschoal,* tambem nomes de santos, tirados da festa

---

[1] Em trabalhos d'esta ordem *a bussola é o ouvido*?!...

da *Paschoa*, como *Epiphanio* e *Epiphania* supra foram tirados da festa da *Epiphanía* ou dos *Reis*.

Natal e *Natalia*, tambem nomes de santos, foram tirados da festa do *Natal* que deu tambem *Natalina, Natalino*, — *Nataria* e *Nathalia* por *Natalia*, — *Nathalio* e *Natario* por *Natalio*, etc. [1]

Tambem a *quaresma* deu *Quaresma*, appellido, — e o *Natal* deu *Nascimento*, appellido tambem, — e *Nadaes* povoação de *Rezende*, que tomou o nome de *Natalis*, — fórma latina de *Natal* supra, nome d'um santo, etc.

Junte-se ainda *Ossana* por *Hossana*, nome d'uma santa, etc., tirado do latim *hossanna in excelsis*, da festa dos *Ramos*.

6.ª — *Malhadas*.

Do portuguez *malhada* que tem muitas accepções, entre ellas a de *malhar pão*.

Cf. *Malha Pão*, seis povoações nossas, — e *Malhadancha*, o mesmo que *Malhada ancha*, malhada ou eira grande, — congenere de *Mangancha*, por *Manga ancha*, casal, que tomou o nome de *Mangancha*, apodo ou appellido.

Junte-se *Lameirancha* — lameira ancha, — *Pedrancha* — pedra ancha, etc., povoações nossas.

A' mesma série de *Malhadas* pertencem ao todo mais de 150 povoações nossas, entre ellas *Malhadoura*, *Malha Ferro*, *Malha Grillos*, *Malha Milho*, *Malhadaes*, *Malhadal* e *Malhadil* por *Malhadal*.

Os leitores não se espantem com a substituição de *Malhadil* por *Malhadal*. Encontra-se este diapasão em muitos nomes de povoações nossas. Taes são *Arcil* e *Aroal*; *Barril* por *Barral*, muitas povoações; *Cabanil* por *Cabanal*; *Carril* e *Carral*; *Fetil* e *Fétal*; *Ouril* e *Oural*; *Outil* por *Outeiril* e *Outeiral*; *Ovil* e *Ovial*; *Touril*, *Taural* e *Toural*, etc.

Junte-se *Madail*, povoação nossa, pois talvez seja uma fórma de *Majadil*, fórma castelhana de *Malhadil*.

Malhada na Hespanha é *Majada*, que sôa *Magada*, quasi *Macada*, unde talvez *Macada* e *Maccada*, povoações nossas! Mas talvez que entre nós na edade média *Majada* se escrevesse tambem *Maiada*, como *Penamajor* deu *Penamaior* e *Penama-*

---

[1] Cf. *Rosa e Rosalia* nomes de santas, que deram *Rosalina*, *Rosalino* (?...) e *Rosaria*, fórma popular de *Rosalia*.

E' muito notavel em *Cambres* (Douro) a quinta da *Rosalia*, vulgo *Rosaria*.

côr, pois *Penamajor* em castelhano sôa *Penamagor*, quasi *Penamacor*.

A Hespanha não tem *Majadal* nem *Majadil;* mas tem *Majada*, *Majadas* e *Majadillas* — entre nós *Malhada*, *Malhadas* e *Malhadinhas*.

Se tivera *Majadil*, podia lêr-se entre nós na idade média *Magadil* e *Maiadil*. Por seu turno *Maiadil* talvez désse *Madail*?!... [1]

Rira bien qui rira le dernier.

Prosigamos.

* * *

7.ª — *Miranda do Douro.*

Tomou o nome talvez do latim *miranda* — digna de vêr-se; ou que pode vêr-se; — *vistosa?* — Tal é a cidade de *Miranda do Douro*, pois demora em sitio alto, alegre e vistoso, coroando uma especie de promontorio de fraga núa, que se estende de norte a sul, aprumado a E. sobre o *Douro* — e a O. sobre o *Fresno* (em Portugal *Freixo*), — rios que veem de Hespanha e ali correm fundos, pelo que tornavam no tempo das armas brancas muito defensavel o dito promontorio.

E' elle accessivel unicamente do lado norte.

Veja-se *Miranda do Douro* no *Portugal antigo e moderno*, artigo do meu benemerito antecessor e que eu ampliaria muito, se os editores não desistissem, como desistiram, do promettido e tão preciso *supplemento*.

Era-me facil amplial-o, porque visitei *Miranda*, como já disse, demorando-me n'aquella cidade tres dias — e honra-me com particular estima o seu illustrado prior e meu bom amigo — rev.º *José Bernardo de Moraes Callado*.

---

[1] Note-se que antigamente em Portugal e na Hespanha em vez de *major* escrevia-se *mayor* — e em vez de *Majada*, *Majadas*, e *Majadil* — escreveu-se *Mayada*, *Mayadas* e *Mayadil*, unde *Madail* por *Mayadil*.

Tambem na Hespanha *yá* e *já* deram *lhá*, unde *Majapão*, o mesmo que *Malha Pão* e *Malhapão*, quintas e povoações nossas.

A Hespanha tem muitas povoações com os nomes de *Maja*, *Majada*, *Majadas*, *Majo*, *Majones*, — *Malla*, que se lê *Malha*, *Malladas*, *Malladoiro*, (*Malhadoiro*), — *Mallo*, (*Malho*), — *Mallon* (*Malhon*, entre nós *Malhão*) — e *Mallona* em *Soria*, que se lê *Malhona* e deu *Malhôa*, appellido actual portuguez em *Lisboa*, etc.

Miranda vae em pronunciada decadencia.

E' hoje a cidade menos populosa de *Portugal*. Conta apenas 152 fogos e 550 habitantes.

A freguezia comprehende 4 *annexas* denominadas *quintas*.

São ellas:— *Aldeia Nova do Azinhal*, que dista de *Miranda*, 7 kilometros para N. E. e tem 41 fogos e 160 habitantes; — *Palancar*, distante de *Miranda*, 5 kilometros para N.; tem 14 fogos e 55 habitantes; — *Valle d'Aguia*, que dista de *Miranda* 6 kilometros para N. E. e tem 23 fogos e 85 almas, — *Pena Branca*, distante de *Miranda* 6 kilometros para N. com 17 fogos e 60 habitantes.

Total da população das 4 annexas: 95 fogos e 360 habitantes.

População total da freguezia de *Miranda* — 247 fogos e 910 habitantes.

O prior vê-se perdido para curar bem ou mal as 4 annexas, distantes de *Miranda* 5 a 7 kilometros *de pessimo caminho!...*

E' tambem muito aspero todo o anno o clima d'aquella região: — *frigidissimo* no inverno e *ardentissimo* no verão, pelo que vulgarmente se diz que tem *nove mezes d'inverno e tres d'inferno?!...*

Miranda vae em pronunciada decadencia, mas devem amparal-a certamente e dar-lhe muita vida a nova estrada a macadam de *Bragança* a *Miranda*, já muito adiantada — e a linha ferrea do *Pocinho* a *Miranda*, tambem já principiada.

A pobre cidade tem, como, já disse, 4 freguezias annexas. Chama-se uma *Aldeia Nova do Azinhal*, contracção *d'azinheiral* — bosque ou mata d'azinheiras. — E denomina-se *Nova*, porque a povoação actual é restauração d'outra que alli houve em tempos *muito remotos*, como provam as muitas velharias *romanas* e *pre-romanas* que alli se teem encontrado.

Outra das suas annexas denomina-se *Palancar*, o mesmo que *Palancal*, nome estranho, tirado talvez de *palanco*, — certa graminea, especie d'*aveia*, — no dialecto trasmontano.

V. *Palanco* no diccionario portuguez do snr. Candido de Figueiredo [1]

Comprehende tambem a *quinta* ou povoação de *Refega*.

---

[1] A Hespanha tem *Palancar* e *Pulancares*, povoações de *Sevilha* e *Guadalajara*.

Réfega ou *Reféga* póde vir do hespanhol *Revéga* — veiga *ancha*, grande, — ou de *revéga*, o mesmo que *reviéga* — revélha, muito vélha.

Cf. *Reviejo* (lê-se *Reviego*) — o mesmo que *Revelho*, povoação da Hespanha, — *Revélha*, *Revélho* e *Revélhos*, povoações nossas.

Note-se que *f* e *v* confundiram-se e substituiram-se.

Cf. *Alfofar* por *Alfavar* ou *Alfaval*, o *Faval*, — povoação e freguezia do concelho de *Penella*, districto de *Coimbra*; *Alfeloas*, o mesmo que *Alveloas*, povoações nossas; *Jafa*. vulgo *Java*, porto de mar da *Palestina*; *Genovéfa*, o mesmo que *Genoveva*, nome d'uma santa; *Olafo e Olavo*, tambem nomes de santos, etc., — fórmas de *Olaf*, nome actual na *Suecia*.

Do exposto se vê que *Refega e Revéga* pódem ser fórmas do mesmo nome.

Val d'Aguia tomou o nome das *aguias*, como *S. Pedro das Aguias* e outras muitas povoações nossas.

Pena Branca ou *PennaBranca* — é o mesmo que *penha branca* e tomou o nome da côr da dita penha ou dos *lichens* que a envolvem.

Cf. *Pedra Alva* e *Pedralva*; *Pedra Amarella*; *Pedra Leital*; *Pedra que Luz*, unde talvez *Queluz*; *Pedras Alvas*; *Pedras Brancas*; *Pedras Negras* — sem serem as pedras vulcanicas de *Pungo Andongo*, e *Pedras Ruivas*.

Somma e segue:

Pena Verde; *Penalva*; *Penas Roias*; *Penedo Branco*; *Penha Verde*, o mesmo *Pena Verde*; *Peralva*, o mesmo que *Pedra Alva*. *Pedralva* e *Penalva*; *Peras Rubras*, o mesmo que *Pedras Raivas* — e *Penas Roias*, pedras roxas, etc.

Junte-se *Penedos Amarellos*, sitio junto de *Miranda*, mas além do Douro, já na *Hespanha*, — e *Penha Amarella* ou *Penha d'Aguia*, môrro gigantesco da freguezia de *Tavora* supra, do qual fallaremos em topico especial, como bem merece.

*
* *

Nós temos varias povoações denominadas *Miranda*, pelo que esta cidade se denominou *Miranda do Douro*, para não se confundir com as outras *Mirandas*.

Tambem a villa de *Miranda*, do districto de *Coimbra*, por egual motivo é denominada *Miranda do Corvo*.

Os *córvos* são aves bem conhecidas, que tomaram o no-

me do latim *corvus, i* — e este do grego *korax*,— talvez onomastico?!...

D'elles tomaram o nome grande numero de povoações nossas, incluindo a *Corvaceira*, minha terra natal, pequena, mas vistosa e muito mimosa aldeia da vasta freguezia da *Penajoia*, concelho de *Lamego*, na margem esquerda do *Douro*, — em frente das *Caldas do Molledo*.

Côrvo deu *Corveira* e *Corvaceira*, como *fogo* deu *Fogueira* e *fogaceira* — e *lôdo deu Lodeira* e *lodaceira*.

O *Douro*, rio, tomou o nome do latim *Durius* — e este do sanscrito *dru* — correr, como já disse algures, citando *Guillou*. [1]

Nós temos *Miranda*, cidade, etc. — *Mirandas*, aldeia. — *Mirandella* e *Mirandos*.

Tambem temos *Mirancas* e *Mirancos*, talvez fórmas de *Mirandas* e *Mirandos*, — e *Miranquinhos*, aldeia, diminutivo de *Mirancos*.

A Hespanha tem *Miranda*, *Mirandela*, e *Mirandilla*, que se lê *Mirandilha*, o mesmo que *Mirandinha* e *Mirandella*, diminutivos de *Miranda*. — Não tem *Mirandas* nem *Mirandos*, — *Mirancas* nem *Mirancos*, mas tem *Miranciños*, que se lê *Mirancinhos*, quasi *Miranquinhos?!*...

Note-se que o *c* já valeu *k* e *q*.

Prosigamos.

* * *

8.ª — *Palaçoulo*.

Esta freguezia tomou claramente o nome do baixo latim *palatiolus, i*, — *palaciolo, palaçólo* — *Palaçoulo*, diminutivo de *palatium* — palacio e por contracção paço, como *Paçô* é contracção de *palaçólo* ou *Palaçoulo*.

Esta fórma de diminutivos com a desinencia *olus, ola* foi trivial na edade média e deu o nome a muitas povoações nossas. Taes são *Alijó*, *Arneirós*, *Barrô*, *Bruçó*, *Celleiró*, *Celleiroz*, *Eiró*, *Eiturô*, — *Figueiró*, o mesmo que *Figueirôa*; *Fijó*, *Grijó*, *Leiró*, *Lijó*, o mesmo que *Alijó*; — *Lorjó*, *Moreiró*, o mesmo que *Moreirola*; — *Mosteirô*, *Paçô*, *Palaçoulo*, *Pereiró*, *Taboaçô*, *Travassô*, *Vinhó*, *Sidró*, etc.

---

[1] *Petites étymologies bretonnes.*—*Quimper*, 1882, 1 vol. 8.º grande.

Veja-se o topico infra — *Diminutivos em olus, ola* — e a primeira parte d'estes meus *dislates*.

Algumas etymologias d'aquelles diminutivos são bastante nebulosas e, como o topico indicado virá longe, — se algum dos leitores tiver empenho em sabel-as, — basta que me diga as que pretende.

9.ª — *Paradella*.

Nós temos muitas freguezias, casaes, quintas e aldeias com os nomes de *Parada, Paradella, Paradellas, Paradellinha, Paradinha*, etc. — Todas ellas tomaram o nome do antigo portuguez *parada* - jantar ou refeição, que os habitantes ou cultivadores das ditas terras ou povoações eram obrigados a dar aos senhores d'ellas, quando as visitassem por occasião de caçadas, etc.

As ditas *paradas* eram por vezes muito incommodas, muito pesadas e muito caras, mas quasi sempre *raras*, pois só de longe em longe os reis, os bispos e quaesquer outros senhores das ditas terras as visitavam pessoalmente.

Com o volver, porém, do tempo, as ditas *refeições* ou *jantares*, que deviam ser pagas em generos, foram por imposição dos reis e dos senhores das terras arbitradas em dinheiro, pelo que o termo *parada* se tornou synonimo de *tributo*, mais ou menos pesado e *annual*, que se denominou tambem *jantar, censo, colheita* e *procuradoria*.

Vide *Jantar* e *Parada* em *Viterbo*, — artigos muito curiosos.

Prosigamos.

*
* *

10.ª — *Picote*.

O nome d'esta freguezia foi tirado de *picote*, o mesmo que *picoto*, sitio alto, a modo de *pico*, outeiro, cimo agudo d'um monte.

Cf. *Picarò, Picaritos, Pico, Picoila, Picota, Picoteira, Picotim, Picotinho, Picoto* e *Picotos* — mais de 50 povoações nossas.

Picote é o mesmo que *Picoto*, pois na onomastica portugueza *e* e *o* trivialmente se confundiram e substituiram.

Cf. *Alfebrinho* e *Alfobrinho*; *Arrojello*, por *Arroiello*, o mesmo que *Arroyollo* por *Arraiollo*, pequeno arroio; — *Perfia* e *Porfias*; *Beiranita* e *Boiranita*; *Boirana* por *beirana*, o mesmo que *beirôa*, fem. de *Beirão*, etc.

Hony soit qui mal y pense!...

Junte-se *Ervedeiro*, *Ervideiro* e *Orbideiro*, o mesmo que *Ervedeiro* e *ervodo* — medronheiro.

Ortezedo por *Ortozedo* (cf. *Ortozello*) — povoações nossas, como *Barrete* e *Barreto*; *Cereje* e *Cerejo*; *Gontije* e *Gontijo*; *Limêde* por *limêdo* — e *Murtêde* por *murtêdo*, o mesmo que *Murtosa*; povoações nossas.

Temos ainda *Marzogueira* e *Murçogueira*, por *morcegueira*, abundante em *morcegos?!...*

A etymologia de *Marzogueira* é um especimen *d'arte nova*.

Junte-se *Quintella* e *Quintolla*; *Reboreda* e *Roboreda*; *Reboredo e Roboredo*; [1] *Reçaio* e *Roçaio*; *Reboleiro*, *Reboleira* e *Roboleiro*, etc.

Picote é, pois, o mesmo que *Picoto*, — ou diminutivo de *Picoto*, como *Picotinho* e *Picotim* por *Picotinho*, povoações nossas tambem.

A desinencia *ote* em portuguez commum designa *depreciação e diminuição* — e é vulgar entre nós. Na onomastica portugueza é rara, mas tambem se encontra. Ahi vão alguns especimens:

Cabinotes, plural de *Cabinote*.

Cardote por *Cardalote*, pequeno *Cardal*.

—*Carvalhote* e *Carualhotinho*, synonimos de *Carvalhinho*.

— *Chiote*, *Escravote*, *Farinhote* (appellido), *Garrote*, *Leote*, *Maricote*, *Negrote*, *Parrote*, *Parrotes*, (talvez fórmas de *barrote* e *barrotes*); *Pellote* e *Pernão Pote*, povoações nossas.

Pernão Pote é talvez o mesmo que *Fernão Pote*.

Cf. *Permontello*, *Fermentellos*, *Fermontellos*, *Formentellos* e *Frumento*, povoações nossas, cujos nomes foram tirados do latim *frumentum*, *i* – pão em grão: trigo, cevada, milho, etc.

Cf. tambem *Fernandaires e Fernandares*, o mesmo que *Fernandaires*, contracção de *Fernando Ayres*, o mesmo que *Fernando Arias*, — de *Arias*, antigo nome pessoal, que deu *Airas*, *Ayres*, etc.

Tambem temos varias povoações com os nomes de *Fernando Carneiro*, *Fernando Affonso*, *Fernando Luiz*, e *Fernandoleira* por *Fernando Leira* ou *Fernando Oleira*.

Note-se que *Oleira e Leira* são povoações nossas.

---

[1] Estes ultimos 4 nomes foram tirados do latim *robur* — carvalho.

Junte-se *Fernão Bacho* e *Fernãobuco* por *Fernão Bacho* ou *Pernambuco?*

—*Fernão Calvo, Fernão Dias, Fernão Domingues, Fernão Garcia, Fernão Gil, Fernão Joannes, Fernão Lobo, Fernão Mendes* (1), *Fernão Menino, Fernão Pinto* (?)....,—*Fernão Porco* (?).—*Fernão Vaz*, etc., povoações nossas.

Tambem temos 3 aldeias, uma quiuta e um casal com o nome de *Ferrão* — o mesmo que *Fernando* e *Fernão* — pois *Fernando* vem de *Ferdinand*, nome germanico, — em latim *Ferdinandus*, que no baixo latim deu *Fernandus* e *Ferrandus*, — unde *Fernão* e *Ferrão*, appellido, etc.

Com a desinencia *ote* ainda temos *Pinhote*, contracção de *Pinhalote*, diminutivo de *Pinhal*, como *Punhete* por *Pinhete*, contracção de *Pinhalete*, o mesmo que *Pinhalote*.

Ainda hoje temos povoações com os nomes de *Pinhete* e *Punhete*, posto que a villa de *Punhete* que estava na foz do *Zezere* foi chrismada e é hoje denominada — *Villa Nova de Constancia*, como já dissemos.

Junte-se ainda *Sacotes*, plural de *Sacote*.

Cf. *Sacota*, *Sacoto* e *Sacutos*, povoações nossas que podiam tomar o nome dos *sacos* — ou de *Zacutus* — *Zacuto*, antigo nome pessoal, que podia dar tambem *Sagute* (por *Zacute*), povoação nossa.

Ainda temos *Valigote*, o mesmo que *Valgode* por *valgote* e este por *vallegote*, diminutivo de *valle*, - antithese de *Vallegões* augmentativo de *valles*.

Com a mesma desinencia *ote* ainda temos as povoações denominadas *Virote* e *Zote*.

São ellas dois simples *casaes*, pelo que na minha opinião tomaram os nomes de *Virote* e *Zote* — apodos ou appellidos tirados do portuguez *virote* — espada curta — e de *zote* — pateta, maluco, idiota.

Cf. *Lança*, *Espada*, etc., appelidos tirados das armas, — e *Doide*, quasi *Doido*, — *Casal Doido*, *Casal do Louco*, do *Marra*, do *Perlim*, do *Pernas*; — *Bodegãa*, *Fome*, *Fonína*, *Maluca*, etc., casaes nossos.

Basta de *Picote*, *Virote* e *Zote*, etc. — Prosigamos.

* * *

---

1 Este *Fernão Mendes* é quasi homonyno do pobre *Fernão Mendes Pinto* e *Fernão Mendes Minto*, auctor e martyr das suas *Perigrinações* na *India, no Japão e na China*.

11.ª — *Povoa*, antigamente *Pobra*. — Do baixo latim *popula*, o mesmo que *populus* — povo, sitio povoado, — aldeia, logar; — no Alemtejo *monte;* — no bispado de Bragança — *quinta*, etc.

Ao norte do nosso paiz tambem foram synonimos de *populus* e *popula* — *villa*, *villar*, *villarinho*, — e no Minho *assento*, *residencia*, *eido* e *aido* — talvez o mesmo que *assento* e *residencia?!...*

Os leitores não se espantem, por que a etymologia de *eido* e *aido* — *habet dentem coelhi!...*

D'ella já se occuparam distinctos escriptores, mas — na minha opinião — até hoje não disseram a ultima palavra sobre tão nebuloso assumpto.

De passagem direi que os termos *eido* e *aido* são completamente desconhecidos na *Estremadura*, no *Alemtejo* e no *Algarve*.

Ao sul do Douro — nos districtos do *Porto*, *Aveiro* e *Coimbra* — tambem mal se conhecem; — pelo contrario são muito conhecidos ao norte do Douro, nomeadamente no Minho, — mas têem *variadas significações*.

Em algumas terras, como em *Gondomar*, designam apenas a *loja* ou *lojas* dos bois; — em outras o *terreiro*, *quinchoso* ou *quinteiro* do estabelecimento rural, chão que é ou costuma ser vedado.

Em outras terras designam aquelles termos um pequeno chão vedado, — contiguo ás habitações ruraes e destinado para flôres, alfaces, hortelã, salsa e outras culturas mimosas.

Tambem algures designam parte das terras do casal proximas da residencia dos caseiros e dos donos d'ellas, comprehendendo por vezes a *eira* e o *espigueiro*.

Noutras terras *eido* e *aido* designam *toda a cerca da casa* e *todo o predio contiguo a ella*, embora seja espaçoso.

No *Alto Minho* dão o nome de *eido* a um *casal todo*, comprehendendo o estabelecimento rural, abegoaria, casas d'habitação, toda a cerca e todas as propriedades pertencentes ao dito casal, — embora distantes e em sitios differentes, como pinhaes, devesas, moinhos, etc.

Eido no *Alto Minho* é synonimo de *casal*.

Em *Rezende (Beira Alta)*, o snr. *D. Joaquim de Carvalho Azevedo Mello e Faro*, dono da luxuosa *casa da Soenga*, tem um casal importante, denominado *Eido*, que vale *contos de réis!...*

Na provincia de *Traz-os-Montes* só conhecem o termo *eido*, que vulgarmente empregam, indicando o *logar proprio das coisas e pessoas*. Assim lá dizem: — põe o *chapéu* — *o alvião*, a *chave*, o *podão*, a *fouce*, o *machado*, etc., — *no seu eido*.

Tambem, estando sentados á mesa ou na cozinha, é trivial dizerem: — vae para *o teu eido*; estou no *meu eido*; esse *eido* é de teu irmão, etc.

Eido significa, pois, em *Traz-os-Montes* — o *assento ou logar proprio de cousas e pessoas*, — não de bois nem de vaccas — nem de ovelhas, carneiros, cavallos ou cabras.

Tambem lá não significa *entrada* nem *sahida*, pelo que mal póde acceitar-se a pretensa etymologia latina *aditus* ou *exitus* — entrada ou sahida.

Eido talvez seja o mesmo que *aido*, mas, como já dissémos, — no *Alto Minho* e em *Traz-os-Montes* — *eido* nada tem com *exitus* nem *aditus*.

Agora um dislate meu:

No *Minho*, onde mais abundam povoações com os nomes de *Eido* e *Aido*, temos tambem mais de 500 povoações com o nome de *Assento*, quasi todas no districto de Braga, — poucas no de *Vianna* e do *Porto* — e no resto do paiz *sómente duas* — no districto de *Villa Real*? !...

Com o nome de *Residencia* temos tambem mais de 300 povoações, demorando quasi todas nos districtos de *Braga*, *Vianna e Porto*, — na região dos *Aidos*, *Eidos* e *Assentos*? !... — Isto me leva a suppor que *Aido*, *Eido*, *Assento e Residencia* pertencem á mesma familia — e que o seu tronco foi o latim *aedes* — casa, — mesmo porque *Braga*, centro e capital do *Minho*, foi cidade importantissima no tempo dos romanos e por elles denominada *Bracara Augusta*.

Note-se tambem que *assento*, *residencia* e *casa* são entre nós quasi *synonimos*?!... — E talvez que *aedes* no latim popular da região bracarense tomasse a fórma *aedium* — édio, quasi *eido*?!...

Desculpem tantos dislates, porque do embate póde sahir a luz.

A Hespanha não tem *adio*, *aido*, *edio* nem *eido*, nomes communs, mas tem nomes similares de povoações. Taes são *Ahedillo*, que se lê *Ahedilho*, quasi *Eidinho*, em *Burgos*.

— *Ahedo*, quasi *Eido*, em *Burgos* e *Santander*.

— *Haedo*, o mesmo que *Ahedo*, em *Santander* e na *Viscaia*?!...

— *Edillo*, o mesmo que *Ahedillo* supra, — em *Burgos*.

— *Edino* ou *Ediño* — em *Santander*.

— *Eidian*, *Eido* e *Eidos* na *Gallisa* — *Pontevedra* — e *só na provincia de Pontevedra*, — nos concelhos ou *ayuntamientos* de *Cañiza*, *Puente* — *Caldellas*, *Puenteareas*, *Vigo*, *Tuy* e *Redondela*.

Prosigamos.

12.ª — *S. Martinho d'Angueira*.

Muito provavelmente esta freguezia, bem como a linda ribeira que a banha, chamada *Angueira*, tomaram o nome de *Anghera*, tribu de *Marrocos*, mesmo porque a dita ribeira vem da *Hespanha* e lá denomina-se *Anguéra*.

Note-se que este concelho de *Miranda* parte com a provincia de *Zamora*, que muito provavelmente tomou o nome de *Azamor*, cidade de *Marrocos* tambem.

A cidade de *Zamora* já foi nossa no tempo do conde *D. Henrique* e da rainha *D. Thereza*, pelo que *D. Affonso Henriques*, tendo apenas 14 annos de edade, se armou cavalleiro na cathedral de *Zamora* no anno 1125.

A Hespanha tem varias povoações com os nomes de *Zamora*, *Zamoranos*, *Zamorela* e *Zanbroncinos*, por *Zamoroncinos*, que se lêem *Samora*, *Samoranos*, *Samorella* e *Sanbroncinos*.

Nós não temos *Zamora*, mas temos com o diapasão leonez *Samor*, por *Zamor* e este por *Azamor*; — *Samóra* por *Zamóra*; — *Samorão* por *Zamorano* supra; — *Samorim* e *Samorinha* por *Zamorim* e *Zamorinha*, que recordam *Zanbroncinos* por *Zamoroncinos* supra.

Samorim e *Samorinha* véem do baixo latim *Samorinus*, *Samorina*, o mesmo que *Samoranus*, *Samorana*, filho ou oriundo de *Samora* ou *Zamora*.

Cf. *Zamoranos*, em portuguez *Samoranos*, povoação de Hespanha, — e *Samorão*, o mesmo que *Samorano* ou *Zamorano*, povoação nossa, como *Adriano* e *Adrião*, *Romano* e *Romão*, etc., nomes de santos e de povoações nossas.

Junte-se *Vairão*, freguezia que tomou o nome de *Valerião*, o mesmo que *Valeriano*, nome d'um santo, diminutivo de *Valerio*, em latim *Valerius*, *ii*, tambem nome romano e nome d'um santo, que se encontra em *S. João de Ver*, freguezia nossa, antigamente denominada *Sanctus Joannes de Valerii* — *S. João de Valerio*.

Tambem temos *Valerio*, quinta.

* * *

13.ª — *Sendim.*

O nome d'esta freguezia de *Sendim*, que é a mais populosa do concelho de *Miranda* [1] — vem de *Sendinus*, *i*, antigo nome pessoal, o mesmo que *Sandinus, i* e *Sandinius*, *ii*, diminutivos de *Sandus*, *i* (?) que, além dos diminutivos *Sandinus, Sandinius* e *Sendinius*, deu *Sandanus*, *i*, — e *Sandianus*, *i, is*, — unde *Sandão*, *Sande*, *Sandiães*, *Sandim*, *Sandinha*, *Sandinho*, *Sendiães*, *Sendim*, *Sendinha*, *Sendinho*, *Sinde* e *Sindim*, o mesmo que *Sandim* e *Sendim*, povoações nossas.

Que prolifico nome foi o tal *Sandus* ou *Sindus*, *i*, ?!...

Na Hespanha apenas deu *Sandan*, *Sande*, *Sandin*, *Sando*, *Sendin*, *Sendiña* (Sendinha) — e *Torresandino* — Torre de Sandino.

Sandino é tambem appellido nosso ainda hoje.

Mas d'onde virá *Sandus, i?* — ou *Sindus*, *i?*

Sandus encontra-se como prefixo em *Sandimirus*, *i*, que deu *Sandemiro*, povoação da Hespanha; — *Sandomil* e *Santomil*, povoações nossas, pelo que *Sandus* poderá vir do germanico ou teutonico *sand*, em latim — *verus*, verdadeiro, como já li algures, com o suffixo germanico trivial *mir*.

Mas talvez que o prefixo germanico *sand* seja uma fórma de *sind*, que se encontra em *Sindulphus, i* — *Sindulpho*, nome claramente germanico e nome d'um santo, etc., unde *Cendufe* por *Sendufe*, povoação nossa.

Tambem supponho que *Sandimirus*, *i*, supra, é uma fórma de *Sindimirus*, *i* — o mesmo talvez que *Sindimio*, tambem nome d'um santo, etc.

Tambem *Sandus*, *i* póde ser contracção de *Senandus*, *i*, que se encontra em *Senande* e *Senant*, povoações de Hespanha, — e em *Senande* e *Sernande* ou *Cernande*, povoações nossas.

Por seu turno *Senandus*, *i* é talvez contracção de *Sezinandus, i* — *Sezinando*, antigo nome pessoal e nome d'um santo, que, pela fórma *Senandus* e *Sernandus*, *i*, supra, podia muito bem dar *Sernandicellus i* — unde *Sernancellus, i* — Sernancelhe, villa nossa, cuja etymologia *habet dentem coelhi?!...* [2]

---

[1] *Sendim* tem cerca de 350 fogos e 1:500 habitantes; — a pobre cidade de *Miranda* com as suas 4 freguezias *annexas* tem, como já dissemos, — 247 fogos e 910 habitantes?!...

[2] Veja-se o topico infra: — «Diminutivos com a desinencia *cellus*, *celli*».

—Tambem *Sezinando* deu *Sizandro*, casal nosso.

Tambem *Sandus*, *i* póde ser o mesmo que *Indos*, *i* — o *Indo*, rio que deu o nome á *India* e que tambem se denominou *Sando*, como diz *Poyares*, paginas 230 e 371.

Com vista ao snr. dr. *Joaquim da Silveira*, da *Anadia*, meu atavico successor, depositario dos meus caros verbetes e do meu *arsenal etymologico!...*

E' s. ex.ª o amigo *mais ingrato* que n'este mundo encontrei, como já disse e repito.

Não só lhe dei os meus caros *verbetes etymologicos todos*, que pesavam cerca de 90 kilos, — fructo do meu insano trabalho de 10 a 12 annos, — mas dei-lhe tambem muitos livros *raros e caros*, entre elles um bello exemplar completo do *Portugaliae Monumenta*, muito bem encadernado em dois volumes que pesavam 15 kilos!...

Fui demasiado generoso para com s. ex.ª e hoje estou arrependido, porque á ultima hora soube que — *padece de atavismo?!..*

A' bon entendeur — demi mot.

Prosigamos.

* * *

Tambem *Sande*, *Sandim*, etc., — podem vir de *Zante*, nome vulgar d'uma ilha do *Archipelago*, chamada em latim *Zakynthos*, *i*, versão do grego *Hyakinthos*, ilha do mar *Jonio*, perto do *Peloponeso*, — unde *jacintho*, flôr e *Jacyntho*, nome d'um santo, etc. [1]

Tambem *Sande*, *Sandim*, *Sandinho*, *Sando*, etc., podem vir do latim *sanctus* — santo.

Cf. *Santino* e *Santo*, antigos nomes pessoaes e nomes de santos, — como *Bom* e *Bôa*, em latim *Bonus*, *Bona*. [2]

Tambem *Sande*, *Sandiães*, *Sandião*, *Sandim*, etc., podem vir do teutonico ou flamengo *sant* ou *sand* por *zand*, areia, prefixo de *Santhamptum* — cabedello, cabo ou pontal d'areia, — antigo nome d'uma povoação maritima de *Flandres*, hoje *Niewport* — villa nova — como se lê em *Chotin*, pag. 120. [3]

---

[1] *V. Figueiredo, Magnum Lexicon* e *Poyares* supra, paginas 445.

[2] *Santino* podia dar *Sandino*, como *Centiães* deu *Sendiães* — e *Centieira* deu *Sendieira*, povoações nossas que tomaram o nome de *centeio!...*

[3] Vide *A. G. Chotin, — Études étymologiques sur les noms de lieu de la Flandre Occidentale. Ypres*, 1887, 1 vol. 8.º grande.

Foi uma das muitas obras francezas que eu comprei, li e extractei para os meus estudos etymologicos. D'ella tirei muitos dos verbetes que tolamente dei ao meu *ingrato successor?!...*

Damião de Goes *in Hispania* tambem disse que o appellido *Sande* é germanico e quer dizer *sabulosus* — arenoso, — o mesmo que *Arnoso* e *Aroso?!...*

Tambem *Sinde*, *Sindim*, *Sindino*, etc., recordam *Suindinum*, capital dos *Cenomanos*, povo da *Galia Transalpina*, cuja provincia e cujo destino actualmente se ignoram. Apenas se sabe que um ramo d'este povo no seculo VI atravessou os Alpes e fixou-se na Italia, onde teve as cidades de *Brixia* (Brescia), *Cremona* e *Mantua*.

V. *Cenomans* em *Devars*.

De *Cremona* veiu talvez *Carmona*, appellido nosso; *Mantua* foi a patria de *Virgilio*, pelo que se cognominou *Mantuano*, — e *Brixia* talvez désse o nome de *briche* a certo estofo de panno barato, grosso, como a *saragoça* tomou o nome da cidade de *Saragoça* — e esta de *Caesar Augusta* ou antes de *Siracusa?!...*

E' bem conhecida tambem entre nós a *saragoça rainha*, assim denominada — não por ser, como effectivamente é, *a rainha das saragoças*, absolutamente a melhor de Portugal,— mas por ser fabricada pelos *Rainhas*, grandes iudustriaes de *Gouveia*. Deixaram uma fortuna de *quinhentos* a *seiscentos contos*, obtida muito honradamente só com o esmerado fabríco da *saragoça?!...* [1]

Tambem os *razes* tomaram o nome de *Arraz*; — o panno *sedan* — de *Sedan*; o estofo *gobelem* — de *Góbelin*; a *bretanha* —da *Bretanha*; o jogo *malabar* — do *Malabar*; a bisca *sueca* e a gymnastica *sueca* — da *Suecia*; o jogo *pacáu* — de *Macáu?*; as tangerinas — de *Tanger*; os *damascos* — estofo e fructa — de *Damasco*; os pecegos — da *Persia*; a couve gallega — da *Galliza* — e a *murciana* — de *Murcia*; as danças *cracoviana*, *varzoviana* e *siciliana* — de *Cracovia*, *Varsovia* e *Sicilia*; o *sólo inglez* — da *Inglaterra*; as quadrilhas francezas — da *França*; o cordovão e a azeitona cordovil — de *Cordova*; o marroquim — de *Marrocos*; as peras *pigaças* — de *Picasa*, nas ilhas *Baleares*; os figos *burjaçotes* — de *Burjasot*, povoação de *Valencia*; as malgas — de *Malaga* — e esta de *Malaca?* etc.

Volvendo ao thema *Suindinum* supra, ainda diremos

---

1 Veja-se no *Portugal antigo e moderno* o meu artigo *Villa Nova de Tazem*, onde fallei amplamente dos *Rainhas*. Veja-se tambem o vol. I. d'esta *Tentativa*, pag. 369.

que *Suindinum* podia dar *Sindínum*, *Sindinus*, *Sindini*, etc. — unde, *Sinde*, *Sindim*, *Sindino*, *Sandim*, *Sendim*, *Sendino*, etc.

Tambem *Sandelhão* por *Sandilhão*, *Sandiães*, *Sandião*, etc. — podem vir de *Sandilanus*, *i*, *is*, diminutivo de *Sandila*, nome germanico, mencionado em um documento do seculo XI.

Vide *Areja*, no *Portugal antigo e moderno*.

Talvez que *Sandila* seja uma fórma de *Zandilas*, nome pessoal do seculo VI.

«*Zandilas*, *praefectus eorum qui domi nutriebantur...*» *Procopius*, pag. 404.

Tambem *Sandião* supra, povoação nossa, talvez seja uma fórma de *S. Dion* e n'este caso póde vir de *Dion*, em portuguez *Dião*, antigo nome d'um santo, etc.

Veja-se o meu *Diccionario d'Appellidos* e o *Santoral hespanhol de Barcelona*.

Tambem *Sandim*, *Sendim*, *Sendino*, *Sinde*, *Sindim*, etc., pódem vir de *Sindhi*, região da *India*, ao norte de *Pendjab*, unde *Sindi* ou *Sindhi*, nome que os nossos chronistas deram ao idioma d'aquella região — e *Sindo* (portuguez antigo) — nome que se dava ao mandarim da mesma região, como diz o sr. Candido de Figueiredo no seu *Novo Diccionario da lingua portugueza*.

Nós tambem temos *Centiães*, *Centiaes* e *Santiaes*, povoações que tomaram o nome de *centeio*, — como *Sendiães* por *Centiães* — e *Sendieira* por *Centieira?!...* [1]

Podia, pois, o *centeio* dar tambem *Sandiães*, como deu *Santiaes*, *Centiães* e *Sendiães*.

Que mimosa leitura para senhoras — e mesmo para a *maioria* dos meus poucos leitores?!...

Somma e segue.

* * *

Tambem *Sendim*, *Sendinho*, *Sandino*, *Sendino*, *Sinde*, etc. pódem vir de *Cindeo* e *Sindimio*, nomes de santos, — mesmo porque *Sindimio* podia dar *Sindinio*.

Tambem *Sinde* póde vir de *Cinde*, região da *India*.

«De Badur foi ter á cidade de *Por* e d'alli... foi até o *Cinde*.» [2]

---

[1] Mais uma vez recommendo aos meus poucos leitores a *Chorographia Moderna*, onde no vol. VI se encontram por ordem alphabetica todos ou quasi todos os nomes das nossas povoações, incluindo os mencionados supra.

[2] *Couto*, *Decada VI*.

Ad ridendum cf. *Chinde*, cidade portugueza da *Africa oriental, na* foz *do Zambeze.*

Chinde e *Cinde* ou *Sinde*, etc., pódem ser fórmas do mesmo nome, como *Changai* e *Sangai*, — *Xisto* e *Sixto*, nomes de santos, etc.

Tambem *Sendim*, *Sindim*, *Sendino*, *Sindino*, *Sinde*, etc., — podem vir de *Sindus*, *i*, nome pessoal romano.

«Magus vero Sindusque, praefecti Tiburtini,...» [1]

Em vulgar — «Porém *Mago e Sindo*, prefeitos Tiburtinos,...»

E' obvio para todos que *Sindus*, *i* muito bem podia dar *Sindinus*, *i* e *Sindianus*, *i*, *is*, unde *Sinde*, *Sindim*, *Sendim*, *Sandim*, *Sandiães*, *Sandião*, *Sendiães*, *Sendinha*, *Sendinho*, *Sendino*, Sandino, etc.

Julgo que nada mais é preciso — desculpem a franqueza — para ser admittido em um *manicomio*. Entretanto ahi vão mais alguns dislates meus.

O *Sindus* — *Sindo*, de *Procopio*, tambem podia dar *Sindellus*, *i* — *Sindello*, como *Francus* — *Franco*, appellido e nome d'um santo, tirado do germanico *frank*, — franco o mesmo que *francez*, — deu *Franca*, *Francisco* e *Francisca*, tambem santos, — *Francella*, *Francello*, *Francellino e Francellina*, nomes pessoaes e appellidos.

Tambem *Marcus* — *Marco* e *Marcos*, nomes de santos tirados de *marcus* — martello, deram *Marcia*, *Marciana*, *Marciano*, *Marcella*, *Marcellina*, *Marcellino* e *Marcello*, nomes de santos, etc.

Por seu turno *Sindellus*, *i* deu ou podia dar *Cendello*, aldeia, — *Sendello e* Sindello appellidos nossos.

Ainda com relação a *Sendim*, *Sendino*, *Sinde* e *Sindo*, não posso deixar de transcrever o que diz *Couto y Isaza*, vb. *Rendesindo*, pag. 79.

Refiro-me a uma obra, escripta em castelhano, — uma das muitas que comprei e extractei, mas que já não possuo, porque — se bem me recordo — a dei com os meus caros verbetes ao meu *atavico successor*, tantas vezes mencionado

---

[1] *Procopius*, pag. 72.

Procopio chamou *Tiburtinos* os prefeitos de *Tiburtia*, hoje *Tivoli*, pequena, mas muito antiga cidade dos *Sabinos*, chamada tambem *Tibur*, por ser fundação de *Tiburto*, filho de *Amphiardo*.

De *Tiburtia* provém *Tiburcio*, nome de um santo. Em latim é *Tiburtius* o mesmo que *Tiburtinus*.

— o sr. dr. *Joaquim da Silveira*, da *Anadia*.[1] — Nem posso citar o titulo d'ella, porque dei tambem ao mesmo ingrato senhor — como *chave dos meus verbetes* — a indicação das obras nelles citadas.

Apenas tenho uma vaga lembrança de que a dita obra era um *estudo etymologico* interessante, relativo á *Colombia?!...*

O extracto, que por fortuna conservo, diz textualmente o seguinte:[2]

«... En un antiguo *Inventario de siervos*... en el qual predomina el nombre *Rudericus* ó *Rodericus* (Rodrigo), hallamos el nombre *Rodesindus*, y el patronimico *Rodezindiz*... y entre varios exemplos de *doble denominacion* vemos este:— *Segesinda*, cognomento *Sinda*.

«Además, hablando *Godoy Alcantara* del nombre *Ildefonso*, dice el mismo autor:— «*ild*, radical que entra en la composicion de varios nombres goticos: — *Ilderedo*, *Ildegiso*, *Ildulfo*, *Ildesindo*,...» — En otro logar nota que el radical de *Arias*, patronimico de *Ares*, conbinando-se con otros teutones, formo *Ariamiro*, *Ariulfo y Aresindo*.

«Es, pues, indudable que el elemento *Sindo* ha sido nombre *por si solo*, — y es mui probable que *Rudesindo*, sea uno compuesto de *Rude* (riz) ó *Ru* (y) — y *Sindo*.

«Es tambien de advertir... que los nombres terminados en *sindo*, además de... *Gumersindo y Gumesindo*, *Hermesinda y Hormesinda*, hay otros muchos, como *Wiliesindo*, *Adosindo*, *Floresindo*, *Gundesindo*, *Osinda* y *Adosinda*, *Ausinda*, *Theodosinda*, etc.[3]

«*Sindo* en aleman significa — *que tiene sequito*.»

Findou aqui o extracto e é muito interessante para o estudo etymologico de varias povoações nossas, como os leitores vão vêr.

— *Ildulfo*, em latim *Ildulfus*, *i*, *is*, deu *Adolfo* ou *Adolpho* e *Adolfina*, nomes de santos, etc. — *Adoufe*, *Dolves e Doufins*, povoações nossas.[4]

---

[1] V. a pag. 37 supra, e no vol. I. *Joaquim da Silveira*, no *Indice*.

[2] Dou o extracto em *castelhano*, porque os meus poucos leitores entendem bem este idioma, irmão gemeo do nosso.

[3] Occorre-me tambem *Tructesindus* — *Tructesindo*, que deu o nome a *Tortosendo*, importante freguezia nossa.

[4] Tambem *Ildulfus* deu *Odulfo*, o mesmo que *Adolfo*, nome d'um santo, e talvez *Ataulfus*, *i*, nome germanico, unde *Adaufe*, *Ufe*, *Adufe* *Casal dÕufe*, *Casal d'Ufe*, *Estrada d'Ufe*, *Villar d'Oufe* e Fonte d'Ufe, povoações nossas.

Doufins vem de *Adolfinis*, patronimico de *Adolfinus, i* — *Adolfino,* irmão gemeo de *Adolfina* supra.

— *Ilderedo*, em latim é *Ilderedus, i*, que deu *Aldarete, Aldrete* e *Aldrêu*, povoações nossas.

— *Ildegiso* pela fórma latina *Ildegisus, i, is* — deu *Algés* no aro de *Lisboa*?!...

— *Ildefonsus* deu *Ildefonso, Affonso e Alonso*, nomes de santos, — *Affonsim, Affonso, Affonsoeiro* por *Affonso Soeiro, Aldonsa* e *Fonxe*, povoações nossas.

Tambem antigamente se dava o nome *Santo Alifon* á egreja de *Santo Ildefonso* da cidade do *Porto.*

Somma e segue o prolifico extracto.

— *Adosindo* e *Adosinda*, o mesmo que *Auzindo e Ozinda*, na minha opinião deram *Adosinda* e *Adosindo*, nomes pessoaes. — *Ouzenda, Ozenda, Ozende, Ozendo* e *Zendo*, povoações nossas [1]

Tambem temos *Gende* que póde vir de *Zende*, aferese de *Ozende*, como *Zendo* veiu de *Ozendo.*

Note-se que *g* e *z* trivialmente se confundiram e substituiram na onomastica portugueza.

Cf. *Sargedo* e *Sarzedo; Tojal, Tugal* e *Tuzar* por *Tojal; Urge* e *Urze; Urjal* e *Urzal*, povoações nossas.

Tambem temos *Varge* e *Varzea,* que o povo denomina *Varja* por *Vargea.*

Junte-se *Varziella, Varziellas, Varizellas* por *Varziellas* — e *Vargellas*, povoações nossas tambem.

Ao mesmo diapasão obedecem — *Aprigio e Aprizio*, — *Brigida* e *Brizida*, — *Edwigis* e *Edwizes, Juzarte* e *Zuzarte*, nomes pessoaes e appellidos.

Volvamos ao *prolifico extracto.*

Rudericus ou *Rodericus* e o seu barbaro patronimico *Roderiquiz*, — deram *Ruderico* e *Rodrigo*, nomes de santos, — *Ruy,* nome pessoal, — *Rodrigues*, appellido vulgar, — *Castello Rodrigo, Rodriga, Rodrigo, Rodrigos, Rorigo* e *Rôriz*, contracção de *Róderiquiz*, povoações nossas.

Tambem deu *Ruyz,* appellido em Portugal e na Hespanha.

Junte-se *Aldeia de Ruins*, o mesmo que *Aldeia de Ruiz*? — *Dom Rodrigo, Fonte do Rodrigo, Monte Rodrigo, Padre Rodrigo, Val de Rodrigo* e *Val do Rodrigo,* etc., povoações nossas.

---

1 *Adosindo* é o mesmo que *Ildesindo,* mencionado no prolifico extracto.—Note-se que o prefixo germ. *il,* deu trivialmente *al.*

Rodrigo, em francez *Roderic* e no baixo latim *Rodericus*, vem do teutonico *rad* — prompto, activo, — ou de *rad* ou *rat* —conselho — e *rich* — poderoso, rico,— segundo diz *Boucrand.*

Rodrigo tem, pois, o mesmo prefixo de *Rodolpho*, em francez *Rodolphe*, tambem nome d'um santo, mas o suffixo de *Rodolpho* é o teutonico vulgar hülf [1] — ajuda, soccorro; em celta *ulphe*; em *gaulez*, anglo-saxão e inglez *help* — e em flamengo *hulp* — ajuda, soccorro.—Veja-se *Boucrand.*

Rodolpho, no baixo latim *Rodolphus i*, e *Radulphus, i*, deu *Rodolpho,* nome d'um santo, — e *Raul* nome pessoal.

Tambem *Raul*, no baixo latim *Raulus, i*, deu *Raulinus, i* — unde *Raulino*, *Raulim* e *Rolim*, appellidos nossos.

Tambem *Rodolphus, i* talvez désse *Ral, Rol* e *Roufe*, povoações nossas. — Na onomastica portugueza todas as vogaes se confundiram e substituiram, pelo que *Ral* e *Rol* talvez sejam fórmas do mesmo nome.

Em antigos documentos nossos tambem se encontra *Randulphus, i*, nome pessoal, que na minha opinião é o mesmo que *Radulphus*, *Rodolphus* e *Rodolpho.*

Note-se que a letra *n* foi muito caprichosa! — *Radulphus*, sem grande violencia podia dar, pois, — *Randulphus.*

Note-se tambem que os nomes germanicos na passagem para o latim e do latim para o portuguez, bem como para o castelhano, italiano e francez, — foram barbaramente e cruelmente deturpados.

Tomaram fórmas tão diversas, que por vezes não parecem os mesmos!...

Vide *Förstmann*, que pacientemente indicou as *variadissimas fórmas* que na edade média tomaram os nomes germanicos.

Randulphus, i, deu *Rendolphus, i*, e *Rendulphus, i* — unde *Rande*, *Randinha, Randinho* e *Rando?* — *Rendol*, *Rendufas*, *Rendufe* e *Rendufinho,* povoações nossas. [2]

* * *

Volvendo ao thema *Rodericus* — *Rodrigo* — seja-me licito

---

[1] Esta desinencia *hülf* encontra-se em outros muitos nomes germanicos.

[2] Em *Rendufe*, aldeia do concelho de *Rezende*, tem a sua esplendida casa o sr. conselheiro *M. Pereira Dias*, que foi reitor da *Universidade de Coimbra*, — e é natural de *Rendufinho* (*Povoa de Lanhoso*) — o sr. *D. Francisco José Vieira de Brito,* actual bispo de *Lamego.*

dizer que o mesmo suffixo *rich* — poderoso, rico, se encontra em outros muitos nomes pessoaes germanicos. Taes são: — *Alarico*, *Amalarico*, *Ardarico*, *Argerico*, *Ermorico*, *Frederico*, *Fromarico*, *Genserico*, *Gunderico*, *Henrique* por *Henrico*, *Hermenerico*, *Honorico* ou *Onorico*, *Ilderico*, *Romarico*, *Sabarico*, *Theodorico*, *Wiliarico* ou *Viliarico*, *Viarico*, etc.

Todos ou quasi todos estes nomes deram o nome a differentes povoações nossas, como os leitores vão vêr.

— *Alarico*, no baixo latim *Alaricus*, *Alariqui*, *Alariquiz* talvez désse *Ariz*, povoação nossa, — e *Amalarico*, no baixo latim *Amalaricus*, *Amalariquiz*, talvez désse *Amares*,— como *Henriquiz*, patronimico de *Henricus*, deu *Henriques*, — e *Viliariquiz*, patronimico de *Viliaricus*, deu *Vilharigues*, povoação nossa.

Tambem temos *Alhares* e *Alhariz*, que tomaram o nome dos *alhos* ou de *Allariquiz*, pois no diapasão castelhano *Allariquiz* sôa *Alhariquiz*, unde *Alhariguiz* e *Alhariz*?

— *Ardarico*, no baixo latim *Ardaricus*, *Ardariquiz*, vem do teutonico *hart* — corajoso, valente, — com o suffixo *rich*, poderoso, rico, e talvez désse *Aldariz*, *Aldrigo* e *Aldriz*, povoações nossas.

Ardarico foi rei dos *Getas*, como diz *Boucrand*, — e julgo que teve as fórmas *Ilderico* e *Aldarico!...*

Vide *Förstmann*.

— *Argerico*, no baixo latim *Argericus*, *Argeriquiz*, — deu *Argeriz*, *Aljeriz*, *Algeriz* e *Aljeruz!?...* — povoações nossas.

— *Rira bien qui rira le dernier.*

Aljeriz deu *Aljeruz*, porque as letras *i* e *u* se confundiram e substituiram na onomastica portugueza — e já no latim por vezes se confundiram e substituiram.

Veja-se o topico infra — *Substituição de letras* — e note-se tambem que em trabalhos d'esta ordem, como já dissemos, — *a bussola é o ouvido!...*

Prosigamos.

— *Ermorico*, no baixo latim *Ermoricus*, *Ermoriquiz*, — pela substituição do *r* por *s* — deu *Esmorigo*, *Esmorigos*, *Esmoriz* e *Esmorins* por *Esmoriz*, — como *felix* — feliz, — na Hespanha deu *San Felix*, *S. Felices*, *Sanfix* e *Sanfiz* — e entre nós *Sanfins* e *S. Fins*, o mesmo que *S. Felix*, *S. Feliz* e *Sanfiz*. Mas supponho que *Ermoricus* é o mesmo que *Armoricus*, *Armoriquiz*, unde *Almoriz* e *Armoniz* — por *Armoriz*, povoações nossas.

A *bussola* é o *ouvido*, além de que as vogaes *e* e *a* — e as

consoantes *l*, *n* e *r* trivialmente se confundiram e substituiram, bem como *s* e *r*.

Veja-se o topico infra — *Substituição de letras*.

Tambem supponho que *Armoricus* é o mesmo que *Aremoricus* — *Aremorico* ou *Aremoricano*, — filho ou oriundo da *Aremorica*, antigo nome da *Baixa Bretanha*.

N'este caso, *Armorico* ou *Ermorico* é nome *celta* ou *neo-celta*, pois, como já li algures, *Armorica* ou *Aremorica* vem do celta *ar* ou *are* — *junto de*, — *em frente de* — com o suffixo... — *mar*. [1] — *Armorica*, pois, quer dizer — povo maritimo ou da beira-mar — e tal é, como a *Bretanha*, a nossa importante freguezia de *Esmoriz*, concelho d'*Ovar*, que demora ao sul de *Espinho*, ao longo da *beira-mar*.

Prosigamos.

Frederico, no baixo latim *Fredericus*, *Frederiquiz*, — deu *Frariz*, e *Flariz*, o mesmo que *Frariz*, — e *Freiriz*, povoações nossas, — bem como *Fradique*, appellido hespanhol e portuguez — e antigo nome pessoal.

Fredericus, deu *Fraderiqui* e *Fradique* na Hespanha, como *Henricus* deu *Henrique*.

Frederico é nome d'um santo, etc., — e *Frederica*, nome actual de mulher.

Note-se que *Frederico*, em francez *Fréderic*, vem do teutonico *fred* ou *fried* — paz, repouso, — e este de *frieden* — vigiar, proteger, defender, — com o suffixo *rich* — poderoso, rico, — segundo diz *Boucrand*.

Fromarico, no baixo latim *Fromaricus*, *Fromariquiz*, — deu *Formarigo* e *Formariz*, povoações nossas.

Fromarigo Iben Egas figura em um documento do anno de 1030.

Veja-se o meu longo artigo *Vouzella*, no *Portugal antigo e moderno*, volume XII, paginas 2:116, — e o *Catalogo dos Pergaminhos da Universidade de Coimbra*, paginas 113, n.º 1.

Iben Egas deu *Beniegas* e *Veniegas*, unde *Viegas*, povoação e appellido vulgar entre nós.

Viegas é, pois, contracção de *Iben Egas* e quer dizer *filho de Egas*, porque o prefixo *Iben* é arabe e significa *filho*.

O mesmo prefixo ainda hoje se encontra em muitas povoações nossas. Taes são as seguintes:

---

[1] Com vista ao sr. dr. *Joaquim da Silveira*, depositario dos meus *verbetes* e do meu arsenal etymologico!...

Vejam-se as pag. 37 e 41 supra.

Bagauste, contracção e deturpação de *Iben Augusti*, pois na minha opinião *Iben Augusti* deu *Ben Augusti*, *Ban Augusti* e *Banaugusti*, unde *Bagauste!...*

A bussola é o ouvido. [1]

Junte-se *Baguaste*, povoação nossa tambem, pois na minha opinião *Baguaste* é metathese de *Bagauste?!...*

Rira bien qui rira le dernier.

— *Baldreu* — de *Iben* + *Ilderedus*, *i*, antigo nome pessoal, que deu tambem *Aldarete*, *Aldreu*, e *Aldrete*, povoações nossas.

— *Baldrigo* — de *Iben* + *Ildericus*, nome germanico infra.

— *Bamonde* — de *Iben* + *Edmundi*, patronimico de *Edmundus*, *i*, antigo nome pessoal, que deu tambem *Amonde*, povoação nossa.

Junte-se *Barrozende* — de *Iben* + *Rodesindi*, patronimico de *Rodesindus*, *i*, nome pessoal germanico supra, que teve tambem a fórma *Ranusindus*, *i* e deu *Ranzendo* e *Rozendo*, nomes de santos, — *Rezenda*, *Rezende*, *Rezenta*, o mesmo que *Rezenda*,—e *Rozende*, o mesmo que *Rezende*, povoações nossas.

Rozinda, nome de mulher, póde vir tambem de *Rodezinda* — ou antes de *Rosina*, santa, etc.

Note-se que as desinencias *ina*, *ino*, dos nomes pessoaes deram muitas vezes *inda*, *indo*.

Cf. *Armelim*, ou *Armelino* e *Armindo*.

— *Armelina* e *Arminda*.

— *Carolina* e *Carlinda*.

— *Carolino* e *Carlindo*.

— *Carmelinda* e *Carminda*.

— *Carmelino e Carmindo*.

— *Ermelina* e *Ermelinda*.

— *Ermelino* e *Ermelindo*.

— *Florina* e *Florinda*.

— *Florino* e *Florindo*.

Florina e *Florino*, — são diminutivos de *Flora* e *Floro*, antigos nomes de santos.

— *Gallinda* por *Gallina* — e *Gallindo* por *Gallino*, — diminutivos de *Galla* e *Gallo*, — nomes de santos, etc.

— Junte-se :

Laurina e *Laurinda* — *Laurino* e *Laurindo* — diminutivos de *Laura* e *Lauro*, — antigos nomes pessoaes. *Lauro* foi santo.

---

[1] A escala talvez fôsse:
Iben — Agusti — Benaugusti.
Banaguste — Baganuste — Bagauste.

— *Idalina* e *Idalinda.*

— *Idalino* e *Idalindo.*

— *Lucina* e *Lucinda* — foram santos, bem como *Lucinio*, quasi *Lucino*, que deu *Lucindo.*

Temos finalmente *Raul*, *Raulino* e *Raulindo.*

Rosina, o mesmo que *Rosinda*, nomes de santos, diminutivos de *Rosa*, tambem santa.

* * *

Volvendo ao thema *Iben* — filho, junte-se *Bruzende*, povoação nossa tambem, pois é o mesmo que *Barrozende.*

Attendite et vidette:

Iben Rosendi — *Benrosendi* — *Barrosendi* — Barrozende.

— *Banrozendi* — *Barozendi* — *Bruzendi* — Bruzende!...

A bussola é o ouvido — e note-se que o *r* é *muito falso.*

Somma e segue:

— *Bem Canis* — de *Ben Canis* — *filho do Cão*, — appellido nobre e antigo de *Diogo Cão*, etc. [1]

— *Bemnonis* — de *Iben* + *Nonis* — filho de *Nono*, *Nunes* ou *Nuno.*

Nona, *Nonia*, *Nonna e Nonno* foram nomes de santos, tirados do adjectivo numeral romano *nonus* — nono que deu tambem *Nonius e Nunus* — *Nuno*, nomes pessoaes, — e *Nunes* patronimico de *Nuus* — appellido vulgar, — unde *Nunes* e *Nuno*, povoações nossas.

Tambem *Nonus* e *Nunus*, pela substituição de *n* e *m*, [2] deram *Mumus*, *Mumius*, *Munius*, *Monius*, *Moninus*, *i*, *Moninius*, *ii*, *Monilius*, *ii*, *Nonilius*, *ii*, etc.

Por seu turno *Mumus*, o mesmo que *Nunus*, deu *Muma*, antigo nome de mulher, o mesmo que *Nona* e *Nuna* — e talvez *Monas*, nome d'um santo, — e *Mono*, appellido.

Por esta solfa *Mumadona* e *Dona Mumadona*, pleonasmo de *Mumadona* por *Dona Muma*, — a lendaria fundadora de *Guimarães* ou do riquissimo convento de monjas e monjes, que produziu aquella cidade, — é o mesmo que *D. Nuna* ou

---

[1] *Leoncavallo* é appellido na Hespanha — e temos differentes nomes pessoaes e nomes de santos tirados das féras. Taes são: *Tigre, Leão, Urso, Ursula e Ursino,* diminutivo de *Urso* — o mesmo que *Ursulina* e *Ursulino,* tambem nomes pessoaes, mas não de santos.

[2] Veja-se o topico infra: *substituição de letras.*

Nuna Dona — ou *D. Muna*, que se encontra em *Muna*, aldeia nossa!?...

Tambem *Muna* recorda *Numa*, antigo nome romano de *Numa Pompilio*, etc., que podia dar *Numanus, i, is*, — unde talvez *Numães* e *Numão*, povoações nossas, como *Lomão* por *Numão!*...

Mumius deu *Mumianus, i, is*, que se encontra em *Miomães*, freguezia do concelho de *Rezende*, pois na minha opinião *Miomães* é metathese *Mumianis?!*...

A bussola é o ouvido.

Tambem *Mumius* deu *Muminius, ii, iis*, que se encontra em *Moumiz*, aldeia nossa.

Monius deu *Monia* (*villa*), unde *Monha*, aldeia nossa tambem.

Por seu turno *Moninus, i, is* — deu *Monim*, que se encontra em *Ponte do Monim*, casal nosso, [1] — *Moninhas, Moninho, Moninhos, Moniza* e *Moniz* — povoações nossas, — e *Moniz*, appellido vulgar pela alta cotação do lendario *Egas Moniz*.

Tambem temos uma freguezia e varias aldeias com o nome de *Mões*, tirado talvez de *Moniis*, patronimico de *Monius, ii* — o mesmo que *Nonius, ii*. [2]

Monius deu tambem *Monilius, ii* — e *Nonius* deu *Nonilius, ii* — unde *Monelhe* e *Nunelhe*, povoações nossas?!...

— Seja tudo pela alma da santa *Dona Mumadona* e do meu bondoso e saudoso amigo *F. Martins Sarmento*.

— Com vista aos srs. *Albano Bellino* e *Abbade de Tagilde*, — meus bons e velhos amigos, distinctos escriptores e benemeritos filhos de *Guimarães*.

* * *

Como estou com as mãos na masssa, direi que *Albano* e *Bellino* foram santos. O nome de s. ex.ª é, pois, formado por dois nomes de santos — e os leitores talvez conheçam algumas das pessoas infra, cujos nomes são formados por *tres nomes de santos*. Eu podia citar muitos — mais de 500 — porque já organisei uma extensa lista d'elles.

---

1 *Monini* deu *Monim*, como *Severinus, i* deu *Severino* e *Severim*. — *Augustinus, i* deu *Agostinho* e *Agostem* por *Agostim*, — *Landelinus, i* deu *Landim* e *Nandim* por *Landim*, etc.

2 Veja-se o topico infra: — *Nomes pessoaes tirados dos adjectivos numeraes*.

Ahi vae uma amostra do panno:

— D. Clementina Rosa Duarte, D. Izabel Perpetua Miquelina, dr. Joaquim Luiz Martha, D. Maria C. Josepha Isidora, D. Felicidade Perpetua Garcia, D. Aurelia Aurora Duarte, D. Maria Rosa Felicia, D. Isaura Urbano Marçal e D. Anna Luiza Margarida Duarte.

Somma e segue.

— Antonio Augusto Pedro, Joaquim Polycarpo Felix, Antonio Manoel Paulo, Manoel Affonso Duarte, Casimiro Bento Pio, dr. Alberto Thomaz David, Francisco José Liborio, *Padre Francisco José Patricio*, distincto orador, escriptor publico, ex-deputado, etc.

Por ultimo citarei um dos homens mais ricos da antiguidade — *Cecilio Claudio Izidoro* — em latim *Caecilius Claudius Isidorus*, romano.

Deixou em testamento aos seus parentes — alem d'outras bagatellas *ejusdem fusfuris* — 4:116 escravos, 3:600 juntas de bois, 157:000 cabeças de gado lanigero e 600:000 arrateis de prata, como diz *Plinio* e se lê no *Diccionario Classico*.

Era mais rico do que eu.

Ao meu bom e velho amigo, rev. sr. *João Gomes d'Oliveira Guimarães*, distincto escriptor publico, excellente pessoa e muito digno abbade de *Tagilde*, apenas direi que *Tagilde*, é uma aferese de *Athanagildi*, patronimico de *Athanagildus, i* — *Athanagildo*, nome gôdo, que tambem deu *Tainde*, *Tangil* e talvez *Agilde*, contracção de *Athanagilde*, povoações nossas.

Tambem temos *Cagil* e *Cagide*, que pódem ser fórmas de *Tagil* e *Tagide* por *Tagilde*, pois *ca, co, cu* — e *ta, to, tu*, confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza, como já disse e provei *claramente, evidentemente,* no primeiro vol. d'esta *Tentativa,* pag. 336.

Athanagildi tambem deu *Athaide, Thaide* e talvez *Cahide* por *Thaide*, povoações nossas?!...

Guimarães veiu claramente de *Vimaranis*, patronimico de *Vimaranus, i*, nome germanico.

Tambem temos *Gomarães* e *Gumirães*, talvez fórmas de *Guimarães* — e pódem ter a mesma etymologia *Gomares* e *Gomariz*, por *Gomarins* (?) — de *Gomarinis,* patronimico de *Gomarinus, i,* o mesmo que *Vimarinus, i,* pois *Vi* ou *Wi* em nomes germanicos deu *gui.*

Cf. *Guilherme*, versão portugueza de *Wilhelm*, nome

germanico, — e *Wiliamirus* ou *Viliamirus*, *i*, nome germanico tambem, que deu *Guilhamil*, *Guilhemil* e *Guilhomil*, povoações nossas.

E talvez que *Vimaranus, i* tivesse tambem a fórma *Vimaredus*, *i*, unde *Guimarei*, povoação nossa. [1]

Vimaranus e *Vimarinus* ou *Vimarenus*, *i*, parecem diminutivos de *Vimarus*, *i*, que por seu turno deu ou podia dar *Vimara* (*villa*, — granja, quinta, ou casa de campo) — hoje *Guimara*, aldeia nossa, — como *Regulus*, nome d'um santo, deu *Regula villa* — hoje a formosa villa da *Regua*.

Os nomes germanicos na passagem para o latim — e do latim para o francez, hespanhol e portuguez — foram barbara e cruelmente deturpados, como já dissémos.

Tomaram por vezes fórmas tão estranhas, que *nem parecem os mesmos!...*

* * *

O sabio allemão *Förstmann* indicou muito pacientemente e muito conscienciosamente, grande parte d'aquellas variadissimas fórmas em uma obra muito interessante, que eu já li e extractei, mas que infelizmente agora não tenho á mão.

Dignou-se emprestar-ma o nosso bom amigo, sr. dr. *Martins Sarmento* e deve encontrar-se na bibliotheca da *Sociedade Martins Sarmento*, em Guimarães.

A *Bibliotheca Municipal do Porto* não possue a dita obra, o que lamento, pois é *indispensavel* para esta ordem d'estudo, mórmente com relação á etymologia *dos muitos nomes das nosssas povoações, tirados de nomes germanicos.*

Alli deve encontrar-se com as suas variantes o dito nome *Wimarus*, *Wilmarus* ou *Vimarus*, — e os seus diminutivos supra — *Vimaranus* e *Vimarinus*, *i*, *is*, que deram *Guimarães*, *Gomarães*, *Gumirães* e talvez *Gomares*, *Gomariz* — e *Guiomar*, nome d'uma santa, etc. [2]

---

[1] Cf. *Ilderedus* e *Wilfredus, i, Afredo*, nomes germanicos.

[2] Nos meus *santoraes* encontram-se *Gumaro*, *Gummaro*, *Ulmaru*, *Vulmaru*, *Wlmaru* e *Wulmaro*, nomes de santos que — na minha opinião são fórmas do mesmo nome, bem como de *Vimarus*, *Wimarus* e *Wilmarus*.

Tambem na minha opinião — *Gumaro*, em latim *Gumarus, i*, podia sem violencia dar *Gumaranus, i, is*, — *Gumarinus, i, is*, — e *Gumiranus, i, is* unde talvez *Gomares, Gomariz, Gomarães* e *Gumirães*, metathese de *Guimarães?!...*

Valha-nos o santo *Förstmann!...*

Ao sr. abbade de *Tagilde*, benemerito filho de *Guimarães*, rogo a fineza de verificar.

Alli deve encontrar-se tambem *Wiliamirus* ou *Viliamirus*, *i*, que deu *Guilhamil*, *Guilhemil* e *Guilhomil*; *Cazimirus*, *i*, que deu talvez *Creixomil*, freguezia de *Guimarães*, — *Casmillo*, *Queixomil* e *Quixomar* por *Quixomiro*, povoações nossas.

A bussola é o ouvido — e os leitores não se espantem, porque a desinencia *mirus*, *i*, dos nomes germanicos na onomastica portugueza deu *mil* e *mar*.

Cf. *Leodomirus*, *i* que deu *Leomil* e *Lomar*; *Theodomirus*, *i*, que deu *Theomil* e *Thomar*; *Gunthimirus*, *i*, que deu *Gondomil*, *Gontomil*, *Candemil*, (terra natal do snr. conselheiro *Antonio Candido*, etc.) — *Candomil*, *Contumil*, *Contumillo* — e *Gondomar?!...*

— E' assim a *arte nova*. Eu sympathiso com ella, mas— *habet dentem coelhi!...*

Prosigamos.

* * *

Na mesma obra do sabio allemão *Förstmann* se deve encontrar *Randulphus*, *i*, que deu *Raul*, *Rendol* e *Rol*, povoações nossas, — *Rendufe* e *Ronfe*, povoações do concelho de *Guimarães*, — e *Rendufinho*, diminutivo de *Rendufe*.

Tambem alli se deve encontrar *Sezinandus* ou *Sizenandus*, *i*, que deu ou podia dar *Senande*, *Sernande* e *Sande*, outra freguezia do concelho de *Guimarães*.

Lá se deve encontrar tambem *Athanagildus*, *i*, que deu *Athaide*, *Thaide*, *Cahide*, *Tugilde*, etc., — e *Veremundus*, *i*, que deu *Bermudo*, nome pessoal, *Bermudes*, patronimico de *Bermudo*, — e *Veremundinus*, *i*, que deu *Vermoil* ou *Vermil* — e *Vermoim*, outra freguezia de *Guimarães* — ou *Gumirães!...*

Lá deve encontrar-se tambem *Segifredus* ou *Sigifredus*, *i*, que deu *Jesufrei*, povo e freguezia do concelho de *Famalicão*, limitrophe e visinho do de *Guimarães*. Supponho que a mencionada freguezia de *Jesufrei* no seculo XIV se denominava *Cigoffrey*.

Refiro-me a um interessante documento da *Collegiada de Guimarães*, publicado pelo snr. abbade de *Tagilde*, sob o n.º 89, na *Revista de Guimarães*, volume XXIII, pag. 17.

No citado documento da *era* 1389 — anno 1351 — a 1.ª testemunha foi *Vaasco Lourenço*, *abbade de Cigoffrey*.

Na minha opinião, pois, *Segifredus* ou *Sigifredus*, *i* — deu *Jesufrei*, *Cigoffrei* e *Guilhofrei*, povoação nossa tambem.

Mas — dirão os leitores — como podia *Sigifredi* dar *Guilhofrei?*

Lá vamos.

Sigifredi sem grande violencia deu *Cigoffrey* por *Sigoffrey*. Por seu turno *Cigoffrey* deu ou podia dar *Guilhofrei*, pois na edade média *ci* e *ki* ou *qui* substituiram-se e confundiram-se na onomastica portugueza.

Cf. *Jeguinte* e *Jeguintes*, povoações nossas, por *Jaguinte* e *Jaguintes*, fórmas de *Jacinthi*, *Jacinthis*, por *Hiacinthi*, *is*, patronimicos de *Jacinthus*, *i*, que se lia *Jakinthus*, *i*, versão do grego — *Hyakinthos* — *Jacyntho*, nome d'um santo, etc.

Jacinthi, *Jacinthis*, que soavam *Jaquinthi*, *Jaquinthis*, deram, pois, sem violencia *Jaguinte*, *Jaguintes*, — *Jeguinte* e *Jeguintes*.

Note-se que *Jacintho*, nome pessoal, vem do grego *hyakintos* — flôr e pedra preciosa; em italiano *Jacinto* e *giacinto*; em catalão *jacint* e *jacinto*; em hespanhol *jacinto*; em francez *hyacinthe* e em portuguez *jacintho*.

Note-se tambem que ainda no seculo XI entre nós, em vez de *Jacintho*, escrevia-se *Jaquinto*.

«... ego *marcela* una cum filliis meis *iaquinto* et *froia* placuit mici... ut faceret tivi afilliata mea *lempede* sicut et facio cartula donationis de omnia ereditate...»

Documento do anno 1043. [1]

Em vulgar: — «Eu *Marcella*, juntamente com os meus filhos *Jacintho* e *Froia* ou *Froila*, [2] muito espontaneamente faço a ti, *Lempeda* (ou *Lampada?*), minha afilhada, doação de toda a herdade...»

Do exposto se vê que *Jacinto* no seculo XI era *Iaquinto* ou *Jaquinto* — e que o termo *afilhada* vem do baixo latim *afilliata*, como *afilhado* de *afilliatus*.

---

[1] *Portugaliae Monumenta — Diplomata et Chartae*, pag. 200, n.º 328.

[2] Este nome foi vulgar na peninsula e deu *Fruela*, *Froilanus*, *i*, *is*, e *Froilaz*, unde *Forjão*, *Forjães*, *Froes* e *Froia*, povoações nossas, — e *Forjaz*, appellido de alta cotação em *Coimbra* no meu bom tempo.

Forjaz é o mesmo que *Froilaz*, patronimico de *Froila* ou *Froia*, que deu tambem *Faroia*, appellido.

Proseguindo com o thema *ci* por *ki* ou *qui*, tambem temos uma povoação com o nome de *Joazim* por *Joacim* — e este por *Joaquim*.

Sarraquinhos por *Sarraquinos* — e este por *Sarracinos* — sarracenos.

— *Serranchinos*, que se lê *Serranquinos*, o mesmo que *Sarraquinos* e *Sarracinos*, supra;

— *Sarrazim* e *Serrazim* por *Sarracim*, o mesmo que *Serraquim*, povoação nossa tambem.

Junte-se ainda:

— *Ancião* e *Anquião*.

— *Cimbres* e *Quimbres*.

— *Cinico* e *Quinico*.

— *Cintas* e *Quintas*.

— *Sintião* e *Quintião* — povoações nossas. [1]

Do exposto se vê que na onomastica portugueza *ci* e *ki* ou *qui* se confundiram e substituiram.

Tambem se confundiram e substituiram *ca* ou *ka*, *ké* ou *qué*, *ki* ou *qui*, *kó* ou *có*, *cu* ou *ku* — e *gá*, *gué*, *gui*, *gó*, *gu*.

Tambem no diapasão castelhano *igo* por vezes corresponde ao portuguez *ilho*.

Cf. o hespanhol *higo* — entre nós *filho* — e *mijo* (lê-se *migo*) — entre nós *milho*, etc.

Note-se que *Portugal* foi um cantão da *Hespanha*.

Cigroffrei podia, pois, dar *Quigofrei*, *Quilhofrei* e *Guilhofrei*.

A escala é: — *Sigifredus* — *Sigifredi* — *Sigofredi* — *Cigoffrey* — *Quigofrei* — *Quilhofrei* — *Guilhofrei ? !* . . .

Para *atêsto do casco* ainda direi que *Sigifredus* — *Sigifrêdo* — tambem deu *Safrêdo*, povoação nossa, — e *Segefredi*, antiga povoação nossa tambem, — o mesmo que *Jesufrei*, *Cigoffrei* e *Guilhofrei*.

Carta de villa segefredi.

Portugaliæ Monumenta — Diplomata et Cartae — n.º 49, *Livro de Mummadona*, — documento do anno 1057.

Valha-nos o *santo Förstamnn!*...

---

1 Junte-se tambem *Recião*, *Reguião*, *Requiães* e *Requião*, povoações nossas, que na minha opinião tomaram o nome de *Riquilanus*, *i*, *is*, diminutivo de *Riquila*, nome germanico pessoal,

Com vista ao meu *atavico successor*,— o snr. dr. *Joaquim da Silveira*, da *Anadia*, ao qual dei os meus *caros verbetes* e o meu *arsenal etymologico*, porque ao tempo *mal o conhecia!*...

* * *

Como bem ou mal expuz, *Guilhofrei* póde vir de *Sigifredus, i*, pela fórma *Cigoffrei*, mas, para descargo de consciencia, ainda ouso propôr uma outra etymologia de tão estranho nome.

Os meus poucos leitores e os mesmos typographos e revisores vão dar ao diabo a cardada!...

— *Guilhofrei* póde vir tambem de *Wilifredi*, patronomico de *Wilifredus, i*, o mesmo que *Walfridus*, *Wilfredus* e *Alfredo*, nomes pessoaes germanicos e nomes de santos.

Wilifredus, i, podia dar *Guilhofrei*, como *Willibaldus, i* deu *Willibaldo*, *Villebaldo* e *Vivaldo*, nomes de santos, — *Vivalvo* por *Vivaldo* — appellido, — *Guilhovai*, povoação nossa — bem como *Guilhoveis* por *Guilhovais*, — de *Willibaldis*, patronomico de *Willibaldus, i.*

Tambem pelo mesmo diapasão *Wilifonsus*, o mesmo que *Ildefonsus*, *Alfonsus e Affonsus, i*, — *Affonso*, nomes de santos, deu *Vilefonso*, antigo nome pessoal, — *Galifonxe*, *Guilhafonce* e *Guilhafonso*, povoações nossas.

Guilifonxi, o mesmo que *Wilifonsi* ou *Vilifonsi* encontra-se em um documento do seculo XIII. [1]

Vilifonso test. — encontra-se no *Portugaliae Monumenta* em um documento do anno 1043. [2]

Ilefonso é nome d'um santo e uma das muitas fórmas de *Ildefonso* e *Affonso*, nos santoraes hespanhoes.

«...gracias a san *Ilefonso*,...» — diz *Covarrubias*, vb. *Leocadia.*

Willifonsus ou *Ildefonsus* deu tambem *Alonso* e *Alifon*, nomes de santos.

A egreja de *Santo Ildefonso* (*Porto*) representa a velha albergaria de *Santo Alifon*, o mesmo que *Santo Ildefonso.*

Tambem temos *Walabonso* e *Valabonso*, antigos nomes pessoaes e nomes de santos, que talvez sejam fórmas de *Valafonso* por *Vilefonso*, o mesmo que *Ildefonso!*...

Note-se que *v.* e *f.* confundiram-se e substituíram-se, — bem como *v.* e *b.* — *i*, e *u.* — *il* e *al*, etc.

---

[1] *Nova Malta*, II, 79.

[2] *Dipl. et Chartae*, pag. 199, n.º 326, — ibi.

Tambem na *Memoria de Leça do Balio*, pag. 85, col. 2ª — em um documento do anno 1021 — se lê... *hereditate que fuit de Domno Vilifonso...*»

Nós tambem temos *Val de Affonso*, aldeia, que talvez seja uma fórma de *Valabonso* ou *Walabonso*, o mesmo que *Affonso?*

Tambem temos *Valdosende*, outra povoação, que podia tomar o nome de *Valle+Zendo*, povoações nossas tambem, — ou antes de *Wildesindus*, *i*, nome germanico pessoal que deu *Adosinda* e *Adosindo*, nomes actuaes, — e *Alduzinda*, povoação nossa, — de *Wildosinda villa* — granja, quinta ou casa de campo de *Wildosindo*, o mesmo que *Aldosindo* e *Adozindo*.

* * *

Guilhofrei póde vir, pois, de *Wilifridus*, *i*, o mesmo que *Walfridus*, *Wilfredus*, *Wilfredo* e *Alfredo*, nomes germanicos e nomes de santos.

Boucrand diz que *Alfredo* vem do teutonico *al* — todo ou muito — e *fred* ou *fried* — paz, repouso, — significando *Alfredo* — homem de genio muito brando, muito doce, — *très paisible*.

Tambem diz que *Alberto* vem do teutonio *all* — todo, inteiramente, muito — e *bert* ou *berth* ou *brecht* [1] — illustre. Significa, pois, *Alberto* — homem *muito illustre*, *muito nobre*.

— Com vista ao meu bom e velho amigo desde os seus mais tenros annos — o snr. *Alberto Velloso de Araujo*, distincto *escriptor agricola*.

* * *

O prefixo d'*Alberto* e d'*Alfredo* é, pois, — segundo *Boucrand*, sabio etymologista francez, — o teutonico *al* ou *all*. Eu concordo, mas, posto que nada sei d'*allemão* e menos ainda do *teutonico* ou *antigo allemão* (?), — supponho que o *al* ou *all* em questão teve as fórmas *il* e *wil*, — *illi* e *wili*, — *ild* e *wild*, — *ildi* e *wildi*, que na passagem para o latim e do latim para o portuguez, por não haver n'estes dois idiomas letra correspondente ao doble *u* ou *v* — *W* — teutonico, germanico ou allemão, — deram entre nós *al*, *val*, *vil*, *gal*, *gual*, *guil*, *gil*, etc.

Assim *Alberto* na minha opinião (muito atrevida é a

---

1 Aqui temos nós a etymologia de *Bertha*, nome pessoal, — e de *Bret*, *Brette*, *Brect* ou *Brecht*, appellidos nossos.

ignorancia!...) — teve a fórma anterior *Walbert* ou *Wilbert*, — unde *Wilbertus*, *Alberto*, *Gilberto* e *Gualberto*, o mesmo que *Alberto*, nomes de santos, etc.

Albert podia ter as fórmas *Walbert* e *Wilbert*, como *Alfredo*, em francez *Alfred*, teve as fórmas *Walfred*, *Walfrid*, *Wilfred* e *Wilfrid* supra.

Tambem *Walbert* deu ou podia dar *Gualberto*, como *Walter* deu *Gualter*, *Gualtar*, *Galtar*, *Baltar*, *Valter*, etc.

Por seu turno *Wilbertus* deu *Wilibertus* e por metathese *Wilibretus*, unde talvez *Wilibredo*, *Guilhabredo* e *Guilhabreu* por *Guilhabredo*, povoação nossa.

A bussola *é o ouvido*.

* * *

Tambem *Wilifredus*, *i*, supra, que deu ou podia dar *Guilhofrei*, como já dissemos, podia tambem dar *Guilhafredo*, *Guilhabredo* e *Guilhabreu* por *Guilhabredo*, pois *f*. *b*. e *v*. confundiram-se e substituiram-se, como logo provaremos.

Note-se que *wi* deu *gui* — e *wili* deu *guilha* e *guilho*.

Cf. *Guilhafonxe*, *Guilhafonce* e *Guilhafonso*, mencionados supra, — fórmas de *Wilifonsus*, *i*, — e *Guilhovai de Wilibaldi*, como já dissemos. — Assim tambem *Wilifredus* ou *Wilibredus*, *i*, podiam dar *Guilhofrei* e *Guilhabreu*.

Tambem *Wiliulphus*, *i*, nome germanico pessoal, — deu *Galhufe* e *Guilhufe*, povoações nossas.

Wiliulphus vem do teutonico *wil* ou *will*, o mesmo que *al* ou *all* supra, — todo, muito — e *hulf* — ajuda, soccorro, — o mesmo que o celta *ulphe* — soccorro tambem, como diz *Boucrand*.[1]

O mesmo suffixo *teutonico* e *celta hulf* ou *ulphe* se encontra em outros muitos nomes germanicos. Taes são *Athaulphus*, *i*, que entre nós deu *Adolpho*, *Adoufe*, *Adufe*, *Dolves*, *Adaufe*, etc., povoações nosaas; — *Riculphos*, *i*, que deu *Regoufe* e *Regufe*, povoações nossas tambem; — *Landulphus*, *i*, que deu *Nandufe* por *Landufe*, aldeia, freguezia e titulo de condado; — *Randulphus*, *i*, que deu *Rendufinho* e *Rendufe*, titulo de viscondado, etc.

* * *

[1] Do exposto se vê ou parece aos profanos ver — que o *celta* e *teutonico* são *irmãos gémeos?!*...

O prefixo de *Riculphus, i*, é o teutonico *rich* ou *reich* [1], — rico, poderoso, que se encontra em outros muitos nomes germanicos. Taes são *Ricardo* (*rich* – rico — e *hard* — ousado), em latim *Ricardus* e no baixo latim *Ricáredus* e *Recarédus, i* — unde *Recarêdo*, nome gôdo, e *Recarei* (*Recaredi villa*), povoação nossa.

Quer, pois, dizer *Recarei* — granja, quinta ou casa de campo de *Recarêdo* ou *Ricardo*.

O mesmo *rich* — poderoso, rico — se encontra como prefixo em *Richmond*, nome germanico pessoal, que em latim deu *Richemondus, i*, unde *Reçamonda, Recamonde, Recamunde, Resamonde, Rica Monte* e *Rocamonde*, povoações nossas.

Tambem *Richmond* pela fórma *Rigmond* ou *Reigmond* talvez désse *Raymundo*, nome d'um santo, — *Reimonda, Reimonde* e *Reimondinho*, povoações nossas. [2]

O suffixo de *Richmond* é o teutonico *mund* — homem. *Raymundo* quer pois dizer *rico homem*.

O mesmo prefixo de *Richmond*, etc., se encontra como *suffixo* em outros muitos nomes germanicos pessoaes. Occorrem-me os seguintes: — *Allarico, Amalarico, Ardarico, Argerico, Ermorico, Frederico, Fromarico, Genserico, Henrique, Honorico, Ilderico, Romarico, Sabarico, Theodorico, Williarico* ou *Viliarico, Viarico*, etc.

Todos estes senhores deviam sér *pessoas ricas, poderosas, importantes*, como dizem os seus nomes, — e todos viveram neste cantão da peninsula, onde *foram proprietarios*.

— Na falta d'outros documentos, assim o provam as nossas muitas quintas e povoações por elles fundadas ou restauradas, pelo que tomaram d'elles os nomes.

Já indicámos algumas, que tomaram o nome de *Allarico, Amalarico, Ardarico, Argerico, Ermorico, Frederico* e *Fromarico*. Vamos agora indicar outras que tomaram o nome dos restantes *fidalgos* supra.

* * *

Genserico, no baixo latim da edade media *Gensericus, Genseriquiz*, não deu o nome a povoação alguma nossa, porque *Genserico* foi rei dos *Vandalos*, — o povo mais ferino e

---

1 Note-se que já em teutonico — *i* deu *ei*, como em portuguez. Veja-se o topico infra: — *Substituição de letras*.

2 Vide *Regulus* e *Richemond* em *Boucrand*.

mais barbaro entre os *barbaros do norte* que invadiram a *Hespanha* no seculo v.

Matavam, incendiavam e destruiam por prazer. Não construiam nem fundavam povoações.

Além d'isso os *Vandalos* foram na sua maior parte para a *Andaluzia*, que tomou d'elles o nome, como já dissemos[1]; — d'alli passsaram para a *Africa* — e da *Africa* para a *Italia*, etc.

Pouco tempo se demoraram n'este cantão da *Lusitania* e n'elle só deixaram luctuosas recordações, pelo que d'elles e particularmente do seu chefe *Genserico* nenhuma das nossas povoações quiz tão detestado nome. Tambem o não encontro no meu *Diccionario General de los pueblos de España* — nem nos meus *santoraes*.

Genserico, em francez *Genséric*, — vem do allemão *ganz* — ganço, ave — e *rich* — rico. *Genserico* significa, pois, — *rei das aves* ou *rico em aves*, como diz *Boucrand*.

Gunderico, no baixo latim *Gundericus*, *Gunderiquiz*—deu *Gondariz*, *Gondoriz*, *Gontariz* por *Gondariz*, *Contriz* por *Contoriz*, — este por *Condoriz* — e este por *Gondoriz*, povoações nossas?!...

O prefixo de *Gunderico* é o teutonico *gund* — guerra, que se encontra em outros muitos nomes germanicos. Taes são os seguintes:

— *Gondebald* — *gund* e *bald* ou *bold* — ousado, corajoso, — unde o inglez *bold*, — o italiano *baldo*, — o anglo saxonico *bald* — e o franco *baldo* e *paldo* — atrevido, ardente, ousado.

Significa, pois, *Gondebaldo* — atrevido, ousado na guerra; — valente capitão.

Um ou mais senhores d'este nome viveram em *Portugal*, pois *Gondebaldo*, em latim *Gondebaldus, i*, com certeza deu *Gondivau* por *Gondibaldo*, — *Gondivão* por *Gondiváo*, — *Gondevae* e *Gondivae* por *Gondibaldi*, — *Gondivinho* por *Gondibaldino* ou *Gondibaldinho*, — e *Gondivenho* por *Gondivinho*, povoações nossas.

Tambem temos *Gondifellos* e *Gondifellinhos* por *Gondivellos* e *Gondivellinhos*, — e estes por *Gondibaldellus* e *Gon-*

---

1 Os *Vandalos* no baixo latim eram denominados *Wandali*, pelo que a *Betica* se denominou *Wandalicia* e *Wandalucia*, unde o castelhano *Andalucía* — em portuguez *Andaluzia*.

dibaldillus ou *Gondibaldinos*, como *Gondivenhos* e *Gondivinhos*, diminutivos de *Gondibaldus?*

Note-se que *v* e *f* se confundiram e substituiram, como logo provaremos á saciedade, pelo que *Gondivellos* e *Gondivellinhos* sem violencia deram ou podiam dar *Gondifellos* e *Gondifellinhos.* [1]

* * *

O mesmo prefixo *gund* se encontra em *Gundisalvus, i, is*, que deu *Gonçala*, *Gonçalinha*, *Gonçalo*, *Gonçalves*, *Gondizalves*, *Gonçalvinho*, *Gonçalvinhos*, — *Gonça* por *Gonçala?* — *Gonce* por *Gonçale?* — *Goncinha* e *Goncinho* por *Gonçalinha* e *Gonçalinho*, — povoações nossas.

Gonçalo é tambem nome d'um santo, natural de *Tagilde*, no aro de *Vizella*, e domiciliado em *Amarante*, onde — com o prestigio do seu nome e da sua grande virtude fundou o magestoso convento de *S. Gonçalo*, nucleo da formosa villa *d'Amarante.*

Com vista ao meu illustrado e muito considerado collega — *João Gomes d'Oliveira Guimarães* — abbade de *Tagilde* supra, — meu bom e velho amigo desde o tempo em que bem ou mal escrevi a continuação do *Portugal antigo e moderno.*

Forneceu-me s. ex.ª *muitos apontamentos* para a dita obra, nomeadamente para os tres artigos *Vizella*, pelo que mais uma vez lhe beijo as mãos agradecido.

Eu já dei a etymologia de *Tagilde*, que na minha opinião é a mesma de *Tangil*, *Athaide*, *Thaide* e talvez *Cahide*, etc., povoações nossas.

Tambem na minha opinião *Amarante* vem de *Amaranthus, i*, nome grego d'um santo, tirado de *amaranthos* — immortal, perpetuo, duradouro, — que não murcha, não envelhece.

Amarantho é, pois, uma synonymia de *Perpetua* e *Perpetuo*, tambem nomes de santos.

V. o *Santoral hespanhol*, de *Barcelona.*

Volvendo ao thema *gund* — guerra, — ainda diremos que elle se encontra como prefixo em *Gunthimirus* por *Gun-*

---

[1] Vide *Gandulphos* infra.
—E' assim a *arte nova!...*

dimirus, *i*, nome germanico pessoal, que deu, como já dissemos *Candemil*, *Candomil*, *Contumil*, *Contumillo*, *Gondomar*, *Gondomil*, *Gontomil*, *Gondar* por *Gondomar*, etc., povoações nossas.

Tambem se encontra como prefixo em *Gundesindus*, *i*, que por seu turno deu *Gondesende*, *Gozandina*, *Gozende*, *Gozendes*, *Gozendinho*, *Gozendo*, *Gozundeira* e talvez *Guizande* por *Gondisande*, povoações nossas.

Junte-se tambem *Gandulphus* por *Gondulphus*, *i*, que deu *Gandufe*, *Gondufe*, *Gondufo*, *Gonfão*, por *Gondufão*, — *Gundufe*, — e *Gunde*, por *Gundufe*, povoações nossas.

Tambem *Gandulphus* e *Gondulphus*, *i*, — pela substituição trivial de *i* e *u* — deram ou podiam dar *Gundifellus* e *Gondifellus*, *i*, unde talvez *Gondifellos* e *Gondifellinhos* supra. E por contracção — *Gandifelli* deu ou podia tambem dar *Ganfei* e *Gavei* por *Gafei*, povoações nossas.

Mas *Gavei* talvez provenha de *Gavedi* por *Gafedi*, — este por *Gafeti* — e este por *Japhethi*, patronimico de *Japhethus*, *i*, latinisação barbara de *Japheth*, nome biblico.

* * *

Note-se que *ja*, *jo*, *ju* pelo diapasão callaico por vezes deram *ga*, *go*, *gu* e *ca*, *co*, *cu*.

Assim temos nós *Malhada* e *Macada* por *Malhada*, o mesmo que *Majada* (sôa *Magada*), nome de varias povoações da *Hespanha*.

Temos tambem *Penamacôr*, o mesmo que *Penamaior*, do latim *Penamajor*, no diapasão callaico *Penamagôr*, quasi *Penamacôr*.

Tambem *Japheth* pela fórma *Japhetus*, *i*, lendo-se *Gaphetus*, *i*, — deu ou podia dar *Gafete*, *Caféde* e *Bem-que-fede* (?!...) — por *Iben* ou *Ben Japheth* (*Gafet* ou *Cafet*) — filho de *Japhet* — povoações nossas.

Veja-se o topico *Iben*, infra.

O mesmo *Japheth* deu ou podia dar *Caféo*, povoação nossa tambem.

A escala seria:

— *Japheth* — *Jafetus* — *Gafetus* — *Cafetus* — *Cafedus* — *Cafédo* — *Caféo?*

Nós tambem temos *Chafé*, aldeia (?!...) — nome estranho, que hoje se lê *Xafé*, mas talvez que outr'ora se lêsse

Café, pois *cha*, *che*, *chi cho* já valeram e ainda hoje em alguns termos nossos valem *ka*, *ke*, *ki*, *ko*. [1]

Em ambos os casos — *Chafé* póde vir tambem de *Japheth*, como *Caféde* — quasi *Café*, supra, — dado que *Chafé* se lêsse *Café*, — e mesmo lendo-se *Xafé*, porque *já* tambem deu *xa* na passagem do castelhano para o portuguez.

Cf. *Xavier* — na Hespanha *Javier*.

Tambem temos *Jarroeira* e *Charoeira* por *Charroeira*, o mesmo que *Jarroeira*, — abundante em *jarros*, — planta bem conhecida.

* * *

«Mas — dirão os leitores — que relação tem a onomastica portugueza com o hebraico?

«Você com a *monomania etymologica* até se lembrou de ir buscar á *Biblia* o pobre *Japheth* para — na falta d'outra melhor — nos dar a etymologia de *Gafete*, *Caféo*, *Cafede*, e *Bem-que-fede*, o mesmo que *fede bem* ou *cheira muito mal!*...

«Effectivamente já fédem bem ou cheiram mal tantos dislates da sua exotica *Tentativa etymologica.*»

Será assim, mas não se espantem os timidos leitores, pois temos na onomastica portugueza *muitos nomes de povoações tirados de nomes hebraicos.*

Isto *é facto*, como logo provarei.

Note-se que os *judeus* ou *hebreus* — povo antiquissimo e nebulosissimo d'alta cotação mundial — abundaram em *Portugal* desde os principios da nossa monarchia, sendo muitos d'elles grandes proprietarios e grandes capitalistas, muito atilados, muito trabalhadores, muito illustrados, muito versados em finanças e negociantes *de grosso trato.*

Por todas estas considerações não faltou quem censurasse nem falta ainda hoje quem censure a barbara expulsão d'elles por *D. Manoel*, em Portugal, e pelos *reis catholicos*, na *Hespanha.*

Os *judeus* abundaram em *Portugal* e na *Peninsula* desde a sua dispersão posterior á morte de *Christo.*

Abundaram mesmo *em tempos muito anteriores* desde a conquista e destruição de *Jerusalem* por *Nabuchodonosor*, rei

---

1 Vejam-se no I. vol., as pag. 303 a 305

ou imperador da *Babylonia*, — muito antes do *nascimento de Christo* — como já li algures

Note-se tambem que os *fenicios*, como diz *Herculano*, — occuparam a maior parte da Peninsula *em tempos anteriores a Homero?!...* [1]

Póde até dizer-se que os *fenicios* foram contemporaneos dos *celtas* e conviveram com elles, pois *Herculano* deu aos *turdulos*, povo antiquissimo da *Hespanha* e da *Lusitania*, o nome de *celto-fenicios*. [2]

Do exposto se vê que os *fenicios* viveram entre nós desde tempos *muito remotos* e, como já dissémos — elles eram amigos inseparaveis, dos *chaldéos* — e uns e outros — eram *judeus!*...

Todos sabem que os arabes, quando invadiram *Portugal* e a *Hespanha* no seculo VIII, traziam comsigo numerosos contingentes dos povos que haviam conquistado, — nomeadamente *egypcios*, *mouros* e *judeus*, — e que muitos d'estes se conservaram em *Portugal* até o fim da reconquista no seculo XIII.

Conservaram-se mesmo depois da reconquista, muitos d'elles em bairros proprios, denominados *mourarias* e *judiarias*.

Do exposto se vê que os *judeus* abundaram na *Peninsula* e em *Portugal* desde tempos *muito remotos*, pelo que não admira que tomassem d'elles o nome varias povoações nossas.

Ahi vae uma lista d'algumas:

Nomes de povoações portuguezas tirados de nomes hebraicos

— *Abraã*, *Abraã Grande*, *Abraã Pequena*, *Abrahão*, *Abram* e *Abrão* – de *Abrahão* nome hebraico, mencionado mais de 150 vezes na *Biblia* com as fórmas *Abraham* e *Abram*.

— *Agares*, duas aldeias.

---

1 Veja-se o I vol., pag. 63, etc.
2 Vol. I, pag. 107.

De *Agar*, nome biblico, — ou de *Agarenis*, patronimico de *Agarenus*, *i*, — filho ou descendente de *Agar*.

— *A Hus* — ou *Logar de Hus*, — aldeia.

De *Hus*, nome biblico pessoal e geographico.

— *Assares* e *Assarias*.

De *Azarias*, nome hebraico, mencionado na *Biblia* mais de 50 vezes e que no diapasão hespanhol deu *Assarias*, na falta do *z* sibilante.

— *Balthazar*... quinta, etc.

De *Balthasar*, nome hebreu, mencionado na *Biblia* 17 vezes.

— *Barrabás* e *Barrabeis* — differentes povoações.

De *Barrabbas*, nome biblico.

Barrabeis é plural de *Barrabás*.

— *Belchior* — aldeia, casal, quinta, etc.

De *Belchior* ou *Melchior*, nome hebraico?

— *Esther*, *Esther de Baixo*, *Esther de Cima* e *Parada de Esther*.

De *Esther*, nome hebraico, mencionado na *Biblia* 34 vezes.

— *Ezequiel*, *Ezequiel de Baixo* e *Ezequiel de Cima*.

De *Ezechiel*, nome hebraico, mencionado na *Biblia* 5 vezes.

Gabrieis, *Gabriel*, *Gabriella* e *Gabriellas*, — differentes povoações nossas.

De *Gabriel*, nome hebraico, mencionado na *Biblia* 4 vezes.

— *Golias* — casal nosso.

De *Goliathas?*, nome hebraico, patronimico de *Goliath*, mencionado na *Biblia* 8 vezes.

Gove, aldeia e freguezia, — e *Jouve* — aldeia.

De *Job*, nome hebraico, mencionado na *Biblia* cento e tantas vezes.

— *Joaves* — aldeia nossa.

De *Joab*, nome hebraico, mencionado na *Biblia* mais de 100 vezes.

— *Jagaz*, povoação nossa.

De *Joachaz*, nome hebraico, mencionado na *Biblia* 24 vezes.

— *Jacob* — casal, quinta, etc.

De *Jacob*, nome hebraico, mencionada na *Biblia* mais de 300 vezes?!...

— Tambem temos *Gajove*, quinta, — metathese de *Ja-*

gove por *Jacobe*, — de *Jacobi* patronimico de *Jacobus*, *i*, latinisação do hebraico, *Iácob* — *Jacob*.

Somma e segue.

Jaca e *Jadão* por *Jagão* — povoações nossas.

De *Jacan*, nome hebraico, mencionado na *Biblia* duas vezes — e mais uma com a fórma *Jachan*.

— *Joaquim*..., — *Joazim* por *Joacim*, antiga fórma de *Joaquim*, — e *Joarim* por *Joasim*, o mesmo que *Joacim* por *Joazim*, povoações nossas.

De *Joachin*, nome hebreu, que tambem teve as fórmas *Joacim* e *Joakim*, mencionado na *Biblia* 11 vezes.

— *Jalles*, appellido, — e

— *Alfarella de Jalles*, povoação nossa.

— De *Jalelis*, patronimico de *Jalelus*, *i*, barbara latinisação de *Jalel*, contracção de *Jalaleel*, nomes hebraicos mencionados na *Biblia*, — bem como *Jala* — *Jaleleel* — e *Jalelitae* — *Jalelitas*, o mesmo que *Jalles*, tribu formada pela familia supra.

De passagem diremos que as nossas povoações denominadas *Alfarella*, *Alfarella de Jalles* e *Alfarellos*, aldeia, freguezia e estação do caminho de ferro do *Norte*, de *Torres* e da *Figueira*, — tomaram o nome do castelhano *alfarero* — oleiro, fabricante de louça.

O mesmo *alfarero* na Hespanha deu *alfareria* — olaria, fabrica de louça, como diz *Valdez*. [1]

A *Hespanha* não tem *Alfarella* nem *Alfarellos*, — *Alfarera* nem *Alfareros*, — mas tem *Alfar*, *Alfara*, *Alfarda*, por *Alfara*? — *Alfaro* e *Alfarerias*!...

*
* *

Volvendo ás nossas povoações que tomaram o nome de *nomes hebraicos*, ainda mencionaremos mais algumas. Taes são:

— *Judas*, *Judeu*, *Judia* e *Judias*, — casas, quintas, etc.

De *Juda* o mesmo que *Judas*, nome hebraico, mencionado na *Biblia* mais de mil vezes.

Do mesmo *Juda* ou *Judas* tomou o nome a *Judéa*, em la-

---

1 Com vista ao rev. parocho *d'Alfarellos* e a todos quantos d'ora ávante passarem na linda estação dos *alfareros* ou *Alfarellos*.

tim *Judaea*, mencionada na *Biblia* mais de 100 vezes, — e da *Judêa* tomaram o nome os *judêus*, mencionados na *Biblia* mais de 400 vezes, como póde verificar-se na *Concordancia Biblica*, obra interessante, — *que estou medindo a compasso ?!...*

Jericó — aldeia, e talvez *gerico*, *jumento*.

De *Jerichó*, cidade da *Palestina*, mencionada na *Biblia* mais de 70 vezes.

— *Jordana*, 3 casaes, — *Jordão*, aldeia, casal, quinta e appellido de alta cotação, — e *Jordões* — aldeia.

De *Jordão*, rio da *Palestina*, mencionado na *Biblia* mais de 150 vezes.

— *Jerusalem do Romêu* — grande quinta de *Traz-os-Montes*, nos concelhos de *Mirandella* e *Macedo de Cavalleiros*. [1]

De *Jerosolyma*, o mesmo que *Jerusalem*, nome hebraico da cidade santa, capital da *Palestina*, mencionada na *Biblia* mais de 900 vezes?!...

— *Romêu* é o mesmo que *Romano* e *Romão*, nomes de santos, tirados de *Roma*, como *Romã*, *Romaneira*, *Romeira*, *Romeiral*, *Romeirão*, *Romeiras*, *Romeirinhas*, *Romeiro*, *Romeiros*, *Romezal*, o mesmo que *Remesal*, contracção e deturpação de *romanzeiral*, bosque de *romanzeiras*, o mesmo que *Romeiral* e *Romeiras* supra, povoações nossas.

Junte-se *Rominha* e *Romirinho* (o mesmo que *Romeirinha* e *Romeirinho*) — povoações nossas tambem.

— *Matheus* — casal, quinta, freguezia, etc.

De *Matheus*, em latim *Mathaeus*, nome hebraico d'um *Evangelista*, mencionado na *Biblia* 5 vezes.

Matheus é o mesmo que *Mathias* e *Mathathias*, nomes hebraicos mencionados tambem na *Biblia* e tirados do hebreu *mathanáh* — dom — e *Iah-Senhor*. Significam, pois, — *dom do Senhor* ou *dom de Deus*, como diz *Boucrand*.

Matheus foi tambem nome d'um santo.

— *Mathias* — nome d'um santo, casal, etc.

V. *Matheus*.

— *Macabio* — aldeia nossa.

---

[1] A mencionada quinta é a maior que temos ao norte do nosso paiz! Tem cerca de 80 kilometros de circumferencia e é atravessada pela via ferrea do *Tua* a *Mirandella* e *Bragança*, que muito a valorisou, pois deu-lhe *tres estações!...*

Pertence ao sr. *Clemente Joaquim da Fonseca Meneres*, grande industrial e negociante do *Porto*, actualmente grande capitalista e grande proprietario, morador em *Villa Nova de Gaya*.

E' talvez uma fórma de *Machabêu*, nome hebraico, mencionado na *Biblia* 31 vezes.

Este nome vem do hebreu *mecabbeh* — que extingue, — de *cabah* — ser extincto, — cognome bem apropriado a *Judas Machabêu*, filho de *Mathathias*, por haver acabado com as dissenções internas dos judeus.

* * *

— *Magdalena* (o povo diz *Madanéla*), — nome de varias povoações nossas, — e *Magdalenas*, quinta, herdade, etc.

De *Magdalena*, nome d'uma santa, etc., tirado de *Magdalena*, cognome hebraico de *Santa Maria Magdalena*, mencionada na *Biblia* muitas vezes assim, por ser natural ou filha de *Magdalum* ou *Magdala*, povoação da *Palestina*, mencionada tambem na *Biblia* 4 vezes.

Magdalum é a fórma latina de *Mighdalom*, povoação da *Galilêa*, — nome que tomou de *Mighdhal* — torre.

V. *Boucrand*.

Tambem temos *Madanelo* por *Magdaleno*, — casal.

— *Manaças* — casal nosso.

De *Manasses*, nome hebraico, mencionado na *Biblia* mais de 140 vezes.

Manasses, vulgo *Manassé*, vem do hebreu *Manasche*, — nome feito de *naschah* — elle esqueceu, — e este de *neschiah* — olvido, esquecimento.

— *Manuel*, nome d'um santo e de varias povoações nossas, — casaes, quintas, etc.

De *Emmanuel*, nome hebreu, mencionado na *Biblia* 3 vezes e composto de 3 elementos hebraicos. São elles — *im* — com, — *nou* — nós — e *El* — Deus. Significa, pois, *Manuel* — *Deus comnôsco*.

— *Migueis*, *Miguel*, *Misquel* (?) e *S. Miguel* — varias povoações nossas, — e *Michaëlis* appellido.

De *Mikael*, nome hebraico, mencionado na *Biblia* 15 vezes.

Este nome vem do hebreu *maskal* — semelhança [1] — e *El* — *Deus*. Miguel significa, pois, — *semelhante a Deus*, como diz *Boucrand*.

---

[1] *Maskal* e *Misquel* supra, aldeia nossa, — parecem irmãos gemeos?!....

Mikael deu em latim *Michael, elis*, unde *Michaëlis*, ap-apellido allemão da sr.ª *D. Carolina Michaëlis Vasconcellos*, distincta escriptora nossa, doutora em *phylologia* pela Universidade de *Leipzig*, socia da *Academia Real das Sciencias* de Lisboa e do *Instituto de Coimbra*, etc.

Michaëlis é o mesmo que *Migueis* appellido nosso, tirado egualmente de *Michael, elis* — Miguel.

Tambem *Michael* deu *Michaela*, nome d'uma santa, etc., como *Gabriel* deu *Gabriela*, *Manuel* deu *Manuela* — e *Raphael* deu *Raphaela*.

Por seu turno *Michaela* deu *Michaelina*, unde *Michelina*, vulgo *Miquelina*, tambem santa.

Suffixo hebraico El — Deus

Este suffixo de *Manuel* e *Miguel* encontra-se em outros muitos nomes hebraicos.

Ahi vae uma lista curiosa d'alguns, mencionados *todos* na *Concordancia Biblica*, d'onde pacientemente os tirei.

Faço esta declaração para não me expôr a censuras, pois muitos d'elles parecem fórmas do mesmo nome, provenientes talvez de *lapsos dos copistas?!...*

—*Abdeel; Abdiel; Abiel; Abimael; Adiel; Aharehel; Ariel; Asael; Asahel; Asiel; Asrael; Asriel; Azael; Azahel* e *Azarreel?!...*

— *Bathuel; Beseleel; Daniel; Esriel; Ezechiel; Ezriel; Gabriel; Ismael; Ismiel; Israel; Jalaleel; Jeriel; Jôel; Manuel* (—*Emmanuel*); *Mathusael; Michael* (*Miguel*); *Misael; Nathanael; Oziel; Raphael; Samuel; Suriel; Uriel* e *Zabdiel?!...*

Todos estes nomes foram por mim tirados da *Concordancia Biblica* e alguns d'elles se encontram mais ou menos deturpados na onomastica portugueza.

— *Abdeel* — por exemplo — deu ou podia dar *Abdeella villa* e por contracção *Adela*, aldeia nossa, mesmo porque não é de suppôr que uma *adela* ou *adeleira* désse o nome a uma *aldeia!...*

— *Abdiel* ou *Abiel* podiam dar *Abdiela* e *Abiela villa* — quasi *Viella*, nome de duas aldeias e uma quinta nossas, pois nos campos não ha *viellas*. — E por metathese *Abiela* podia tambem dar *Abeila*, herdade nossa, e *Alviella*, rio, etc.

— *Azael* podia dar *Azaela villa* — granja, quinta ou casa de campo de *Azael*.

Por seu turno *Azaela* deu ou podia dar *Azela*, *Azella* e *Azelha*, aldeia nossa, pois no diapasão callaico *Azella* sôa *Azelha* ou antes *Asselha*.

O *z* sibillante é nosso.

* * *

— *Bathuel* podia dar *Batel*, aldeia nossa, dado que alli não haja *rio* ou *ribeiro navegavel*.

Dicant paduani.

Os leitores não se espantem, pois no concelho de *Taboaço* conheço eu muito bem a villa de *Barcos*, que tambem já foi concelho e por certo *não tomou o nome dos barcos*, pois demora em sitio alto, fragoso e secco, onde não ha rio, ribeiro, lago nem lagôa.

Barcos póde ser contracção de *Buarcos*, villa do concelho actual da *Figueira*, districto de *Coimbra*.

Por seu turno *Buarcos* póde ser contracção de *Bularcos*, fórma latina de *Bularque*, nome grego d'um afamado pintor, etc., — nome tirado do grego *boulé* — conselhó — e *archê* — mando, governo. [1]

V. *Bularque* em *Boucrand* e note-se que os gregos occuparam em tempos muito remotos grande parte do nosso paiz, como já dissemos.

Barcos póde vir tambem do germanico ou teutonico *barco* (sic) — o mesmo que *bork* e *vark* — pôrco ?!...

Vide *Porcia* em *Boucrand*.

Note-se que a villa de *Barcos* demora nas abas da serra do *Sabroso*, que ainda ha pouco tempo abundava em lobos e javalis — *porcos bravos*.

Tambem desde tempos muito remotos devia abundar em *porcos mansos*, *domesticados*, pois demora, como dissemos, nas abas da serra do *Sabroso*, o mesmo que *Sobroso*, povoação nossa tambem.

---

[1] Com vista ao sr. dr. *Joaquim da Silveira*, da *Anadia*, actualmente notario e advogado em *Alcanena*, — meu *atavico successor*, *depositario (?...)* dos meus caros *verbetes* e do meu *arsenal etymologico*, — o amigo *mais falso e mais ingrato* que neste mundo encontrei!

— *Talis arbor — talis fructus?!...*

Vejam-se as pag. 37 e 40 supra — e *Joaquim da Silveira* no indice da *1.ª parte*.

Alli — nos meus caros verbetes, que s. ex.ª *muito astutamente me empolgou*, — deve encontrar-se outra etymologia de *Buarcos*.

Por seu turno *Sobroso* é contracção de *sobreiroso*, chão abundante em *sobreiros*, arvores que dão *bolotas*, bom alimento dos porcos.

Ainda actualmente no *Alemtejo* se alimentam *milhares* e *milhares* de porcos com as *boletas* e *bolotas* dos sobreiros e azinheiras.

O mesmo devia succeder na *Beira*, nomeadamente nos concelhos de *Barcos* e *Taboaço*, pois abundavam alli os sobreiros, como está dizendo o nome da serra de *Barcos* — ou dos *bacoros?* — a serra do *Sabroso* ou *Sobroso*.

Abundaram tambem as ditas arvores em outros pontos da mesma região, como provam os grandes sobreiros que pompeavam na villa de *Tavora*, concelho de *Taboaço*, ainda no tempo em que eu alli fui parocho — 1861 a 1864.

Foram vendidos e arrancados posteriormente, mas ainda hoje lá se vê e admira o tronco — *só o tronco* — d'um sobreiro que foi incendiado pelos rapazes e tem 5 a 6 metros de circumferencia?!...

Deve contar, pois, — *mais de mil annos*, porque os sobreiros são muito duradouros, como todos sabem, mas é *muito moroso* o seu desenvolvimento.

* * *

Abundaram tambem desde tempos muito remotos na provincia da *Beira*, nomeadamente no concelho de *Taboaço*, os *castanheiros*, como provam alguns que ainda hoje se vêem com espanto naquella provincia.

Avulta entre elles um que está na quinta da *Boa Vista*, junto de *Moimenta da Beira*, — quinta que foi do sr. *José de Lemos de Napoles Manoel*, do *Sarzedo*, e é hoje do seu genro, o sr. dr. *Ovidio Alpoim*.

O tal castanheiro é o maior da provincia! — Tem cerca de 15 metros de circumferencia no tronco; — ainda está pomposo e forte, — produz muitas castanhas — e promette longa duração!...

No santuario dos *Remedios (Lamego)* ainda hoje se admira o tronco d'um castanheiro, que foi derrubado por um tufão. Apenas poupou o tronco. Tem este cerca de 10 metros de circumferencia e 5 a 6 d'altura, — afóra a sua ramagem, que é bastante alta e ainda produz castanhas.

Está muito vigoroso, — é tratado *com todo o carinho* pela administração do formoso santuario — *honra lhe seja!* — e ainda póde durar *seculos!*...

Agora o

Castanheiro do Salvado

Na freguezia de *Samodães*, terra natal e nobre solar do snr. conde d'este titulo, no aro de *Lamego*, pompeou a jusante da matriz, no chão do *Salvado*, um castanheiro que foi talvez o maior da provincia no seu tempo e que do mencionado chão, onde esteve, tomou o nome de *Castanheiro de Salvado*.

Dizem-me que eram necessarios 8 homens para abarcarem o tronco do tal castanheiro, mas já não existe.

Foi arrancado e cortado, aproximadamente em 1840, por *Antonio Teixeira de Carvalho*, — vulgo o *Teixeirinha de Samodães*, quando fez o palacete ou *casa da Fonte*, que é hoje do dito sr. conde.

No tal palacete empregou talvez mais de *cem carros* de madeira, que tirou do magestoso castanheiro, comprehendendo *traves*, *barrotes*, *caibros*, *taboas*, *ripas*, etc.

Volvendo a *Barcos* e *Taboaço*, não posso deixar de mencionar os muitos *soutos de castanheiros* que no seculo XV pertenciam ao grande, enorme passal de *Tavora*, que se estendia por *Chavães*, *Paradella*, *Nagosa*, etc.

V. as paginas 458 a 480 do *1.º vol.* onde publiquei textualmente o *tombo* d'aquella abbadia, organisado no anno de 1496.

Houve effectivamente em *Tavora*, concelho de *Taboaço*, grandes soutos de castanheiros desde tempos muito remotos, comprehendendo exemplares soberbos, magestosos!

Ainda no meu tempo lá se via com assombro na quinta de *Passa Frio* — ou antes *Paço Frio* — o tronco — *só o tronco* — d'um castanheiro já muito carcomido, que estava servindo de choupana ou cabana e tinha talvez mais de 15 metros de circumferencia.

A mencionada quinta pertenceu ao sr. dr. *Manoel de Barros Nobre*, meu saudoso amigo da *velha guarda*—ou desde o nosso bom tempo de Coimbra — 1851 a 1856 — até que falleceu no Porto em 1907, sendo alli desembargador da Relação.

A tal quinta demora na *serra* do *Calfão*, metathese de *Falcão*, — a montante de *Tavora*, — em sitio alto e frio, pelo que se denominou *Passa Frio*, deturpação de *Paço Frio*. E tomou talvez este nome d'um velho casarão, de que hoje apenas resta um montão de pedras e 4 columnas de granito sem apparelho algum, que ainda lá se vêem na dita serra

bem aprumadas e até hoje conservadas, como por *milagre?!...*

Tambem lá se vêem ainda hoje — 5 sepulturas *cavadas na rocha*, — sepulturas antiquissimas, talvez *prehistoricas!...* — e fragmentos de ceramica de grande espessura.

Tambem lá appareceram duas mós de granito, de *moinhos de mão*, — mós que hoje pódem vêr-se na casa que foi do sr. dr. *Barros Nobre*, em *Tavora*.

Tambem junto da mencionada quinta de *Paço Frio* pompêam as ruinas do *Castello do Calfão*, ainda muito visiveis, que pertenceram ao mesmo sr. *Barros Nobre*.

* * *

O dito castello foi talvez anterior á nossa monarchia — e junto das ruinas d'elle estão as ruinas da capella de *Nossa Senhora do Calfão*, tambem *antiquissima!...* [1]

Tem, pois, muito merecimento archeologico a mencionada quinta e é muito digna de ser visitada e estudada pelos archeologos, posto que demora em sitio alto, agreste e frio.

Tinha tambem muito merecimento archeologico o magestoso castanheiro mencionado supra, — *talvez contemporaneo das taes velharias?!...*

Quando volver a *Tavora* serei mais explicito e fallarei d'outras velharias não menos interessantes d'aquella região.

Do exposto se vê que desde tempos muito remotos abundaram na *Beira* e no concelho de *Taboaço* os castanheiros.

A mesma onomastica evidentemente o prova, pois *Taboaço* é a fórma portugueza de *Tablazo*, povoação hespanhola de *Oviedo*, que tomou o nome do latim *tabula* — taboa ou madeira para taboas.

Tablazo (*Taboaço*) quer, pois, dizer — *souto de castanheiros* — ou região *abundante em castanheiros*, pois — tanto em *Portugal*, como na *Hespanha* — desde os tempos mais remotos *até hoje* [2] — a madeira melhor, mais vulgar e mais estimada para taboas era a dos *castanheiros*.

* * *

---

[1] Vide *Tavora* no *Portugal antigo e moderno*, vol. IX, paginas 515 a 520 — e *Tavora* no indice do 1.º vol. d'esta *Tentativa*.

[2] Digo *até hoje*, porque os castanheiros estão muito doentes. Tendem a desapparecer e muito provavelmente serão substituidos pelos *eucalyptos*.

Nós temos varias povoações — ao todo mais de 300 — que tomaram o nome dos *castanheiros*. Taes são:

Castaide por *Castanide*, — este por *Castanido* — e este por *Castanedo*, que deu *Castêdo* e *Castendo*, povoações nossas.

Castainça e *Castainço* — por *Castaniça* e *Castaniço*.

— *Castanha*, *Castanhaes*, *Castanhal*, *Castanheira*, *Castanheiro e Castanho*, contracção de *Castanheiro*, como *sobro* é contracção de *sobreiro* e *pinho* de pinheiro, etc.

Castêdo e *Castendo*, mencionados supra.

— *Casteição* por *Castanição*, augmentativo de *castaniço*, que se encontra em *Castainço*.

Castinçal por *Castaniçal*, etc.

Todos estes nomes foram tirados do latim *castanea* — castanha, fructo dos castanheiros, pelo que já em latim puro *castanea* designou tambem o *castanheiro*.

Tambem *tabula* — taboa, a madeira dos castanheiros *por excellencia*, — deu o nome a varias povoações nossas. Taes são:

Tabaçô por *Taboaçô*, diminutivo de *Taboaço*.

— *Tabelladas* por *Tabladas*, o mesmo que *tabuladas* e *taboadas*.

A fórma *Tabelladas* é uma reminiscencia da occupação hespanhola, pois na *Hespanha* em vez de *taboa* dizem *tabla*, unde *Tabla*, *Tablada*, *Tabladiello*, *Tabladillo*, *Tablado*, *Tablante*, *Tablares* (unde *Tavares*, povoação nossa); *Tablas* e *Tablazo* (cá está elle!..); *Tablero* (o mesmo que *Taboeiro*, — unde *Taveira* e *Taveiro!...*); *Tabliega*, *Tablizo*, *Tablones* (*taboões?*); *Taboada*, *Taboadela*, *Taboadelo*, *Taboazas*, *Tabuenca*, *Tabuyo*, *Tabuyuelo*, etc., povoações da *Hespanha*.

Nós tambem temos *Tablado*, *Taboa*, *Taboaça*, *Taboaças*, *Taboaço* (cá está elle!...); — *Taboadella*, *Taboadello*, *Taboado*, *Taboas*, *Taboeira* (unde *Taveira*, appellido nosso); *Taboeirinha*, que podia dar *Taveirinha*; — *Taboeiro*, o mesmo que *Tablero* supra — e *Taveiro*, infra.

Junte-se *Taboinho* por *Taboadinho?* — *Tabolado*, *Taboleda*, *Taboleiros*, *Taboneira* por *Taboleira?* — *Taborda* por *Tabarola?* — *Taborda* ou *Taborella* (quasi *Taborola* — e *Taborella* ou *Taborda* (sic) — povoações nossas, mencionadas na *Chorographia Moderna*, — obra que mais uma vez recommendo aos meus poucos leitores.

Junte-se ainda:

Tabosa por *Tabulosa* e — *Taburreira* — por *Taboreira*, o mesmo que *Taboneira* por *Taboleira* supra, — e *Tamboreira*,

quinta e sitio proximos de *Lamego*, que ainda hoje abundam em *castanheiros?!...*

— *Tavares* por *Tablares* supra, o mesmo que *Taboares*. Em Portuguez commum nós temos *prégos caibraes* e *prégos taboares* — prégos proprios para *caibros* e prégos proprios para *taboas*.

— *Taveira* e *Taveiro* por *Tablera* e *Tablero*, o mesmo que *Taboeira* e *Taboeiro* por *taboleira e taboleiro*, supra.

Finalmente, junte-se *Tavora*, rio e villa, que tomaram o nome de *tabula*, como *Taboa*, povoação nossa, — *Tabla* e *Tavaras*, na Hespanha.

* * *

Tavora pelas suas antigas fórmas *Tabora, Tabara* e *Tavara*, assim como deu *Taborella* e *Tavarella*, tambem deu ou podia dar *tabarola* e *taborola*.

Cf. *Casa*, *Casella* e *Casarollas*, plural de *casarolla ; Quinta*, *Quintella*, *Quintola* e *quintarola ; Moreiró* por *Moreirola*, — *Nogueiró* por *Nogueirola*, — *Figueiró* e *Figueirôa* por *Figueirola*, etc.

Veja-se o topico infra: «Diminutivos com a desinencia *olus, ola*».

Por seu turno *Tabarola* deu ou podia dar *Taborda*, povoação e appellido, como já dissems e como os leitores vão ver.

Pelas leis da *arte nova* a escala seria — *Tabarola* — *Taborla* — Taborda? — pois *l* e *d* confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza.

Cf. *Odivellas* por *Olivellas* — oliveirinhas.

— *Pena Julia*, *Penajuleia* e *Penajudeia* por *Penajuleia*, antigas fórmas da minha *Penajoia*, — como *Penajuia* por *Pena Julia*.[1]

Heziodo, *Egidio* e *Gil* — de *Egilii* por *Egidii?*

Heziodo é nome grego; — *Egidio* é nome d'um santo e o mesmo que *Heziodo ;* — *Gil* é o mesmo que *Egidio*, tambem nome d'um santo e de varias povoações nossas. Taes são:

— *Gil*, casal, quinta, etc. — *Gil Aires*, *Gil Bogão*, *Gil Moleiro*, *Gil Vaz* [2], *Gila*, *Gilbarbedo*, *Gilboé*, *Gilvaia*, *Gilvaz*, *Frei Gil*, *S. Gil* e *S. Frei Gil*, povoações nossas.

---

1 V. *Penajoia e Penajulia* no indice da *1.ª parte* d'estes meus *dislates*.

2 D'este ou d'outro mata-mouros *Gil Vaz* procede o nosso termo *gilvaz* — grande ferida, grande cutilada.

Se bem me recordo, os *Dialogos* de *Christovam Rebello de Macedo* mencionam um fidalgo de *Beja*, por nome *Gil Vaz*, que decepou a cabeça d'um touro *com um golpe d'espada!...*

Tambem temos *Portadeiros*, *Portaleiro* e *Portaneiros*, o mesmo que *portageiros*, cobradores dos direitos de portagem.

Tambem temos *Sobralinho*, *Sobradinho* e *Sobrainho*, fórmas do mesmo nome e diminutivos de *Sobral*, o mesmo que *Soveral* por *Sobreiral*.

Junte-se *Calorno*, aldeia, por *cadorno* ou *codorno*, — e *Cogorno*, appellido.

— *Daffões* e *Lafões*.

— *Deirão* ou *Leirão* — e *Leirão* ou *Deirão*.

— *Dobeira* e *Lobeira*.

— *Dobrigo*, *Lobrigos* e *Lobrigo* (*Casal de Lobrigo*):

— *Dordelinho* e *Lordellinho*.

— *Doroso* e *Lorósos*, plural de *Loroso*.

— *Duro* e *Luro*, povoações nossas.

Tambem temos *Odysseia* por *Ulysseia*.? — *nalga* por *nadega*; *adejar* por *alejar*, — e o provincianismo *leixar* por *deixar*, etc.

Tambem na *Hespanha* a fórma popular de *Cadiz* — é *Calix*. [1]

A substituição de *l* e *d* já vem do tempo dos romanos.

Cf. *peculium* por *pecudium* — de *pecus*, *cudis* — gado.

Confundiram-se tambem *d* e *g*, — *d* e *n*, — *d* e *f*, — *d* e *m*, — *d* e *r*, — *d* e *t*, — *d* e *v*, — *d* e *s*, — *d* e *z*, etc.

Tambem o *d* algumas vezes cahia e sumia-se; — outras vezes inesperadamente *surgia* ou *surdia*.

Foi letra muito falsa, muito caprichosa; o *r*, porém, não lhe ficou a dever nada?!...

Veja-se o topico infra — *Substituição de letras*.

Do exposto se vê que *Tabarola* deu ou podia dar *Taborla* e *Taborda*.

A bussola *é o ouvido* — e é assim a *arte nova*.

* * *

Volvendo á etymologia de *Barcos*, villa alcandorada na serra do *Sabroso*, em chão alto, secco e pedragoso, — sem rio, ribeiro ou lago navegaveis, — com certeza *Barcos*, como já dissémos, — não tomou o nome dos bateis, barcas nem bar-

---

[1] E no antigo castelhano diziam *melecina melecinamiento* e *melecinar* por *medecina*, *medicamento* e *medicinar*.

V. *Covarrubias* e *Valdez*.

cos, mas talvez do teutonico *barco* — pôrco, — vocabulo trazido talvez lá do norte pelos *povos germanicos* que habitaram a peninsula e *Portugal* 300 annos, — desde o seculo v até o seculo viii.

Tambem o teutonico *barco* — pôrco podia dar o portuguez *bacoro*, synonimo de *pôrco*.

Note-se que o povo não diz *bacoro*, mas *bacro* ou *baquero*. Por seu turno *barco* deu ou podia dar tambem *bacro*, *baquero* e *bacoro*, — methatese menos violenta, do que outras muitas da onomastica portugueza, como *Esnoga* por *Synagoga*, etc.

Barcos póde, pois, vir directamente do teutonico *barcos* — porcos ou do portuguez *bacoros*, quasi *Barcos*, tambem porcos.

A villa de *Barcos* na minha opinião quer, pois, dizer *villa dos bacoros* ou dos pórcos?!...

Julgo esta etymologia muito acceitavel, — já porque a glottologia não se oppõe, — já porque o terreno da villa de *Barcos* era muito proprio para a industria, alimentação e creação dos *bacoros ou pórcos*, pois, como já dissemos, a villa demora na serra do *Sabroso*, — monte *sobreiroso*, abundante em *sobreiros* e *bolotas*, magnifica alimentação para os *pórcos*.

Abundaram tambem n'aquella região os *castanheiros* — desde tempos *muito remotos*, como já dissemos, e abundaram por consequencia tambem as *castanhas*, magnifico alimento para os *pórcos*, — alimento superior ás *bolotas*.

Talvez que até *in illo tempore*, quando os *sobreiros* e os *castanheiros* formavam naquella região *soutos compactos*, trouxessem bandos de pórcos, pastando ao ar livre e comendo as *castanhas* e as *bolotas*, como ainda hoje pastam nos montados do *Alemtejo*, comendo as bolotas e as boletas dos *sobreiros* e *azinheiras*. Assim pastavam nesta provincia da *Beira*, nas cercanias de *Lamego*, ainda no seculo xvi, comendo as castanhas dos soutos, como diz o conego tercenario *Ruy Fernandes* na sua interessante *Descripção do terreno em volta de Lamego duas leguas*, tantas vezes por nós citada. [1]

Note-se que na região da *Beira*, onde está a villa de *Barcos*, não menos talvez do que em *Lamego*, abundaram os *castanheiros*, como já dissemos, e assim o prova a onomastica.

---

1 A dita *memoria* foi escripta em 1532 e publicada nos *Inéditos de Historia portugueza*. E' a ultima do volume V,

Aos nomes de *Taboaço*, *Tavora*, villa, e *Tavora*, rio, já citados, — junte-se *Tabosa* — o mesmo que *Tabulosa* ou *Soutosa*, freguezia do concelho de *Sernancelhe* — *Souto* e *Castainço* — *castaniço*, *castanheiro* — freguezias do concelho de *Penedono*; — *Soutello* e *Castanheiro*, freguezias do concelho da *Pesqueira*, — concelhos limitrophes do de *Taboaço*, metendo-se de permeio apenas o *Tavora* — rio dos *castanheiros* ou das *taboas*? !...

Na minha opinião, pois, a villa de *Barcos* tomou o nome dos *bacoros* — pórcos.

Desculpem a franqueza os filhos da mencionada villa, entre os quaes tenho parentes; mas *rien n'est beau que le vrai.*

Dos *bacoros* tomaram tambem o nome outras povoações nossas. Taes são: — *Bacora*, *Bacoreira*, *Bacoreira de Baixo*, *Bacoreira de Cima*, *Bacoro* e *Bacorinho.*

Dos mesmos *bacoros* tomaram talvez tambem o nome certos *figos do Douro*, chamados *bacorinhos*, pois, sendo muito pequenos, *são muito saborosos!...*

O mesmo se dá com os *bacorinhos* ou *leitões*, pórcos ainda de leite e pequeninos, mas que, sendo cozinhados, como na *Beira* e *Traz os Montes* se cozinham, — *são deliciosos!...*

Appello para os leitores que já por alli andassem e os saboreasssem, como eu saboreei *muitas vezes.*

Os taes *bacorinhos* ou *leitões* — occupam rol distincto entre os *mais saborosos pratos portuguezes.*

* * *

Ainda a proposito de *Barcos*, dos *bacoros* e dos *bacorinhos* ou *leitões*, direi que *Leitão* é appellido nobre e antigo — e muito vulgar em *Taboaço*, villa proxima de *Barcos* — a villa dos *bacoros*, onde devia haver muitos *leitões* ou *bacorinhos* — e talvez provenham de *Barcos* os *Leitões* de *Taboaço.*

Honny soit qui mal y pense.

O appellido *Leitão* foi tambem antigo em *Barcos*, pois em carta que á ultima hora recebi do meu bom e velho amigo — snr. *Joaquim Ferreira de Macedo Pinto*, de *Taboaço*, diz s. ex.ª textualmente o seguinte:

«Não sei que actualmente em *Barcos* haja familias com o appellido *Leitão.*

«Aqui em *Taboaço* houve um *Leitão* nos principios do seculo XIX que foi escrivão do *juizado de fóra* e depois advo-

gado por provisão, cujos filhos e netos v... muito bem conheceu, — familia numerosa que tende a extinguir-se.

«Entre os meus ascendentes houve um, por nome *Simão de Mattos Leitão*, que foi meu 3.º ou 4.º avô, mas não continuou na familia aquelle appellido.

«Actualmente não conheço em *Barcos Leitão* algum. Se os houve — já são *Pórcos*...

« *Taboaço*, 26 de Maio de 1908.

« *Joaquim Ferreira de Macedo Pinto.* »

Do exposto se vê que em *Barcos*, a villa dos *bacoros*, ainda no seculo XVII havia *Leitões*.

Digo no seculo XVII, porque o snr. *Joaquim Ferreira de Macedo Pinto* nasceu em 4 de Março de 1820. — Já conta cerca de 86 annos e era o mais novo dos seus oito irmãos, todos já fallecidos. [1] O mais velho foi o snr. dr. *Bernardino de Senna Macedo Pinto*, que nasceu approximadamente em 1804, pelo que o seu 3.º ou 4.º avô *Simão de Mattos Leitão* devia viver nos fins do seculo XVI e talvez nos principios do seculo XVII.

Ao snr. *Joaquim Ferreira de Macedo Pinto* agradeço penhorado o seu favor, que juntarei aos muitos — *muitissimos!*... — de que lhe sou devedor, bem como a minha familia toda, pois, como s. ex.ª já me disse *duas vezes*: — *as relações d'amizade entre as nossas familias já véem do tempo de nossos avós?!*...

Devem, pois, datar do meado do seculo XVIII e contam por consequencia hoje — *principios de 1909* — mais de *cento e cincoenta annos* talvez?!...

Isto não é vulgar e muito me honra, porque se dá com a amizade o mesmo que se dá com o vinho do *Porto*. — O mais antigo é o melhor.

Além d'isso a familia *Macedo Pinto* é ha muitos annos absolutamente a mais rica do concelho de *Taboaço* — e uma das mais ricas e mais consideradas no *Douro todo!*...

Ainda hoje — apesar da medonha crise duriense — a fortuna do snr. *Joaquim Ferreira de Macedo Pinto* é avaliada

---

[1] Avultaram entre elles o snr. *Visconde de Macedo Pinto* e o snr. conselheiro *José Ferreira de Macedo Pinto* — lente da *Universidade* e auctor da *Medicina legal*, etc.

V. no *Portugal antigo e moderno* o art. *Miragaya*, vol. 5.º, pag. 269; *Sendim*, vol. 9.º, pag. 103; *Taboaço*, no mesmo vol., pag. 471, — e *Vicente* (S.) vol. 10.º, pag. 518.

em mais de *seiscentos contos de reis*, — sendo a maior parte d'ella *em dinheiro* — e com pronunciada tendencia *para alta*, porque é *muito bem administrada* por s. ex.ª e seu filho — o snr. dr. *Victor José de Deus Macedo Pinto* — já casado e com successão — e excellente pessoa tambem.

Qui viget in foliis venit e radicibus humor — ou *tal a arvore — tal o fructo, — tal o pae — tal o filho!...* [1]

Elles vivem *esplendidamente*, *faustosamente*, mas capitalisam muito, porque não viajam nem dão banquetes nem bailes e, tendo uma grande fortuna, — têem o bom senso de viverem *na sua terra natal* — a mimosa e formosa villa de *Taboaço*, onde a vida é muito mais barata do que no *Porto* ou em *Lisboa* — e já *Cicero* dizia: — *antes primeiro na aldeia, do que segundo em Roma,*

Elles vão repetidas vezes ao *Porto*, a *Coimbra* e a *Lisboa*, onde têem parentes proximos e passam parte do anno, mas a sua residencia habitual é a mimosa villa de *Taboaço*, onde são *os reis da terra.*

Desculpem ss. ex.ªs estas linhas, que por certo os incommodam e violentam a sua grande modestia, mas devo-lhes *a maxima gratidão* e não posso d'outra maneira significar-lha.

Desculpem.

Cada qual dá o que tem!...

* * *

Volvendo á *graciosa* etymologia de *Barcos*, ainda direi que, assim como dos *bacoros* tomaram o nome a villa de *Barcos* e outras povoações indicadas supra, tambem os *pórcos*, synonimia de *bacoros*, deram o nome a varias povoações. Taes são as seguintes:

---

1 Pela mesma lei de physiologia contrasta com ss. ex.ªs *como a vida com a morte* ou *como a luz com as trevas* o meu *atavico (?!...)* successor—dr. *Joaquim da Silveira,* da *Anadia,* actuatmente notario e advogado em *Alcanena.*

E' o amigo *mais falso, que n'este mundo encontrei,* ao qual tão generosamente *como tolamente* dei o meu *arsenal etymologico*—cerca de 80 kilos de verbetes, fructo do meu trabalho insano de 10 a 12 annos, — além de muitos livros *raros e caros,* — o que tudo ha 20 annos eu não daria por *tres contos de reis!...*

Vejam-se as pag. 37, 40, 53 e 68 supra.

Salve-se quem puder, pois é um axioma popular: — *Cesteiro que faz um cesto faz um cento, tendo verga e tempo?!...*

Porca, *Porcalho*, *Porcalhota*, *Porcão*, *Porcariça*, *Pocariça*, o mesmo que *Porcariça?* — *Porcariço*, *Porcas*, *Porcel*, *Porcelhe*, *Porches*, *Porcimo*, talvez fórma de *Porcino* — *Porco*, *Porqueira*, *Porqueiras*, *Porqueiros* e *Porquinhas*, — ao todo mais de 30 povoações nossas.

Junte-se *Progo*, aldeia, casal, quinta, etc., que póde vir de *proculus*, methatese do latim *porculus* — porquinho, leitão, *bacoro*, diminutivo de *porcus* — porco.

O mesmo *porculus* — porquinho — ou *proculus* — nascido durante a peregrinação do pae — ou nascido de paes avançados em edade [1] — deram ou podiam tambem dar *Prochoro*, *Proclo*, *Proculo* e *Procoro*, nomes de santos e talvez fórmas do mesmo nome!...

Tambem o latim *porcus*, *i* — pôrco, deu *Porcii*, Porcios, familia romana, — *Porcia*, *Porciana*, *Porciano*, *Porcilia*, *Porcilio*, *Porcinia*, *Porcinio*, *Porcino* e *Porcio*, nomes pessoaes e appellidos.

— *Porciano* foi santo.

— *Porches*, supra, — vem de *Porciis*, patronimico de *Porcius*, *ii* — *Porcio*, — ou de *Porcii* — ou *Porcios*, familia romana.

— *Porcel* e *Porcelhe* supra — pódem vir do latim *porcellus*, *i* — o mesmo que *porculus*, *i* — porquinho, leitão, bacoro.

Tambem *Porcelhe* póde vir de *Porcilius*, *ii* — *Porcilio*, diminutivo de *Porcio*, como *Porcinio* e *Porcino* supra.

— *Porqueira* vem do latim *porcarius*, *a*, *um* — coisa de porco, — o mesmo que *porcinus*, *a um*, que talvez desse *Porcimo* ou *Porcino*, povoação mencionada supra.

Tambem o latim *sus*, *suis*, — o mesmo que *porcus* e *porca* — o porco e a porca — deram *suarius*, *ii*, — o porqueiro ou negociante de porcos, — unde *Soeiro*, o mesmo que *suarius*, *porqueiro*, appellido nosso, — bem como *Soares* por *suariis*, patronimico de *suarius*, *ii*.

Soares, appellido nobre e antigo, quer pois dizer — filho do *Soeiro* ou do *porqueiro?!...*

Por seu turno *Soares* e *Soeiro*, appellidos, deram *Soares*, *Soeira*, *Soeiro* e talvez *Soirinho* por *Soeirinho*, — *Souralva* e *Souralvo* por *Soiralva* e *Soiralvo* — de *Soeiro Alvo*, — *Soure* por *Soire*, contracção de *Soerii* por *Soarii*, — *Sourinho* por *Soirinho* supra, o mesmo que *Soeirinho*, — *Souro Pires* por

---

[1] Veja-se o *Magnum Lexicon* latino.

Soiro Pires, o mesmo que *Soeiro Pires* — *Soeiro filho de Pedro*, — *Sueira*, *Sueiro* e *Sueiros*, povoações nossas.

O mesmo *sus*, *suis* — o pôrco e a porca — em latim puro deu *suile*, *is* — o chiqueiro, pocilga, cortêlho ou curral de porcos, unde talvez *Sil* por *suil*, povoação nossa.

Tambem *caprile*, *is* — o curral de cabras, deu *Cabril* e *Cabral*, differentes povoações nossas, — *Cabris*, plural de *Cabril*, — e *Cabrins* por *Cabris*, em *Barcelona* — *Cabrils*.

Tambem temos *Cabria* e *Cabrial*, por *Cabra*, *Cabril* e *Cabral*, — reminiscencia da occupação hespanhola, pois *Cabria* é tambem uma povoação de *Palencia*, o mesmo talvez que *Valencia*, na *Hespanha*,—e em *Portugal* – *Valença*.

Desculpem os nossos bons visinhos o bater-lhes á porta, pois já é tempo de acordarem e de investigarem tambem a etymologia das suas povoações.

* * *

A proposito: — *Bivar*, appellido nosso, foi importado de *Vivar*, povoação da *Hespanha*; mas qual a etymologia de *Vivar*? — Na minha opinião é *Vivaldus*, *i* — *Vivaldo*, antigo nome d'um santo, etc.

Cf. *Bernardo* e *Bernaldo*, — *Bernardino* e *Bernaldim*, o mesmo que *Bernardino*, *Gerardo*, *Geraldo*, *Giraldo* e *Giral*, o mesmo que *Giraldo*, etc. Mas deixemos em paz a *Hespanha*.

— *Cabril* e *Cabral* são fórmas do mesmo nome, como já dissemos, pois na onomastica portugueza confundiram-se e substituiram as desinencias *il* e *al*.

Cf. *Barril* e *Barral* — muitas povoações nossas, que tomaram o nome do *barro*.

Aroil e *Aroal*, contracção de *aroeiral*, bosque ou matta *d'aroeiras* ou de *lentisco*.

— *Bezerral* e *Bizarril* por *bezerril* — dos *bezerros*.

— *Barrocal* e *Marroquil* por *barroquil*, o mesmo que *Barrocal*.

Somma e segue

— *Malhadil* e *Malhadal*.
— *Mouril* e *Moural*.
— *Cabanil* e *Cabanal*.
— *Carril* e *Carral*.
— *Carvoil* e *Carvoal*.
— *Fail* e *Faial*.
— *Fétil* e *Fétal*.

— *Landril* e *Landal* por *Landral* — das *landras*, bolotas?

— *Louril*, *Loural* e *Louriçal* — bosque ou matta de *loureiros*.

— *Ouril* e *Oural*.

— *Outil* por *Outeiril* — e *Outeiral*.

— *Ovil*, *O Bevial* e *Ovial*—de *ovile, is*—curral de ovelhas.

— *Pasmil* e *Pasmal?!...*

De *Cazimirus, i* — *Cazimiro*, nome d'um santo, que deu *Casmillo* e podia tambem dar *Casmil*. Por seu turno *Casmil* deu ou podia dar *Pasmil* e *Pasmal*, pois *ca*, *co*, *cu*, e *pa*, *po*, *pu*, confundiram-se e substituiram-se.

Veja-se o topico infra — *Substituição de letras*.

* * *

Junte-se ainda:

— *Passil* e *Passal*.

— *Resomil*, *Remesal* e *Romezal*, contracção de *romanzeiral*, bosque ou matta de *romanzeiras*.

— *Resomil* é metathese de *Romezil*, o mesmo que *Remesal* e *Romezal!...*

— *Touril*, *Taural* e *Toural*, etc., povoações nossas.

Do exposto se vê que são fórmas do mesmo nome *Cabril* e *Cabral*, como já dissemos.

Com vista ao meu bom e velho amigo *Antonio Moreira Cabral*, negociante de vidros, bastante illustrado e *muito amante de livros!...*

E' natural da freguezia de *Cette*, concelho de *Paredes*, mas vive desde a infancia no *Porto*, na *rua das Flôres*, pelo que vulgarmente o denominam *Cabral das Flôres*.

E' uma excellente pessoa e tem uma das melhores livrarias particulares do *Porto*, comprehendendo muitas obras *raras e caras* — e ao todo mais de *sete mil volumes*.

Adora *Camões*, pelo que foi um dos fundadores da *Sociedade Camoneana do Porto* — e tem uma luxuosa e preciosa *camoneana*, avaliada em 800 a 900 mil reis?!...

Comprehende centos d'exemplares dos *Luziadas* e d'outras obras de *Camões* em todas as linguas da *Europa*, incluindo o idioma *polaco* e excluindo o *russo*.

Elle adora *Camões*, porque tambem cultiva e ama a poesia, como provam as duas quadras seguintes, que fez e publicou em 22 d'Outubro de 1903, dia do seu anniversario natalicio.

Eil-as:

O Meu Nascimento

Em Cêtte, aldêa formosa,
Setenta annos hoje faz
Que, uma Mãe carinhosa,
Ao mundo deu um rapaz;

Que depois do Sacramento,
Que dizemos baptismal,
«Antonio» lá reza o assento,
E, de appellido «Cabral».

Porto, 22 de Outubro de 1903.

A. Moreira Cabral.

Nasceu, pois, o meu bom e velho amigo snr. *Antonio Moreira Cabral*, no dia 22 d'Outubro de 1833, na sua *formosa aldeia de Cêtte*, — e eu nasci na mimosa e muito vistosa aldeia da *Corvaceira*, freguezia da *Penajoia*, concelho de *Lamego*, — mesmo em frente da estação actual do *Molledo*, — no dia 14 de Novembro de 1832. [1]

Somos portanto quasi da mesma edade. A differença é d'um anno e 23 dias — em favor d'elle.

Ambos já transpozemos a bella casa dos 70 e muito provavelmente n'ella deixaremos *a ossada!*...

* * *

Volvendo ao thema latino *sus*, *suis* — o porco ou a porca — ainda diremos que tambem deu *suillus*, *a*, *um* e *suinus*, *a*, *um*, — coisa de porco ou de porca, unde talvez *Suimo* por *Suino* supra, — *Suino* e *Suina*, dois lindos nomes pessoaes e *nomes de santos*.

Suino e *Suina* são synonimos de *Porcia*, *Porcio*, *Porcia-*

---

1 V. *Corvaceira*, *Miragaya* e *Penajoia*, no *Portugal antigo e moderno*, — e *Corvaceira*, no indice do I vol. d'esta *Tentativa*.

na, *Porciano*, *Porcilia*, *Porcilio*, *Porcinia*, *Porcinio*, *Porcina* e *Porcino* supra e pertencem á classe dos nomes tirados das *féras*,— como *Tigre*, *Lobo*, *Leão*, *Urso*, *Ursicio*, *Ursino*, *Ursisceno*, *Ursula*, *Leocadia*, *Leocricia* ou *Leocrisia*, [1] *Leonardo*, etc., nomes de santos!...

Junte-se *Tigides* ou *Tigrides*, *Tigridia* e *Tigrio*, tambem nomes de santos, tirados de *Tigris*, *is* ou *idis*—o *Tigre*, féra, rio e nome d'um santo.

Leocadia, *Leocrisia*, *Leonilla*, *Leonardo*, *Leoncia*, *Leoncio*, *Leonides*, *Leopardo*, *Leobardo*, o mesmo que *Leopardo*, *Leopoldo* e *Pantaleão*, nomes de santos, foram tirados todos do latim *leo*, *onis* — o leão, féra que deu *Leão*, tambem nome pessoal, nome d'um santo e de *treze Papas* ou *pontifices romanos*.

Por seu turno *leo*, *onis* veiu do grego *leon*, *leontos*, [2] cuja raiz, segundo se lê em *Boucrand*, é *lis* — leão.

O hebreu *lâbi* — leão é um termo formado do velho hebreu *lábáh*, onomatopeia do grito do *leão*.

O hebreu *laisch*, tambem nome do *leão*, foi tirado do verbo *lisch* — elle tem sido forte.

O grego *léón* passou para todas as linguas occidentaes.

Em hebreu teve as fórmas *lábi*, *lébieh* e *laisch*; em egypcio *labo*; em copta *laboi*; em arabe *liis* ou *lejs* e *lebouah*; em allemão — *löwe*; em teutonico *leon*; em inglez e francez *lion*; em anglo-saxão — *lio* e *leon*; em hollandez *leeu* e *leeuw*; em sueco *leion*; em dinamarquez *loeve*; em polaco e bohemio *lew*; em islandico *leo*; em baixo bretão *leou*; em italiano *leone* e *lione*; em basco *leoina*; em belga *leew*; em russo *léw*; em castelhano *leon* — e em portuguez *leão*. [3]

Leocadia — vem do grego *léon* — leão — e *kados* — barril, cantaro, balde, celha, como diz *Boucrand*.

Por seu turno *Leocadia* deu *Locaia* e *Val de Locaia*, povoações nossas.

Leonardo — em allemão *Leonhard* — vem do teutonico

---

[1] *Leocrisia* foi santa e auctorisa a fórma *Leocrisio*, em latim *Leocrisius*, *ii*, *iis*, — unde *Lucriz*, povoação nossa,—e talvez *Criz* por *Lucriz* (o *Criz?*)—rio da *Beira Alta?*

— E' assim a *arte nova!*...

[2] *Leontos* deu *Leonte*, sitio historico da serra do *Gerez*. Passava em *Leonte* a estrada romana da *Geira* e ainda ha pouco alli se viam tombados alguns *marcos milliares* d'ella.

[3] — V. *Léon*, em *Boucrand*.

leon — leão — e *hard* — corajoso. *Leonardo,* quer, pois, dizer — *valente* e *ousado como um leão.*

O mesmo suffixo *hard* se encontra em muitos nomes germanicos, taes são: *Bernardo,* o mesmo que *Berardo,* — de *beér* — urso — e *hard* — ousado.

— *Ricardo* — em allemão *Richard* — de *rich* — rico — e *hard* — ousado, valente.

Richard em latim deu *Ricardus* e no baixo latim da edade media *Ricáredus, Ricarédus* e *Recaredus, i,* unde *Recarêdo,* nome d'um rei gôdo, — e *Recarei,* povoação, — de *Recaredi villa* — granja, quinta ou casa de campo de *Recarédo* ou de *Ricardo.*

* * *

Leonides é o mesmo que *Leonidio* e *Leonidas,* nome grego d'um rei de *Sparta,* cidade que deu o nome ao *esparto,* planta.

Leonides ou *Leonidas* quer dizer — *filho de leão* ou nascido de leão ou que *tem sangue de leão!*

Devia ser mais valente do que eu!...

Leobaldo, Leopardo e *Leopoldo* são fórmas do mesmo nome, em francez *Léobald* e *Léopold* — em latim *Leobaldus, Leopaldus* e *Leopoldus, i,* — do teutonico *leon* — leão, — e *bald,* o mesmo que *bold* e *hard* supra, — corajoso, valente, ousado.

O mesmo suffixo germanico *bald* se encontra em *Gondebald,* nome composto do teutonico *gund,* o mesmo que *ger* — guerra — e *bald.* — Significa, pois, *Gondebaldo* — o mesmo que *Gerard* — *Gerardo, Geraldo, Giral* e *Giraldo* — valente, ousado e corajoso na guerra. [1]

Gondebald em latim deu *Gondebaldus, i* — unde *Gondevae, Gondivae, Gondivau* por *Gondibaldo* — e *Gondivão* por *Gondiváo,* o mesmc que *Gondivau,* povoações nossas.

Al deu *au* supra, como *Arnaldus* — *Arnaldo,* nome d'um santo, deu *Arnau, Arnaud* e *Arnaut,* appellidos nossos, o

---

[1] *Gerardo, Geraldo* e *Giraldo* foram santos.

A fórma *Giral* por *Giraldo* é antiga e encontra-se em *Giral Paes,* povoação nossa.

Giraldo deu *Giral,* como *Vivaldo* deu *Vivar* por *Vival,* povoação da Hespanha, e *Bivar,* appellido nosso.

mesmo que *Arnaud* e *Arnould*, nomes francezes, tirados de *Renaud* e *Renould* — e estes de *rein* — puro, claro, fino, astuto, como diz *Boucrand*.

Tambem *Theodobaldus, i* — *Theodobaldo*, nome germanico, entre nós deu *Theobaldo* e *Theobardo*, nomes de santos, — *Theobalde*, *Tibalde* e *Tibaldinho*, povoações nossas, — *Tibaldo*, *Tibau*, *Tibeau* e *Tovar*, appellidos.

Assim como *Vivaldus* na Hespanha deu *Vivar*, nome de duas povoações, e entre nós *Bivar*, appellido, — tambem *Theodobaldus*, o mesmo que *Theodobardus*, na Hespanha deu varias povoações com os nomes de *Tebar*, *Tobar*, *Tobarra*, *Tobaruela*, *Tobera*, *Tovals*, *Tovar*, etc., — unde *Tovar*, appellido portuguez nobre e antigo.

Cf. *Thibaut* e *Tibault*, nomes francezes, o mesmo que *Théobalde*, *Théodebald* e *Theudibald*.

Este nome vem do teutonico *theod* — povo, nação; chefe, principe; — e *bald* ou *bold* — ousado, corajoso. *Theodobaldo* significa, pois, — chefe valente, corajoso.

* * *

Volvendo a *Barcos* e aos *bacoros*, *pórcos*, *suinos*, *Soares* e *Soeiros*, porqueiros, negociantes de pórcos, ainda mencionarei um vocabulo portuguez da mesma familia, que prende com a nossa onomastica. — E' elle *varrão*, o mesmo que *berrão* por *verrão* (o povo diz *borrão*) — porco inteiro — do latim *verres*, *is* — idem, que já no latim deu *Verres*, appellido de *Caio Verres*, cidadão romano, etc.

O mesmo *verres*, *is* talvez désse *Verride*, povoação nossa, bem como *Berredo* por *Verredo*, o mesmo que *Verride* por *Verrido*, pois na onomastica portugueza as desinencias *ida*, *ide*, *ido*, *êda*, *êde* e *êdo*, por vezes se confundiram e substituiram, como logo provaremos no topico — *Desinencias onomasticas*.

Mas *Berredo* e *Berredos*, povoações nossas, talvez provenham do portuguez popular *berredo*, o mesmo que *berraria* e *berreiro* — de *berrar*, dar *berros*, gritar; — *urrar*, *bramir*, *roncar*, termos onomasticos da *voz das feras*.

Cf. *Berraria*, povoação nossa, que tomou claramente o nome do portuguez *berraria*, o mesmo que *berreiro*.

A' mesma familia pertencem talvez *Urra*, *Urró*, *Urró*, *Urrós* e *Urros*, povoações nossas, — e *Pedra Curra* (pedra que urra) — sitio proximo de *S. Cosmado*, terra natal do sr.

dr. *Francisco Gomes Teixeira*, mathematico distinctissimo, lente e director da *Academia Polytechnica do Porto*, etc.

A tal *Pedra Curra* bem merece o nome, porque demora em sitio alto e desabrigado, muito batido pelo vento e tem um buraco ou abertura natural que *brame*, quando sopra vento forte. [1]

Junte-se *Ronca, Ronca de Baixo, Ronca de Cima, Roncanito, Roncão, Roncão de Baixo, Roncão de Cima, Roncão d'El-Rei, Roncão do Meio, Roncas, Ronco, Ronco de Baixo* (?!...), *Ronco de Cima, Roncões, Ronqueira, Ronqueiras* [2], — *Ronquilha* e *Ronquinha*, fórmas do mesmo nome talvez, pois na onomastica portugueza *lh* e *nh* confundiram-se e substituiram-se, como *l* e *n*.

Veja-se o topico infra — *Lh* e *Nh*, — topico *muito curioso* e muito interessante para esta ordem de estudo!...

* * *

Berredo e *Berredos* tambem pódem ser fórmas de *Barredo* e *Barredos*, povoações nossas, que tomaram o nome do *barro*, como *Barraes, Barral, Barredo*, bairro do *Porto*, — *Barrosa, Barroso, Barril* por *Barral*, etc.

Junte-se finalmente *Olival dos Borrões*, sitio da *Villariça*, em *Traz-os-Montes*, que tomou claramente o nome dos *borrões*, por *barrões* ou *varrões*, *berrões* ou *verrões* — porços inteiros.

Note-se que no dito *Olival dos Borrões* ainda hoje se encontram *porcos de pedra*, toscamente desenhados e gravados em alto relevo nas fragas ou rochas, imitando a lendaria *porca de Murça*, — o porco ou porca em que assenta o pelourinho de *Bragança* — e outros porcos ou porcas *de pedra*, que ainda hoje se encontram na mesma provincia trasmontana, — talvez reminiscencia d'algum povo que por alli estanciasse e adorasse os *porcos*, como deuses?!...

Varrão, porco inteiro, virá do latim *verres*, idem, mas *Varro, onis* — *Varrão*, — já se encontra em latim puro, como

---

[1] Para atêsto da pipa, junte-se — *Orreiro* e *Orroş*, o mesmo que *Urreiro* e *Urros*, povoações nossas, — bem como *Reiro* e *Reiros*, talvez aferese de *Orreiro* e *Orreiros*?!...

— A bussola é o ouvido.

[2] Temos tambem *Ronceiras*, casal, antiga fórma de *Ronqueiras*.

Veja-se o topico infra: — *Substituição de letras*.

appellido de *Marco Terencio Varrão,* doutissimo escriptor, etc.

O dito *Olival dos Borrões* pertence, pois, á longa série das nossas terras e povoações que tomaram o nome dos *porcos*, como *Bacora*, *Bacoreira*, *Bacorinho*, *Bacoro* e *Barcos* — dos *bacoros*, synonimia de *porcos*.

Junte-se ainda *Moita das Porcas*, *Val da Porca*, *Val de Porcas*, *Val de Porco* e *Val do Porco*, *Val do Porquinho*, *Horta do Porxes*, *Corta Porcas* — por *Corte das Porcas?* — *Cabeça de Porco* e *Cabeça do Porco*, etc. — povoações nossas.

Ad ridendum, por ultimo direi que o nome do papa *Sergio IV* — era *Pedro Bocca de Porco?!...*

Tambem do portuguez *pocilga*, o mesmo que *pocilgo* — curral de *pórcos*, — e de *pocilgão* — grande pocilga ou pocilgo, — tomaram o nome *Possijal*, o mesmo que *pocigal* e *pocilgal?*, — *Possilgaes*, *Possilgão*, *Possilgões* e *Pexilgaes*, o mesmo que *Possilgaes?* — povoações nossas.

Rira bien qui rira le dernier ?!...

Junte-se *Barrão*, quinta nossa, — o mesmo que *Varrão*, *berrão*, *verrão* e *borrão*, supra.

Tambem temos *Javali*, — aldeia, que tomou o nome de *javali* — porco montez, porco bravo.

Por seu turno *javali* — provém do arabe *jabali* — e este de *jabolon* — serra, monte.

Nós tambem temos *varrasco*, — o povo diz *barrasco* e *berrasco*, — o mesmo que *varrão*, *berrão*, *verrão* e *borrão* supra, — porco inteiro, *não castrado*. E na minha opinião *barrasco* ou *verrasco* por methatese deu — *Rabasca*, *Rabasco*, *Rabasqueira*, *Ravasco*, *Ravasqueira* e *Ravasquinha*, contracção de *ravasqueirinha*, povoações nossas.

Ellas têem muita affinidade glottologica — é certo — com as nossas povoações — ao todo mais de 20 — que tomaram o nome das *rabaças*, ervas. Taes são:

— *Rabaça*, *Rabaçal*, *Rabaças*, *Rabaceira*, *Rabaceiro*, *Rabacinha*, *Rabacinas*, o mesmo que *Rabacinhas*, — *Rabaçosa*, etc. Mas na minha opinião a série anterior não tomou, como esta, o nome das *rabaças* mas dos *barrascos* ou *varrascos* — pórcos inteiros, como já disse, — e por ultimo direi que os pórcos *gostam muito das rabaças!...*

Desculpem os meus poucos leitores *tantos dislates* (?) a proposito de *Bathuel*, dos bateis e de *Batel*, — de *Barcos* e dos *bacoros*, *bacorinhos* ou *Leitões*, — *Soares* e *Soeiro* ou *porqueiro*, — pórcos bravos e mansos, castrados e não castra-

dos ou *varrões*, *verrões*, *berrões*, *borrões*, *barrascos* ou *varrascos* — *Rabascos*, *Ravascos*, etc.

Só por si este longo topico me dá entrada franca — não em um *instituto* ou *academia*, mas em um *manicomio!...*

Desculpem a vaidade e prosigamos.

*
* *

Volvendo ao topico supra: — Suffixo hebraico *El* — *Deus*, — já mencionámos muitos nomes em que elle se encontra — e muitas povoações nossas que tomaram d'elles o nome.

Junte-se *Daniel*, nome hebraico, mencionado na Biblia muitas vezes e que apenas deu *Daniel*, nome d'um santo, e *Daniella*, nome de mulher, mas não de santa.

Este nome é composto do hebraico *dan* — juiz — e *El* por *Eloah* — *Deus*.

— *Ezechiel* ou *Ezequiel*, nome hebraico, deu tambem *Ezechiel*, nome d'um santo e 3 quintas nossas.

Este nome é composto do hebraico *chezek* — força — e *El* — *Deus*.

Significa, pois, — *força de Deus*.

— *Gabriel* — tambem nome d'um santo e de varias povoações nossas, como já dissemos.

Este nome vem do hebraico *gibor* — forte — e este de *gebouráh* — força — e *El* — Deus. Significa, pois, tambem *força de Deus*, como *Ezechiel*, supra; mas *Gabriel* póde vir tambem do hebraico *geber* — homem — e *El* — *Deus*, como diz *Boucrand*.

Tambem *Gabriel* deu *Gabriella*, nome pessoal, mas não de santa, como *Daniel* deu *Daniella* e *Raphael* deu *Raphaella*.

— *Ismael* — nome hebraico, deu *Ismaél*, nome d'um santo, etc.

Este nome é composto do hebrêu *schamah* — ouvir, attender, — e *El* — *Deus*. Significa, pois, *Ismael* — *Deus o attendeu, o ouviu*.

Ismael, filho d'*Abrahão* e de *Agar*, foi o progenitor dos *arabes*, pelo que estes se denominaram *ismaelitas* e *agarenos*.

— *Israél*, cognome hebraico de *Jacob*, deu *Israél*, nome d'um santo, etc., — bem como tambem deu o nome de *israelistas* aos judeus.

Israél vem do hebreu *sárah* — *elle combateu* — e *El* — *Deus*. Significa, pois, — *combatente de Deus*.

Tambem póde vir do hebreu *iasar* — ser justo, recto, — e *El* — *Deus*, — significando *justiça de Deus*.

Vide *Boucrand*.

Israel no latim deu *Israel*, *Israélis*, unde talvez *Israeléis*, o mesmo que *Israelitas*, — e *Serreléis*, povoação nossa, metathese e deturpação de *Israeléis*.

A escala podia ser *Israel* — *Israélis* — *Israeléis*, — *Esraeléis* — *Esreléis* — *Serreléis?*

Fiat lux.

— De *Jalaleel*, *élis*, nome hebraico, talvez provenha *Jalles*, povoação nossa, como já dissemos.

A escala seria: — *Jalaleel* — *Jalaleélis* — *Jalélis* — *Jalles?*

A bussola é o ouvido.

— *Joel* deu *Joel e Zoel*, nomes de santos, — e *Juhel*, appellido nosso.

Quanto a *Manuel* e *Miguel*, — já dissemos o bastante.

— *Raphael* deu *Raphael*, nome d'um santo, — e *Raphaela*, nome de mulher, mas não de santa, — *Raphael*, *Raphael Cimeiro*, *Raphael Fundeiro* e *Raphaela*, povoações nossas, — bem como *S. Raphael*, casal e moinho.

Na Hespanha *Raphael* deu *Rafaeles* e talvez *Rafal*, *Rafalet*, *Rafelbaños*, etc., varias povoações de *Granada*, *Alicante* e *Baleares*.

Samuel, nome hebraico, mencionado na *Biblia*, entre nós deu *Samuel*, nome d'um santo, — *Samwell*, appellido d'importação, — *Samuel*, duas aldeias e duas freguezias, — *Samel* por *Samuel* — e *Samil* por *Samel*, povoações nossas.

O mesmo *Samuel*, assim como deu *Samel* e *Samil*, tambem deu ou podia dar *Samal*, unde talvez *Samaldo* por *Samalo?*, povoação nossa.

Tambem *Samal* e *Samel* podiam dar e na minha opinião deram — *Tamal* e *Tamel*, povoações nossas, — e *Tamel*, nome d'um santo, — talvez fórma de *Samel* por *Samuel?!...*

Os leitores não se espantem, porque na onomastica portugueza *sa*, *se*, *so* — e *ta*, *te*, *to* — confundiram-se e substituiram-se, como provaremos no topico infra — *Substituição de letras*.

* * *

«E você a dar-lhe com o topico — *Substituição de letras?!...*

«Esse topico — dirão os leitores — é o seu *bordão*, como

foi para *Fr. Bernardo de Brito* — o *Laymundo*, tantas vezes por elle citado e que jámais alguem lobrigou! »

— Têem *vocencias* muita razão e, porque o mencionado topico é longo, — *muito longo* — e talvez se demore, ahi vae uma amostra do panno.

Sá, sé, só e tá, té, tó — confundindo-se e substituindo-se na onomastica portugueza

— *Sanguinhal* — *Taganhal* e *Tanganhal* por *tanguinhal*?

— *Sainde* e *Tainde*.

Todos os nomes que vou citando são nomes de povoações nossas, mencionados pelo sr. *João Maria Baptista* na *Chorographia Moderna*.

Somma e segue.

— *Sangue* — e *Tanque*.

— *Salaborda* e *Taborda*.

— *Carrapassal* e *Carrapatal*.

— *Carapeçal*, *Carapesal* e *Carrapetal*.

— *Carapeço* e *Carapeto*.

— *Carapiço* e *Carapito*.

Carapesal foi appellido nobre e antigo de *João Carapesal*, alcaide-mór de *Leiria* no tempo de *D. Sancho I*.

V. *Leiria* no *Portugal antigo e moderno*, vol. 4.°, pag. 79.

Carrapassal ou *Carrapaçal*, *Carrapatal*, *Carrapeçal* e *Carapesal* são fórmas do mesmo nome, tiradas de *Carapeço* por *Carapeto*, *Carapiço* e *Carapito* — e este por *carrapato*, contracção de *carrapateiro*, especie de feijão que dá o *ricino* e que deu o nome a differentes povoações nossas.

Taes são: — *Carapeços*, *Carapeta*, *Carapetal*, *Carapetalinho*, *Carapeteira*, *Carapeteiro*, *Carapeto*, *Carapetos*, *Carapetosa*, *Carapicha*, *Carapiço*, — *Carrapassal*, *Carrapatal*, *Carrapatas*, *Carrapateira*, *Carrapateiras*, *Carrapateirinhas*, *Carrapateiro*, *Carrapatello*, *Carrapatinha*, *Carrapato*, *Carrapatosa*, *Carrapatoso*, appellido, — *Carrapetal*, *Carrapichana*, *Carrapitos* por *Carrapatos*, etc., — povoações nossas.

Junte-se tambem.

— *Saião* e *Tayão*.

— *Sedões* e *Tedões*.

— *Sarrea*, appellido, — *Sarria*, na *Hespanha*, — e *Tarria*, casal nosso.

— *Ceira* e *Teira*.

— *Seixedo* e *Teixedo.*
— *Seixeira* e *Teixeira.*
— *Seixoso* e *Teixoso.*
— *Celho* (*Cima Celho*) — *Telhe* e *Telho.*
— *Sello* e *Tello.*
— *Sellões, Tellões* e *Tenões* por *Tellões?!...*
— *Sendal* e *Tendaes*, plural de *Tendal.*
— *Sendas* e *Tendas.*
— *Sente* e *Tente.*
— *Serena* e *Terena?...*
— *Serina* e *Terina?...*
— *Serrão* e *Terrão*, aldeias!...
— *Serrenho* — *Terranho* e *Terrenho.*
— *Serrazim, Serrazina* — e *Terrazina.*
— *Serrões* e *Terrões* — aldeias!...
— *Saim* e *Taim.*
— *Setinha* e *Tetinha.*
— *Sesteira* e *Testeira.*
— *Sourinho* e *Tourinho.*
— *Semonde* e *Themonde.*
— *Cibões* por *Cibães?* — e *Tibães.*

Note-se que as desinencias *ães* e *ões* confundiram-se e substituiram-se — como *ainda hoje* se confundem e se substituem?!...

— *Sugueiro* por *Sugeiro?* — e *Tojeiro?...*

Note-se que *ge* e *gue* tambem se confundiram na onomastica portugueza.

— *Sonda* e *Tonda.*
— *Sonim* — *Tonim* e *Tunim.*
— *Soppo* e *Topo.*
— *Soutosa* e *Toutosa.*
— *Souto* e *Touto?!...*
— *Soito* por *Souto* — e *Toito*, o mesmo que *Touto!...*

Junte-se tambem *Saganhal* e *Tayanhal*, povoações nossas.

— *Saide* e *Sainde* — *Thaide* e *Tainde!...*
— *Sabeira, Sabeiro* — *Taveira* e *Taveiro.*
— *Zaborreira* por *Saborreira?* — e *Taburreira!...*
— *Sala* e *Talla.*
— *S. Gil*, que se lê *Sangil*, — e *Tangil?*
— *Sarroeira* e *Tarrueira* — quasi *Tarroeira.*
— *Sardoeiro, Sardoura* — e *Tardouro*, quasi *Tardoura.*

Cf. tambem os vocabulos portuguezes *sarro* e *tarro* — sedimento de qualquer liquido.

Talvez sejam fórmas do mesmo nome, tirado do castelhano *sarro* — e este de *sar* por *sal?!...*

Do exposto se vê que *sá*, *sé*, *só* e *lá*, *lé*, *ló* se confundiram e se substituiram na onomastica portugueza, pelo que *Samuel*, assim como deu *Samal* e *Samel*, podia tambem dar e na minha opinião deu — *Tamal* e *Tamel!*

* * *

Com relação ás desinencias *el*, *il* e *al* — veja-se o que disse a pag. ...

Samuel deu *Samel* — e por seu turno *Samel* deu ou podia dar *Samil.*

Cf. *Loural*, *Lourel* e *Louril*, — *Moural*, *Mourel* e *Mouril*, povoações nossas.

O povo ainda hoje tambem diz *tres mél réis*, *dez mél réis*, *vinte mél réis* — por *dez mil réis*, *vinte mil réis*, *tres mil réis*, etc.

Tambem o povo diz *facel* e *deficel* por *facil* e *difficil*, versão portugueza do latim *facilis* e *difficilis;* mas o povo alguma desculpa tem, porque *vae com a maioria!*

Nós temos alguns vocabulos com o apparelho de *facil*, taes são *agil*, *grácil*, *portatil*, *versatil*, etc., mas temos *muito maior numero* de vocabulos com o apparelho de *facel.* Taes são:

— *Adiavel*, *afavel*, *amavel*, *aravel*, *amoravel*, *ampliavel*, *adoravel*, *cantavel*, *caroavel*, *cultivavel*, *declinavel*, *demostravel*, *duravel*, *dispensavel*, *estimavel*, *estavel*, *execravel*, *fiavel*, *findavel*, *formidavel*, *friavel*, *imaginavel*, *incomparavel*, *intratavel*, *imitavel*, *inimitavel*, *insociavel*, etc.

Tambem temos alguns vocabulos com o apparelho de *difficil;* mas temos *imcomparavelmente mais* com o apparelho de *deficel.* Taes são os seguintes:

— Amovivel, attendivel, audivel, comestivel, concebivel, cognoscivel, compativel, incompativel, corruptivel, incorruptivel, crivel, incrivel, divisivel, indivisivel, elegivel, ineligivel, factivel, fallivel, infallivel, horrivel, immobil e immovel, terribil e terrivel, temivel, impassivel, imperceptivel, imperdivel, imperfectivel, impossivel, preterivel, impreterivel, *soluvel* e *insoluvel*, *solvivel* e *insolvivel*, *visivel* e *invisivel*, etc.

Do exposto se vê que o povo, dizendo *facel* e *dificel* em vez de *facil* e *difficil* — alguma desculpa tem, pois vae com o diapasão geral portuguez.

Facil e *difficil* são excepções, mas devemos acceital-as e respeital-as, porque — *o uso é o mestre e arbitro das linguas.*

Desculpem a digressão.

* * *

Volvendo ao topico dos *nomes hebraicos com o suffixo el* — *Deus*, mencionaremos por ultimo *Zabdiel*, que deu ou podia dar — *Zaviel*, quinta nossa, denominada tambem *Zaniel*. N'este caso póde vir de *Daniel*, nome hebraico tambem, porque antigamente — já no tempo dos romanos — *d* e *z* confundiram-se e substituiram-se, como em *Medentius* por *Mezentius*, etc.

Magnum Lexicon latino — verbo *Z*.

Tambem *Zaviel* póde vir de *Xavier* pela fórma castelhana *Javier*.

Note-se que *er* podia sem violencia dar *el*, porque *l* e *r* trivialmente se confundiram e substituiram.

Cf. *Roligo* e *Rorigo*, o mesmo que *Rodrigo*, povoações nossas.

— *Coulella*, *Coulellas* — *Courella* e *Courellas* — idem.

— *Beltrão*, nome d'um santo, o mesmo que *Bertrand*, appellido nosso, tirado de *Bertrand*, nome francez — e este do teutonico *bert*, o mesmo que *berth* e *brecht* — ilustre [1] — e *hand* — mão.

Junte-se *Eleutherio*, *Neoterio* ou *Neuterio* e *Neutel* — nomes de santos e talvez fórmas do mesmo nome, tirado do grego *eleutheros* — livre.

Tambem temos *Elmano* e *Hermano*, o mesmo qne *Germano*, nome d'um santo, em francez *Germain*, que deu o nome de *Saint Germain* a um dos grandes *boulevards* de *Paris*.

Germano ou *Germain*, como diz *Boucrand*, vem do germanico *wehr* — arma, — ou *ger*, o mesmo que *war* — guerra (unde o baixo latim e o portuguez *guerra*), — e *man* — ho-

---

[1] Veja-se *Alberto* supra, pag. 55 — e *Albert*, *Berthe* e *Bertrand*, em *Boucrand*.

O mesmo *bert* tambem teve as fórmas — *pert*, *pret* e *precht*, unde *Rupert* — *Roberto* — do teutonico *rat* ou *rad* — conselho, — e *pert* ou *bert* — illustre.

Aqui temos nós *d* e *t* — *b* e *p* confundindo-se e substituindo-se *já em teutonico?!...*

Veja-se o topico infra — *Substituição de letras* — e *Boucrand* vbs. *Berthe* e *Rupert*.

mem. Significa, pois, *Germano* — homem de guerra ou guerreiro.

Outros dizem que *Germanus* vem do latim *germinare* — produzir, multiplicar, por serem muito prolificas as mulheres germanicas e prodigiosa a multidão d'homens que habitavam a *Germania.* [1]

Tambem *Germano* — diz *Boucrand,* — póde vir do latim *germanus* — irmão carnal, filho do mesmo pae e da mesma mãe.

* * *

Para *atêsto do casco* direi que o latim *germanus* — irmão — no baixo latim deu entre nós *germanellus* — irmãosinho — unde *Germanello,* antigo nome d'uma villa e d'um castello no concelho actual de *Penella,* districto de *Coimbra.*

Tambem supponho que o mesmo *germanellus* deu *Germel* e *Jarmello,* povoações nossas.

Vejam-se as paginas ..... supra — e no vol. XII do *Portugal antigo e moderno* o meu artigo *Zambujal,* freguezia actual do concelho de *Condeixa.* Alli — paginas 2:067 e seguintes — fallei tambem do castello do *Germanello* e dei a etymologia d'elle — o *germanellus* supra, por ter a mesma fórma conica e approximadamente a mesma altura d'outro morro, chamado na lenda *Mello,* seu visinho, do qual bem póde dizer-se *irmão germano, germanello* ou *irmãosinho.*

Eu já os vi com muito prazer, indo de *Condeixa* para *Penella.*

Do exposto se vê que *Xavier* pela fórma castelhana *Javier,* podia dar *Zaviel.*

Note-se que *já* e *za* se confundiram e substituiram na onomastica portugueza.

Cf. *Tojal, Tozal* e *Tuzar* por *Tujal,* o mesmo que *Tojal,* povoações nossas, que tomaram o nome do *tójo.*

Tampem a *urze,* planta ericinia, o mesmo que *tórga* e *queiró,* — deu *Urgal, Urjal* e *Urzal.*

Junte-se tambem *Jorjaes, Jurzaes, Orgens, Orjaes, Zorzaes* e *Zurzaes,* povoações nossas, que talvez tomassem o nome da *urze,* supra — ou do francez *orge* — cevada ? ! . . .

---

[1] O sr. Candido de Figueiredo no seu *Novo Diccionario da Lingua Portugueza,* do qual eu tive a honra de ser o mais humilde cooperador, — diz que os povos *germanos* ou da *Germania* tomaram o nome do grego — *germanos.*

E' este um curioso especimen da *arte nova*, que por certo vae expôr-me ao desdem, riso e mofa dos *profanos*, tão faceis em rir e mofar d'aquillo que *não entendem*; mas, como já disse algures, — *rira bien qui rira le dernier!...*

A critica *de mofa* é critica banal, balofa, impropria de gente seria.

Aos meus acres censores mais uma vez direi: — *edd tual*

Tomem a penna, — desçam do palanque, — entrem no redondel — e verão o que lhes succede?!...

Mas vamos ao thema proposto.

* * *

— *Jorjaes*, *Jurzaes*, *Orgens*, *Orjaes*, *Zorzaes* e *Zurzaes*, povoações nossas, podiam tomar o nome da *urze* supra — ou do francez *orge* cevada.

A *urze*, o mesmo que *urgueira* e *urge*, deu *Urjal*, *Urgal* ou *Orgal*, *Urgares*, *Urgeira*, *Urgeiro*, *Urgezes*, *Urgueira*, *Urjal*, *Urjariça*, *Urzal* ou *Olgar* (?), — *Urzalão* e *Urzelhe*, — povoações nossas, mencionadas na *Chorographia Moderna*, que mais uma vez recommendo aos meus poucos leitores.

— *Urgal* é contracção de *Urgueiral*, como *Pinhal* de *Pinheiral*, *Olival* de *Oliveiral*, — *Cerdal* de *Cerdeiral*, o mesmo que *Serdeiral*, — *Sobral*, o mesmo que *Soveral* de *Sobreiral*, — *Sorval* de *Sorveiral*, bosque ou matta de *sorveiras*, arvores que dão *sôrvas*, etc., — povoações nossas.

— *Orgal* é uma fórma de *Urgal*, — como tambem *Urjal* e *Orjal*, porque *já*, *jé*, *jó*, *jú*, pelo diapasão castelhano deram *gá*, *gué*, *gó*, *gú*. Assim *Urgeira* deu *Urgueira*, etc.

— *Urgares* — é uma fórma de *Urgales*, o mesmo que *Orjaes*, *Urjaes* e *Urgaes*, pois na onomastica portugueza *al* deu *ar* — e *ales* deu *ares*.

Cf. *Alrozella* e *Arrozella*; — *Alvellos* e *Arvellos*; *Avellal* e *Avellar*; — *Marmelal* e *Marmelar*; *Tojal* e *Tuzar* por *Tujal*, etc.

Cf. tambem *Casal*, *Casaes* e *Casares* por *Casales* ou *Casaes*; — *Palhal*, *Palhaes* e *Palhares* por *Palhales* ou *Palhaes*, povoações nossas.

A Hespanha tem *Casal* e *Casares* — não *Casales* nem *Casaes*; — *Pajar* e *Pajares* — não *Pajal* ou *Palhal* nem *Pajales* ou *Palhaes*, — e nós, como reminiscencia da occupação hespanhola e arabe, temos *Alprajares* por *Alpajares*, a linda calçada transmontana dos *palhaes* ou dos *palhares*, supra mencionada.

Junte-se *Olival* e *Olivaes*, povoações nossas, — o mesmo que *Olivar* e *Olivares* por *Olivales*, povoações da Hepanha. [1]

— *Urgeira* e *Urgeiro* são o mesmo que *Orgueira*, *Orgueiro*, *Ulgueira*, *Urgueira* e *Urqueira!* ... — povoações nossas.

— *Urgueira* deu *Urqueira* pela trivial substituição de *ga*, *gue*, *gui*, *go*, *gu* — e *cá* ou *ká*, — *ké* ou *qué*, — *ki* ou *qui*, — *ko* ou *có* — e *ku* ou *cu* na onomatisca portugueza.

Veja-se o topico infra: — *Substituição de letras.*

— *Urjal* é o mesmo que *Urzal*, como tambem *urge* é o mesmo que *urze*, pois *já*, *jé*, *ji*, *jó*, *jú* — e *zá*, *zé*, *zi*, *zó*, *zú* confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza, como já dissémos e logo provaremos.

— *Olgar* — é o mesmo que *Orgal*, *Orjal*, *Urgal*, *Urjal* — *Urzal* (?!...) como está dizendo a *Chorographia Moderna* — *Olgar* ou *Urzal*, — *Orgal*, *Orgal* ou *Urgal*, — *Urgal* ou *Orgal*, — *Urzal* e *Urzal* ou *Olgar*?!...

— *Urzalão* — é augmentativo de *Urzal*, o mesmo que *Urjal*, *Urgal*, etc.

— *Urzelhe* é o mesmo que *Urzelha*, diminutivo de *urze*.

— *Orjaes* é o mesmo que *Urjaes*, povoações nossas, cujos nomes são o plural nitido, puro e correcto de *Orjal* e *Urjal*, o mesmo que *Urgal*, *Urzal*, *Olgar*, *Orgal*, etc., etc.

Do exposto se vê que a *urze* foi muito prolifica na onomastica portugueza e, sendo uma planta *muito aspera*, tomou fórmas variadissimas nos muitos nomes de povoações d'ella provenientes, já mencionados.

Mencionaremos ainda outros e entre elles um, que é *uma especialidade distincta* na tão linda como nebulosa *arte nova*.

Elle ahi vae:

— *Urgezes* — nome unico em *Portugal*. — E' uma aldeia e uma freguezia do concelho de *Guimarães*.

Com vista ao meu bom amigo e laureado escriptor vimaranense, o muito rev. e muito illustrado sr. *João Gomes d'Oliveira Guimarães*, abbade de *Tagilde*, etc., mencionado supra.

Desinencia EZES das nossas povoações

Os leitores devem rir e mofar, por verem ligar tanta

---

[1] Obedecem ao mesmo diapasão de *r* por *l* — *Ulmal*, *Urmal* e *Urmar* (?!...)

— *Olmeira*, *Ulmeira* e *Urmeira*, — *Ulmeiro* e *Urmeiro*, povoações nossas, que tomaram o nome do latim *ulmus*, *i* — o alamo, *alemo*, *olmeiro*, *olmo* e *ulmeiro*, arvore, o mesmo que *choupo*, *negrilho*, etc.

importancia a uma desinencia tão vulgar no idioma portuguez; mas *rira bien qui rira le dernier!...*

Eu não trato do *idioma portuguez* — mas da *onomastica portugueza* — e n'ella occupa um *rol distincto* a desinencia *ezes*, que se encontra em *Urgezes*, supra, e em um restricto numero dos *milhares* ou *milhões* das nossas povoações, comprehendendo *cidades*, *villas*, *aldeias*, *herdades*, *quintas*, *casaes*, *moinhos* e *sitios habitados*, mencionados na *Chorographia Moderna*, obra indispensavel para este ramo d'estudo.

Com a nebulosa e muito antiga desinencia *ezes* [1] apenas temos 28 povoações. São as seguintes:

— *Abravezes*, *Andrezes*, *Banrezes*, *Barrezes*, *Bobezes*, *Braquezes*, *Caldezes*, *Cambezes*, *Canavezes*, *Cortezes*, *Esperes* ou *Esgezes* (sic), *Francezes*, *Gemezes*, *Guilhadezes*, *Inglezes*, *Lanhezes*, *Menezes*, *Mezes*, *Minguezes*, *Miradezes*, *Murracezes*, *Pairezes*, *Queirezes*, *Repezes*, *Revezes*, *Saboguezes*, *Talharezes* e *Urgezes*?!...

São faceis ou *aparentemente faceis de attingir* as etymologias de *Braguezes*, *Cortezes*, *Francezes*, *Inglezes*, *Menezes*, *Mezes*, *Miradezes*, *Revezes*, *Saboguezes*, e *Urgezes*; — as 18 restantes são *de pelle diabi!...*

Eu hei de logo dizer algo d'ellas todas, mas *titubeando*, — sem pensar nem por sombra em dizer a ultima palavra sobre tão nebuloso assumpto. Apenas darei o thema para a discussão, deixando a porta aberta e franca para pennas mais competentes.

As mesmas etymologias de *Menezes*, *Mezes*, *Revezes* e *Urgezes* — *habent dentem coelhi!...*

Menezes é appellido vulgar, mas qual a sua etymologia? *Difficilem rem postulasti.*

Na minha opinião *Menezes* póde vir de *Menizis*, patronimico de *Menizus*, *i*, nome pessoal no seculo X.

Menizus presbiter scripsi et test. — Documento do anno 943. [2]

Em vulgar: — «Eu o padre *Menizo* escrevi este documento e o assignei, como testemunha.»

Menizus é o mesmo que *Menizius*, e este é talvez o mesmo que *Menezius*, metathese de *Nemesius*, *ii*, — *Nemesio*,

---

[1] Esta desinencia *ezes* das nossas povoações já se encontra em documentos do seculo X, que logo citaremos.

[2] *Portugaliae Monumenta, Chartae* 30 — n.º 50.

nome romano d'um santo e d'um tribuno que foi pae de *Santa Luzia* — em castelhano *Lucilia.*

«Bien es verdade que huvo una santa virgen y martyr llamada *Lucilia*, hija de *Nemesio Tribuno...*» [1]

Mas qual a etymologia de *Nemesio*, em latim *Nemesius, ii*, que por metathese deu ou podia dar *Meniziis, Meneziis* e *Menezes?*

— Na minha opinião é *Nemesis*, deusa da vingança, filha de *Jupiter* e da *Necessidade.* — Castigava severamente os que abusavam dos dons da fortuna.

Os gregos tiveram muitas divindades com o nome de *Nemesis* — e foi particularmente adorada entre elles na *Attica*, onde teve uma celebre estatua de marmore, cinzelada por *Phidias?!...*

Nemesis, nome da tal deusa, vem do grego *nemesis* — ira, inveja, indignação pelo bom successo dos maus.

V. *Nemesis* em *Covarrubias.*

Foi tambem *Nemesis* fervorosamente adorada pelos romanos, unde o latim *Nemesius, ii* — *Nemesio*, nome dado aos sacerdotes de *Nemesis* e aos devotos d'ella.

V. *Nemesis* no *Diccionario Classico* e no *Magnum Lexicon* latino.

* * *

Tambem *Menezez* póde vir de *Menoetiis* (lê-se *Meneciis*), patronimico de *Menoetius* — *Meneceo*, nome grego d'um principe thebano, que se suicidou para obter a liberdade de *Thebas*, promettida com esta dura condição por certo oraculo.

Vide *Meneceo* e *Patroclo* no *Diccionario Classico* — e *Menoetius* em *Boucrand*, vb. *Actor.*

Menoetius é latinisação de *Menoitios*, nome grego do pae de *Patroclo*, em latim *Patroclus, i*, unde talvez *Pedrogo* e *Pedrogos*, povoações nossas.

Tambem *Menezes* póde vir de *Mnezis*, nome pessoal grego.

Chamava-se *Mnezis* um celebre flautista, muito estimado por *Ptolomeu Philadelpho*, lendario rei do Egypto.

* * *

Não se extranhe tantas referencias á *Grecia*, pois, como

[1] Vide *Cegar* — em *Covarrubias.*

já dissemos e repetimos com o sabio *Herculano* — os *gregos*, em tempo muito anterior aos romanos, occuparam grande parte do nosso paiz.

D'elles conserva ainda hoje o nome de *Athenor* uma freguezia do concelho de *Miranda*, pouco distante da *Aldeia dos Gregos*, povoação nossa tambem — e temos na onomastica portugueza e no idioma portuguez *outras muitas reminiscencias dos gregos!...*

Póde tambem *Menezes* vir de *Menix*, *icis* — antigo nome d'uma ilha da *Africa* no *Mediterraneo*, chamada tambem *Gelves* e *Gerbi*. [1]

Tambem *Menix*, *icis* podia dar *Menice* e *Menici*, appellidos nossos, vindos talvez da *Italia*.

Note-se que das ilhas do *Mediterraneo*, por serem muito conhecidas desde o tempo dos *fenicios*, *gregos*, *egypcios*, *romanos* e *cruzados*, foram tirados muitos nomes pessoaes e appellidos.

De *Sidonia*, velha capital da *Fenicia* que, antes de ser conquistada por *Alexandre Magno*, era *uma ilha*, como diz *Plutarcho*, veiu *Sidonio*, nome d'um santo, etc.

De *Beyruth*, ilha e porto de mar, chamados em latim *Beritus*, *i*, — vem talvez *Brito*, appellido nosso.

Por seu turno *Beritus*, *i*, deu ou podia dar *Beritianus*, *i*, — *Bertiandos* e *Britiande*, povoações nossas.

Tambem *Chypre*, em latim *Cyprus*, *i*, — deu *Cyprianus*, *i*, — *Cypriano* e *Cibrão*, nomes pessoaes e nomes de santos.

Cf. *S. Cypriano*, *S. Cibrão* e *S. Cibrainho* por *S. Cypriano* e *S. Cyprianinho*, povoações nossas.

A fórma *S. Cibrainho* recorda *Santo Antoninho*, *S. Bentinho*, *S. Cosmadinho*, *S. Dominguinhos*, *S. Lourencinho*, *S. Pedrinho*, *S. Joaninho*, e *Santiaguinho*, povoações nossas.

Em *Almelaguez* por *Almalaguez*, freguezia do concelho de *Coimbra*, o povo tambem dá carinhosamente a *S. Sebastião* o nome de *S. Sebastiãosinho*.

Por ultimo direi que *Menezes* tambem póde vir do *néo celta* ou *patois* bretão *menés* — monte [2] — que entre nós talvez désse *meneses*, synonimia de *montezes*, *serranos*, *serrenhos*, — *bravezes* e *Abravezes* por *Al* + *bravezes?*

---

[1] *Covarrubias*, vb. *Gelves*.

[2] *Héricher*, pag. 69.

E' para notar que a Hespanha tem uma povoação denominada *Menes* (*Menês* ou *Menés*) — e outra *Meneses?!...*

Será reminiscencia dos *celtas* a nossa tão antiga, como nebulosa e estranha desinencia *ezes* das povoações apontadas supra?

Ella destôa do *latim*, do *portuguez*, do *castelhano*, do *callaico*, do *leonez*, do *italiano*, do *toscano*, do *teutonico*, ou *germanico*, e do *francez*.

A *Hespanha*, irmã gemea de *Portugal*, entre os seus milhões de povos apenas tem — que eu saiba — com a desinencia *eses*, correspondente ao nosso *ezes* — as seis povoações seguintes: — *Caneses*, *Fondereses*, e *Loureses* — além de *Abraveses*, *Cambeses* e *Meneses*, como nós temos.

Chamamos para tão nebuloso assumpto a attenção dos *celtistas* e fecharemos este topico dizendo que na *Monarchia Lusitana*, parte II, pag. 321, póde ver-se uma etymologia romantica de *Menezes* — etymologia que ponho de parte, porque para dislates bastam os meus.

Prosigamos.

E' tambem *apparentemente facil* a etymologia de *Reves* (*Revés* ou *Revês?*) — e *Revezes*, povoações nossas, — dado que tomassem o nome do portuguez *revés* ou *revéz* — fatalidade; mas duvido, porque em geral as nossas povoações já vêem da edade media e é muito posterior o timbre do portuguez *revés* ou *revéz*, pelo que hei de propôr outra etymologia para *Revezes*.

A mesma etymologia de *Urgezes* é bastante nebulosa, pois varios documentos dos seculos X e XIII, que havemos de citar, dão a *Urgezes* o lindo nome de *Colgezes?!...*

E na minha opinião *Colgezes* é effectivamente o mesmo que *Urgezes* pelo prisma da *arte nova*, como os leitores verão.

* * *

Mas como explicar a tão nebulosa, como estranha e archaica desinencia *ezes* das nossas 28 povoações indicadas supra — e afinadas todas *pelo mesmo diapasão?* — E qual a etymologia d'ellas?

Eu vou dizer *muitos dislates* e os meus poucos leitores vão rir e mofar, mas *rira bien qui rira le dernier!...*

Em assmpto de tal ordem a propria critica *é difficil!*

Aos meus acres censores que julgam *saber tudo* e de tudo riem e mofam, apenas direi que *tomem a penna*, — *desçam do palanque*, — *entrem no redondel* — e *verão o que lhes succede?!...*

Eu vou dizer *muitos dislates*, mas por vezes os proprios escandalos são uteis, porque do embate póde surgir a luz; — mas *vae illi perquem scandalum venit.*

Ai de mim que vou diante e dou o escandalo!...

Basta de palinodias e de cantigas e fallemos das etymologias de — *Abravezes*, *Andrezes*, *Banrezes*, *Barrezes*, *Bobezes*, *Caldezes*, *Cambezes*, *Canavezes*, *Cortezes*, *Esperes* ou *Espezes*, *Gemezes*, *Guilhadezes*, *Inglezes*, *Lanhezes*, *Menezes*, *Mezes*, [1] *Minguezes*, *Miradezes*, *Murracezes*, *Pairezes*, *Queirezes*, *Repezes*, *Revezes*, *Saboguezes*, *Talharezes* e *Urgezes*.

Pondo de parte *Braguezes*, *Francezes* e *Inglezes*, povoações nossas, porque as suas etymologias são obvias, já me lembrei de que assim como *Portugal* deu *portuguezes*, — bravial ou braval (?) deu ou podia dar *bravezes* e *Abravezes*; *Barral* — *Barrezes* e *Banrezes* por *Barrezes*; *Bobal* — *Bobezes*; *Canavial* ou *Canaval* — *Canavezes* e *Cambezes*; *Guilhadal* (?) — *Guilhadezes*; *Lanhal* (?) — *Lanhezes*; *Murraçal* — *Murracezes*; *Pairal* (?) — *Pairezes*; *Queiroal* ou *Queiral* (?) *Queirezes*; *Sabugal* — *Saboguezes* — e *Urjal* — *Urgezes*?!...

* * *

Este lanço de rede não foi mau de todo. Com certeza cacei algum peixe, mas fugiu outro pelas *tralhas malhas* — e muito de proposito não comprehendi no lanço *Andrezes*, *Braguezes*, *Esperes* ou *Espezes*, *Francezes*, *Menezes*, *Minguezes*, *Miradezes*, *Repezes*, *Revezes* e *Talharezes*.

— *Braguezes* é a fórma popular de *bracarenses* — filhos ou oriundos de *Braga*, contracção de *Bracara*, pois *Braga* representa a *Bracara Augusta* dos romanos.

— *Esperes* ou *Espeses*, — fica para segunda leitura.

— Com vista ao meu *atavico successor* que, por boas ou más bullas se apossou dos meus *caros* — *carissimos verbetes* — e do meu *arsenal etymologico*. [2] — Talvez que alli se en-

---

[1] *Mezes* é uma quinta nossa da freguezia da *Annunciada*, da cidade de *Setubal*, — quinta que por certo não tomou o nome dos *mezes do anno*.

Na minha opinião *Mezes* é contracção de *Menezes*, unde quinta *dos Mezes* por quinta *dos Menezes*.

Cf. *Quinta dos Anjos*, *Quinta dos Barreiros*, *Quinta dos Claros*, *Quinta dos Cordeiros*, *Quinta dos Loios*, *Quinta dos Ramos*, *Quinta dos Vigarios*, etc., quintas nossas.

[2] Vejam-se os meus pobres folhetins 61, 92, 93, 140, 146 e 148, publicados no *Conimbrecense* — e agora as paginas 37, 40, 53, 68 e 78 (*videte, videte!...*) supra, — e *Joaquim da Silveira* no indice da 1.ª parte.

contre a etymologia de *Esperes* ou *Espeses*; entretanto ahi vae uma que no momento me occorre.

Cepal, chão abundante em *cepas*, videiras, — ou em *cepos*, troncos de arvores, — deu ou podia dar *Cepeses*, como *Portugal* deu *portuguezes*, — *Barral* deu *Barrezes* e *Banrezes*; *Murraçal* deu *Murracezes*; *Sabugal* deu *Sabuguezes*; *Urjal* — *Urgezes*, etc.

Por seu turno *Cepezes* muito bem podia dar *Espezes*, porque as metathezes d'este genero são trivialissimas na onomastica portugueza.

Cf. *Esnoga* por *Isnoga*, — e esta por *Synoga*, contracção de *Synagoga?...*

— *Escalhão* por *Secalhão*, — terreno muito falto d'agua. Tal é effectivamente *Escalhão*, — villa muito populosa, muito rica e muito importante, mas muito falta d'agua, *tanto potavel, como de rega!...*

Junte-se *Escairo* por *Esqueiro* e este por *Sequeiro?*

— *Esquio* por *Sequio.*

— *Esquiró* por *Sequeiró.*

— *Esgueira*, *Esqueira*, *Esqueiro* e *Esqueiros* — por *Sequeira*, *Sequeiro* e *Sequeiros*, povoações nossas.

Junte-se tambem *Cepeda* e *Sepeda*, o mesmo que *Cepedo* ou *Sepedo* — e *Sepedros* por *Sepedos* ou *Cepedos*, povoações nossas. [1]

Do exposto se vê que *Cepezes* muito bem podia dar *Espezes*. Por seu turno *Espezes* podia dar *Esperes*, pois na onomastica portugueza, como já dissemos e logo provaremos, — *s* e *r* confundiram-se e substituiram-se.

Note se tambem que as *cepas* e os *cepos* deram o nome a muitas povoações nossas. Ahi vae uma lista d'algumas:

— *Cepa* e *Cepães* por *Cepões*, porque na onomastica portugueza as desinencias *aes*, *ães*, e *ões* confundiram-se e substituiram-se, como havemos de provar *em topico especial.*

— *Cepeda*, *Cepellos*, *Cepo*, *Cepões*, o mesmo que *Cepães*; — *Cepos*, *Sapa*, o mesmo que *Cepa* ou *Sepa?* — *Sapal* por *Ce-*

---

[1] Veja-se o topico *Metathezes*, infra; mas, como talvez se demore ahi vão algumas, que não são feias.

Geromano e *Jeronymo*, nomes de santos; *Cavidai* por *Cada-vae*; *Gajove* por *Jagove* e este por *Jacob*; *Gomes* — de *Cosme?*; *Chancrão* — por *Cranchão* e este por *Granjão*; *Concedeira* por *Codeceira* — e *Baluzal* por *Lubazal, o mesmo que Lobagueira* e *Luval*, povoações nossas.

— *A bussola é o ouvido.*

pal ou *Sepal* unde *Espezes* por *Sepezes?*; — *Sepões* o mesmo que *Cepães* e *Cepões*; — *Sepeda*, o mesmo que *Cepeda*; *Sepedellos*, o mesmo que *Cepellos* ou *Cepedellos*; *Sepedros*, talvez o mesmo que *Sepedos* ou *Cepedos* [1]; *Sepinho* por *Cepinho*; *Sepins* e talvez *Serpins* por *Cepinhos?*; *Seppa* o mesmo que *Sepa* e *Cepa*; *Septellos*, o mesmo que *Sepedellos*, etc.

Note-se que na edade media *ce* e *se* se confundiam e substituiam por falta de *bussola?!...*

* * *

Basta de *Cepas*, *Cepos*, *Cepal*, *Cepezes*, *Esperes* e *Espezes*. Ahi vae agora uma lista das nossas povoações que tomaram o nome dos *troncos das arvores*, o mesmo que *cepos*, como já dissemos.

Note-se que em *Portugal*, durante os longos periodos de guerras que assolaram o nosso paiz — desde os tempos mais remotos — e durante as nossas expedições e explorações maritimas, que nos cobriram de gloria, mas que *tolheram a nossa lavoura* — conservou-se inculta grande parte do nosso continente.

O arvoredo florestal attingiu proporções collossaes, magestosas, — nomeadamente os *castanheiros*, *carvalhos* e *sobreiros*, — as nossas arvores de maior porte. D'ellas tomaram o nome *centenares* — ou antes *milhares* de povoações nossas — e dos seus troncos — *só dos troncos* — as seguintes.

— *Trancão* por *Troncão*; *Trancões* por *Troncões*; *Trancosinho* por *troncozinho*; *Trancoso* por *troncoso*; *Trancozão*, augmentativo de *Trancoso*, como *Trancosinho*, *Trancozello* e *Trancozellos* são diminutivos.

Trancozellinho é diminutivo de *Trancozello* e subdiminutivo de *Trancoso*.

Junte-se *Tronco*, *Tronque* por *Tronco*, — e *Troncal* que pelo diapasão *al* e *ezes* supra podia dar, mas não deu, *Tronquezes*, — nem *Ameiral Ameirezes* — nem *Avellal Avellezes*; mas temos *Velez*, appellido, que póde ser aféreze de *Avellez* ou de *Avilez*, appellido nosso tambem tirado d'*Avila*, como *Braguez* de *Braga*, *Francez* de *França*, *Maltez* de *Malta*, *Irlandez* da *Irlanda*, *Malaguez* e *Almalaguez*, no aro de *Coimbra*, de *Malaga*, — *Angorêz* de *Angóra*, etc.

---

[1] Note-se que o *r*, como já dissemos, — é letra muito falsa e muito caprichosa. Apparece e desapparece *instantaneamente!...*

Tambem *Carvalhal* não deu *Carvalhezes*, nem *Feital Feitezes*, — nem *Gestal Gestezes*, — nem *Pinhal Pinhezes*, — nem *Sobral Sobrezes*, — nem *Vinhal Vinhezes*, etc.

— *Francezes*, herdade nossa, tomou claramente o nome de *França*, paiz dos *Francos*, o mesmo que *Franciscos* (?...) e *Francezes* — bem como outras muitas povoações nossas.

Pelo alto prestigio do benemerito conde *D. Henrique*, natural da *França*, pae do nosso primeiro rei *D. Affonso Henriques*, vieram com elle da *França* muitos *francos* ou *francezes* — e posteriormente ainda mais, prestando-lhe uns e outros relevantes serviços — *durante muitos annos* — nas guerras contra os mouros e contra os leonezes, ajudando-o a transformar o condado portucalense no reino de *Portugal*.

Assim a meu ver se explica o facto de se encontrarem no velho idioma francez *muitos vocabulos portuguezes* [1] — e na onomastica portugueza muitas reminiscencias da *França*, entre ellas as nossas povoações seguintes: [2]

França, *Franca*, *Francaria*, o mesmo que *Franzia* por *Francezia*, povoação nossa tambem; *Francos*, *France*, *Franceiras* ou *Franciscas*, — *Francelha*, *Francelheira*, *Francelheirinha*, *Francelho*, *Francellos*, *Francezes* (cá estão elles!...) — *Franciscas* ou *Franceiras* (sic), — *Francisco*, — *Francisco Fernandes*, casal nosso, [3] — *Franciscos*, *Franco*, *Francos*. — *A dos Francos*, o mesmo que *A* (villa, granja, quinta ou casa de campo) *dos Francos* ou *Francezes*.

Cf. *Adanaia*, *Adarce*, *Adarnal*, *A das Sovellas* por *sobrellas* — *sobreirinhas*, como *Sovella* por *sobrella*, antiga rua do *Porto*, hoje *rua dos Martyres da Liberdade*.

Junte-se — *A de Barros*, *A de Formoso*, *Adefroia*, *A de Junho*, *A de Justa*, *A de Martinho*, *Ademoço*, *A de Mourão*, *A de Paulos*, *A de Velha*, *A do Alcaide*, *A do Baço*, *A do Bello*, *A do Cavallo*, *A do Cêa*, *A do Coelho* e *A do Lindo*.

Junte-se tambem *A do Mealha*, *A do Motta*, *A do Pisco*,

---

[1] V. o *Glossario de Ducange*, etc.

[2] Veja-se tambem o topico infra: — *Diapasão francez* — e a *rua dos Francos*, uma das mais antigas da cidade de *Guimarães*, berço da nossa monarchia. — A dicta *rua dos Francos* está dizendo que foi povoada pelos *francos* ou *francezes*, talvez contemporaneos do *conde D. Henrique?!...*

[3] Com vista ao meu bom amigo, o snr. dr. *Francisco Joaquim Fernandes*, lente de Direito na *Universidade de Coimbra*, excellente pessoa e distincto advogado no *Porto*. — Só pela advocacia apura talvez 6 a 8 contos de reis — por anno?!...

A do Rainha, *A Dorde*, o mesmo que *A da Ordem*, — *A do Rocha*, *A do Serra*, *A do Vigario*, *A dos Bispos*, *A dos Calças*, *A dos Corvos*, *A dos Ferreiros*, *A dos Francos* (cá estão elles?!...) — *A dos Gallegos*, *A dos Loucos* (cá estou eu?!...), — *A dos Mattos*, *A dos Melros*, *A dos Molhados*, *A dos Negros*, *A dos Neves*, *A dos Nobres*, *A dos Potes*, *A dos Ramos*, *A dos Ruivos*, *A dos Vicentes* e *Adourigo*, o mesmo que *Adorigo*, povoações nossas, contracção de *A d'Ourigo* por *A de Honorigo*, quasi *Adorigo*.

Note-se que *Honorigo* foi antigo nome pessoal, — em latim *Honoricus*, *Honoriquiz* e *Honoriquizi* — unde *Origo*, *Oriz*, *Ourigo* (praia da *Foz do Douro*), — *Ourique* e *Campo d'Ourique*, sitios historicos, — e *Ouriz* — povoações nossas.

Por seu turno *Honoricus* é o mesmo que *Hunericus*, latinisação barbara de *Huneric*, — *Honerico*, nome d'um rei suevo, etc.

Adorigo e *Adourigo* querem, pois, dizer *A granja, quinta ou casa de campo de Hunerico* ou *Honorico*.

Na falta d'outro documento póde afoitamente dizer-se que a povoação de *Adorigo*, concelho de *Taboaço*, districto de *Vizeu*, — já vem do tempo dos *suevos?!...* [1]

* * *

Proseguindo com a serie das nossas povoações que tomaram o nome dos *francos* ou *francezes*, temos ainda as seguintes:

— *Franqueira* e *Franqueiro*, sitios e casaes nossos que podiam tomar o nome dos *francos* ou *francezes*, como *Francaria* e *Francelheira*, supra. Mas *f* e *t* confundiram-se e substituiram-se na onomastia portugueza, pelo que *Francaria*, *Franqueira*, *Franqueiro* e *Francelheira*, talvez sejam fórmas de *Trancaria*, *Tranqueira*, *Tranqueiro* e *Trancelheira* por *Tranquelheira?!...*

Por seu turno estes nomes talvez sejam fórmas de *Troncaria*, *Tronqueira*, *Tronqueiro* e *Tronquelheira*, nomes tirados dos *troncos das arvores*, como já dissémos.

Trancaria é appellido nosso; — *Tranqueira*, *Tranqueirão*

---

[1] Eu conheço rasoavelmente *Adorigo* e tenho alli muitos parentes desde os fins do seculo XVIII, porque a minha avó paterna *Paula Maria da Fonseca* — e a minha avó materna *Joanna da Fonseca Pinto* eram irmãs e naturaes de *Adorigo*.

Tranquilhos, *Tranquilhoso*, *Trancelheira* e *Trancoso*, são povoações nossas.

Com o mesmo diapasão de *f* por *t* — ou v. v. tambem temos *Franca* e *Tranca*; — *France* e *Trance*; — *Faroja* ou *Faroia* e *Taroja* por *Taroia*?; *Favella* por *Favarella* — e *Tavarella*; *Fragusta* e *Targusta*; *Farrio* e *Tarrio*; *Fartaria* e *Tartaria*?!...

Junte-se *Fareja* e *Tareja*; *Faião* e *Tayão*; *Feira* e *Teira*; *Feixe* e *Teixe*; *Feixeiras* e *Teixeiras*; *Fejos* e *Tejos*?!...

— *Fellões* ou *Follões* — *Tellões* e *Tolões*?!...

— *Ferrão* e *Terrão*; *Ferrenho* e *Terrenho*; *Ferronha* e *Terronha*; *Ferrugem* e *Terrugem*?!...

— *Fételária* ou *Fetelaria* — *Tetelária* ou *Tételaria*?!...

— *Ferra* e *Terra*; *Falé* e *Thalé*?!...

— *Foja* e *Toja*; *Fojo* e *Tojo*; *Fojos* e *Tojos*?!...

Somma e segue.

— *Fontão* e *Tontão*?!...

— *Fontello* e *Tontello*?!...

— *Fontinha* e *Tontinha*?!...

— *Forneiro* e *Torneiro*; *Forneiros* e *Torneiros*; *Forno* e *Torno*?!...

Junte-se ainda:

— *Foro* e *Toro*?

— *Froia* e *Troia*?!...

— *Fixoeira* por *Feixoeira*, o mesmo que *Feijoeira*, — e *Teixoeira*, povoações nossas?!...

E' este um especimen curioso da *onomastica portugueza comparada*.

Chamo para elle a attenção dos etymologistas *nacionaes e estrangeiros*, pois talvez que em nenhum outro paiz se encontre um especimen egual de *substituição de letras*. — E como este encontram-se outros muito semelhantes na onomastica portugueza, o que lhe dá *um timbre particular*!... [1]

* * *

Os meus poucos leitores, incluindo alguns *doutores muito illustrados*, mas completamente leigos n'este tão curioso, como nebuloso estudo *d'arte nova*, — entre elles um dos meus *mais antigos*, *mais illustrados e melhores amigos*, — riem e

---

1 Veja-se o topico infra: — *Substituição de letras*.

mofam dos *meus dislates* (?...), mas, como já disse e repito mais uma vez: — *Rira bien qui rira le dernier?!...*

Prosigamos.

Do exposto se vê que *Franca* e *Tranca*; *France* e *Trance*; *Francelheira* e *Trancelheira*; *Franqueira* e *Tranqueira* — talvez sejam fórmas dos mesmos nomes.

As meias tintas confundem; — eu já tenho a vista cançada, o que não admira, pois faltam-me apenas alguns mezes para completar 77 annos, — e a minha lente da *arte nova*, forjada por mim a martelo, está pedindo outra mais aperfeiçoada.

Para atêsto do casco junte-se *Franzia*, povoação nossa, talvez contracção de *Francezia*, o mesmo que *Franqueira* e *Francaria*.

Cf. *Callegueira*, *Galgueira*, por *Gallegueira* e *Galleguía*, povoações nossas tambem, que tomaram o nome dos *gallegos*.

Desinencia — IA

Esta desinencia *ia* é outro especimen curioso da onomastica portugueza, pois com o mesmo diapasão de *Francaria*, *Franzia* e *Galleguia* temos outras muitas povoações, tal é *Anadia*, concelho e comarca.

Na minha opinão *Anadia* é o mesmo que *aradia*, *lavradia*.

Cf. *Lavradio*, povoação nossa tambem, o mesmo que *lavradia* — e note-se que o chão da *Anadia* é todo *aravel*, por ser bastante plano, falto de pedra e abundante em *humus*.

— Tambem temos *Pinheiria* — o mesmo que *Pinheiral* e *Pinhal* — bosque ou matta de pinheiros.

— *Portello*, *Portella*, *Portellada* e *Portelladia*, — sitio abundante em *Portellos* ou *Portellas*, quebradas de montes, passagens estreitas, de que são typo historico e venerando as *Thermopilas*.

Junte-se *Portoguedia*, aldeia nossa, talvez fórma de *portuguezia*, abundante em *portuguezes*, como *Franzia* por *Francezia*, abundante em francos ou francezes, — *Galleguia* — em gallegos, — *Aravia* — em *arabes*, — *Mouraria* — em *mouros*, — *Judiaria* — em *judeus*, — *Algarvia* ou *Algravia*, povoação nossa tambem, — abundante em *algarvios* ou *algarvéos?*

Cf. *Algarvios* e *Algravéos*, povoações nossas.

Com a mesma desinencia *ia* tambem temos *Abbadia*, *Abegoaria*, *Albergaria*, *Alcaidaria*, *Caria* e *Alcaria*, *Alegria*,

Alfeiria, *Almadia*, *Armaria*, *Azedia* e *Astroluzia*, deturpação de *astrologia*. — E' um casal — habitação isolada e parece um *meteoro* da onomastica portugueza, cahido lá para o sul, no districto de *Beja*, onde está o dito casal ou habitação dos *astrologos* e da *Astroluzia*.

Junte-se:

— *Barreiria* — abundante em *barro*, como *Barredo*, *Barral*, *Barrosa*, etc.

— *Barrocaria* — abundante em *barrancos* ou *barrócos*, despenhadeiros. Tal é uma quinta do *Alto-Douro*, denominada *Marrocos* por *Barrocos?!...*

Tambem temos *Berberia*, povoação que tomou o nome dos *Berberes*, povo africano de *Marrocos*.

— *Bernardia* — povoação que tomou o nome da ordem de *Cister* ou dos *Bernardos*, porque talvez lhe pertencesse.

Junte-se *Bordalia*, povoação que podia tomar o nome dos *bordalos*, peixes que talvez alli abundassem.

Cf. *Lamprieira*, povoação de *Rezende*, que tomou o nome das *lampreias*, como *Lontreira*, casal, tomou o nome das *lontras*.

Tambem temos *Gançaría* e *Cançaria* por *Gançaria* — povoações que tomaram o nome dos *ganços*.

Junte-se *Caixaria*, *Carapia*, *Caria*, *Carneiría*, *Carvoaria*, *Casaria*, *Cascarria*, *Castellaria*, *Cavallaria*, *Chamelaria*, *Congeitaria*, *Cordoaria*, *Cortezia*, *Cotovia*, *Cocaria*, *Coparia*, *Couxaria*, *Gouxaria*, etc.

Agora mais alguns *dislates* meus.

Caixaria e *Caixarias*, cinco aldeias nossas, podiam tomar o nome das *caixas*; mas lembra-me outra etymologia um pouco mais violenta, que julgo mais acceitavel.

Caixaria e *Caixarias* são povoações dos districtos de de *Vianna*, *Lisboa*, *Santarem*, *Coimbra* e *Leiria*, — districtos que abundam em *pantanos*, *charcos*, *rios*, *ribeiros* e *rans*, pelo que talvez *Caixaria* e *Caixarias* sejam fórmas de *Caxaria* e *Caxarias*, por *Coaxaria* e *Coaxarias*.

Podiam, pois, as ditas aldeias tomar o nome do *coaxo* ou *coaxaria*, *coaxar* ou *grasnar das rãs*.

Mas demorarão as ditas povoações perto d'algum sitio em que abundem as *rãs?* — *Dicant paduani* [1]

Os *elefantes* figuraram nas guerras entre os romanos,

---

[1] Cf. *Rana* e *Rans*, differentes povoações nossas, — e *rua das Rans* — na parte baixa e pantanosa de *Coimbra?!...*

cartaginezes e lusitanos; — tambem usaram d'elles na peninsula muito posteriormente os arabes e mouros — e talvez trouxessem da *Africa* tambem *camelos*, como trouxeram as *zebras*. E assim como as *zebras* — ha muito completamente extinctas em *Portugal*, — deram o nome a differentes povoações nossas, — tambem dos *camelos* podia tomar o nome de *Camelaria* ou *Chamelaria* a nossa povoação ou quinta supra, bem como as nossas povoações denominadas *Camela* e *Camêlo*.

Note-se que

CHA e CA — CHO e CO

muitas vezes se confundiram e substituiram na onomastica portugueza.

Veja-se o topico infra: — *Substituição de letras*, mas, como talvez se demore, ahi vae uma amostrinha do panno, — outro especimen curioso da *onomastica portugueza comparada*.

Os leitores vão rir e mofar, mas, como já disse e repito mais uma vez, — *rira bien qui rira le dernier?!...*

— *Chabouco* e *Cabouco*. [1]

— *Chabrinha* e *Cabrinha*.

— *Chaeiros* e *Caeiros*.

— *Chães* e *Cães*.

— *Champana* e *Campanas*, plural de *Campana*.

Somma e segue.

— *Chanal* e *Canal*.

— *Chancella* e *Cancella*

— *Chanosa* e *Canosa*.

— *Chapa* e *Capa*.

— *Chapinha* e *Capinha*.

— *Charão* e *Carão*.

— *Charniche*, quasi *Charnicha* e *Carnicha*.

— *Jarroeira*; — *Charoeira* por *Charroeira*, — este por *Jarroeira* — e *Caroeira por Charoeira*.

Caroeira e Charoeira são fórmas de *Jarroeira*, povoação que tomou o nome dos *jarros*, planta *aroidea*.

— *Charrão* e *Carrão*.

---

[1] *Chabouco* e *Cabouco* são povoações nossas, mencionadas na *Chorographia Moderna*, — bem como *todas as que vou citar*.

— Vejam-se os meus pobres folhetins 84, 85, 86 e 144, publicados no *Conimbricense* — e agora *Chanal* e *Chabouco* no indice da 1.ª parte.

— *Charrasqueiras* e *Carrasqueiras.*
— *Charro* e *Carro.*
— *Chasco* e *Casco.*
— *Chasqueira* e *Casqueira.*
— *Chaveira* e *Caveira.*
— *Chaxão* e *Cachão.*
— *Chó* e *Có.*
— *Choradeira* e *Curadeiras* ou *Coradeiras* (sic) - plural de *Coradeira.*
— *Chorão* e *Corão.*
— *Chorda* e *Corda.*
— *Chorim* e *Corím.*
— *Chorozeira* por *Choruzeira* — e *Corujeira*, povoações que tomaram o nome das *corujas,* como outras muitas povoações nossas.

V. *Chorozeira*, *Coruche* e *Corujas* no indice da 1.ª parte.

Ainda temos:

— *Chouso*, *Couço* e *Cousso?...*
— *Chouto* e *Couto?...*
— *Chozende* e *Chozendo* por *Cozende* e *Cozendo* — e estes por *Gozende* e *Gozendo.* — De *Gundesindus*, *i*, nome germanico pessoal, que deu *Godezende*, *Gozende*, *Gozendes*, *Gozendinho*, *Gozendo* — e talvez *Gozandina* por *Gozendina*, povoações nossas.

Gozende e *Gozendo* são, pois, o mesmo que *Chozende* e *Chozendo?!..* [1]

— E' assim a *arte nova.*

Do exposto se vê que *Chamelaria* e *Camelaria* pódem ser fórmas do mesmo nome.

Tambem pódem ser fórmas do mesmo nome *Cocaria* e *Coparia* — *Couxaria* e *Gouxaria*, mencionadas supra.

Cocaría por *Cucaria* tomou claramente o nome dos *cucos*, aves, bem como outras povoações nossas. Taes são — *Cocanha* por *Cucanha*, — *Coqueda* por *Cuqueda*, *Coqueira* por *Cuqueira*, — *Cuca*, *Cucana*, *Cucanha*, *Cuco*, *Cucos*, *Ucanha*, antigamente *Cucanha*, — e talvez *Cocujães*, plural de *cucujão*, — ao todo mais de 20 povoações nossas, comprehendendo aldeias, casaes, quintas, etc. — A *Ucanha* é freguezia, — já foi villa — e pertence ao concelho de *Mondim da Beira.*

Coparia é talvez uma fórma de *Cocaria,* pois *ca*, *co*, *cu*

---

[1] A' mesma série pertence tambem *Chousenda* por *Chozenda,* povoação nossa. Junte *N. S.ª de Conduzende,* padroeira de *Adorigo.*

e *pa*, *po*, *pu* confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza. [1]

Ahi vae uma amostra do panno.

Ca, co, cu — e pa, po, pu

— *Cadella* e *Padella*.

— *Cadinho* e *Padinho*.

— *Caracha*, *Caraxa*, *Carocha* e *Carochinha*; — *Paraxa*, *Paraxinha*, *Parrocha* e *Parroxinha* — povoações que tomaram o nome das *carochas* — insectos.

— *Caramos* e *Paramos*.

— *Cadraço* e *Padraços*, plural de *Padraço*.

— *Caires* e *Paires*.

— *Cairos* e *Pairo*, quasi *Pairos*.

— *Calaceiro*, aldeia, — *Palaceiros*, plural de *Palaceiro*, — e *Passeiro* por *Paceiro*, contracção de *Palaceiro*.

— *Cassadouro* e *Passadouro*.

— *Escalheiro* por *secalheiro*, — e *Espalheiros* por *Escalheiros!...*

— *Escairo*, *Espairo* e *Espaio* por *Espairo?...*

— *Escariz* e *Espariz*.

— *Escarigo*, — *Esporigo* por *Esparigo* — e este por *Escarigo*.

Tambem temos *Esprigo* por *Esparigo* ou *Esporigo*.

Todas estas povoações tomaram o nome de *Ascarigus*, nome germanico pessoal [2], cujo patronimico *Ascariguiz* deu *Escariz*, *Espariz*, etc.

Junte-se *Cauca* e *Pauca*.

Veja-se *Cauca*, *Cossourado* e *Villa Pouca d'Aguiar*, artigo meu, no *Portugal antigo e moderno*.

— *Comba* e *Pomba*.

— *Combinho* por *pombinho*.

— *Coço* e *Poço*.

— *Couve* e *Pouve!* ..

— *Couves* e *Pouves?...*

— *Coval* e *Poval*.

---

1 Veja-se o topico infra: — *Substituição de letras*.

2 Com vista ao meu *atavico* successor — o sr. *dr. Joaquim da Silveira*, da *Anadia*, hoje notario e advogado em *Alcanena* e *depositario (?!...)* dos meus caros *verbetes etymologicos*.

Vejam-se as pag. 37, 40, 53, 68, 78 *(videte, videte!...)*, — 101 supra, — e *Joaquim da Silveira* no indice da 1.ª parte.

— *Cobral* e *Pobral.*
— *Collo* e *Polo.*
— *Conta* e *Ponta.*
— *Continha* e *Pontinha.*
— *Continhas* e *Pontinhas.*
— *Cortelha* e *Portelha?*
— *Cortelhas* e *Portelhas?*
— *Cortelho* e *Portelho?*
— *Cortello* e *Portello?*
— *Cortinha* e *Portinha?*
— *Cortinho* e *Portinho?*
— *Corvella* e *Porvella?!...*
— *Costa* e *Posta.*

Junte-se finalmente *escuma* e *espuma*, — *escumadeira* e *espumadeira*, — *escumar* e *espumar* — e *triculantes* por *tripulantes*, provincianismo actual na *Foz do Douro*, etc.

Do exposto se vê que pódem ser fórmas do mesmo nome — *Cocaria* e *Coparia.*

Talvez que a substituição de *p* e *c* venha do tempo dos celtas, pois na *Irlanda* dizem *cran* por *pren* ou *pran* — e na *Baixa Bretanha* ou *Aremorica* dizem *cenn* por *penn* — cabeça. [1]

Nós tambem temos *Chancrão* por *Cranchão*, — talvez fórma de *Granjão* — ou de *Pranchão!...*

Cf. *Pranchas* e *Prenxa* por *Pranxa* ou *Prancha*, povoações nossas.

Junte-se *Creiras* e *Pereiras*, quasi *Preiras?!...*

— *Crestello* e *Prestello?!...*

— *Crestes* e *Prestes?!...*

— *Grela* e *Perello*, m. de *Perella*, quasi *Prela*, povoações nossas.

Tambem temos *Creado*, aldeia, singular de *Creados* ou *Criados*, — e *Priados*, povoação nossa tambem, talvez fórma de *Criados!...*

Temos tambem *Centieira*, *Sentieira* e *Pentieira.*

— *Centieiro* e *Pentieiros*, plural de *Pentieiro.*

— *Sendão* e *Pendão?!...*

— *Seninha* e *Peninha?!...*

A quem haja de succeder-me recommendo esta e outras muitas bellezas da *onomastica portugueza comparada.*

---

[1] Vide *Pencran* em *Guillou*, pagina 113.
O celta *penn* — cabeça — deu *Pena* e *Penha*, muitas povoações nossas.

Basta de *Cocaria* e *Coparia*; — fallemos agora de *Couxaria*, *Gouxaria* e *Moucharia*, povoações nossas, talvez fórmas do mesmo nome, tirado dos *mochos*, aves — ou dos *muchões*, mosquitos.

Os *mochos*, emblema da sciencia, abundam em varias regiões do nosso paiz. — Eu nunca vi tantos em tão curto espaço, como entre a estação do *Crato* e *Nisa*, haverá vinte annos, quando por alli passei no mez de Junho em uma *diligencia* ou carro de posta, debaixo de sol tropical. Em muitos penedos, pouco distantes da estrada, com surpreza vi no curuto d'elles mochos pousados meditando e talvez dormindo com os olhos fechados, sem abrigo algum e expostos *á tisneira*.

Tambem nunca vi em tão curto espaço tantos *sardões* ou *lagartos*, passeando muito satisfeitos e muito socegados na *poeira candente* da estrada que seguiamos. Não os amedrontava o carro — nem fugiam ou se escondiam. Apenas se desviavam e logo proseguiam.

Dos *sardões* ou *lagartos* tomaram o nome talvez mais de 100 povoações nossas, taes são *Lagartal*, *Lagarteira*, *Lagartixo* ou *Lagartixa*, *Lagarto*, *Lagartos*, — *Sardão*, *Sardaça*, *Sardadello*, *Sardal*, *Sardoal*, *Sardoeira*, *Sardoeiro*, *Sardoura* e *Sandoeira* (?!...), o mesmo que *Sardoeira*.

Tambem os *mochos* deram o nome a varias povoações nossas. Taes são — *Mocho*, *Mochos*, *Mochinhos* — e talvez *Moacho*, *Moachos*, *Mouchaes*, *Mouchão*, *Moucharia*, *Moucheira*, *Mouchinho*, *Mouchinhos*, *Moxoco*, *Moxarro* e *Muxarro*. — Mas talvez que *Mouchaes*, *Mouchão*, *Moucharia* e *Moucheira* tomassem o nome dos *muchões*, como tambem *Moção* e *Mouchão* por *Mochão*, — *Moçarria* por *Mucharia* ou *Mouxaria*, *Mouchões*, etc., povoações nossas.

Ás meias tintas confundem e eu já tenho a vista muito cançada; mas na minha opinião *Moucharia* é uma fórma de *Mocharia* ou *Mucharia* e tomou o nome dos *mochos* ou dos *muchões*.

Por seu turno *Moucharia* deu ou podia dar *Couxaria* por *Coucharia*, pois *ma*, *mo*, *mu*, e *ca*, *co*, *cu*, substituiram-se e confundiram-se na onomastica portugueza.

Veja-se o topico infra: — *Substituição de letras*, mas, como talvez se demore, ahi vae uma amostra do panno.

— *Cachouça*, *Cachouças* — *Machoça* e *Machossas* por *Machoças* — de *má choça* e *más choças*.

Cf. *Lama Má*, *Matamá*, *Quinta Má*, *Pedra Má*, *Cova Má*, *Rio Máu*, etc., povoações nossas.

— *Cadorno ou Codorno* — e *Madorno?*
— *Caçoeira* e *Maçoeira,*
— *Cadeiras* e *Madeiras.*
— *Cafarro* e *Mafarra,* quasi *Mafarro.*
— *Cagide* e *Magide.*
— *Cainha, Cainhas* — *Mainha* e *Mainhas?*
— *Cairos* e *Mairos.*
— *Calheiros* e *Malheiros? !...*
— *Calveira* e *Malveira.*
— *Calveto* e *Malvedo.*
— *Cancellos* e *Mancellos? !...*
— *Canhão* e *Manhão.*
— *Carécos* e *Marécos.* [1]
— *Carimba,* quasi *Carimbo* — e *Marimbo.*
— *Cariola* — *Marioila, Marioula* e *Mariola!...*
— *Carmelleiro* e *Marmeleiro.*
— *Carnota* e *Marnota.*
— *Carutos* por *curutos,* — *Maruto* e *Marutos.*
— *Carvalho* e *Marvalho!...*
— *Carvão* e *Marvão?...* [2]
— *Catadouros,* plural de *Catadouro* — e *Matadouro.*
— *Catão* e *Matão?*
— *Catellas* — *Matella* e *Matellas.*
— *Có* e *Mó? !...*
— *Coço* e *Moço.*
— *Cocharro* — *Moxarro* e *Muxarro?!*
— *Collares* e *Molares?...*
— *Colles* — *Molles* e *Moldes?!...*
— *Continhal* e *Montinhal.*
— *Continho* e *Montinho.*
— *Coutinho* e *Moutinho?!...*
— *Corim* e *Morim.*
— *Corjães* e *Murjães.*
— *Couxaria* e *Moucharia.*
— *Coz* e *Moz,* plural de *Có* e *Mó.*
— *Curalha* e *muralha.*

---

[1] Aos manes de *Gualdim Paes de Marécos,* famoso *Mestre do Templo.*

[2] A *serra de Marvão* quer, pois, dizer *serra do carvão* — e a villa de *Marvão* — *villa do carvão?!...*

Tambem já dissemos que a villa de *Barcos* quer dizer *villa dos bacoros!...*

— *Rien n'est beau que le vrai.*

Tambem temos *Cunegunda* e *Cunegundes*, — *Moneguncda* e *Monegundes*, nomes de santos, etc.

A substituição de *ca*, *co*, *cu* — e *ma*, *mo*, *mu* é um especimem distincto da *onomastica portugueza comparada!...*

Do exposto se vê que *Moucharia* deu ou podia dar *Couxaria;* — por seu turno *Couxaria* — muito naturalmente e sem violencia alguma — deu ou podia dar *Gouxaria*, pois *ca*, *co*, *cu* — e *ga*, *go*, *gu* trivialmente se confundiram e substituiram na *onomastica portugueza.* [1]

Na minha opinião, pois, como já dissémos, — *Couxaria*, *Gouxaria* e *Mouxaria* são fórmas do mesmo nome, tiradas dos *mochos*, aves, — ou dos *muchões*, mosquitos.

E' assim a *arte nova* — e *rira bien que rira le dernier?!...*

* * *

Volvendo á sonora desinencia *ia*, temos ainda outras muitas povoações afinadas pelo mesmo diapasão. Taes são:

— *Donairia, Enfermaria, Enxertaria* ou *Enxertio*, *Espia*, *Fanadia*, — *Fancaria*, *Faria*, *Feitoria*, *Ferraria*, *Francaria*, *Freiria*, *Furnaria*, *Gafaria*, *Garcia*, *Gataria*, *Gavaria*, *Gordaria*, *Gravia*, *Guia*, *Joaria*, *Jugaria*, *Judia*, *Juhia*, *Juía*, etc.

Agora mais alguns *dislates* meus.

Donairia dava um lindo nome para qualquer das ruas mais luxuosas do *Porto* ou de *Lisboa;* mas *Donairia* é uma triste e pobre aldeia do districto de *Leiria* e o seu nome está dizendo que pertenceu a alguma ordem de *Donas*. Taes eram as freiras dominicas de *Villa Nova de Gaya*, *Donas de Corpus Christi.*

Tambem as *emparedadas* se denominavam *Donas* e a uma d'ellas dedicou *Arnaldo Gama* o seu lindo romance historico — *A Ultima Dona de S. Nicolau.*

Cf. *Dona*, *Donas*, *Casal Dona*, *Casal das Donas*, (cá estão ellas!...), — *Lagardona* ou *Lagar da Dona*, *Quintandona* por *Quintan da Dona*, *Victorino das Donas*, etc., povoações nossas.

Donairia, povoação das *Donas*, recorda *Bernardia*, povoação dos frades *Bernardos*, e *Freiria*, povoação das *freiras* ou dos *freires* — cavalleiros pertencentes a ordens militares.

---

[1] Veja-se o topico infra—*Substituição de letras.*

— *Enfermaria*, povoação nossa, tomou talvez o nome d'alguma doação feita pelo senhor d'ella a determinado mosteiro para tratamento dos frades ou das freiras doentes.

Tambem *Sapataria*, aldeia e freguezia, talvez tomasse o nome d'alguma doação analoga para o *calçado* das freiras ou dos frades — e *Vestiaria*, povoação nossa tambem, talvez tomasse o nome d'alguma doação feita para *vestuario*.

Nas *chronicas dos mosteiros* encontram-se muitas doações feitas aos monges e monjas para *calçado*, *vestuario*, *tratamento dos doentes* e para sustentação da communidade, unde talvez *Ucharia*, o mesmo que *huxaria*, deposito ou provisão de mantimentos, etc., povoação nossa.

— *Enxertaria* e *Enxertia*, povoações nossas, tomaram o nome talvez dos castanheiros bravos ou *reboleiros* enxertados.

Refiro-me aos castanheiros, por serem arvores de grande porte que muito avultavam e abundaram em differentes regiões do nosso paiz — desde os tempos mais remotos. [1]

Cf. *Enxertada*, *Enxertadinha*, *Enxertado*, *Enxertal*, *Enxertim*, *Enxerto*, *Enxertos*, etc., povoações nossas.

— *Espia* — vem do portuguez *espia*, pessoa que espreita — e por extensão *atalaia*, *esculca*, *vigia*.

Cf. *Atalaia*, *Atalaia Cimeira*. *Atalaia da Barroca*, *Atalaia da Córte*, *Atalaia da Guarita*, *Atalaia da Torrinha*, *Atalaia de Baixo*, *Atalaia de Cima*, *Atalaia do Campo*, *Atalaia Fundeira*, *Atalaias*, *Atalainha*, *Talaia*, [2] *Ataia* por *Atalaia*, *Ataja* ou *Ataya* por *Ataia*, etc., povoações nossas, — ao todo *mais de oitenta?!...*

Todas estas *Atalaias*, *Talaias*, *Ataias* e *Ataijas* ou *Atayas* supra, são reminiscencias tetricas das muitas guerras que assolaram o nosso paiz desde os tempos mais remotos.

Ainda no ultimo seculo XIX — *o seculo das luzes* — em *Portugal* correu muito sangue com a *guerra da Peninsula* e com as guerras civis posteriores.

Mal se imagina o que os nossos antepassados soffreram!...

Felizmente vivemos em paz desde 1847 — ha 62 annos — e Deus a prolongue, porque a ella se devem os melhoramentos de toda a ordem que por ventura gosamos e que promettem ir longe. — Mas o mundo treme e não sei o que succederá com as utopias ou aspirações dos *atheistas*, *socialistas*, *acratas* e *nihilistas* — tão numerosos como *perigosos?!...*

---

1 V. *Castanheiros* no indice do I vol.

2 *Talaia* é appellido nosso tambem e o mesmo que *Atalaia*.

Neste momento — agosto de 1906 — a *Russia* é um vulcão — e *a lava póde ir longe!...* [1]

A's nossas muitas *Atalaias* junte-se *Atalaião*, sitio a montante de *Portalegre*, onde ainda hoje se vêem as ruinas d'um castello.

Tambem temos *Vigia*, o mesmo que *Espia*, — e *Vegião* por *Vigião*, o mesmo que *Atalaião*, povoações nossas.

Junte-se tambem *Esculca* e *Escurquella* por *Esculquella*, pequena esculca, povoações nossas.

— *Fanadia* — fica para segunda leitura, posto que *Anadia*, escrevendo-se, como talvez outr'ora se escrevesse *Hanadia*, dava sem violencia *Fanadia* no diapasão hespanhol.

Cf. *Haba*, *Habales*, *Hacienda*, *Haciendas*, *Haria*, *Haro*, *Haya*, etc., povoações da *Hespanha* — em portuguez *Fava*, *Favaes*, *Fazenda*, *Fazendas*, *Faria*, *Faro* e *Faia*.

— *Fancaria* é talvez o mesmo que *Francaria* supra, pois, como já dissémos o *r* é uma letra *muito falsa* e *muito caprichosa!...*

— *Faria* — é appellido vulgar portuguez e nome de 14 povoações nossas; mas qual a sua etymologia?

Talvez seja o hespanhol *Haria* supra, que podia dar *Faria*, como *Haro* deu *Faro*, etc.

Note-se tambem que temos grande numero de appellidos, importados da *Hespanha* [2]. Taes são os seguintes:

— *Araujo* — de *Arauzo*, differentes povoações de *Salamanca* e *Burgos*.

— *Aragão* — do *Aragão*.

— *Avila* — de *Avila*, duas povoações da *Hespanha*.

— *Azuaga* — de *Azuaga*, povoação de *Badajoz*.

— *Alarcão* — de *Alarcon*, nome de varias povoações de *Malaga* e *Cuenca*.

Somma e segue.

— *Alcantara* — de *Alcantara*, povoação da *Hespanha*.

— *Caceres* — de *Caceres* ou *Cazeres*, villa e capital de provincia na *Hespanha*.

— *Burgos* — de *Burgos*, cidade e capital de provincia tambem.

— *Andaluz* — da *Andaluzia*.

— *Vilhena* — de *Villena*, povoação d'*Alicante*.

---

[1] Foi isto o que escrevemos no folhetim n.º 156 do *Conimbricense*.

[2] Por seu turno a Hespanha tem varios appellidos portuguezes como já dissemos.

— *Villaça* — appellido e povoação nossa. — De *Vilacha*, muitas povoações da *Hespanha*,—ou de *Villaza*, povoação de *Orense*.

Vasconcellos, appellido nosso, é o mesmo que *Basconcillos*, duas povoações de *Burgos*; mas na minha opinião *Vasconcellos*, vem de *Velascucellus*, *i*, diminuitivo de *Velascus*, *qui*, *quis*, que na Hespanha deu *Velasco*, nome pessoal, — *Velasco*, nome de varias povoações de *Jaen*, *Soria*, *Oviedo* e *Logronho*, — e *Velascalvaro* por *Velasco Alvaro*, nome d'uma povoação de *Valhadolid*.

O mesmo *Velascus*, *qui*, *quis*, entre nós por contracção deu *Vasco*, nome pessoal, e *Vasques*, appellido vulgar.

Tambem temos *Basco*, *Bascos*, *Vasvão*, *Vasco*, *Vascões*, *Vasconcellos*, *Vasconeto*, contracção de *Vasco Neto*, — *Vascos*, *Vascoveiro*, *Vasques*, *Vasq'Esteves* e *Vasquinho*, povoações, cujos nomes são reminiscencia dos *bascos* ou *iberos*, — povo mysterioso e muito antigo, que já foi muito numeroso e actualmente se acha muito reduzido, alcandorado nos *Pyreneus*.

Vejam-se as pag. 70 e segg. do 1.º vol.

*
* *

Volvendo aos nossos appellidos importados da *Hespanha*, ainda me occorrem os seguintes:

—*Lemos* — de *Lemos*, povoação da *Corunha*.

— *Noronha* — talvez de *Loroña*, povoação de *Huesca*, pois, como já dissêmos, *l* e *n* — mesmo iniciaes, — confundiram-se e substituiram-se.

— *Padim* e *Paim* por *Padim* — de *Padim*, tres povoações de *Pontevedra*.

— *Queiroga* e *Quiroga* — de *Quiroga*, povoação de *Lugo*.

— *Saldanha* — de *Saldaña*, nome de varias povoações de *Burgos*, *Segovia* e *Palencia*.

— *Tovar* — de *Tobar* ou de *Tovar*, differentes povoações de *Cuenca*, *Valhadolid*, *Albacete* e *Burgos*.

— *Calainho* por *Alcalainho* — de *Alcalá*, nome de varias povoações da *Hespanha*, avultando entre ellas *Alcala de Henares*, pequena mas importante cidade proxima de *Madrid*, pelo que á sahida de *Madrid* para a dita cidade lhe erigiram um portico monumental que eu já vi, denominado *Porta d'Alcalá*.

Demóra a pequena distancia da *Praça dos Touros* — outro monumento de *Madrid*. — E' a praça de touros maior e

mais luxuosa da *Peninsula*, da *Europa* e talvez do *mundo inteiro?!...* — A sua lotação é para 19 a 20 mil pessoas.

Nem podia deixar de ser assim, porque *Solo Madrid es Corte!* — dizem com orgulho os hespanhoes — e para elles as touradas são tudo.

— *Pan y toros!* — é a sua phrase proverbial caracteristica.

— *Vade retro!...*

Volvendo aos nossos appellidos importados da *Hespanha*, ainda me occorrem os seguintes:

— *Moreda* — talvez de *Moreda*, 11 povoações hespanholas.

— *Navarro* — da *Navarra*.

— *Iglesias* — de *Iglesia* e *Iglesias*, mais de 100 povoações da *Hespanha*.

— *Dias* — de *Diaz* por *Diagaz*, patronimico hespanhol e muito antigo de *Diago*, o mesmo que *Thiago*, *Diego*, *Diogo*, *Jayme*, *Jacome*, *Jacob*, etc., — nomes tirados de *Jacob*, patriarcha biblico.

Vejam-se as pag. 315 e 319 do 1.º vol.

— *Diegues*, appellido nosso, — veiu de *Diegues*, appellido hespanhol, patronimico de *Diego*, o mesmo que *Diogo*, *Diago*, *Thiago*, etc.

— *Biscainho* e *Biscaia*, appellidos nossos, — vieram de *Biscaia*, região da *Hespanha*, como *Biscainha* e *Biscainho*, povoações nossas, — e *Biscainhos*, casa nobre e muito antiga de *Braga*. [1]

* * *

Faria, appellido vulgar portuguez e nome de 14 povoações nossas, poderá vir, como já dissemos, do hespanhol *Haria*, mas eu não conheço na *Hespanha* o appellido *Haria* ou *Faria* — e com o nome de *Haria* ou *Haría* a *Hespanha* apenas tem uma povoação nas *Canarias* — emquanto que nós temos 14?!...

Isto me leva a suppôr que o appellica *Faria* não veiu da *Hespanha*, mas *é nosso* e que talvez *Faria* seja contracção de *Favaria*, o mesmo que *Faval* — campo de *favas?!...*

Favaria deu ou podia dar *Faria*, como *Alcaria* deu *Caria*, — *Algravia* deu *Gravia*, — *Cardaria* deu *Cardia*, — *Enxertaria* deu *Enxertia*, — *Francezia* deu *Franzia*, — *Fornaría*

---

[1] Vieram tambem da *Hespanha Sepulveda* e *Gusmão*, appellidos nossos.

deu *Fornia?*, — *Gavaria* deu *Gavía ?; Judiaria*, *Juia*, *Juhia* e *Juìa?; Mouraria* — *Mouria ; Rebolaria* — *Rebolia* ; *Touraria* — *Touria?* e *Trafegaria* — *Trafaria ?*

Tambem temos *Curia*, estabelecimento thermal, etc. cujo nome póde vir de *Caria*, ou de *Curariu*, corporação capitular, — ou de *Curaria*, o mesmo que *Enfermaria* supra, doação de terras para a *cura* ou tratamento dos *frades* ou *freiras* doentes.

Favaria, pois, sem violencia deu ou podia dar *Faria*.

Note-se que as *favas*, legume importante, já veêm do tempo dos romanos — ou talvez de tempos *pre romanos* [1] — e deram o nome a differentes povoações nossas. Taes são: — *Fava*, *Favacal*, *Favaes*, *Favaial* ou *Favacal*, *Faval*, *Favaqueira*, *Favariça*, *Favarrel*, *Favarrelinho*, *Favas*, *Favasal*, *Favasga*, *Favaxa*, *Favaxinha*, *Favella* e *Favellinha*.

Tambem temos *Favaios*, que podia tomar o nome das favas — ou antes de *Phebadius* — *Phebadio*, nome d'um santo, etc.

O nosso distincto escriptor *Fr. Manoel dos Prazeres Maranhão*, natural da villa de *Favaios*, auctor d'um *Santoral* interessante e d'um interessante *Diccionario Chorographico*, bem conhecido como *Diccionario do Flaviense*, julgou que *Favaios* vinha de *Flavius* — *Flavio*, nome romano e nome d'um santo ; mas *aliquando dormitat Homerus!...*

Flavius não podia dar *Favaios*, porque na passagem do latim para o portuguez *fla* deu *cha*.

Cf. *Chaves*, villa, que tomou claramente o nome de *Flaviis* — ou *Aquis Flaviis* — cidade episcopal romana que a pobre villa representa. [2]

Por seu turno o nosso appellido *Chaves* não vem das *chaves*, mas da villa de *Chaves* supra.

Tambem *Flavii*, patronimico de *Flavius*, *ii*, deu *Chave*, freguezia do concelho d'*Arouca*,

Chave quer, pois dizer — *granja*, *quinta ou casa de campo* de *Flavio?!...*

— E' assim a *arte nova*.

---

[1] Os romanos diziam *faba* — no velho toscano, idioma pre-romano — *fava*, como em portuguez.

Os romanos diziam *fabalia, um* por *faval*, — no velho toscano *favale*, quasi *faval*.

V. *Magnum Lexicon* e *Las Casas*.

[2] V. *Chaves* no *Portugal antigo e moderno*.

O mesmo *Flavius*, *Flavio*, deu *Flavia*, *Flaviana* e *Flaviano*, nomes romanos e nomes de santos, — *Flavinia* e *Flavinio*, nomes pessoaes e appellidos.

Por seu turno *Flaviano*, em latim *Flavianus*, *i*, *is*, deu *Chaviães*, *Chavães*, e *Chavões* por *Chavães*, povoações nossas.

Tambem *Flavinio*, em latim *Flavinius*, *ii* — deu *Chavim*, aldeia, etc.

Para *atesto do casco* direi que *Flavio*, nome romano, vem do latim *flavus* — louro, da côr do ouro.

O nome ou cognome *Flavio* é, pois, tirado da *cor do cabello*.

Prosigamos.

* * *

Feitoria — varias povoações nossas, — podiam tomar o nome do antigo portuguez *feitoria* — fazenda, predio rustico — ou do portuguez actual *feitoria* — um dos processos de fabricar vinho; fabrico do vinho — como diz o sr. *Candido de Figueiredo*

S. ex.ª refere-se talvez á denominação *vinho de feitoria* — denominação vulgar no *Alto Douro*, no tempo da *velha Companhia dos Vinhos*, fundada pelo *Marquez de Pombal*.

Effectivamente pela organisação da mencionada *companhia* todo o *Alto-Douro* foi dividido em dois lotes parallelos ao rio, comprehendendo um dos lotes a parte mais baixa, mais proxima do Douro, mais funda e por consequencia mais calida, mais ardente e que produzia — e *produz* — o vinho *mais generoso* [1] destinado para *feitoria* ou — para exportação, depois de bem preparado ou bem *feitorisado*.

Este lote era demarcado a jusante pelo rio — e a montante por grandes *mogos* ou marcos de pedra com a letra — **F** — (*Feitoria*).

O lote immediatamente superior ou a montante era destinado para os vinhos de consumo — ou *de ramo* — nome que tomou dos *ramos das tabernas* em que era vendido — no *Porto*

---

1 O vinho melhor do *Douro*, como lá dizem, — *é o que ouve ranger a espadella* dos barcos rabellos — ou creado nas vinhas mais proximas do rio, — zona tão ardente, que alli na estiagem tremem com sezões *os gatos, as gallinhas* e *os cães*, — estalam as pedras com o calor, — destemperam-se os instrumentos de córte que fiquem expostos á tisneira — e chega a derreter-se a solda das vasilhas de lata.

Custa a crer, *mas é facto !...*

e seus arrabaldes pela mencionada *Companhia;* — nas outras povoações por quem quizesse vendel-o. — E era *crime severamente punido* passar uvas ou vinho do lote de *ramo* para o de *feitoria* — embora pertencessem ambos ao *mesmo dono e á mesma quinta.* [1]

Teve sómente o Douro *vinhos de feitoria,* assim denominados — não pelo *fabrico particular d'elles,* mas por serem provenientes das vinhas que estavam no *lote da feitoria* supra.

Não podiam portanto as nossas povoações denominadas *Feitoria* tomar o nome dos *vinhos de feitoria,* porque nenhuma das ditas povoações pertence ao *Alto Douro.*

Demoram 5 no districto do *Porto,* — duas no districto d'*Aveiro* — e uma no de *Lisboa.*

Na minha opinião, pois, as nossas terras denominadas *Feitoria* tomaram o nome de *feitoria* — fazenda, predio rustico — ou de *feitoria* por *feitaria* ou *Fételaria,* o mesmo que *Feitada, Feital, Feitosa, Feitoso,* etc., povoações que tomaram o nome dos *feitos,* planta arbustiva.

Note-se que *a* e *o* trivialmente se confundiram e substituiram na onomastica portugueza [2], pelo que *Feitaria* e *Feitoria* pódem ser fórmas do mesmo nome.

Note-se tambem que os *feitos, fentos, fetos* ou *fieitos,* sendo uma planta parasita e arbustiva, deram o nome a *centenares de povoações nossas,* em muitas das quaes os *fieitos* tomaram fórmas tão estranhas, que só com a lente da *arte nova* se distinguem, como os leitores vão vêr.

Povoações nossas que tomaram o nome dos feitos, fentos, fetos ou fieitos

Ao meu bom amigo, ex-advogado no Porto e capitalista — o sr. dr. *José Corrêa Pacheco,* — muito amante de flôres e de plantas, nomeadamente dos *fetos, fentos* ou *fieitos,* offereço este insulso topico, pedindo desculpa do meu arrojo e dos meus dislates.

O topico é longo, *muito longo;* estou, porém, certo de que s. ex.ª o lerá todo, porque sympathisa com este ramo de litteratura.

---

1 Vejam-se no *Portugal antigo e moderno* os meus artigos *Victoria,* freguezia do *Porto,* — e *Villa Jusã,* freguezia do concelho de *Mezãofrio.*

2 Veja-se o topico infra: *Substituição de letras.*

Foi um dos mais assiduos leitores dos meus pobres folhetins, que agora estou publicando em livro.

Sem mais delongas, — entremos *na felga.*

Afains (?!...), *Afeital, Afeiteira, Alfeirão, Alfeiria, Alfeirões, Alfeite, Alfeiteira, Covão do Feto, Faitos, Falagueira, Falagueirinha, Faleira, Faleirinha, Faleiro, Faleiros, Falgareira, Falgarinho, Falgarosa* e *Falgaroso.*

— *Feitada, Feital, Feitoria* por *Feitaria?*; — *Feitosa, Feitoso; Felegrosa, Felgaes, Felgar, Felgares, Felgaria, Felgoso, Felgueira, Felgueiras, Felgueiros, Feliteira, Feltia, Fentella, Fétaes, Fétal, Féteira, Feteira de Baixo, Feteira de Cima, Féteira de Dentro, Féteira de Fóra, Féteiras, Féteirinha, Fetelaria* ou *Tetelaria, Fétil* e *Féto.*

— *Filgueiras, Filtreira, Fitares, Fitos, Fitouro* e *Foitos.*

— *Folga, Folgada, Folgado, Folgados, Folgão, Folgar, Folgarosa, Folgas, Folgôa, Folgorosa, Folgosa, Folgoselhe, Folgosinho, Folgoso, Foligueira, Monte da Feiteira* e *Monte da Feiteirona.*

Agora ahi vae a minha lente, na falta d'outra melhor, para os leitores verem que todos os nomes supra foram ou podiam ser tirados dos *feitos, fentos, fétãos, fetos* ou *fieitos,* — vocabulos que por seu turno foram tirados do latim *filix, icis* — o feito, planta, que já no latim deu *filectum* e *filictum* — fétal, campo ou bosque de *fétos,* — *filicétum* — o mesmo que *filectum* — e *filicatus, a, um* — coisa semelhante ao *féto.*

Tambem *filix* e *filectum* no baixo latim tomaram fórmas variadissimas que pódem vêr-se em *Ducange* ou no *Glossario de Ducange* — obra *indispensavel* para este ramo de *estudo* — bem como o *Portugaliae Monumenta* e a *Chorographia Moderna,* tantas vezes por mim citada.

Veja-se o 1.º vol.

O sr. *Candido de Figueiredo* tambem dá aos *fetos* o nome de *felgas* — e o povo tambem diz: — *que felga!* — que azafama!... — Talvez referencia ás difficuldades com que lucta quem se vê em um massiço ou bosque de *fetos.*

— Com vista aos caçadores; mal se imagina, porém, hoje o que deviam ser as taes *felgas,* bosques ou massiços de fetos noutro tempo, quando o nosso paiz esteve em grande parte inculto *durante seculos!...*

Note-se que os *fetos* são plantas arbustivas muito vivazes. Deixando-os á vontade, multiplicam-se espantosamente.

As raizes lançam esporões que vão até um metro e mais de profundidade: — a sua ramagem sobe tambem a um me-

tro e mais de altura e distende-se lateralmente em proporções analogas, cruzando-se em todas as direcções e formando massiços compactos, nos quaes se abrigam como em antros e vivem como em casa propria os *coelhos*, etc.

Por vezes os caçadores cercam os taes *massiços* com os seus cães e de um só dos taes massiços fazem sahir com grande trabalho *muitos coelhos!...*

D'aqui vem a phrase vulgar dos caçadores: *boa feiteira!...*

Corresponde á locução vulgar dos pescadores: — *bom lanço de rede!...*

Os *fetos* são plantas arbustivas e parazitas sem valor, — mas *muito lindas*, pelo que tambem se cultivam nos parques e jardins, — nomeadamente no *Porto*, onde ha *fetos arboreos* que parecem *palmeiras!*

Chegam a ter um metro de circumferencia no tronco — e 5 a 6 metros d'altura total, sendo por vezes avaliado *um só* em 300 a 400 mil réis?!...

Os *fétos arboreos* talvez maiores, mais antigos e mais lindos que ha hoje no *Porto*, são dois que pompêam no bello jardim do sr. *José Joaquim Guimarães Pestana da Silva*, na rua do *Almada*.

Dizem-me que já contam mais de 50 *annos?!..*

* * *

Basta de cantigas e fallemos agora das etymologias das povoações indicadas supra, que na minha opinião tomaram o nome dos *fétos*, — não dos *fétos arboreos* dos parques e jardins, — fétos muito lindos e de muito valor, — mas dos *fétos arbustivos*, montanhosos, incultos e sem valor algum.

Entremos na *felga* — tão densa, como *espinhosa* e *nebulosa?!...*

— *Afeital* e *Afeiteira* [1] — são o mesmo que *Al Feital* e *Al Feiteira* ou *Al feiteira* infra — o *fetal* ou *feital* e a *Feiteira*.

— *Alfeirão* — de *Alfeiteirão* — o *grande feiteiro* ou a grande *feiteira*, o mesmo que *Feiteirona* supra.

Monte da Feiteira e *Monte da Feiteirona* recordam *Atagona*, *Barbatona*, *Cachadona*, *Campona*, *Carrasona*, *Crasona*, *Quintandona*, *Silveirona*, *Foros da Catampona*, etc., povoações nossas.

---

1 Logo fallaremos de *Afains*.

Pernona é nome commum popular, como *solteirona*, *sabichona*, *mocetona*, *felizona*, etc.

— *Alfeiria* — é talvez contracção de *Alfeitaria*, como *Feltia* por *Fetelaria*, *Mouria* por *Mouraria*, *Judia* por *Judiaria*, *Juhía* e *Juía* por *Judia*, etc., povoações nossas.

— *Alfeirões* — é plural de *Alfeirão* supra.

— *Alfeite* — é talvez uma fórma de *Al* + *Feito* — o feito, pois *e* e *o* trivialmente se confundiram e substituiram na onomastica portugueza.

Cf. *Barrete* e *Barreto*, *Burguete* e *Burgueto*, *Lourede* e *Louredo*, povoações nossas, como *Limede* por *Limedo*, *Murtede* por *Murtedo*, etc.

— *Faitos* — é talvez uma fórma de *Feitos*, pois *e* e *a* trivialmente se confundiram e substituiram na onomastica portugueza.

Ahi vae uma amostra do panno.

— *Almelaguez* — freguezia importante do concelho de *Coimbra*, vem de *Al malaguez*, o mesmo que *malagueño* — filho de *Malaga*, como já dissemos:

Cf. tambem *Penescal* por *Panascal* e *Penascaes* por *Panascaes*.

— *Penada* e *Peneda*.

— *Penados* e *Penedos*,

— *Panasqueira* e *Penisqueira* por *Panasqueira*.

— *Pedra Fita* por *Petra ficta*, unde *Perafita* e *Parafita* por *Perafita*.

— *Vilhena* e *Vilhana*, que se encontra em *Peral Vilhana*.

Cf. tambem *Sopegal* por *Sopagal*, — este por *Sapogal* — e este por *Sabugal*, povoações nossas como *Supagal* e *Supegal*, o mesmo que *Sapogal*, *Sopegal* e *Sabugal*.

E' assim a *arte nova!*...

Junte-se *Burgatas* por *Burguetas*.

Cf. *Burgueta*, *Burguete*, *Burgete* por *Burguete*, — *Burgueto* e *Burguinho*, diminutivos de *burgo*, que deu *Burgo* e *Burgos*, muitas povoações nossas — e *Burgos*, etc., na *Hespanha*.

— *Falagueira* e *Falagueirinha* — são talvez fórmas de *Felagueira* e *Felagueirinha*, tiradas de *falga* por *felga*, como *Falgareira*, *Falgarinho*, *Falgarosa* e *Falgaroso* supra, povoações nossas.

Falagueira póde ser o mesmo que *Falgareira* e *Felgueira*, mas talvez que *Falagueira* seja o mesmo que *Vallagueira* e *Valgueira*, povoações nossas tambem, que tomaram o nome das *vallas* ou dos *valles*.

Note-se que *fá*, *fé*, *fi* — e *va*, *ve*, *vi* se confundiram e substituiram na onomastica portugueza.

Veja-se o topico infra — *Substituição de letras* e como póde demorar-se, — ahi vae uma amostra do pano.

* * *

— *Fariginhas* por *Farginhas* e este por *Varginhas*, o mesmo que *Varzinhas!?*

— *Farjella* por *Varjella!* ..

Cf. *Barge*, *Bargellas*, *Barges* e *Bargina* por *Barginha*; — *Varga* e *Vargas* por *Varja* e *Varjas*; — *Varga*, *Vargellas* e *Vargem*, o mesmo que *Barge* e *Varge*; — *Varginha*, *Vargiota*, *Varizellas* e *Varzea*, o mesmo que *Barge*, *Barja*, *Varga*, *Varge* e *Vargea*; — *Varzeas*, *Varziella e Varziellas*, o mesmo que *Bargellas*, *Vargellas* e *Varizellas*; — *Varziellinha*, *Varzigueto*, *Varzina*, *Varzinha*, *Varzinhas*, etc., povoações nossas.

Junte-se:

— *Faldigens*, plural de *faldigem* — e *Valdigem?!*...

— *Faldrêu*, *Baldrêu*, *Valdrêu* e *Fraldêu* por *Faldreu?*...

— *Faleira* — *Baleira* e *Valleira*.

— *Faleiro* e *Valleiro*.

— *Falla* e *Valla*.

— *Falorca*, *Palorca* — e *Baloca* por *Valloca?!*...

Na minha opinião — *Falorca* por *Faloca* é o mesmo que *Valloca*; — e *Palorca* por *Paloca* é o mesmo que *Baloca*, pois *pa*, *po*, *pu* e *ba*, *bo*, *bu* confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza.

Falorca, *Palorca* — *Baloca* e *Valloca* são, pois, fórmas do mesmo nome. [1]

Junte-se *Faquinhas* e *Vaquinhas*.

— *Farrio* — *Barrio*, *Barrios* e *Barriosa*, o mesmo que *Barrosa* e *Barrosas*, muitas povoações nossas.

— *Felino* e *Bellino*, nomes de santos, etc.

— *Fermil*, — *Vermil* e *Bermil*.

— *Barral*, *Berral* e *Ferral?*

— *Berraria* e *Ferraria?*

— *Fiscainho* — *Biscainha* e *Biscainho*, o mesmo que *Viscainha* e *Viscainho*; mas tambem temos *Fiscal*, freguezia e

---

1 Como *refuerzo a Murillo*, direi que na minha *Penajulia* ou *Penajoia*, concelho de *Lamego*, ha um sitio denominado *Palorca*, pequeno valle na foz d'um ribeiro que desagúa no *Douro*.

aldeia, que tomaram o nome de *fiscal*, funccionario publico. Por seu turno *Fiscal* podia muito bem dar *Fiscainho* por *Fiscalinho*.

Do exposto se vê que *Falagueira* póde vir dos *fétos*, como *Falgareira* e *Felgueira*, — ou dos *valles* como *Vallagueira* e *Valgueira*, contracção de *Vallagueira*.

Prosigamos.

— *Faleira* e *Faleirinha* são contracções de *Falagueira* e *Falagueirinha* — ou talvez fórmas de *Valleira* e *Valleirinha*, como *Faleiro* e *Faleiros* talvez sejam fórmas de *Valleiro* e *Valleiros*.

Cf. *Valleira*, *Valleirão*, *Valleiras*, *Valleirinhos*, *Valleiro*, *Vallinha*, *Vallinhas*, *Vallinho* e *Vallinhos*, povoações nossas.

— *Falgareira* — é o mesmo que *Felgareira* e *Felgueira*?

— *Falgarinho* — é o mesmo que *Folgosinho*, porque *felga* deu *falga* e *folga* — e *s* e *r* confundiram-se e substituiram-se.

Tambem *Falgarosa* e *Falgaroso* são o mesmo que *Felgarosa*, *Felgaroso*, — *Folgarosa*, *Folgaroso*, — *Folgorosa*, *Folgoroso*, — *Folgosa*, *Folgoso* e *Felgoso* — povoações nossas indicadas supra.

Que bello especimen da *onomastica portugueza comparada?!...*

E' assim *arte nova* — e *hurrah* pelos *fetos!*

Prosigamos.

* * *

— *Feitada* vem claramente dos *feitos* — e é o mesmo que *Felgueira* e *Féteira* — bosque ou *massiço* de *felgas*, *fétos*, *feitos* ou *fieitos*.

Feito deu *Feitada* como *ramo* deu *ramada*, bosque ou massiço de *ramos*, — unde *ramada* — *parreira*, *latada* ao norte do nosso paiz; — *ramada* — *carvalhal*, na *Galliza*, — e *ramada* — *abegoaria* ou casa para recolher gado — no *Algarve*. Por vezes alli as taes *ramadas* ou *abegoarias* — são casas espaçosas, sem terem *uma unica videira*, mas tomaram e conservam o nome de *ramadas* do tempo em que abrigavam os bois etc., á sombra da *ramagem* ou dos *ramos das arvores*.

Notem-se as diversas accepções de *ramada* em Portugal e na *Galliza*.

Nós temos varias povoações com os nomes de *Ramada*, *Ramadas* e *Ramadinha*, talvez synonimos de *Parrada* por *parreirada*, — *Parrainha* por *parreirinha*, — *Parral* por *parreiral*, — *Parreira*, *Parreiral*, *Parreiras*, *Parreirinha*, *Parreirinhas*,

Parrella e *Parrellinhas*, povoações que tomaram o nome de *parra* — folha das *videiras* e portanto *das videiras.* [1]

Mas talvez que *Ramada*, *Ramadas* e *Ramadinha* tomassem o nome da *rama* ou dos *ramos* sem serem das *vides*, como *Ramalha*, *Ramalhada*, *Ramalhal*, *Ramalhão*, *Ramalhedo*, *Ramalheira*, *Ramalheiro*, *Ramalhete*, *Ramalhido*, *Ramalho*, *Ramalhos*, *Ramalhosa*, etc., povoações nossas.

Do exposto se vê que *feito* deu *feiteira* ou *Fêteira*, *Fétal*, *Feital* e *Feitada*, como *ramo* deu *Rameiro*, *rameira* (?...) e *Ramada*; *ramalho* deu *Ramalheira*, *Ramalhal* e *Ramalhada*; *alho* deu *Alheira*, *Alhal* e *Alhada*; *cardo* — *Cardeira*, *Cardal* e *cardada*; *sobro* — *Sobreira*, *Sobreiro*, *Sobral*, *Sobrada* e *Sobrado*, etc., povoações nossas.

Sobrada e *Sobrado de Paiva*, etc., são o mesmo que *Sobreda* e *Sobredo*, povoações nossas tambem, contracção de *sobreireda* e *sobreiredo*, bosque ou matta de *sobreiros*.

— *Cardada* e *rameira* supra são nomes communs.

Prosigamos.

— *Feital* é o mesmo que *Felgar* por *Felgal* — *Fétal*, — *Fétil* por *Fétal* — e *Folgar* por *Folgal*, — povoações nossas que tomaram o nome dos *feitos*, o mesmo que *felgas*, *fetos* e *folgas* por *felgas*.

As desinencias *il*, *al* e *ar* confundiram-se e substituiram-se, como já dissemos. [2]

— *Feitoria* talvez seja uma fórma de *Feitaria*, o mesmo que *Alfeiria*, *Felgaria*, *Fételaria* e *Feltia* por *Fetelaria*, como já tambem dissemos.

— *Feitosa* e *Feitoso* — vieram claramente dos *feitos*, como *Gestosa*, *Giestosa* e *Giestoso* das *giestas*; *Pedrosa* e *Pedroso* — das *pedras*; *Lamosa* e *Lamoso* — da *lama*, etc., povoações nossas.

* * *

Felegrosa por *Felgarosa* — vem de *felga*, o mesmo que *feito*, *fento*, *feto* e *fieito*.

Vide *Falgarosa*.

— *Felgar* e *Felgares* — são o mesmo que *felgal* e *felgales* — sitios em que abundam as *felgas*.

---

[1] O sr. *Candido de Figueiredo* não deu a etymologia de *parra*, nome commum portuguez.

[2] Veja-se a pag. 80 supra.

E' assim a *arte nova!...*

— *Felgaes* — é o mesmo que *Felgales* e *Felgares*.

— *Felgaria* — vem de *felga* e é o mesmo que *Alfeiria* por *Alfeitaria* ou *Al* + *Feitaria* ou *Al* + *Feitoria*, — *Fételaria* e *Feltia* por *Fételaria*.

— *Felgoso* — vem de *Felga*, como *Falgarosa*, *Falgaroso*, *Folgarosa*, *Folgosa* e *Folgoso*, de *falga* e *folga* por *felga*.

— *Felgueira*, *Felgueiras* e *Felgueiros*.

Vide *Falagueira* e *Falgareira*.

— *Feliteira* por *Felicteira* — vem do latim botanico *felictum* — feito que deu tambem *Filtreira*, o mesmo que *Feliteira* e *Féteira*, — *Fitares*, o mesmo que *Fetales* e *Fetaes*, — *Fitos* e *Foitos*, o mesmo que *Feitos*, — e *Fitouro*, o mesmo que *Fiteiro*, pois *i* deu *ei* — e *ei* — deu *ou*, como já dissemos e logo provaremos. [1]

— *Feltia*, como já dissemos, é contracção de *Fetelaria*, o mesmo que *Feitoria* por *Feitaria*, — *Felgaria* e *Alfeiria*.

— *Fentella* — talvez seja diminutivo de *fento*, o mesmo que *feito*, *féto* e *fieito*.

Cf. *Chã do Fento?!...* — povoação nossa tambem, que tomou claramente o nome dos *fentos*.

Tambem *Fentella*, pela substituicão de *fé* e *vé*, [2] póde ser uma fórma de *Ventella*, tirada do *vento*, como *Venteira*, *Ventiella*, *Ventosella*, etc., povoações nossas.

Póde mesmo *Ventella* ser contracção de *Ventiella* ou *Ventosella!...*

Póde *Fentella* tambem ser o mesmo que *Fontella*, pequena fonte, como *Fontainha* e *Fontainhas*, *Fontella* e *Fontellas*, *Fontinha* e *Fontinhas*, etc., povoações nossas.

Escusado é dizer que *e* e *o* se confundiram e substituiram na onomastica portugueza, pois n'este mesmo topico temos visto e veremos a trivial substituição de *a*, *e*, *i* e *o*.

Fentella póde pois, vir dos *fétos*, ou *fentos*, das *fontes* e do *vento*.

As meias tintas confundem e eu já tenho a vista muito cançada.

Nem eu sei como, tendo tanta edade (77 annos?!...) — ainda posso fazer habitualmente serão, lendo e escrevendo — até ás duas e tres horas da manhã.

— Seja tudo em desconto dos meus peccados!...

Prosigamos.

---

[1] Veja-se o topico infra: — *Substituição de letras* — e pag. 19, supra.

[2] V. a pag. 28, supra.

Com relação a *Fétaes*, *Fétal*, *Féteira*, *Féteira de Baixo*, *Féteira de Cima*, *Féteira de Dentro*, *Féteira de Fóra* e *Féteiras*, povoações nossas, — veja-se *Alfeiteira* e *Feital* supra.

— *Féteirinha*, é diminutivo de *Féteira*, como talvez *Fentella* por *fenteirella?*

Féteirinha contrasta com *Feiteirona*, augmentativo de *Feiteira*, o mesmo que *Feteira*, que se encontra no *Monte da Feiteirona* supra, povoação nossa tambem.

Com relação a *Fetelaria*, veja-se, *Alfeiria*, *Felgaria* e *Feltia* supra.

A *Chorographia Moderna*, diz — *Fetelaria* ou *Tetelaria* — e *Tetelaria* ou *Fetelaria*.

Talvez que *Fetelaria* seja o mesmo que *Tetelaria*, já porque *F* e *T* manuscriptos facilmente se confundem, — já porque na minha opinião *fa*, *fe*, *fo* — e *ta*, *te*, *to*, se confundiram e substituiram na onomastica portugueza. [1]

Ahi vae uma amostra do panno, restricta á substituição de

Fé e Té

— *Feira* e *Teira?!...*

São povoações nossas, mencionadas na *Chorographia Moderna*, bem como as seguintes:

— *Feixe* e *Teixe?...*
— *Feixeiras* e *Teixeiras?...*
— *Feixegueira* e *Teixugueira.*
— *Fejos e Tejos!...*
— *Fellões* ou *Follões* — *Tellões* e *Tolões?...*
— *Ferrão* e *Terrão.*
— *Ferrenho* e *Terrenho.*
— *Ferronha* e *Terronha.*
— *Ferrugem* e *Terrugem?!*
— *Fazoura* e *Tesouras?*
— *Festos* e *Testos* ou *Festos!...*
— *Ferra* e *Terra?!...*

Do exposto se vê que *Fetelaria* e *Tetelaria* são ou podem ser fórmas do mesmo nome, tirado dos *fétos*.

As substituições de *fa* e *ta*, — *fó* e *tó*, são ainda mais numerosas e mais curiosas.

---

[1] Veja-se o topico infra: — *Substituição de letras.*

Chamamos a attenção dos leitores para este bello especimen da *onamastica portugueza comparada.*

Prosigamos.

— *Fétil* — é o mesmo que *Fétal* e *Feital*, porque as desinencias *el*, *il* e *al*, trivialmente se confundiram e substituiram como já dissémos. [1]

Cf. *Lourel*, *Louril* e *Loural*, *Mourel*, *Mouril* e *Moural*, *Cabril* e *Cabral*, etc., povoações nossas.

— *Filgueiras* — não vem na *Chorographia Moderna*, mas com certeza é uma povoação da importante freguezia de *Cambres*, no aro de *Lamego*, — freguezia que tomou o nome *Cambres*, do latim botanico de *Plinio*, *crambe*, *es* — a couve.

Note-se que alli se dão muito bem as *couves*, e tanto que a mencionada freguezia abastece de couves a praça da *Regoa*, villa proxima.

Filgueiras é o mesmo que *Felgueiras*, pela trivial substituição de *e* e *i*.

Com relação a *Filtreira*, *Fitares*, *Fitos*, *Fitouro* e *Foitos* — veja-se o topico *Feliteira* supra.

— *Folga*, *Folgada*, *Folgado*, *Folgados*, *Folgão*, *Folgar*, *Folgarosa*, *Folgas*, *Folgôa*, *Folgorosa*, *Folgos*, *Folgosa*, *Folgosas*, *Folgoselhe*, *Folgosinho* e *Folgoso* — véem de *fólga* por *felga*, o mesmo que *féto*, *fento*, *feito* e *fieito*, como já dissemos.

— *Folga* é, pois, o mesmo que *Felga*.

— *Folgada* — o mesmo que *Felgada* e *Feitada* supra.

— *Folgado* — o mesmo que *Felgado*.

— *Folgados* — o mesmo que *Felgados*, *Felguedos* e *Felgaes* supra.

Folgão — o mesmo que *Felgão*, *Felgueirão* ou *Feiteirão*, macho da *Feiteirona* supra.

— *Folgar* — é o mesmo que *Felgar* supra.

— *Folgarosa* — é o mesmo que *Falgarosa* por *Felgarosa* e *Felegrosa* supra.

— *Folgos* por *Folgas* — é o mesmo que *Felgas*, como *Folga* é o mesmo que *Felga*.

— *Folgôa* por *Felgôa* — é talvez contracção de *Felgueirôa* por *Felgueirona*, o mesmo que *Feiteirona* supra?!... [2]

---

[1] Veja-se a pag. 25.

[2] Tambem *Folgôa* por *Felgôa* póde vir de *Folgorola* por *Felgarola*, diminutivo de *felga* ou *Felgueira*.

Cf. *Figueiró* e *Figueirôa* — de *figueirola*, no baixo latim *ficariola*, diminutivo de *ficaria* — *figueira*, — e *Arnoia* por *Arnôla*, de *arenola*, areinha, diminutivo de *arena* — areia.

— *Folgorosa* — é o mesmo que *Falgarosa*, por *Felgarosa* — e *Folgarosa* supra.

— *Folgosa* — é talvez contracção de *Folgorosa!...*

— *Folgosas* — é plural de *Folgosa*.

— *Folgoso* — é talvez contracção de *Folgaroso* — ou antes, o mesmo que *Felgoso* supra, como *Folgosa* talvez seja o mesmo que *Felgosa?!...*

— *Folgoselhe* e *Folgosinho* são diminutivos de *Folgoso*.

Foligueira, nome lindissimo d'uma aldeia nossa, tambem na minha opinião tomou o nome dos *fétos*, pois *Foligueira* por *Feligueira* é quasi o mesmo que *Filgueira* e *Felgueira?!...*

A bussola é o ouvido.

— As etymologias de *Monte da Feiteira* e *Monte da Feiteirona*, são claras.

Apenas direi que *Feiteirona* recorda *Barbatona*, *Cachadona*, *Campona*, *Atagona*, *Carrasona*, *Crasona*, *Quintandona*, *Silveirona*, *Arjona* e *Atafona*, o mesmo talvez que *Atagona*,— e *Foros da Catampona*, povoações nossas.

Com o mesmo diapasão tambem temos *Barahona*, *Barjona* e *Pamplona*, appellidos d'alta cotação. [1]

— O povo tambem diz *pernona*, *mocetona*, *pimpona*, *marafona*, *balona*, *solteirona*, *lambona*, *tapona*, *felisona*, etc.

* * *

Nunca se escreveram nem escreverão tão cedo *tantos dislates* (?) com relação aos *fétos*, planta parasita sem valor, mas prolifica, muito prolifica e muito interessante na onomastica portugueza, como os leitores já viram. E, para *atesto do casco*, ainda mencionarei as nossas povoações seguintes, que talvez tomassem o nome dos *fétos* — ou de *Felix*, nome d'um santo, etc.

São ellas: — *Afains*, *Fens*, *Fenxe*, *Finges*, *Finxes* e *Fins*, appellido.

Os leitores não se espantem, porque *Fins* com certeza vem de *Felix*, *icis* — *Felix* ou *Feliz*, nome d'um santo, etc., tirado do latim *felix*, *icis*, — nome que deu *Sanfins*, muitas povoações nossas, o mesmo que *S. Felix*, *S. Fins* e *Sinfães*, metathese de *Sanfins*, povoações nossas tambem.

S. Felix, com certeza deu *Sanfins* e *S. Fins*, porque o *Portugalíæ Monumenta, l. Inquisitiones*, fallando da fregue-

---

[1] Junte-se *Carmona* e *Carona*, appellidos nossos tambem.

zia de *Sanfins do Douro*, concelho d'*Alijó*, a qual tem como orago *Santa Maria*, dá-lhe o titulo: — *Sancta Maria de Sancto Felice* — ou *Santa Maria de Sanfins*.

— Nada mais terminante!... [1]

Felix. icis, com certeza, pois, deu *Fins* — e talvez *Afains* por *Al* e *Fains*, quasi *Fins* e *Fens*, pelo diapasão francez, pois em francez *in* sôa *em*.

Tambem *Felix*, *icis*, pela fórma *Felice* podia dar *Fenxe* — e pela fórma *Felizes*, povoação nossa tambem, — com certeza deu *Finges* e *Finzes*, pois *ge* e *ze* confundiram-se e substituiram-se, — bem como *l* e *n*. — V. pag. 12, supra.

Por seu turno *filix*, *icis* — o féto ou fento — quasi *felix*, *icis* — feliz — se não deu, podia tambem dar *Afains* por *Al* + *fains*, [2] *Fens* e *Fenxe* por *félice* ou *felici*, como dizendo *villa*, *granja*, *quinta ou casal do féto* ou *dos fétos*.

Note-se que *Fenxe* é uma aldeia, e que na edade média podiam muito bem dizer *Felici villa* — ou *villa de felici*, em vez de *Felicis villa*.

Cf. *Aldeia das Hortinhas*, *Aldeia de Ervidel* (*Ervedal!...*); *Aldeia de Lordello* (do baixo latim *lauritellum* — *Louriçal*); *Aldeia de Ruins* — ou do *Rodriguez*, porque *Ruins* vem de *Ruiz*, contracção de *Roderiquix*, patronimico de *Rodericus* — *Rodrigo*, que deu tambem *Rorigo*, *Roriz* e *Roligo*, o mesmo que *Rorigo*, povoações nossas?!...

Cf. tambem *Casal do Alho*, *Casal do Feijão*, *Casal do Marmello*, *Casal do Pedro*, sem ser *Ferreira* ou *Ferreiro*; — *Casal Doufe* por *Casal d'Ufe*, contracção de *Adaufe*, o mesmo que *Athaulphi*, patronimico de *Athaulphus*, *i*, nome germanico pessoal, que deu tambem *Dolves*, *Adolpho*, *Adoufe*, *Adufe*, *Villa Duffe*, etc., povoações nossas, como já dissemos.

Cf. tambem *Villa de Cannas*, *Villa de Rei*, *Villa de Rei de Baixo*, *Villa de Rei de Cima*, *Villa de Souto*, *Villa do Bispo*, *Villa do Conde*, *Villa do Monte*, *Villa do Touro*, *Villa Fonche*, por *Villa Alfonsi* — *villa do Affonso*; *Villa Frescainha*, por *Villa Fresquinha*, etc., povoações nossas.

---

1 Com vista ao meu *atavico* successor, o snr. dr. *Joaquim da Silveira*, da *Anadia*, notario e advogado em *Alcanena*, ao qual *tolamente* dei, como já disse, o meu *arsenal etymologico*, — cerca de 80 kilos de verbetes — e muitos livros *raros* e *caros*, entre elles um bello exemplar do *Portugaliæ Monumenta*.

V. as pag. 37, 40, 53, 68, 78 (*videte, videte*); 101 e 111, supra, — e *Joaquim da Silveira* no indice da 1.ª parte.

2 Cf. *Faitos* por *Feitos* supra.

Do exposto supra se vê que *Afains* por *Al + fains*, *Fens*, *Fenxe*, *Finges*, *Fins* e *Finzes*, pódem vir de *filix*, *icis* — o *féto* ou *fento* — ou de *Felix*, *icis*, nome d'um santo, etc., tirado de *felix*, *icis* — feliz.

As meias tintas confundem; — eu já tenho a vista muito cançada — e a minha *lente da arte nova*, forjada por mim a *martello*, está pedindo outra melhor e mais aperfeiçoada.

Ainda com relação a *Felix* supra, direi que só por si deu nada menos de 65 santos, mencionados em differentes *santoraes* e, desdobrando-se, deu tambem *Felice*, appellido, *Felicia*, *Feliciana*, *Feliciano*, *Felicio*, *Felicissima*, *Felicissimo* e *Felio*, o mesmo que *Felix*, na *Hespanha*, — todos nomes de santos, exceptuando *Felicio* e *Feliciana*.

* * *

Tambem parecem affins ou parentes proximos de *Felix*: — *Felicidade*, *Felisarda*, *Felisardo*, *Felisbella*, *Felisberta*, *Felisberto*, *Felisbina*, *Felisbino*, *Felismina* e *Felismino*, — todos nomes pessoaes, mas não de santos, exceptuando *Felicidade* e *Felisberto*.

Por ultimo, direi que *Fretos*, povoação nossa, talvez seja o mesmo que *Fetos*, plural de *Feto*, povoação nossa tambem, mencionada supra, porque o *r*, como já dissemos, — é letra *muito falsa* e *muito caprichosa!* — Apparece e desapparece *instantaneamente*.

Cf. *Marcella*, povoação nossa, que póde vir de *Marcellus*, nome romano, — ou da *macella*, planta.

— *Camarinha*, *Camarinhos* e *Cramarinhos* por *Camarinhos*.

— *Tralhariz* por *Talhariz*, — este por *Calhariz* — e este por *Calhandriz*, sitio em que abundam *calhandras*, aves.

Calhandra, *Calhandriz* e *Calhariz*, são povoações nossas.

— Tambem temos *Curcomellos* por cocomellos — cogumélos, o mesmo que *tortulhos*, e na Beira *gazalhos*, — unde *Gazalha*, *Gazalho*, *Zagalho*, *Zangalho*, *Sangalhos* por *Zangalhos* e este por *Gazalhos*, differentes povoações nossas.

Viva la gracia dos Curcomellos!

Tambem temos *Enxido* e *Enxidro*, — *Enxudos*, *Enxudros* e *Enxuldro?!* ...

— *Taganhal* e *Traganhal?* — *Cujo* — de *crujo* por *Corujo*. — *Teixedo* e *Treixedo*, — *Espindo* e *Espindro*, — *Longa* e *Longra*, — *Longas* e *Longras*, — *Lodeira* e *Lordeira*, — *Segude* e *Sergude*, — *Cepeda*, *Cepedo*, *Sepeda*, *Sepedellos* e *Sepedros* por

Sepedellos ou *Cepedos?!...* — *Sobal* e *Sobral!...* — *Fancaria* e *Francaria.* — *Palorca* por *Paloca*, e este por *balloca* ou *valloca*, ut supra.

Baloca, *Balocas*, *Balôco* e *Balócos*, são povoações nossas

Do exposto se vê que os *fétos* podiam dar *Fretos.*

Tambem *Fileto* ou *Filecto*, nome d'um santo, em latim *Filetus* ou *Filectus*, — sem grande violencia podia dar *Fretos.*

Junte-se ainda *Freitosas*, povoação de *Villa Nova de Gaya*, junto do *Candal.*

Assim como *Fêtos* deu ou podia dar *Frêtos*, tambem *Feitosas* deu ou podia dar *Freitosas.*

Feitoso e *Feitosa* são povoações nossas mencionadas na *Chorographia Moderna*, — bem como *Feiposa* ou *Feitosa* — e *Feitosa* ou *Feiposa?!...*

Eis aqui outro bello especimen da *onomastica portugueza comparada.*

Feitosa deu ou podia dar *Feiposa*, porque na onomastica portugueza, *t* e *p* confundiram-se e substituiram-se.

Veja-se o topico infra: — *Substituição de letras.* — Ahi vae entretanto uma *amostra do panno.*

T e P confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza

Cf. *Padim* e *Tadim.* — São nomes de povoações nossas, mencionados na *Chorographia Moderna*, bem como todos os nomes seguintes:

— *Paião* e *Tayão*; — *Paim* e *Thaim*; — *Painho* e *Tainho*; — *Palada* e *Taladas*, plural de *Talada*; — *Palleira* e *Talleira*; — *Palha* e *Talha*; — *Palhinha* e *Talhinha*; — *Palla* e *Talla*; — *Pallas* e *Tallas*; — *Panque* e *Tanque*; — *Papada* e *Tapada*; — *Paralheira* por *taralheira?*

Cf. *Taralhão*, *Taralhãos e Taralhões*, povoações nossas que tomaram o nome dos *taralhões* ou *tralhões*, aves bem conhecidas e que se encontram na phrase popular: — *gôrdo* como um *tralhão!...*

Somma e segue.

— *Paranhão* — por *paralhão* e este por *Taralhão?*

— *Pacinhas* e *Tacinhas*, plural de *Tacinha.*

— *Pavilhão* e *Tavilhão* — *Pecho* e *Peixe* — *Teixo* e *Teixe.*

— *Peixinhos* e *Teixinhos*; — *Peixeira* e *Teixeira*; — *Peja* e

Teja?!... — *Pelho* e *Telho?!...* — *Penha*, o povo diz *Panha*, — e *Tanha*. — *Pera* e *Tera?!...* — *Perra* (duas aldeias) — e *Terra*; — *Perraço* e *terraço*; — *Perradas* — *Terrada* e *Terrados*, quasi *Terradas*.

— *Perrães* por *Pérrões (?)* — e *Terrões*.

Note-se que as desinencias *ães, ãos* e *ões* confundiram-se e ainda hoje se confundem.

Somma e segue.

— *Pigeiro* e *Tigeiro* por *Tojeiro?* — *Pijão* e *Tijão* por *Tojão* — e este por *tojalão?!...* — *Pinheiro* e *Tinheiro?!...* — *Pinhel* e *Tanhel* por *Tinhel?* — *Pinhella* e *Tinhella?!...* — *Pinta* e *Tinta*; — *Pintim* e *Tintim*, aldeias, etc. — *Pinto* e *Tinto*; — *Pires* e *Tires?!...* — *Piroleira* e *Tiroeira* por *Tiroleira?* — *Pogeira* e *Togeira*.

Notem os leitores a substituição de *po* e *to* — *mesmo iniciaes*, o que torna menos violenta a substituição do *po* e *to mediaes* de *Feiposa* e *Feitosa*.

Junte-se:

— *Poído* e *Pugido* — *Tugido* e *Tuido* — de *Tugido* por *tojedo*, o mesmo que *Tojal*, que deu tambem *Tosar, Tugal* e *Tuzar?!...*

Tambem *Tojo* deu *Tôcho, Togo* e *Tuxo?!...*

E' assim a *arte nova* — e *rira bien qui rira le dernier!...*

Somma e segue.

* * *

— *Poja, Toja* e *Tocha* por *Toja!...* — *Poledo* e *Toledo*, povoações nossas; — *Polo* e *Tolo*, — talvez de *Polo*, o mesmo que *Paulo*, na Hespanha; — *Ponta* e *Tonta* — duas aldeias e uma quinta.

— *Pontão* e *Tontão*; — *Pontello* e *Tontello*; — *Pontinha* e *Tontinha*; — *Porvilhão* — e *turbilhão?* — *Pragal* e *Tragal*; — *Predo* e *Tredo*; — *Prega* — e *Trega ou Prega*, (sic.). — *Pregaes* e *Trigaes?* — *Pregal* e *Trigal?* — *Pregueira* e *Trigueira* — (3 aldeias) — por *trigoeira*, o mesmo que *Trigosa*, que abunda em *trigo*.

— *Prilhão* e *Trinhão* por *Trilhão*, o mesmo que *Tralhão* por *Taralhão* supra?!...

— *Prova* e *Trofa* por *Trova*, — de *prova* — bacellada, vinha nova.

— *Provella* e *Trovella*, que se encontra em *Ponte de Trovella*.

Junte-se *Pinouca* por *Pinoca* — e *Tinoca*.

— *Ponce*, appellido, — e *Tonce*; — *Porqueiros* e *Torqueiros?!...* — *Praves* e *Trave*, singular de *Traves*.

— *Prazeiro* e *Trazeiros*, plural de *Trazeiro* por *Prazeiro?*

— *Aprigio* ou *Aprizio*, nome d'um santo, — e *Trizio*, aldeia nossa, talvez o mesmo que *Prizio*, aferese de *Aprizio!...*

Do exposto se vê que *Feitosa* deu ou podia dar *Feiposa*.

Basta de *fentos*, *fétãos*, *faitos*, *fetos*, *feitos*, *felgas*, *falgas*, *folgas* e *fieitos*.

Sat prata biberunt.

Prosigamos:

Antes de volvermos á sonora desinencia *ia*, que tem largas ensanchas, ahi vae outro jorreiro de dislates meus a proposito dos *fétos*.

Fórmas anteriores da nossa desinencia ães, na onomastica portugueza

Já dissemos que *Afains* por *Alfains* ou *Al* e *Fains* — é o mesmo que *Fens*, povoações nossas, cujos nomes talvez fossem tirados de *filix*, *icis*, o *fëto*, planta, que podia dar *Fains* e *Fens*, como *Felix*, *icis*, nome d'um santo, etc., deu *Felizes*, *Finges*, *Finzes*, *Fins*, *Sanfins* e *Sinfães*.

Fains pelo diapasão francez em que *ain* vale *ên*, [1] deu ou podia dar *Fens* na edade média. — Por seu turno *Fens* deu ou podia der *Féns* e *Fães*, que no diapasão portuguez sôa *Féns* ou *Féins*, quasi *Fãis*.

Cf. *Alcains*, povoação nossa, o mesmo que *Al* + *Cains*, por *Kens* ou *Kéns* ou *Keins*, quasi *Cães!...*

Caes, *Cães*, *Cães de Baixo* e *Cães de Cima*, são povoações nossas.

Afains por *Alfains* e *Fens* talvez queiram dizer *os fetos* ou *fieitos*, como *Alcains* e *Cães* — *os cães!*

O diapasão d'*Alfains* e *Fens* é o mesmo de *Alcains* e *Cães*. [2]

Isto me leva a suppôr que a nossa particular desinencia *ães* teve as fórmas anteriores *ains* e *ens?!...* — E a mesma

---

1 Veja-se o topico infra—*Diapasão francez*.

2 Junte-se *Mains*, casal nosso.

Pela substituição de *ma* e *ca* — *Mains* talvez seja uma fórma de *Cains*, o mesmo que *Alcains* e *Cães* supra; mas pela substituição de *ains* por *ães* e *ões* — *Mains* talvez seja o mesmo que *Mães* e *Mões*, infra.

—Some-te, coisa má!...

desinencia *ães* teve posteriormente e conjunctameute as fórmas *aes*, *ãos* e *ões* na onomastica portugueza, como os leitores vão ver.

Desinencias aes, ães, ens, ãos e ões

Cf. *Almargem*, *Almarjão*, *Almarjães*, *Almargens* e *Almarjões*, povoações nossas que tomaram o nome do portuguez *almargem*, prado natural,—e este do arabe *al'mardje*, tirado do persa, como diz o sr. Candido de Figueiredo—ou do verbo arabe *maraja* — dar pasto ou cortar herva para o gado, como diz *Fr. João de Souza*.

Tambem *Souza* diz que *Almarjam* ou *Almarjão* significa *lugar das pedradas* ou *cumulo de pedras*. — Do verbo arabe *rajama*, *apedrejar alguem?!...*

Risum teneatis.

Almarjão é augmentativo de *Almarjem*, e com certeza tem a mesma etymologia, como *Almarjães* e *Almarjões*.

Prosigamos.

— *Centiaes*, *Centiães*, — *Santiaes* por *Centiaes*, — *Sandiães* e *Sendiães* por *Centiães*, — povoações nossas que tomaram o nome do *centeio*, como *Centieira*, *Sentieira* e *Sendieira* por *Centieira?!...*

— *Cepães*, *Sepães* e *Cepões* — povoações nossas tambem, que tomaram o nome das *cepas* ou dos *cepos*, troncos d'arvores. [1]

— *Chã*, *Chans*, *Chão*. *Chães*, *Chãos* e *Chões?!*

— *Faldijaes* por *Faldijães?* — e *Faldigens* por *Valdigens*, plural de *Valdigem*.

Faldijaes, *Faldigens* e *Valdigem*, são povoações nossas.

— *Fanhaes* por *Fanhães?*—e *Fanhões*.

— *Farelães*, *Fralães e Farlens?!...*

— *Fundão*, *Fundaes*, *Fundoães* por *Fundães?* — e *Fundões?!...*

— *Gondam* por *Gondão*, — *Gontão*, *Gontães* e *Gontens!...*

— *Mourão*, *Mourãos*, *Mourens* e *Mourões!...*

— *Mução*, *Muçaes*, *Muções* e *Mucens* ou *Muções* (sic) — povoações nossas.

— *Orjaes*, *Urjaes* e *Orgens* por *Orjães?*

---

1 Todas as povoações mencionadas e as que vou mencionar, encontram-se na *Chorographia Moderna*, obra indispensavel para este ramo d'estudo, como já dissemos.

E' assim a *arte nova* e *rira bien qui rira le dernier?!...*

— *Perdigão*, *Perdigões*, *Perdagães* por *Perdigães*, — e este por *Perdigões?!...*

— *Pintim*, *Pintem*, *Pintens*, *Pintães*, *Pintins* e *Pitões* — povoações nossas que tomaram o nome dos *pintainhos*, chamados tambem *pintos* e *pitos*.

— *Pintainha*, *Pintainhos*, *Pinta*, *Pinto*, *Pitas* e *Pintos*, — são tambem povoações nossas.

— Junte-se ainda — *Tourão*, *Touraes*, *Tourães* e *Tourões?!...*

* * *

Eis aqui outro bello especimen da *onomastica portugueza comparada*.

A desinencia *ão* dos substantivos e adjectivos portuguezes, — no plural deu *ãos*, *ães* e *ões*.

O povo sympathisa mais com a desinencia *ões*. Assim, em vez de *mãos*, *pagãos*, *cidadãos*, *pães*, *escrivães*, *tabelliães*, etc., — diz *mões*, *pagões*, *cidadões*, *pões*, *escrivões*, *tabelliões*, etc.

Nós temos cinco povoações e uma freguezia denominadas *Mões*, que por certo não tomaram o nome do portuguez popular *mões*, por *mãos* supra, mas talvez de *Monüs*, patronimico de *Monius*, *ii* — *Monio*, o mesmo que *Munius*, *ii* — *Munio*, antigos nomes pessoaes tirados de *nonus* — nôno, adjectivo numeral romano que tomou *fórmas variadissimas!...*

O tal adjectivo *nonus* deu *Nona*, *Nonia*, *Nonna* e *Nonno*, nomes de santos; — *Nonio*, nome pessoal e appellido; *Noia*, tambem appellido, talvez contracção de *Nonia*; *Nuno*, nome vulgar, em latim *Nunus*, *i*, unde *Nunes* por *Nunís*, patronimico de *Nuno*.

Tambem *Nonius* e *Nunus*, pela substituição de *n* e *m* deram *Monius*, *Munius*, *Mumus* e *Mumius?!* ...

Por seu turno *Monius* deu *Monia* (villa), que se encontra em *Monha*, aldeia nossa, — e *Moninus*, *i*, *is*, unde *Monin*, que se encontra em *Ponte do Monim*, casal nosso, — *Moninhas*, *Moninho* e *Moninhos*, povoações nossas tambem, — e *Moniz*, povoação e appellido d'alta cotação pelo grande prestigio do lendario *Egas Moniz*. [1]

Mumus ou *Mummus* deu *Mumma*, antigo nome de mulher, unde *Mummadona* por *Mumma Dona*, o mesmo que *Dona Mumma* e *Dona Mummadona*, — a lendaria fundadora de

---

1 *Moniz* vem de *Moniniz*, patronimico de *Moninus*, *i* — *Moninho*, o mesmo que *Monino*, antigo nome pessoal.

Guimarães, ou do grande mosteiro que produziu a cidade de *Guimarães*. [1]

Tambem *Mumius, ii*, deu *Mumianus, i, is*, unde *Miomães*, metathese de *Munianis*, povoação nossa, — e *Muminius, ii, iis*, unde *Moumiz*, povoação nossa tambem.

Junte-se *Noninha*, povoação nossa que vem de *Nonina, villa*, e esta de *Noninus, i*, diminutivo de *Nonius, ii*, que deu tambem *Nonilius ii*, unde *Nunelhe*, povoação nossa tambem, como já dissemos.

Veja-se no 1.º vol. a pag. 384 — e o topico infra: *Nomes pessoaes e nomes de santos tirados dos adjectivos numeraes romanos.*

Com relação á fórma popular *cidadões* por *cidadãos*, cf. *Cidadão, Cidadãos*, — *Cidão* por *Cidadão*, — *Seidões* e *Cidões* por *Cidadões*, povoações nossas, pois na onomastica portugueza *i* deu *ei*.

Mas talvez que *Cidões* e *Seidões* venham de *Sidoniis*, patronimico de *Sidonius, ii* — Sidonio, nome d'um santo, etc., tirado de *Sidonia*, antiga capital da *Fenicia*.

Note-se que os *Fenicios* foram dos mais antigos exploradores e colonisadores da *Hespanha* e da *Luzitania*. [2]

O padre *Antonio Pereira de Figueiredo* — sabio de primeira plana — em uma das suas *Dissertações* publicadas nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*, diz que os *Fenicios* flanearam pela *Hespanha* 1400 annos — *ou mais* — antes do *nascimento de Christo?!...* — E em outra *Dissertação* diz que os gregos flanearam pela Hespanha antes da *guerra de Troia?!...*

A fórma popular *pagões* por *pagãos* supra, recorda *Pagons*, casal nosso. — Por seu turno *Pagons* é deturpação ou antiga fórma callaica do Hespanhol *paganos* — pagãos, — fórma tirada do latim classico *paganus* — aldeão, — ou do latim ecclesiastico *paganus* — idolatra, gentio, pagão.

Ainda a proposito da desinencia *ães*, ahi vae outro *chorreiro* ou *jorreiro* de dislates meus.

Desinencias ães e ans — Magalhães e Magalhans — Malaga e os Fenicios

Como já dissemos, a nossa desinencia *ães* teve as fórmas *aes, ens, ãos* e *ões* — e tambem *ans* talvez!...

---

1 V. *Guimarães* no *Portugal antigo e moderno*.
2 V. pag. 57 a 65 do 1 vol. — e o topico *Magalhães*, infra.

Cf. *Magalhães* e *Magalhans* — o mesmo que *Magalhães?* — povoações nossas.

Tambem temos *Magães*, que póde ser contracção de *Magalhães*, — e varias povoações com os nomes de *Magalhã* e *Magalhôa*.

A Hespanha tem *Magallanes*, que se lê *Magalhanes*, quasi *Magalhães*; — *Magallon*, que se lê *Magalhon*, quasi *Magalhão*; — *Magan*, talvez contracção de *Magallan*; — *Maganes*, talvez contracção de *Magallanes*, — e *Magaña*, que se lê *Maganha*, talvez contracção de *Magallana* — *Magalhana?*

Nós tambem temos *Maganhe*, *Maganha* e *Magalão*, talvez fórma de *Magalon* supra, povoação da Hespanha. — E a *Formosa Magallona*, romance de cordel, escrevendo-se *Magallona*, pelo diapasão hespanhol dava em portuguez *Magalhona*, quasi *Magalhôa* supra, povoação nossa.

Magalhães é tambem appellido portuguez nobre e antigo — e hoje muito vulgar pelo grande prestigio de *Fernão de Magalhães*, natural de *Sabrosa* em *Traz-os-montes*, [1] que no seculo XVI, andando ao serviço da *Hespanha*, descobriu a passagem do *Atlantico* para o Pacifico pelo estreito da *America do Sul*, — estreito que tomou d'elle e conserva ainda hoje o nome de *Estreito de Magalhães*, por onde seguiu da Hespanha para as *Philippinas*, sendo alli barbaramente trucidado pelos indigenas.

Vasco da Gama, partindo de *Lisboa*, dobrou o *Cabo de Boa Esperança* nos fins do seculo XV e foi até á *India*, contornando a *Africa*; por seu turno, *Fernando* ou *Fernão de Magalhães* foi da *Hespanha* até á *India* tambem, alguns annos depois, pelo sul da *America*.

No citado artigo *Sabrosa*, Pinho Leal com bom fundamento sustenta que *Fernão de Magalhães* era natural d'aquella villa — e não do *Porto*, como disséra no artigo *Porto*, vol. 7.º, pag. 296. — Reconsiderou, por serem de muito peso as noticias, até áquella data *ineditas*, que lhe forneceu certo amigo d'elle e *meu*, cujo nome não publicou, como desejava e declarou no mencionado artigo, porque o tal informador *o não consentiu*.

Eu tive a honra de privar com ambos, pelo que posso afoitamente dizer que o tal cavalheiro, informador de *Pinho Leal*, — foi o sr. *José Augusto Pinto da Cunha Saavedra*, na-

---

[1] Vide *Sabrosa*, no *Portugal antigo e moderno*, vol. 8.º, pag. 275, col. 2.ª e seg.

tural de *Provezende*, villa do concelho de *Sabrosa*,— cavalheiro respeitabilissimo, tão modesto como illustrado e muito versado nas *genealogias transmontanas*, etc.

Falleceu quasi de repente na sua nobre casa de *Provezende*, no dia 26 de Abril de 1885 — e poucos sentiriam tanto como eu a inesperada morte de s. ex.ª, — já por ser um dos meus melhores amigos, já por me haver promettido muitos apontamentos para o artigo *Villa Real de Traz-os-Montes*,— villa que s. ex.ª muito bem conhecia por ser a capital do seu districto e por ter alli muitas relações e parentes.

Com a morte de s. ex.ª, perdi o melhor cyreneu para aquelle artigo de tanta responsabilidade e que *tanto trabalho me deu!...*

Elle ficou bastante extenso, pois comprehende 111 paginas — e é *muito variado*, mas gastei com elle uns *tres mezes!* — Talvez tenha algum merecimento, mas teria com certeza mais valor e ficaria mais correcto e mais completo, se me não faltasse, como faltou, o auxilio de tão illustrado e dedicado amigo. Quando s. ex.ª falleceu, apenas deixou esboçadas algumas linhas informes que não pude aproveitar.

Veja-se no *Portugal antigo e moderno* o meu longo artigo,— *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, paginas 926 a 1:041, — e para a genealogia de s. ex.ª, o artigo *Provezende*, vol. VII, pag. 680 a 714,— artigo em que *Pinho Leal*, meu benemerito antecessor, aproveitou muitos apontamentos que o mesmo senhor lhe forneceu.

Fernão de Magalhães

Antes de esboçar a nebulosa etymologia do nosso appellido *Magalhães*, não posso resistir á tentação de dizer algo de *Fernão de Magalhães*, afamado navegante portuguez, cuja biographia é *muito vaga e muito nebulosa*, posto que d'ella se têem occupado distinctos escriptores nacionaes e estrangeiros.

Pinho Leal, fallando de *Fernão de Magalhães* nas ephemerides relativas ao *Porto* e ao anno 1521, data do fallecimento do grande navegador, pois ignora-se a data em que nasceu, diz textualmente o seguinte: [1]

«Segundo alguns escriptores — e entre elles o esclarecido auctor dos *Portuguezes illustres*, o sr. *M. Pinheiro Chagas* — nasceu na cidade do Porto o famoso *Fernando de Magalhães*.

---

[1] *Portugal antigo e moderno*, logar citado.

Foi creado da rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e depois, do rei D. Manuel, irmão da mesma senhora.

Em 1504 foi para a *India* com o seu primeiro vice-rei, *D. Francisco d'Almeida* (V. *Lisboa*, vol. IV, pag. 321, col. 1.ª) e alli deu provas de grande valor, assim como na *Africa*, onde tambem se distinguiu em muitos combates contra os mouros e turcos.

Requereu ao rei *D. Manuel* um pequeno augmento na sua moradia, e como lhe fôsse recusado, deixou *Portugal* e se pôz ao serviço de *Castella.*»

«Quando para alli foi, já ia persuadido de que o plano de *Christovam Colombo*, de buscar pelo lado occidental um caminho para o *Oriente*, se podia realisar, navegando mais ao sul; conseguindo-se assim a posse das *Molucas*.

Offereceu-se *Magalhães* a *Carlos* V, para levar a effeito esta empreza; — o imperador acceitou este offerecimento, e lhe deu uma esquadrilha, com a qual o nosso portuguez foi em 10 d'Agosto de 1519, ousadamente, em demanda de mares desconhecidos.

Rodeando os mares da *America meridional*, entre a *Patagonia* e a *Terra do Fogo*, [1] descobriu o canal que communica o *Atlantico* com o *Mar Pacifico*, ou *Grande Oceano Austral*, e por isso ao mesmo canal se deu o nome, que ainda conserva, e que todos os geographos lhe dão, de *Estreito de Magalhães*.

«D'alli vogou para as *Molucas;* mas foi morto em um combate contra os habitantes das ilhas *Philippinas*, no dia 27 d'Abril, d'este anno (o tal das *ephemerides* supra — 1521.)

Foi *Sebastião del Cano* que aportou ás *Molucas*, regressando á *Hespanha* pelo *Oriente* [2] (*Oceania*) concluindo assim uma viagem de circumnavegação em volta do mundo.»

— Foi isto o que *Pinho Leal* disse de *Fernão de Magalhães* no artigo *Porto;* vejamos agora o que disse o meu benemerito *antecessor* no artigo *Sabrosa*, villa transmontana, vol. VIII, pag. 275.

Desculpem a transcripção, porque é *muito interessante* para a nebulosa biographia do celebre navegante portuguez.

---

1 *A Terra do Fogo* (nota de *Pinho Leal*) é uma ilha, e a extremidade meridional da *America*, cuja ponta fórma o *Cabo de Horn*, no *Oceano Atlantico Austral*.

2 Aqui houve lapso de revisão. — Em vez de *Oriente* — leia-se *Occidente*.

Este topico é *interessantissimo*, como os leitores logo verão.

* * *

Sob o titulo *Fernando de Magalhães* diz textualmente *Pinho Leal:*

— «No 7.º vol. (artigo *Porto*), pag. 296, disse eu que — *segundo alguns escriptores* — tinha nascido na cidade do *Porto* este navegador famoso, e n'aquelle logar dei uma rapida biographia d'este esclarecido portuguez.

«A um meu respeitavel amigo e incansavel investigador, ao qual muito deve esta obra, devo amplas noticias sobre a naturalidade *Magalhães*, e as vou aqui dar em resumo, como o pede um diccionario. — A modestia d'este cavalheiro priva-me do prazer de publicar o seu nome, o que muito me custa. [1]

«Se não ha certeza, ha toda a probabibilidade para crermos que *Fernando de Magalhães* nasceu na sua *casa solar da Pereira*, da villa de *Sabrosa*, ainda que uns o fazem natural do *Porto*, — outros de *Figueiró dos Vinhos* e ainda outros de diversas localidades.

A causa d'esta confusão, é porque no principio do seculo XVI houve varios individuos com este mesmo nome, sendo alguns da mesma familia de *Fernando de Magalhães*, como se póde vêr em differentes nobiliarios.

Investigações feitas modernamente em face de documentos authenticos, pôem fóra de toda a duvida que, se elle não foi de *Sabrosa*, pelo menos alli tinha *com toda a certeza* a sua casa e a sua familia, que foi herdeira e representante do seu nome — e administradora do vinculo por elle instituido na *Casa da Pereira*, d'esta villa.

«O grande nobiliario do *Casal do Paço*, manuscripto da *Bibliotheca publica do Porto* (volume VII pag. 189) diz que *Lopo Rodrigues* foi para a villa de *Figueiró dos Vinhos* ser tutor dos filhos do senhor de *Figueiró* e de *Pedrogam Grande*, os quaes eram sobrinhos de *D. Izabel de Souza*, mulher de seu tio *João de Magalhães*, senhor da *Barca*. [2]

---

1 Já dissémos que o benemerito informador de *Pinho Leal* foi o meu saudoso amigo sr. *José Augusto Pinto da Cunha Saavedra*, distincto fidalgo e rico proprietario de *Provezende*.

— *Suum cuique*.

2 *D. Izabel de Souza* era filha de *Ruy Vaz Ribeiro de Vasconcellos*, senhor de *Figueiró dos Vinhos* e de *Pedrogam Grande*.

Vide *Ponte da Barca* e *Paço Vedro de Magalhães* (no *Portugal antigo e moderno*).

«*Lopo Rodrigues* teve da sua mulher oito filhos (4 de cada sexo), tendo o mais velho por nome *Fernando de Magalhães*, como o seu avô materno. Note-se, porém, que *nenhuma das irmãs* d'este *Fernando de Magalhães se chamava Thereza.*

«*Gajo*, no seu extenso nobiliario, existente no archivo da *Misericordia de Barcellos* (tomo XXIII, letra M, § 27) conforma-se com o manuscripto do *Casal do Paço*, mas aponta mais tres individuos da familia *Magalhães*, todos chamados *Fernando de Magalhães*, cada um dos quaes tem passado por descobridor do *Estreito de Magalhães.*

O arcebispo de *Braga* (primeiramente bispo do *Porto*) *Dom Rodrigo da Cunha*, auctor do *Catalogo dos Bispos do Porto*, e que attentamente estudou a questão, fundando-se em que do inventario de *Fernando de Magalhães* constava que elle viveu na ilha da *Madeira*, é de parecer que *Fernando de Magalhães* era filho de *Lopo Rodrigues*, o tal tutor de *Figueiró dos Vinhos.* [1]

«Ainda o mesmo *Gajo* nota que um dos tres mencionados *Fernandos de Magalhães — era senhor do vinculo de Merilheias, o qual perdeu, por passar ao serviço de Castella.*

O sabio *Muñoz* diz que elle fizera um outro testamento em 24 de Agosto de 1519, e que nelle se declarava — *Vicino de Oporto*, — d'onde se collige que elle devia ser natural d'esta cidade, — e accrescenta que n'este testamento instituiu por herdeiro seu irmão *Diogo de Sousa* (ou de *Magalhães*, segundo *Gajo*) — no caso que fallecesse o filho que havia tido de sua mulher — *D. Beatriz Barbosa*, realisando-se esta ultima hypothese. [2]

«Finalmente, de antigos documentos consta haver nada menos de *seis Fernandos de Magalhães*, em differentes terras de *Portugal*, — sendo alguns d'elles militares e fazendo parte das nossas expedições á *Africa* e á *India;* mas é certo que de nenhum d'elles ha noticias tão authenticas e positivas, como do da *Casa da Pereira*, de *Sabrosa.*

---

[1] Eu modifiquei algo este topico, pois é bastante confuso no original que vou copiando. — *P. Ferreira.*

[2] *Henri Vast* na sua interessante obra — *Le Tour du Monde* — que havemos de citar muitas vezes, — a pag. 120, fallando de *Fernão de Magalhães*, diz: — «casou na *Hespanha* com *D. Beatriz*, filha d'um grande personagem, commendador da ordem de *S. Thiago*, que desde 1501 tinha feito numerosas viagens nos mares da *India*».

— Nada mais diz do casamento de *Fernando de Magalhães.*

«O sr. dr. *Alexandre Manoel Alvares Pereira d'Aragão*, fidalgo da casa real e cavalleiro da ordem de *Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa*, natural da freguezia de *Parada do Pinhão*, concelho de *Sabrosa*, hoje residente em *Villa Flor* (onde casou com uma sobrinha do general *Antonio Pinto de Seixas Pereira de Lemos*, feito *visconde de Lemos* em 29 de Março de 1854) — é *actualmente* [1] o unico representante legitimo da casa e familia de *Fernando de Magalhães*.

Possue o dito sr. dr. *Alexandre Manoel* dois documentos que derramam a luz mais clara sobre esta questão.

O 1.º d'elles é o testamento do proprio *Fernando de Magalhães*, feito em *Belem*, nas notas do tabellião *Domingos Martins*, a 17 de Dezembro de 1504, — tres mezes antes da sua partida para a *India* com o 1.º vice-rei d'ella — *D. Francisco d'Almeida*, que partiu de *Lisboa* a 25 de Março de 1505.

N'aquelle testamento institue por seus unicos herdeiros — *sua irmã D. Thereza de Magalhães*, — seu marido *João da Silva Telles* — e o filho d'estes *Luiz Telles da Silva*, — sem mencionar n'este documento qualquer outro seu irmão ou irmã.

«De todos os seus bens, que elle mesmo declara *serem poucos*, instituiu pelo testamento um *vinculo* em favor da dita sua irmã, marido e filho, *na sua casa da Pereira*, de *Sabrosa*, e na sua pequena quinta da *Souta*, junto de *Sabrosa* e sobranceira ao *Valle da Porca*, com o encargo de doze missas annuaes, — unindo tudo ao seu altar do *Senhor Jesus*, da egreja matriz (a antiga) de *Sabrosa*.

Ora, se elle chama para lhe succeder no vinculo, uma irmã, é de crêr que *não tinha irmãos*, porque, se os tivesse não legaria o morgado a femea, contra o uso geral d'aquelles tempos.

* * *

«O outro documento que possue o sr. dr. Aragão, é um testamento feito por *Francisco da Silva Telles*, filho do já referido *Luiz da Silva Telles*.

Este documento não deixa a mais pequena duvida de

---

1 Refere-se ao anno de 1878, em que *Pinho Leal* escreveu o artigo *Sabrosa*.

O dr. *Alexandre Manuel Alvares Pereira d'Aragão* ainda vivia em *Villa Flor* e era alli um dos 40 maiores contribuintes do concelho em 1884.

Veja-se no *Portugal antigo e moderno* o meu artigo *Villa Flor*, vol. XI, pag. 736, col. 1.ª.

que o *Fernando de Magalhães* que descobriu o estreito do seu nome — é este de *Sabrosa* e não outro.

O testador, dominado pelo medo que ainda tinha ás iras do rei *D. Manoel,* legadas aos seus successores contra a sua familia, exprime-se da maneira mais interessante e deixa transparecer o terror de que estava possuido, querendo fazer acreditar ás justiças d'el-rei, que elle desapprovava tambem o procedimento do seu tio — *Fernando de Magalhães.*

Dá muita luz á questão o seguinte periodo do tal testamento:

«... mandando a todos os meus descendentes e herdeiros que na *minha casa da Pereira, em Sabrosa*, não ponham armas, nem outro brazão, porque quero que em todo o tempo *se conservem picadas e rasas da mesma maneira que as mandou pôr o nosso senhor e rei, pelo delicto de Fernando de Magalhães passar a Castella*, em desserviço d'este reino, a descobrir novas terras, onde morreu em desagrado do mesmo rei. [1] E, como elle *era irmão de minha avó D. Therexa de Magalhães,* se mandaram picar as armas, por cujo motivo de vergonha me passei a viver no *Maranhão,* onde agora me acho, ao tempo do outhorgamento d'este meu testamento. E faço esta declaração para que aos meus vindouros fiquem para exemplo não só os castigos do senhor rei, mas os do *Céu,* que fez que o meu dito tio *Fernando de Magalhães,* irmão de minha avó, morresse tão desastradamente, como dizem que morreu, em uma ilha chamada *Maltam*, ás mãos de herejes, [2] ou melhor, — de seus peccados, atravessado por uma lança.

«E cuidem todos os meus descendentes e herdeiros, em servir os seus principes, se querem a minha benção, que lhes negaria, se soubesse que haviam de ter tão baixos sentimentos e tão ruinosos para as familias, como tem sido para mim e meu pae, que deixamos a nossa patria por vergonha e medo que se levantassem os visinhos contra nós, pois com justiça não podiam soffrer quem ia contra *Portugal*, que era a sua patria, *servir castelhanos, nossos inimigos naturaes,* etc.»

---

[1] Nenhum rei portuguez teve melhores ministros e mais bravos generaes, do que *D. Manoel,* — e nenhum dos nossos monarchas foi tão ingrato, castigando até muitos que devia premiar.

Se elle fosse tão solicito em dar o premio áquelles que tanto lh'o mereceram, como em castigar *Fernando de Magalhães*, que uma ingratidão do rei lançara no serviço de *Castella*, mais bem mereceria da patria e da posteridade.

[2] O testador queria dizer *idolatras.*

«Este testamento foi feito no *Maranhão*, nas notas do tabellião *Damião Carneiro*, a 3 de Abril de 1580.

O brazão da *Casa da Pereira* ainda está picado e arrasado, tal como o mandou picar o rei *D. Manoel*.

O sr. dr. *Aragão* ainda possue outros documentos, pelos quaes se prova a identidade d'este *Fernando de Magalhães*— e que elle era da nobilissima familia do appellido *Magalhães*, — appellido que elle proprio no seu testamento diz — com referencia ás suas armas — ser dos mais distinctos, antigos e nobres d'este reino, pedindo que juntem ás suas armas as dos *Magalhães*.

Foi ainda o medo que obrigou esta familia a deixar o illustre appellido de *Magalhães*.

Na *Nouvelle Biographie géneral*, editada por *Mr. M. Fermin Didot Frères*, sob a direcção do doutor *Hoefer*, vem uma extensa biographia de *Fernando de Magalhães* e alli se menciona o seu testamento.

* * *

Segundo a tradicção, quando constou que *Fernando de Magalhães* passou para o serviço de *Castella*, o povo de *Sabrosa* fez toda a qualidade de insultos aos seus sobrinhos, — chegando até *a correl-os á pedra*, pelo que se viram forçados a fugir para o *Maranhão*, nesse tempo ainda quasi todo despovoado, — e não quizeram pedir ao monarcha hespanhol o cumprimento do que havia promettido a seu tio.

A sua casa de *Sabrosa*, abandonada por elles, cahiu, como é facil de suppôr, no maior estado de ruina e, quando regressaram á patria, nem se animaram a voltar para a sua terra natal, indo, ao que parece, residir em *Fafe*.

Só nos fins do seculo XVIII é que os seus descendentes se animaram a usar o appellido *Magalhães*.

« Em 1795 *Antonio Luiz Alvares Pereira Coelho da Silva Castello Branco Magalhães*, avô do sr. dr. *Aragão*, requereu na qualidade de *unico herdeiro de Fernando de Magalhães*, ao governo castelhano — o titulo de *adelantado* e uma indemnisação, pela vintena, das terras e rendimentos promettidos ao fundador da sua casa; — mas nada conseguiu.

« O antigo vinculo instituido por *Fernando de Magalhães* está hoje em poder de pessoas extranhas a esta familia, porque a mãe do sr. dr. *Aragão* o vendeu e deixou partir.

« As armas da *Casa da Pereira*, picadas por ordem do

rei *D. Manoel*, foram apeadas na reconstrucção da casa e servem hoje de cunhal em um dos angulos d'ella».

* * *

A transcripção foi longa, mas todos concordarão em que é *muito interessante* para a nebulosa biographia de *Fernando de Magalhães*.

Graças ao fallecido sr. *José Augusto Pinto da Cunha Saavedra* [1] — distincto genealogista e auctorisado investigador, póde hoje affirmar-se que *Fernão de Magalhães* — o afamado navegante, — era da villa de *Sabrosa* e dono da *Casa da Pereira*, da mesma villa.

Tambem *Pinho Leal* por informações do mesmo sr. *Saavedra* deu no artigo, que vamos extractando, uma interessante lista genealogica dos *successores lateraes de Fernão de Magalhães*,

São elles os seguintes: [2]

« 1.º — *D. Thereza de Magalhães*, irmã de *Fernando de Magalhães*, sua unica herdeira e 1.ª morgada do vinculo instituido na *Casa da Pereira*, de *Sabrosa*.

Casou com *João Telles da Silva*, fidalgo da casa real e tiveram

2.º — *Luiz Telles da Silva*, fidalgo da casa real, o que fugiu para o *Maranhão*.

Casou com *D. Rosa de Castro Vasconcellos* e tiveram

3.º — *Francisco Telles da Silva*, fidalgo da casa real.

Casou com *D. Maria Moreira* e tiveram

4.º — *Antonio da Silva* (de *Magalhães?*) *Faria*, fidalgo da casa real.

Casou com *D. Francisca Pereira da Silva* e tiveram

5.º — *Gonçalo Alvares Moreira Telles*. Casou com *D. Maria Marinha* (sic) e tiveram

---

[1] Um sabio escriptor hespanhol diz que o appellido *Saavedra* vem de *saia velha?!...*

Na minha opinião *Saavedra* vem de *Sala* + *vetera* — casa velha, pois *sala* em antigo *hespanhol* (?) significou *casa*.

Tambem *sala* deu *Sá*, appellido e nome de varias povoações nossas, — ao todo mais de 40, bem como *Sá de Baixo, Sá de Cima, Sá de Sangalhos, Salaberte* (*casa verde*)?, *Sala* e *Salinha*, povoações nossas.

Cf. *Casa, Casa Vedra, Casa Velha, Casa Verde, Casa Vermelha, Casarollas, Casarullos, Casas, Casinhas*, etc., muitas povoações nossas, ao todo *mais de mil?!...*

[2] Artigo citado, pag. 287.

6.º — *D. Maria Moreira.*

Casou com *Francisco da Silva Pinheiro de Faria*, de *Royos* ou *Arroyos*, junto de *Villa Real de Traz-os-Montes*, e tiveram

7.º — *Manoel Alvares Coelho de Faria.*

Casou com *D. Anna Maria Pereira*, da povoação de *Donello*, freguezia de *Covas do Douro*, concelho de *Sabrosa*, e tiveram

8.º — *D. Caetana Rosaura Pereira Coelho da Silva.*

Casou com *Luiz Ribeiro Valente Castello Branco* e tiveram

9.º — *D. Quiteria Joaquina Pereira Coelho da Silva.*

Casou com o dr. *Amaro Pereira d'Aguiar*, juiz de fóra de *Villa Pouca d'Aguiar*, e tiveram

10.º — *Antonio Luiz Alvares Pereira Coelho da Silva Castello Branco Magalhães.*

Casou a 1.ª vez com a herdeira unica da casa e vinculos dos *Cunhas Amaraes*, de *Provezende* e *Villa Real* — e senhora de mais cinco differentes vinculos. Teve d'ella duas filhas que falleceram de tenra edade.

Casou segunda vez com *D. Petronilla Lopes d'Alboim e Cunha de Sande Soares Carreto*, filha de *D. Eugenio José Lopes d'Alboim e Cuña*, e sobrinha do tristemente celebre *Godoy*, ao qual o rei de Castella deu o titulo de *principe da Paz.*

Tiveram

11.º — *D. Petronilha Laura Alvares Pereira de Magalhães*, — a ultima senhora da *Casa da Pereira.*

Casou com o marechal de campo *Manuel Antonio Ferreira d'Aragão*, da freguezia de *Villar Chão*, concelho d'*Alfandega da Fé*, morgado e senhor da casa de seus paes. Tiveram.

12.º — O dr. *Alexandre Manoel Alvares Pereira d'Aragão*, fidalgo cavalleiro da casa real, cavalleiro da ordem de *Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa*, actual representante da casa de *Fernando de Magalhães.*

Casou em *Villa Flor de Traz os-Montes* com a sr.ª *D. Felicidade Amelia Pinto de Lemos*, sobrinha do general *visconde de Lemos.*

Ha d'este matrimonio até hoje (refere-se ao anno de 1877?) — dois filhos e duas filhas, todos ainda menores »

* * *

Tambem *Pinho Leal* no mesmo artigo que vamos extractando — deu uma lista dos *homens notaveis de Sabrosa* e,

principiando pela *Casa da Pereira* — a casa de *Fernão de Magalhães* — mencionou os seguintes:

«1.º — O licenciado *André da Silva Coelho* (6.º sobrinho de *Fernando de Magalhães*) — freire conventual da ordem de *S. Thiago de Palmella.*

Foi alumno do *Real Collegio dos Militares*, de *Coimbra*, — e superior do convento de *Palmella*, fazendo as vezes de *prior-mór*, — conego e monsenhor da *Patriarchal de Lisboa*, — do conselho de S. M. etc.

2.º — *Luiz Pereira da Silva*, sobrinho do antecedente.

Foi prelado mitrado da Patriarchal de Lisboa e freire conventual do mosteiro de *Palmella.*

3.º — O dr. *Manoel José Pereira da Silva*, 9.º sobrinho de *Fernão de Magalhães.*

Foi juiz de fóra da villa da *Barca* e desembargador no *Rio de Janeiro.*

«4.º — *Antonio Luiz Alvares Pereira Coelho da Silva Castello Branco Magalhães*, já mencionado.

Foi irmão do antecedente e *morgado da Casa da Pereira*, cavalleiro da ordem de *S. Thiago*, encarregado de uma *missão secreta* pelo governo de *Castella* junto do de *Portugal*, para as pazes entre as duas nações. [1]

Reclamou do governo hespanhol o cumprimento do tratado feito com o seu 9.º tio *Fernando de Magalhães*, como herdeiro do vinculo d'este e seu unico e legitimo representante, morrendo, porém, da queda d'um cavallo, — *nada obteve.*

5.º — *Antonio Pinto Alvares Pereira*, brigadeiro (hoje diz-se — general de brigada).

Fez a campanha peninsular e foi governador militar da praça de *Marvão*, pelos liberaes.

Foi tambem deputado ás côrtes em 1834 e morreu no anno seguinte.

Teve a medalha d'ouro de toda a campanha peninsular e outras condecorações.

6.º — *João Pinto Alvares Pereira.*

Fez toda a campanha peninsular no posto de capitão de cavallaria e, ficando prisioneiro dos francezes na batalha de... — teve a habilidade de poder fugir-lhes com toda a sua companhia — *sem perder um unico soldado* — indo reunir-se ao exercito anglo-luso.

---

[1] Já se vê que este senhor havia passado tambem para o serviço dos castelhanos.

Em 1823 acompanhou o sr. *D. Miguel* a *Villa Franca de Xira*... — e falleceu em 1828, sendo coronel da cavallaria de *Chaves*».

Agora mais alguns dislates meus.

Pinho Leal disse bastante com relação á nebulosa biographia de *Fernão de Magalhães* no artigo *Sabrosa* supra, e nelle se encontram *especies novas*, mas não disse *a ultima palavra*.

Menciona dois testamentos do nosso biographado, — um feito em *Lisboa* (*Belem*) no anno de 1504, 3 mezes antes de partir para a *India* com o 1.º vice-rei *D. Francisco d'Almeida;* — o outro feito na *Hespanha* em 24 d'Agosto de 1519, pouco antes de partir para a sua gloriosa expedição (20 de Setembro do dito anno).

No 2.º testamento, como diz *Pinho Leal*, citando *Muñoz*, instituiu herdeiro o seu irmão *Diogo*, no caso de fallecer um filho que o testador já tinha da sua esposa *D. Brites*, o que se realisou.

Do exposto se vê que *Fernão de Magalhães* teve pelo menos *um irmão*, emquanto que *Pinho Leal* diz que o nosso biographado no primeiro testamento vinculou a sua *Casa da Pereira* e instituiu herdeira e administradora do vinculo a sua irmã *D. Thereza*... pelo que *Pinho Leal* suppõe que *Fernão de Magalhães não tinha irmão algum*, pois, se o tivera, o instituira administrador do vinculo, segundo a praxe, com preferencia á irmã.

Este argumento é de pouca força, porque os instituidores dos vinculos por vezes nomearam administradores d'elles — não o filho ou sobrinho varão mais velho, mas qualquer outro dos mais novos.

Instituiram-se mesmo vinculos a favor das filhas e sobrinhas, tendo os instituidores e seus successores *filhos varões*.

Era muito ampla, muito variada e por vezes muito complicada a legislação vincular.

Eu nada sei de coisa alguma, nomeadamente de *direito*, pois formei-me em *theologia*; mas refiro-me ao que tenho encontrado na historia, nas chronicas e em differentes nobiliarios.

Ahi vae um especimen curioso:

Morgado da Ribeira de Sabrosa

Sob este mesmo titulo disse eu no longo artigo *Villa Real de Traz-os-Montes* — vol. XI do *Portugal antigo e moderno*, pag. 964, o seguinte:

«Na mesma egreja da *santa casa*, na capella de *Nossa Senhora da Corôa*, instituiram em 1598 um morgado, a que vincularam todos os seus bens, — *Fernão Pinto Pimentel*, armado cavalleiro em *Ceuta*, procurador d'esta villa ás côrtes d'*Almeirim*, etc., — e sua mulher *Maria Corrêa*, ambos da *primeira nobreza* d'esta villa transmontana, com obrigação de certas missas, vestuario a pobres, etc.

«Nomearam primeiro administrador do dito morgado *seu sobrinho Antonio Pinto Pimentel*, com muitas condições, algumas curiosas, v. g. — que o administrador d'este morgado usaria os appellidos *Pinto Pimentel*, sendo varão, — e *Corrêa Pimentel*, sendo femea.

«Que se o dito *Antonio Pinto Pimentel* e sua mulher *Anna Corrêa* não deixassem successão, passaria este morgado com todos os seus bens — *para um criado qualquer do ultimo administrador* (?!...), — porque não queriam os instituidores que n'elle succedesse jámais *Antonio Corrêa*, genro de *Paio Rodrigues*, de *Favaios*, — nem *Anna Pimentel*, nem os filhos ou descendentes d'estes — *pelas grandes desobediencias e crueis ingratidões que d'elles haviam recebido.* [1]

«Que os administradores d'este vinculo nos dois primeiros annos da sua administração lhe uniriam *quarenta mil réis* (somma importante naquelle tempo) — em dinheiro ou em fazendas, — *comtanto que não fossem vinhas?!...*»

— Do exposto se vê que já véem de longe as *crises vinicolas do Douro.* — No momento (1908) está elle atravessando uma das crises mais duras, mais crueis [2] — e mais dura foi ainda a crise porque passou em 1851, quando eu fui para *Coimbra.*

Chegaram a vender-se na *Regoa* 3 quartilhos de bom vinho por 20 réis — e a pipa *d'aguardente de prova* — 550 litros de puro espirito de vinho — por *trinta mil réis?!...*

---

[1] Os taes senhores de *Favaios*, como revelam os appellidos e o contexto, deviam ser *parentes proximos* dos instituidores. Imagine-se, pois, como ficariam desesperados, quando se vissem preteridos por *um criado qualquer* do ultimo administrador do grande vinculo, — criado que podia ser inclusivamente *um gallego?!...*

[2] Vende-se alli actualmente a pipa de bom vinho de pasto a 18$000 réis — *e com difficuldade*, — porque a *Extremadura* e o *Alemtejo* produzem muito vinho, que innunda o *Porto* e tolhe o consumo do *Douro*.

Só um proprietario do *Alemtejo* — o sr. *José Maria dos Santos* — colhe 20 a 30 mil pipas de vinho por anno?!...

*
* *

Proveiu da abundancia a tal crise, pois antes de manifestar-se alli o *oydium* — a producção do vinho era espantosa!...

Com o apparecimento do *oydium* — cessou a crise da abundancia — e o vinho encareceu rapidamente, mas, emquanto não se descobriu a applicação do enxofre para combater o *oydium*, a crise foi ainda mais violenta, porque as videiras adoeceram, morriam e nada produziam!

Alguns lavradores do *Douro*, entre elles o meu pae, attonitos compraram gado lanigero, forçados a volver á vida pastoril?!...

Com a applicação do enxofre os vinhedos em breve se reconstituiram; não tardou, porém, nova crise com o apparecimento da maldita *phyloxera* e das 30 doenças que perseguem as vides d'aquella região.

Infeliz *Douro!...*

Elle devia soffrer muito em 1598, como prova a instituição do vinculo ou morgado da *Ribeira de Sabrosa* supra.

Tambem devia soffrer muito no seculo XV, como prova o *tombo* do grande, enorme passal da freguezia, villa e honra de *Tavora*, concelho de *Taboaço*, districto de *Vizeu*, — *tombo* que foi organisado em 1496.

N'elle se mencionam 103 propriedades que então pertenciam ao dito passal, entre ellas — sob os n.os 19 e 54 — *duas courellas que já foram vinha.*

— Isto em *Tavora*, parochia mimosissima, fertilissima e já então *vinicola?!*

Veja-se o 1.º vol. d'esta obra, onde dei *copia fiel* do mencionado *tombo* desde pag. 460 até 474.

Veja-se tambem ali a nota n.º 2 de pag. 464, onde mencionei umas *inquirições reaes* do seculo XIII, relativas ao concelho de *Lamego*, as quaes, fallando da freguezia de *Samodães*, terra natal do sr. conde d'este titulo, entre outras coisas dizem: — ... *e ha aqui um souto que já foi vinha e paga de foro ao rei...* tanto *por anno.*

No mencionado volume disse *e provei eu tambem* que na minha *Penajulia* ou *Penajoia*, minha terra natal, — a freguezia *mais mimosa do Douro e de Portugal*, visinha e limitrophe da de *Samodães*, *ha tambem soutos que em tempos muito remotos foram vinhas?!...*

Note-se que as taes *Inquirições* do seculo XIII já mencionavam differentes vinhas em *Samodães.*

Não fallavam da minha *Penajulia* (o que muito senti), porque desde os principios da nossa monarchia toda a minha *Penajulia* foi *reguengo* ou propriedade da corôa. [1]

Volvendo ao topico supra — *Morgado da Ribeira de Sabrosa* — disse eu ainda no meu longo artigo *Villa Real de Traz-os-Montes:*

«Tomou este vinculo o nome de vinculo ou morgado da *Ribeira de Sabrosa*, porque na ribeira da freguezia de *Sabrosa*, margem direita do *Pinhão*, tinha uma das melhores propriedades que o constituiam, a qual escolheu para seu titulo o *barão da Ribeira de Sabrosa*, — ultimo ou penultimo administrador d'este morgado, — *Rodrigo Pinto Pizarro Pimentel d'Almeida Carvalhaes*, ministro de *D. Maria* II, um dos homens mais illustrados e mais honrados que teve Porno seculo XIX.

Falleceu em 1841 sem successão.

V. *Ribeira de Sabrosa*, *Sabrosa* e *Villar de Maçada*, no *Portugal antigo e moderno*,

«São hoje (1885) herdeiros e representantes do fallecido barão os *Nobregas Pintos Pizarros*, de *Villa Real;* mas a grande quinta da *Ribeira de Sabrosa* foi vendida e os restantes bens divididos, em virtude da lei que aboliu os vinculos.

.....»

* * *

Proseguindo com o mesmo thema, ahi vae outro jorreiro de dislates meus.

Gajo — diz *Pinho Leal* supra — menciona *tres Fernandos de Magalhães*, notando que um d'elles era senhor do vinculo ou morgado das *Merilheias*, o qual *perdera por passar para o serviço de Castella*, como dissemos no extracto do artigo *Sabrosa*.

Não é de suppôr que o tal *Fernando* ou *Fernão de Magalhães* fosse o nosso biographado, porque este, como diz *Pinho Leal*, era muito nobre, *mas pobre*. — Apenas deixou o pequeno vinculo da sua *Casa da Pereira*, — vinculo ou morgado que devia perder, como o seu homonymo e talvez parente proximo, perdeu o das *Merilheias*, por haver tambem passado para o serviço de *Castella*.

Note-se que *D. Manoel*, apenas soube que *Fernão de Ma-*

---

[1] V. *Penajoia* e *Penajulia* no indice do I volume.

galhães passou para a *Hespanha*, o perseguiu tenazmente. — Não só mandou picar as armas da sua *Casa da Pereira*, mas, como diz *Vast*, que havemos de citar muitas vezes, — reclamou instantemente de *Carlos* v, rei da *Hespanha*, a prisão e extradição d'elle.

Carlos v, não accedeu e mais se convenceu de que *Fernão Magalhães* não era um *aventureiro*, um *intrujão*, como alguem lhe dizia, — mas um homem *d'alta cotação*.

A tenacidade com que *D. Manoel* perseguiu o nosso biographado foi optima recommendação para este; mas *era uma vez um homem*, se *D. Manoel* o podesse haver á mão!...

Os reis da *Hespanha* desde que os portuguezes nos fins do seculo xv assombraram o mundo com a feliz descoberta da navegação directa para a *India*, — não pouparam esforços e dinheiro com o fito de angariarem pilotos e marinheiros portuguezes. — Por seu turno os nossos reis puniam os transfugas com *pena de morte*.

Já li algures que *D. Manoel*, constando-lhe que dois pilotos portuguezes, *aliás benemeritos*, iam a caminho da *Hespanha*, os mandou prender e matar, — e que, estranhando a nossa marinha tanta severidade para com os dois pilotos, *D. Manoel* simplesmente e muito friamente disséra: — *Não gosto de marinheiros que viajam por terra?!*...

Fernão de Magalhães, como já dissémos, devia perder a sua *Casa da Pereira*, pois é de suppôr que *D. Manoel*, perseguindo-o tão tenazmente, chegando até a enviar esquadras para o *Cabo da Boa Esperança* e para os outros pontos do caminho e do mar da *India* com o fim de o prenderem, — não se limitou a picar-lhe as armas da *Casa da Pereira*. — Muito provavelmente *confiscou-a*, segundo a praxe para com os transfugas — em *Portugal* e na *Hespanha* desde os principios da nossa monarchia.

Mal póde portanto acceitar-se o que diz *Pinho Leal*: — que a irmã de *Fernão de Magalhães* e os descendentes d'ella ficaram possuindo o mencionado vinculo até o meado do seculo xix.

Mais. — No testamento do *Maranhão* supra, feito em 1580 por *Francisco da Silva Telles*, 2.º sobrinho de *Fernão de Magalhães*, — ainda o testador chama *sua* a *Casa da Pereira*, como vimos. — E é para extranhar que referindo-se á morte de *Fernão de Magalhães* e ao *primeiro testamento* por elle feito em *Lisboa* (*Belem*) no anno de 1504, — *estando ainda solteiro*, — não faça a *minima referencia* ao *segundo testamento* feito

na *Hespanha*, como dizem *Muñoz* e *Vast*, no anno de 1519, — *estando já casado*, — testamento que devia annular ou modificar *o primeiro!...*

Logo daremos uma ligeira, mas interessante noticia do *segundo testamento* de *Fernão de Magalhães*.

Pinho Leal tambem diz que o mencionado vinculo ou morgado foi vendido pela mãe do sr. dr, *Alexandre d'Aragão — ultima dona da Casa da Pereira*. — Não diz *quando*, mas devia ser no meado do seculo XIX, porque o dito senhor ainda vivia em 1885, como já dissémos.

Vai longo, muito longo este topico, mas não podemos resistir á tentacão de dar um ligeiro extracto do precioso e luxuoso livro que temos sobre a nossa mesa d'estudo, intitulado

Le Tour du Monde

Em vulgar: *A volta ao mundo ha 4 seculos* ou *Vasco da Gama* e *Fernão de Magalhães* por *Henri Vast* (*Henrique Basto?*), professor no *Lycêu Fontanes* — Paris, 1880.

O mencionodo livrinho foi escripto em francez e faz parte da interessante collecção de propaganda: — *Bibliotheca das escolas e das familias*.

Comprehende apenas 101 paginas (8.º grande) em optimo papel, bom typo e bella capa, luxuosa edição da livraria *Hachette*, com 2 bellos retratos de *Vasco da Gama* e *Fernão de Magalhães*, — 2 mappas, indicando um d'elles a viagem de *Vasco da Gama* para a *India*, seguindo *o rumo leste* pelo *Cabo da Boa Esperança*. — O outro mappa indica a viagem do *Fernão de Magalhães* para a *India*, seguindo *o rumo occidental* e diametralmente opposto, atravessando a *America sul* pelo estreito que descobriu e d'elle tomou o nome actual: — *Estreito de Magalhães*.

D'alli navegou quasi em recta para a *India* atravessando com a maior felicidade e como por milagre o tenebroso *Mar Pacifico — nunca d'antes navegado em tal rumo* — na extensão de *milhares de leguas?!...*

Dão particular merecimento ao dito mappa 3 quadrellas que nelle se vêem, representando uma d'ellas o emmaranhado, sinuoso e perigoso *Estreito de Magalhães*.

O mencionado livro comprehende tambem 10 formosas gravuras, representando uma d'ellas a nossa torre de *Belem*.

O livro é muito lisongeiro para *Portugal*, sendo para lamentar que até hoje não fosse traduzido em Portuguez.

Dava um brinde muito proprio e muito interessante para ser distribuido pelos alumnos dos nossos collegios e das nossas aulas nas *festas escolares*.

Nós temos detractores nos paizes estrangeiros, mas tambem temos amigos e admiradores, como *Vast*, desde tempos muito remotos.

No *atlas*, que foi um dos mais notaveis do mundo, publicado em 1570 por *Abrahão Hortelio, d'Anvers*, se lê no mappa relativo a *Portugal*, o seguinte:

«O imperio lusitano é hoje (1570) o mais vasto possivel, porque se estende desde *Lisboa* até á *China* e ao *Japão*.

Os filhos de *Portugal*, partindo d'alli com um arrojo e uma felicidade *incriveis*, devassaram o mundo inteiro.

Descobriram innumeraveis ilhas, d'alguma das quaes apenas se sabia o nome e d'outras nem sequer o nome; — converteram em provincia sua grande parte da *Africa*, — tornaram tributaria a *Asia*, esse paiz abençoado, — e levaram a religião de *Christo* até os paizes mais remotos.»

Decorou o mappa de *Portugal* com um simples *galeão*— e o mappa da *Persia* e da *India* com as armas actuaes portuguezas de 7 castellos e 5 quinas.

Isto prova que não era sem fundamento que os nossos reis se intitulavam: — *Reis de Portugal e dos Algarves* d'aquem e d'além mar em *Africa*, senhores de Guiné e da conquista, navegação e commercio da *Ethiopia*, *Arabia*, *Persia*, *India*, etc.

Faltou a *Hortelio* mencionar a nossa colonia do *Brazil*, que só por si era tão vasta como a *Europa toda!*...

Não a mencionou talvez por não estar ainda bem delimitada.

— E dava-se isto nos fins do seculo XVI, quando *Portugal* propriamente dito — *credite posteri!* — não contava *dois milhões d'habitantes?!*...

Nós perdemos grande parte das nossas colonias durante os 60 annos da occupação hespanhola — 1580 a 1640 — e, graças ao sr. *D. Pedro* IV, perdemos o *Brazil* em 1822; mas ainda assim *Portugal* é *a terceira potencia colonial do mundo!*...

Temos ainda hoje talvez mais de *mil portos de mar* na *Europa*, na *Africa*, na *Asia* e na *Oceania*, pelo que todas as potencias nos afagam e namoram, por estarem hoje *em foco* as guerras maritimas com vapores, — guerras em que os portos de mar *são indispensaveis*, tanto para abrigo dos vapores, como para abastecimento de carvão.

Os nossos mil portos de mar são invejados pelas potencias maritimas todas, — mas todas os respeitam e nenhuma ousa tocar-lhes, posto que a nossa marinha é hoje microscopica. — Respeitam-nos, porque teriam de bater-se com a *Inglaterra*, nossa alliada, — hoje a *primeira potencia maritima do mundo* e que por certo não cederia a outrem *um unico dos nossos portos*.

A nossa marinha é hoje microscopica, mas já foi muito importante, — *a primeira do mundo no seculo* XVI, pelo que não ha muito, estando em manobras uma esquadra ingleza na nossa bahia de *Lagos*, o almirante inglez convidou para jantar a bordo do seu grande couraçado o commandante d'um vapor de guerra portuguez que alli foi saudal-o. — E ao *dessert* o almirante inglez brindou ao rei de *Portugal* — e á marinha portugueza, *mãe de todas as marinhas?!*...

Foi um requinte d'amabilidade este brinde, mas não *totalmente gracioso*, porque em um livro francez já eu li ha bastantes annos o seguinte:

«A marinha de guerra portugueza foi no seculo XVI a marinha de guerra mais importante da *Europa*. Os seus grandes vasos de guerra montavam duas a tres pontes d'artilheria, — nos cestos de gavea usavam artilheria mais leve — e toda a sua artilheria *era de bronze*. — Não usavam canhões de *ferro fundido*, como as outras nações».

Na bahia do *Rio de Janeiro* ha um sitio ou um castello chamado *Bota Fogo*.

Talvez tomasse o nome d'um grande vaso de guerra portuguez assim denominado, por ter muita artilheria a bordo.

* * *

Volvendo a fallar dos estrangeiros que muito nos estimam e consideram, não posso deixar de render preito a um distincto escriptor italiano (?) — o *Marquez Mac Swiney de Mashanaglass*, camarista particular de *Sua Santidade*, morador no palacio *Falconieri* da *Via Julia*, em *Roma*.

E' s. ex.ª tão amigo de *Portugal* que, manuseando os preciosos e volumosos archivos da *Santa Sé*, já publicou diversas obras muito lindas e muito interessantes relativas a *Portugal*.

Eu conheço *e possuo* nada menos de *cinco* d'aquellas *memorias*, porque s. ex.ª muito gentilmente e muito amavelmente se dignou enviar-m'as, — fineza com que muito me

honrou e penhorou e pela qual novamente lhe beijo as mãos agradecido.

As ditas *memorias* são as seguintes:

1.ª — *Les Précourseurs de Vasco da Gama — par le Marquis Mac Swiney de Mashanaglass — Chambellan intime de Sa Sainteté — Rome*, 1898.

Em vulgar: Os *Precursores de Vasco da Gama* — pelo marquez *Mac Swiney de Mashanaglass* — camarista particular de *S. Santidade*.

Roma, 1898.

2.ª — *Le Portugal et la Sainte Siège...* — ou *Portugal* e a *Santa Sé*. — As *Espadas d'honra*, enviadas pelos *Papas* aos *Reis de Portugal* no seculo XVI — pelo marquez *Mac Swiney de Mashanaglass*, camarista particular de *S. Santidade*, — *Paris*, 1898. [1]

3.ª — *Le Portugal et la Sainte Siège...* — ou *Portugal e a Santa Sé*. — Os *Enxovaes* ou *Cueirinhos bentos* [2] enviados pelos *Papas* aos principes reaes de *Portugal* — pelo marquez *Mac Swiney de Mashanaglass*, camarista particular de *S. Santidade*. — *Paris*, 1899.

4.ª — *Le Portugal et la Sainte Siège...* — ou *Portugal e a Santa Sé*. — Uma embaixada portugueza enviada a *Roma*, sendo pontifice *Julio* II (1505) — pelo marquez *Mac Swiney de Mashanaglass*, camarista particular de *S. Santidade*. — *Paris*, 1909.

5.ª — *Le Portugal et la Sainte Siège...* — ou *Portugal e a Santa Sé*. — As *Rosas d'Ouro* enviadas pelos *Papas* aos *Reis de Portugal* no seculo XVI — pelo marquez *Mac Swiney de Mashanaglass*, camarista particular de *S. Santidade*. — *Paris*, 1904.

* * *

Do exposto se vê que s. ex.ª *adora Portugal!...*

Sendo muito illustrado e muito versado em diversas linguas, incluindo a *portugueza*, a *hespanhola* e a *italiana*, fez aquellas *cinco memorias* e publicações todas em *francez*, — por ser actualmente o francez a lingua mais vulgar em todo o mundo. — Era por consequencia a *mais propria* para a vulgarisação e propaganda que s. ex.ª — *honra lhe seja!* — muito espontaneamente se lembrou de fazer em favor de

---

[1] Note-se que as ditas *memorias* são todas escriptas em *francez*.

[2] *Les langes bénits* — diz o texto.

Portugal. — E, havendo em *Roma,* onde vive, muitas e optimas typographias deu preferencia ás de *Paris*, por serem as publicações *em francez* e consequentemente de mais facil composição em *França*, do que na *Italia.*

As ditas *memorias* todas andam fóra do mercado, porque s. ex.ª as destinou para brindes.

Sei que as enviou tambem ao meu santo prelado — o sr. *D. Antonio Barroso*, actual bispo do *Porto*, — e por certo brindou com ellas tambem outros bispos nossos, bem como a nossa casa real, as secretarias do estado, etc.

S. ex.ª não necessita de mais titulos nem condecorações, mas ao nosso governo cumpre significar-lhe a nossa gratidão condecorando-o, *se ainda o não condecorou.*

— Bem merece uma grã cruz da *Ordem de S. Thiago.*

Agora *Le Tour du Monde, Henri Vast* e *Magalhães* — e como preliminar o *Infante D. Henrique* e *Sagres, Christovam Colombo* e *Vasco da Gama.*

Um dos homens mais notaveis e mais benemeritos que *Portugal* tem produzido até hoje — foi sem contestação o infante *D. Henrique*, filho do nosso rei *D. João* I e da rainha *D. Filippa de Lencastre.*

Sendo muito bondoso, muito illustrado, muito querido pelos irmãos — e *muito rico,* pois era *duque de Vizeu, Grão-Mestre da Ordem de Christo, senhor da Covilhã*, na *Beira Baixa*, e de *Lagos, Portimão* e *Sagres* no *Algarve*, podia viver esplendidamedte na *côrte* ou em *Thomar*, no seu magestoso palacio e convento, solar da *Ordem de Christo.*

Podia tambem viajar, como o seu irmão *D. Pedro*, duque de *Coimbra* que, na phrase vulgar, percorreu as *sete partidas do Mundo?!...*

— Mas o infante *D. Henrique* muito espontaneamente deixou tudo o que tanto podia encantar e seduzir qualquer outro e, fiel á sua divisa — *talent de bien faire* ou *desejo de bem fazer* — foi no vigôr da edade, contando apenas *vinte e cinco annos*, alcandorar-se no *promontorio de Sagres*, um dos sitios mais ermos e mais solitarios do nosso paiz todo e da nossa provincia do *Algarve.* — E alli passou *muito contente e satisfeito* a maior parte da vida — cerca de 41 annos — desde 1419 até 1460, data em que falleceu, contando 66 annos de edade, pois nasceu no *Porto* em 1394.

Custa a crer, mas é *um facto incontroverso*, — facto que o immortalisou, bem como a *Portugal*, pois a elle se devem

as nossas grandes explorações maritimas que assombraram o mundo nos seculos XV e XVI.

Ditosa patria que tal filho teve!

D. Henrique, pela sua muita illustração e pelas suas viagens e expedições a *Marrocos*, affeiçoou-se ao mar,— até então muito mal conhecido no grande mundo — e concebeu o projecto de o explorar, — não com a mira da *avareza* e do *interesse proprio*, como em tempos muito remotos o exploraram os *Fenicios*, [1] — mas para ser util á *humanidade toda*, fiel á sua divisa — *talent de bien faire*.

Com este santo e louvavel intuito deixou *Vizeu*, *Thomar*, *Lisboa*, a *côrte*, a *familia* — *tudo* — e foi viver, qual eremita no solitario e deserto promontorio de *Sagres*, por ser o local *mais proprio* para as suas projectadas explorações maritimas.

Veja-se no *Portugal antigo e moderno* o interessante artigo *Sagres* do meu benemerito antecessor *Pinho Leal*, — vol. VIII, pag. 323 a 329, — artigo muito acceitavel todo, menos a parte etymologica.

— «Esta villa (*Sagres*) é povoação antiquissima, talvez mesmo anterior ao dominio dos romanos, — diz elle textualmente, pag. 326 — e accrescenta:

«Os arabes lhe mudaram o nome para *Chak Back* (que, segundo alguns, quer dizer — *Ilha dos Rochedos*) mudando-lhe ainda depois para *Sacron*, que se corrompeu em *Sagres*.

«Sigo o que dizem escriptores de muito credito; mas, com sua licença, não me conformo com semelhante etymologia.

«E' verdade que frei João de Sousa nos *Vestigios da lingua arabica em Portugal*, diz que *Sacron* significa uma especie de peça d'artilheria: —mas, como podiam os mouros dar semelhante nome a *Sagres*, se só passados 135 annos depois da sua completa expulsão do *Algarve*, é que cá appareceram pela primeira vez, *peças d'artilheria?*

«Entendo que *Sagres* é corrupção de *Chak-Rack* e não de *Sacron*; mesmo porque era mais facil a corrupção».

---

1 Vejam-se as pag. 63-65 do I vol.

De passagem diremos que os *hollandezes* nas suas explorações maritimas dos seculos XVI e XVII mostraram ter sangue de *judeus* e dos *Fenicios*, pois chegaram a fazer, publicar e vender *mappas* e *roteiros falsos* com relação ao mar da *Oceania* e da *Australia* ou *Nova Hollanda*, como dizem *Beschereil* e *Devars*. — *Irra!...*

Semelhante procedimento é *um cumulo de villania, de maldade* e *avareza*.

Vem, pois, *Sagres* de *Chak-Rack* na opinião de *Pinho Leal*, mas na minha opinião *Sagres* vem de *Syagriis* patronimico de *Syagrius, ii* — *Syagrio*, nome d'um santo, etc. — tirado talvez do latim botanico de Plinio *syagrus, i* — certa especie de palmeira.

N'esta hypothese *Syagrio* quer dizer *alto, elegante* e *delgado* como a palmeira.

Syagriis deu *Sayres*, como *Flaviis*, patronimico de *Flavius, ii, Flavio*, nome romano e nome d'um santo, deu *Chaves* — e como *Hylariis*, patronimico de *Hylarius, ii*, — *Hylario*, tambem santo, etc., deu *Alares*, povoação nossa.

Tambem *Amaris*, patronimico de *Amarus, i* — *Amaro*, nome d'um santo e do *Amaro Mendes Gaveta*, que pelo nome não perca, deu *Amares*, villa e freguezia nossas.

Por seu turno *Amarus* — *Amaro* — vem do latim *amarus* — triste.

E', pois, *Amaro* synonimo de *Tristão* e antithese de *Hylario*, que vem de *hilaris* — alegre.

Flavius, ii — vem do latim *flavus, i* — louro, da côr do ouro, como já disse.

Tambem *Sagres* póde vir directamente do latim *Syagrus, i* — palmeira.

Note-se que no *Algarve* dão-se muito bem as palmeiras e melhor deviam dar-se no tempo de *Plinio*, porque o *Algarve*, todo o nosso paiz e *toda a zona temperada* deviam ser *mais quentes* outr'ora.

Refiro-me á theoria do *arrefecimento gradual da terra*, pelo qual bons naturalistas e geologos pretendem explicar as muitas doenças que actualmente perseguem *os vegetaes da Europa todos*, incluindo as *videiras, cerdeiras, laranjeiras, azinheiras, castanheiros, carvalhos, pinheiros* e *sobreiros*, que eram as nossas arvores mais robustas, mais vivazes.

* * *

Volvendo a *Sagres*, faremos algumas rectificações.

E' certo que o Infante *D. Henrique* passou a maior parte da vida alcandorado no promontorio de *Sagres*, — mas não póde marcar-se com precisão e certeza o anno em que para alli foi.

Eu indiquei o anno 1419, mas talvez fosse anteriormente.

Vast diz que o *Infante D. Henrique* fundou a *celebre Academia de Sagres* (logo volveremos ao assumpto) em 1415,

— no seu regresso da tomada de *Ceuta.* [1] Concordam n'este ponto varios escriptores; outros dizem que o Infante montou a *celebre Academia de Sagres* — no seu proprio palacio. Logo em 1415 já tinha mandado fazer o dito palacio...

E por certo que antes de fazer o palacio no deserto promontorio, aprumado sobre o oceano e muito exposto a ser atacado e surprehendido pelos piratas berberescos ou da *Andaluzia*, ao tempo ainda occupada pelos mouros, já tinha fortificado, como fortificou, o dito promontorio, transformando-o, como transformou, em uma valente praça de guerra e *Tercena* ou *Terça Naval*, — arsenal importante, representando *grandes sommas!...*

Póde, pois, dizer-se que o *Infante* se instalou em *Sagres* desde 1415 — ou ainda antes — e que preso com a sua constante *labuta* das explorações maritimas, que eram para elle *tudo*, — alli se conservou até que falleceu em 1460 — ou durante 45 annos aproximadamente.

Não quero dizer com isto que elle desde 1415 esteve sempre em *Sagres*, mas — que alli passou a *maior parte do tempo.*

Sómente obrigado por motivos de força maior, com grande violencia de quando em quando se afastou do seu adorado promontorio de *Sagres*, volvendo *rapidamente* a elle, pelo que foi denominado — e ainda hoje se denomina — o *Infante de Sagres?!...*

Emquanto viveu o pae — *D. João* I, que muito o estimava por todas as considerações e por ser o filho que mais se parecia com elle, passou algum tempo na côrte, porque o pae obrigava os filhos mais velhos — *D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique* e *D. Fernando* — a coadjuval-o na governação publica — tres mezes cada um por anno.

D. Henrique era pontual e o que melhor cumpria, mas — logo que findava o seu trimestre — fugia *rapidamente* para *Sagres.* Apenas uma vez ou outra por excepção e para obsequiar e poupar os irmãos, se demorava na côrte mais alguns dias, mas, logo que podia — fugia *rapidamente* para o seu adorado promontorio.

Digo *rapidamente*, porque era muito valente, muito energico e montava muito bem.

O irmão *D. Duarte* foi o mais destro, mais correcto e mais afamado cavalleiro do seu tempo, como prova o seu interessante livro *Ensenança de bem cavalgar toda a sella.* Mas

---

1 *Tour du Monde*, pag. 20.

D. Henrique, por ser mais valente, mais fogoso e destemido, se não cavalgava tão correctamente, — galopava como ninguem. — Não corria — *voova!*

Póde dizer-se que *até hoje* ninguem o bateu galopando! ?. .

* * *

Refiro-me á interessante *Memoria* em commemoração do quinto centenario do *Infante D. Henrique*, publicada no *Porto* em 1894, por occasião das pomposas *festas henriquinas*, — *Memoria* que obteve o *primeiro premio* no respectivo concurso e que foi escripta pelo saudoso portuense *Alfredo Alves*.

Com o prematuro fallecimento de s. ex.ª perderam muito as boas letras, pois era uma excellente pessoa, talento verdadeiramente superior, tão modesto, como illustrado, — investigador benemerito, incansavel, — distincto escriptor e poeta.

Além da dita *Memoria*, escreveu e publicou dois livros de versos — *Melancolia* (se bem me recordo) — e *Folhas d'Hera*, sendo este ultimo prefaciado pelo sr. *Joaquim d'Araujo*, nosso consul actual em *Genova*, distincto escriptor e tambem poeta, amigo particular do pobre *Alfredo Alves*.

As *Folhas d'Hera* foram publicadas na *Typographia Elzeviriana*, aqui no *Porto*, em 1886, — e são ellas um formoso livrinho de XI 96 paginas (4.º grande) com 27 mimosas poesias soltas, entre ellas uma — a primeira — dedicada ao seu bondoso tio *Joaquim d'Oliveira Guimarães*, — outra á sua mãe, — outra ao seu irmão, — outra á sua irmã, — outra ao sr. *Joaquim d'Araujo*, etc., — todas sobre themas ou assumptos differentes e com titulos proprios correspondentes.

Alfredo Alves publicou tambem uma *Biographia de Santo Antonio* e um romance historico — *Maria d'Óbrilens* (irlandeza), etc.

Cito de memoria — desculpem — e pouco mais posso adiantar, posto que foi algum tempo meu parochiano e viveu com o tio supra — *Joaquim d'Oliveira Guimarães* — que o adorava e morava no *Largo de Viriato*, freguezia de *Miragaya*, quando eu fui parocho d'esta freguezia.

O sr. *Joaquim d'Araujo* póde adiantar muito mais, porque privou mais de perto com o desditoso *Alfredo Alves*, que era filho d'um lente de medicina da nossa *Universidade de Coimbra* — o *Dr. Francisco Antonio Alves*.

Tentou formar-se em medicina tambem, mas, vendo certo

dia um cadaver em dissecação no theatro anatomico — perdeu os sentidos,— adoeceu gravemente, — ficou sempre triste e não mais se restabeleceu completamente nem pôde formar-se?!...

O pae não deixou fortuna, mas o mencionado tio estimava-o muito, — levou-o para a sua casa e, como dispunha de bastantes meios, — nada faltou ao pobre moço até que falleceu. — Morreria, porém, talvez de *fome e desgostos*, se vivesse mais alguns annos e sobrevivesse ao bondoso tio, porque este era negociante na *rua de S. João*, algo distante da casa onde vivia e — confiando muito nos caixeiros — segundo me consta — foi por elles *atraiçoado* e morreu pobre — *pobrissimo!?...*

O santo homem viveu bem, mas acabou mal! — Acabou tambem mal o avô paterno de *Alfredo Alves* — *João José d'Oliveira Guimarães*, pae do lente da *Universidade*, pois cegou completamente e assim viveu annos aqui no *Porto*, havendo ainda quem se lembre de o vêr na rua, guiado pela mão do seu netinho *Alfredo?!...*

— Com vista ao sr. *Joaquim de Araujo*.

* * *

Na citada *Memoria henriquina* o sr. *Alfredo Alves*, depois de descrever a tomada de *Ceuta* e a heroicidade com que *D. Pedro de Menezes*, governador d'aquella praça, a tinha conservado e defendido, diz que *D. João* I um bello dia, estando em *Cintra* doente, recebeu a noticia de que os mouros de *Fez*, colligados com os granadinos, havendo prégado e apregoado a *guerra santa* contra os christãos, marchavam em grande numero contra *Ceuta* e tentavam reconquistal-a.

A noticia do perigo de *Ceuta* estalou em *Cintra* como um trovão — diz *Alfredo Alves*, pag. 48 e accrescenta: — «Só D. Duarte e os Infantes mais novos estavam em *Cintra*, nos *Paços da Serra*, *D. Pedro* era em *Villa Real*, — o *Conde de Barcellos* em *Bragança* — e *D. Henrique* em *Vizeu*. Tinham partido para esses pontos, porque de *Castella* se temiam alguns quebrantamentos da paz.

«Assim que ao *Infante D. Henrique* — diz textualmente o sr. *Alfredo Alves* — constou o risco em que estava de perder-se o theatro da sua maior façanha guerreira (*Ceuta*), para cuja conquista tanto havia trabalhado, — *montou a cavallo e a galope, a galope, sem pousar em cidade, nem villa, nem albergaria*, — apresentou-se nos *Paços da Serra*, em *Cintra*, — *dentro de vinte e quatro horas*».

E' isto o que diz textualmente o sr. *Alfredo Alves* na citada e muito auctorisada *Memoria henriquina*, pag. 48 e 49.

Do exposto se vê que o *Infante D. Henrique* — no primeiro quartel do seculo XV foi de *Vizeu* a *Cintra* em *vinte e quatro horas — a cavallo e a galope, sempre a galope, — sem descanço algum.*

Isto custa a crer, pois ainda em 1767 — decorridos mais de trezentos annos — *João Baptista de Castro* no seu curioso e muito consciencioso *Roteiro de Portugal* diz que *Vizeu* distava de *Lisboa* 47 leguas — e que *Cintra* distava de *Lisboa* 5 leguas.

Distancia total de *Cintra* a *Vizeu* 52 legoas, que pela craveira d'aquelle tempo correspondiam a mais de 60 das nossas leguas actuaes de 5 kilometros.

O mencionado *Roteiro* marca, por exemplo, — de *Lamego* á villa da *Regua* 1 legoa — e da *Regua* a *Villa Real* 3. — Ao todo 4 leguas de *Lamego* a *Villa Real*, emquanto que pela craveira actual dos 5 kilometros a distancia entre aquelles dois pontos — é de 30 kilometros só da *Regua* a *Villa Real* — e 13 da *Regua* a *Lamêgo*. — Total 43 kilometros — cerca de 9 leguas — em vez de 4 — de *Lamego* a *Villa Real*?!...

Do exposto se vê que o Infante para ir de *Vizeu* a *Cintra* e percorrer mais de 60 leguas em 24 horas — não galopou mas *voou!* — mesmo porque as nossas estradas *in illo tempore* deviam ser e com certeza eram na sua maior parte — barrancos e despenhadeiros, por onde se não podia galopar. — Nem cavallo algum — mesmo ainda hoje *nas melhores estradas a macadam* — podia galopar durante 24 horas seguidas sem parar nem ter descanço algum!

O *Infante* podia distribuir cavallos — *muitos cavallos* — desde *Vizeu* até *Cintra* para *mudas* d'espaço a espaço e assim podia adiantar muito e aligeirar o percurso. Mas tal processo devia ser moroso e a *Memoria* citada não faz a minima referencia a elle.

Apenas diz que o *Infante* — logo que recebeu a noticia... partiu *rapidamente* ou no mesmo instante.

* * *

Em uma minuciosa, muito interessante e muito consciencioso biographia do bispo de Vizeu — *D. Julio Francisco de Oliveira* (1740-1765) — escripta pelo padre *Leonardo de Sousa*, congregado do *Oratorio*, amigo e contemporaneo do dito pre-

lado, e publicada por mim na *Vida Moderna*, jornal do *Porto*, em 1890, n.os 45 a 49, menciona-se uma grande pendencia que houve entre o bispo *D. Julio* — e *toda a cidade de Vizeu*, a principiar pelo provedor, corregedor, juiz de fóra, camara municipal, etc.

Foi uma questão gravissima que durou annos e obrigou o prelado — sendo aliás um bispo benemerito e muito generoso — a gastar *mais de vinte e cinco mil crusados* — e *a chorar lagrimas de sangue?!...* — E tudo *por causa d'uma pouca de palha*, que não valia um caracol?!...

As bulhas principiaram em Setembro de 1744 — «e logo começaram a correr os postilhões, havendo tal que de *Lisboa* a *Vizeu* — *gastou menos de tres dias!* » como diz *com espanto* o mencionado, muito illustrado e muito auctorisado biographo.

Dava elle a entender que os postilhões costumavam gastar com o dito percurso 3 a 4 dias — ou mais! — Isto de *Vizeu* a *Lisboa* — afóra as 5 a 7 leguas de *Lisboa* a *Cintra*.

Tambem o padre *Sousa*, descrevendo minuciosamente e muito conscienciosamente a viagem do bispo *D. Julio*, que elle acompanhou, — de *Lisboa* até *Vizeu*, diz que partiram de *Lisboa* no dia 9 de Março de 1743, ás 7 horas da manhã — e que chegaram a *Vizeu* no dia 17 do dito mez e anno pelas 8 e meia horas da noute.

Gastaram, pois, com a viagem cerca de *nove dias* — não se poupando a noitadas e fadigas. [1]

Note-se que o bispo fez a viagem toda em *caleça* — e a comitiva a cavallo; mas por vezes a *caleça* enterrou-se na lama até os eixos — e de *Coimbra* até *Vizeu* foi mister concertar expressamente e com antecipação varios lanços da estrada.

* * *

Eu estou abusando muito da paciencia dos leitores com relação ao antigo percurso entre *Vizeu* e *Lisboa*, mas não posso resistir á tentação de dar-lhes ainda uma ligeira noticia tão interessante, como authentica e assombrosa, que se encontra na *Taboada Curiosa* de *João Antonio Garrido*, publicada em *Lisboa* no anno de 1747. — Refiro-me á 4.ª edição, pois a dita obra, *pelo seu particular merecimento* (?) — teve seis edições ou mais!...

Na de 1747, pag. 165, se lê textualmente o seguinte:

---

[1] *Jornal citado*, n.º 46, de 1890.

«Conta para se saber quando se deitão e tirão as cartas do Correyo, e o tempo que tardão em ir e tornar a varias partes do Reino, desde Lisboa

— «*Trez dias* tarda uma carta em ir e tornar desde *Lisboa* a *Setubal* — *sem perder correyo.*

Vão de *Lisboa* sabbado e terça-feira e tornão segunda e sexta-feira.

— «*Sete dias* tardam em ir e tornar desde *Lisboa* a *Alemquer*, a *Santarem*, a *Torres Vedras*, a *Thomar*, *Evora*, *Elvas*, e *Beja*, pelo correyo.

— «*Quatorze dias* tardam em ir, e tornar desde *Lisboa* a *Leiria*, *Coimbra*, *Aveiro*, *Faro*, *Esgueira*, *Porto* (cá estou eu!...), *Campo d'Ourique*, *Algarve*, *Portalegre* e *Vizeu*, (cá está elle!...).

— «*Vinte e hum* dias tardam em ir e tornar desde *Lisboa* a *Guimarães*, *Moncorvo*, *Braga*, *Lamego*, *Guarda*, *Castel-Branco*, *Vianna do Minho*, *Pinhel* e *Almeida*.

— «*Trinta dias* (?!...) tardam em ir e tornar desde *Lisboa* a *Bragança*, *Chaves*, *Miranda*, *Monção*, e *Montalegre*.»

* * *

E faziam-se por aquelle tempo em *Lisboa* apenas duas expedições na semana: — ás terças-feiras para leste e sul: — *Algarve*, *Alemtejo*, *França*, *Hespanha* e *Italia*; — nos sabbados para o norte: — *Beira*, *Minho* e *Traz-os-Montes*.

Veja-se o meu longo artigo *Vias ferreas — Estradas a macadam — Rios e Canaes — Telegraphos*, *Correios e Pharoes* — no *Portugal antigo e moderno*, vol. x, pag. 467 a 502, — publicado em 1884 — no anno em que eu tomei conta da dita obra, por haver fallecido o meu benemerito antecessor *Pinho Leal* em 2 de Janeiro de 1884, — deixando aquelle diccionario aproximadamente a meio do artigo *Vianna do Castello* e do vol. x.

Coube-me, pois, a honra de bem ou mal concluir o mencionado artigo e o mencionado volume e de levar o pobre diccionario até o fim do volume XII e *ultimo*, por haverem os editores desistido do promettido e tão preciso *supplemento*.— Elle daria *mais alguns volumes* (?!...) e eu então de bom grado o escreveria, mesmo porque já tinha destinados para

elle *muitos maços d'apontamentos*, que ficaram inutilisados — e com elles o meu tirocinio de *mais de seis annos*.

Tambem senti que os editores não quizessem dar ao menos *mais um volume* com o *indice geral* da obra toda, — indice que *muito a valorisava*, pois facilitava as consultas, como eu lhes disse e lembrei *repetidas* vezes, prestando-me tambem então a escrevel-o.

Veja-se a minha advertencia — *Ao Publico* — no fim do vol. XII e *ultimo* (?!...) do *Portugal antigo e moderno*.

Prosigamos.

* * *

No citado artigo *Vias ferreas — Estradas a macadam*, etc., pag. 493, — dei eu aquelle topico da *Taboada Curiosa* de *Garrido*, — topico já então *muito interessante* e hoje ainda mais por se haver operado entre nós um progresso espantoso na viação publica e na facilidade de communicações de toda a ordem desde os fins do seculo XVIII — e particularmente desde o meado do seculo XIX, como eu já então suppunha, pelo que no principio do mencionado artigo disse textualmente o seguinte: [1]

«Conglobamos todos estes topicos (*Vias ferreas*, *Estradas a macadam*, etc.,) — pela intima ligação que os prende e para aproveitarmos o ensejo de registar o que sobre tão importante assumpto hoje gosamos e vamos legar ás gerações por vir.

«E' inegavel que neste ponto, bem como em outros muitos, havemos progredido consideravelmente desde o principio da segunda metade d'este seculo, [2] mas ninguem póde calcular até onde irão os vindouros com a herança que de nós recebem, — *pois uma civilisação produz outra civilisação — e tanto mais assombrosa quanto maiores elementos herdar da civilisação anterior*.

«Estamos certos — *certissimos* — de que, em praso não muito longo, elles rirão do nosso decantado progresso, como nós actualmente rimos do que nos legaram nossos avós, — mas outros nos vingarão rindo d'elles.

— *Rira bien qui rira le dernier!...*»

---

[1] *Portugal antigo e moderno*, vol. X, pag. 467.

[2] Referia-me ao seculo XIX, pois, como já disse, estava escrevendo o mencionado artigo em 1884.

* * *

Effectivamente nós habituados aos commodos e á velocidade das nossas actuaes linhas ferreas, dos nossos telegraphos electricos, telephones e automoveis — só a mofar e rir podemos acreditar e ouvir que no seculo XVIII os correios ou postilhões gastavam 14 dias para irem e voltarem de *Vizeu* a *Lisboa*, como assevera *Garrido*.

Não foi portanto sem motivo que o *Padre Sousa* na biographia de *D. Julio* com assombro mencionou o facto de terem alguns postilhões — *certamente bem remunerados!* — feito a viagem de *Vizeu* a *Lisboa em menos de tres dias*, pois a tabella official dos correios marcava *sete dias* para aquelle trajecto — ou 14 para a ida e volta.

Custa realmente a crêr que o *Infante D. Henrique* — cerca de 300 annos antes — fosse de *Vizeu* a *Cintra* em 24 horas!

Graças ao progresso e ás nossas linhas ferreas póde fazer-se hoje a *rir*, a *palestrar* ou *a dormir* (?!...) a viagem de *Vizeu* a *Lisboa* — 324 kilometros — em 10 horas aproximadamente, pois, segundo se lê em um horario que tenho presente, o percurso dos nossos trens do correio entre os dois pontos mencionados é o seguinte:

— De *Vizeu* a *Santa Comba-Dão*, entroncamento na linha da *Beira Alta* — 50 kilometros — 2 horas e $^1/_4$.

— De *Santa Comba-Dão*, á *Pampilhosa*, entroncamento na *linha do norte* — 35 kilometros — 1 $^1/_2$ horas.

— Da *Pampilhosa a Lisboa* — 339 kilometros — 6 $^1/_2$ horas.

E' este o percurso actual, mas seria muito menor, se as nossas vias ferreas tivessem a velocidade das linhas estrangeiras, nomeadamente dos *trens relampagos*, que ainda não temos.

Na linha de *Lisboa* ao *Porto* e de *Lisboa* a *Madrid* e *Paris*, já temos *expressos*, que adiantam muito, mas são só para viajantes, — não tocam em todas as estações — nem vão a *Vizeu*.

Note-se tambem que as linhas ferreas são muito mais curtas do que as estradas a *macadam*, porque não podendo dar voltas de pequeno raio, atravessam por vezes morros, penhascos e montes em *tunneis* — e muitos ribeiros, valles e rios em pontes e viaductos, como a nossa linha da *Beira Alta*, atravessou os contrafortes do *Bussaco*, etc.

Tambem a nossa linha do *Douro* tem abundancia de *tunneis*, *viaductos* e *pontes*.

Note-se tambem que hoje entre nós as cartas por vezes são substituidas por telegrammas, pois já temos os nossos concelhos todos e todo o nosso paiz ligados com *Lisboa e com o mundo todo* por *telegraphos electricos*, para os quaes *não ha distancias!*

— Em poucas horas uma noticia pode dar volta ao mundo — não havendo impedimento nem solução de continuidade no fio conductor — ou seja terrestre ou submarino. — Assim em *Portugal* estamos recebendo noticias diarias da *Russia*, da *America*, da *India*, do *Japão*, etc.

* * *

Accrescem tambem já os *telegraphos sem fios* — e pelos telephones póde conversar se *na voz propria* entre pontos muito distantes, como já se conversa entre o *Porto* e *Lisboa*, entre *Londres* e *Paris*, etc.

Tambem os *carros electricos*, muito vulgares entre nós — e mais ainda noutras nações — representam um grande progresso pela sua belleza, commodidade, barateza e velocidade, — bem como os *automoveis* recentemente descobertos e que já abundam *em todo o nosso paiz* — tanto nas cidades, como nas villas e mesmo em algumas *aldeias* e *quintas!...*

Temos já hoje talvez mais de 500 *automoveis* em *Portugal* — e o numero tende a subir!...

Elles são muito lindos, muito variados, muito velozes e levam vantagem aos carros electricos e ás linhas ferreas, pois não demandam *leito proprio* nem *carris*.

Pódem trabalhar francamente nas estradas a *macadam* e prestam-se para conduzir bagagem e mercadorias; — mas são bastante caros e *perigosos*.

Diariamente se registam *choques*, *tombos* e *desgostos* — tanto em *Portugal*, como na *França*, na *Inglaterra*, na *Allemanha*, etc.

Em automovel podia ir em poucas horas o *Infante D. Henrique* de *Vizeu* a *Lisboa* e *Cintra*, mas no seculo XV não havia *automoveis* nem *estradas a macadam*, *linhas ferreas* nem *carros electricos*.

O transporte melhor e mais rapido eram os cavallos de sella. — Julgo que na provincia — nem se usavam as *liteiras*, que foram o transporte mais luxuoso em *Portugal* nos seculos XVIII e seguintes até o advento das estradas a *macadam*, da *mala posta* e das *diligencias* no meado do seculo XIX.

* * *

Eu formei-me, como já disse, em 1851 a 1856 na *lusa Athenas — sem ver uma diligencia;* — vi, porém, com assombro chegarem a Coimbra a *mala posta* e o *telegrapho electrico*, — este vinha de *Lisboa,* — a *mala* vinha do *Carregado*, pois ao tempo já estava construido o lanço da *via ferrea do norte* desde Lisboa até alli.

A *mala-posta* era esplendida e foi uma das mais bem montadas que ao tempo havia na Europa — *a todos os respeitos.*

Os carros eram inglezes, magestosos e luxuosos; os cavallos eram inglezes tambem — ou normandos; os cocheiros e conductores andavam todos fardados — e o serviço era pontualissimo!

A estação de *Coimbra* estava em uma dependencia do extincto convento de *Santa Cruz*, pelo que a *mala-posta* passava com difficuldade na antiga rua do *Coruche*, muito estreita, que posteriormente foi alargada e substituida pela formosa rua actual do *Visconde da Luz.*

Certo dia, subindo eu pela velha rua do *Coruche* [1] e ouvindo a corneta do cocheiro da *mala-posta* que vinha descendo, — entrei rapidamente para uma loja de commercio da dita rua, ficando junto da porta para ver passar o *avejão!*

A mala ia roçando pelas casas da dita rua, que não tinha passeios, e tocou de raspão na humbreira da porta onde eu estava. — Recuei logo e nada soffri, mas cortou-me um fragmento da capa que não recolhi a tempo e ficou sobrepujando a humbreira.

Bom tempo era aquelle!...

Só passados annos a dita *mala* chegou ao *Porto* — ou antes a *Villa Nova de Gaya*, pois julgo que nunca entrou no *Porto.*

Conclui a formatura sem me utilisar da *mala-posta*, porque eu era da região norte, — ella trabalhava só para o sul — e eu então não viajava.

Só me utilisei d'ella quando em 1858 fui a primeira vez de *Lamego* a *Lisboa* por terra, e para variar volvi de *Lisboa* ao *Porto* por mar no vapor *Lusitania* da carreira entre o *Porto* e *Lisboa.*

---

[1] *Coruche* é deturpação de *Corucho* — e este de *corujo* por *coruja* — ave nocturna bem conhecida, que deu o nome a differentes povoações nossas.

Vejam-se no I vol. as pag. 297 a 305.

Na dita carreira ao tempo só trabalhava o *Lusitania*, por haver naufragado o outro vapor seu companheiro, chamado *Porto*, no dia 29 de março de 1852, junto da *Foz do Douro*.

O dito naufragio cobriu de lucto a *cidade invicta*, pois sepultou nas ondas talvez mais de 80 pessoas, quasi todas do *Porto*, sendo algumas d'ellas pertencentes ás primeiras familias d'esta cidade.

Não ha memoria de naufragio tão luctuoso na barra do *Porto!...* [1]

Durante a minha formatura (1851 a 1856) — apenas fiz as viagens indispensaveis entre *Coimbra* e *Lamego* — ou antes *Penajoia* — a *terra das cerejas*, minha terra natal, no aro de *Lamego*. [2]

O dito percurso pelo citado *Roteiro* de *João Baptista de Castro* era de 22 leguas, mas nunca o podemos transpor em menos de *dois dias e meio*, — seguindo de *Lamego* pela serra do *Mezio*, *Castro d'Ayre*, *S. Pedro do Sul*, *Vouzella*, *Ponte Fóra*, serra das *Talhadas*, *Rompesilhas*, *Agueda*, *Sardão*, *Mealhada*, *Fórnos* e *Coimbra*.

Nós gastavamos sempre *dois dias e meio* para transpor as 22 leguas — e em Dezembro de 1854 gastámos com o dito percurso das 22 leguas — *tres dias e meio* — levantando-nos de madrugada com archotes, — recolhendo ás immundas hospedarias já de noute — e dando ao diabo a cardada!...

Na fórma do costume nós tinhamos ido naquelle anno para *Coimbra* em Outubro; — pagámos livros e matriculas e principiamos o nosso curso, mas, como grassava a colera em *Coimbra*, o governo mandou fechar a *Universidade* — e volvemos aos nossos lares. Declinando, porém, a epidemia, o governo mandou abrir novamente a *Universidade* no dia 1 de Janeiro de 1855, pelo que tivemos de marchar para *Coimbra* nos fins de Dezembro, — rigor do inverno — por caminhos diabolicos — sitios asperos, altos e desabrigados — com chuva torrencial e vento fortissimo de vendaval, que por vezes atirava com os cavallos *para fóra do trilho?!...*

Eu ia em caravana com uns quatro estudantes meus patricios, todos novos e vigorosos; — os cavallos eram valentes e portaram-se bem; — os creados, tambem fortes, não esmo-

---

1 Veja-se no *Portugal antigo e moderno* o meu artigo *Miragaya*, vol. V., pag. 256.

2 V. *Corvaceira*, *Miragaya* e *Penajoia* no *Portugal antigo e moderno* — e *Penajoia* e *Penajulia* no indice do I volume.

receram nem adoeceram, e nós, para os animarmos, lhes davamos de comer e beber — *a valer!* — Cambaleavam, cantavam e riam, *mas não cahiam!*

A jornada foi trabalhosa e só passados *tres dias e meio* chegámos a *Coimbra.*

Tambem no mesmo anno de 1854, mas na primavera e por tempo mais doce, mais ameno, — depois da celebre *Thomarada (?...)* — eu e o meu patricio que Deus haja — *Antonio Rodrigues Pinto*, de *Sande*, junto de *Lamego*, que foi juiz de direito em *Villa Real*, etc., e falleceu quasi de repente em *Mattosinhos*, estando alli a banhos, — fizemos uma *interessante* viagem de *Coimbra* até *Lamego.*

* * *

Nós gastámos com o percurso *tres dias*, mas só em um dia andàmos cerca de 11 leguas *tolamente* — parte em gericos, — parte em cavallos — e as ultimas 3 a 4 leguas *a pé* — desde *Avellans de Caminha* até á villa *d'Alva*, onde pernoitámos, chegando alli muito cançados, muito fatigados e molhados, porque chovia.

Dissémos mal da nossa vida e *ambos chorámos*, mas d'ahi a pouco já riamos e *cantavamos?!...*

Nunca fiz uma jornada assim.

— Póde vêr-se detalhada no meu artigo *Villa Maior*, freguezia do concelho de *S. Pedro do Sul*, que *ad perpetuam rei memoriam* publiquei no *Portugal antigo e moderno*, vol. II, pag. 774 a 776.

Agora ahi vae uma ligeira noticia da *saudosa Thomarada* supra.

Depois d'uma grande desordem que houve em *Coimbra* no carnaval do dito anno (28 de Fevereiro de 1854) — *de dia e de noite* — entre a academia, o povo da cidade e a tropa da guarnição, — a academia resolveu ir *toda em massa* e *com as suas vestes proprias* a *Lisboa* pedir ao governo a transferencia da *Universidade* — de *Coimbra* para outra qualquer cidade.

Effectivamente partiu para *Lisboa* na quinta-feira immediata — e eu acompanhei-a, por ser chefe do movimento o distincto academico meu patricio — *Manoel Pinto d'Araujo*, de *Lamego* — ou antes da minha *Penajulia* ou *Penajoia*, *onde nasceu*, e d'onde em tenra edade passou para *Lamego* com os paes, que foram alli negociantes.

Fomos até á cidade *nabôa* de *Thomar*, onde rindo e fla-

neando nos demorámos oito dias, dispostos a seguir pelo *Tejo* para *Lisboa*, d'onde volvemos a *Coimbra* por capitulação com o governo — *capitulação honrosissima para nós* — pois o governo, para nos acalmar e lisonjear, tratou-nos sempre *com o maximo respeito e com a maior longanimidade e generosidade.*

— Prometteu-nos demitir — como demittiu — o administrador e o governador civil de *Coimbra* e o reitor da *Universidade*, — amnistiou logo todos os estudantes da rebellião que o reitor e conselho dos decanos da *Universidade* — na ausencia da academia — já tinham *riscado.* [1]

Tambem o governo mandou a *Thomar* o chefe d'aquelle districto (Leiria) para dar aos estudantes que acceitassem a capitulação — passaportes *e o dinheiro que pedissem para a viagem* — o que tudo aquelle magistrado *cumpriu muito delicadamente* e *sem a minima reluctancia na casa dos nossos directores e na presença d'elles.*

Collocou sobre uma mesa algumas folhas de papel, onde os convencionados muito simplesmente escreviam os seus nomes e as cifras que pretendiam — cifras que *promptamente e muito delicadamente —sem a minima observação*—lhes eram dadas por officiaes do dito governador civil, que o acompanharam.

Eu estava attonito com tanta generosidade e disse cá para os meus botões e para o academico meu patricio — *Antonio Rodrigues Pinto*, supra: — O governo tem de receber este dinheiro — ou de nós ou dos nossos paes; mas, para saborearmos a fructa que era tentadora — *libras* e *só libras, muitas libras!* — resolvemos eu e elle marcar tambem no papel— *uma libra* cada um — verba minima.

Fomos muito generosos, porque felizmente nem da pobre libra precisavamos para o regresso a *Coimbra*, mas houve tal que — menos timido e menos escrupuloso — pediu e recebeu *dez libras.*

O governo gastou com a brincadeira bastantes libras, porque eram muitos — talvez mais de 400 — ainda então os convencionados.

Eu muito desejava ir de *Thomar* para *Lisboa* e cheguei a pedir o passaporte, mas não pude obtel-o, porque o santo governador civil muito delicadamente me observou que no momento não podia dar para *Lisboa* mais passaportes, pois já tinha dado muitos naquelle dia e o empenho do governo era

---

[1] Ao tempo—se bem me recordo—já tinham *riscado* 22 academicos — e por certo iriam *mais longe? !...*

obstar a que entrasse em *Lisboa* a academia junta ou incorporada, mas que no dia seguinte de bom grado me attenderia.

Regressei, pois, directamente a *Coimbra* com muitas saudades de *Thomar*, porque os bondosos thomarenses — *honra lhes seja!* — nos penhoraram com attenções, bem como a toda a academia, e nos trataram esplendidamente *gratis* durante aquelles oito dias.

Tambem o governo concedeu aos academicos da rebellião — *e sómente a estes?!!!...* — pela letra da convenção — 30 dias *de feriados* — e ainda posteriormente *mais feriados*, incorporando nas férias do *Entrudo* as de *Paschoa*, pelo que eu e a maior parte dos *convencionados* ou da rebellião fômos gosar o *fartote* das férias com as nossas familias.

Ao dito passeio da academia até á nabôa cidade de *Thomar* deram os academicos o nome de *thomarada*.

Eu podia dedicar-lhe um *grande* folheto, aproveitando as *minhas saudosas reminiscencias* e o que disse d'ella o sr. *Joaquim Martins de Carvalho* no seu interessante livro: — *Apontamentos para a Historia Contemporanea*, pag. 241 a 248.

* * *

Só a biographia de *Manoel Pinto d'Araujo*, bacharel formado em *Direito* e bacharel em *Theologia*, promotor e director principal da *celebre thomarada*, pelo que foi cognominado *Samuel Gelb*, [1] podia *dar um livro*. — E seria bastante volumoso comprehendendo os *artigos de fogo* que publicou em differentes jornaes contra *gregos* e *troyanos*... justificando o movimento da academia.

Davam tambem um largo capitulo os *discursos de fogo* que pronunciou na camara dos deputados contra o governo, tomando só com um d'elles *tres sessões completas*, — não obstante receber no fim da primeira alguns bofetões ou *empurrões* do sr. *Guilhermino de Barros*, seu velho amigo e contemporaneo em *Coimbra*, então deputado governamental.

Pinto d'Araujo, na sua estreia como deputado, em breves dias conquistou na camara logar distincto entre os deputados da opposição, e a elle se deve o serem annulladas as eleições

---

[1] Foi assim cognominado, porque parece ter lido o romance *Deus Dispõe* (?), no qual se descreve uma rebellião muito semelhante da academia de *Heidelberg*, na *Allemanha*, — rebellião promovida e muito bem dirigida pelo academico *Samuel Gelb*.

do districto de *Villa Real*, que elle denominou — *eleições da mócada.* [1]

Com isto muito lisonjeou e penhorou o par do reino, excellente pessoa e grande capitalista — *Francisco José da Silva Torres* — que o ficou adorando *e o levaria ás nuvens*, se *Pinto d'Araujo* fôsse mais prudente.

Elle era muito sympathico, muito illustrado, muito tractavel e orador distincto, mas o seu genio exaltado *perdeu-o!...*

Quando chegou a *Lamego* dèpois de formado, era alli então juiz de direito o dr. *Januario Teixeira Leite de Castro*, homem tambem muito energico, bastante rico e bem aparentado, pelo que *pouco se importava com as leis.*

Já tinha sido guerrilheiro e, sendo juiz em *Faro*, — bateu com um chicote no governador civil do districto *em plena rua*, indo o governador em um trem descoberto, *acompanhado da esposa* (?!...) — e o juiz passeando a cavallo, em direcção opposta.

A biographia do tal juiz dava tambem *um livro interessante!...*

Estava elle ancioso por conhecer o *Pinto d'Araujo*, pelo que, apenas o viu em *Lamego*, abraçou-o e felicitou-o pelas suas *campanhas de Coimbra*, etc., concluindo por dizer-lhe *que abrisse banca d'advogado.*

O *Araujo* agradeceu tanta amabilidade, mas dissé-lhe que precisava de praticar algum tempo.

— «Eu sei que é um talento superior e muito illustrado, pelo que não necessita de pratica — lhe retorquiu o bom juiz,

---

[1] Denominou-as assim, por ter a opposição apprehendido uma carta do governador civil de *Villa Real* para o governo ou para um amigo seu, — carta em que affiançava o vencimento das taes eleições, *ainda que fôsse á mócada!...*

Fez sensação a dita carta, porque o *Pinto d'Araujo* não só a leu na camara, mas publicou-a em differentes jornaes.

As ditas *eleições da mócada* tiveram logar em 1862 ou 1863, sendo presidente de ministros o snr. duque de *Loulé* — e já nas ditas eleições o sr. *Torres* foi chefe da opposição *em todo o districto de Villa Real*, — bem como nas eleições que se fizeram no mesmo districto em substituição das *da mócada.*

O sr. *Torres* perdeu a primeira campanha eleitoral, mas ganhou a segunda.

Elle gastou *muito dinheiro*, mas *levou de vencida o sr. duque!...*

Foi um capricho e *uma questão de familia*, porque a sr.ª condessa da *Azambuja* — *D. Maria d'Assumpção Ferreira*, enteada do sr. *Torres*, — era esposa do sr. conde d'*Azambuja*, filho do sr. duque de *Loulé* supra.

accrescentando: — Estabeleça-se e *deixe o resultado por minha conta.*»

O *Araujo* abriu logo banca de advogado e, como o juiz o adorava cegamente e cegamente o attendia e favorecia *em tudo*, — os litigantes e consulentes todos rapidamente deixaram *em paz e ás moscas* todos os outros advogados de *Lamego*, entulhando o escriptorio do *Pinto d'Araujo*.

Apurou este — *como estreia* — no seu primeiro anno de advocacia, talvez *mais de tres contos de réis* — *caso rarissimo em Lamego!*

Como era muito favorecido pelo juiz, augmentou espantosamente a sua clientella e não se descuidou em elevar tambem espantosamente *a sua tabella*.

O *Araujo* tinha a sua fortuna feita, acompanhando o mencionado juiz e conservando-se nas boas graças d'elle; mas um bello dia — não sei porque — indispozeram-se e não mais se congraçaram.

O *Pinto d'Araujo* — mesmo no tribunal — em um *discurso de fogo*, lhe arrancou a pelle — e dirigiu ao tribunal da Relação do *Porto* um requerimento *de fogo* tambem contra o mesmo juiz, apontando muitas faltas d'elle, *todas bem documentadas*, e pedindo providencias terminantes.

O juiz pouco se importou com as advertencias da *Relação*, mas vingou-se do *Araujo* hostilisando-o e desconsiderando-o no fôro, tanto como até alli o considerara e favorecera.

Os litigantes e consulentes fugiram rapidamente do seu escriptorio, deixando-o *em paz e ás moscas* tambem, pelo que o *Araujo* foi advogar para a villa da *Regoa*, onde o receberam muito bem, mas certo *dia, no proprio tribunal — atirou com um tinteiro á cara do juiz?!*... — Este desviou-se á tempo. Nem ferido ficou, e foi tão generoso, que lhe perdoou, mas com a condição de abandonar a comarca.

Passou para a de *Alijó*, onde viveu alguns annos e muito se distinguiu como advogado e orador, pelo que o elegeram deputado por aquelle circulo. [1]

Foi então que nas camaras se immortalisou, como já dissemos, e captou as boas graças do digno par do reino, — o sr. *Francisco José da Silva Torres*—grande capitalista, muito honrado e muito bondoso, — absolutamente o *primeiro proprieta-*

---

[1] Foi eleito pela opposição e com a protecção do sr. *Torres*, nas taes *eleições da mócada*.

rio do Douro — e o *primeiro negociante de vinhos da praça do Porto, durante muitos annos?!...*

Foi sua ex.ª o segundo marido da sr.ª *D. Antonia Adelaide Ferreira* e, por consequencia representante da casa *Ferreirinha da Regoa* — absolutamente a mais poderosa e mais rica ao norte do nosso paiz *até hoje*, avaliada na bagatella de *seis a oito mil contos — muito solidos?!...*

Veja-se o volume 1.º, pag. 289, — e no *Portugal antigo e moderno* o meu longo artigo *Villa Real de Traz-os-Montes*, vol. XI, pag. 1:013, col. 1.ª.

Sendo annulladas as ditas *eleições da mócada*, procedeu-se a novas eleições no districto de *Villa Real.*

O governo esforçou-se por vencel-as, mas o sr. *Torres* não costumando ingerir-se na politica, d'esta vez — para saldar certas contas com o governo — declarou-lhe abertamente opposição *em todo o districto de Villa Real?!...*

Gastou *muito dinheiro*, mas teve a gloria de vencer as eleições e derrotar o governo *em todo o districto?!...*

Gastou na dita campanha talvez *mais de 600 contos!...*

Sendo a producção dominante no districto de *Villa Real* o vinho — e o sr. *Torres*, como já dissemos, — *o primeiro negociante de vinhos da praça do Porto*, — para lisonjear os grandes proprietarios do districto comprou-lhe o vinho, — talvez mais de 8 mil pipas, pelo que no dito anno juntou nos seus grandes armazens do *Douro* e de *Villa Nova de Gaya* — cerca de *vinte mil pipas* de bello *Port-Wine* — e *sem tremer, nem por sombra?!...*

Não exagéro, porque o deposito de vinhos do sr. *Torres* costumava ser de 15 a 16 mil pipas de bello *Port-Wine*, todo colhido nas suas vastas quintas do *Douro* que, antes de se manifestarem as muitas doenças das videiras, produziam cerca de 2:500 pipas de vinho por anno, pelo que não costumava comprar vinhos estranhos. — Por excepção os comprou no dito anno das duas campanhas eleitoraes.

O seu deposito de vinhos era muito grande — *o maior do Douro e de Villa Nova de Gaya* — mas tinha muito credito e muito bons freguezes. — Vendeu muitos lotes de vinho de 1:000 a 3:000 pipas — e um de 4:000 pipas para certa casa de *Londres*, — todo de preço superior a 100$000 réis a pipa.

Fallecendo o sr. *Torres* em 1880, instituiu herdeira universal a sr.ª *D. Antonia Adelaide Ferreira*, sua idolatrada esposa — e por fallecimento d'ella em 1896, foram seus herdei-

ros universaes os seus dois unicos filhos — o sr. *Antonio Bernardo Ferreira* e a irmã — sr.ª *D. Maria d'Assumpção Ferreira*, esposa do sr. conde *d'Azambuja*. — De commum accôrdo fundaram estes uma companhia para administrar o seu grande deposito de vinhos que, por ser enorme, ficou *indiviso*.

Intitula-se ella: — *Companhia Agricola e Commercial dos Vinhos do Porto* — a qual é muito bem dirigida e tem como fiscaes effectivos o sr. *Antonio Bernardo Ferreira* e o sr. conde *d'Azambuja*, etc., pelo que a mencionada companhia sustenta com firmeza o credito e o prestigio da grande casa *Torres* — ou da sr.ª *D. Antonia Adelaide Ferreira*.

* * *

O deposito de vinhos da mencionada companhia — segundo me informam pessoas competentes — ainda hoje (1907) monta a 16:000 pipas *de bello Port-Wine*, — e tambem já tem vendido lotes de 3 a 4 mil pipas de vinho — de réis 80$000 a *um conto e novecentos mil réis* — cada pipa?!...

Note-se que a mencionada companhia recebeu da opulenta casa *Ferreirinha* a sua frasqueira de 182 pipas de precioso *Port-Wine*, — todo de 1810 a 1868 — e *todo engarrafado*, correspondendo cada pipa a 700 garrafas. — Total das 182 pipas 127:400 garrafas?!...

Passou a dita frasqueira para a mencionada companhia da casa no valor de *400 contos* por avaliação particular, — cifra muito inferior ao seu valor real.

O sr. *Torres* não a venderia talvez por *600 contos*.

Era e é absolutamente a maior e melhor frasqueira do *Douro*, do *Porto*, de *Villa Nova de Gaya* — e talvez *do mundo inteiro?!...*

A mencionada companhia vende cada garrafa da dita frasqueira por 400 réis até 20$000 réis — e, correspondendo cada pipa de vinho, como já dissémos, a 700 garrafas, corresponde o vinho da frasqueira a 210$000 réis — até *14 contos de réis*, cada pipa?!...

Desculpem os nossos poucos leitores tantas digressões, e prosigamos.

Certo dia, quando o sr. *Torres* já tinha bem disposta a segunda campanha eleitoral em substituição das celebres *eleições da mócada*, e tratava de propôr deputados pelos differentes circulos do districto de *Villa Real*, perguntou-lhe o *Pinto d'Araujo* quem tencionava propôr pelo circulo da *Regoa*?

— O dr. *José Julio d'Oliveira Pinto* [1] — lhe disse francamente o sr. *Torres*.

— *Pela Regoa — eu!* — lhe retorquiu seccamente o *Araujo*.

Observou-lhe muito brandamente o sr. *Torres* — que já tinha compromissos com o desditoso *José Julio*, a quem devia relevantes serviços e que, sendo natural da villa de *Barqueiros*, pertencia ao mesmo circulo da *Regoa*; mas que podia o *Araujo* estar certo de que seria eleito deputado por outro qualquer circulo do districto de *Villa Real*, em questão.

Lembrou-lhe s. ex.ª, por exemplo, o circulo d'*Alijó*, — circulo que tão distinctamente já tinha representade nas côrtes e que podia representar novamente, o que lhe era muito honroso.

«Demais a mais — accrescentou ainda muito brandamente s. ex.ª — o sr. *Pinto d'Araujo* não é filho da *Regoa*, mas de *Lamego*.»

— *Pela Regoa — eu!* — disse novamente e bruscamente o *Araujo*, accrescentando:

— «Se v. ex.ª deve serviços ao *José Julio*, tambem os deve a mim — e quando v. ex.ª não me proponha deputado pela *Regoa* — vou eu propôr-me!» — e retirou-se mal humorado.

Ficou attonito e muito magoado o sr. *Torres*, por ser muito amigo do *Araujo* e ter vivo desejo de o ver novamente na camara dos deputados.

Empregou todos os meios para o trazer a bom accordo, chegando até a nomear uma commissão d'amigos para verem se o *Araujo* cedia, — mas não cedeu!

Propoz-se effectivamente deputado pela *Regoa*, onde ao tempo — *á sombra do sr. Torres* — era muito estimado e con-

---

1 Foi s. ex.ª meu contemporaneo e do *Araujo* em *Coimbra*, excellente pessoa, um dos primeiros talentos da *Universidade* no seu tempo, deputado ás côrtes, director geral do ministerio dos negocios ecclesiasticos, etc.

Promettia *longo futuro*, mas, sendo deputado, foi morto em um duello nos arrabaldes de *Lisboa* por causa de certa semsaboria nas camaras.

Ainda vive no *Douro*, na sua bella casa da *Ermida*, o conselheiro *Antonio Camillo d'Almeida Carvalho*, tambem meu contemporaneo em *Coimbra* e meu bom e velho amigo que, sendo então deputado tambem, — foi um dos padrinhos de *José Julio* no duello que o matou?!...

Veja-se o meu pobre folhetim n.º 80 — e no *Portugal antigo e moderno* o meu longo artigo *Zezere*, (Santa Marinha do) freguezia do concelho de *Baião*, — vol. XII, paginas 2:115, onde mencionei o tal duello?!...

siderado, mesmo porque era o director e principal redactor d'um jornal de combate que havia montado na *Regoa*. [1] Mas, logo que o viram a hostilisar o sr. *Torres* com tanta ingratidão, — todos lhe voltaram as costas, *deixando-o em paz e ás moscas* — e ficou estatelado na votação.

Perdeu *Pinto d'Araujo* a valiosa protecção do sr. *Torres*; — não mais foi deputado; — volveu para a advocacia — e morreu pobre no hospital da *Ordem do Terço*, aqui no *Porto*, ha bastantes annos.

De todos os meus patricios contemporaneos foi o que mais prometteu.

Podia conquistar fortuna, — ser muitas vezes deputado, — conselheiro, embaixador, titular, ministro d'estado e até presidente de ministros, mas por ser tão desiquilibrado, passou a maior parte da vida obscuramente e morreu pobremente.

Assim acabou o tão decantado *Samuel Geib*.

— A terra lhe seja leve!...

O *Manoel Pinto d'Araujo*, com o seu altivo e desiquilibrado genio perdeu-se e perdeu tambem o seu unico irmão — *Joaquim Pinto d'Araujo* — que tambem era bastante illustrado, muito valente e ainda mais desiquilibrado!...

As coisas passaram-se pouco mais ou menos assim:

O sr. *Torres*, quando se envolveu na grande campanha eleitoral contra o governo em todo o districto de *Villa Real*, montou na *Regoa* um jornal de combate, de que foi director e principal redactor o *Manoel Pinto d'Araujo* — e administrador o seu irmão *Joaquim Pinto d'Araujo* — então muito valente e *de pelle diabi?!...* [2]

O governo mandou para a *Regoa* bastante tropa — e o administrador do concelho armou os cabos e organisou magotes de caceteiros.

Receando o sr. *Torres* que fôsse de dia ou de noute assaltada a casa da typographia e da redacção do jornal, orgão seu, transformou-a em uma pequena *praça de guerra*.

Mandou chapear com ferro as portas; — deu bôas armas de fogo aos typographos e a todo o pessoal da casa; — muitas

---

[1] Logo fallaremos do dito jornal, porque a certos respeitos — foi talvez *unico em Portugal até hoje!...*

Refiro-me ao *Jornal do Douro*, montado na *Regoa* pelo *Pinto d'Araujo*, mas *com o dinheiro do sr. Torres*.

[2] Veja-se a nota explicativa, supra.

granadas de mão — e foguetões para lançarem como aviso, quando se désse o assalto.

Armou tambem *centenares* dos matulas mais vigorosos dos seus armazens e dos jornaleiros das suas quintas mais proximas da *Regoa*, devendo todos marchar em defeza da casa da redacção e da typographia do jornal, apenas ouvissem os taes *foguetões*.

* * *

Note-se que o *Joaquim Pinto d'Araujo*, administrador do jornal e *governador da pequena praça de guerra*, — já tinha sido militar, mas, pelo seu genio turbulento, não fez carreira, pois durante o seu tempo de praça respondeu a varios conselhos de guerra!

Julgo que em *Portugal* nunca tivemos uma redacção e uma typographia tão bem fortificadas e defendidas. — Nunca foram assaltadas e correria *muito sangue* se as assaltassem!...

Joaquim Pinto d'Araujo estava *no seu elemento* e anciava por ter occasião de *jogar a vida* em defeza do seu *redactor* e do sr. *Torres*.

Certa noite foi elle á formosa quinta das *Nogueiras*, onde morava o sr. *Torres*, junto da *Regoa*, quando a lucta estava mais accesa. — No regresso encontrou junto da villa um bando dos taes caceteiros e cabos de policia que lhe ordenaram fizesse alto; — elle, porém, metteu o cavallo a todo o galope e seguiu.

Os taes senhores dispararam sobre elle alguns tiros, mas por fortuna as balas não o attingiram.

Foi direito á casa, onde no momento estava reunido o centro eleitoral do sr. *Torres*, na villa da *Regoa*. — Contou aos vogaes a occorrencia, — transmittiu-lhes as instrucções que levava e retirou-se; mas, quando chegou á porta da rua, viu-a cercada pelos desordeiros que o haviam assaltado pouco antes.

Como era muito valente e andava sempre *bem armado*, não se intimidou, mas, apenas transpoz o limiar da porta, os taes desordeiros metteram á cara *duas clavinas* contra elle, dispostos a matal-o *á queima-roupa!*...

— Valeu-lhe um cavalheiro do partido opposto, mas muito generoso, que por fortuna alli appareceu no momento e, lançando as mãos ás clavinas, disse aos taes bandidos: — *Alto! — Não se mata assim um homem!*...

Por estes e outros factos, o sr. *Torres* era tambem muito

amigo do *Joaquim Pinto d'Araujo*, — gastou com elle bastante dinheiro e por certo o levaria longe e o collocaria vantajosamente, se o irmão d'elle, o *Manoel Pinto d'Araujo*, fôsse mais prudente e não se revoltasse tão levianamente e com tanta ingratidão, como já dissémos, contra o sr. *Torres*, — chegando a insultal-o e a aggredil-o *no seu proprio jornal*.

Custa a crêr, mas é facto, pelo que o *Manoel Pinto d'Araujo* se perdeu — e perdeu tambem o pobre irmão *Joaquim Pinto d'Araujo*. — Correu este sorte varia, mas sempre adversa.

Foi director d'um collegio na *Meda* (?); posteriormente foi aqui no *Porto* professor de ensino livre *muitos annos* — e por ultimo, estando já decrepito, falto de forças, pobre e doente, — *foi assassinado em Lisboa ?!...*

Ainda a Thomarada — topico interessante

Manoel Pinto d'Araujo ficou muito satisfeito com a letra da *convenção*, receando, porém, que os lentes da *Universidade* fôssem no fim do anno lectivo severos para com os estudantes convencionados, formou uma associação secreta denominada *Liga Academica*, muito semelhante á *Carbonaria*,[1] composta dos academicos mais energicos e de mais confiança — *para o que désse e viesse!...*

Eu, por ser então muito novo e uma completa nullidade, não fiz parte da dita associação — nem ella teve consequencias tristes, porque os lentes foram *muito benignos*, *muito generosos nos actos* para com os estudantes convencionados.

Eu só mais tarde tive conhecimento da tal *associação* e então me lembrei do afan com que em certo dia, tendo de fazer acto um dos estudantes mais compromettidos na revolta, me convidaram e a muitos outros para irmos assistir ao acto e não sahirmos da sala sem vermos como o dito estudante era tratado no exame.

Eu fui. — A grande sala encheu-se litteralmente d'estudantes e com surpreza notei que todos conversavam, berravam, jogavam *piadas* e papelotes. — Aquillo era um *pandemonio infernal!* — Não se percebia o que diziam os lentes

---

[1] Veja-se o interessante livro — *Apontamentos para a Historia Contemporanea*, publicado pelo saudoso fundador, proprietario e redactor principal do *Conimbricense*, pag. 241 a 248.

nem o examinando — só de quando em quando se ouvia gritar com voz de estentor : — *Ninguem se retire sem acabar o acto!*

Logo que terminou o acto e vimos que o examinando ficou approvado, — todos nos acercámos d'elle, tumultuosamente, felicitando-o. Entretanto os lentes a custo foram sahindo por entre aquella turba magna d'estudantes. — Ninguem lhes tocou nem os insultou, mas, segundo mais tarde me constou, se reprovassem o tal estudante, correria sangue, porque assim o resolvera a mencionada *Liga Academica.*

Note-se que os estudantes na occasião da grande desordem do carnaval—todos estavam desarmados, mas, quando no fim das grandes ferias regressaram das suas terras a *Coimbra*, levaram muitas armas de toda a ordem.

* * *

Era aguardado com vivo interesse por toda a academia o acto de *Pinto d'Araujo*, e não sei o que succederia, por ser a *alma da revolta*, — muito estimado pelos estudantes todos — e chefe da tal associação academica, especie de *Carbonaria.* — Ficámos, porém, todos desapontados, porque os seus lentes se deram por suspeitos e se recusaram a examinal-o.

Queixou-se elle ao reitor da Universidade, pedindo-lhe que nomeasse outros lentes para o examinarem, pois tinha o seu anno provado e necessitava da formalidade do exame do quarto anno para poder matricular-se no quinto anno e concluir a formatura em *Direito.*

Todos os outros lentes da faculdade se deram egualmente por suspeitos e se recusaram tambem.

Ficou muito contrariado, mas não se deu por vencido o *Pinto d'Araujo.*

Foi a *Lisboa* queixar-se ao governo, pedindo-lhe que obrigasse os lentes da *Universidade* a examinal-o — ou que o mandasse examinar em *Lisboa* por quaesquer jurisconsultos, pois tinha o seu 4.º anno provado e só lhe faltava a mera formalidade do exame, para poder matricular-se no 5.º anno e concluir a formatura.

O governo, attonito com semelhante occorrencia — ordenou ao reitor da *Universidade* que o matriculasse no 5.º anno — *sem o acto do anno antecedente,* — caso rarissimo e talvez *unico* nos annaes da *Universidade*, depois da reforma de 1772.

Assim se matriculou no 5.º anno e o frequentou, mas,

quando tinha de fazer acto,—novamente se recusaram a examinal-o os seus lentes e todos os lentes da *Universidade*.

O *Pinto d'Araujo* clamou e gritou como possesso, de viva voz e pela imprensa.—Volveu a *Lisboa*, queixando-se novamente ao governo — e julgo que ao proprio rei *D. Pedro V*.

O governo deu instrucções terminantes ao reitor da *Universidade* para que os lentes de *Direito* examinassem o supplicante.

Post tot tantosque labores, o *Pinto d'Araujo* fez acto do seu 4.º e 5.º annos de *Direito* — *no mesmo dia*, ficando approvado em ambos.

Foi extraordinaria a concorrencia e todos concordaram em que fez dois actos *muito bons*.

* * *

Antes de deixar *Coimbra*, onde passei o melhor tempo da minha já tão longa vida, consignarei aqui mais algumas reminiscencias do tempo da minha formatura — 1851 a 1856.

Quanto a feriados, que são a fructa mais mimosa para os estudantes todos, mórmente para os *cabulas* como eu era — desculpem a franqueza [1] — ainda mencionarei mais alguns obtidos de *modo estranho* — além dos da *thomarada* — desde o principio das férias d'entrudo até o fim das férias de *Paschoa*.

Uma bella noite, estando a academia toda (suppunhámos) já entregue aos seus labores e alinhavando as lições para o dia seguinte, não ouvimos o metalico som da *cabra* — sino da *Universidade*, que á hora do estylo annunciava sempre como dia d'aula o dia seguinte.

Ficou attonita a academia toda e, sendo vespera d'aula, foram os estudantes todos para as janellas e muitos d'elles para as ruas, gritando: — *Bravo, bravo*! — *Temos ámanhã feriado!*...

Assim foi, mas ninguem esperava semelhante feriado *cahido das nuvens*. Só no dia seguinte se explicou tão estranha occorrencia.

---

1 Cabulei muito e estudei pouco, mas nenhum dos meus contemporaneos se formou em menos tempo, como já disse, pois chegando eu a *Coimbra* com os reles preparatorios de *Lamego*, em Junho de 1851, — em Junho de 1856 concluí a formatura em *Theologia* — sem um *R* — com todos os preparatorios da faculdade de *Direito* — accrescendo os dois exames de *grego* e de *hebraico*.

A' hora do estylo, quando o servente do guarda-mór ia com as chaves proprias abrir a porta da torre para tocar o sino, chamado *cabra*,— a despeito de todos os seus esforços não pôde abrir a fechadura. — Foi participar tão estranho caso ao guarda-mór, que ficou tambem surpreso e de salto correu a *esgarafunchar* ou *escarafunchar* ou *escravelhar* na fechadura, mas tambem não conseguiu abril-a.

Foi logo procurar o reitor da *Universidade* e expoz-lhe tão extranha occorrencia, dizendo que, mandando s. ex.ª, elle ia arrombar a porta!

O reitor ficou tambem attonito e, consultando o relogio, viu que a hora do estylo já tinha passado! — Limitou-se a dizer ao guarda-mór que no dia seguinte mandasse arrancar e concertar a fechadura.— Só então se viu que ella estava entulhada com areias que certo estudante por brincadeira lá mettera no fim da tarde do mencionado dia.

O guarda-mór e o reitor não gostaram da brincadeira, a modo de *bruxaria*, mas folgou e exultou com ella toda a academia. [1]

Folgou e exultou ainda mais toda a academia com outro feriado no inverno de 1854 para 1855 — se bem me recordo.

Frequentava eu então o 4.º anno e morava na *rua dos Estudos*, lado norte. —Certo dia, sendo dia de aula e estando eu ainda na cama, ouvi grande sussurro e gargalhadas na rua.

Fiquei attonito, porque no bairro alto de *Coimbra* a taes horas e em dias d'aula não se toléra barulho nem ruido semelhante.— O facto era anormal, pelo que saltei logo fóra da cama e fui das janellas vêr o que se passava na rua.

— *Estava toda entapetada ou atapetada de neve* — caso estranho em *Coimbra!*

— Vesti-me a correr e fui logo para a *Universidade*, patinhando sobre a neve, que alli era um pouco mais alta ainda, por ser o ponto mais alto de *Coimbra*.

O terreiro da *Universidade*, ao tempo ainda não ajardinado, como hoje, estava todo litteralmente coberto por uma densa camada de neve e já n'elle patinhavam centos d'estudantes, rindo e folgando loucamente.

Lembraram-se alguns de fazerem *grandes bolas de neve*,

---

[1] No meu tempo ainda em *Coimbra* o povo acreditava em *bruxas*, *feiticeiras* e *lubisomes* ou *lobishomens*, como tive occasião de saber. Logo contarei o caso.

rodando com ellas em differentes direcções sobre o dito largo e com ellas entulharam a *Porta Ferrea* e o cimo das *Escadas de Minerva*, — as duas entradas unicas para o *Paço dos Estudos*.

— *Sebastopolisemos a Universidade!* — gritavam elles, referindo-se á guerra da *Criméa* que então se feria, avultando n'ella a grande praça de *Sebastopol*.

Fechámos effectivamente as duas portas com grandes *bolas de neve* — e com outras tambem de neve, mais pequenas, a modo de *balas* ou *granadas de mão*, defendemos valentemente as *barricadas!* — Não mais entrou pessoa alguma para a *Universidade*,— nem lentes, nem estudantes — nem os cavalheiros e senhoras convidados para assistirem ao *acto magno* de certo doutorando que devia tomar capello no tal dia.

Dentro da praça da *lusa Sebastopol* — ficariam talvez 500 estudantes — *e eu com elles* — sem nos importarmos com as aulas nem subirmos para a *Via Latina*.

*
* *

O reitor, que já estava na secretaria, por causa da festa do capello, mandou por alguns archeiros — *munidos d'enxadas?!...* desobstruir a *Porta Ferrea*, mas nós disparámos contra elles tal chuveiro de *balas de neve*, que os pobres archeiros logo bateram em retirada, dando ao diabo os estudantes e a *cardada!*

Assomou então á porta da secretaria da *Universidade* o bondoso velho secretario *Vicente de Vasconcellos* — clamando e animando os pobres archeiros, mas nós com outra descarga de *balas de neve*, dirigida contra a dita porta, obrigámos o santo velho a fechal-a.

O reitor, vendo que os estudantes não cediam e não podia realisar-se a funcção do *capello*, mandou dizer-nos que nos dava feriado n'aquelle dia e nos retirassemos.— Nós recebemos a mensagem *rindo* e continuamos firmes no nosso posto, defendendo a praça *com toda a galhardia*.

Só retirámos quando bem nos aprouve, — muito satisfeitos, muito enlameados e com os pés muito molhados, porque fômos para a dita *campanha da neve* com o fardamento do estylo academico: — *batinas curtas*,— *meias de lã pretas* — e *sapatos d'entrada baixa?!...*

Depois que nos retirámos *muito espontaneamente*, os pobres archeiros desobstruiram a *Porta Ferrea*, amontoando

junto d'ella, do lado exterior, as taes *bolas de neve*, que alli se conservaram alguns dias sem se derreterem.

Julgo que a neve tambem poisou no bairro baixo de *Coimbra*, pois indo eu por essa occasião ao alto da torre da *Universidade*, com surpreza vi os arrabaldes de *Coimbra* até grande distancia *todos cobertos de neve.*

Mais feriados

Em um dos ultimos annos da minha formatura, o santo *José Ernesto de Carvalho e Rego*, sendo então vice-reitor da *Universidade*, foi em serviço official — não sei agora bem porque motivo — a *Pombal*, onde se demorou apenas um dia, mas com a ida e volta gastou tres dias, porque ao tempo a linha ferrea do norte ainda não passava do *Carregado* — e elle foi n'um trem.

Deixando o bastão da reitoria ao dr. *Bandeira*, lente e decano da faculdade de *Philosophia*, fômos logo pedir-lhe como estreia um feriado, que elle promptamente nos deu.— Se bem me recordo seguiu-se um feriado da tabella — e fômos pedir-lhe ainda outro feriado para o terceiro dia da sua ephemera governança.— Recusou-se, porém, dizendo que terminava n'aquelle dia o seu mandato, porque no mesmo dia regressava de *Pombal* o dr. *Ernesto.*

Resolvemos ir esperar o santo vice-reitor na velha ponte de *Coimbra*, onde devia passar, e alli nos demorámos algum tempo, sentados nas guardas da ponte.— Como s. ex.ª se demorasse e já tivesse anoutecido, comprámos archotes e fômos pela estrada de *Lisboa* em marcha *aux flambeaux* esperal-o.

Surprehendemol-o e á sua comitiva um pouco além do convento de *Santa Clara.*— Demos-lhe respeitosamente as boas vindas e pedimos-lhe o feriado.

Ficou s. ex.ª attonito e prometteu consultar o governo pelo telegrapho logo que chegasse a *Coimbra.*

Apenas regressámos, dirigimo-nos em grande numero para a porta da casa d'elle na rua da *Alegria*, com alguns instrumentos, e alli estivemos algum tempo dançando, tocando e aguardando o telegramma. Eis que appareceu de repente uma força d'infanteria que *muito delicadamente* passou por entre nós e fez alto a poucos passos de distancia da casa do vice-reitor.

Ficámos attonitos e mais ainda quando vimos descer

pela mesma rua outra força de cavallaria, que tambem fez alto a pequena distancia dos academicos.

Dirigiu-se então a nós o administrador do concelho e ordenou que nos retirassemos.

Dissemos-lhe que respeitavamos muito o sr. dr. Ernesto e que estavamos alli muito pacificamente aguardando o telegramma.

— *Retirem-se — já disse!* — repetiu o administrador.

E os academicos tiveram de retirar-se, passando pelas *forcas caudinas*, pois a dita rua era muito estreita,— estavam desarmados e mettidos entre dois fogos.— D'um lado a infanteria com as bayonetas em bocca d'arma — do outro a cavallaria com as espadas desembainhadas.— E a rua não tinha travessas por onde fugissemos, pois corta transversalmente de nascente a poente um despenhadeiro medonho, pelo que só tem casas do lado norte ou superior.

Ao poente da casa do santo dr. *Ernesto*, ao tempo havia do lado norte um muro liso bastante alto, que não podiamos transpôr — e do lado opposto ou sul um parapeito ou guarda de pedra, encimando uma medonha barreira de 14 metros talvez d'altura, aprumada sobre a decantada *insua do Vianna* — ou do *cantado e decantado Vianna*, dono d'ella no meu tempo. [1]

Eu então era muito vigoroso,— saltava muito bem — e ainda me approximei do tal parapeito da rua, mas, quando á luz tibia da noute vi lá no fundo a insua do *Vianna — sensi in fronte meo se arripiare cabellos!...*

Tive, pois, de capitular e passar pelas *forcas caudinas*,

---

[1] Como a tal insua era muito linda e estava muito proxima de *Coimbra*, o dono d'ella, que era commerciante, ia visital-a e passear n'ella muitas vezes, mórmente de tarde para se distrahir.

Os estudantes, birrando com passeio tão frequente, apenas lá o viam de tarde os muitos que a essa hora em dias de feriado costumavam ir passear para a velha ponte, principiavam a gritar:—*Oh Vianna! Oh Vianna!...*

Formavam logo côro com elles os muitos estudantes que moravam na *Couraça de Lisboa*, superior á bella insua e fronteira á dita ponte, bradando egualmente: — *Oh Vianna! Oh Vianna!...*

E por vezes tambem os estudantes que passeavam *além-Mondego*, no bairro de *Santa Clara*, formavam écco, bradando egualmente: — *Oh Vianna! Oh Vianna!...*

Não exagéro dizendo, que por vezes, a um tempo e durante alguns minutos ouvi mais de 400 estudantes gritando como possessos e bradando como estentores: — *Oh Vianna! Oh Vianna!...*

Era uma brincadeira innocente, pois não insultavam o referido commerciante, dizendo sómente: — *Oh Vianna! Oh Vianna!...*

como os outros estudantes, dando ao diabo a brincadeira e o feriado.

Se eu estivera só, não me assustavam tanto a *cavallaria* e a *infanteria*, porque o santo dr. *Ernesto*, então vice-reitor da *Universidade*, era meu patricio, tambem natural da minha *Penajulia* ou *Penajoia*, e, se eu lhe batesse á porta,— *immediatamente me recebia*, como sempre me recebeu durante a minha formatura.

S. ex.ª era tão meu amigo, que chegava a dizer: — *lamento que este rapaz não seja meu sobrinho!...*

Foi durante a minha formatura toda *o meu melhor e mais dedicado protector* e, como eu tinha *pae alcaide* — não me assustava com bagatellas.

Honrou-me com a sua amisade até que falleceu em novembro de 1875 — *ha 33 annos completos*,— e, para d'algum modo lhe significar a minha gratidão, esbocei e publiquei no *Portugal antigo e moderno* a biographia de s. ex.ª.

Póde lêr-se no artigo *Penajoia*, vol. VI, pag. 562 e seguintes.

Foi s. ex.ª prelado da *Universidade* 21 a 22 annos *consecutivos*,— sempre adorado pela academia e muito estimado e considerado pelo governo,— o que é raro, *rarissimo* nos annaes da *Universidade*.

Foi tambem s. ex.ª agraciado pelo nosso governo e pelo governo brazileiro com altas mercês e regeitou varias mitras que o nosso governo lhe offereceu.

Deus o tenha em bom logar, como firmemente creio, pois era muito bondoso, muito accessivel, muito tratavel,— *um santo!...*

* *

Ainda outro jorreiro de feriados, ao todo mais de 70?!...

Como já dissemos, quando no anno lectivo de 1855-1856 — o 5.º da minha formatura, chegámos a *Coimbra* em Outubro de 55, grassava a *cholera* na *lusa Athenas*, pelo que o governo, apenas nos matriculámos, fechou a *Universidade sine die*, para não expôr a academia a uma hecatombe.

Nem sequer tivemos um dia d'aula! — Deixámos logo *Coimbra* quasi todos no meado d'Outubro do dito anno e só volvemos no fim de Dezembro do mesmo anno, porque o governo, como já disse no meu pobre folhetim 168, — havendo declinado a epidemia, mandou abrir a *Universidade* nos principios de 1856, para não perdermos aquelle anno lectivo.

Estivemos, pois, em ferias desde o meado d'Outubro até o fim de Dezembro — ou mais de *70 dias?!...*

A viagem do regresso á *lusa Athenas* foi trabalhosa, como já dissemos, por ser feita a *marcha forçada*, no rigor do inverno e gastámos no percurso das 22 legoas de *Lamego* a *Coimbra* — pela estrada militar d'aquelle tempo e mais certa — *tres dias e meio.*— Na viagem de *Coimbra* a *Lamego* — ou antes á minha *Penajulia*, no aro de *Lamego*, em Outubro, gastámos *oito dias*, porque nada nos incommodava, — o tempo era doce — e já suppunhamos perdido aquelle anno lectivo.

Deus nobis haec otia fecit!... — dissemos com o *Mantuano* — e fômos andando pausadamente em uma pequena caravana de quatro amigos e contemporaneos, sendo um d'elles filho d'*Agueda* e ainda calouro — *Augusto Cesar Elmano da Cunha e Costa* — e os outros dois de *Baião*, lá no *Douro* e por consequencia meus patricios e visinhos: — um d'elles — *Antonio d'Almeida e Silva*, ao tempo ainda calouro tambem, — e *Francisco da Cunha Coutinho*, então alumno do 5.º anno de *Direito*.

De *Coimbra* até *Agueda* fômos em gericos, pois a *mala posta* e a estrada *a macadam* ainda não passavam de *Coimbra* para o norte.

Demorámo-nos 2 bellos dias em *Agueda*, rindo, passeando, palestrando e dançando. — No 4.º dia da viagem fomos em um barco pelo *Agueda* para *Aveiro*, d'onde seguimos atravez da formosa *ria* no barco da carreira para *Ovar*, chegando alli na manhã do dia seguinte.

Alugámos cavalgaduras em *Ovar* e seguimos pela pobre aldeia de *Espinho* — hoje villa esplendida e *cidade em perspectiva* [1] — para o *Porto*, onde chegámos já de noute e encontrámos os nossos criados aguardando-nos com os cavallos.

Demorámo-nos alli um dia — o 6.º da viagem — e fômos dormir a *Baltar*, cerca de 3 legoas ao nascente do *Porto*, d'onde no dia seguinte — o 7.º da viagem — seguimos pelo *Marco de Canavezes* ou pela velha estrada do *Porto* ao *Douro* e *Lamego* — para *Baião*, distante de *Baltar* cerca de 12 legoas?!...

Em *Baião* pernoitei na casa do *Ervedal*, freguezia de *Santa Marinha do Zezere*,—casa do meu companheiro *Antonio d'Almeida e Silva*, pouco distante da do outro companheiro

---

[1] Deve dar-lhe muita vida a linha ferrea do *Valle do Vouga*, em construcção n'esta data (1909) e já aberta á circulação desde *Espinho* até á villa d'*Azemeis*.

Francisco da Cunha Coutinho,— ambos já fallecidos n'esta data.

O *Almeida e Silva* formou-se em *Direito*;—foi um talento superior,— estudante distincto e distincto advogado em *Baião*. Passou depois para a magistratura e falleceu ha muitos annos, sendo ainda novo e delegado em *Macedo de Cavalleiros*.

O *Coutinho* foi tambem advogado em *Baião* e alli administrador do concelho, bem como do de *Mirandella*, em *Traz-os-Montes*. Por ultimo foi conservador em *Baião* e morreu ha poucos annos.

V. *Zezere* (*Santa Marinha do*) — longo artigo meu, no *Portugal antigo e moderno*, vol. XII, pag. 2:119 e 2:129, onde mencionei aquelles meus dois bons amigos, por serem ambos filhos benemeritos da dita parochia.

Finalmente, no oitavo dia da viagem fui da nobre casa do *Ervedal* para a minha *Penajulia* — ou antes para a minha pequena povoação da *Corvaceira*, na extremidade leste da tão mimosa, como espaçosa freguezia da *Penajoia* — decantada *terra das cerejas* — concelho de *Lamego*,— na margem esquerda do *Douro* — mesmo em frente das *Caldas do Molledo*, [1] — distando a dita povoação da *Corvaceira* 11 a 12 kilometros da nobre quinta do *Ervedal* supra.

* * *

Toda a viagem pouco me incommodou — nem mesmo as 12 legoas de mau caminho que transpuzemos no 7.º dia de *Baltar* ao *Ervedal*. Recordamo-nos até com saudade de alguns episodios d'ella. Ahi vae um que nos fez rir a valer!

Quando sahimos de *Coimbra*, o tempo estava humido e entre a *Mealhada* e *Agueda*, não havendo ainda estrada a *macadam*, tivemos de transpôr com os pobres gericos um grande atoleiro, de 20 metros talvez de comprimento.

Eu logo suppuz que algum dos quatro cahiria ao charco, pelo que, indo na frente da caravana, fui picando o meu gerico e bradando-lhe para o animar.

Transpuz felizmente o atoleiro sem naufragio e fiz alto para vêr a sorte dos meus companheiros.

Dois d'elles fizeram a travessia com felicidade tambem, mas o quarto e ultimo — o tal *Coutinho*, appellidado em *Coim-*

---

1 V. *Penajoia* e *Penajulia* no indice do I volume.

bra — grão turco, por ser muito alto e usar grande cabelleira e um bigodo tambem muito grande, muito aspero, hirto e desgracioso, — *naufragou!...*

Ia embrulhado em um cobertor, na falta de capa melhor, para se abrigar da chuva, — e dormitando no couce da caravana, por ser muito indolente, deixando o gerico á vontade. —Foi este andando como pôde, mas, indo a meio do lodaçal, tombou, ficando o pobre *Coutinho* enterrado no lôdo até o pescoço e com uma perna debaixo do gerico.

Só então acordou e principiou a berrár e gritar, chamando o conductor do gerico.

O rapaz demorou-se, porque, para fugir do atoleiro, contornou-o, seguindo por um monte proximo. Entretanto o gerico, fazendo esforços para se levantar, sacudia fortemente e constantemente a cabeça e as grandes orelhas, atirando com ellas pazadas de lôdo contra o rosto do pobre *Coutinho,* que mal podia gritar! Ficou em misero estado com a bocca, o rosto, os grandes bigodes e a cabelleira cheios de lôdo, bem como a roupa toda e o cobertor que o embrulhava e lhe servia de capa.

Quando sahiu do atoleiro — *cortabat fios almae!...*

Eu ri tanto, tanto, que fiquei suffocado!

Fui andando e só passados alguns minutos desabafei com estridentes gargalhadas.

Os outros companheiros tambem riram *a valer* — e continuámos a rir até grande distancia, porque o *grão turco* e o seu burro ficaram todos litteralmente *cobertos de lama!...*

Eram assim as viagens n'aquelle tempo. — Eu ainda tenho saudades do tal episodio da *lamarada,* mas o pobre *Coutinho* deu ao diabo o gerico, o *atoleiro* e a cardada!...

Como dissemos, fazia tambem parte da caravana o nosso contemporaneo, ainda caloiro — *Augusto Cesar Elmano da Cunha e Costa* — filho d'*Agueda,* que depois se formou em *Direito* e foi muitos annos tabellião e advogado em *Lisboa.*

Em *Agueda* levou-nos para a sua casa e apresentou-nos á mãe, uma excellente senhora que muito nos penhorou e obsequiou durante dois dias — a mim e aos meus dois patricios — *Almeida* e *Coutinho.*

Na noite do primeiro dia da hospedagem, convidou s. ex.ª para a sua casa algumas senhoras visinhas, entre ellas uma irmã e duas interessantes filhas.

Passámos deliciosamente aquella noite rindo, palestrando, cantando e dançando com as ditas senhoras, todas muito

sympathicas e muito amaveis,— e com duas meninas da casa, irmãs do *Elmano*, tambem muito interessantes, muito lindas e muito amaveis, mas terminou a *soirée* com uma semsaboria, a que eu muito involuntariamente dei causa.

Tendo os meus companheiros recitado algumas poesias, lembrei-me eu de recitar uma que pouco antes lêra em um jornal, tendente a inspirar no publico animo contra a *colera*, epidemia que então grassava e nos obrigara a deixar *Coimbra*.

Eu gostei da tal poesia, porque, além de ser muito linda, conjurava o desanimo, predisposição que em tal conjunctura todos deviam evitar, como instantemente recommendavam os facultativos e a imprensa.

Já decorreram 55 annos e eu já completei os 76, mas— se bem me recordo — a tal poesia era pouco mais ou menos a seguinte.

Desculpem os lapsos, porque cito de memoria.

Eil-a:

Dizem que a peste ahi está,
Que sem cautellas irá
Tudo raso!...
Mas da peste a face adusta
Não me importa nem me assusta
Nenhum caso!

*

Sem cidreira nem macela,
Sem receita com chancella
Morrerei?
Quando arquêa os sobrolhos,
Bem me matam certos olhos
Que eu cá sei!...
A mim não me dá canceiras
D'essas aves agoureiras
O piar.
Se p'ra morrer acham cedo,
Fujam nas azas do medo
Sem parar!...

*

— Eu cá fico! a face adusta
Da tal peste não me assusta,
—Não senhor!
—Venha a morte! — estou sereno.
O seu mal — dirá *Galeno* —
Foi amor.

Quando terminava a recitação, em voz um pouco mais alta, ficando hirto e muito animado, como que desafiando a morte, senti certo rumor na sala.

— Era a irmã da dona da casa procurando as suas roupas d'abrigo e dizendo ás filhas: — *Vamos embora, meninas, — vamos embora!*

— Que tens tu, oh mana? perguntou-lhe a dona da casa, approximando-se d'ella.

— Vou-me embora, vou-me embora, porque estou incommodadissima!... responden a tal senhora.

— Incommodadissima? — Porque?

— Pois tu não ouviste aquelle senhor a rir e mofar da colera?

— Elle, como disse, não fez os versos. Leu-os em um jornal — observou-lhe a dona da casa — e simplesmente os recitou.

— Será assim, será; mas vou-me embora, porque estou incommodadissima! — Estes senhores que vêem lá de *Coimbra* são todos *pedreiros livres!* — não teem religião nem temor de *Deus!*

— Vamos embora, meninas, vamos embora! — disse ella novamente para as filhas — e lá foram todas tres pela porta fóra?!...

No fim da tarde do dia seguinte, a santa dona da casa disse-nos muito contente: — Parece-me que vão passar muito bem esta noite, porque o sr. conde da *Borralha* mandou-me convidar e ás minhas filhas para irmos passar a noite na casa d'elle. Eu agradeci muito o convite, mas disse que não podia acceital-o, porque tinha em casa tres hospedes, amigos e contemporaneos do meu filho, que vieram com elle de *Coimbra* e ámanhã devem seguir viagem para o *Douro.* — O sr. conde é uma excellente pessoa, muito tratavel, muito obsequiador e provavelmente diz-me que vá com as minhas filhas, com o meu filho e com os meus hospedes.

Effectivamente d'ahi a pouco tempo chegou á nossa porta um grande carroção, tirado por valentes bois, e conjunctamente um criado do sr. conde da *Borralha* com um cartão de s. ex.ª, convidando-nos a todos para irmos passar a noite no seu formoso palacete, pouco distante da villa d'*Agueda.*

Recebeu-nos s. ex.ª muito amavelmente, pondo de parte etiquetas e formalidades, como *Portugal velho* e fidalgo distinctissimo que era e ao mesmo tempo então *o rei da terra?!...*

Fez-se boa musica, — palestrámos e dançámos muito — e retirámo-nos penhoradissimos alta noite sem o minimo desgosto. — Mas, quando iamos d'*Agueda* para o formoso e magestoso palacete da *Borralha,* deu-se um episodio que fez mu-

dar de côr o meu patricio e companheiro *Antonio d'Almeida e Silva.*

O carroção em que nós iamos era muito grande, enorme e luxuoso, com alta imperial e janellas lateraes, mas *d'ancien regime* e sem molas, assentando a caixa sobre valentes tirantes de couro.— Balouçava, pois, muito, posto que d'*Agueda* até o palacete da *Borralha* o caminho era quasi plano.

Balouçava muito, porque o pavimento da estrada ainda não era *a macadam*, como hoje, mas de pequenas pedras, no estylo das velhas calçadas.

Em certa altura o tal meu companheiro levantou-se não sei para que e, dando o carroção n'esse momento um forte balanço, foi d'encontro a um grande vidro da janella do carro.— Não só o partiu e despedaçou, mas *ia cahindo da janella á rua!...*

Acudiu logo o trintanario, perguntando o que succedera.

— *Quebrei este vidro* — lhe respondeu logo o tal meu companheiro muito afflicto, accrescentando: — *mas eu pago-o, eu pago-o...*

— O sr. conde não liga importancia ao vidro — respondeu o criado.

O *Almeida e Silva* não se magoou e nada pagou, mas estou certo que jámais olvidou tal episodio e se recordou d'elle toda a vida.

* * *

Mais feriados durante a minha formatura, dados pela rainha *D. Maria II.*

Quando S. M. em Abril de 1852 visitou *Coimbra* pela primeira vez — e em seguida o *Porto*, *Barcellos*, *Braga*, etc., — muito pausadamente, acompanhada pelo duque de *Saldanha* e pelo joven principe *D. Pedro*, depois rei *D. Pedro V*, etc., demorou-se oito dias em *Coimbra*.— Poisou com toda a côrte nos paços da *Universidade* e, para vêr toda a academia exultando de contentamento,— não só lhe deu logo por terminado o anno lectivo, antecipando o *ponto* obra *d'um mez*, mas além d'isso deu-lhe *perdão d'acto!...*

Ficámos, pois, no dito anno todos em ferias e sem mais canceiras desde *Abril* até *Outubro* — largos seis mezes — e todos approvados *nemine discrepante*, sem fazermos acto.

Supponho que a mesma rainha nos deu tambem mais tres feriados, quando falleceu em Novembro do anno seguinte (?!...) — 1853 — e *Coimbra*, coberta de luto, celebrou

com toda a pompa do estylo a tocante cerimonia da *quebra dos escudos!...*

Eu assisti ás duas grandes funcções de caracter diametralmente opposto.

Na visita de 1852 *Coimbra* não se poupou a despezas para receber, como recebeu, pomposamente S. M.— Levantou junto da velha ponte, lado norte, um soberbo pavilhão, onde a camara foi esperar a rainha e lhe apresentou, em uma salva de prata muito linda, *as chaves da cidade?*

Ornou tambem varias ruas com bandeiras, colchas riquissimas, arcos triumphaes e palanques onde tocaram muitas bandas de musica durante os mencionados *oito dias.*

Foi tambem enorme a concorrencia de povo e forasteiros de toda a ordem do concelho e do districto de *Coimbra*, bem como dos de *Vizeu*, *Aveiro* e *Leiria*, durante aquelles oito dias — e as danças e festas populares ou descantes—fôram constantes.

* * *

Durante a minha formatura — 1851 a 1856 — nunca vi em *Coimbra* festas semelhantes.

Foram esplendidas e correram muito bem! — Apenas me recordo d'uma pequena semsaboria, que arreliou e contrariou vivamente um pobre fogueteiro, mas que fez rir a bandeiras despregadas centenares ou milhares de pessoas, nomeadamente *os fogueteiros todos de Coimbra.*

Eil-a:

Estando então na *lusa Athenas* uma companhia estrangeira d'arlequins, offereceu-se um d'elles á commissão das grandes festas para apresentar e queimar no terreiro da *Universidade* fogo preso, como jámais se vira em *Portugal* e *Coimbra!* ..

Acceitou a commisão a proposta e no dia aprasado o arlequim montou effectivamente no largo da *Universidade* enormes arvores de fogo, que talvez correspondessem á espectativa; mas por infelicidade choveu algo no fim da tarde d'esse dia, pelo que o pobre fogueteiro *deu ao diabo a cardada!*

As arvores não ardiam com a presteza e regularidade proprias, mas só em fracções e morosamente, apesar do afan com que elle e um bando de criados seus *atiçavam o fogo.*— Algumas nem chegaram a arder por completo.

A hilaridade e os apupos da multidão, nomeadamente dos fogueteiros de *Coimbra*, zangados por se verem preteri-

dos e desconsiderados por um estrangeiro, — ensurdeciam, atroavam os ares, ouviam-se *além Mondego?!...*

E nós, bem como toda a academia,— a multidão enorme que entulhava o terreiro da *Univeridade*,— a rainha, os principes e toda a côrte que estavam aguardando das janellas do paço o *deslumbrante fogo de vistas*,— ficámos todos desapontados! — E não menos desapontado ficaria por certo o pobre fogueteiro.

Eu tive dó d'elle. — Tendo assistido a muitas festas semelhantes e a muitos arraiaes,— nunca vi uma coisa assim.

Desgraçado *arlequim!...*

Os fogueteiros de *Coimbra* exultaram com o episodio supra, mas ahi vae outro em que elles *choraram*, occorrido tambem durante a minha formatura.

Em certa noite da semana santa, estando eu e outros muitos estudantes na capella da *Universidade*, assistindo ás pomposas festas *d'endoenças* que alli se realisaram n'aquelle anno, tocaram a rebate os sinos de varios templos de *Coimbra* e logo se espalhou a noticia d'um grande incendio no *bairro baixo*.

— Correram logo todos para a *porta ferrea da Universidade*, d'onde se viu o grande incendio.— Parecia a cratera d'um vulcão e devorou algumas casas de fogueteiros *Fóra de Portas*,— na extremidade norte da rua *Sophia*.

Não só causou prejuizos materiaes importantes, mas fez algumas victimas, perecendo no grande incendio — entre outras pessoas — a filha d'um fogueteiro, ainda nova e *muito linda*. Era considerada *a tricana mais formosa de Coimbra?!...*

Tambem pouco antes, ou depois, suicidou-se em *Coimbra*, no meu tempo d'estudante, outra moça ou *tricana* tambem *nova* e *muito linda*.

A pobre moça não era filha de *Coimbra*, mas d'uma freguezia proxima e, tendo ido á feira de *Santa Clara*, atirou comsigo da velha ponte sobre o *Mondego*, que então ia muito alto, muito cheio, pelo que pereceu afogada, posto que a tiraram da agua no mesmo dia.

O facto fez sensação em *Coimbra* e, sendo o cadaver da infeliz tricana levado para o *theatro anatomico*, muitas pessoas o foram vêr, admirando todos a belleza d'ella que, segundo me disseram,— se suicidou, porque, *sendo muito bem comportada*,— certo moço que ella repellira — a infamava e calumniava?!...

* * *

A proposito das *cheias do Mondego*, mencionarei uma que foi extraordinaria e deu-se tambem durante a minha formatura,— talvez no anno da *campanha da neve* supra,— inverno de 1854 a 1855.

O *Mondego* cobriu a velha ponte de pedra e derrubou alguns lanços das valentes guardas d'ella, que eram compactas, muito grossas, muito pesadas e tambem de pedra.

Inundou tambem o *Mondego* differentes ruas da *baixa de Coimbra*, sendo durante alguns dias os seus habitantes servidos por barcos.— Eu e outros muitos academicos n'elles navegámos tambem, percorrendo as differentes ruas inundadas que nos traziam á memoria as de *Veneza*, posto que eram quasi todas tortas e estreitas, a modo de *bitesgas* — e os barcos nem por sombra imitavam as *gondolas*.

A *Praça do Commercio* e o *Largo de Sansão* — eram os *caes d'embarque* e *desembarque*.

As cheias posteriores de 1860 e 1876 deviam ser maiores, mas talvez que não alteassem tanto no bairro baixo de *Coimbra*, por estar então já bastante desenvolvido o grande muro que lhe serve de resguardo e que hoje fórma a grande avenida ou passeio de *Emygdio Navarro*.

Evocando reminiscencias do tempo da minha formatura — 1851 a 1856 — ainda mencionarei o *advento dos lumes promptos*.

Parece-me ouvir ainda uns rapazes de *Lisboa* que appareceram em *Coimbra*, cantando com certa graça: — *Vamos aos lumes promptos, tres por dez réis, seis quinze réis, — quem me compra o resto?*

Os taes phosphoros eram de pau e enxofre, mas *baratissimos*; — hoje estão muito aperfeiçoados, mas *carissimos!* — Graças ao interessante progresso dos *monopolios?!*

Tambem se fundou em *Coimbra* no meu tempo a *Companhia do Gaz*, mas não cheguei a ver a *lusa Athenas* illuminada por elle. — Só vi parte da construcção do *gazometro* — e os tubos de ferro estendidos ao longo das ruas do *bairro alto*. — Foram o nosso entretenimento e d'outros academicos muitas noutes nas ruas mais amplas e mais declivosas, nomeadamente na *Couraça de Lisboa*.

Atravessando-os de certo modo, rodavam e rolavam até grande distancia, indo bater uns contra os outros — e por vezes contra as portas das casas, — fazendo grande ruido, grande estrondo, a que nós achavamos *muita graça?!*...

Não deviam gostar da brincadeira os trabalhadores que

tinham de os arrastar novamente; mas nunca protestaram nem nos estorvaram e andaram *prudentemente?!...*

*
* *

Mais uma reminiscencia do meu bom tempo de *Coimbra:*

As latadas e o X

Desde tempos muito remotos costumam os estudantes das faculdades positivas—ou de *Direito* e *Theologia*, ter *ponto* mais cedo do que os das faculdades naturaes de *Philosophia*, *Mathematica* e *Medicina.*

Tambem desde tempos muito remotos costumam aquelles ir em grande numero *saudar* (?) estes na vespera do seu primeiro dia d'aula com uma berraria medonha e uma musica infernal, composta de tudo quanto possa fazer barulho, predominando *latas velhas*, taes como bahús de folha e panellas, pelo que os taes *charivaris* são denominados *latadas.*

Só no bairro alto de *Coimbra — o bairro dos estudantes* — se toleram desde tempo immemorial estes e outros divertimentos semelhantes, — sem a minima observação nem advertencia particular e sem a minima intervenção da policia ou força publica da cidade — nem do guarda-mór e archeiros da *Universidade?!...*

Em *Coimbra* o bairro alto *é dos estudantes*, que são e foram sempre *rapazes* e precisam de ar puro, liberdade e distracções.

Não se póde exigir d'estudantes, de *rapazes*, — a prudencia e a madureza *d'anciãos.*

— No bairro alto *mandam elles* — e quem os não pudér ou não quizer aturar *róde por largo* e procure domicilio em outro bairro.

Poucas *Academias* estarão tão vantajosamente situadas e terão tanta liberdade como a de *Coimbra.*

Aqui no *Porto*, por exemplo, como a cidade tem prosperado e prospéra espantosamente, o palacio da *Academia Polytechnica*, outr'ora situado *extra muros*, está hoje em um dos pontos *mais centraes*, — todo cercado de ruas com grande movimento. — Não tem um largo proprio qualquer, onde os seus numerosos academicos possam rever as lições — e menos ainda saltar, passear, rir e folgar, como estudantes que

são, — nem retemperar os pulmões com ar livre no intervallo das suas aulas e das lições.

— E' uma barbaridade que revolta e *brada aos céos!...*

Basta que os pobres estudantes *dêem qualquer piada* ou *ponham uma simples tijela na cabeça*, para serem logo perseguidos, affrontados e por vezes *espadeirados e presos* pela policia civil e pela cavallaria *Municipal?!...*

Custa a crêr, *mas é facto.*

Eu tenho muito — *muitissimo* dó d'elles!...

O palacio da *Academia* é esplendido e custou *centos de contos*, mas demora em sitio *altamente improprio* para uma academia tão importante e tão numerosa.

— Dêem-lhe outro qualquer destino e levantem outro palacio para a *academia* em local mais amplo, mais desafogado e mais distante do centro da cidade.

Estão ainda em peores, *muito peores condições* os dois *Lyceus do Porto* — e ambos *em casa de renda* ou *d'aluguer?!...*

Removam-nos tambem para *casa propria,* bem localisada e muito espaçosa, porque os dois *Lyceus* já hoje são muito concorridos e mais concorridos serão de futuro.

Os palacios do *Lyceu* e da *Academia* devem ser construidos em *chão amplo* e *bem desaffrontado* — com amplos terreiros ou largos proprios — não no centro da cidade, mas em qualquer sitio dos seus lindos arrabaldes.

Construa-se tambem junto do novo *Lyceu* e da nova *Academia* um bom *Jordim Botanico* para instrucção e recreio — *dos estudantes* e *do publico.*

O *Porto* bem merece *tudo* — e *noblesse oblige?!...*

*
* *

Ainda o *pandemonium* das *latadas.*

São ellas uma troça infernal feita aos alumnos das tres faculdades de *Philosophia*, *Mathematica* e *Medicina*, comprehendendo-os *todos*, — sejam de que anno forem, não exceptuando os *quintanistas*, ainda os laureados, mais considerados e *premiados!* — E, sendo infernal a troça, — tem algum tanto de *honrosa*, pois nunca se moveram tantos alumnos de *Direito* e *Theologia* para troçarem e arreliarem os caloiros e os novatos.

Tambem nunca os archeiros nem o guarda-mór e o reitor da *Universidade* — cohibiram ou tentaram cohibir tal *pandemonium.*

Note-se que são muito numerosos sempre os cursos de *Direito*. Regulam por 100 a 130 os alumnos de cada um d'elles, pelo que os juristas dos 5 annos montam sempre a *seiscentos e tantos estudantes?!...*

Ai dos archeiros e do guarda-mór se tentassem cohibil-os, emquanto que, deixando-os, *como deixam sempre*, em liberdade e á vontade, — *não fazem mal a ninguem.*

Certo anno eu, como alumno de *Theologia*, tomei parte com o batalhão dos juristas em uma das taes latadas, que foi das mais numerosas e mais luzidas. — Muitos estudantes levavam campainhas de mesa, chocalhos, panellas de folha, *latas velhas* e bahús tambem de folha, segurando os dois estudantes pelas azas e rufando outros sobre os pobres bahús, amolgando-os com pancadas.

Eu, a meio do *pandemonium*, quando nos abeiravamos do quartel d'algum pobre *mathematico*, *philosopho* ou *medico*, batia palmas e recitava o soneto seguinte, feito por um caloiro transmontano do *Mogadouro* (?...), que nós appelidavamos *Camões*, por ser quasi cego de um olho e fazer versos. — Julgo que posteriormente foi professor no *Lyceu* de Bragança, mas não mais o vi.

Ahi vae o tal soneto que elle dedicou ao X e era muito bem apropriado á festança das *latadas*, mas infelizmente já me não recordo d'elle todo.

Eil-o:

Fantasma aterrador d'um desgraçado
Que á sciencia do calculo se votou;
Infame X, maldito o que inventou
Teu nome e fórma e ser, oh! desastrado!...

Foi Satanaz sem duvida o malvado,
Que tão immundo parto lhe inspirou;
Pague no inferno, pois, quem te gerou
Quantas dôres de cabeça tens causado!...

Newton o arranhe, *Euclides* môrda,
Sisson (?) o arrepelle sem piedade,
Faça-lhe... os ossos em açôrda.
.....
E fique lá bem no centro do averno (?)
Fazendo X por toda a eternidade!...

Foram n'esse anno muito pomposas as ditas *latadas*, mas por causa d'ellas *fui preso!...*

Tinha eu com antecipação arranjado por emprestimo de

um sacristão ou servente da egreja de *S. Salvador* uma grande campainha, que no percurso da *procissão* ia tocando muito pausadamente, a modo de *andador das almas.*

Quando alta noite seguiamos da *rua Larga* para a *Couraça dos Apostolos*, muito de proposito nos dividimos em pequenos grupos algo distanciados, passando em frente da cadeia do *Aljube.* A sentinella esteve, pois, durante um quarto de hora talvez, gritando constantemente:

— *Quem vem lá?* — *Quem vem lá?*

A pobre sentinella estava portanto já fatigada e muito zangada, quando eu passei no couce da *esturdia* e distanciado 50 metros talvez, tocando a grande campainha muito pausadamente, no estylo supra.

— *Quem vem lá?* — bradou novamente a sentinella.

A minha resposta foi dar á grande campainha uma forte sacudidela.

— *Quem vem lá?* — tornou ella.

Respondi com outra sacudidela — e fui andando.

— Faça alto, senão prendo-o!...

— *Prender?* — *Porquê?* — lhe disse eu.

— Porque é obrigado a responder á sentinella: — *camarada.*

— Eu sou estudante e nada sei dos regulamentos militares.

Acudiu logo o sargento da guarda e disse-me:

— *O sr. está a caçoar com a tropa!* — *Bem sabe o que deve responder á sentinella — e o que eu devia fazer era prendel-o.*

— *Pois prenda!* — lhe disse eu.

— *Está o sr. preso!* — accrescentou elle, — atravessando-se diante de mim, mas sem me tocar.

— *Bem! Vamos lá para a cadeia.* — E segui rapidamente para a porta do *Aljube*, pouco distante.

O sargento disse lá para os seus botões: — *Este rapaz é maluco*, por ver como eu corria para a cadeia; mas apenas me approximei do portão, que estava escancarado, dei um salto para a esquerda e fui unir-me logo aos meus companheiros da *festança*, que estavam a pequena distancia, ouvindo o dialogo.

D'ahi a pouco já novamente soavam a grande campainha e as *latadas* na rua de *S. Salvador* e na da *Mathematica*, etc.

Bom tempo era aquelle?!...

Durante a minha já tão longa vida só o tal sargento me deu a *voz de preso;* mas não chegou a prender-me, — nem o santo dr. *Ernesto*, meu dedicado protector, mencionado supra, teve noticia de tal occorrencia.

* * *

Agora a minha primeira viagem de *Lamego* para *Coimbra* — e a ultima de *Coimbra* para a minha *Penajulia*.

Quando em Junho de 1851 parti de *Lamego*, ou antes — da minha *Penajulia* para *Coimbra*, montado no meu *rocinante*, acompanhou-me um criado com uma bagageira em que levava dois bahús com roupa branca, etc. [1]

Acompanhou-me tambem uma visinha já idosa, que ia da minha *Corvaceira* para a casa d'um genro, morador na povoação de *Eiras*, junto de *Coimbra*, onde era então caseiro da nobre quinta do *Paço*, da familia *Champalimaud*, da freguezia de *Cidadelhe*, concelho de *Mezão-frio*, no *Douro*, — em frente da minha *Penajulia*. — Ia tambem ella a cavallo e acompanhada pelo dono da alimaria.

Seguimos pelo caminho mais curto, mencionado supra: — *Lamego*, *Castro Dayre*, *S. Pedro do Sul*, *Vouzella*, *Talhadas Rompecilhas*, *Agueda*, *Sardão*, *Mealhada*, *Fornos* e *Coimbra*.

Chegando a *Castro d'Ayre*, ou *Castro Dayre* ([2]), pouco depois do meio dia, apeámo-nos na *unica hospedaria da terra*, conhecida pelo nome d'*Anna do Moinho*, dispostos para jantar, passar alli o rigor do sol e seguir para *S. Pedro do Sul*. — Ficámos, porém, attonitos, quando a tal sr.ª *Anna do Moinho* peremptoriamente nos disse: — «Eu não os posso receber, porque tenho a casa toda tomada por uma familia de *Lamego* que vae para *Coimbra*.»

—De *Lamego* venho eu tambem — e vou tambem para

---

[1] Já decorreram *cincoenta e oito annos e meio* n'esta data — junho de 1909. — Contava eu então 18 annos, pois nasci em 14 de Novembro de 1832.

([2]) Esta villa tomou o nome do latim *castrum* — castello, fortaleza, entrincheiramento, sitio fortificado, — e *Arias*, nome godo, que deu *Airas* ou *Ayras*, sitio e casa nobre do concelho da *Feira*, — *Aires* aldeia, quinta, etc. — e *Ayres* appellido.

Castro Dayre quer, pois, dizer *Castro* ou castello do *Arias* ou do *Ayres*.

Tambem *castrum* deu *Castro*, appellido nosso, vulgar, nobre e antigo, — *Castro*, *Castros* e por metathese *Crasto* e *Crastos*, ao todo mais de 300 povoações nossas — e *Cristello* por *Castrello*, pequeno *castro*.

Coimbra; quero apenas jantar, descançar um pouco e seguir para *S. Pedro do Sul*...

— «Tenho a casa toda tomada e não posso dispôr d'ella nem receber pessoa alguma, como já lhe disse.»

— Venha cá, sr.ª Anna — disse um cavalheiro que estava descançando em um quarto proximo e ouvira o dialogo.

Obedeceu ella promptamente e o tal cavalheiro perguntou-lhe quem era esse hospede de *Lamego*, que ia tambem para *Coimbra*.

— Não sei — respondeu ella; — julgo ser um estudante.

— Chame-o cá.

Volveu ella, dizendo-me: — O sr. *Belchior Albergaria* deseja fallar-lhe.

Annui promptamente e fiquei attonito quando vi e logo reconheci em um pobre quarto da locanda o sr. *Belchior Pereira Coutinho de Vilhena*, um dos fidalgos então mais ricos e mais considerados de *Lamego*, representante da nobre casa dos *Albergarias*, pelo que era vulgarmente conhecido por *Belchior Albergaria*.

Era s. ex.ª primo — co-irmão de *Macario de Castro*, o *velho*, par do reino, etc., que eu tambem conheci,— dono e representante da nobilissima *casa das Brolhas*, avô materno do sr. *Macario de Castro*, hoje tambem par do reino por successão e universal herdeiro do avô e do mencionado sr. *Belchior Albergaria*, seu tio paterno, do qual herdou cerca de *300 contos de reis!*...

Ficou, pois, sendo — e é hoje ainda s. ex.ª — o fidalgo *mais rico* entre os velhos fidalgos de *Lamego*, que eram muitos desde tempos muito remotos. — Com a extincção dos vinculos em 1860? — os velhos fidalgos de *Lamego* foram supplantados todos pelos *novos fidalgos*, avultando entre estes o 1.º e o 2.º viscondes de *Valmôr*, o sr. conde d'*Almedina* e o sr. conde d'*Alpendurada*, todos já fallecidos.

Volvendo a *Castro d'Ayre*, perguntou me o sr. *Belchior Albergaria* se eu era de *Lamego*.

— Sou natural da *Penajoia* — respondi eu — mas passei os ultimos quatro annos em *Lamego* estudando preparatorios e lá vi muitas vezes a v. ex.ª, porque morei na casa do sr. conego *Araujo* (1), a pequena distancia da casa de v. ex.ª — e agora vou para *Coimbra* formar-me.

---

(1) O dito conego era *um santo*, muito estimado e muito considerado em *Lamego*.

— Eu recordo-me de o vêr lá — e até estimo que você nos acompanhe — disse o fidalgo — porque vou tambem para *Coimbra* assistir ao baptisado d'um meu sobrinho, filho da minha irmã casada com o *Diogo Barata*, da quinta da *Boa Vista*, junto de *Coimbra*. Levo commigo a minha esposa, uma irmã e duas bagageiras com joias e roupas de valor!... Augmenta, pois, a caravana e, para fugirmos ao sol, podemos fazer a viagem de madrugada — e no fim da tarde até algumas horas da noite.

Ordenou logo á dona da hospedaria que me désse um quarto — e eu retirei-me *satisfeitissimo*, agradecendo penhorado a fineza.

* * *

No fim da tarde do mesmo dia fômos para *S. Pedro do Sul*, onde pernoitamos em uma hospedaria bastante espaçosa e muito acreditada.

— Era a maior e melhor que ao tempo havia entre *Lamego* e *Coimbra*.

Accomodámo-nos bem alli todos, posto que era bastante numerosa a caravana. — Compunha-se ella do sr. *Belchior*, esposa e irmã,— de mim e da tal visinha supra.— Total — 5 pessoas a cavallo,— duas em cella e 3 em *andilhas*, — mais 3 bagageiras e 4 criados, sendo 3 do sr. *Belchior* e um meu.

— Total 12 pessoas e 8 cavalgaduras.

A viagem correu bem até os *Fórnos*, a uma legoa de *Coimbra* e d'alli por diante melhor ainda, porque o sr. *Diogo Barata* foi até alli com alguns amigos seus, todos muito bem montados, esperar os seus nobres cunhados.

Seriam dez horas da noite quando chegámos a *Coimbra*, onde eu fiquei muito satisfeito sem a *troça* e *apupos do estylo*. — O grosso da cavalgata seguiu para o palacete do sr. *Diogo Barata*. (1)

Quando parti da minha *Penajulia* nem por sombra imaginei fazer a viagem *com tanta imponencia e tanta satisfação* e entrar na *lusa Athenas* tão socegado e tão tranquillo, acompanhado por tantos e tão distinctos fidalgos.

Toda a viagem correu bem — *muito bem*, como já disse, e d'ella me recordo e recordarei sempre com saudade; mas

---

(1) S. ex.ª offereceu-me a sua valiosa protecção, mas não o incommodei, pois, como logo direi, não me foi preciso passar da *rua da Alegria*.

ahi vae um episodio interessante, para os meus poucos leitores verem o que eram as viagens *in illo tempore*.

No segundo dia partimos de *S. Pedro do Sul* de madrugada e, quando o sol já picava fortemente, fizemos alto em uma pequena e pobre aldeia, onde havia algumas tabernas e uma estalagem muito inferior á de *Castro d'Ayre*. Tinha apenas uma sala e dois quartos disponiveis com vidraças, onde ficaram a esposa e a irmã do sr. *Belchior*.— Eu e este senhor fômos deitar-nos e passar a tisneira — *por lembrança d'elle* — debaixo d'uns grandes carvalhos que povoavam um largo contiguo e fronteiro á locanda onde ficaram as duas senhoras,— largo onde se fazia de mez em mez uma feira.

Mandou s. ex.ª levar para alli algumas fachas de *palha centeia* e dois lençoes, onde nos deitamos e dormimos algo, servindo de leito *a terra e a palha* — e de *catre* ou resguardo as raizes, já muito salientes, d'um *grande carvalho?!*...

* * *

Acordando s. ex.ª d'ahi a pouco, viu á janella do *grande hotel* a irmã.

— Já te levantastes? —perguntou-lhe s. ex.ª.

— Já me levantei ha muito, porque as pulgas *eram em barda!* — respondeu a dita senhora.

Ao menos nós, os dois, não sentimos pulgas na *cama de palha*.

Quem nos visse deitados em tão réles cama ao ar livre — *junto da estrada publica* — não diria que estava alli o grande fidalgo de *Lamego*, — *Belchior Albergaria*.

A cama era muito mais réles do que as dos pastores e lavradores da sertaneja freguezia d'*Albergaria das Cabras*, na serra d'*Arouca*.— Os taes serranos — *incluindo os mais abastados* — tambem costumam dormir todo o anno em camas de *palha solta*, mas deitam-n'a entre quatro taboas lisas e *postas de cutello*, pregadas nas extremidades umas contra as outras — e assentes nos sobrados ou pavimentos terreos das suas pobres casas.

Mas — dirão os leitores — sendo tão nobre e tão rico o sr. *Belchior Albergaria*, porque não fez a viagem de Lamego a Coimbra em *liteiras* — o transporte mais luxuoso d'aquelle tempo, — jámais levando comsigo *duas senhoras?*

Não fez a viagem supra em *liteiras*, porque ellas não trabalhavam nem podiam trabalhar na dita estrada de *La-*

mego a *Coimbra*, por ser em grande parte montanhosa, escabrosa e muito declivosa, principalmente desde *Lamego* até *Castro d'Ayre*, atravez de *Penude* e da serra do *Mezio* — e desde *Vouzella* até *Agueda* atravez da serra das *Talhadas* e da de *Rompecilhas*, dependencia das *Talhadas*.

Como alguns dos meus poucos leitores já estão fartos de cantigas e pedem etymologias, — ahi vão algumas:

— *Penude* vem talvez de *Penide* por *Penido* e este por *Penedo*.

Cf. *Peneda*, *Penedo*, *Penedello*, *Penida* ou *Monte da Penida*, *Penido*, *Penidello*, o mesmo que *Penedello*, — e *Pindello*, o mesmo que *Penidello*, povoações nossas.

Tambem temos *Pindella*, aldeia, quinta, titulo de condado, etc., — e na minha opinião *Pindella* é contracção de *Penidella*, diminutivo archaico de *Penida* supra.

— *Mezio* é o mesmo que *Homizio* — terra de *Homiziados* foragidos, degredados.

V. *Couto* III, em *Viterbo*.

— *Vouzella* — de *baucella*, diminutivo de *bauça* — bouça.

Vouzella é o mesmo que *Boucelha* e *Boucinha*, povoações nossas. — Tem a mesma etymologia *Bucellas* por *Boucellas*.

— A *serra das Talhadas* tomou o nome dos grandes penedos que lá se vêem partidos a meio *pelos raios!*...

Tambem temos *Freita* e *Freitas*, varias povoações que tomaram o nome do latim *petra fracta* — pedra fendida, partida, *talhada*, unde *Serra da Freita*, em *Arouca*, o mesmo que *serra da* (pedra) *Talhada* ou *das Talhadas*.

Tem a mesma etymologia o nosso appellido *Freitas*.

— *Rompecilhas* tomou o nome d'uma ladeira medonha, onde passa a estrada, porque os almocreves, para não se despenharem no abysmo as cavalgaduras, vão sempre concertando as cargas e *apertando as cilhas*, unde *Rompecilhas?!*...

Ainda as liteiras

O sr. *Belchior* podia ir em *liteiras* de *Lamego* até *Coimbra* pelo *Porto*, mas o percurso das 22 leguas supra subia a 42 — e, em vez de gastar, como gastou, 3 dias com a viagem, gastaria 8 a 9 dias, porque as liteiras apenas transpunham 5 a 8 leguas por dia — *em bom caminho* — e o do *Porto* a *Lamego* estava longe de ser bom!

Tinha lanços diabolicos e muito declivosos, principal-

mente de *Amarante* até á povoação da *Rêde*, atravez de *Quintella*, *Volta Grande* e *Mezão-frio*, na extensão de 40 kilometros approximadamente.

Com o percurso pelo *Porto* gastaria, pois, 8 a 9 dias — no rigor do verão, em *Junho*, — sempre exposto *á tisneira*, porque as liteiras, sendo luxuosas, *eram perigosas!* — Não trabalhavam de noite, mas de dia sómente e *muito pausadamente!...*

Andariam, pois, o sr. *Belchior* e as duas fidalgas expostos á *tisneira* 8 a 9 dias, chegando a *Coimbra* torturados e assados com o calor.

Devia succeder-lhes o que pouco antes ou depois succedeu a uma fidalga distinctissima do Porto — *D. Maria Victoria da Cunha Portocarrero*, dona do *Palacio das Sereias*, ou da *Bandeirinha*.

Estando s. ex.ª no *Porto* — e o marido — *Gaspar Pinto de Magalhães Cardozo Pizarro* — na sua grande quinta de *Villar de Maçada*, concelho de *Alijó*, em *Traz-os-Montes*, recebeu ella uma carta do caseiro participando-lhe que o marido estava muito doente. [1]

Sendo ella ainda nova e muito vigorosa, tomou immediatamente uma liteira e partiu com um lacaio e uma bagageira para *Villar de Maçada*, distante do *Porto* mais de 30 legoas, pois teve de seguir da *Regoa* por *Villa Real* para *Villar de Maçada?* [2]

Quando alli chegou, passados 6 dias, encontrou já restabelecido e bem disposto o marido, que ficou attonito com a surpresa e lhe disse:

— Que trabalhos te trouxeram aqui por sol tão ardente, *no rigor do verão?*

— Vim — respondeu a fidalga — porque me disse o caseiro que tu estavas muito doente.

— O caseiro é maluco! — Eu estive incommodado, mas logo me restabeleci. A doença foi passageira e, para não mandarmos vir do *Porto* ou da *Regoa* outra liteira, pódes voltar para o *Porto* na mesma em que viestes.

---

1 V. no *Portugal antigo e moderno* o meu longo artigo *Myragaya*, vol. V, pag. 271; artigo *Porto*, vol. VII, pag. 519 — 525, onde se encontra uma extensa genealogia dos *fidalgos da Bandeirinha* ou do *Palacio das Sereias*, — e *Villar de Maçada*, artigo meu tambem, vol. XI, pag. 1:233.

2 Podia tambem seguir da *Regoa* pela *foz do Corgo*, *Poyares*, etc., como logo provaremos.

Isto me contou *a propria fidalga*, [1] accrescentando:

—«Effectivamente parti de *Villar de Maçada*, na mesma liteira, no dia seguinte. — *O sol parecia fogo!* Eu ia *abrazada* quando, depois de seis dias de viagem cheguei de retorno á villa da *Regoa*. — Mandei logo encher uma *canôa* d'agua fresca e tomei um banho geral, *mas ia lá ficando*, pois adoeci gravemente!...»

Do exposto se vê que as viagens em liteiras no estio — eram uma tortura, *um martyrio!...*

Não foi portanto, sem motivo, que o sr. *Belchior Albergaria*, em Junho de 1851, preferiu os incommodos da viagem supra de *Lamego a Coimbra*, aos *commodos (?)* das liteiras, indo pelo *Porto* e tendo de andar com as duas senhoras exposto á tisneira durante *nove dias*.

As liteiras propriamente ditas eram muito semelhantes ás *cadeirinhas*, então muito vulgares e hoje quasi extinctas no *Porto*, tiradas por dois gallegos cada uma, com a differença de que eram um pouco maiores as caixas das liteiras. — Tinham ellas dois assentos, em que podiam ir duas pessoos *(duas sómente)* — emquanto que as cadeirinhas apenas teem um assento em que vai uma só pessoa.

A caixa das *liteiras*, quasi sempre luxuosa, tinha como a das *cadeirinhas*, dois varaes de cada lado, presos com fortes correias a dois grandes e possantes machos, carregados de guisos e campainhas, para espantarem as féras [2] e para os proprios machos — *sempre com antolhos* — não se espantarem com algum tiro ou ruido inesperados.

O liteireiro, que era sempre um homem forte e possante,

---

[1] S. ex.ª ainda vivia e viveu bastantes annos, depois que eu me collei na freguezia de *Miragaya (Porto)*, em 1864.

Foi s. ex.ª minha parochiana até que falleceu, porque o palacio da *Bandeirinha* ou das *Sereias* pertencia e pertence á dita parochia.

Era s. ex.ª muito tratavel e muito bondosa, pelo que palestrámos muito e jogámos o voltarete no seu palacio muitas nôites.

Não cheguei a conhecer o marido que, segundo me consta, tinha genio forte e aspero, — mas foi *optimo administrador da sua grande casa?!...*

O palacio das Sereias tomou o nome de duas *formosas sereias* que tem no portão do lado sul, ornamentando as hombreiras e servindo de apoio a uma sacada immediatamente superior.

[2] Note-se que as *liteiras* como logo provaremos, já vinham do seculo XVI, tempo em que abundavam entre nós *lobos*, *javalis* e talvez *ursos*. Estes desappareceram por completo ha muito; — os *lobos* e *javalis* tendem a desapparecer, mas ainda se encontram em varias regiões do nosso paiz.

guiava a *liteira*, marchando ao lado do macho da frente: — com uma das mãos segurava as redeas ou as cambas do freio do dito macho — e na outra levava sempre um grande chicote.

Usavam tambem os liteireiros chapéu redondo e pesado, de panno preto — jaqueta, collete e calças tambem de panno preto — e botas de couro tambem pretas e de cano alto, mas não passavam do joelho.

Os machos não trotavam; — iam sempre a passo, e passo muito curto, muito irregular e muito pausado nas descidas e subidas e nos lanços mais perigosos.

*
* *

Na *Volta Grande*, por exemplo, entre *Quintella* e *Mesão-frio*, o lanço mais perigoso na linha do *Porto* ao *Douro*, por vezes o caminho estava tão escalavrado, que na descida a caixa da liteira tocava no chão, ficando o macho da frente com as mãos no ar, *sem as poder poisar?!...*

Irra!...

Note-se que a maldita estrada, hoje macadamisada, é muito declivosa, — nunca teve guardas nem foi arborisada — e corre na extensão de 10 kilometros atravez d'uma medonha ladeira, aprumada sobre os confluentes do rio *Teixeira*.

Na descida tombaram e naufragaram alli muitas diligencias, tiradas por cavallos; mas na subida, desde a povoação da *Rêde*, margem direita do *Douro*, até ao alto de *Quintella*, cimo da *Volta Grande*, — bem como de *Amarante* até *Quintella* — as diligencias eram tiradas e morosamente arrastadas *por duas juntas de bois — cada uma?!...*

E era tal o movimento, que alli trabalharam durante muitos annos *tres diligencias diarias*, *a um tempo*, antes da construcção da linha ferrea do *Douro*.

Em *Portugal* nunca tivemos uma carreira de diligencias tão importante, de tanto *movimento — e tão perigosa?!...*

As diligencias acabaram com as *liteiras*, que foram em *Portugal* durante seculos o transporte mais luxuoso, mas tambem perigoso e *muito caro!...*

Eram transportes para *capitalistas* sómente, para *freiras*, para *noivos* e para *fidalgos*, preferindo muitos d'estes viajar em cella ou em cavallos.

As *liteiras*, como já dissemos, não transpunham ordinariamente mais de 5 a 6 legoas por dia, *em bom caminho* — e

custava o aluguel de cada liteira — ainda na primeira metade do seculo XIX — uma moeda de 4$800 réis por dia, comprehendendo *a ida e volta* ou regresso, — embora a *liteira regressasse vazia!* — Accrescendo ainda o sustento dos machos e do liteireiro, que eram sempre muito bem tratados e ficavam sempre muito caros, mesmo porque os liteireiros d'accôrdo com os estalajadeiros, deixavam sempre paga a viagem do retorno.

Ora, demandando a viagem do *Porto* á villa da *Regoa* 4 dias e outros 4 o regresso forçado, que o viajante devia pagar pela tabella supra, — custava só o aluguel da liteira *oito moedas* ou 38$400 réis — afóra o sustento dos machos e do liteireiro, que não custaria menos de 10 a 12 mil réis.

— Total da despeza com a viagem do *Porto* á villa da *Regoa* em *liteira* — 48$400 a 50$400 réis?....

O transporte era luxuoso, mas perigoso e *muito caro*, — mesmo porque as *liteiras* não dispensavam as bagageiras.

Tambem as liteiras *incommodavam muito*, porque baloiçavam constantemente — e a *chocalhada* dos guisos e das campainhas punham os ouvidos dos viajantes em agua! Dias depois d'uma viagem do *Porto* ao *Douro*, em *liteira*, ainda o viajante cambaleava e julgava ouvir a *chocalhada*.

Eu nunca viajei nas taes liteiras, mas vi muitas na *Regoa* e fóra da *Regoa*, pois morava no meu *casarão da Corvaceira* [1] — mesmo em frente da estação actual do *Molledo*, onde passava o caminho do *Porto* para o *Douro*, que então, na minha infancia, — no ditoso tempo da velha *Companhia dos Vinhos* — era *o paiz do ouro*, onde se vivia *faustosamente!*...

* * *

---

[1] O tal casarão denomina-se *casa da capella*, por ter á entrada do rocio uma capellinha feita em 1740 e dedicada a *Nossa Senhora da Lapa*, com festa e romaria annual no dia 15 d'Agosto.

O dito casarão é muito vistoso e algo espaçoso, pois tem 30 metros, d'extensão na fachada que olha para o *Douro* e para a estação do *Molledo* — e 15 metros na fachada que olha para o portão d'entrada para o terreiro e para a capella.

V. *Corvaceira* e *Penajoia*, no *Portugal antigo e moderno* — e *Penajoia* e *Penajulia*, no indice do 1.º vol. d'esta *Tentativa etymologica*.

Muitos *lavradores do Douro* tinham *liteiras suas* [1] — e na *Regoa*, ainda no meu tempo, havia um bom estabelecimento de *liteiras*, que durou até ao advento das diligencias do *Porto* á villa da *Regoa* — 1858? — Era o estabelecimento *José Braz* (?), que passou para a viuva com o mesmo appellido.

Entre os grandes fidalgos, *lavradores* e proprietarios do *Douro*, que ainda na minha infancia viviam mais faustosamente e tinham *liteiras suas*, avultou *Salvador* (?) *Paes de Sande e Castro, o velho*, da villa da *Pesqueira*, optimo administrador da sua grande casa e excellente pessoa, que falleceu já idoso, approximadamente em 1840.

Para se formar ideia do fausto com que vivia o dito *lavrador*, basta o que me disse um amigo meu, que assistiu a um jantar de s. ex.ª:

«Fiquei attonito quando vi a grande mesa do jantar *toda coberta de prata*, pois eram de prata os talheres, as serpentinas, os pratos, as terrinas, os paliteiros, o apparatoso e magestoso centro da mesa, etc. — E em dois grandes aparadores lateraes viam-se ainda muitas salvas de prata, sendo algumas enormes, — além d'outras muitas peças, tambem de prata.

«Mas o que mais me surprehendeu — disse elle ainda — foi ver que a prata servida era levada por criados valentes, todos fardados, em grandes cestas, a modo de *brezas*, feitas de grossas vergas tambem de prata, — e em cestas eguaes era trazida a prata limpa.

— «Só as cestas vazias — accrescentou elle — *faziam vergar os criados!...*»

* * *

---

[1] Todos os proprietarios do Douro foram sempre denominados *lavradores*, comprehendendo muitos fidalgos distinctos — e outros *sem serem fidalgos* — com *vinte* a *cem contos* de renda — *e mais?!...*

Avultou entre elles *José Paulo*, de Abambres, concelho de *Villa Real*, que deixou uma fortuna de *mil contos!* — Passou de *mil contos* a casa *Macedos Pintos*, de *Taboaço*, ainda hoje uma das mais ricas do *Douro*, muito dignamente representada pelo sr. *Joaquim Ferreira de Macedo Pinto*, e pelo seu bom filho — o sr. dr. *Victor José de Deus Macedo Pinto*.

Sóbe talvez a *dois mil contos* a fortuna do sr. *Antonio Caetano d'Oliveira*, de *Moncorvo* - e teve *centenares de contos de renda* a casa *Ferreirinha*, da *Regoa*, — absolutamente *a maior*, de que ha memoria no *Douro* e ao norte do nosso paiz *até hoje*, pois, como já dissémos, — quando em 1896 falleceu a sr.ª *D. Antonia Adelaide Ferreira*, dignissima e virtuosissima representante da dita casa, — foi a sua fortuna avaliada em *seis* a *oito mil contos — muito solidos?!...*

Devia tambem s. ex.ª ter *muitos bacios de prata*, como tinham no seu tempo outros muitos fidalgos, *lavradores* e proprietarios do *Douro*.

Veja-se no *Portugal antigo e moderno* o meu artigo *Villa Jusã*, freguezia do concelho de *Mesão-frio*, volume XI, pag. 771, col. 2.ª.

O mencionado topico é muito interessante e *muito frisante para o caso*, pelo que não posso resistir á tentação de o extractar.

Em Junho de 1808 chegou a *Villa Jusã* e *Mesão frio* o sanguinario *Loison*, general francez, com a sua divisão, em marcha de *Almeida* sobre o *Porto*, que ao tempo já se havia sublevado contra os invasores, bem como a villa d'*Amarante* e as provincias do *Minho* e *Traz os-Montes*.

Tentando *Loison* seguir para o *Porto*, foi surprehendido por grande numero de populares armados, interceptando-lhe a passagem do rio *Teixeira*, que alli corre fundo, e pelos que, descendo de *Villa Real*, sob o commando do general *Silveira*, se dispunham a mettel-o entre dois fogos.

Retirou *Loison* precipitadamente sobre *Lamego*, talando e saqueando as terras que deixava após de si na extensão d'uma grande legua desde *Mezão-frio* até á villa da *Regoa*, onde passou o *Douro* já debaixo de fogo, batido pelos valentes trasmontanos.

Chegou a *Lamego* na tarde do dia 21 do dito mez de junho,— poisou com o seu estado maior no *Paço Episcopal*,— e marchou na manhã do dia immediato para *Vizeu* com tal precipitação, que deixou no quarto onde dormiu dois pesados caixões, todos chapeados de ferro.

Depois da *convenção de Cintra* e da expulsão dos francezes, foram os ditos caixões abertos por ordem do nosso governo em fevereiro de 1809.— E, segundo *eu li no inventario que então se lavrou* e dignou confiar-me o rev.º snr. *Teixeira Fafe*, conego de Lamego, benemerito amador d'antiguidades, que possue *outros manuscriptos muito curiosos* no seu interessante *Muzeu*, — nos ditos caixões, *resto da bagagem e rapinagem de Loison*, se encontraram as *peças de prata* seguintes:

Treze castiçaes,— 2 serpentinas grandes,— 2 escrivaninhas, — 3 bacias de mãos e 2 jarros, - 6 duzias de garfos, facas e colheres,— 4 clarins,— 2 grandes cruzes processionaes,— 1 imagem de *Christo*,— *uma rica banqueta d'altar com 51 peças*,— 6 grandes salvas,— 7 pucaros e 13 *bacios*, (cá es-

tão elles!...) — sendo 6 *de cadeira, grandes*, e 7 *de cabeceira, mais pequenos*, — *tudo de prata* e com o peso total de *462 marcos e 6 onças*,— além de uma caixa forrada de marroquim, contendo um bello apparelho de chá com 13 peças de louça da *India*.

Vejam que salteador?!...

Isto apanhou elle *de corrida* na pequena extensão d'uma legoa, entre *Mezão-frio* e a villa da *Regoa*, como já dissemos, —e é de suppôr que roubassem *muito mais*—inclusivamente *joias e dinheiro*,—tanto elle como os salteadores da sua divisão.

Do exposto se vê que o *Douro* em 1808 — *era o paiz da prata e do ouro?!...*

Se o maldito *Loison* não fôsse, como foi, escorraçado pelos valentes minhotos e trasmontanos — e o deixassem percorrer, *varejar* e saquear o *Douro* todo — carregaria um barco ou navio *de prata e ouro*.

* * *

Talvez que em toda a *Peninsula* e em toda a *Europa*, *in illo tempore*, não houvesse um paiz tão rico, tão cheio de prata e ouro, joias, estofos, louça e mobilia do *Japão* e da *India*, como era o *Douro*.— Graças ao *marquez de Pombal*, a quem o *Douro* ha muito tempo devia — *por gratidão* — ter levantado um monumento — *uma estatua*, na formosa villa da *Regoa*,— villa que é o centro e coração do *Douro*, e não existia antes do *marquez de Pombal* em 1756 fundar a poderosa *Companhia da Agricultura e Vinhos do Alto Douro*.

A mencionada *Companhia* foi muito privilegiada, mas transformou em luxuosos vinhedos, que produzem o vinho *mais generoso de Portugal e do mundo inteiro*,— as ingremes, alcantiladas, pedragosas e ardentissimas encostas da dita região, até alli *sem valor*, pois, como já dissemos no 1.º volume d'esta obra, as ditas encostas anteriormente *estavam incultas* na sua maior parte e *só produziam sumagre?!...*

O Alto Douro é um cantão *excepcional*, que demanda legislação igualmente *excepcional*.— Assim o comprehendeu *o primeiro ministro que Portugal tem tido até hoje* — o grande *marquez de Pombal*.

Uma poderosa *Companhia* não só enriqueceu o *Douro* —mas *Portugal todo?!...*

A um meu ascendente disse n'aquelle tempo certo negociante de Lisboa: — «Nós mesmo aqui, nas transacções commerciaes, notamos a decadencia ou a prosperidade do

Douro».— E mais — *muito mais!...*— devia *e deve* notar-se no *Porto*, por ser o emporio dos vinhos do *Douro* — e porque os negociantes, proprietarios e *lavradores* (?) do *Douro* se forneciam e *fornecem* quasi exclusivamente do *Porto* - e no *Porto* consumiam e *consomem* a maior parte das suas rendas.

E' um disparate, uma loucura e falta de criterio dos nossos governantes o equipararem o *Douro* ás nossas regiões vinicolas do centro e sul do nosso paiz.

O *Douro*, como todos sabem, — é muito escabroso, muito ardente, muito alcantilado e muito pedragoso, mórmente a parte que produz o vinho mais generoso,— a que ouve *ranger a espadela* dos barcos rabellos ou que está mais proxima do rio e é a mais ardente.— O seu clima no verão sustenta o confronto com a *zona torrida*, pois, como já dissemos, no rigor da estiagem tremem alli com sezões *os gatos*, *as gallinhas* e *os cães*, — derrete-se a solda das vazilhas de lata e destemperam-se os machados, os cutellos, as podôas e outros instrumentos de ferro que fiquem expostos á tisneira.

As proprias pedras tornam-se candentes; — *estalam com o calor* — e durante a construcção da linha ferrea do *Douro*, os jornaleiros assavam as sardinhas nos *rails*, ainda em montão e expostos á tisneira.— Isto *é facto* que em *Pinhão* presenciou um meu criado, filho de *Lamego*, homem sério, digno de todo o credito.

O clima é tão ardente que por vezes as proprias perdizes voando, sendo aves tão valentes, *cahem a terra*, *suffocadas com o calor?!...*

Parece incrivel, mas é *facto* que eu posso affirmar *e jurar*, pois certo dia, no rigor do verão, sendo eu abbade de *Tavora*, no alto Douro e, seguindo a cavallo para o meu casarão da *Corvaceira*, no baixo *Douro*, e passava a jusante da quinta de *Valmôr* [1] pela margem esquerda do rio, atravez

---

[1] Este nome é de phantasia e moderno. O seu velho nome era *quinta da Penha*, mas, quando a comprou *José Izidoro Guedes*, unindo-a a outra que herdára do seu primeiro sogro, deu-lhe o nome de *Valmôr* e d'ella tomou o titulo de *Visconde de Valmôr*.

A quinta é uma das maiores do *alto Douro* e tem boa casa d'habitação e bons armazens que fôram feitos sobre uma grande *penha*, pelo que se denominou *quinta da Penha*.— O nome era bem apropriado, — não o de *Valmôr*, pois quer dizer *valle-mór*, *valle maior* ou muito grande,— valle que não se lobriga em tal quinta.

Ella pertence á freguezia da *Folgosa* e á de *Villa Secca d'Armamar*, pelo que lhe dediquei um largo topico no *Portugal antigo e moderno*, vol. XI, pag. 1:063, col. 2.ª e seguinte, fallando de *Villa Secca de Armamar*.

d'um areal candente, porque ao tempo ainda não estava feita a estrada marginal *a macadam*,— vi com surpreza uma perdiz voando atabalhoadamente da direita do Douro para a esquerda e cahir no areal junto de mim, ficando inerte, como fulminada!

* * *

Apeei-me logo e fui apanhal-a, pois não se movia, posto que ainda estava viva; — borrifei-a com agua do Douro e levei-a para a minha *parvonia*, distante dez kilometros, abrigada pelo meu guarda sol.— Dei-a a uma senhora visinha, que a metteu em uma gaiola; cantava muito bem e viveu alguns annos.

Do exposto se vê que durante a estiagem no *alto-Douro* as proprias perdizes, voando, chegam a cahir suffocadas pelo calor!...

O clima é tão ardente, que no verão alli murcham e perdem grande parte das folhas as *arvores todas*, incluindo as oliveiras, arvores vivazes e de folha permanente.— As figueiras não só deixam cahir as folhas, mas o proprio fructo, pelo que em muitas quintas não apanham os figos — aliás *deliciosos*, *magnificos!* — Estendem apenas debaixo das figueiras alguma palha, para os figos não cahirem na terra.

Alli na estiagem só as videiras em tempos normaes, que vão longe, se conservavam pujantes e viçosas; mas por vezes o sol queimava ou crestava *como fogo* alguns bagos dos cachos e *alguns cachos todos!*...

Alli o thermometro costuma subir á temperatura do rubro no estio, pelo que certos serviços proprios do verão, como a redra, a enxofração, etc., são feitos *só de manhã* — desde o nascer do sol até ás 8 ou 9 horas.

As ladeiras ou encostas marginaes do *Alto-Douro* talvez tenham 100 a 200 metros de declive por kilometro — *termo medio* — e, por serem muito fragosas, foram alli sempre muito caras as plantações das vinhas — e mais caras são hoje!...

Note-se que as vides europeias davam-se bem com as pedras. Circundavam-nas e abraçavam-nas com as raizes — e *até gostavam d'ellas*, porque ao lado das pedras havia frescura.— As vides americanas são mais gulosas e muito exigentes. Querem *humus*, terra solta e, quando as raizes d'ellas tocam nas pedras, — encaracolam-se, recuam,— e as videiras definham, adoecem, morrem?!...

Assim a plantação das vides europeias apenas deman-

dava um arroteamento ou vallado d'um metro d'altura e outro de largura — sem remoção das pedras; — agora a plantação das vides americanas lá no *Douro*, demanda vallados de metro e meio d'altura e largura — alem da remoção das *pedras todas!...*

Um meu irmão — *Jorge Augusto Ferreira* [1] — creado no *Douro* e muito versado na lavoura de vinhas, ficou attonito, quando ha annos foi a *Valença do Douro* e viu em uma encosta grandes montões de pedra solta, especie de *muralhas!* — Depois soube que era uma quinta da opulenta casa *Ferreirinha*, da *Regoa*, cuja plantação montou a *um conto e duzentos mil reis* por milheiro das taes vides americanas?!... — E por egual preço a mesma casa mandou replantar outras quintas suas lá no *Douro*, nomeadamente a de *Vargellas*, por ser tambem *muito pedragosa* e *muito declivosa!...* [2]

E' assim o *Alto-Douro*, emquanto que as nossas regiões vinicolas do *centro* e do *sul* — desde a formosa *Anadia* até á *Estremadura* e *Alemtejo* — por assim dizer. *não têem pedra.*

Abundam em *humus* e são pouco accidentadas, pelo que a plantação da vinha é alli *muito barata!* — Regula por 5 a 10 mil reis, como já dissemos, a plantação das vides *por milheiro* — e é tambem *muito barato* o grangeio.

Podem alli fazer-se — e *fazem-se* por machinas a vapor — a *cava*, a *redra* e a plantação das vinhas em algumas terras do sul, nomeadamente na grande quinta do sr. *José Maria dos Santos*, — o maior colheiteiro de vinho que ha hoje em *Portugal* e na *Hespanha*, — na *Europa* e talvez *no mundo inteiro!* — Só na sua quinta do *Poceirão*, no *Alemtejo*, — se-

---

[1] Ainda vive actualmente, (1909), mas já conta 79 annos; — tenho uma irmã com 80 annos — e eu já completei 76 annos. A edade dos tres dá, pois, a bagatella de *235 annos!*

[2] *Vargellas* tomou o nome de *vargella*, diminutivo do portuguez *varge*, o mesmo que *vargem*, *vargea* e *varzea* — campina cultivada; chan.

Têem a mesma etymologia muitas povoações nossas, ao todo mais de 300. Taes são: *Barge*, *Bargellas*, *Barges*, *Bargina* por *Barginha*, — *Barigellas*, *Barja*, *Varchinhas*, diapasão gallego de *Varginhas*; — *Varge*, *Vargem*, *Varginha*, *Vargiota*, *Varizellas*, *Varzea*, *Varzeas*, *Varziellas* e *Varziellinha*, diminutivo de *Varziella* e subdiminutivo de *Varzea*.

Somma e segue:

Varzieta ou *Varzieto*, — *Varzina*, *Varzinha*, *Varzinhas* e *Farigi-nhas* por *Farginhas*, o mesmo que *Varginhas* e *Varzinhas*, pois *fa*, *fé*, *fi*, *fó*, *fu* — e *vá*, *vé*, *vi*, *vó*, *vu*, confundiram-se e substituiram-se, como já dissemos.

— E' assim a *arte nova* — e *rira bien qui rira le dernier!...*

gundo me consta — já tem colhido em um só anno *vinte a trinta mil pipas de vinho?!...*

* * *

Não podem, pois, equiparar-se de fórma alguma as nossas regiões vinicolas *do centro* e *sul* com a do *Alto Douro* — tão fragosa, tão alcantilada e toda *valentemente ensucalcada*, pois desabando uma parede, por vezes leva outras muitas paredes e sucalcos diante de si.

O desabamento mais triste e mais importante de que ha memoria no *Alto Douro*, foi o que se deu na quinta de *Melres*, muito escarpada e que demora na margem esquerda do *Douro* — em frente da foz do *Corgo* e da quinta da *Vaccaria* pertencente á nobre familia *Cunha Reis*, de *Braga*, pertencendo a de *Melres* aos distinctos fidalgos *Portocarreros*, do palacio das *Sereias* ou da *Bandeirinha*, no *Porto*.

No inverno de 1822 para 1823, rebentou no alto da mencionada quinta uma especie *d'olho marinho* que fez desabar os primeiros sucalcos e levou de roldão outros muitos a jusante na extensão d'alguns centos de metros e na direcção da casa da quinta, levando-a conjunctamente com o armazem e lagares até o *Douro*, que então ia muito alto e alli era muito largo.

Foi tão grande a entulheira de terra e pedras, que susteve por momentos a impetuosa corrente do *Douro*, fazendo-o altear tanto, que subiu até ás janellas da casa fronteira — a casa da quinta da *Vaccaria* — derrubando um grande cypreste e outras arvores que havia no terreiro da casa.

Tambem o *Douro* subiu pelo *Corgo* até á grande quinta do *Vallado*, da opulenta casa *Ferreirinha*, da *Regoa*, — e na vertiginosa descida arrasou e levou um grande estabelecimento de moagens, pertencentes á mesma quinta.

Tantos e tão grandes penedos deixou no leito do *Douro* que, apesar dos muitos que mandou partir e remover a *Companhia dos Vinhos* e d'outros que foram partidos e aproveitados para diversas construcções particulares, — ainda lá se vêem bastantes, formando alguns d'elles o *rapido* ou *ponto* do *Corgo*.[1]

---

[1] Veja-se no *Portugal antigo e moderno* os meus artigos *Poiares*, freguezia do concelho da *Regoa*, vol. VII, paginas 121, col. 2.ª, e — *Pontos do Douro* (n.º 19) no mesmo vol., pag. 199, col. 1.ª — artigo que dei ao meu antecessor *Pinho Leal*, no fim do qual declarou haver tambem recebido de mim o longo artigo *Pinhel*, todo.

Veja-se tambem no mesmo vol. o artigo *Porto*, pag. 319 e segg. — e no vol. XI, pag. 1:355, o meu artigo *Villarinho dos Freires*.

Custa a crer, mas é facto!

O desabamento deu se de noute—e *muito antes da meia* noute, pois na *Regoa* ainda vigora a tradicção de verem ir na grande *avalanche* a casa do infeliz caseiro — e n'ella *brilhando luz* — o que prova que elle ainda não se havia deitado.

O prejuizo foi grande, mas seria muito maior, se o desabamento se désse na actualidade, pois com certeza levaria e arrasaria um lanço da via ferrea do *Douro*, que alli passa a jusante da casa da *Vaccaria*, — bem como outro lanço da linha do valle do *Corgo*, — a ponte commum ás duas linhas sobre a foz do rio *Corgo*, — ponte com taboleiro de ferro sobre pilares de pedra, — e outra ponte proxima, de pedra, na estrada a macadam da *Regoa* para *Poyares*, etc.

Tambem levaria e arrasaria um lanço da estrada a *macadam*, que passa na margem esquerda do *Douro* e atravessa toda a quinta de *Melres*.

Aquelle desabamento recorda o que em tempos muito mais remotos se deu 5 a 6 kilometros a jusante, na margem esquerda do *Douro* tambem, no pequeno ribeiro da minha *Corvaceira*, que limita a O. a freguezia de *Samodães* e a leste a minha *Penajulia*, ambas do concelho de *Lamego*, — desabamento de que já fizemos larga menção.

A quinta de *Melres*, como já dissémos, é muito escabrosa, muito alcantilada, mas não menos escabrosas nem menos alcantiladas são outras muitas quintas do *Alto Douro*, nomeadamente a de *Marrocos*, pouco distante da de *Melres*, do lado nascente, e pertencente ao sr. *Duarte Huet Bacellar*, do *Porto*.

* * *

A mencionada quinta é uma especialidade no genero, pelo que na minha opinião *Marrocos* é deturpação de *Barrócos* — barrocaes, despenhadeiros.

Cf. *Barroca*, *Barroca Alta*, *Barroca da Pena*, o mesmo que *Barroca da Penha* — *Barroca das Cilhas*, *Barroca das Cortilhas*, *Barroca d'Alva*, *Barroca do Alcaide*, *Barroca do Comprido*, *Barroca do Louro*, *Barroca do Rego*, *Barroca do Bodelhão*, *Barrocaes*, *Barrocal*, *Barrocalinho*, *Barrocão*, *Barrocaria*, *Barrocas*, *Barrochaes* por *Barrocaes* (?!...).—*Barrôco*, *Barrócos* (cá estão elles! ..), *Barroqueira* por *Barroqueira?* — *Barronda?* — *Barroqueira*, *Barroquinha*, *Barroquinhas*, *Barroquinho* e *Barruco* por *Barrôco*, singular de *Barrócos*,—

ao todo mais de 400 povoações nossas, — todas mencionadas na *Chorographia Moderna*, vols. VI e VII, — obra indispensavel para este ramo d'estudo, como já dissémos e mais uma vez repetimos.

A' mesma série de povoações que tomaram o nome dos *barrocaes* e *barrócos*, — despenhadeiros, pertencem tambem as que tomaram o nome dos *algares* e *barrancos*, affins dos *barrócos*, — taes são as seguintes:

— *Algar*, *Algarão*, *Algareira*, *Algares*, *Algarinho*, *Algarinhos* e talvez *Ligares*, methatese de *Ilgares*, por *Algares*, como já dissémos.

Junte se: — *Barranca*, *Barrancão*, *Barrancas*, *Barrancha* por *Barranca?* — *Barranco*, *Barranco Alto*, *Barranco Bravo* (?!)... e — *Barranco das Teixugueiras*, que tomou o nome dos *teixugos*, gatos bravos, que deram tambem o nome a varias povoações nossas.

Junte-se *Barranco do Inferno?!...* — *Barranco do Luzio*, *Barranco do Ouro*, *Barranco do Porco*, *Barranco do Velho*, *Barranco dos Pisões*, *Barranco Longo*, *Barrancões*, *Barrancos*, *Barranqueiro*, *Barranquinho*, *Barranquinho Grande*, *Barranquinho Pequeno*, etc.

Por seu turno a quinta de *Melres* tomou o nome da villa, hoje simples freguezia de *Melres*, concelho de *Gondomar*.

Note-se que na villa de *Melres* viveram outr'ora fidalgos distinctos, entre elles um ramo da familia *Bellesas* do *Douro*, do *Porto*, *Barcellos*, *Valdigem*, *Goya* e *Mattosinhos*, descendentes e ascendentes de *Miguel Bellesa d'Andrade*, 1.º governador ou provedor da *Velha Companhia dos Vinhos*, fundada pelo *Marquez de Pombal*.

V. *Mattosinhos*, *Provezende* e *Miragaya*, artigo meu, no *Portugal antigo e moderno*.

Viveram tambem na villa de *Melres* ascendentes dos *Portocarreros* supra, donos da quinta de *Melres*, assim denominada por viverem os seus donos na villa de *Melres*, que tomou o nome dos *melros*, pois demora na margem direita do *Douro*, — em sitio baixo, abrigado e mimoso com bellos campos e muito arvoredo, — sitio em que abundam e deviam abundar sempre os *melros*.

Pelo contrario são rarissimas as ditas aves na quinta de *Melres*, por ser muito arida, muito secca e muito escarpada.

— Não cultiva *um grão de milho* e não tem uma laranjeira, um castanheiro ou uma nogueira, mas sómente algumas

oliveiras. — A sua producção dominante era o vinho — e talvez que hoje *nem vinho produza?!...*

Logo seremos mais explicitos.

Na minha opinião, pois, a villa de *Melres* tomou o nome dos *melros*, como outras muitas povoações nossas. Taes são: — *Melre*, *Melreira*, *Melrêu* por *Melredo?* — *Melriça*, *Melriçal* ou *Melrissal*, — *Melrina*, *Melrineta*, *Melrinho*, *Melrinita*, *Melrôa*, *Melroeira*, o mesmo que *Melreira*, — *Melroinha*, *Melros*, *Mello*, villa, titulo de condado, etc., — e *Mellos*, nome de duas quintas, etc.

Note-se que a villa de *Mello* antigamente se denominou *Merlo*, quasi *Melro*. — Eu já a visitei. Demora na pendente norte da serra da *Estrella*, junto da villa de *Gouveia*, e tem no seu pelourinho, como *brazão parlante* ou emblema, *um pinheiro* e sobre elle *um melro?!...* [1]

A escala seria *Melro* — *Merlo* — *Mello*, pois na onomastica portugueza *er* e *ar* deram trivialmente *el* e *al*, como já dissémos.

Tambem *Melro* podia sem violencia dar — e na minha opinião deu — *Merlo*.

Tambem *melro* e *melros* podiam dar *Melre* e *Melres*, pois na onomastica portugueza *e* e *o* trivialmente se confundiram e substituiram.

Ahi vae uma amostra do panno.

E e O confundindo-se e substituindo-se na onomastica portugueza

— *Quintella* e *Quintola* — povoações nossas, bem como todas as que vou citar, como os leitores pódem verificar na *Chorographia Moderna*.

— *Ortezedo*, o mesmo que *Ortozedo*.

Cf. *Ortozello* e *Hortozello*. — *Erredeiro*, *Ervideiro* — e *Orbideiro* — de *ervedo* por *ervodo* — medronheiro?!...

Orvida e *Orvieira*, contracção de *Orvideira*, o mesmo que *Orbideiro* supra?

— *Peneiços* e *Penoiços*.

— *Marcelino* e *Marcolino*, diminutivos de *Marcus* — *Marco*, nome d'um santo, etc.

— *Reboreda* e *Roboreda*.

---

[1] V. *Mello*, villa, no *Portugal antigo e moderno*.

— *Reboredo* e *Roboredo.*

— *Marzugueira* e *Murçogueira* são fórmas de *Morçegueira*, abundante em *morcegos.*

— *Reçaio* e *Roçaio?*

— *Rechoso* e *Rochoso.*

— *Reboleiro* e *Roboleiro.*

— *Fentella* e *Fontella!...*

— *Meloal*, *Molual*, e *Peloal* por *Meloal?!*

— *Ferrenha* e *Ferronha.*

— *Alfebrinho* por *Alfobrinho* — pequeno *alfobre.*

— *Arrojello* por *Arroiello*, o mesmo que *Arraiólo*, que deu *Arraiollos* ou *Arrayolos* por *arroiolos*, povoações nossas, cujos nomes são diminutivos do portuguez *arroio* — pequeno regato,— em latim *arrogium*, que tambem deu *Arroia*, *Arroinha*, *Arroio*, *Arroios* e *Roios*, aferese d'*Arroios*, povoações nossas — e *Arroio* ou *Arroyo*, appellido nobre, etc.

Junte-se:

— *Perfia*, *Porfia*, e *Porfias*, povoações nossas.

— *Beiranita* e *Boiranita.*

Tambem temos *Boirana* por *beirana*, o mesmo que *beirôa*, f. de *Beirão?!...*

— *Barrete* e *Barreto*, povoações nossas.

Barreto é tambem appellido nobre e antigo.— Cf. *D. Christovam de Noronha Mello e Faro de Barreto,* que foi dono e ultimo representante do palacio de *Porto Rei*, no *Douro*, primo ou parente proximo do snr. *D. Joaquim de Carvalho d'Azevedo Mello e Faro,* da nobre *casa da Soenga*, visinha da de *Porto de Rei.* [1]

---

[1] Além da nobre *casa da Soenga,* temos algumas povoações mais com os nomes de *Soenga*, *Soengas* e *Suengas* — e a Hespanha tem na provincia de *Lugo* tambem duas povoações com o nome de *Soengas.*

Este nome é talvez *reminiscencia dos arabes*, pois a casa da *Soenga* demora na muito antiga e muito importante freguezia de *S. Martinho dos Mouros*, concelho de *Rezende.*— E na dita parochia ainda hoje *soenga* é termo popular que significa *fabrica de panellas de barro* — industria *muito antiga na localidade!...*

A nobilissima *casa da Soenga* tomou o nome do chão onde foi feita, denominado *Soenga*, por ter havido alli outr'ora alguma *soenga* ou *fabrica de panellas de barro.*

A nobilissima *casa da Soenga* recorda o palacio das *Tulherias*, em francez *Tuilleries*, pois na minha opinião tomou o nome do francez *tuillerie* — fabrica de telha.— Talvez que alli houvesse antigamente algumas das ditas fabricas, pelo que o dito chão se denominasse *Tuilleries*, unde *Tuilleries* ou *Tulherias*, nome do grande palacio?...

Junte-se ainda:

— *Feitos* e *Foitos* — e para remate um cumulo:

— *Bezerreira* e *Bojorreira*, o mesmo que *Bezerreira?!...*

Note-se que *já, jé, ji, jo, ju* — e *za, ze, zi, zo, zu* tambem se confundiram e substituiram na onomastica portugueza, como *e* e *o*, pelo que *Bezerreira* podia dar *Bejerreira* e *Bojorreira* supra.

Bezerreira quer dizer *abundante em bezerros* — novilhos, dos quaes tomaram o nome varias povoações nossas — taes são *Bezerra*, *Bezerral*, *Bezerreiros*, *Bezerrins* por *Bezerrinhos*, — *Bezerro*, — *Bizorreiro* por *Bezerreiro*, *Bizarril* por *Bizarral* — e este por Bezerral, pois, como já dissémos, — na onomastica portugueza *todas as vogaes se confundiram e substituiram*, bem como as desinencias *el, il* e *al*.

Cf. *Barril* e *Barral*, *Cabril* e *Cabral*, *Carril* e *Carral*, etc., etc., povoações nossas apontadas supra.

E' assim a *arte nova*.

* * *

Volvendo á quinta de *Melres*, dissémos nós que hoje talvez nem vinho produza, pois deve estar toda phylloxerada, inculta, abandonada, como outras muitas do *Alto Douro*, por ser muito ardente, muito escabrosa, muito alcantilada, muito pedragosa e por consequencia muito cara a sua replantação com as vides americanas.

E' assim o *Alto Douro*, todo muito escarpado, muito fragoso e todo ensucalcado, pelo que alli nunca trabalharam nem podem trabalhar, como trabalham na região vinicola do sul, *machinas a vapor* — nem mesmo *simples arados tirados por bois*.

— Nem os proprios bois podiam subir e descer de socalco para socalco, porque as escadas ou *escaleiras* que dão passagem d'uns socalcos para os outros em geral são muito, ingremes, muito estreitas e *unicas talvez em Portugal?!...*

As ditas escadas ou *escaleiras* são formadas ou feitas por pequenas pranchas ou lageas de schisto, a pedra da dita região, que varam as paredes, ficando apenas fóra do nivel d'estas alguns decimetros, como que *suspensos no ar*, por onde sobem e descem apenas pedestres — e com difficuldade, — mórmente os jornaleiros carregados com os gigos das uvas, etc.

E' tão declivoso, tão pedragoso e tão alcantilado o chão das quintas do *Alto Douro*, que o grangeio d'ellas (cava e redra) é feito com enxadas de dois bicos de ferro, tendo as pon-

tas d'aço bem temperado! — Só assim pódem mover a cascalheira, pelo que o ruido da *cava* e *redra* com o movimento das enxadas e das pedras, ouve-se por vezes a um kilometro de distancia — *e mais!...*

Note-se que os jornaleiros são por vezes 30 a 40 — e andam sempre em columna — a cavar ou redrar.

E' assim o *Alto Douro,* emquanto que nas regiões vinicolas do centro e do sul, por serem pouco accidentadas, abundantes em humus e faltas de pedra,— a cava e a redra pódem ser feitas *a vapor* — ou com enxadas leves e rasas.

Note-se tambem que no *Douro* — mesmo em tempo normal — um milheiro de vides — em geral — apenas dava uma pipa de vinho por anno, emquanto que nas regiões vinicolas do centro e do sul — nomeadamente na *Lourinhã* — um milheiro de vides produzia e talvez produza ainda — duas a tres pipas de vinho?!...

Eu já estive em *Torres Vedras* algumas vezes antes de fazer-se a linha ferrea de *Lisboa* por *Torres* á *Figueira da Foz.*

Tambem fui em *diligencia* de *Torres* até *Alhandra* — por *Matacães*, *Runa*, *Dois Portos* e *Sobral de Monte Agraço*, — villa que demora em sitio alto, alegre e vistoso, na cumeada ou cumieira d'onde partem para O. o rio *Sizandro,* que banha *Torres Vedras* e morre no *Atlantico* — e a ribeira que vae para nascente e morre junto d'*Alhandra*, no *Tejo.*— Nunca estive na *Lourinhã*, mas consta-me que alli a producção das vides *é espantosa!...*

D'ella fallaremos mais d'espaço. Agora, para d'algum modo satisfazer aos meus poucos leitores, que birram com tantas e tão insulsas *cantigas* e querem *etymologias*, — ahi vão algumas com relação ás povoações mencionadas supra.

— *Torres Vedras*, como todos sabem, é o mesmo que *Torres Veteras* — torres velhas, antithese de *Torres Novas.*

— *Matacães* — póde vir de *matacão,* planta venenosa que talvez alli abundasse, ou de *Mata Cães*, apodo ou appellido.

Cf. *Mata Bodes*, *Mata Burros*, *Mata Christo*, *Mata Fome*, *Mata Ladrões*, *Mata Lobinhos*, *Mata Lobos*, *Mata Mouros*, *Mata Porcas*, *Mata Porco*, *Mata Sete*, *Mata Vacas*, etc., povoações nossas.

— *Runa* talvez tomasse o nome do portuguez popular de *Coimbra* — *Runa*, cano d'esgoto, por allusão ao rio *Sizandro* que alli passa e corre fundo.

— *Alhandra* é talvez uma fórma d'*Alhambra* — villa e formoso palacio da Hespanha.

— *Dois Portos* — é uma freguezia muito importante e muito linda, que tomou o nome de *porto* na accepção de passagem estreita entre montes ou sitios altos, pois alli não ha *portos de mar nem de rios.*

Porto na mesma accepção deu *Portella*, *Portellada*, *Portelladia*, *Portelladinha*, *Portellas*, *Portellinha*, *Portellinhas*, *Portellinho*, *Portellinhos*, *Portello* e talvez *Portinho* e *Porto* — a *propria cidade*, porque o *Douro* ali é tão estreito, que parece um *canal?!...*

Somma e segue:

— *Porto da Carne*, junto da serra da *Estrella*, no concelho da *Guarda*; *Porto de Moz*, *Portozello*, etc.,— ao todo mais de *mil povoações nossas*, quasi todas distantes do *mar* e de *rios?!...*

— *Sobral de Monte Agraço* — é nome composto de *Sobral* por *Sobreiral*,— bosque ou mata de *sobreiros*, chamados tambem *corticeiros*,— arvores que deram o nome a *centenares* de povoações nossas, como já dissémos, dando a lista ou série da maior parte d'ellas.

Eu não me recordo de vêr alli *sobreiros*, mas por certo alli abundaram outr'ora.

Monte Agraço — tomou o nome do sitio por ser uma *cumeeira*,— e do portuguez *agraço* — vinho verde, pejorativo de *agro* — azedo, rascante.— Assim deve ser o vinho da localidade, porque o sitio é o chão mais alto e desabrigado da região vinicola de *Torres*.

— *Sizandro* — o pequeno, mas formoso rio supra, — tomou talvez o nome de *Lisander* — *Lisandro*, nome pessoal grego, congenere de *Alexander* — *Alexandre*; — *Leander* — *Leandro*; *Periander* — *Periandro*, nomes historicos e alguns d'elles nomes de santos, etc.

Note-se que *Lisandro* podia dar *Sizandro* — porque *l* e *r*, mesmo iniciaes — confundiram-se e substituiram-se.

Veja-se o topico *Substituição de letras*. Ahi vae, entretanto uma amostra do pano:

L e S confundindo-se na onomastica portugueza

— *Sabordella*, povoação nossa, é talvez uma fórma de *Saportella* por *La Portella* — *a portella?*

Cf. *Laportella* e *Saportella*, povoações da *Hespanha*.

Note-se que a *Hespanha* tem 29 povoações denominadas

Portela, todas na Galliza,— e fóra da Galliza tem *Portella*, *Portellada*, *Portiella*, *Portilla*, *Portillo*, etc.

Laportella e *Saportella* estão em *Lerida*.

— *Laborim*, povoação nossa,— e *Saborim* na *Hespanha*

Almedina — em *Portugal* e na *Hespanha* — e *Salmedina* por *L'Almedina?* — na *Hespanha*. [1]

Somma e segue: — *Lavariz*, *Sabariz* e *Savariz*; *Lago e Sago? Lameira* e *Sameira*; *Lameiras* e *Sameiras*; *Lameiro* e *Sameiro?*... *Laminho ou Samínho* — e *Saminho?*... *Landal e Sandel*, por *Sandal? Landim*, *Nandim* e *Sandim? Landeiro* — e *Sandeiro*; *Lapa* e *Sapa*; *Lapaduços* — e *Sapaduços?!*... De *lapa d'ursos!*... Cf. *Lapa do Lobo*, *Serra d'Ossa*, o mesmo que *Serra da Ursa*, - *Baldossa*, o mesmo que *Val da Ursa*, etc., povoações nossas que tomaram o nome dos *ursos*, como já dissémos. [2]—*Lapinha* e *Sapinha*; *Lapeira* e *Sapeira*; *Lapeiro* e *Sapeiro*; *Lardoeira* e *Sardoeira*; *Larjal* e *Sarjal* por *Serejal*; *Lavadouro*, *Levadouro* e *Sebadouro? Ledesma* e *Sederma*, que o povo denomina tambem *Sedesma*.

Estas povoações tomaram o nome dos *soromenhos*, pereiras bravas, que deram tambem *Salmães*, *Salmanha*, *Sarmenha* (o povo tambem diz *Sermanha*);— *Sermenheiros*, *Seromenha*, *Seromenho*, *Seromínhão*, *Serominheiro*, *Siderma* por *Sederma*, — e *Juromenha* por *Soromenha* (?...)—povoações nossas.

Junte-se tambem *Soromenho* — appellido.

E' assim a *arte nova!*...

Mas dirão os leitores: — como podiam os *soromenhos* dar *Sedesma*, *Sederma* e *Siderma?*

Lá vou.

— Os *soromenhos*, pela fórma popular *seromenhos*, deram *seromenheda*; — e esta por contracção deu *sermeda*. — *Sederma* é metathese de *sermeda* — e por seu turno *Sederma* deu *Sedesma*, *Ledesma* e *Siderma*, porque na onomastica portugueza *s* e *l*, — *er* e *es* — *e* e *i* confundiram-se e substituiram-se muitas vezes.

As pereiras bravas tambem se denominaram *codornos*, que o povo chama *cadornos*, — unde *Cadorneiro*, nome d'uma povoação e de um ribeiro da minha *Penajulia*, denominados

---

[1] Veja-se a nossa *Chorographia moderna* e o *Diccionario general de los Pueblos de España* — *Madrid* — 1862.

[2] Junte-se *Peraduça* por *Pedra da Ursa*, o mesmo que *Lapaduça* ou *Lapaduços*.

vulgarmente *Coderneiro.* — Junte-se *Codorneiro*, *Codornellas* e *Codórno*, povoações nossas, — e *Cogórno* por *Codorno*, appellido, pois *d* e *g* tambem se confundiram e substituiram *muitas vezes* na onomastica portugueza.

Veja-se o topico — *Substituição de letras*, — topico *interessantissimo* para esta ordem d'estudo.

Prosigamos.

— *Ledões* e *Sedões.*

— *Ledouro* e *Sedouro*

— *Leixões* por *seixões (?!...)* plural de *Seixão*, povoação nossa, como *Leixosa* e *Seixosa?!...*

— *Lemede* e *Semedo*, quasi *Semede.*

Cf. tambem *Semide*, povoação nossa.

— *Lerdeira* — *Cerdeira* e *Serdeira?!...*

— *Leomil*, quasi *Lomil* — e *Sumil* por *Lomil?* [1]

— *Leside* e *Sezite* por *Sezide* — de *Le Sid* — o senhor por excellencia, unde *Ruy Diaz el Cid*, vulgo *Cid Ruy Diaz*, entre nós *Cid Ruy Dias* — lendario cavalleiro hespanhol.

— *Lesteiro* e *Cesteiro*, povoações nossas.

— *Lidadelha* e *Cidadelha.* — *Lobreiro* e *Sobreiro?*

— *Lomar* e *Assumar* — por *Al* + *Somar* — e este por *Lomar*, — de *Leodomirus*, *i* supra.

— *Loure* e *Soure?* — *Lourinhos* e *Sourinho?* — *Louro* e *Souro?* — *Lousa* e *Sousa?* — *Louseiro* e *Souseiro?* — *Lousella* e *Souzella.*

Note-se, porém, que na minha opinião *Sousa* — rio, etc., — vem do baixo latim *saucia* — salgueiral.

Junte-se:

— *Leiros* e *Seiros.*

— *Lemenhe* e *Semelhe.*

Note-se que *lh* e *nh* muitas vezes se confundiram e substituiram na onomastica portugueza.

— *Libães* por *Libões* — e *Cibões?*

Note-se que em portuguez as desinencias *ães* e *ões* confundiram-se — e *ainda hoje se confundem?!...*

— *Linhaceiros*, *Linheiro* — e *Cinheiros.*

— *Lopo* e *Soppo?*

---

[1] *Leomil* vem de *Leodomirus*, *i*, que deu tambem *Lomar*, como *Gunthimirus*, *i* deu *Candemil*, *Candomil*, *Contumil*, *Contumillo*, *Gondomil* e *Gondomar?!...*

— Com vista ao sr. conselheiro *Antonio Candido*, natural de *Candemil.*

— *Loredo*, *Loridos*, plural de *Lorido* — e *Chorido* por *Sorido*?

A Hespanha tem *Churide* e *Chorito*, quasi *Chorido*. [1]

Do exposto se vê que na onomastica portugueza *l* e *s* confundiram-se e substituiram-se, pelo que *Lizandro* deu ou podia dar *Sisandro*.

Fiat lux — e *hurrá!* pela *onomastica portugueza comparada!...*

* * *

Tambem *Sisandro* póde vir de *Sizenando* ou *Sezinando*, antigo nome d'um santo, etc., — em latim *Sizenandus* e *Sezinandus*, *i*, que teve as fórmas *Senandus*, *Sisnandus*, *Sesnandus* e *Sernande* por *Sesnande*, povoações nossas.

Por seu turno *Senandus*, *i* deu ou podia dar *Sande*, villa, etc., — e *Sandinus*, *i* que deu ou podia dar *Sandim*, *Sandinha*, *Sandinho* — e *Sendim*, *Sendinha*, *Sendinho*, povoações nossas.

Tambem temos *Sandiães* e *Sandião*, que pódem vir de *Sandianus*, *i*, *is*, o mesmo que *Sandinus*, *i* — por *Senandinus*, *i* supra.

Cf. *Antonius*, *Antoninus*, *Antonianus* e *Antoniolus*, *i*, diminutivo archaico d'*Antonius* — Antonio.

Maximus, *Maximinus*, *Maximianus*, *Maximilus* e *Maximilianus*, *i*, nomes pessoaes, diminutivos de *Maximus* — *Maximo* — nome d'um santo, etc.

Maximilus, *i* deu *Meixomil*, freguezia de *Paços de Ferreira* — e *Antoniolus* *i*, supra, — deu *Antanhol*, freguezia do concelho de *Coimbra?!...* [2]

O mesmo *Sizenando* ou *Sezinando* podia dar *Sizandro* por *Sizando*, pois, como já dissémos, o *r* é muito falso, muito *caprichoso!* — Apparece e desapparece *instantaneamente*.

— E' assim a *arte nova* — e *rira bien qui rira le dernier?!...*

Tambem *Sezinandus*, *i* pela fórma *Sernandus*, *i* supra — deu ou podia dar *Sernandicellus*, *i*, unde *Sernancelhe*, villa, etc. [3]

Nós propômos duas etymologias para *Sizandro* — e fica

---

[1] Como estamos a fallar de *Torres Vedras*, afamada região vinicola, junte-se para atesto do casco — *S. Colmado e S. Cosmado*, povoações nossas, lindissimas fórmas de *S. Cosme e S. Damião*, como já dissémos.

[2] Veja-se o topico: — *Diminutivos com a desinencia olus, ola.*

[3] Veja-se o topico: — *Diminutivos com a desinencia cellus, i.*

a porta aberta e franca para outra que melhor satisfaça, pois, como já dissémos e repetimos: — *em assumpto de tal ordem não ha precisão mathematica.*

Os mesmos etymologistas francezes por vezes propõem tres e mais etymologias para o nome d'uma povoação e, quando isto succede na *França*, onde a sciencia etymologica está muito adiantada e é já muito antiga, não se estranhe que eu — sendo uma completa nullidade — titubie n'esta louca *Tentativa.*

* * *

Antes de passarmos adiante, ahi vão mais algumas etymologias com relação ás povoações do concelho de *Torres Vedras*, um dos mais importantes da *Estremadura* e que devia ser occupado e habitado desde os tempos *mais remotos*, por estar a pequena distancia do *Tejo*, do *mar* e de *Lisboa* — e por ser pouco accidentado, abundante em *humus*, todo aravel, mimoso e fertil.

Da sua remota occupação por *centenares de povos differentes* provieram os nomes das suas muitas povoações, pelo que a etymologia d'alguns d'elles *é difficilima!* — Têem mesmo em geral *um timbre particular.*

N'elles abunda a desinencia *eira*, como em volta de *Lamego* a desinencia *im* — e entre a *Figueira* e *Coimbra* a desinencia *ede.* Taes são: *Arazede*, *Cantanhede*, *Limede*, *Murtedè*, *Tavarede*, etc., — e em volta de *Lamego* — *Nostim*, *Godim*, *Constantim*, *Penim*, *Ferreirim*, *Magustim*, *Cantim*, *Contim*, *Lalim*, *Lazarim*, *Gogim*, *Goujoim*, etc.

Isto não é vulgar e já dissémos o bastante com relação á etymologia d'esta ultima série de nomes de terras com a desinencia *im*, deixando a estranha série da desinencia *êde* para o meu *atavico successor*, que muito provavelmente será o sr. dr. *Joaquim da Silveira*, da *Anadia*, hoje notario e advogado em *Alcanena*, — tantas vezes mencionado n'esta pobre *Tentativa.* — A elle, como visinho das ditas povoações, cumpre velar *pro domo sua*, investigando a etymologia d'ellas.

* * *

Ahi vae agora uma lista d'alguns nomes das povoações do concelho de *Torres Vedras*, com a desinencia supra — *eira*, — todos mencionados pelo sr. *João Maria Baptista* na *Chorographia Moderna.*

São elles os seguintes:

— *Crujeira, Situnheira, Carrasqueira, Carvoeira, Panasqueira, Zibreira, Junqueira, Maceira, Bombardeira, Figueira, Mixilhoeira, Serpigeira, Gallegueira, Serreira, Sindieira, Seiceira, Ordasqueira, Sevilheira, Zurragueira, Lameira, Espinheira, Portuxeira, Lobagueira, Ermigueira,* ou *Ermigeira* (sic), — *Ereira, Sobreira, Gourozeira* e *Brejoeira.*

Somma e segue.

— *Abrunheira, Bogalheira, Ribaldeira, Palameira, Feliteira, Murteira, Féteira, Soalheira, Oliveira, Fixoeira, Almagreira, S. Pedro da Cadeira, Silveira, Barreira, Brijeira* ou *Brejeira,* (sic.), — *Escravilheira, Sequeira, Val da Ribeira, Louriceira, Madeira, Amoreira, Monteira, Freixofeira, Melroeira, Cadriceira, Mugedeira, Pentieira, Semineira, Chapuceira, Farropeira, Ribeira, Bordinheira, Carregueira, Moça faneira* (sic.), — *Recomeira, Guilhalmeira, Gallapeira, Maxarreira, Rocheira, Xeira, Xeira-Mattos* e *Xeira Campos?!...*

-- Total — oitenta e tantas povoações com a desinencia *eira,* pois alguns dos nomes supra repetem-se varias vezes.

Esta desinencia *é propria e caracteristica de Portugal* e da velha *Galliza,* pelo que se encontra na onomastica de todo o nosso paiz, mas no concelho de *Torres Vedras* abunda mais do que em nenhum outro dos nossos concelhos.

Abundou tambem outr'ora e ainda hoje abunda na onomastica da *Galliza* a mesma desinencia *eira.*

Ahi vae uma ligeira amostra do panno;

— *Abelleira, Avelleira* e *Abelleiras*;[1] — *Agueira, Agueiro;* — *Barreira, Carballeira,* que se lê *Carbalheira,* em portuguez *Carvalheira;* — *Carrasqueira, Carreira, Carreiras, Castiñeira, Castiñeiras,*[2] *Cumieira, Eira, Eiras, Feira, Feiteira, Ferreira, Ferreiras, Figueira, Figueiras, Franqueira, Frieira, Galiñeira, Gamalleira, Herreira, Moreira, Moreiras, Nogueira* e *Nogueiras.*

Junte-se:

Oliveira, Pateira, Pedreira, Pereira, Pereiras, Pesqueira, Pesqueiras, Piñeira, Porgueira, Pradeira, Ribeira, Ribeiras,

---

[1] Vide o *Diccionario General de los Pueblos de España* citado supra, onde se encontram como *povoações da Galliza* estas e outras muitas.

[2] Junte-se *Corbaceiras, Coruxeira* e *Coruxeiras.*

Rigueira, *Rigueiras*, *Rivadeneira*, [1] — *Sabugueira*, *Sabugueiras*, *Sabugueiro*, *Solbeira* e *Solveira* (fórmas de *Sorveira?)*; — *Teijeira* e *Tejugueira* (são fórmas callaicas de *Teixeira* e *Teixugueira*, povoações nossas); — *Videira*, *Vidueira*, *Vidueiras*, *Vidueiros*, etc.

Do exposto se vê que a *Galliza*, como já dissémos, — *é irmã gemea de Portugal!...*

N'ella abunda a desinencia *eira*, como reminiscencia talvez já do tempo em que a *Lusitania* provincia romana, comprehendeu a *Galliza*, como já dissémos, — ou do tempo em que posteriormente a *Galliza* comprehendeu a parte norte de *Portugal* até *Coimbra*, *Vizeu* e *Lamego*, — ou do tempo em que *Portugal* por seu turno posteriormente comprehendeu parte da *Galliza!...*

Refiro-me ao tempo em que no seculo XII, a rainha *D. Thereza* passeava pela *Galliza, como nós por nossa casa* — e trouxe *durante annos* na sua côrte os bispos de *Tuy* e *Orense*, como senhora d'aquellas duas provincias.

A desinencia *eira* — como já dissémos — *é propria e caracteristica de Portugal* e só se encontra na onomastica da *velha Galliza*, pois actualmente e desds longa data a *Galliza* é forçada a seguir e adoptar *o idioma castelhano*, pelo que pôz de parte a desinencia *eira*, substituindo-a pela desinencia castelhana equivalente *era*, — desinencia que abunda em toda a onomastica da *Hespanha*.

Fóra da *Galliza* é rara, *rarissima* a desinencia *eira*.

Eu apenas lobrigo *Cantejeira* na provincia de *Leão*.

Tambem se encontra a desinencia *eira* no *patois* do sul da *França*, nomeadamente na *Provença*.

— Com vista ao meu atavico successor, tantas vezes mencionado, — o sr. dr. *Joaquim da Silveira*, da *Anadia*, que por bôas ou más bulas se apoderou dos meus *caros* verbetes, — ao todo cerca de *cem kilos* — fructo do meu trabalho insano de *dez a doze annos* — além de bastantes livros *raros e caros*, avultando entre elles *um optimo exemplar completo do Portugaliæ Monumenta historica?!...*

---

1 Com este nome ha duas freguezias e duas povoações em *Lugo* e d'ellas tomou o appellido *Ribadeneira* um distincto escriptor hespanhol.

Ribadeneira quer dizer que demora nas *ribas* ou margem do *Neira*, rio de *Lugo*.

Cf. *Ribadavia*, *Rivadesella*, *Rivaseca*, etc., povoações da *Hespanha*; — *Riba d'Ancora*, *Riba d'Ave*, *Riba d'Ul*, *Riba Pinhão*, *Riba Tamega*, *Riba Tua*, etc., povoações nossas.

O *patois* do sul da *França* — parece *patois portuguez!...* — Já dissémos algo sobre o assumpto e chamamos para este ponto a attenção dos philologos.

Prosigamos.

Diremos agora tambem algo da etymologia das muitas povoações de *Torres Vedras* com a desinencia *eira*, principiando por notar que, sendo tantas, nenhuma se denomine *Eira* — ou tomasse o nome das *eiras*. — Uma d'ellas chama-se *Ereira*, mas não tem relação alguma com *eira*, pois *Ereira* é uma fórma de *Hereira* — abundante em *heras*, planta bem conhecida.

Por seu turno *eira* vem do latim *area*; — e *hera*, nome de varias plantas trepadeiras da familia das *araliaceas*, vem do latim *hedra*, que deu o nome a differentes povoações nossas. — Taes são: — *Era*, *Erada*, *Eras*, *Ereira*, *Ereiras*, — *Edras*, *Edrosa*, *Edroso*, e *Hera*, — ao todo 15 a 20 povoações.

*
* *

Não se estranhe a fórma *Era* em vez de Hera, porque a nossa orthographia é um *cahos* ou *cáos* (?) — ainda hoje — e os nomes de muitas povoações nossas já véem de tempos muito remotos!... — Alguns d'elles são *romanos* e outros *pre romanos* — do tempo dos *celtas*, *celtiberos*, *gregos phenicios*, etc.

Não se confunda tambem *hera*, vulgo *era*, planta, com *era* do verbo *ser* — ou *era* — acontecimento, época em latim *aera*, que se lê *era*.

Não se confunda tambem a etymologia de *Ereira* com a de *Ericeira*, villa historica e maritima do concelho de *Mafra*, que tomou o nome do latim *erice*, *es* — a *urze*, pois na costa da *Ericeira*, abunda, como eu já vi, uma especie de *urze*.

A villa da *Ericeira* podia tambem tomar o nome do latim zoologico de *Varrão ericius* — *ericio*, vulgo *ouriço cacheiro*, animal que ainda hoje se encontra em varias regiões do nosso paiz.

O mesmo *ericius* — *ouriço cacheiro* — deu *Ericio*, nome d'um santo, etc., que se encontra nos *santoraes* e em *Santo Ericio*, aldeia nossa?!...

Pertence, pois, *Ericio* á classe dos *nomes affrontosos* que varios santos pela sua humildade e virtude adoptaram, tendo sido apodos com que os affrontavam.

Dos *bichos* e *feras* foram tirados os seguintes nomes de

santos: — *Leão*, *Leopardo*, *Leobardo*, o mesmo que *Leopardo*, — *Leobino*, *Leocadia*, *Leocricia*, *Leodegario*, *Leonardo*, *Leoncia*, *Leoncio*, *Leonides*, *Leonilla*, *Leopoldo*. *Leovigildo*, *Lobo*, *Tigre*, *Tigridia*, *Tigrio*, — *Urso*, *Ursicio*, *Ursino*, *Ursisceno*, *Urso*, *Ursula*, *Porcario*, o mesmo que *porqueiro*, — e *Porciano*, diminutivo de *Porcio*, etc., — todos nomes de santos — e os ultimos tres tirados dos *porcos?!...*

Temos tambem muitos *appellidos affrontosos*; isso, porém, não obsta a que sejam alguns d'elles *nobilissimos* e *d'alta cotação!*

— *Honra o teu nome e elle te honrará — seja qual fôr?*

Prosigamos.

Temos tambem varias povoações que tomaram o nome das *eiras*, taes são: — *Eira*, *Eira Alta*, *Eira Barrenta*, *Eira Cova*, *Eira da Isca*, *Eira da Loba*, *Eira da Mó*, *Eira da Palma*, *Eira da Pedra*, *Eira de Baixo*, *Eira de Cima* e *Eira de Lapella*. [1]

Junte-se: — *Eira de Mello*, *Eira de Sá*, *Eira de Tibães*, *Eira do Cabo*, *Eira do Meio*, *Eira Doniga (das Donas?)*; — *Eira Grande*, *Eira Nova*, *Eira Pedrinha*, *Eira Vedra*, afim de *Torres Vedras*, mas d'outro concelho; *Eira Velha*, o mesmo que *Eira Vedra*; — *Eirão*, o mesmo que *Eira Grande* supra; — *Eiras*, *Eiras Altas*, *Eiras d'Alem*, *Eiras dos Mouros* (?!...); — *Eiras Vedras*, irmãs gemeas de *Torres Vedras*; *Eirinha*, *Eirinhas*, *Eirô*, *Eiró*, [2] etc. — ao todo mais de 800 povoações, que tomaram o nome das eiras. — Não pertence, porém, *uma unica* ao vasto concelho de *Torres Vedras*, colhendo bastantes cereaes e devendo colher outr'ora *muito mais!...*

---

[1] *Lapella* é diminutivo de *Lapa* e o mesmo que *Lapinha*, *Pedrinha* e *Peninha*, — povoações nossas tambem, como *Padrella* por *Pedrella*, *Penella*, etc.

[2] *Eirô* e *Eiró* são diminutivos de *eira*, tirados de *eirola*, que deu *Eirô* e *Eiró*, como *Figueirola* no baixo latim *ficariola*, deu *Figueiró* e *Figueirôa*, appellido; *Ecclesiola*, diminutivo de *ecclesia* — egreja, — deu *Grijó* e *Egrijó*; *Alexiolus*, diminutivo de *Alexius* — Aleixo — deu *Alijó* e por aferese *Lijó* o mesmo que *Aleixixinho?!...*

Tambem *Hectorolus*, diminutivo de *Hector*, *oris* — *Heitor* — deu *Eituró*, o mesmo que *Heitorzinho*, etc., povoações nossas?!...

Veja-se o topico: *Diminutivos com a desinencia olus, olu.*

Na minha *Penajulia* ha um sitio chamado *Eirô*, — e outro na freguezia de *Tavora*, concelho de *Taboaço*, — ambos relativamente altos, expostos ao sol e bem talhados para *eiras*, *eirinhas* ou *eirolas*.

— E' assim *a arte nova?!...*

Não tem uma unica povoação denominada *Eira*, porque as suas eiras não são *fixas*, *permanentes* e de *pedra*, como as das nossas provincias do norte, — mas de *terra batida*, *calcada* e *endurecida*, pelo mesmo processo adoptado e usado nas provincias da *Estremadura* e *Alemtejo*, por terem grande escassez de pedra.

Pelo contrario nas provincias do norte — *Minho*, *Douro*, *Beira* e *Traz-os-Montes*, — por terem muita e optima pedra de *schisto* e *granito* — ha *centenares* ou antes *milhares* de *eiras fixas e permanentes* de boa pedra, sendo algumas d'ellas bastante luxuosas e *caras!*... — Avulta entre estas a da quinta d'*Entre Aguas*, no concelho de *Baião*, da nobre familia *Perfeitos* do *Porto*, *Mesão-frio*, *Corredoura* ou *Cambres*, *Lamego*, *Ade Barros* ou *A de Barros*, *Minho*, *Riodades*, etc. [1]

A dicta *eira* — que eu *já vi* — custou *contos de réis*, pois é muito espaçosa e toda de bello granito aparelhado em esquadria, com guardas e casas ou *cobertos* espaçosos contiguos; tambem de granito, etc. — E toda a quinta, que bem merece o nome d'*Entre Aguas*, por estar entre 2 ribeiros e ser toda valentemente ensocalculada, bem regada no verão e limada no inverno, — tem *cales*, *caleiras* ou *regueiras* de granito bem aparelhado ao longo dos *socalcos todos*, para conducção e melhor distribuição da agua, o que é raro — *rarissimo* — em todo o nosso paiz, e custou *muito dinheiro!*... [2]

Tambem no meado do seculo XIX os mesmos srs. *Perfeitos*, para abastecerem d'agua potavel de veia nativa o seu formoso palacio da *Corredoura*, junto de *Lamego*, fôram buscal-a a distancia d'alguns kilometros e gastaram com a sua canalisação, etc. — *mais de oito contos de réis?!*...

Gastaram tambem por essa occasião *muitos contos de réis* na conclusão do dicto palacio e projectavam fazer grandes embellezamentos na cêrca, posto que já era muito linda e muito digna de vêr-se.

*
* *

Agora *um cumulo*, relativamente ás nossas *eiras*.

A d'*Entre Aguas* é absolutamente a maior e melhor de todo o concelho de Baião, — toda de pedra, muito sólida e

---

[1] Vide *Portello*, povoações de *Cambres*, no *Portugal antigo e moderno*.

[2] V. *Zezere (Santa Marinha do)* — longo artigo meu, no *Portugal antigo e moderno*, vol. XII, pag. 2:118, onde fallei da mencionada quinta e da luxuosa *eira*.

muito cara, mas no concelho de *Trancoso* ha outra, tambem de pedra, muito mais sólida, muito mais espaçosa — *e baratissima!*...

Demóra na freguezia de ..... — a leste de *Trancoso* e ao sul da *estação* e freguezia de *Villa Franca das Naves*, na pendente sobre o valle onde passa a linha ferrea da *Beira Alta*,— vendo-se perfeitamente d'ella, *como eu já a vi.*

A mencionada *eira*, como já dissémos, é tambem de pedra e muito sólida, muito espaçosa,— *antiquissima*, *baratissima* e talvez *unica* em *Portugal*, no seu genero!

— Foi feita pelo supremo architecto do universo — *e só elle a podia fazer*, pois é formada por um penhasco enorme ou *brutamontes*, muito accessivel do lado O. — terminando em superficie plana, muito exposta ao sol, onde malham e seccam o pão todos os proprietarios e lavradores da dita parochia,— por vezes 6 e mais, *a um tempo!?*...

Com vista aos meus poucos leitores, filhos de *Trancoso*, e aos que viajem na linha da *Beira Alta.*

Prosigamos.

No *Alto Douro* ha poucas e pequenas *eiras*, porque as uvas, producção dominante da localidade, vão directamente das vinhas para os lagares. Mas por *excepção* tambem lá as uvas, antes de pisadas, vão das vinhas para *estendedouros* — e d'estes para os lagares, quando se fabrica o *vinho passa* ou de uvas *empassadas*, — vinho superior.

Assim lá certo anno, em que o meu pae vendeu *em uvas* e *antes da colheita* o vinho da nossa quinta do *Campo Velho*, margem direita do *Tédo*, ao nosso visinho — *Felix Manuel Borges Pinto*, pae do primeiro visconde de *Castello de Borges* e avô do 2.º visconde do mesmo titulo, que foi barbaramente assassinado na sua quinta do *Tédo* ou de *Castello de Borges*, em 1905 — se bem me recordo,— as uvas da nossa quinta não fôram directamente das vinhas para os lagares. — Depois de colhidas — já muito sazonadas e grande parte d'ellas *empassadas* [1],— fôram *todas* directamente das vinhas para *estendedouros* — onde estiveram dois dias — e d'alli para os lagares da quinta do tal senhor, distante da nossa pouco mais de um kilometro.

---

[1] Note-se que a nossa vindima n'aquelle anno foi feita *oito dias depois das outras vindimas* — por condição preliminar da venda que o meu pae fez ao dito sr. *Felix* e da qual *muito se arrependeu*, porque o dito senhor lhe pagou *tarde e mal?!*...

São muito proximas as duas quintas e a producção principal d'uma e outra é o vinho; ha, porém, grande differença entre ellas.

A nossa está em um *plató* ou planalto muito lindo e muito vistoso na margem direita do rio *Tédo*, pelo que muito provavelmente outr'ora se denominou *Campo Bello*, no diapasão leonez *Campo Belho*, unde o seu nome actual *Campo Velho*,— mesmo porque alli não ha nem houve jámais *campo algum*.[1] — Apenas tem a pequena distancia uma fonte d'agua potavel, de mina,— e uma hortinha.

A de *Castello de Borges* está em sitio fundo, abafado, sem horisonte, muito ardente e nada vistoso, mas bastante mimoso, — na margem esquerda do *Tédo*.

Refiro-me á casa nobre da quinta, pois dista poucos metros do rio *Tédo* — e passa junto d'ella um açude, que tem alguns centos de metros d'extensão e réga um pomar de laranjeiras e uma grande horta ou lameira *mimosissima* e *fertilissima*,— o que é raro nas quintas do *Alto Douro*.

Tem ella, pois, bastante agua de réga, mas pouca e pessima agua potavel, pelo que o tal sr. *Felix* que era bastante illustrado e tinha viajado muito, mandava ir da fonte da nossa quinta *agua para o chá?!...*

A quinta d'elle produzia *optimo vinho*, mas era pequena. A sua producção nunca passou de 30 a 40 pipas, emquanto que a producção da nossa regulava por 50 a 60 pipas. — E o meu pae dispunha-se para leval-a a produzir 150 pipas--*ou mais*, pois já tinha comprado montes para *cento e tantas pipas;* mas, quando em 1864 se dispunha para os plantar — adoeceu e morreu na mesma quinta, que elle tanto estimava!...

Deus o tenha em bom logar.

A quinta de *Castello de Borges* tomou este nome d'uma pequena, mas bastante sólida torre, que *Felix Manuel Borges Pinto*, approximadamente em 1856, mandou fazer em um angulo da casa,— torre onde dormia e guardava as suas joias, etc.

Elle tinha feito a *guerra da peninsula* como *alferes de guias*, mas, quando fez a torre, já era viuvo, velho e timido.

---

[1] Refiro-me á casa d'habitação, armazem e lagares, pois a quinta comprehende vinhas que tocam na margem do *Tédo*.

O mesmo planalto é cortado por 4 estradas publicas, bastante concorridas, pelo que já tinha mais 6 ou 7 casas de quintas — hoje todas abandonadas, porque as mencionadas quintas estão todas *phyloxeradas, incultas?!...*

A mencionada quinta chamava-se anteriormente *quinta do Tédo* — e vulgarmente *quinta do Felix*, desde que o dito senhor n'ella fixou a sua residencia.

Era elle natural da freguezia de *Escurquella*, na margem direita do *Tavora*, concelho de *Sernancelhe*, — casou na freguezia da *Folgosa*, concelho d'*Armamar*—e falleceu, approximadamente em 1870, na mencionada quinta, unde jaz, em um mauzoleu que alli mandou fazer tambem, e uma capella com o Santissimo permanente [1].

Veja-se no *Portugal antigo e moderno*, vol. XI, pag. 1:059 e seguintes, o meu longo artigo *Villa Secca d'Armamar*, onde fallei da mencionada quinta, pertencente á dita parochia, e, aproveitando o ensejo, tambem fallei do *barão de Forrester*, amigo particular de *Felix Manuel*, que varias vezes o recebeu e hospedou na sua quinta de *Castello de Borges*.

No mencionado artigo se encontra, pois, uma minuciosa e conscienciosa noticia do naufragio em que o dito barão, sendo tão amigo do *Douro*, morreu afogado no mesmo *Douro* — em 22 de Maio de 1861.

* * *

Volvendo ao topico *eiras*, mencionaremos ainda uma que ha na quinta supra, de *Castello de Borges*. — E' pequena, mas de *pedra* (schisto) e foi notavel, porque formava o tecto d'uma importante e muito interessante *frasqueira* que o dito snr. *Felix M. Borges Pinto* fez em um subterraneo ou buraco no sopé d'uma encosta, a pequena distancia da sua nobre casa da torre.

No *Alto Douro* não ha *granito*, mas sómente *schisto*, podiam, porém fazer-se com elle *eiras magestosas*, pois, como já dissémos — em algumas regiões do *Alto Douro* ha *schisto* especial, — *unico talvez em Portugal?!...*

---

[1] Como os leitores estão fartos de *cantigas* e pedem *etymologias*, ahi vão algumas.

— *Escurquella*, supra, vem de *Esculquella*, diminuitivo de *esculca* — vigia, atalaia, sentinella.

Tavora — vilias, rio, etc. — vem do latim *tabula* — *tabua* ou madeira para taboas e por extensão *castanheiros*.

— *Sernancelhe*, como já dissémos, — vem de *Sernandicellus, i*, diminuitivo do *Sernandus* por *Sesnandus* e este por *Sezinandus* — *Sezinando*, nome d'um santo, etc., — *Folgosa* por *Felgosa* vem de *felix, icis* por *filix, icis* — o feito, por fento ou fieito, planta, como já dissémos em um largo topico supra, dedicado aos *fieitos*, — vol. I., pag. 295.

Com elle se fazem ali pontes de arcos e de esquadria *muito solidas*, como se vê uma que a velha *Companhia dos Vinhos* mandou fazer na estrada marginal do *Douro* sobre a *Foz dê Mil Lobos* ou do rio *Temi Lupus* — a jusante e pouco distante da *Folgosa*.

Ha tambem no *Douro* lagares com tampos de schisto de 6 a 7 metros de comprimento, 1 de largura e 4 decimetros de espessura.

Podem ver-se e admirar-se na quinta do *Ferrão*, da nobre familia *Pessanhas*, junto da estação do mesmo nome, na linha ferrea do *Douro* [1].

Em *Villa Nova de Foscôa* ha pedreiras de schisto que dão esteios para ramadas, balaustres para varandas, *pranchões para pontes*, etc.

V. *Villa Nova de Foscôa*, longo artigo meu, no *Portugal antigo e moderno*, vol. XI, pag. 839.

Ha tambem tampos enormes de lagares, — *maiores do que os do Ferrão*, — em *Casal de Loivos*, freguezia do concelho d'*Alijó*, — e dizem-me que appareceu alli ha annos soterrado, a certa altura, um pranchão natural de schisto, que devia ter approximadamente *oito metros quadrados* de superficie!

O tal pranchão por si só podia dar *uma eira*; mas, por que não necessitavam d'elle para *eira* nem para lagares ou para outra qualquer obra, — lá ficou soterrado, como estava.

O que mais abunda, porém, no *Alto Douro* é schisto miudo, lascado, informe, que mal se presta para construcções de casas, etc.

Refiro-me particularmente á freguezia de *Poyares*, concelho de *Freixo d'Espada-á-Cinta*, onde, como já dissémos, — ainda hoje se vêem *e nós já vimos* — *casas circulares*, a modo de *pombaes*, como as da *Citania de Briteiros* e as do monte de *Santa Luzia*, em *Vianna do Castello*.

Na minha opinião construem-nas assim, por ser aquelle estylo *tradiccional* e porque a pedra da localidade é *schisto* miudo, lascado, informe, que offerece mais resistencia travado em *paredes circulares*, do que nas *paredes em linha recta*.

— Com vista aos archeologos, engenheiros e mestres d'obras.

---

1 Os lagares da nossa quinta do *Campo Bello* ou *Campo Velho*, supra, teem tampos com 27 palmos ou 6 metros de comprimento.

Ainda Torres Vedras — succinto esboço etymologico

Volvendo a fallar das muitas povoações de *Torres Vedras* com a desinencia *eira*, vamos dar a etymologia d'algumas, seguindo a ordem porque as mencionámos, supra.

— *Corujeira* — tomou claramente o nome das *corujas*, bem como outras muitas povoações nossas.

— *Sitinheira* — tomou talvez o nome do latim *sitis* — sêde, por ser o seu chão pobre d'agua potavel ou de rega? — N'este caso *Sitinheira* é uma synonimia de *Sequieira* e *Sequeira*, povoações nossas tambem, como *Escalhão* é metathese de *Secalhão* — e talvez que *Esgueira* por *Esqueira* seja uma metathese de *Sequeira!...*

Cf. *Esqueira*, *Sequeira* e *Sequeiras*, — *Esqueiro*, *Esqueiros* e *Isqueiros* por *Esqueiros*, — *Sequeiro*, *Sequeiró* e *Sequeiros*, povoações nossas, claros especimens de *és* por *sé* — julgo eu — e *rira bien qui rira le dernier?!...*

Note-se que as metatheses *são trivialissimas* na onomastica portugueza.

Prosigamos.

— *Carrasqueira* — podia tomar o nome do portuguez *Carrasqueira*, o mesmo que *charrasqueira* e *reboleira* — castanheiro bravo, — ou dos *carrascos*, oliveiras bravas tambem, que deram o nome a outras muitas povoações nossas. — Taes são *Carrasco*, *Carrascos*, *Carrascosa*, *Carrascosinha*, *Carrazeda*, *Carrazede* e *Carrazedo* por *Carrasceda*, *Carrascede* e *carrascedo* — ou *Carrasqueda*, *Carrasquede* e *Carrasquedo?*

Tambem *Carrasqueda* e *Carrasquedo* pódem ser contracção de *Carrasqueireda* e *Carrasqueiredo*.

— As meias tintas confundem; — eu já tenho a vista muito cançada e a minha lente da *arte nova*, *forjada por mim a martello* — está pedindo outra melhor e mais aperfeiçoada.

— *Carvoeira* — tomou claramente o nome do *carvão* e é uma reminiscencia do tempo em que havia grandes matas e brenhas no concelho de *Torres Vedras*, das quaes hoje apenas resta um exemplar digno de menção, na freguezia de *Monte Redondo*.

— E' a grande e bella mata da nobre quinta das *Lapas*, do snr. conde de *Tarouca*, rival da do *Bussaco*, pois tem carvalhos e cedros tambem magestosos, — pinheiros com 3 a 4 metros de circumferencia no tronco — e medronheiros que pódem *dar taboas*, tendo alguns d'elles mais de *dois metros* de circumferencia no tronco, etc.

Ha tambem no concelho de *Torres Vedras* uma freguezia chamada *Carmões*, deturpação talvez de *Carbões* por *Carvões*, pois *ba*, *bo*, *bu* e *ma*, *mo*, *mu*, confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza, como já dissémos.

Tambem do *carvão* tomou talvez o nome a nossa villa do *Garvão?!...*

— E' assim a *arte nova.*

Prosigamos.

— *Panasqueira* — tomou claramente o nome do *panasco*, — erva umbilifera para pastos, que deu tambem *Panasca*, *Panascal*, *Panasco*, *Panascosa*, *Panascoso*, *Panasqueiro*, *Panasquinho*, *Panasquita*, etc., povoações nossas.

Panasquita é congenere de *Melrinita*, *Casita*, etc., povoações nossas tambem.

— *Zibreira* — póde ser o mesmo que *Zebreira*, povoação nossa tambem, que tomou o nome das *zebras*, animaes muito lindos, hoje extinctos, mas que outr'ora abundaram na peninsula e deram o nome a varias povoações nossas. — Taes são *Zebra*, *Zebral*, *Zebras*, *Zebreiros*, *Zebrinho*, *Zebro*, *Zebros*, *Val do Zebrinho*, etc.

Tambem *Zibreira* póde ser o mesmo que *Zimbreira*, povoação nossa, que tomou claramente o nome do *zimbro*, planta, como *Zimbral*, *Zimbreirinha*, *Zimbro*, etc., povoações nossas tambem. [1]

— *Junqueira* — tomou claramente o nome do *junco*, planta, bem como outras muitas povoações nossas, taes são: — *Juncaes*, *Juncal*, *Juncalinho*, *Junco*, *Juncosa*, *Junqueiro*, *Junqueiros*, *Junquinho*, etc., ao todo *mais de tresentas!...*

Deu tambem o appellido a um dos nossos mais distinctos poetas da actualidade — o sr. *Guerra Junqueiro.*

— *Maceira* — é o mesmo que *Macieira*, abundante em *maçãs* ou *macieiras*, arvores fructiferas, muito antigas em *Portugal*, pois deram o nome ás nossas povoações seguintes: — *Maçã*, *Maçagoso* (?), *Maçainhas* por *maceirinhas* (?); — *Maçaira* por *Maceira*; *Maçal* por *Maceiral*; *Maçanicas*, *Maçans*, *Maceda* por *Maceireda*; — *Macedinho*, *Macedo* e *Macedos* por *Maceiredo* e *Maceiredos*. [2]

---

[1] V. *Zimbro*, artigo meu, no *Portugal antigo e moderno*, vol. XII, pag. 2:248, col. 2.ª e a sua respectiva nota.

[2] Cf. *Azeredo*, contracção de *azereiredo*, bosque ou mata *d'azereiros*, — e *Azevedo*, contracção d'*Azevinhedo*, bosque ou mata d'*azevinhos*.

Tambem *Azevedo* por seu turno deu *Azevo*, aldeia e freguezia do concelho de *Pinhel*.— A bussola *é o ouvido!...*

Somma e segue.— *Maceiras*, plural de *Maceira* supra; *Maceirinha* e *Macens* por *Maçans?!...*

Cf. *Magalhães* e *Magalhans*, povoações nossas.

— *Macide* e *Macido* por *Macedo?!...*

— *Macieiras*, *Macieirinha*, *Macieirinhas*, *Macieiro*, *Macieiros* e *Maciel*, appellido vulgar, o mesmo que *Macial* por *Macieiral*.

Cf. *Pinhel* por *Pinhal* e este por *Pinheiral*, — *Freixiel* e *Freixial*, etc., povoações nossas.

— *Macinhata* — por *Macinheirata* ou *Macinheirada?*

— *Maçoeira* — por *Macieira*, — *Maçoira* por *Maçoeira*, etc., — ao todo mais de 150 povoações nossas.

Hurrah! pelas *maçans* e *maceiras* ou *macieiras!...*

* * *

Nós temos grande variedade de *maçans portuguezas e francezas*, mas talvez que as melhores, mais lindas e mais mimosas, mais aromaticas e mais saborosas sejam as nossas antigas maçans denominadas *camoêsa de rosa*, — nomeadamente as do concelho de *Mondim da Beira* e do de *Tarouca*, a sueste de *Lamego*.

Appéllo para quem as tenha saboreado, como eu as saboreei muitas vezes.

E' encantador o seu aroma — e só duas aromatisam uma grande sala.

A sua polpa é finissima e, sendo tão mimosas, conservam-se *durante um anno?!...*

Isto é facto, que eu já notei com assombro no paço episcopal de *Lamego*.

Estando ali hospedado por occasião da grande festa e feira de *Nossa Senhora dos Remedios* (8 a 15 de setembro), quando eu era abbade de *Tavora*, concelho de *Taboaço*, — em 1861 a 1864 — e bispo de *Lamego* o sr. *D. José de Moura Coutinho*, excellente pessoa e *muito meu amigo*, [1] no-

---

[1] Veja-se no *Portugal antigo e moderno*, vol. IX, pag. 530, o meu artigo *Telhô*, casa nobre da freguezia d'*Arnoia*, concelho de *Celorico de Basto*, — e no vol. XI, pag. 897, o meu artigo *Villa Pouca*, aldeia da mesma freguezia d'*Arnoia*.

Para d'alguma maneira significar a minha profunda gratidão para com o dito prelado, n'aquelles dois artigos dei a *biographia* e a *geneologia* de s. ex.ª, então já fallecido.

Deus o tenha em bom logar, como firmemente creio, pois era *um santo!...*

tei que ao *dessert* vinham á mesa pratos com as taes *maçans camoêsas de rosa*, tendo a cutis encarquilhada.

— Estas maçans parecem velhas! — disse eu ao bondoso prelado.

— São effectivamente velhas! — respondeu s. ex.ª.

— Mas como pódem conserval-as perto de *doze mezes* — sem apodrecerem!

— Conservamol-as em palha nos fórros da casa.

Não instei, porque respeitava muito o santo prelado, mas, pedindo explicações a um criado, elle me disse que effectivamente as conservavam nos fórros do paço *todo o anno*.

— Mas na minha casa apodrecem!...

— Tambem aqui apodrecem bastantes, mas, como o sr. *D. José* gosta muito d'estas maçans, faz sempre um deposito *de carros d'ellas* e, como são muitas, escapam sempre algumas.

São ellas muito aromaticas e mimosissimas, pelo que o meu pae, tendo em deposito durante uns 10 a 20 annos seis pipas de vinho precioso da nossa quinta do *Campo Bello* ou *Campo Velho* supra, — vinho que elle muito estimava e muito bem tratava, todos os annos, quando o passava a limpo e lhe deitava aguardente, deitava-lhe tambem algumas das taes maçans — *muito escolhidas, descascadas* e *pisadas*.

— Mais nada.

O tal vinho *era uma delicia!*

Vendeu-o approximadamente em 1854.

* * *

Volvendo a *Torres Vedras* e ás suas muitas povoações com a desinencia *eira*, ainda temos as seguintes:

— *Bombardeira*. — Tomou talvez o nome de *Bombardeiro*, appellido, tirado da *militança*.

Cf. *Alabardeiro*, *Arcabuzeiro*, *Archeiro*, *Artilheiro*, *Besteiro*, *Besteiros*, *Cavallaria*, *Cavallarias*, *Caralleira* (?!...), — *Cavalleiro*, *Cavalleiros*, *Couraça*, *Couraceiro*, *Espada*, *Espadagão*, *Espadeira* (?!...), — *Espadeiro*, *Espadeiros*, *Espadinha*, *Clarim*, *Corneteiro*, *Lança*, *Lanceiro*, *Tambor*, *Tamboreira*, etc., appellidos e muitos d'elles tambem povoações nossas. — Taes são: *Cavalleira*, *Espadeira* e *Tamboreira*, que rimam com *Bombardeira*.

Podia tambem *Bombardeira* tomar o nome d'alguma fabrica de *polvora bombardeira* que alli houvesse.

Dicant paduani. — Respondam os filhos da localidade. Prosigamos.

— *Mixilhoeira* ou *Mexilhoeira* — tomou talvez o nome dos *mexilhões*, mariscos, mas, como em *Torres Vedras* não ha portos maritimos, talvez que *Mixilhoeira* seja *nome de importação*, como outros muitos nomes de povoações nossas.

Cf. *Mexilhão*, *Mexilhoeira*, *Mixilhoeira da Carregação*, *Mixilhoeira Grande* e *Mexilhoeirinha*, povoações nossas tambem.

— *Serpigeira* — póde ser uma fórma de *Serpilheira*, tirada do portuguez *serpillo*, o mesmo que *serpão* e *serpol*, planta bem conhecida e muito aromatica.

— *Gallegueira* — tomou claramente o nome dos *gallegos*, como outras muitas povoações nossas. — Taes são: *Gallega*, *Gallegas*, *Gallego*, *Gallegos*, *Gallegos de Baixo*, *Gallegos de Cima*, — *Alda* ou *Aldeia Gallega*, *Monte dos Gallegos* e *Galleguia*, que recorda *Mouraria* e *Franzia*, por *Francezia*, o mesmo que *Francaria*, terra de *francos* ou *francezes*.

Junte-se *Galleguinha*, *Galleguinho*, *Gallisa*, *Gallizes* por *Gallegos?*, etc., povoações nossas.

Mas — dirão os leitores — estando *Torres Vedras* tão distante da *Gallisa*, não é provavel que a dita povoação tomasse o nome dos gallegos!

Muito mais distante da *Gallisa* está hoje *Aldeia* ou *Alda Gallega* supra, que tomou claramente o nome dos *Gallegos*, bem como outras muitas povoações do districto de *Lisboa*, já por nós citadas. — N'este mesmo concelho de *Torres* temos nós *Fixoeira*, diapasão gallego de *Fijoeira* por *Feijoeira* — e ao mesmo diapasão pertence talvez *Portuxeira?!*,..

Note-se, como já dissémos, que uma grande parte do districto de Lisboa pertenceu e obedeceu aos reis de *Leão* e á *Gallisa* — antes da fundação da nossa monarchia.

— *Serreira.* — E' talvez contracção de *Serralheira*, abundante em *serralhas*, ervas de que tomaram o nome varias povoações nossas. Taes são, entre outras, as seguintes:

— *Sarralha*, *Sarralhas* e *Sarranheira* por *Sarralheira?*, — pois *lh* e *nh* confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza, como já dissémos.

Junte-se ainda — *Sarreira*, quasi *Serreira* por *Sarranheira* ou *Sarralheira?*

— A bussola *é o ouvido!*...

— *Serralhão*, *Serralheira*, *Serralheirinha*, *Sarrão* e *Serrão* por *Serralhão*, etc.

Cf. *Pinhão* por *pinhalão*, — *Sobrão* por *sobralão*, etc., povoações nossas, como *Tojão* por *tojalão*, *Olivão* por *Olivalão*, *Cardão* por *Cardalão* — e *Casão* por *Casalão* ou *Casarão*, povoações nossas tambem.

* * *

— *Sindieira.*— Na minha opinião é uma fórma de *Sendieira*, povoação nossa tambem, como *Sentieira* e *Sentieiras*, povoações que tomaram o nome do *centeio* — além d'outras.

Ahi vae uma curiosa lista d'ellas: — *Centeio*, *Centiaes*, *Centiães* por *Centiaes* [1], — *Centieira*, *Centieiras*, *Centieiro* [2]; *Sandiães* por *Sandiaes* e este por *Centiaes*; — *Santeiro*, quinta e *aldeia* (?!..), talvez fórma de *Santieiro* por *Sentieiro* — e este por *Centieiro*?

Tambem temos *Santiaes* por *Centiaes*; *Sendiães* por *Centiães*, o mesmo que *Centiaes*; *Sendieira* por *Centieira*; *Senteno* por *Centeno* — do castelhano *centeno* — *centeio*?; *Sentieira* por *Centieira* — e talvez *Setiaes* por *Sentiaes* — e este por *Centiaes*?! ..

— Desculpem os etymologistas e apologistas do parque *Setiaes*, um dos mais formosos de *Cintra* — *na actualidade*, pois talvez que o chão d'elle em eras remotas — como no tempo da invasão dos *povos germanicos* ou durante as luctas com os arabes e mouros — estivesse *inculto* ou produzisse *apenas centeio*, como as povoações, quintas e casaes supra.

Tambem temos outras muitas povoações, villas e quintas, hoje muito importantes e algumas d'ellas muito lindas, que tomaram o nome de *féras*, algumas já extinctas,— e das *brenhas*, *matas* e *bosques*, de que não ha memoria!

Tambem muitas das nossas povoações tomaram o nome de *certas aves* que ha muito desappareceram das localidades, por haverem mudado de *fond en comble* as condições agricolas de varias regiões nossas.

Vem a proposito a minha terra natal — *Corvaceira*, — pequena povoação da grande freguezia da *Penajulia* ou *Penajoia*, que demora na margem esquerda do *Douro*, concelho de *Lamego* — mesmo em frente da estação actual do *Molledo*.

---

[1] Na onomastica portugueza, como já dissémos, confundiram-se muitas vezes — *ce* e *se*,— *ci* e *si* — *ães* e *aes*,— *ães*, *ãos* e *ões*, etc.

[2] Com vista aos manes do *Centieiro* que, sendo um pobre artista, quasi analphabeto,— um *serralheiro*,— foi aqui no *Porto* em 1860 a 1870 notavel orador de comicios e *grande influencia eleitoral*!...

Nós temos varias povoações com o nome de *Corvaceira* e *com certeza* todas tomaram o nome dos *corvos*, aves de rapina, posto que em algumas d'ellas — *nomeadamente na minha* — não ha memoria dos *corvos* — por ser muito fertil e desde longa data muito mimosa, muito bem agricultada e cultivada como *um jardim!...*

E', porém, bastante declivosa e, como já dissémos, devia ser outr'ora — como toda a minha *Penajulia*, a freguezia mais mimosa do *Douro* e de *Portugal todo* — uma *brenha*, um *matagal* enorme, em que abundavam os *bichos* e as *féras*, cujos cadaveres *attrahiam os corvos*.

Data, pois, d'esse tempo immemorial o nome da minha *Corvaceira* — e talvez que o nome de *Setiaes*, venha do tempo em que o chão do lindo parque fôsse *terra de centiaes* ou *centieira?!* — *Fiat lux*.

Tambem a proposito de *Cintra* direi, que na minha opinião *Cintra* vem talvez de *Sintila* por *Suintila* ou *Swintila*, nome pessoal germanico.

Note-se que em velhos documentos se encontra a fórma *Sintra* — como em vez de *Cezimbra* a fórma *Sezimbra*, — fórma que devia adoptar-se, pois na minha opinião *Cezimbra*, como já dissémos, — vem do latim botanico *sisimbrium, ii* — certa planta muito estimada pelos romanos, porque dava flôres brancas, de que faziam grinaldas para os noivos, como se lê em *Ovidio* e no *Magnum-Lexicon* latino. [1]

Seiceira

Volvendo a *Torres Vedras* e á série de nomes das suas povoações com a desinencia *eira* — ainda temos bastantes. Pela ordem da lista supra, segue-se agora:

— *Seiceira*. — Póde vir do portuguez popular *seiceira* por *seixeira* — abundante em *seixos*, pedras, como outras muitas povoações nossas. Taes são as seguintes:

— *Ceiça, Ceiçal* (?!...), — *Ceiceira, Ceiceiro, Ceissa*, por *Ceiça?*; — *Seiça*, appellido; *Seição, Seiceira* (cá está ella!...); *Seixa, Seixal, Seixalinho, Seixalvo* por *Seixo Alvo*; *Seixão, Seixas, Seixedo, Seixeira, Seixenha* ou *Seixinha*; *Seixezello* por *Seixozello*; *Seixido* por *Seixedo*; *Seixieira*, o mesmo que *Seixeira*; — *Seixinha, Seixinhas, Seixinho, Seixinhos* e *Seixo*.

---

[1] De *sisimbrium* — *Sisimbria* — *Sezimbra* — *Cezimbra!...* — E' assim a *arte nova*.

— *Seixo Alvo*, o mesmo que *Seixalvo* supra; *Seixo Amarello, Seixo Branco*, o mesmo que *Seixo Alvo* e *Seixalvo; Seixo do Ervedal, Seixo do Côa, Seixo Grande, Seixo de Gatões, Seixomil (?!...)*; — *Seixos, Seixosa, Seixoso* — e talvez *Leixões* por *Seixões*, fragoedo na foz do *Leça*, onde está hoje a *dóca de Leixões*, — e fragoedo ou penhasco maritimo, denominado tambem *Leixões*, no *Cabo de S. Vicente.*

Junte-se finalmente *Leixosa*, povoação nossa, mencionada na *Chorographia Moderna* com o titulo de *Leixosa* ou *Seixosa*, (sic).

Note-se que *l* e *s* confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza, como já dissémos em um longo topico supra.

— *Seiceira* póde ser tambem uma fórma de *Sinceira*, tirada do portuguez *sinceiro* — salgueiro, que deu *sinceiral* — salgueiral.

Cf. *Sinções* por *Sinçaes* e este por *Sinceiraes* — salgueiraes; *Sinceira, Sinceira* ou *Seiceira* (cá está ella!...); *Sinceira Branca*, o mesmo que *salgueiro branco?!...*; — *Sinceira Grande* e *Sinceirinha*, povoações nossas, mencionadas na *Chorographia Moderna.*

Mas — dirão os leitores — como podia *Sinceira* dar *Seiceira?*

Lá vamos.

Pelo diapasão francez *Sinceira* deu ou podia dar *Semceira*, que, em portuguez sôa quasi *Seinceira*, unde talvez *Seiceira?*

A escala seria, pois, — *Sinceira* — *Semceira* — *Seinceira* — *Seiceira!*

Desculpem os meus poucos leitores *tantos dislates* e prosigamos.

— *Seiceira* é o mesmo que *Asseiceira* (por *Al* ou *A Seiceira*), — villa e freguezia proximas de *Thomar*, onde no dia 16 de Maio de 1834 se feriu a ultima batalha entre as forças de *D. Miguel* e de *D. Pedro.*

Pinho Leal, meu benemerito antecessor, deu-lhe, como lhe dá tambem a *Chorographia Moderna*, o nome de *Asseiceira*, mas diz que antigamente se denominou *Ceiceira* — e no foral de D. Manuel — *Ceiceyra.*

Por seu turno *Ceiceira* deu ou podia dar *Aceiceira*, hoje *Asseiceira*, por *Al Seiceira*, reminiscencia arabe — em portuguez *A Seiceira.*

Com o mesmo diapasão e a mesma assimilação do pre-

fixo arabe *al* — em portuguez *a*, — temos outros muitos nomes de povoações. Taes são as seguintes:

— *Alagôa* e *Lagôa; Alagôas* e *Lagôas; Alagoinha* e *Lagoinha; Alamella* e *Lamella; Alapella* e *Lapella; Alares* e *Lares? Alcarão* e *Carão? Alcarapinha* e *Carapinha; Alcaravella* e *Caravela* (sic); *Alcaria* e *Caria; Alcobella* por *Alcovella* — e *Covella; Alcongosta* e *Congosta; Alcordal* por *Alcardal* — e *Cardal!... Alcórrego* e *Corgo* por *Corrego!... Alcovas* e *Covas? Alfaião* e *Faião; Alfarinha* e *Farinha; Alfaro* e *Faro; Alfarrobeira* e *Farrobeira; Alfava* e *Fava.*

Somma e segue: — *Alfeirão* e *Feirão; Alfeirões* e *Feirões; Alfeiteira* e *Feiteira; Alfollões* e *Follões? Alfontes* e *Fontes?!... Alfóra* e *Fóra; Alfreita* e *Freita; Alfundão* e *Fundão*; *Alfundega* e *Fundego*, m. de *Fundega; Algalé* e *Galé; Algramassa* por *Algramaça* e *Gramaça*, nomes tirados da *grama*, como *Gramacha* por *Gramaça*, *Gramacho*, appellido, *etc.*, — por *Gramaço?* — *Gramaços*, *Gramas*, *Gramatal*, *Gramatinha*, *Gramatinhos*, *Gramella*, *Gramezinhos* por *Gramosinhos?*, - *Gramido* por *Gramêdo; Graminheira* por *Gramanheira?; Gramoinha?;* — *Gramosa*, *Gramosos*, *Gramual*, *Gromicho* por *Gramacho?* etc., povoações nossas.

— *Hurrah* pela grama!...

* * *

Junte-se: — *Almarinho* e *Marinho; Almeirinho* e *Meirinho*; *Almuro* e *Muro; Alombada* e *Lombada; Alpalhão* e *Palheirão*, o mesmo que *Palhão* e *Alpalhão!... Alparrel* por *Alparral* — e *Parral*, o mesmo que *Parreiral.* [1] *Alpedreira* e *Pedreira; Alpedrinha* e *Pedrinha; Alpendurada* e *Pendurada*; *Alportel* e *Portel; Alpossas* por *Alpoças* e *Poças; Alubagueira* e *Lobagueira*, o mesmo que *Lobeira*, nome tirado dos *lobos*, como *vide* deu *Videira* e *Vidigueira?!... Alufinha* e *Lufinha*; *Alumeara* e *Lumiara; Alvarão* — *Barão* e *Varão*, que se encontra em *Santo Varão; Alvarães* e *Varães; Alvariz* e *Variz; Alvélho* e *Vélho; Alventella* e *Ventiella*, quasi *Ventella; Alviobeira* e *Viuveiro*, m. de *Viuveira? Alvogas* por *Albogas* — e *Bogas; Amadeiras* por *Almadeiras* — e *Madeiras!... Ama-*

---

1 Cf. *Pinhel* — e *Pinhal*, — *Freixiel* e *Freixial*, — *Maciel* por *Macial* e este por *Macieiral*, — *Souzel* por *Souzal* e este por *Salgueiral?!...* etc.

Rira bien qui rira le dernier!...

reira e *Mareira*,— o mesmo que *Amoreira* e *Moreira!...* *Ameada* e *Meada; Ameda* e *Meda; Amedo* e *Medo; Ameira* e *Meira.* [1]—*Ameixedo* e *Meixedo*, contracções de *Ameixieiredo* ou *Ameixoeiredo*, bosque de *ameixieiras* ou *ameixoeiras; Amoinha* e *Moinha?... Amolar* e *Molar?... Amora* e *Mora; Amoraes* e *Moraes.*

— *Amoreira* e *Moreira; Amoreirinha* e *Moreirinha; Anaia* e *Naia; Apariça* e *Pariço*, m. de *Pariça; Apaul* e *Paul; Apaula* e *Paula; Apaulinha* e *Paulina*, o mesmo que *Paulinha; Aperal* e *Peral; Aperral* e *Perral; Aperrela* e *Perrello* (sic) — m. de *Perrella; A Pombeira* e *Pombeira; Apothicario* e *ad ridendum Boticario* — casal e quinta. [2]

Junte-se:

— *Apparicios* — *Pariço e Porisso*, o mesmo que *Pariço*, fórmas de *Apparicius* — *Apparicio*, nome d'um santo, etc.

— *Aprestimo* e *Prestimo;* — *Arbouça* por *Albouça* — e *Bouça!...* — *Arcella* por *Alcella* — e *Cella;* — *Arcellas* por *Alcellas* — e *Cellas;* — *Arcipreste* (oito povoações?!...) por *Alcipreste* — e *Cipreste.* [3]

— *Ardão* por *Aldão?* — e *Dão.*

— *Armoniz* por *Almoniz* ou *Al Moniz*, o mesmo que *O Moniz*— e *Moniz*, aldeia, casal, quinta e appellido d'alta cotação desde o tempo de *Egas Moniz?!...*

— *Arochas, Arrocha* e *Arrochas* por *Alrocha* e *Alrochas*, o mesmo que *A Rocha e As Rochas*, — *Rocha* e *Rochas!...*

— *Arrabaça* por *Alrabaça* — e *Rabaça.*

— *Arrabaçal* por *Alrabaçal*, o mesmo que *O Rabaçal*, — e *Rabaçal.*

— *Arrabalde* ou *Rabalde* — e *Rabalde* ou *Arrabalde* (sic).

— *Arrabalde* e *Rabalde.*

---

1 Estes ultimos oito nomes de povoações talvez sejam fórmas de *Amieirada, Amieireda, Amieiredo* e *Amieira?!...—Fiat lux.*

2 *Apothicario* por *Alpothicario* e este por *Al* + *Boticario* — quer dizer — *A* (villa, granja, quinta ou casa de campo) — *do Boticario.*

Cf. *A do Alcaide, A do Bello, A do Cêa, A do Coelho, A do Freire, A do Motta, A do Rainha, A do Rocha, A do Vigario, A dos Bispos, A dos Ferreiros, A dos Francos, A dos Loucos, A de Barros, Adefroia* por *A de Froila*, etc., povoações nossas.

Estes prefixos *A de...*—*A do...*—e *A dos...*—da onomastica portugueza obedecem á *lei do menor peso*, como as *contracções, apocopes* e *afereses* de muitos nomes de povoações de *Portugal*, da *Hespanha*, da *França*, da *Italia*, etc.

3 Cf. *Arcipreste* ou *Cipreste* — e *Acipreste* ou *Cipreste* (sic), povoações nossas tambem, mencionadas na *Chorographia Moderna.*

— *Arrabal* ou *Arrabalde* — *Rabal* e *Rabalde* (sic).

— *Arrabida* entre nós — e *Rabida* na *Hespanha.*

— *Arraia* — e *Raia.*

— *Arramadas* por *Al Ramadas*, o mesmo que *As Ramadas* e *Ramadas.*

— *Arramadinhas* por *Al Ramadinhas*, o mesmo que *As Ramadinhas* — e *Ramadinhas.*

— *Arranas* por *Al Ranas*, o mesmo que *As Rans*, — *Rana* e *Rans.*

— *Arranhadouro* e *Ranhadouro*; — *Arranhó* e *Ranhó?!...*

— *Arrangel* por *Al Rangel*, o mesmo que *O Rangel* — e *Rangel*, appellido e nome de varias povoações nossas.

— *Arreçaio* — *Reçaio* e *Roçaio!...* — *Arredonda* e *Redonda*; — *Arredondo* e *Redondo?!...* — *Arretorta* — *Retorta* e *Retortinha?!...*

— Não temos *Arrevolta*, mas temos tambem *Revolta* e *Revoltinha.* [1]

— *Arribas* — *Riba* e *Ribas.*

— *Arribam* e *Ribão*, talvez o mesmo que *Ribeirão*, povoação nossa tambem!...

— *Arriconha* — o mesmo que *Al* ou *A Riconha*, fórma talvez de *Riquinha*, povoação nossa tambem.

Somma e segue.

— *Arroça* e *Roça*; — *Arroçada* e *Roçada?!...* — *Arroçadas* e *Roçadas*; — *Arroçaio* e *Roçaio*; — *Arrochella* e *Rogella*, o mesmo que *Rochella*, diminutivo de *Rocha?!...*

— *Arroellas* e *Ruellas?!...* — *Arroio*, *Arroios* — e *Roios.* — *Arromas* por *Arromãs?* — e *Romãs.*

— *Arromba* e *Romba?!...* — *Arrota* e *Rota*; — *Arrotéa* e *Rotéa*; — *Arrote*, *Arroto* (sic). — e *Roto?!...*

— *Arruellas* e *Ruellas*; — *Arrufina* e *Rufino*, m. de *Rufina.*

— *Asanto* por *Al Santo?* — e *Santo*; — *Assabeiros* e *Sabeiro*, quasi *Sabeiros*, talvez contracção de *Saboeiro* e *Saboeiros?!...*

Cf. *Saboeiros*, povoação nossa tambem, — e *Saboneiro*, appellido.

---

1 *Revoltinha* é uma quinta pequena, fronteira ao meu casarão da *Corvaceira*, no Douro, e contigua á estação do *Moledo.*

Tomou o nome d'uma *volta muito céga*, que dá junto d'ella uma estrada publica.

O re, prefixo de *Revolta* e *Revoltinha* é augmentativo, como o de *Retorta* e *Retortinha.*

— *Assade* e *Sades*, plural de *Sade;* — *Assafroeira* e *Safoeiro* por *Safroeiro*, m. de *Safroeira?*

— *Assamaça*, *Assamassa* e *Samaça?* — *Asseca* e *Seca;* — *Asseiceira* e *Seiceira. Cá está ella?!*

— *Assenta* — *Centas*, *Sentas*, *Senda* e *Sendas?!...* — *Assilhô* e *Silho;* — *Assinceira* e *Sinceira?!...* — *Assinzas* e *Cinzas?...*

— *Assorda* e *Sorda*, que se encontra em *Malhada Sôrda;* — *Assubida* e *Subida;* — *Arzelas* por *Azelas* ou *Assellas*—*Cellas* e *Sellas?!...*

— *Ataboeira* e *Taboeira;* — *Ataboeirinha* e *Taboeirinha!...* — *Atahide* e *Athaide;* — *Tainde* por *Taide e Thaide*, contracções de *Athanagildi*, que deu tambem *Tagilde*, como já dissémos.

Com vista ao rev. sr. *João Gomes d'Oliveira Guimarães*, meu bom e velho amigo, distincto escriptor publico e benemerito abbade de *Tagilde*, no aro de *Vizella.* [1]

— *Atalaia* e *Talaia;* — *Ataia* e *Taias;* — *Ataija* e *Taijas;* — *Atalaião* (em *Portalegre*) — e *Tayão?!...*

Ataia e *Taias*, — *Ataya* e *Taijas* são contracções de *Atalaia* e *Atalaias*, como *Tayão* é evidentemente aferese e contracção de *Atalayão?!...*

A bussola é o ouvido.

Note-se que antigamente se escrevia *Atalaya* por *Atalaia*, —*Atalayas* por *Atalaias*,—*Atalayão* por *Atalaião*,—*Talaya* por *Talaia* e *Talaija*, por *Talaya*, unde *Ataija* e *Taijas* supra?!...

— *Rira bien qui rira le dernier.*

* * *

— *Atalhada* — *Talhada* e *Talhadas* — pedras fendidas ou partidas *pelos raios!...*

---

1 Tem sido tambem s. ex.ª presidente da camara municipal de *Guimarães* e da benemerita *Sociedade Martins Sarmento* — e é hoje s. ex.ª quem melhor conhece não só *Guimarães*, mas *todo o seu vasto concelho*, como provam as longas séries de artigos que tem publicado na *Revista* d'aquella *Sociedade*.

Tambem lhe deve muito o *Portugal antigo e moderno*, pois forneceu vastos apontamentos ao meu benemerito antecessor *Pinho Leal* — e a *mim proprio*, nomeadamente para os artigos *Vizella, Caldas*, — *Vizella*, rio, — *Vizella, S. João*, — *Vizella, S. Miguel* — e *Vizella, Santo Adrião*, como eu declarei nos mencionados artigos e *novamente declaro*, beijando-lhe as mãos com *profundo reconhecimento* — para não me expôr ao *labéu d'ingrato*.

— *Atalho* — *Talho* e *Talhos;* — *Atoleiro* e *Toleiro;* — *Atoleiros* e *Toleiros?!...* — *Atianha* por *Tia Anna*, — em callaico— *Tia Aña*, que se lê *Tia Anha.* — *Atianha* quer, pois, dizer *A tia Anna!?...*

Os leitores pódem rir, como eu proprio estou rindo; mas notem que temos tambem uma povoação denominada *Tia Annica*, irmã gemea da *Tia Anna* — e talvez *uma e a mesma senhora*, pois entre nós *Anna* e *Annica* são fórmas do mesmo nome.

Cf. *Annica*, *Annicas* e *Antonicas*, povoações nossas tambem.

Junte-se *Atranco* por *Altronco?* — *Trancão* por *Troncão; Trancões* por *Troncões; Trancoso* por *Troncoso* e *Tronco!...*

Atranco, aldeia, na minha opinião é uma fórma de *Atronco* por *Al Tronco* — *O Tronco* — e tomou talvez o nome d'algum *tronco d'arvore magestoso*, que alli houvesse, como houve muitos em Portugal — e ainda hoje se encontram alguns que assombram! — Já mencionámos castanheiros com 16 metros de circumferencia no tronco — e na villa de *Trancoso* ha *extramuros* em freixo colossal — *o maior do nosso paiz!...*

Eu já o vi com espanto *muitas vezes* e tenho duas bellas photographias d'elle, tiradas expressamente para mim, quando ha annos tentei escrever e publicar um livro com relação ás nossas *arvores e plantas mais notaveis.*

Incommodei muitos amigos e cheguei a colher muitas noticias d'arvores e plantas magestosas de todas as nossas provincias, comprehendendo o *Algarve*, a *Madeira*, os *Açôres* e as nossas colonias africanas. — Tudo, porém, puz de parte, por estar no fim da vida e porque esta pobre *Tentativa* e outras impertinencias litterarias me roubam o tempo todo.

De passagem direi que no *Algarve* — segundo me disse o meu bom e velho amigo sr. *José Gonçalves Vieira*, muito digno Prior e Vigario da Vara de *Villa Nova de Portimão*, houve na freguezia do *Alferce*, concelho de *Monchique*, um castanheiro de tal ordem que, tendo o tronco já fendido, passavam pela abertura d'elle *cavalleiros — de um lado para o outro?!.* .

Tinha *e tenho* tambem apontamentos com relação a castanheiros magestosos d'*Arouca*, do *Fundão*, de *Vinhaes*, etc., — e a choupos de *Setubal*, sobreiros do *Alemtejo*, nogueiras da *Beira Alta*, vides do *Douro*, de *Paços de Ferreira*, de *Avintes*, etc. — e uma bella photographia da magestosa *carvalha do Presepio*, de *Castro Dayre.*

O sr. *Chrystiano Vanzeller*, um dos cavalheiros mais con-

siderados e mais ricos do *Porto*, tem na sua quinta d'*Avintes*, concelho de *Gaya*, uma videira americana *isabella*, que fórma por si só *uma grande ramada* e já deu em *um só anno duas pipas de vinho*, de 550 litros *cada uma?!...*

Prosigamos.

— *Aval* — *Val* e *Valle*; — *Avanteira* — *Aventeira* — e, *Venteira*. — *Avanteira* é diapasão francez de *Aventeira*. — *Avargas* e *Vargas* — o mesmo que *Vargeas*, *Varjas* e *Varzeas*. *Avargas* por *Al Vargas* quer, pois, dizer *As Varjas*, *Vargeas* ou *Varzeas*. — *Avellal* e *Vellal* por *Avelleiral* é o mesmo que *Avellar*. — *Avellanoso* e *Vellanoso* por *Vellanoso.?!...*

— *Avelleda* por *Avelleireda* — e *Velledo*, o mesmo que *Velleda*, como *Vellida* e *Vellide*, povoações nossas tambem, podendo juntar-se *Bellida* e *Riba Bellida* por *Vellida*. — *Belledo* por *Velledo*, o mesmo que *Bellido*; — *Bellide*, o mesmo que *Vellide* e *Bellido* — e *Bellaido* por *Vellanido*, o mesmo que *avellanido*, por *avellanedo*, que deu *Bellide*, *Bellido*, *Vellide* e *Velledo* por *avellanedo*.

Junte-se *Avelleiro* e *Veleirinho*, aldeia, por *Avelleirinho*, diminutivo de *Avelleiro*; *Avellosa* por *avelleirosa* ou *avellanosa* — e *Vellosa*; *Avelloso* por *avellanoso* — e *Velloso*; *Aveneda* por *Avelleda* — e *Venade* por *Veneda?!...*

— E' assim a *arte nova* — *e rira bien qui rira le dernier!...*

Note-se que a raiz d'estes ultimos nomes todos é o latim — *avellana, avellã*; por seu turno *avellana* vem do latim *Avella*, povo da *Campania*, — chamada tambem *Avellino*, unde *Avellino*, nome d'um santo, etc.

Vellosa e *Velloso* pódem vir tambem do latim *vellus, eris*, — a lã ou o *vello da lã*. As meias tintas confundem.

Prosigamos.

— *Aventeira*, o mesmo que *Avanteira* supra, — e *Venteira*. — *Aventosa* e *Ventosa*; *Averdiães* por *Averdiaes* ou *Averdeaes* — e *Verdeal*, sing. de *Verdeaes*; *Avessada* e *Vessada*; *Avessadas* e *Vessadas*; *Avibora* e *Vibora*; *Avidagos* — *Vidago* e *Vitego* por *Vidago?!...*

Por seu turno *Vitego* deu *Vedigal*, *Vedigaes*, *Vidigal*, *Vidigalinho*, *Vidigão*, *Vidigueira* e *Vidigueiras*, povoações nossas tambem.

Vidigão por *Videgão* e este por *Vitegão* — é augmentativo de *Vitego*.

Todos estes nomes supra foram tirados do latim *vitis* — a vide, a videira, a cepa, a uva e o vinho, productos das videiras.

*
* *

Junte-se: — *Avinhó* e *Vinhó* — do baixo latim *viniola* — pequena vinha.

Viniola deu *Vinhó*, como *Ecclesiola* deu *Grijó*, — *ficariola* deu *Figueirôa* e *Figueiró*, — *Alexiolus*, diminutivo de *Alexius* — *Aleixo* — deu *Alijó* e por aferese *Lijó*, o mesmo que *Aleixinho*.

Tambem *Hector*, *oris* — *Heitor* — deu *Hectorolus*, *i* unde *Eituró* por *Heitoró*, povoação nossa, o mesmo que *Heitorzinho*, como já dissémos.

V. o topico: — *Diminutivos com a desinencia olus*, *ola*.

— *Avitureira* e *Vitoreira* por *Vitureira* — é o mesmo que *Abitureira* por *Abutreira*, abundante em *abutres*, como já dissémos.

— *Azabucho* e *Zabucho* — são talvez fórmas de *Azambujo!*...

Note-se que antigamente em vez de *Azambujo* escrevia-se *Azãbujo*, unde *Azabujo*, *Azabucho*, e *Zabucho*, pois *já*, *jó*, *ju* e *chá*, *chó*, *chu* com o valor de *xá*, *xo*, *xu* — trivialmente se confundiram e substituiram.

— *Azagães* por *Azagaes* — e *zagaes*, pastores.

— *Azagaia* e *Zagaia*; *Azalfrias* — *Alfria* e *Frias?*... — *Azambuja* e *Zambuja*; *Azambujeira* e *Zambujeira*; *Azambujinha* e *Zambujinha*; *Azavel* e *Zavel* por *Isabel!*... *Azebral* e *Zebral* — abundante em *zebras*. — *Azeimota* por *Azémoita* — e *Zémoto* por *Zémota* ou *Zé Moita*, o mesmo que *José Mota* ou *José Moita?*

Azeimota por *Al Zeimota* — e este por *Al Zémoita* — o *José Mota* ou *José Moita* — é um especimen da onomastica portugueza; mas será tudo isto um dislate?

Fiat lux.

Cf. *A do Mota* — o mesmo que A granja, quinta, casa de campo ou *villa do Motta* — povoação nossa tambem, mencionada supra.

Junte-se ainda:

— *Azeiteiros* e *Zeiteiros!*... *Azenha* e *Zenha*; *Azenhas* e *Zenhas*; *Azevedinho*, *Azevinho* — e *Zevinho*.

Estas povoações tomaram o nome do *azevinho*, arbusto espinhoso, que deu *azevinhedo* e por contracção *Azevedo*, appellido, etc., — e *Azêvo*, contracção de *Azevedo*.

Têem a mesma etymologia:

— *Azeval* por *Azevedal*; *Azevido* por *Azevedo*; *Azevinheiro*, *Azevinhos*, *Azibal* por *Azeval?* *Aziboso* por *azivedoso* e este por

azevedoso? Azido por *azivo* e este por *Azero?!... Azival* por *Azeval* supra; *Aziveiro* por *Azeveiro* e este por *azevedeiro.*

Tambem *Azival* e *Aziveiro* pódem ser contracções de *Azevinhal* e *Azevinheiro.*

* * *

A *Hespanha* tem muitos nomes similares, correspondentes aos nossos, taes são entre outros: — *Acebal, Acebeda, Acebedo, Acebeiro, Acebido, Acebo, Acebosa, Acebro* por *Acebo? Aceveda, Acevedo,* etc.

Ao mesmo diapasão de *Azevedo* obedecem os nossos appellidos ***Barbedo, Azeredo, Macedo,*** etc.

Barbedo tomou o nome das *Barbas* que, por serem um dos caracteristicos mais salientes do rosto, deram outros muitos appellidos — e por seu turno estes deram o nome a varias povoações nossas. Taes são as seguintes:

— *Barbacão* por *barbas de cão?* — *Barbacena, Barbada,* o mesmo que *barbuda* — mulher que tem grandes barbas, o que não depõe muito a favor d'ella, pois já disse *Covarrubias,* sabio escriptor hespanhol: — *Mujer barbuda de lejos la saluda!...*

Prosigamos.

— *Barbadães* por *Barbadões? Barbadans* por *Barbadães, Barbadãos* ou *Barbadões? Barba d'Alho,* povoação nossa, e *Barba de Puerco (Barba de Porco)* — povoação hespanhola, que auctorisam a fórma *Barbacão* por *barbas de cão* supra. *Barbadeno? ; Barba de Pelle? Barbães* por *Barbadães* supra? *Barbaido* por *Barbido,* infra, o mesmo que *Barbedo,* supra? *Barbaláo* por *Barbalão,* talvez o mesmo que *Barbadão!... Barbanxa* por *Barbancha,* contracção de *barba ancha,* grande. Cf. *Mangancha* por *manga ancha,* — *Pedrancha* por *pedra ancha, Malhadancha* por *malhada ancha,* etc., povoações nossas tambem, como *Lameirancha* por *lameira ancha.*

E' assim a *arte nova* — e *rira bien qui rira le dernier?...*

— *Barbanxo* — é o mesmo que *Barbanxa,* supra.

Cf. *Portanxo* (sic), povoação nossa tambem, o mesmo que ***portoancho,*** grande.

Com o mesmo diapasão de *Barbanxo* e *Portanxo* tambem temos na onomastica portugueza *Balancho* e *Balanxo,* por ***val*** ou ***valle ancho,*** grande.

Não temos *Valancho* nem *Val* ou *Valle Ancho,* mas temos muitas povoações, ao todo *mais de mil,* que tomaram o nome dos ***valles,*** — e ***mais de cem*** com os nomes de *Val Gran-*

de, *Valle Longo*, *Val Maior*, *Vallongo*, o mesmo que *Valle Longo*,— e *Valmôr*, o mesmo que *Valle Mór* ou *Valle Maior*.

Proseguindo com a lista das nossas povoações que tomaram o nome dos appellidos tirados da *barba*, ainda temos as seguintes:

— *Barbas*, *Barbas de Lebre*, *Barbas de Porco* (na Hespanha *Barbas de Puerco*, supra); — *Barbas Novas*, *Barbas ralas* (sic); — *Barbatona*, [1] *Barbatorta*, *Barbutos*, *Barbedo* (cá está elle!...); — *Barbeira* (note-se que é *uma aldeia?!...)*; — *Barbeiro*, *Barbeiros*, *Barbeita*, *Barbeita de Baixo*, *Barbeita de Cima*, *Barbeita* ou *Barbuta* (sic?!...); — *Barbeitas*, *Barbeito*, *Barbeite*, o mesmo que *Barbeito!...*; — *Barbeito* ou *Barbeita (?!...)*; — *Barbelães* por *Barbalães* ou *Barbalões* e este por *Barbadões*.

Note-se que *l* e *d* confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza, como já dissémos e logo provaremos.

Somma e segue.

* * *

— *Barbeloto* ou *Barbelote*, que recorda *Barbot*, appellido no *Porto*.— *Barbialhos* por *Barba d'Alhos*, o mesmo que *Borba d'Alho*, supra.— *Barbido*, o mesmo que *Barbedo*, supra,— e *Barbudo*, infra.

— *Barbitello*, diminutivo claro de *Barbito*, o mesmo que *Barbido* e *Barbedo*, supra,— e *Barbudo*, infra.

Por seu turno *Barbito* deu ou podia dar *Barbeito* e *Barbeita* supra, já porque na onomastica portugueza — *i* deu *ei*; —*já* porque temos *Barbeita* ou *Barbuta*, o mesmo que *Barbita*, *Barbida* e *Barbuda*, — *Barbuta* ou *Barbeita* (sic), — e *Barbuto* por *Barbito* e *Barbeito?!...*

— E' assim a *arte nova* — e *rira bien qui rira le dernier!...*

Prosigamos.

— *Barbolega* por «Barbolẽga» ou *Barbolenga* — é talvez uma fórma de *Barbalenga* por *Barbalonga* — barba comprida, o mesmo que *barba grande*, barba ancha e *Barbanxa* supra.

Note-se que *a*, *e* e *o* trivialmente se confundiram na ono-

---

[1] Ao diapasão de *Barbatona* obedecem os vocabulos portuguezes *mocetona*, *pimpona*, *pernona*, *intrujona*, etc.,— e *Campona*, *Silveirona*, *Cachadona*, *Crasona* por *Casarona?*; — *Atagona*, *Quintandona*, *Monte da Feiteirona* e *Fóros da Catampona?!...* — povoações nossas.

— *Risum teneatis.*

mastica portugueza — bem como trivialmente se escrevia *e* com til, por *en* e *em*. *Fiat lux*.

* * *

Ainda temos *Barbosa*, appellido vulgar d'homem, posto que entre nós a desinencia *a* é feminina.

Adoptámos o appellido *Barbosa* por *Barboso*, como *Ferreira* por *Ferreiro*, posto que *Ferreira*, appellido d'este *Petrus in cunctis nihil in omnibus*, talvez provenha do latim *ferraria* — mina de ferro ou *ferraria*. [1]

Em compensação temos outros appellidos com a desinencia *a*, em vez de *o*. Taes são *Peixoto* por *Peixota*, de *peixota* — pescada, — e *Tinoco* por *Tinoca*, — de *tinoca*, o mesmo que *tinalha* — pequena tina?

Cf. *Tinalha, Tinalhas, Tinoca* e *Tinoquinha*, povoações nossas.

Na Hespanha tambem ha differentes povoações, cujos nomes foram tirados das *barbas*. Ahi vae uma amostrinha do panno:

— *Barba de Puerco, Barbacana? Barbacharro*, em *Bilbáu*, provincia da *Viscaya; Barbadanes, Barbadelo, Barbadillo*, o mesmo que *Barbadelo; Barbain, Barbalimpia*, em *Cuenca; Barbalos, Barbarroja* — nós dizemos *Barba Roxa;* — *Barbaruens* (*Barbas ruins?*); *Barbastro?; Barbate, Barbatain, Barbatona, Barbecho, Barbeira, Barbeiros, Barbeita, Barbeitas, Barbeito* e *Barbeitos*. — Estas ultimas quatro povoações demoram na *Gallisa*, irmã gemea de *Portugal*.

A *Hespanha* ainda tem *Barbens*, em *Lerida; Burboles*, em *Saragoça; Barbolla* em *Guadalajara, Soria* e *Segovia; Barbote*, na *Galliza*, — e *Barbués*, em *Huesca*.

Desculpem os nossos bons visinhos o bater-lhes á porta, pois já é tempo de acordarem e de investigarem tambem a etymologia dos nomes das suas povoações.

Nós temos tambem muitos appellidos tirados das *barbas*, taes são, entre outros, os seguintes:

— *Barba* — nobre e antigo.

Foi appellido de *José Cardoso Barba de Menezes*, d'*Armamar*, fidalgo distincto e distincto general, bem como do brigadeiro seu irmão — *Gonçalo Cardoso Barba de Menezes*, etc.

---

[1] Tambem dizemos *Gama*, não *Gamo*, posto que o appellido *Gama* vem de *Gamo* esp. de *veado*.

— *Barbadão*, appellido historico do tempo de *D. João I?...*

— *Barba Longa; Barba mea*, ou *Barba meã*. Este appellido data do seculo XV.; *Barbas de Ferro*, *Barbas de Lebre*, *Barbas de Lobo*, *Barbas de Porco*, *Barbas Novas* e *Barbas ralas*.

Estes appellidos são tambem *muito antigos*, pois quasi todos deram o nome a povoações nossas.

Junte-se *Barbata*, antigo nome de mulher,— *Barbatanas* e *Barbato*, nome d'um santo, como *Barbea*, etc.

Fecharemos este longo topico das *barbas* a proposito do appellido *Barbedo*, mencionando o facto do nosso vice-rei da *India* que, para restaurar os muros da praça de *Diu*, obra que demandava sommas, de que elle no momento não podia dispôr,— pediu-as á camara de *Gôa*, dando como penhor alguns cabellos das *suas proprias barbas*. — E a camara de bom grado o attendeu, não exigindo outra caução?!...

— E' facto unico na historia — facto que muito recommenda os portuguezes d'outr'ora.

*
* *

Ad ridendum e a proposito da *Barba de Pelle* supra, ahi vai outro facto que se deu em *Rio Tinto* — no meu tempo — com o meu parochiano *Julio Schneider*, allemão, estabelecido como *schipchandler* aqui no *Porto*.

Era elle uma excellente pessoa, muito sympathico, muito generoso, muito animado e muito trabalhador, mas tambem muito desiquilibrado e muito gastador.

Ganhou *rios de dinheiro*, mas quanto ganhava *tudo gastava* ou *malbaratava* — e deixou a familia em precarias circumstancias!...

Indo elle certo dia com *um bando de comilões*, seus amigos inseparaveis, a *Rio Tinto*, por occasião da festa e romagem de *S. Bento das Peras*, — depois de comer algo e *beber a valer* na fórma do costume, pôz-se a rir, saltar e brincar com os lavradores e lavradeiras.

Usava elle *grandes barbas* — suissas muito compridas e aguçadas — e, quando se dispunha a abraçar uma lavradeira, certo aldeão que a acompanhava e não gostou da brincadeira, — rompeu contra elle e *arrancou-lhe uma suissa inteira?!...*

Armou-se grande motim, porque os taes comilões ou zangões, que exploravam e acompanhavam o pobre *Schnei-*

der, uniram-se logo a elle. — Por seu turno os lavradores em grande numero, armados de cacetes e varapaus, uniram-se rapidamente ao aggressor, dispostos a espancal-os a todos.

Interveiu a tropa que policiava o arraial e a tempestade serenou; mas o pobre *Schneider* ficou sem a *grande suissa* que o lavrador lhe arrancou. — Assim andou muito tempo *manco das barbas* e fazendo rir as pedras das calçadas, até que a suissa que perdeu e ficou reduzida a *barba de pelle* — novamente cresceu.

— *Risum teneatis.*

Prosigamos.

— *Azeredo* — appellido congenere d'*Azevedo* e *Barbedo*, — é contracção d'*azereiredo*, bosque ou matta d'*azereiros*, — arvore ou planta rosacea da tribu das *amygdaláceas*.

Por seu turno *azereiro* póde vir do latim *acer*, *eris* — uma especie de *bordo* ou faia que deu *Azere*, nome d'uma villa e de duas freguezias nossas. Isto me leva a suppôr que *acere* (*Azere*) foi entre nós a fórma anterior de *azereiro* por *acereiro?!...*

A bussola é o ouvido.

Tambem na minha opinião *Alvaiazere*, villa e freguezia, tomou o nome de *Alva Azere* — *acere* branca ou *alva*, como *faia branca*, *choupo branco*, *salgueiro branco*, etc.

Cf. tambem *Penalva*, *Pedralva*, *Villa Alva*, o mesmo que *Villalva*, *Montalvo*, *Casa Branca*, *Monte Branco*, etc., povoações nossas.

Congenere d'*Azevedo* e d'*Azeredo* é o nosso appellido *Macedo*, que póde vir de *maceiredo* — bosque de *maceiras* ou *macieiras*, como já dissémos, — ou do hespanhol *Manzanedo*, que se lê *Mançanedo*, — bosque de *manzanas* — maceiras ou macieiras e maçans, que deram o nome a differentes povoações da *Hespanha*.

Ahi vai uma lista d'algumas.

—*Manzanal*, *Manzanares*, *Manzaneda*, *Manzanedillo*, *Manzanedo* (cá está elle!...); — *Manzanera*, *Manzaneros*, *Manzaneruela*, *Manzanete*, *Manzanilla*, *Manzanillo*, *Manzano* e *Manzanos*. — *Massana*, *Massanar* por *Massanal*, — *Masana Masanella* (nas *Baleares*); — *Masanel*, *Masegosa*, *Masegoso*, *Maseguilla*, *Masenga*, *Mases*, *Maset* por *Masanet* e este por *Manzanete?* — *Masid* e *Maside* por *Masanide* e este por *Manzanide*, o mesmo que *Masanido* por *Masanedo* ou *Manzanedo?*

Junte-se *Mazaeda* por *Mazaneda*, — *Mazaira* por *Mazanaira?* — *Mazan* por *Mazana?* — *Mazanal*, o mesmo que *Ma-*

sanar, supra, — *Mazara* por *Mazera* e este por *Mazanera* ou *Manzanera*, supra; — *Mazares* por *Mazanares* e este por *Manzanares*, etc., povoações da *Hespanha*.

Desculpem os meus bons visinhos tantos dislates.

Manzanedo, que na Hespanha se lê *Mançanedo*, podia muito bem dar *Mazanedo*, *Maçanedo* e *Macedo*.

Por seu turno *Manzaneda* com o mesmo diapasão castelhano de *Mançaneda*, podia dar *maçaneda*, unde *Maceda*, nome de varias povoações nossas tambem. — E com o *z* sibilante portuguez, *Manzaneda* podia tambem dar — e na minha opinião deu — *mazaneda* e *Mazeda!* nome d'uma fonte, de uma quinta e d'uma velha rua de *Lamego*.

— E' assim a *arte nova!*

Tambem temos *Nazido*, aldeia, — talvez fórma de *Mazido*, por *Mazedo*, irmão gemeo de *Mazeda*, pois *e* e *i* — *m* e *n* — confundíram-se e substituiram-se na onomastica portugueza, como já dissémos.

Na minha opinião tambem *Manzanilla*, supra, que se lê *Mançanilha*, — deu *Mancilha* ou *Mansilha*, appellido nosso!...

Mancilha ou *Mansilha*, quer, pois, dizer *Maçanzinha* ou *Maceirinha* e pertence aos muitos appellidos nossos, tirados das *maçans* e *maceiras* ou *macieiras*. Taes são as seguintes:

— *Maçans* ou *Maçãs*, — *Macedinho*, *Macedo*, *Maceira*, *Maceiró*, *Macens*, povoação nossa e o mesmo que *Maçãs*; — *Macide* e *Macido*, tambem povoações e fórmas de *Macedo*; — *Macieira*, *Maciel* por *Macial* e este por *Macieiral*, etc.

Cf. *Pinhel* e *Pinhal*, *Portel* e *Portal*, *Freixiel* e *Freixial*, *Corvel* e *Corval*, appellidos e povoações nossas, como *Lourel* e *Loural*, *Espinhel* e *Espinhal*, *Mourel* e *Moural*, *Ervidel* e *Ervedal*, *Fael* e *Faial*, — *Ferrel* e *Ferral*, *Tamel* e *Tamal*, *Turquel* e *Turcal*, o mesmo que *Torgal*, *Trogal* e *Trugal*, appellidos e nomes de povoações tirados da *torga*, como *Torgo*, *Torgos*, *Torgueda*, etc.

Volvendo ao longo topico do prefixo *al*, assimilando-se na onomastica portugueza, junte-se para *atesto do casco*:

— *Azibeiro* por *Azibreiro* ou *Al Zibeiro* — e *Zibreiros*, plural de *Zibreiro*. — *Azido* e *Zido?!*... — *Azoia*, *Azoio* — e *Zoio!*.., — *Azurara* e *Zurara*. — A villa de *Mangualde* chamou-se antigamente *Zurara da Beira*.

Veja-se no *Portugal antigo e moderno* — *Azurara* e *Mangualde*, artigos do meu benemerito antecessor *Pinho Leal*, — e *Zurara da Beira*, longo artigo meu, no qual ampliei e rectifiquei os do meu antecessor.

AZURARA — esboço etymologico

Alguem diz que *Azurara* vem de *azul ara*, e quer dizer *altar* ou *ara* de *pedra azul;* mas na minha opinião *Azurara* é uma fórma de *Azurera*, o mesmo que *Azureira* e *Açoreira*, povoações nossas, que tomaram o nome dos *açores*.

Por seu turno *açor*, ave diurna de rapina [1] — vem do latim *astur*, *uris*, que na Hespanha deu *astor* e *azôr* — e em Portugal *açôr*, o mesmo que *azôr*, porque a Hespanha, não tendo *z* sibilante, escreve *azôr*, mas lê *açôr*. [2]

Azurara ou *Azurera* e *Azureira* são, pois, reminicencia da occupação leoneza ou callaica, e soavam *in illo tempore Açurara*, *Açurera* e *Açureira*, unde *Açoreira*, povoação nossa, que tomou claramente o nome dos *açôres*, como outras muitas povoações nossas. — Taes são as seguintes:

— *Açôr*, *Açoreira*, *Açoreiras*, *Açoreiras de Baixo*, *Açoreiras do Meio*, *Açoreiras do Porto*, — e *Açôres*, aldeia, villa, freguezia, quinta e *archipelago!...*

Junte-se *Azueira* por *Azureira*, o mesmo que *Açoreira?;* — *Azueira de Baixo*, *Azueira de Cima* e *Azueira do Meio*, irmã gemea de *Açoreiras do Meio*, supra.

— *Azuleiral* por *Azureiral*, o mesmo que *Açoreiral?!...*

— *Azurara*, *Azureira* e antigamente *Zurara*, o mesmo *Azurara*, povoações que tomaram o nome dos *açôres* pela fórma castelhana *azôres*.

---

1 O *açôr*, como diz *Valdez* no seu *Diccionario español-portugués*, é uma especie d'ave rapina diurna da tribu dos *falcões*, similhante ao *gavião*, e tem cerca de dois pés d'altura. — A sua côr é *negra clara* por cima — e branca no ventre com manchas negras como nas azas e no bico. A cauda é cinzenta e branca — e as pernas são amarellas.

Foi denominado por *Linnêu* — *falco palumbarius* — *falcão pombeiro*.

Valdez, vbs. *astor* e *azor*.

2 O latim *astur* deu ou podia dar *assur*, como em bom latim *hastula* — maravalha — deu *assula* — ou v. v. — segundo se lê no *Magnum Lexicon*.

Por seu turno *assur* deu *açôr* por *assôr* — e talvez *Ansur*, appellido archaico de *Guesto Ansur*, o famoso heroe das *cem donzellas*.

V. *Figueiredo das Donas* no *Portugal antigo e moderno*.

De passagem diremos que o estranho nome *Guesto* vem claramente de *Godesteus, ei*, antigo nome pessoal, cujo patronimico *Godestei* deu *Gostei*, freguezia nossa.

— E' assim a *arte nova!...*

Godesteus foi abbade do convento da *Vaccariça* e do de *S. Salvador de Bouças*.

Tambem temos *Estoril* por *Astoril*, que tomou o nome do antigo castelhano *astôr*, o mesmo que *azôr* e *açôr*, — ou directamente do latim *astur*, *uris* supra.

Estoril é, pois, o mesmo que *Estoral*, *Astural*, *Açoreiral* ou *Azuleiral?* — terreno, sitio ou praia abundante em *açôres*.

— *Estoril* por *Estoral*, o mesmo que *Astural*, obedece ao diapasão das nossas muitas povoações, em cujos nomes se encontram as

Desinencias IL e AL com o mesmo valor

Occorrem-nos as seguintes:

— *Aroil* e *Aroal*, o mesmo que *Aroeiral*, bosque ou matta d'*aroeiras*, — lentisco, planta.

— *Barril* e *Barral* — povoações que tomaram o nome do *barro*, como outras muitas povoações nossas, — ao todo mais de cem.

Já démos uma lista d'ellas.

— *Bizarril* por *Bezerril* — e *Bezerral?!*. .

— *Cabril* e *Cabral*; — *Carril* e *Carral*; — *Carvoil* e *Carvoal*, povoações que tomaram o nome do *carvão*. — *Fail* e *Faial*, povoações que tomaram o nome das *faias*. — *Fetil* e *Fétal* — povoações que tomaram o nome dos *fétos*, *fentos*, *ficitos* ou *felgas*.

Já démos uma extensa lista d'ellas.

— *Landril* e *Landal* por *Landral*, povoações que tomaram o nome das *landes* ou *landras* — bolotas. — *Louril* e *Loural* por *Loureiral*.

— *Malhadil* e *Malhadal*, povoações que tomaram o nome das *malhadas* — *eiras* — sitios onde se malha o pão, — ou das *malhadas*, *colmeaes* — ou das *malhadas* — *curraes*, sitios onde se acolhe e dorme o gado.

Somma e segue:

— *Marroquil* por *Barroquil* — e *Barrocal*, povoações que tomaram o nome dos *barrocos*, o mesmo que *algares* e *barrancos*.

Já démos uma lista d'ellas.

— *Mouril* e *Moural*, povoações que tomaram o nome talvez dos *mouros*, como outras muitas povoações nossas, entre ellas *Monte de Adeus Mouros?!*...

— *Ouril* e *Oural?*...

Ahi vae um jorreiro de dislates meus, que por si só me dá entrada franca em um manicomio.

— Leia quem tiver coragem.

— *Ouril* e *Oural*, na minha opinião — talvez sejam aferese de *Louril* e *Loural?!...*

Cf. *Labarella* o mesmo que *Lavarella* — e *Varella*, povoações nossas, bem como todas as que vou citar e que são um especimen interessante da *onomastica portugueza comparada*.

Laboucinho e *Boucinho*; *Labrunhal* e *Abrunhal?!... Laceira* e *Ceira*; *Lacerda* e *cerda?!... Laeira* e *Eira*; *Lagiellas* — e *Giella* por *Lagiella?!* .. *Lamó* e *Mó*; *Lapella* e *Pella? Lapinha* e *Pinha? Larçã* e *Arcã* ou *Arçã* — como se lê na *Chorographia Moderna*; *Latães* — *Atães* e *Athães?!... Lavage* — *Bage* e *Vage!...* — *Lavaginhas* — *Baginha*, *Vaginha* e *Vaginhas?!... Lavariz e Variz*; *Leça* — *Eça e Deça*, appellidos tirados de *Decia villa* — granja, quinta ou casa de campo de *Decio*, nome romano?!... *Leirão* e *Eirão*; *Leiró* e *Eiró*; *Leirós* e *Eiroz*; *Leside* por *Le Side* — *Cide* e *Side?!* .. *Lever* — e *Ver*, que se encontra em *S. João de Ver*.

Junte-se *Levide* e *Vide*; *Lorigo* e *Origo!... Louraes* e *Ouraes*; — *Loural* e *Oural?!... Louriçal*, cujo plural é *Louriçaes* e *Ouriçaes?* — *Louril* — cujo plural é *Louriz* — e *Ouriz* — *Louro* e *Ouro* — na freguezia de *Lordello do Ouro*, freguezia que tomou o nome do baixo latim *lauritellus*, dim. de *lauretum*, que deu *Loreto*, *Loredo* e *Louredo* por *Loureiredo*, — do latim *Laurus* — louro e loureiro. — *Lourim*, que podia dar *Lourem* e *Ourem*.[1] *Lourosa*, *Louroso* e *Ouroso?!* .. *Lucriz* e *Criz*, *rio*, etc.[2]

— *Luffe* — e *Ufe*, *Casal d'Ufe*, *Estrada d'Ufe*, *Fonte d'Ufe*, etc. — De *Ataulphus*, *i*, nome germanico, que deu tambem *Adaufe*, *Adufe*, aldeia, — *Adoufe*, *Adoufe* ou *Adaufe* (sic); — *Villar d'Oufe*, *Casal Doufe* por *Casal d'Oufe* e este por *Casal d'Ufe*, povoações nossas, — e *Adolpho*, em latim *Adulphus*, *i*, nome pessoal?!...

— E' assim a *arte nova* — e *rira bien qui rira le dernier!...*

Junte-se *Luilhas* por *Lo Ilhas* — *O Ilhas?* — e *Ilhas*, povoação nossa.

---

1 Cf. *Agostem* por *Agostim*; — *Alvem* e *Alvim*; — *Daem* por *Dadem* — e *Dadim*; *Carem* e *Carim*; — *Pintem* e *Pintim*; — *Tourem* e *Tourim*; — *Alpoem* — aldeia — e *Alpoim* — casa nobre, quinta e appellido d'alta cotação.

Veja-se o topico infra: — *Diapasão francez*.

2 *Criz* por *Ocriz* póde vir de *Ocristis*, patronimico de *Ocrisius*, *ii*, nome romano.

A mãe de *Servio Tullio* chamava-se *Ocrisia*, como se lê no *Magnum-Lexicon*.

— *Luriz* por *Loriz* — e *Oriz!...*

Cf. *Louriz* e *Ouriz*, supra.

Somma e segue:

— *Lutra* — e *Utra*, appellido, o mesmo que *Lutra*, casal, etc., que tomou o nome do latim *lutra* — lontra, animal amphibio.

Cf. *Lontra* e *Lontreira*, povoações nossas, — *Lampreia*, appellido d'alta cotação, — *Lampreia* e *Lamprieira*, povoações nossas tambem. [1]

— *Luval* por *Loval* — e este por *Lo Val*, o mesmo que *O Val* — *Val* e *Valle*, povoações nossas; mas *Luval* por *Lobal* póde vir tambem dos *lobos*, como *Luvar*, *Luvares*, etc., — ao todo mais de cem povoações nossas.

Em muitos dos nomes supra, na minha opinião andam *assimilados* e bem ou mal usados como prefixos os artigos castelhanos *lo*, *la*, *los* e *las*, metathese do artigo arabe *al*, que entre nós deu *talvez* (?!...) — *o*, *a*, *os* e *as*, o mesmo que em Hespanha *lo*, *la*, *los*, *las*.

— *Fiat lux!...*

* * *

Volvendo ao topico das nossas povoações com as desinencias *il* e *al*, — ahi vão mais algumas.

— *Outil* por *Outeiril?* — e *Outeiral*, *Pasmil* — e *Pasmal!...*

A etymologia d'estas duas nossas povoações — *habet dentem coelhi!...*

Eu supponho que *Pasmal* vem de *Pasmil* — e este de *Casmil* por *Cazimiri*, patronimico de *Cazimirus*, *i*, — *Cazimiro*, nome d'um santo, etc., pois *ca*, *co*, *cu* e *ta*, *to*, *tu* confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza, como já dissémos.

Cf. *Casimira* e *Casimiro*, povoações nossas, — bem como tambem *Casmillo* por *Casimiro?!!!...*

Tambem na minha opinião *Cazimiri* deu *Creixomil*, nome de duas freguezias e de uma aldeia nossas.

A escala foi talvez: *Cazimiri* — *Crazimil* — *Craximil* — *Crixomil* — *Creixomil* — pois *i* deu *ei* na onomastica portugueza, como já dissémos.

---

[1] *Utra* por *Lutra* — lontra, — e *Lampreia*, são appellidos *tirados dos peixes*, como *Sardinha*, *Cação*, *Bordallo*, *Enguia*, *Peixe*, *Peixoto*, por *Peixota* — *pescada*, *Roballo*, *Eirol*, *Capatão* e talvez *Ruivo*, etc.

V. o meu *Diccionario de appellidos portuguezes*.

Por seu turno *Creixomil* por *Crixomil* deu *Queixomil* e *Quixomar*, povoações nossas tambem, como *Leodomirus*, *i* deu *Leomil* e *Lomar*, — *Guntimirus*, *i* deu *Candemil*, *Cando mil*, *Contumil*, *Contumillo* e *Gondomar*, — *Theodomirus*, *i* deu *Theomil* e *Thomar*, etc., povoações nossas.

— E' assim a *arte nova* e *rira bien qui rira le dernier?!...*

Somma e segue.

— *Passil* — e *Passal*; — *Resomil*, metathese de *Romezil?* — *Remezal* e *Romezal*, fórmas de *romanzeiral*, bosque de *romanzeiras*, o mesmo que *romeiras*, arvores que dão *romans* e tomaram o nome do arabe *romman*, como diz o sr. *Candido de Figueiredo*. — Mas — desculpe s. ex.ª — talvez que *romman* seja um dos muitos vocabulos *romy* ou *latinos*, que os arabes levaram da *Hespanha* para o seu idioma, como deixaram na *Hespanha* muitos vocabulos seus.

V. *La Civilisacion des Arabes*, por *Gustave Le Bon*, citada por nós supra — repetidas vezes.

Na minha humilde opinião *roman*, fructo da romeira ou romanzeira, póde vir de *Roma*, como *romanus* deu *Romão* e *Romano*, nomes pessoaes e nomes de santos, — e *Romana*, tambem santa, o mesmo que *romana* e *roman* (sic) — naturaes de *Roma*.

Cf. tambem *romaria*, *romeira*, *romeiro* e *romeiros*, que tomaram o nome de *Roma* — e talvez *romeira* na accepção de *romanzeira!* ..

Roma podia muito bem dar e na minha opinião deu *romana*, *roman*, *Romaneira*, quinta nossa, — *romano*, *romeira* e *romanzeira*, como *Avella*, outra cidade da *Italia*, deu *Avellana*, *avellano* e *avellanera* na *Hespanha* — e entre nós *avellan*, *avellaneira* e *avelleira*.

Já démos uma extensa lista das nossas muitas povoações que tomaram o nome das *avelleiras*; — ahi vae agora tambem outra das que tomaram o nome das *romeiras* ou *romanzeiras*.

Além de *Resomil*, metathese de *Romezil?* — *Remezal* e *Romezal* supra, temos — *Romã*, *Romaneira* (cá está ella!...) — *Romaneiras*, *Romaneiras de Baixo*, *Romaneiras de Cima* e *Romaneiras do Meio*; — *Romãs* e *Romazelhas*, o mesmo que *romazeirelhas* ou *romanzeirelhas?!...*

— Junte-se *Romeira* e *Romeiras*, — só com estes dois nomes *vinte e sete povoações?!!...*

— *Romeiral*, *Romeirão*, *Romeirinha* e *Romeirinhas*. — *Rumelha* — talvez fórma de *Romelha* e contracção de *Romanzelha!?*

Cf. *Romazelhas*, supra.

— *Ruminhal*, *Ruminheira* e *Ruminheirinha*, povoações nossas, não prendem com as *romeiras*. — São talvez fórmas de *Ramalhal*, *Ramalheira* e *Ramalheirinha*, nomes tirados da *rama* ou dos *ramalhos*.

Cf. *Ramalhal* e *Ramalheira*, povoações nossas tambem — e note-se que *a*, *i* e *u* confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza — bem como *lh* e *nh* — como já dissémos.

A' mesma familia dos *Ramos* e *Ramalhos* pertencem outras muitas povoações nossas, entre ellas *Romagom*,— talvez fórma de *Ramagon*, o mesmo que *ramagão* e *Ramalhão?!*...

Note-se que *Romagom* prende com o diapasão hespanhol, em que *ja*, *jo*, *ju* se lêem *ga*, *go*, *gu* — e no portuguez deram *lha*, *lho*, *lhu*.— Assim na *Hespanha* escrevem *atajo*, que se lê *atago*, em portuguez *atalho*. Tambem lá escrevem *remojo*, que se lê *remogo* — em portuguez *remôlho*, etc.

Tambem a desinencia hespanhola *on* em portuguez deu *ão*.

Assim em callaico ou castelhano deturpado podiam escrever *ramajon*, que soava *ramagon* e correspondia ao portuguez *ramalhão*.

Será tudo isto *um dislate?*

Volvendo ás desinencias *il* e *al* com o mesmo valor, junte-se tambem :

—*Sahil* e *Saial* — duas aldeias nossas?!... *Touril* e *Toural* — dos touros — e, como *finis coronat opus*, fecharemos este topico das desinencias *il* e *al*, mencionando :

— *Samel* e *Samil* — *Tamel*, *quasi Tamil* — e *Tamal*, povoações nossas, cuja etymologia *habet dentem coelhi!*...

Na minha opinião *Samil*, *Tamel* e *Tamal* — são fórmas de *Samel* por *Samuel*, nome hebraico e nome d'um santo, etc.

Mas — dirão os leitores — *Samel* daria *Tamel?*

— Se não deu, podia dar, pois

SA e TA

confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza.

Cf. *Saião* e *Tayão*; *Saim* e *Taim*; *Sainde* e *Tainde*; *Salaborda* e *Taborda?* *Salla* e *Talla*; *São Gil*, que se lê *Sangil*— e *Tangil*; *Sanque* e *Tanque*; *Sarrea*, appellido, — *Sarria*, povoação da Hespanha — e *Tarria*, casal nosso. —*Sarro* e *Tarro* — sedimento de qualquer liquido — nomes communs portuguezes, tirados do castelhano *sarro* — e este? — Talvez de

sar por *sal?!...* — *Sarroeira* e *Tarrueiro*, m. de *Tarroeira*. —*Zaburreira* por *Saburreira* — e *Taburreira*.

Junte-se ainda:

— *Sardoura*, *Sardoeiro* por *Sardouro* — e *Tardouro? Carrapassal* e *Carrapatal!... Carapeçal* e *Carapesal* por carrapessal — e *Carrapetal?!...*

Carapesal foi appellido nobre e antigo de *João Carapesal*, alcaide-mór de *Leiria* no tempo de *D. Sancho I.*

V. *Leiria* no *Portugal antigo e moderno*, vol. 4.º, pag. 79.

Carapesal, *Carrapaçal*, *Carrapatal*, *Carapeçal* e *Carrapetal* são fórmas do mesmo nome, tiradas de *Carapeço* por *Carapeto* ou *Carapito* — e estes de *carrapato*, contracção de *carrapateiro*, especie de feijão, que dá o *ricino* e abunda em varias regiões do nosso paiz, pelo que d'elle tomaram o nome differentes povoações nossas. Taes são as seguintes:

— *Carapeços*, appellido nobre, etc.— *Carapeta*, *Carapetal*, *Carapetalinho*, *Carapeteira*, *Carapeteiro*, *Carapeto*, *Carapetos*, *Carapetosa*, *Carapicha*, *Carapiço*, *Carapita*, *Carapito*, *Carrapassal*, *Carrapata*, *Carrapatal*, *Carrapatas*, *Carrapateira*, *Carrapateiras*, *Carrapateirinha*, *Carrapateirinhas*. *Carrapateiro*, *Carrapatello*, *Carrapatinha*, *Carrapato*, [1] *Carrapatosa*, *Carrapatoso*, appellido,— *Carrapatal*, *Carrapichana*, *Carrapitos* por *Carrapatos*, etc., povoações nossas.

Do exposto se vê que *sa* e *ta* confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza.

Tambem se confundiram e substituiram *so* e *to*.

Cf. *Sonda* e *Tonda*. — *Soppo* e *Topo*. — *Souto* e *Touto*.— *Soutosa* e *Toutosa*. — *Toito* e *soito*, fórma popular de *souto*.

Junte se *Coensos*, talvez fórma de *coentos* por coentros, povoação nossa tambem, que podia tomar o nome dos *coentros*.

Cf. *Coentral*, *Coentros*, *Alcoentre* por *Alcoentro* — e *Alcoentrinho*, povoações nossas.

Do exposto se vê que *Samel* deu ou podia dar *Samil*, *Tamel*, *Tamil* e *Tamal*.

— E' assim a *arte nova* — e *rira bien qui rira le derdier?!...*

Frei João de Sousa, nos *Vestigios da Lingua arabica*, — diz que *Alcoentre*, supra, vem do arabe *alconaitara* — ponte pequena, diminutivo de *alcantara* — ponte, como *Alcantari-*

---

1 *Carrapato* — é aldeia e quinta que muito bem se prestavam para um titulo de *baronato!...*

lha, povoação nossa, o mesmo que *Alcantarilla*, oito povoações da *Hespanha.*

— *Aliquando dormitat Homerus.*

Alcoentre é o mesmo que *Alcoentro*, pois, como já dissémos, as desinencias *e* e *o* confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza.

Cf. *Alfeite* por *Alfeito* — o fento, feito ou fieito; — *Alferrarede* por *Alferraredo*; — *Barrete* e *Barreto*; — *Burguete* e *Burgueto*; — *Carrazeda*, *Carrazede* e *Carrazedo*; — *Limede* por *Limedo*; — *Loureda*, *Lourede* e *Louredo*; — *Picota*, *Picote* e *Picoto*, etc., — povoações nossas.

Alcoentre é, pois, o mesmo que *Al* + *Coentro* — o coentro, planta aromatica bem conhecida entre nós, cuja etymologia é o latim *coriandrum*, tirado do grego *koriannon.*

Alcoentre não pertence, pois, á série das nossas povoações que tomaram o nome do arabe *alcantara* — ponte, mas á grande série das nossas povoações, cujos nomes apenas tem do arabe o prefixo *al.*

Ahi vae uma amostra do panno: — *Albarrol* e *Alborrol* por *Albarral* — o *Barral*; — *Albuquerque* — de *albus quercus*, — o carvalho branco; — *Alcobella* por *Alcovella* — *a covella* covinha; — *Alcobia* por *al cavea* — a cova; — *Alcóvas* por *Al Cóvas* — as covas; — *Alconilhes* por *Al Conilhos* — os coelhos; — *Alcordal* por *Al Cardal* — o Cardal; — *Alcorochel* por *Alcoruchal* — o *Corujal.*

— *Aldara* — de *Ilduara*, antigo nome pessoal que deu *Aldoar*, em *Bouças*, *Aldora*, nome d'uma santa. — *Alda*, nome de mulher — e *rua das Aldas*, velha rua do *Porto.* — *Aldareto*, *Aldrete* e *Aldreu* — de *Ilderedus*, *i*, nome germanico? — *Alfontes* — o mesmo que *as fontes*; — *Alfreita* — o mesmo que *Freita* e *Freitas*, muitas povoações nossas, — e *Freitas*, appellido, — do latim *fracta* — pedra fendida ou partida pelos raios, — o mesmo que *Talhada* e *Talhadas*, povoações nossas tambem.

— *Almoster* — de *Al Monasterium*, o mosteiro; — *Alpedrinha* — o mesmo que *A Pedrinha* — e — *Alpedreira* — o mesmo que *A Pedreira* — do latim *petra* — pedra; — *Alquarelha* — o mesmo que *aguarelha* ou *aguarella* — do latim *aqua*, agua. etc., etc.

Todos estes nomes de povoações nossas e outras muitas que podiamos citar — ao todo *mais de mil* — mencionadas na *Chorographia Moderna* com o prefixo arabe *al* — só téem de arabe o prefixo, como *Alcoentre* por *Alcoentro*, etc.

Ainda os açôres — Azurara e Zurara

Os leitores já viram que temos bastantes povoações, cujos nomes foram tirados dos *açôres;* — na Hespanha tambem ha muitas.

Ahi vão algumas, para os leitores vêrem que ha grande afinidade entre a onomastica portugueza e a hespanhola.

— *Astariz* por *Astoriz* — é o mesmo que *Estoriz*, plural d'*Estoril!...*

— *Astor* — é o mesmo que *Açôr*, povoação nossa.

— *Astorga* — cidade do reino de *Leão* e capital das *Asurias*, — vem de *Astorica* ou *Asturica*, abundante em *astures* ou *astores* — o mesmo que *azores*, entre nós *açôres*.

— *Asturquia* por *Astorguia* prende com *Astorga*, *Astorica* e *Asturica*, supra.

— *Astulez* é uma fórma de *Asturez*, tirada de *astur* ou *astor*, o mesmo que *azor* e *açôr*.

— *Asturiannos* é uma povoação de *Zamora*, cidade que já foi nossa, pelo que na sua cathedral se armou cavalleiro o nosso primeiro rei *D. Affonso Henriques*, como já dissémos.

Zamora tomou o nome de *Azamor*, cidade marroquina.

Por seu turno *Azamor* e *Zamora*, que na *Hespanha* se lêem *Assamor* e *Samora*, entre nós deram *Samor* e *Samora*, reminiscencias da occupação hespanhola, como *Samorão*, *Samorim* e *Samorinha*, filhos ou oriundos de *Samora*.

Volvendo ao topico *açôres*, ha tambem na *Hespanha* as povoações seguintes:

Azoreiras e *Azoreiros*, que se lêem *Açoreira* e *Açoreiros;* — e *Soreiros*, por *Azoreiros* ou *Açoreiros* — na *Galliza?!...*

— Em *Cordova* tambem ha *Azores*, que se lê *Açores*, etc.

Desculpem os meus bons visinhos tantos dislates. A culpa é d'elles, pois até hoje não se lembraram de investigar a etymologia das suas povoações.

Por ultimo direi que *Azurara* e *Zurara* recordam *Ferrara;* povoação e ducado da *Italia*, que talvez tomassem o nome do latim *ferrum* — ferro, que em latim deu *ferraria*, quasi *Ferrara*, — feraria ou mina de ferro.

O mesmo *ferraria* latino entre nós deu *Alferrara* por *Al* + *Ferrara* (?!...); *Alferrarede* por *Al* + *Ferraredo;* — *Ferraria*, *Ferrarias*, *Ferreira* e *Ferreiras*, por *ferrárias*, — *ferrarias* ou minas de ferro; — *Ferreiró* por *ferrarióla*, etc., ao todo *mais de cem* povoações nossas, — e talvez *Ferreira*, appellido meu e appellido vulgar.

Em italiano *ferraria* é actualmente *ferriéra ;* mas talvez fôsse antigamente *ferrara,* unde *Ferrara* supra, mesmo porque o cantão de *Ferrara,* pertencente á *Lombardia Veneziana* — tem *minas de ferro,* como dizem *Bescherelle e Devars,* na sua *Geographia historica universal.*

— *Fiat lux.*

Azurara por *Azurera* — *Azureira* ou *Açoreira* — talvez obedeça ao antigo diapasão portuguez de *Ferrara* por *Ferreira,* que se encontra em *Alferrara,* supra, — e ao diapasão italiano de *Ferrara,* por *Ferriéra,* entre nós *Ferraria* e *Ferreira* — e na Hespanha *Herraria, Herreria* e *Herréra?!...*

Desculpem os meus poucos leitores tantos dislates a proposito da etymologia de *Seiceira.*

* * *

Volvendo ao concelho de *Torres,* diremos tambem algo das outras suas numerosas povoações com a desinencia *eira,* mencionadas supra. Mais *tarde lá chegaremos,* porque é tempo de darmos aos leitores d'esta minha louca *Tentativa etymologico-toponymica* um esboço dos topicos tantas vezes promettidos!...

Serão elles:

1.º — *Diapasão francez.*
2.º — *Diapasão callaico.*
3.º — *Diapasão toscano.*
4.º — Diminutivos com a desinencia *cellus, i.*
5.º — Diminutivos com a desinencia *olus, a.*
6.º — *Bellezas da nossa orthographia.*
7.º — *Letras caprichosas.*
8.º — *Substituição de letras.*
9.º — *Prefixos de posição relativa,* como:

— *Alem* — por *alem de...*
— *Ante* — por *antes de...*
— *Cá* — por *áquem de...*

— *Pre,* do latim *prae* que se lê *pré* — e significa tambem *ante, antes* ou — *diante,* — e — *Trans, traz* e *trez* por *trans* — o mesmo que *alem de...*

Vou dizer *muitos dislates,* porque o assumpto é *nebuloso* e em grande parte *novo ;* — faltam-me as habilitações precisas e mesmo as *forças phisicas,* pois já estou *velho* e *decrepito.*

Nasci em 14 de novembro de 1832 e em 14 de novembro do corrente anno de 1909 — *se lá chegar* — vou completar *setenta e sete annos?!...*

— Com certeza direi *muitos dislates*, mas talvez que entre elles algo seja aproveitavel para este ramo de litteratura *d'arte nova*, — tão descurado até hoje em *Portugal*, na *Hespanha* e na *Italia*.

Diapasão francez

Nos principios da nossa monarchia, como já dissémos, viveram entre nós muitos *francos* ou *francezes* que trouxe consigo da *França* o conde *D. Henrique* — e outros que o mesmo conde posteriormente chamou para o auxiliarem — *como auxiliaram* — nas guerras contra os mouros e contra os leonezes, castelhanos e aragonezes.

Tambem *muitos francos* ou *francezes* militaram com o nosso primeiro rei *D Affonso Henriques* — e com os nossos reis immediatos - não só *francos* ou *francezes*, propriamente ditos, mas varios contingentes da *Borgonha*, *Flandres*, *Normandia*, *Bolonha*, etc.

Não admira, pois, encontrarem-se na onomastica portugueza e mesmo no idioma portuguez tantos vestigios do *diapasão francez*.

Datam d'aquelle tempo talvez o nome de *muitas povoações nossas* que tomaram e conservam o nome dos *francos* ou *francezes*. — Taes são — entre outras, as seguintes:

— *A dos Francos* — o mesmo que a villa, granja, aldeia ou povoação dos *Francos*.

Cf. *A dos Gallegos*, povoação nossa tambem, mencionada na *Chorographia Moderna*, como todas as que vou citar.

— *França*, *Franca*, *Francaria* e *Franzia* por *Francezia* — terras de *francos* ou *francezes*.

Cf. *Galleguia*, povoação nossa tambem, que está dizendo *terra de gallegos*.

Somma e segue:

— *Francas*, *France*, *Franceiras* ou *Franciscas*.

Note-se que *Francisco* é o mesmo que *Franco* e *Francez*.

Logo volveremos ao assumpto e seremos um pouco mais explicitos.

— *Francelha*, *Francelheira*, *Francelheirinha*, *Francelho*, *Francellos*, *Francezes*, *Franco*, *Francos*, *Franqueira*, *Franqueiro* e *Franzia*, o mesmo que *Francezia*, *Franqueira* e *Franca-*

ria, — como *Gallegueira* e *Galgueira* por *Gallegueira*, povoações nossas tambem, são synonimos de *Galleguia*.

Somma e segue.

— *Monte Franco* — por *Monte do Franco*.

Note-se que *Monte Franco* não é *monte baldio*, mas nome d'um *casal* e d'uma *herdade* ou *quinta*.

Note-se tambem que em algumas regiões do nosso paiz, nomeadamente no *Alemtejo* —*monte* é uma synonimia de *logar*, *povo*, *aldeia*, *casal*, *quinta*, *eido*, *aido*, *assento* e *residencia*.

De passagem diremos que estes 4 nomes geographicos ou *nomes* de terras: — *Eido*, *Aido*, *Assento* e *Residencia* — são vulgares ao norte do nosso paiz e em alguns cantões d'elle teem a mesma significação, nomeadamente no *Minho*, como já dissémos; — não se encontram, porém, nas regiões do *centro* e *sul* do nosso paiz.

Em compensação ao norte do nosso paiz *monte* designa sempre um *chão inculto*, relativamente *alto* e *deserto* — e nunca um *chão habitado* e *povoado*, como no *Alemtejo*.

Tambem ao norte do nosso paiz *ramada* significa *latada*, *parreira*; — no Algarve é o mesmo que *abegoaria*, casa para recolherem gado bovino e cavallar — e na *Galliza*, *ramada*, quer dizer *matta de carvalhos*?!

Volvendo á lista das nossas muitas povoações que tomaram o nome dos *francos* ou *francezes*, ainda temos: — *Porto Franco* — ou do *Franco*?

Note-se que *Porto Franco* é uma quinta nossa — e que até hoje em Portugal nunca tivemos *portos francos*.

Junte-se: — *Val de Franca*, *Val de Francas* e *Val de Franciscos*, o mesmo que *Francos* ou *Francezes* — e *Villa Franca*. — Só com este nome 20 povoações?!...

Villa Franca da Serra, *Villa Franca das Naves*, *Villa Franca de Xira*, *Villa Franca do Deão* e *Villa Franca do Rosario* [1] — ao todo mais de cem povoações nossas.

Junte-se ainda *rua dos Francos*, velha rua da cidade de *Guimarães* — cidade onde viveu o conde *D. Henrique* e onde nasceu e foi baptisado o nosso primeiro rei *D. Affonso Henriques*.

Tambem temos no aro do Porto a *Quinta de Francos* e

---

[1] Vejam-se no *Portugal antigo e moderno* os meus artigos com relação a estas ultimas 5 povoações, — nomeadamente o artigo *Villa Franca de Xira* — o mais longo de todos e que *não é obra de fancaria*.

a *rua de Francos*,— rua que atravessa a mencionada quinta e d'ella tomou o nome.

Do exposto se vê que os *francos* ou *francezes* tiveram demorada residencia em *Portugal* desde os principios da nossa monarchia, como provam as nossas muitas povoações mencionadas supra, que tomaram d'elles claramente o nome.

Obedecem ao *diapasão francez* tambem outras muitas povoações nossas, em cujos nomes se encontra a desinencia franceza *em* por *im* — bem como *ens* por *ins*.

Tambem temos muitas povoações, em cujos nomes se encontra *o* por *a* — e *u* por *ou*, como em francez.

Ahi vae uma amostra do panno.

Desinencia EM por IM na onomastica portugueza

— *Abexim* ou *Boxim* — e *Boxem* ou *Abexim*. [1]

De *Abyssinius, ii, Abyssinio*, antigo nome pessoal e nome d'um santo, tirado de *Abyssinia*, como *Romano*, o mesmo que *Romão* — de *Roma*; *Franco* — da *França*; — *Egypcio* — do *Egypto*, etc.

— *Agostem* por *Agostim* — o mesmo que *Agostinho* por *Augustinho*.

De *Augustinus, i*, diminutivo de *Augustus* — *Augusto*, nome romano e nome d'um santo, como *Agostinho*.

— *Aldarem* por *Aldarim* — e este por *Alduarim?*

Talvez de *Ilduarinus, i*, diminutivo de *Ilduarus, i*, que se encontra em *Alduar* ou *Aldoar*, freguezia do concelho de *Bouças*.

Cf. *Ildwara*, antigo nome de mulher, que figura em velhos documentos e na minha opinião deu *Aldara* e por contracção *Alda*.

Cf. *rua das Aldas*, velha rua do *Porto*, no bairro da *Sé?!...*

— *Alpoem* e *Alpoim* — povoações nossas — e *Alpoim*, appellido muito nobre e muito antigo do snr. conselheiro e par do reino — *José Maria Alpoim Cerqueira Borges Cabral*, etc.

— *Alvem* e *Alvim* — povoações nossas.

De *Albinus, i* — *Albino*, nome d'um santo, etc. — diminutivo de *Albus* — *Alvo, Branco*.

Albino é, pois, o mesmo que *Branquinho*, appellido nosso.

---

[1] São povoações nossas, mencionadas na *Chorographia Moderna*, bem como todas as que vou citar.

— *Azurem* por *Azorim* — e este por *açorim* — *açorinho* ou *açorzinho* — pequeno *açôr*, — ou de *Azurinus, i*, diminutivo de *Azurius* — *Azurio*, nome d'um santo, etc.

— *Carem* e *Carim*, povoações nossas.

De *Carinus, i*, diminutivo de *Carus, i*, [1] nome romano, tirado do latim *carus* — bemquisto.

— *Cartem* e *Cartim* por *Quartim*, povoações nossas.

De *Quartinus, i*, diminutivo de *Quartus*, *Quarto*, nome romano e nome d'um santo, tirado de *quartus* — quarto, adjectivo numeral, pois, como já dissémos supra, os romanos tiraram nomes pessoaes de todos os seus adjectivos numeraes — desde *prinus*—primeiro, que deu *Primus, i*, — *Primo*, nome de um santo, e *Prime*, povoação nossa, — até *decimus*, que deu *Decimo*, tambem nome pessoal.

Quartinus, i, — além de *Cartem* e *Cartim* — tambem deu ou podia dar *Quartilho* por *Quartinho* — e *Quartinos*, povoações nossas.

Cf. *Martino* e *Martinho*, nomes pessoaes.

Tambem *Quartinus, i*, deu *Quartim*, appellido, — e por metathese *Quatrim*, appellido e nome de varias povoações nossas.

Tambem na minha opinião *Quartinus, i*, deu *Quartinianus, i, is*, unde *Quartilhães* por *Quartinhães* — e *Quartinhaes* por *Quartinhães*, povoações nossas.

Quartus deu ou podia dar *Quartinus* e *Quartinianus*, como tambem *Maximus* deu *Maximinus*, *Maximianus*, *Maximinianus*, *Maximilianus* por *Maximinianus* — e *Maximilus* por *Maximinus*.

Por seu turno *Maximilus, i*, deu *Meixomil*, freguezia do concelho de *Paços de Ferreira*, etc.

* * *

Tambem *Martinus, i*, deu *Martinianus, i, is*, unde *Martinhães*, povoação nossa, como *Quartinianis* deu *Quartilhães* por *Quartinhães*, supra.

Podia tambem *Quartinianus* ter a fórma *Quartilianus*.

Cf. *Maximianus*, *Maximinianus* e *Maximilianus*.

Por seu turno *Quartilianus, i, is*, podia sem violencia dar *Quartilhães*.

Tambem *Martinus, i*, pelo diapasão italiano deu *Martinellus, i*, que se encontra em *Martinel*, povoação nossa, — e

---

[1] *Carina* foi santa.

pelo diapasão *toscano* deu *Martinicelus*, *i*, unde *Martincel*, povoação nossa tambem.

Ao diapasão de *Martinel* por *Martinelli* pertence o nosso appellido *Pignatelli*, que veio da *Italia*, — e *Antonelli*, appellido italiano, tirado de *Antonius* — *Antonio*, que deu *Antoninus*, *Antonianus* e *Antoniolus*, *i* — unde *Antanhol*, aldeia e freguezia do concelho de *Coimbra*, como já dissémos.

Tambem *Antoninus* deu *Antoninho* o mesmo que *Antonino*, povoação nossa, como *Antonina* deu *Antoinha*, povoação nossa tambem.

Junte-se *Antonicas*, nome d'uma quinta nossa, tirado de *Antonica*, fórma popular de *Antoninha*.

Tambem *Antonius* na Hespanha deu *Anton*, unde *Antão*, nome pessoal portuguez e de varias povoações nossas, como talvez *Antões*, tres povoações nossas tambem; mas na minha opinião *Antões* vem de *Antoniis*, patronimico de *Antonius*, *ii*, como *Antunes*, appellido e nome de dois casaes nossos.

Tambem *Antonianis*, patronimico de *Antonianus*, *i*, deu *Antunhaes* por *Antunhães*, aldeia nossa.

Cf. *Antonho*, fórma rude e popular de *Antonio*.

E' assim a *arte nova*, mas basta de *Cartem* e *Cartim*.

Nós tambem temos *Cardim*, que póde vir de *Cartim*; mas na minha opinião *Cardim* vem de *cardinho* por *Cardainho*, contracção de *Cardalinho*, diminutivo de *Cardal*, povoações nossas tambem.

Veja se a lista supra das nossas muitas povoações que tomaram o nome dos *cardos*, avultando entre ellas *Cardia* por *Cardaria*, — *Cardida* por *Cardeda*, — *Cardido* por *Cardedo*, — *Cardiga* por *Cardida*, — *Cardigos* por *Cardidos*, — *Cardosa*, *Cardoso*, *Cardote* e *Cardunxal* por *Cardosal?*

Prosigamos com o *diapasão francez* — *em* por *im*.

— *Cotem*, povoação nossa.

Talvez seja uma fórma de *Cotim* por *Coutim*, que se encontra em *Alcoutim*, o mesmo que *Al Coutim* — o *Coutinho* ou *Cotinho*, pequeno *côto* ou pequeno *couto*.

Estes dois vocabulos teem significação muito differente. — *Côto* é o mesmo que *outeiro*, pequeno monte; — *couto* era chão privilegiado. Mas na minha opinião *côto* e *couto* por vezes confundiram-se na onomastica portugueza, — já porque *o* deu *ou*, [1] — já porque varias povoações nossas, denominadas *Couto*, demoram em *côtos*, sitios altos e vistosos. — Taes são

[1] Veja-se o topico infra: — *Substituição de letras*.

duas *quintas do Couto*, fronteiras uma á outra no *Douro* [1] — e *Alcoutim*, no *Algarve*.

Note-se tambem que temos talvez mais de *trezentas povoações* com os nomes de *Coutinho*, *Coutinhos*, *Couto* e *Coutos*. — São demasiados *coutos* ou *honras* para um paiz tão pequeno.

Dos *montes* tomaram o nome talvez *mais de dez mil* povoações nossas, — dos *outeiros* talvez *mais de cinco mil* — e dos *côtos* as seguintes:

— *Cota* e *Cotas (Villarinho de Cotas)* por *Côto* e *Côtos?*; *Cotão* por *Cotalão*; *Cotães* por *Cotões?*; *Cotalleira*; *Cotarejo*; *Cotares* por *Cotales* e este por *Cotólos?*; *Cotarinhos* por *Cotorinhos*, *Cotolinhos*, *Cotosinhos* ou *Cotinhos?*

— *Coteiro* e *Couteiro* — não véem dos *côtos*, mas dos *coutos*.

— *Couteiro* devia ser o *guarda*, *superintendente* ou *fiscal* dos coutos.

Cf. *Monteiro* — o *guarda* ou *superintendente dos montes*, que os defendia das féras com *montarias*, etc.

Junte-se *Cotelaio* — por *Cotolaio* e este por *cotoloio* — de *cotolo*, pequeno *côto?*

Cf. *Arreçaio*, *Reçaio* e *Roçaio*, povoações nossas tambem, affins de *Cotelaio* e de *Tocaio*, appellido nosso, importado da *Hespanha?*

Na minha opinião *Arreçaio* e *Reçaio* são fórmas de *Roçaio* e este de *Roçádio*, o mesmo que *Rozadio*, povoação da Hespanha em *Santander* — e *Roçado*, povoação nossa.

Cf. *Roçada*, *Roçadas*, *Roçadinhas*, *Roçado* e *Roçaio*, povoações nossas; — *Rosada*, *Rosadas*, *Rozada*, *Rozadas* e *Rozadio*, povoações da Hespanha, que se lêem *Roçada*, *Roçadas* e *Roçádio*, quasi *Roçaio?!*..

— E' assim a *arte nova*.

Prosigamos.

— *Cotelhe*, povoação nossa.

E' uma fórma de *Cotelho*, diminutivo de *côto*, como *Cotello* e *Cotarejo* por *Cotarelho*, reminiscencia da occupação hespanhola.

Cf. *Lagarejos*, povoação da *Hespanha*, — e *Lagarelhos*, povoação nossa.

— *Cotelões* por *Cotolões* — do *cotolão*, grande *côto?*

---

[1] Uma demora na freguezia de *Cambres*, concelho de *Lamego*; — a outra na freguezia de *Fontellas*, concelho da *Regoa*.

— *Cotens* por *Cotins* — plural de *Cotem* por *Cotim* — *Cotinho*, como já dissémos.

Junte-se *Côto*, *Cotinho*, *Cotinhos*, *Cotolinho* por *Cotellinho*, diminutivo de *Cotello* e subdiminutivo de *Cóto*, — e *Cothurinho por Cotolinho ?!...*

Tambem temos *Cotões* por *Cotolões*.

V. *Cotelões* supra.

* * *

Tambem temos *Cotoluda*, — aldeia, que podia tomar o nome dos *côtos*.

A desinencia *uda*, *udo*, é vulgar em portuguez e na onomastica portugueza.

Cf. *Barbuda* e *Barbudo*, — *Beiçuda* e *Beiçudo*, — *Bicuda* e *Bicudo*, — *Cabeçudo* e *Cabeçudos*, — *Talurdo* por *Taludo*, etc., povoações nossas.

Tambem temos em portuguez: — *amoruda* e *amorudo*; — *barriguda* e *barrigudo*; — *bochechuda* e *bochechudo*; — *carrancuda* e *carrancudo*; — *cascuda* e *cascudo*; — *cabelluda* e *cabelludo*; — *carnuda* e *carnudo*; — *choruda* e *chorudo*; *felpuda* e *felpudo*; *lanzuda* e *lanzudo*; *massuda* e *massudo*; *nariguda* e *narigudo*; *pançuda* e *pançudo*; *taluda* e *taludo*; *telhuda* e *telhudo*; *trombuda* e *trombudo*; *cachaçuda* e *cachaçudo*; *papuda* e *papudo*; *pelluda* e *pelludo*; *repolhuda* e *repolhudo*; *rombuda* e *rombudo*, etc.

Junte-se o portuguez antigo: — *conheçuda* e *conheçudo* por *conhecida* e *conhecido*; — *sabuda* e *sabudo* por *sabida* e *sabido*; — *temuda* e *temudo* por *temida* e *temido*, — unde *Themudo* e *Themido* por *Temudo* e *Temido*, appellidos. — Ao mesmo diapasão pertence tambem o nosso appellido *Sanhudo* — e o antigo portuguez *tiuda e mantiuda* por *tida* e *mantida*.

Podia, pois, *Cotoluda* tomar o nome d'algum *côto*, se demorar n'elle ou junto d'elle.

— *Dicant paduani* — respondam os filhos da localidade.

Junte-se *Côtto* por *Côto*; *Coturella* e *Coturellos*; — *Cutarella* por *Coturella*; — *Cuteis* por *Cutêis* e este por *Cotens* supra; — *Cutéllo*, aldeia, por *Cotéllo* — e *Cutinho* por *Cotinho* ou *Coutinho*, pois na onomastica portugueza *ou* pelo diapasão francez deu *u*.

Veja-se o topico infra: — *Substituição de letras* — e *hurrah* pelos *coutos* e *côtos!...*

Nós tambem temos *Cotimos*, aldeia e freguezia do conce-

lho de *Trancoso*, mas *Cotimos* na minha opinião vem do latim *cotinus*, especie de *zambujeiro*, como diz *Plinio* — *Plantæ bacatæ*, titulo VI, pag. 698.

Por seu turno *cotinus* vem do grego *kotinos* — a oliveira brava ou zambujeiro; em latim *oleaster*; em castelhano *azebuche*; em catalão *vilastre* — e em tudesco *wilderbaun*.

Laguna, pag. 90.

* * *

Proseguindo com o diapasão francez *em* por *im*, já nos ia esquecendo mencionar *Catem*, povoação nossa, talvez fórma de *Gatem* por *Gatim* — (gatinho) — povoação nossa tambem; como *Guetim* por *Gatim?!...*

Note-se que os gatos bravos ou *teixugos* deram o nome a differentes povoações nossas, — ao todo *mais de trinta!...* — Taes são:

— *Cata* e *Gata?* — *Catão* e *Gatão?* — *Catarredo* por *gatarredo?* — *Catella* e *Gatella!...* — *Catellaria* por *gatellaria* — e *Gataria!..* — *Catellas* por *gatellas?* — *Catem* por *Catim* — *Gatim* e *Guetim*, como já dissémos.

— *Cateoza* — por *gateosa* ou *gatosa?* — abundante em *gatos*, — povoação nossa tambem.

Cf. *Vermiosa*, abundante em *vermes*; — *Formigosa*, abundante em *formigas*; — *Coelhosa*, abundante em *coelhos*; — *Piolhosa*, abundante em *piolhos?*; — *Moscoso* ou *Moscosa*, abundante em *moscas*; — *Gaioso* e *Gaiosa*, abundante em *gaios*, etc., povoações nossas.

Para *atêsto do casco* junte-se *Minhatosa* por *minhotosa* — abundante em *minhotos* — aves, o mesmo que *papapintos* ou *papapitos*, *milhafres*, *peneireiros*, e *peneirinhas!* — O povo assim denomina os *milhafres*, porque, andando a voar e lobrigando os *pintainhos*, seu manjar predilecto, mas que só se encontram em sitios povoados, — suspendem o vôo. — Conservam-se firmes no ar, fóra do alcance dos tiros, batendo as azas, como que *peneirando* e mirando os *pintainhos*, até que, vendo occasião de os apanharem sem risco, — descem a prumo sobre elles, — rapidamente lhes lançam as garras e os levam!..

Proseguindo com o thema *em* por *im*, — junte se *Dadim*, — *Daem* por *Dadem*, o mesmo que *Dadim* — e *Dem* por *Daem*, povoações nossas, mencionadas na *Chorographia Moderna*, como todas as que vou citando.

— *Formosem* por *formosim* — *formosinho?*

Cf. *Formosa*, *Formoselha*, *Formosellos*, *Formoso* e *Formosil* por *Formosim*, o mesmo que *formosinho?* — como *Fortim*, povoação nossa tambem, por *fortinho*, pequeno *forte*, — o mesmo que *Fortunho*, tambem povoação nossa, como *Fortunhos* e *Fortuinhos* por *fortinhos?!...*

E' assim a *arte nova* — e *vira bien qui rira le dernier.*

No topico *Substituição de letras* verão os leitores que *u* e *i* — muitas vezes se confundiram e substituiram na onomastica portugueza — bem como as desinencias *il* e *im*, embora mais raras vezes.

Prosigamos.

— *Gondarem* por *gondarim* — e talvez *Gondim* por *Gondarim?*

Cf. *Gondariz* por *Gondarins*, plural de *Gondarim* — e *Gondoriz* por *Gondariz.*

Mas *Gondariz* e *Gondoriz* talvez provenham de *Gunderiquiz*, patronimico de *Gundericus*, nome germanico — E *Gondim* talvez seja uma fórma de *Gontim*, povoação nossa, como esta de *Contim* — e esta de *Cantim*, povoações nossas tambem, cujos nomes talvez fossem tirados de *Quintini*, patronimico de *Quintinus*, *i* — *Quintino*, nome d'um santo, etc., diminutivo de *Quintus* — *Quinto*, nome romano e tambem nome d'um santo.

A escala seria: *Quintini* — *Quentim* — *Cantim* — *Contim* — *Gontim* — *Gondim?...*

— Junte-se *Lacem* por *lacim* — lacinho?

Cf. *Laços* e *Lações*, povoações nossas.

— *Lagarem* por *lagarim* — e *Lagarinho*, povoações nossas, que tomaram o nome dos *lagares*, como outras muitas. Taes são as seguintes:

Lagar e *Antelagar* (sic) por *Ante Lagar*, que está *antes* ou *diante* do *lagar*. Note-se que *Antelagar* é uma *aldeia*, o que prova ser muito antiga e datar do tempo em que um *lagar*, por certo *bem humilde*, n'aquella região dava na vista e era *um monumento*, uma maravilha!

Junto das *Caldas da Felgueira* vi eu um lagar, talvez congenere, formado por leves cavidades abertas em um penedo nativo, com face declivosa e exposto ao ar livre.

As ditas cavidades eram pequenas *regueiras* que levavam o mosto para uma *biqueira* do penedo, onde o colhiam.

O pobre lagar não podia ser mais tosco, mais simples nem mais rudimentar!...

Em *Monsão* vi eu tambem outro lagar muito simples,

muito archaico e muito rudimentar, — egualmente exposto ao ar livre e formado por uma só pedra movel, cavada ligeiramente, onde esmagavam as uvas com certo apparelho de paus fixos, mas não podia ferver o mosto. — Levavam-n'o *assim crú* para as pipas?!...

Era um lagar *muito luxuoso* com relação ao da *Felgueira,* mas com relação aos *lagares* do *Douro* — causava nôjo!...

Volvendo ás nossas muitas povoações que tomaram o nome dos *lagares*, citarei pelo exotismo *Lagardona,* que póde vir de *Lagarona* — ou de *Lagar da Dona,* — d'alguma senhora, fidalga distincta.

Cf. *Aldeia da Dona*, *Casal das Donas*, *Dona Senhora* (sic), — *Donaria*, *Donas*, *Fonte da Dona*, *Quintandona*, etc., povoações nossas.

Junte-se *Lagarata* por *Lagareta*, povoações nossas,— como *Lagarelhos*, *Lagariça*, *Lagariças*, *Lagarinho*, *Lagarinhos*, etc., — ao todo mais de *cento e cinconta povoações*, que tomaram o nome dos *lagares.*

Volvendo ao diapasão francez *em* por *im*, ainda temos *Lebrem* por *lebrim*, o mesmo que *Lebrinho*, povoações nossas que tomaram o nome das *lebres*, como outras muitas. Taes são as seguintes:

— *Lebra?* — *Lebre*, *Lebreira*, *Lebres*, *Lebrinho*, — *Castro Laboreiro*, — *Laboreiro* e talvez *Laborim* por *Lebrim!...*

Note-se que o termo *lebre* vem do latim *lepus*, *ōris*, que no baixo latim deu *Leporarius*, *ii* — *lebreiro* abundante em *lebres* e *caçador de lebres*, unde *Lebreiro*, appellido nosso.

Tambem *leporarius* deu ou podia dar *laporarius*, unde *Laboreiro* e *Castro Laboreiro,* o mesmo que *Lebreiro*, abundante em *lebres.* Tal é e foi sempre a nossa região de *Castro Laboreiro* — uma das mais altas, mais asperas, mais frias e menos povoadas do nosso paiz.

Castro Laboreiro rivalisa com as serras de *Monte do Muro, S. Macario*, vulgo *Samagaio,* unde *Samagaio*, appellido; — *Gralheira* e *Penude*, na *Beira Alta*, — e com as de *Montalegre* e *Barroso*, em *Traz-os-Montes.*

— E, assim como *lepus*, *ōris* deu *leporinus*, *i*, unde *Lebrim* e *Lebrinho*, tambem deu ou podia dar *laporinus*, *i* unde *Laborim* por *Leborim*, fórma anterior de *Lebrim*, — e *Laboris* por *Laborins?*

Será tudo isto um dislate?

Prosigamos.

*
* *

— *Metem*, povoação nossa, é talvez uma fórma de *Metim* por *Medim*, contracção de *Metellim*, que deu *Medelim* e *Medim*, povoações nossas tambem. [1]

Por seu turno *Medelim* é uma das nossas muitas reminiscencias da occupação romana, pois *Medelim* por *Medellim* vem claramente de *Metellinus*, *i*, diminutivo de *Metellus*, *i*, nome ou cognome romano *d'alta cotação*, pois deu *Metelli* — os *Metellos*, uma das familias romanas mais nobres e mais consideradas.

Avultou entre elles *Quinto Cecilio Metello*, cognominado *Numidico*, por se haver immortalisado na guerra contra *Jugurtha*, rei da *Numidia*.

Outro *Metello* da mesma familia salvou do fogo o *Palladio*, quando o templo de *Vesta* foi reduzido a cinzas — e elle era *Grão Sacerdote* do dito templo.

Tambem *Quinto Cecilio Metello Celer*, da mesma familia, se immortalisou na guerra contra *Catilina*.

A' mesma familia pertenceu tambem *Lucio Cecilio Metello* tribuno do povo romano, que nas guerras civis entre *Cesar* e *Pompêu* foi partidario d'este ultimo e se oppoz a *Cesar*, quando este, havendo derrotado *Pompêu*, entrava em *Roma* com o seu exercito triumphante.

Tambem outro *Quinto Cecilio Metello* da mesma familia, famoso general, conquistou a ilha de *Creta* e a *Macedonia*, pelo que foi appellidado *Macedonico*.

Outro *Lucio Cecilio Metello* da mesma familia, foi appel-

---

[1] No concelho de *Penaguião* houve uma freguezia denominada *Santo André de Medim*. - Por ser pouco populosa foi extincta e annexa a outra contigua, denominada *Sanhoane*, ou *S. João*, que prevaleceu com o nome de *Sanhoane*, mas tomou e conserva como padroeiro *Santo André*, vulgo *Santo André de Medim*.

No mesmo concelho de *Penaguião* ha na freguezia de *S. Miguel de Lobrigos* a povoação de *Lourentim*, que tomou o nome de *Laurentinus*, *i*, diminutivo de *Laurentius*, *ii* — *Lourenço*, nome de um santo, etc.

A pequena distancia de *Lourentim* ha no concelho da *Regoa* a freguezia de *S. José de Godim*, que tomou o nome de *Gothinus*, *i* — *Godinho*. — E na freguezia de *Moura Morta*, concelho da *Regoa* tambem, ha *Nostim*, aldeia que tomou o nome de *Naustinus*, *i*, diminutivo de *Naustus*, *i*, *Nausto*, nome d'um santo, etc.

Naustini deu *Nostim* pelo diapasão francez *o* por *aù*.

Medim, *Lourentim*, *Nostim* e *Godim* pertencem á grande série de povoações que ha em volta de *Lamego* com a sonora desinencia *im*.

Já démos a lista e a etymologia d'ellas.

lidado *Cretico*, por se haver immortalisado nas suas expedições a *Creta*, no anno 66, antes do nascimento de *Christo*.

Tambem outro *Metello* da mesma familia se cobriu de gloria na conquista da *Dalmacia*, pelo que se cognominou *Dalmatico*.

Ainda outro *Metello*, general romano, se distinguiu na guerra contra os *Sicilianos* e *Carthaginezes*.

Do exposto se vê que os *Metellos* foram honra e lustre do imperio romano desde antes do nascimento de *Christo* e se immortalisaram na *Grecia*, na *Africa*, na *Dalmacia*, em *Roma*, etc.

Não lhes foi tambem estranha a nossa peninsula, como revelam as nossas povoações que tomaram o nome de *Metellus*, pois além de *Medim* e *Medelim* por *Metellim* supra, — temos *Metella* e *Metello*, povoações nossas, como tambem *Medella*, *Médêllo* e *Medellos*, por *Metella*, *Metello* e *Metellos* — e *Medellinha* por *Metellina*. [1]

Médêllo é uma povoação muito linda no aro de *Lamego*.

A Hespanha tem *Medella*, *Medelas*, *Medellin* e *Medello*.

Para *atêsto do casco* junte-se *Mettello*, appellido muito nobre e antigo — e *ad rídendum* — *Medlicotte*, uma das *muitas quintas* [2] da freguezia dos *Olivaes*, no aro de *Lisboa*.

Cf. *Medlicott*, appellido actual inglez de *R. S. Medlicott*, parocho da freguezia de *S. Thomé*, da cidade de *Portsmouth*, na *Grã-Bretanha*, como se lê no *Seculo*, jornal de *Lisboa*, n.º 8:826, de 22 de Agosto de 1906, — pag. 1.ª, col. 7.ª.

Medlicotte é o mesmo que *Medlicott*, o que me leva a suppôr que a mencionada quinta pertenceu a algum parente do parocho actual de *Portsmouth*, que tomaria d'ella — ou *vice-versa* — o appellido supra — *Medlicott*.

A desinencia *ote*, em inglez *ott* — é muito vulgar, tanto em portuguez puro, como no portuguez popular — e na onomastica portugueza.

São povoações nossas, todas mencionadas na *Chrorographia Moderna*, além d'outras as seguintes:

— *Alrote*, *Cardote* por *Cardalote*. — *Carvalhote*, *Cazalzote* por *Casalote*, — *Chiote*, *Garrote*, *Ingote*, *Fonte do Pote*, *Maca-*

---

[1] Cf. *Metellinus, a, um*, latim puro de *Cicero*, — coisa pertencente á familia dos *Metellos*.

[2] São nada menos de 145, todas mencionadas com os nomes proprios, alguns *muito exoticos*, na *Chorographia Moderna*, vol. 4.º pag. 742.

corte por *Macacote*; [1] — *Maricota* e *Maricote*, — *Mascote* e *Medlicotte* (cá está ella!...)

Junte-se ainda *Melote*, *Negrote*, *Parrote* e *Parrotes* por *barrote* e *barrotes?*; — *Pellote*, *Picote*, *Pinhote* por *pinhalote*; — *Pote*, *Sipote* e *Val Cipote* (sic): — *Valligote*, *Velhote*, *Zote*, *Monte do Zote*, *Val de Zote* — e *Farinhote*, appellido.

Do exposto se vê que temos na onomastica portugueza, muitas povoações afinadas pelo diapasão de *Medlicotte* e julgo que a desinencia *ote* é *portuguezissima*, porque *os idiomas todos são formados pelo povo*, como já li algures — e no portuguez popular a desinencia *ote* ainda hoje é trivial, muito expressiva e uma das caracteristicas do nosso idioma.

Ahi vae uma ligeira amostra do panno.

* * *

— *Amarelote*, *amargote*, *azedote*, *bairote*, *brichote*, *breigeirote*, *carote*, *ceote* (pequena ceia), — *espertalhote*, *fartote*, *feiote*, *filhote*, *finote*, *franchinote*, o mesmo que *rapazelho* e *rapazote*; — *frangalhote*, *girote* (vadio); — *grandote*, *paparote*, *piparote*, *pipote*, *rapazote*, *reguingote* (que *reguinga*; [2] — *ribeirote*, *trutantote*, *vilhacote*, etc.

Todos estes vocabulos são do *portuguez popular hodierno* — e pertencem ao *antigo portuguez popular*, os seguintes:

— *Cardote* por *cardalote?*, — *carvalhote*, *casalzote*, *escravote*, *esfuziote* (reprehensão); — *farinhote*, *macacote*, *maricote*, *melote*, *negrote*, *parrote* por *barrote*, *pellote*, *picote*, *pinhote*, *valligote*, *etc.*, que se encontram nas povoações mencionadas supra, cujos nomes são *muito antigos*.

Junte se *cavallicoque* e *cavallicote*, diminutivos de *cavallo*, como *cavallinho* — e outr'ora tambem *cavallicho*, que se encontra em *Cavalluche* por *cavallucho*, casal da freguezia de *Sacavem*, annexo á quinta do *Papagaio*, — quinta hoje pertencente ao meu proli-parente *Albino Rodrigues Cardoso Corva-*

---

[1] Tambem temos *Macaco*, povoação, e em portuguez popular *macacão* — homem astuto, *finorio!...*

Ad ridendum seja-me licito dizer que no meu bom tempo de *Coimbra* (1851-1856) teve alli grande popularidade o *José Macaco*. Assim denominavam certo criado do *Hotel Mondego*, por ter o nariz *achatado*, como o de certo academico d'então, cognominado por esse motivo — *Chato Zé do Cão?!...*

[2] *Reguinga* deu *reguingote*, como bala deu *balote*, camara deu *camarote*, capa deu *capote*, mala deu *malote*, pipa deu *pipote*, serra deu *serrote*, etc.

ceira, negociante em *Lisboa*, director da *Companhia Internacional de Seguros* e excellente pessoa.

E' tambem dono da bella quinta do *Reguengo*, onde vive junto do *Lumiar*, — e dono actual do casarão da *Corvaceira*, [1] onde eu nasci lá no *Douro*, — bem como de todo o casal da minha *Penajulia* ou *Penajoia*, pertencente ao dito casarão da *Corvaceira*, — casal que foi dos meus paes e por fallecimento d'elles foi meu e dos meus irmãos.

Agora o dito casal pertence todo ao dito snr. *Albino Corvaceira*, pois herdou parte d'elle da sua 2.ª esposa, minha sobrinha; — outra parte comprou-a a um meu irmão — e eu doei-lhe — ou antes á filha d'elle — *Maria Eugenia*, — ainda menor, minha afilhada e sobrinha em 2.º gráu tudo o que lá tinha.

Denominei-o meu *proli-parente*, porque é meu *primo co-irmão*, *sobrinho*, *compadre* e *afilhado?!...*

Custa a crer, mas é facto, como os leitores vão vêr.

— E' meu *primo co-irmão*, porque a mãe d'elle e a minha eram irmãs.

— E' *meu sobrinho*, por haver casado com minha sobrinha.

— E' meu *compadre*, porque sou padrinho da filha d'elle, — e é *meu afilhado*, porque fui padrinho ou paranympho no casamento d'elle com minha sobrinha.

* * *

Desculpem a digressão a proposito da quinta do *Papagaio*, do meu *proli-parente*, pois, batendo-lhe á porta, não podia deixar de cumprimental-o e descansar *um ratito*.

A' mencionada quinta, como já dissémos, pertence o casal de *Cavalluche*, fórma de *Cavallucho* por *cavallicho*, diminutivo popular de *cavallo*, [2] como *cavallicoque* ou *cavallicote*,

---

[1] A fachada principal, que olha para o norte, para o *Douro*, e para a *Estação do Moledo*, tem 30 metros d'extensão; — a que olha para leste, para o portão d'entrada e para a capella da casa — tem 15 metros de largura.

— E' uma das casas maiores e *mais vistosas* que ha nas duas margens do *Douro*.

[2] A fórma *Cavalucho* é *toscana*, — e *muito antiga*, pois *Las Casas* no seu *Vocabulario de las dos Lengvas toscana y castellana*, já por nós citado, e publicado em *Veneza* em 1537 — ha 372 annos?!... — menciona como vocabulos da *Toscana* — *cavallo* e *cavallucio* — quasi *cavalucho!* — em antigo castelhano *cavallejo* — e em portuguez *cavallinho*.

Cavalluche por *Cavallucho* pertence, pois, ao *diapasão toscano*, de que já fallei e logo fallarei novamente.

diminutivos congeneres de *albricoque* e *albricote*, damasco pequeno, trivial no *Douro*, etc., que deu *Albricoque*, povoação nossa no districto de *Beja*.

O snr. Candido de Figueiredo diz que *albricoque* vem do arabe *al* + *barcoque*; mas lá no *Douro* o povo diz tambem *albricote*, como *cavallicoque* e *cavallicote*.

Isto me leva a suppôr que *albricoque* vem de *albricote* — e este de *Alvaricote*, diminutivo popular d'*Alvaro*, nome pessoal, que pelo dispasão de *cavallicoque* e *cavallicote* podia dar tambem *Alvaricote*, como deu outros diminutivos, alguns bastante exoticos. — Taes são: — *Alvaretes*, *Alvarim*, *Alvarinha*, (de *Alvarina*, *villa ?*), — *Alvarinho*, *Alvarinhos*, *Alvariz* por *Alvarins* (de *Alvarinis*, patronimico de *Alvarinus*, *i ?*) — e *Alvarol* — de *Alvarolus*, *i*, diminutivo d'*Alvarus* — *Alvaro*, como *Antonius* — *Antonio* deu *Antoninus*, *Antonianus* e *Antoniolus*, unde *Antanhol*, no concelho de *Coimbra*. [1]

Além das povoações mencionadas supra, que tomaram o nome dos diminutivos d'*Alvarus* — *Alvaro*, nome d'um santo etc., tambem do prolifico *Alvaro* tomaram o nome outras povoações nossas. Taes são *Alvaro*, villa, etc. — *Alvaro Affonso*, *Alvaro Annes* (o mesmo *Alvaro*, filho de *João*), — *Alvaro Gil*, *Alvaro Gomes*, *Alvaro Pequeno*, *Alvaro Pires*, (o mesmo que *Peres*, filho de *Pedro*) — e *Alvarogildes* por *Alvaro Gilles* — filho de *Gil* — o mesmo que *Egidio* e *Heziodo*, como já dissemos.

Tambem *alvarinho*, especie de *uva*, podia tomar o nome d'*Alvarinho* supra, como outras muitas variedades d'*uvas*, *maçans*, *figos*, *peras*, *cerdeiras*, *dahlias*, *rozeiras*, *ratos*, *carneiros*, *cavallos* etc., tomaram o nome de nomes pessoaes.

* * *

Note-se tambem que os *albricoques* ou *albricotes* (eu conheço-os muito bem) são damascos miudos, *pequeninos*, como já dissémos, o que me leva a suppôr que talvez de *Alvaro*, seu introductor, fizessem *alvaricotes*, pejorativo popular de *alvarinhos*, como *cavallicoque*, e *cavallicotte*, diminutivos de *cavallo*, são pejorativos populares de *cavallinho*.

Pelo mesmo diapasão portuguez de *cavallicoque* ou *cavallicote*, diminutivos de *cavallo* — e de *albricoque* ou *albricote* por *alvaricoque* e *alvaricote*, diminutivos de *Alvaro* — tambem *Metellus* — *Metello* supra podia dar *Metellicote* e *Medellicote*,

---

1 Veja-se o topico infra: — *Diminutivos com a desinencia olus, ola.*

em portuguez popular — e por contracção *Medlicotte*, povoação ou quinta nossa — unde talvez, *Medlicott*, appellido actual inglez em *Portsmouth*.

— Será tudo isto um dislate?

Note-se que a mencionada freguezia dos *Olivaes* é muito mimosa, muito linda, muito espaçosa e nella têem vivido desde longa data *muitos inglezes*, como prova uma das suas numerosas quintas denominada *Quinta dos inglezes?!...*

E', pois, muito possivel que algum inglez habitasse a quinta de *Medlicotte* e que, sympathisando com ella e com o exotismo do nome, tomasse d'ella o appellido *Medlicott* e o levasse para a *Inglaterra*.

Note-se tambem que, assim como nós temos grande numero de appellidos importados da *Hespanha*, da *França*, da *Italia*, da *Inglaterra*, da *Allemanha*, da *Hollanda*, etc., [1] — tambem se encontram *muitos appellidos portuguezes* em nações estrangeiras, nomeadamente na *Inglaterra*, por termos vivido desde longa data em intimo contacto com ella.

Mas será *Medlicott* appellido *inglez* ou *portuguez?*

— Com vista ao rev. prior dos *Olivaes* e da quinta de *Medlicotte* — e ao rev. parocho de *S. Thomé de Portsmouth*.

Fiat lux!...

Basta de *Metem* por *Metim*, contracção de *Metellim*, o mesmo que *Medelim* e *Medim*, povoações nossas.

Volvendo ao diapasão francez *em* por *im*, junte-se:

— *Morem*, *Morim* e *Mourim*, povoações nossas, que tomaram o nome de *Maurinus*, *i*, *is*, — unde tambem *Mauriz*, *Mouriz* e *Mourens por Mourins*, como *Fens* e *Fins*, povoações nossas tambem, afinadas pelo mesmo *diapasão francez*. Mas *Fens* e *Fins* são fórmas de *Felix*, *icis*, que deu *S. Felix*, *Sanfins* e *Sinfães* por *Sanfins*, povoações nossas, como já dissémos.

Na Hespanha o mesmo *Felix*, *icis* deu *San Felices*, *San Felix*, *Sanfix*, *Sanfiz* — e talvez *San Feliú* em *Gerona* e *Barcelona!...*

Somma e segue.

— *Ourem* por *Ourim*, o mesmo que *Ourinho*, povoação nossa tambem.

---

1 Na *Europa* talvez não haja outra nação que sympathise mais com Portugal do que a *Hollanda*.

Basta dizer que a lingua portugueza é a *lingua familiar* da boa sociedade hollandeza?!... E em varias synagogas da *Hollanda* se encontram ainda hoje *inscripções portuguezas!...*

— De *Aurinus, i, is*, que deu tambem *Ouriz*, plural de *Ourim*.

— *Ousarem* — povoação nossa.

— E' talvez metathese de *Ourosem* por *Ourosim*, o mesmo que *Ourosinho*, diminutivo de *Ouroso*, povoação nossa.

— *Penozem?!...*

Póde vir de *perozem* por *perozim*, o mesmo que *Perosinho* por *Pedrosinho*, diminutivos do *Pedroso*, povoações nossas.

Cf. *Morfacem* e *Ousarem* supra — e note-se que *n* e *r* trivialmente se confundiram e substituiram na onomastica portugueza.

— *Pexem* por *pexim?*

E' talvez o mesmo que *Peixinho*, povoação nossa — como *Pexíns* por *Peixinhos?*

— *Pintim* por *píntinho*, — *Pintem* e *Pintens* — por *pintins* ou *pintinhos*, — o mesmo que *Pintainhos*, povoações nossas?!...

— *Roem* ou *Ruim* — e *Ruim* ou *Roem* (sic)?!...

— Agora um cumulo:

— *Tadim, Thaim, Tainde, Tedim, Thaide, Athaide, Tangil* e *Tagilde* — povoações nossas, mencionadas na *Chorographia Moderna*.

— São fórmas do mesmo nome, tiradas de *Athanagildus, i*, nome germanico.

Por seu turno *Tadim* deu ou podia dar tambem *Dadim* supra — *Daem* por *Dadem* — e *Dem* por *Dadem* ou *Daem*, como já dissémos.

— Para atêsto do casco junte-se *Attim* por *Athaim*, fórma anterior de *Thaim* por *Tadim?!...*

— E' assim a *arte nova* — e *rira bien qui rira le dernier!...*

* * *

Note-se que *ta, te, ti, to, tu* — *mesmo iniciaes* — deram *da, de, di, do, du*.

Veja-se o topico infra: — *Substituição de letras*.

— Será assim — dirão os meus poucos leitores, — mas valha-nos *Deus!...*

— *Valha-nos Deus* — digo eu tambem — e elle me vale no momento, pois o vocabulo *Deus* vem do latim *Deus* — e este do grego *Theos*, o que prova que já *in illo tempore* — na

passagem do grego para o latim puro de *Cicero*, *Virgilio*, etc., — o *t inicial* foi substituido por *d*.

Somma e segue.

Thourim, *Tourim* e *Tourem* por *Tourim*, povoações nossas.

— De *Taurinus*, *i*, *is*, antigo nome pessoal e nome d'um santo que deu *Turim*, na *Italia* — e entre nós — além de *Thourim*, *Tourim* e *Tourem* supra, — deu *Torino*, *Toriz*, *Touriz* e *Fonte Taurina*, — vulgo *Fonte da Ourina* — estreita, immunda e velha rua do *Porto*. [1]

Tambem *Taurinus* deu *Taurianus* — *Tauriano ou Taurião*, nome d'um santo, etc., — e um e outro foram tirados do latim *taurus* — touro.

— Junte-se *Turiz* por *Touriz*, povoação nossa tambem, que logo citaremos novamente, pois *Turiz* por *Touriz* é um lindo exemplar do diapassão francez *u* por *ou*.

Somma e segue.

— Val de *Ferrem* por *Ferrim?* — E' talvez contracção de *Ferreirim*, povoação nossa tambem — como *Terrem* por *Ferrem?*

— Note-se que *f* e *t* confundiram-se e substituiram-se na onomastica portugueza.

Veja-se o topico infra: *Substituição de lettras*.

Junte-se finalmente:

— *Rozem* e *Val de Rocim* por *Val de Rozim*, o mesmo que *Val de Rozem?*

De *Rauzendus*, *i* — *Rozendo*, antigo nome pessoal, que deu *Rozendo*, nome d'um santo, — *Rezenda*, *Rezende*, *Rezenta*, o mesmo que *Rezenda*, — *Rozem* e *Rozende*, povoações nossas, — e talvez *Rozim*, o mesmo que *Rozem!...*

Cf. *Menendus*, *i*, supra, que deu *Mendo*, *Mim* e *Mem?!...* — na onomastica portugueza, como os leitores vão vêr.

IM e IN por EM

Julgo haver demonstrado que pelo *diapasão francez* encontra-se em muitos nomes de povoações nossas *em* por *im*; — agora mostrarei que na onomastica portugueza e no

---

[1] Alguem diz que a tal rua da *Fonte Taurina* tomou o nome d'um *touro* que ornamentava uma fonte que alli houve.

Eu tenciono dedicar um topico ás *Etymologias das velhas ruas do Porto* — e esse topico *será longo!...*

antigo portuguez tambem se encontram *im* e *in* por *em*, como no francez.

Mimvaqueiro e *Mim Velho*, povoações nossas, na minha opinião são fórmas de *Mem Vaqueiro* e *Mem Velho*, por *Mendo Vaqueiro* e *Mendo Velho*.

Todos sabem que *Menendus, i*, deu *Mendo*, antigo nome pessoal e nome actual — e *Mem*, antiga fórma de *Mendo;* — agora ficam sabendo que tambem deu *Mim*, como provam as nossas povoações — *Mimvaqueiro* e *Mim Velho* supra.

Velho ainda hoje é appellido nosso, tirado da *edade;* — *Vaqueiro* foi tambem appellido tirado das *vaccas* e *bois*, como differentes nomes de povoações nossas. Taes são:

Vaccaria, *Vacariça*, *Vaqueira*, *Vaqueirinho*, *Vaqueiro* (cá está elle); *Vaqueiros*, *Vaquinha*, *Vaquinhas* e *Vagueira* por *Vaqueira?*, — espaçoso chão, muito proprio para pastos, junto da ria d'*Aveiro*.

Junte-se *Vagas* por *Vaccas?* — povoação nossa tambem.

Por seu turno *Menendus, i*, deu o nome a varias povoações nossas tambem. Taes são:

— *Mandim* por *Mendim*, *Mem Martins*, *Memende* por *Mem Mende* e este por *Mem Mendes* — o mesmo que *Mendo*, filho d'outro *Mendo;* [1] — *Mendalvo* por *Mendo Alvo;* — *Mendares* por *Mendo Arias* ou *Mendo Ayres;* — *Mendavão* por *Mendo Alvão?* affim de *Mendalvo* supra.

Junte-se *Mende*, *Mendel* — de *Menendellus, i ?* ; *Mendenha* por *Mendinha*, — de *Menendina* (villa) — e este de *Menendinus, i, is*, que deu *Mendim*, supra, — e *Mendis* ou *Mendiz* infra.

— *Mendes*, appellido vulgar; *Mendo*, *Mendo Affonso* e *Mendo Affonsinho*. — *Mendo Caceres*, [2] *Mendo Marques* e *Mendonha*, por *Mendenha* supra, o mesmo que *Mendanha*, appellido nosso tambem.

Junte-se *Antonio Mendo*, quinta; *Casal Mendinho*, *João*

---

[1] Cf. *Pero Pires*, povoação nossa tambem, o mesmo que *Pero Peres* — *Pedro*, filho d'outro *Pedro*.

Mandim por *Mendim* pertence ao diapasão francez *an* por *en*, de que logo fallaremos em topico especial.

[2] Com vista ao sr. *Manoel d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres*, dono e actual representante da nobre casa da *Insua*, de quem já fallámos supra e volveremos a fallar ainda.

E' s. ex.ª tambem dono de *Casal Vasco*, antigo morgado e nobre solar dos *Caceres*, instituido em 1482.

V. *Miragaya*, longo artigo meu, no *Portugal antigo e moderno*, vol. V,—pag. 271-275, onde dei a genealogia de s. ex.ª e dos *Caceres*.

Mendes, casal, etc., — *Martim Mendes*, herdade; — *Fernão Mendes*, quinta; — *Monte do Mendes*; — *Val de Mendis* ou *Mendiz*; — *Val do Mendo*, *Villa Mende*, *Villa Mendo*, etc.

Tambem *Menendus*, assim como deu *Menendellus*, *i*, que se encontra em *Mendel* supra, — deu ou podia dar *Menindus* e *Menindellus*, — unde *Minde* e *Mindello*?

Menendus tambem teve a fórma archaica *Melendus* — e talvez *Melindus*, *i*.

Por seu turno *Melindus*, *i* (*ad ridendum*) — podia dar *Melinde*, reino e cidade da *Africa Oriental*, mencionados por *Camões* nos *Luziadas*.

Do exposto se vê que foi muito prolifico na onomastica portugueza o tal sr. *Menendus*, *i* — o mesmo que *Mem*, *Mim* e *Mendo*.

Prosigamos.

O mesmo diapasão francez *im* e *in* por *em* — vogou tambem no *antigo portuguez*.

Occorre-me no momento *Ordin* por *Ordem* — e *outrim* por *outrem*.

Nos *Fóros da Guarda*, pag. 488 [1], se lê textualmente ó seguinte:

— «Primeyramente apellem ao *Maestro dessa Ordin*, se fôr em o *Regno*...»

Em vulgar: — « Primeiramente recorram ao *Mestre da Ordem*, se *fôr* (?) no *Reino*... »

Aqui temos nós tambem no antigo portuguez uma amostra do *diapasão italiano*, pois *maestro* e *regno* são vocabulos italianos, que significam *mestre* e *reino*, como diz *Prefumo*.

Tambem nos *Fóros de Beja*, pag. 490, se lê *outrim* por *outrem*.

Os *Fóros de Beja*, de *Gravão*, [2] da *Guarda* e de *S. Martinho de Mouros* são, como já disse, muito interessantes para a historia patria e um manancial precioso do *antigo portuguez*.

Veja-se no *Portugal antigo e moderno*, vol. XI, pag. 1:173 a 1:175, o meu artigo *Villar*, povoação da freguezia de *Barró*, concelho de *Rezende* e antigamente do concelho de *S. Martinho de Mouros*. — Alli mencionei e extractei os *Fóros de S. Martinho de Mouros* e disse coisas que *mal se acreditavam*

---

[1] V. *Ineditos de Historia Portugueza*.

[2] Note-se que *ainda hoje* em *Lisboa* o povo rude — e *muita gente bôa* — em vez de *carvão* dizem *cravão*?!...

— *Risum teneatis*.

hoje com relação á *prepotencia* dos antigos fidalgos. — Provam ellas claramente o motivo porque certas povoações nossas, como o *Porto*, *Pinhel* [1] e outras, muito estimavam o privilegio de não poderem viver dentro dos seus muros *fidalgos nem ricos homens.*

Volvendo ao diapasão francez *im e in* por *em*, — elle se encontra em muitas povoações nossas. Taes são:

— *Inchouzella* por *Em Chouzella* — e este por *choucella* ou *choicella*, pequena *chouça* ou *choiça*, nome que o povo da *Beira* dá a um acerbo informe de plantas agrestes — ou *matagal.*

Tambem *Chousella* póde vir do portuguez *chousa*, o mesmo que *chousal* e *chouso* : — redil ou sebe que os pastores armam no campo, de verão, para ahi recolherem o gado, — ou do portuguez antigo — *chouso*, pequena fazenda cerrada sobre si; *tapado; cerrado.*

Cf. *Choiça* (?...), — *Chousa*, *Chousal*, *Chousalinho*, *Chousas*, *Chousella* (— cá está ella!...), — *Chousellas*, *Chousinha*, *Chouso* e *Chusas* por *Chousas?* — povoações nossas.

Tambem temos *Inchousos* por *Em Chousos*, plural de *Chouso*, supra.

— *Ingonços* por *engonços?*

— *Ingostas* por *Encostas*, plural d'*Encosta*, povoações nossas.

— *Inguias* por *enguias.* — *Intendente*, o mesmo que *entendente.*

— *Inviando*, o mesmo que *Enviande*, povoação nossa tambem.

— *Inxameia*, o mesmo que *Enxamea?* — povoações nossas.

— *Inxidro* — o mesmo que *Enxido* e *Enxidro.*

— *Enxudro* — talvez o mesmo que *Enxuldro* por *enxurro*, — como *Inxudreiro* por *enxuldreiro*, e este por *enxurreiro*, povoações nossas.

Eu conheço a quinta do *Inxudreiro.* Demora em *Bagauste*, no *Alto Douro*, margem direita, junto da estação actual de *Bagauste*, na linha ferrea do *Douro.* — E bem lhe quadra o nome de *Inxudreiro*, por *enxuldreiro* ou *enxurreiro*, pois comprehende na margem do rio um trato de terreno

---

[1] Veja-se no *Portugal antigo e moderno*, vol. VII, pag. 60 a 101, o meu artigo *Pinhel*, onde mencionei um *facto interessantissimo* com relação ao despotismo dos fidalgos *in illo tempore.*

alagadiço, coberto nas enchentes pelo *Douro*, que alli deposita *grandes nateiros*, formando *grandes enxuldreiros*, *enxurreiros* ou *inxudreiros*.

De passagem direi que *Bagauste* é um dos sitios mais interessantes do *Alto Douro*. — Comprehende *bellas quintas*, entre as quaes avulta a dos *Bahias*; — foi habitado desde tempos muito remotos — e teve um convento anterior á nossa monarchia.

Veja-se no *Portugal antigo e moderno* o artigo *Bagauste* — e no *Elucidario de Viterbo* o artigo *Bacalar*.

O mesmo nome *Bagauste* é muito archaico e vem do tempo dos *mouros*, pois na minha opinião *Bagauste* é contracção e deturpação de *Iben Augusti* — filho de *Augusto*, como já dissémos.

— E por metathese *Bagauste* deu *Baguaste*, povoação nossa tambem.

Proseguindo com o diapasão francez, junte-se:

— *Empostos* por *impostos*, povoação nossa.

— *Enfistella* por *Infestella*, diminutivo de *Infesta* por *enfesta* — cumeada, picôto, — do latim *fastigium* ?

— *Enfermaria* — povoação nossa, — o mesmo que *infermaria*.

— *Enfermos* — o mesmo que *infermos*.

— *Engenho* — o mesmo que *ingenho*, povoações nossas.

Tambem o povo portuguez, sem nunca ir a *França* nem sonhar com o francez, trivialmente emprega *im* por *em*. — Assim costuma dizer: — está *im Lisboa*, *im Bragança*, *im Lamego*, *im Barcellos*, *im Faro*, *im Setubal*, *im Tentugal*, etc. — Não diz *em Lisboa*, *em Bragança*, *em Lamego*, etc.

Muito espontaneamente prefere o *im* francez ao *em* portuguez.

Tambem costuma dizer: *imbalar* — não *embalar*; *imbandeirar* — não *embandeirar*; *imbarcar* — não *embarcar*; *imbargar* — não *embargar*; *imbrulhar* — não *embrulhar*; *imprestar* — não *emprestar*; *impinhar* não *empenhar*; *impurrar* — não *empurrar*; etc.

Somma e segue o *diapasão francez*.

Ens por ins e eis por ẽis — o mesmo que aẽs e ens?

Fens, povoação nossa, e *Fins*, appellido, — são fórmas do mesmo nome, tiradas de *Felix*, *icis*, nome d'um santo,

etc., que deu *S. Felix*, *Sanfin*, *Sanfins*, *S. Fins* e por metathese *Sinfães*, povoações nossas, como já dissémos.

— *Mourens* por *Mourins* é o mesmo que *Mouris*, *Mouriz* e *Mourizes*, povoações nossas. — De *Maurinis*, patronimico de *Maurinus*, *i*, diminutivo de *Maurus*, *i* — *Mouro* ou *Mauro*, nome d'um santo, etc.

Tambem temos uma povoação (quinta) chamada *Mureis* por *Murẽis*, o mesmo que *Murens* por *Mourens* supra?

Note-se que na onomastica portugueza *u* deu *ou* — e *ou* deu *u*, como já dissémos, pelo que *Mourens* deu ou podia dar *Murens*.

Tambem *Mureis* póde ser uma fórma de *Murẽis* por *Murens*, — já porque o *til* facilmente se perdia ou esvaia nos codices, — já porque na onomastica portugueza se encontram de longe em longe as desinencias *aes*, *aẽs* e *ans* com o mesmo valor, — o que me leva a suppôr que tambem se confundiram as desinencias *eis*, *ẽis*, *ens?...* [1]

— *Fiat lux.*

Com o mesmo diapasão de *Mureis* temos tambem *Careis*, povoação nossa, — talvez fórma de *Carẽis* por *Carens* — e este por *Carins*.

— De *Carinis*, patronimico de *Carinus*, *i*, diminutivo de *Carus*, *i*, *Caro*, nome ou cognome romano do imperador *Marco Aurelio Caro* [2], successor de *Probo*, etc.

Junte-se *Cotem*, *Cotens* e *Cuteis* por *Coteis*, *Cotẽis* ou *Cutẽis*, *Cutens* ou *Cotins* — *Cotinhos*, *Coutinhos* ou *Godinhos?!...*

— De *Cotim* por *Coutim* — *Cotinho* ou *Coutinho*, como já dissémos, — ou de *Gothinus*, *i* — *Godinho*, como *Godim*, — *Goim* por *Godim*, — *Godinho*, *Godinhos*, *Godins* e *Goins* por *Godins*, povoações nossas.

— Vejam que salsada?!...

— *Irra!*

Junte-se *Gontães* e *Gontens* por *Gontins*, plural de *Gontim* por *Gondim* — povoações nossas.

Com vista ao meu bom amigo, laureado escriptor e clinico, dr. *Innocencio Osorio Gondim*.

---

[1] Veja-se o topico infra: — *Desinencias curiosas da onomastica portugueza.*

[2] Foi um general prudente e activo, — conquistou os *Sarmatas* e continuou a guerra da *Persia*, que o seu antecessor iniciou.

Reinou apenas dois annos e morreu nas margens do *Tigre*, em uma expedição contra a *Persia*, no anno 283 da nossa era, como diz *Eutropio*.

Somma e segue:

— *Molães* por *Molens* — e este por *Molins* — moinhos?

— Do baixo latim *molinus*, *i* — moinho, — ou do francez *moulins*, que se lê *mulêns*, quasi *Molães*, — moinhos?!...

Cf. *Gontães* e *Gontens* por *Gontins* supra.

Molães é uma povoação do *Douro* na minha *Penajulia*.

Ainda temos *Pintem* por *Pintim* — e *Pintens* por *Pintins* — *Pintinhos*, o mesmo que *Pintainhos*, povoação nossa tambem, como já dissémos.

Junte-se *Martens* e *Martins*, appellidos nossos, tirados de *Martinis*, patronimico de *Martinus*, *i* — *Martino, Martim* e *Martinho*, nomes pessoaes, que por seu turno foram tirados do latim *Mars*, *Martis* — *Marte*, deus da guerra, como *Apolo*, deus da sciencia, deu *Apolonio*, nome d'um santo, etc.

Ahi vae agora mais um especimen do diapasão francez na onomastica portugueza e em portuguez.

U por OU

— *Alquetes* — propriedade minha no *Douro*, muito vistosa, que já foi cultivada e *habitada* pelos romanos, como já dissémos e *provámos*.

Póde vir de *Al* + *kouetes* — *as mattas* — ou *junto das mattas*.

Do celta ou neo-celta *kouete* — matta — com o prefixo arabe *al* — *o*, *a*, *os*, *as*, — ou com o prefixo tambem celta ou neo-celta *are* — *junto de*... — *em frente de*... que se encontra em *Aremorica*, hoje *Bretanha* ou *Baixa Bretanha*, como já dissémos.

A escala seria: *Ar* ou *Al* + *kouetes* — *Alcuetes* — *Alquetes?*

E' assim a *arte nova* e *rira bien qui rira le dernier!*...

— *Bucellas* — aldeia e freguezia do aro de *Lisboa*, no concelho dos *Olivaes*.

Na minha opinião *Bucellas* é o mesmo que *Boucellas*, diminutivo de *Bouças*, como *Boucelhas, Boucinhas, Bouçainhas* por *Boucinhas*, e *Vouzella* por *Boucella*, povoações nossas, que tomaram o nome das *bouças*, como outras muitas, — ao todo *mais de mil!* — mencionadas na *Chorographia Moderna*.

Taes são: — *Bouça*, *Bouça Boa*, *Bouça Chã*, *Bouça Cova*, *Bouça da Casa*, *Bouça da Cruz*, *Bouça da Fonte*, *Bouça da Lage*, *Bouça da Lama*, *Bouça da Ponte* e *Bouça da Pupa* —

o mesmo que *Bouça da Poupa.* — Aqui temos nós um bello especimen do diapasão francez *u* por *ou.*

V. *Pupa* infra.

Somma e segue.

— *Bouça da Vaca*, *Bouça do Abbade*, (não é minha) — e *Bouça d'Airó* (?...) que podia tomar o nome de *airo*, ave aquatica, pela fórma *airol*, como *Airó*, e *Airoles*, povoações nossas tambem.

N'este caso *Airó* e *Airoles* são diminutivos de *airo*, que podia dar tambem *airão*, *Airão* e *Ayrão*, povoações nossas, como *aguia* deu *Aguião*, *gaio* deu *Gaião*, etc.

Mas na minha opinião *Airó* é o mesmo que *Eirô* e *Eiró*, muitas povoações nossas — ao todo mais de 50 — que tomaram o nome de *eirola*, no baixo latim *areola*, dimiuutivo de *area* — *eira*, como *Eirinha*, *Eirinhas*, *Eirinhos*, *Eirogo* por *Eiroca*, o mesmo que *eirola* ou *eiroca*, etc.

Nós tambem temos *Eirão*, aldeia, que podia dar tambem *Airão* e *Ayrão* supra, mas julgo que *Airão* e *Ayrão* véem de *Arianus*, *i*, *Ariano*, antigo nome d'um santo, que deu *Ariano* e podia dar tambem *Arião*, *Airão* e *Ayrão*, como *Adrianus* deu *Adriano*, *Adrião* e *Santo Adrião*, povoação nossa, — *Romanus* deu *Romano*, *Romão* e *S. Romão*, povoação nossa tambem; — *Cyprianus* deu *Cypriano*, *Cibrão*, appellido, *S. Cypriano* e *S. Cibrão*, o mesmo que *S. Cypriano*, povoações nossas tambem.

E' assim a *arte nova.*

Proseguindo com o thema *bouças*, ainda temos:

— *Bouça de Baixo*, *Bouça de Cima*, *Bouça de Dentro* e *Bouça de Fóra*. — *Bouça de Grillo* e *Bouça de Guindas*, o mesmo que *bouça* de *ginjas* (?!...) — pois *Guindas*, como *Guindaes*, nome d'um antigo bairro do *Porto*, com toda a certeza vem do castelhano *guinda* — *ginja*, que pela fórma *guindal* — *ginjal*, *ginjeiral*, deu *guindales* — e *Guindaes.*

Note-se que entre o medonho fragoedo abrupto dos *Guindaes* eu — se bem me recordo — vi ha muitos annos *cerdeiras* ou *ginjeiras bravas* — e talvez que ainda hoje lá se encontrem algumas!...

Tambem temos *Guinde* e *Guindo*, que tomaram o nome do castelhano *guindo*, synonimo de *guindal* — *ginjal*, *ginjeiral*, como diz *Valdez.*

A O. dos *Guindaes* ha outro bairro *ejusdem fusfuris* — não menos abrupto e o mais immundo, mais nojento do velho *Porto*, a sopé do antigo *bairro da Sé.*

Chama-se *Codeçal* — e tomou o nome do *codêço*, planta arbustiva, tambem espontanea, que alli talvez abundasse outr'ora, como abundou em varias regiões nossas, pois temos ao todo *mais de cem* povoações que tomaram o nome do *codêço*. — Pelo exotismo do nome avultam entre ellas *Codal* por *Codeçal?* — *Codecido* por *Codecêdo* — e pelo diapasão callaico ou gallego *Codexido* por *Codecido?!...*

Volvendo á série das *Bouças*, ainda temos:

— *Bouça de Padre* (tambem não é minha); *Bouça de Ricos* (idem); *Bouça do Louro* (idem); *Bouça do Rei* [1]; *Bouça do Rio*; *Bouça dos Agueiros*, o mesmo que *Arroios* e *Arrayollos* por *Arroyolos*.

Bouça dos Fójos! — Este nome vem do tempo em que abundavam entre nós as *féras* e se faziam *fójos* para as caçar, — unde *Foia*, *Foio*, *Foios*, *Foja*, *Fojo*, *Fójos* e *Refoyos*, o mesmo que *Refojos* — grandes *foios* ou *fojos*, povoações nossas.

Cf. *Cabadouso*, *Cabaduço* e *Cabaduços* por *Cova do Urso* e *Cova dos Ursos* — fojos ou Covas para caçar ursos, — e *Cadouços* por *Cabadouços*, hoje rua muito linda na *Foz do Douro?!...* [2]

Somma e segue.

— *Bouça Fria*, *Bouça Milhaça*, abundante em milho.

— *Bouça Paio!* — De *Pelagio*, em latim *Pelagius*, *ii*, *iis*, unde *Paes*, *S. Pelagio*, *Sampaio* e *Paião*, de *Pelagianus*, *i*, diminutivo de *Pelagius*.

Tambem *Paio*, na onomastica portugueza, por apocope e obediencia á *lei do menos pezo*, deu *Pai*.

Cf. *Pai Agua*, *Pai Alvo*, *Pai Cabeça*, *Pai Calvo*, *Pai Canito*, *Pai Cão*, *Pai Daniel*, *Pai das Donas*, [3] *Pai d'Aviz*, *Pai Joannes*, *Pai Janes*, o mesmo que *Pai Joannes*, *Pai Lobo*, *Paimogo* por *Paio Mogo*; — *Pai Moure*, *Pai Penella*, *Pai Poldro*, *Pai Sobrado*, *Pai Soeiro*, *Pai Viegas*, *Pai Vieira*, *Pai*

---

1 Com vista ao sr. *D. Manuel II*, nosso rei actual, a quem Deus guarde por muitos annos e bons.

2 *Cadouços* por *Cabadouços* — cova d'ursos — é congenere de *Cova da Bouça*, *Cova da Burra*, *Cova da Lua*, *Cova da Onça*, *Cova da Raposa*, *Cova da Serpa* ou *da serpente*, — *Cova da Zorra*, o mesmo que *raposa*, — *Cova de Lobos*, *Cova do Coelho*, *Cova do Lobo*, etc., povoações nossas tambem.

Dos *ursos* tomaram tambem o nome outras muitas povoações nossas, como já dissémos.

3 *Donas* é appellido nosso.

Villão, etc.,—povoações nossas e o mesmo que *Paio Agua*, *Paio Alvo*, *Paio Cabeça*, *Paio Calvo*, *Paio Cão*, *Paio Canito*, etc.[1]

Tambem são povoações nossas *Paio*, *Paio Affonso*, *Paio Calvo*, o mesmo que *Pai Calvo*, supra, *Paio Correia*, *Paio de Pelle*, *Paio Mendes* e *Paio Pires*, que se encontra na decantada freguezia do *Seixal*, bem conhecida como *Aldeia de Paio Pires*.

Pelo ultimo *censo* contava ella 1:027 habitantes.—E', pois, mais populosa e mais importante do que *centenares de freguezias nossas*, pelo que é uma injustiça flagrante considerarmos a *Aldeia de Paio Pires* como a nossa aldeia ou povoação *mais obscura* e *mais insignificante*.

E' além d'isso muito vistosa, muito alegre e bastante mimosa, banhada pelo rio *Cóina* — e orgulha-se de haver sido fundada pelo valente commendador de *S. Thiago* e fronteiro-mór do *Algarve* — o famoso *Paio Peres Correia*, do qual tomou o nome de *Paio Pires*, o mesmo que *Paio Peres*.

Comprehende muitas quintas — ao todo mais de *vinte e oito* — dispersas ou disseminadas pela sua vasta zona — e uma aldeia denominada *Fóros da Catampôna ?!...*

V. *Aldeia de Paio Pires* no *Portugal antigo e moderno*, vol. I, pag. 89 — e a *Chorographia Moderna*, vol. IV, pag. 763 e 764.

Catampôna vem talvez de *Catapôna*, portuguez popular, pejorativo de *tapôna* — pancada. — Neste caso a povoação de *Catampôna* ou *Fóros da Catampôna* pertence á grande série de povoações que tomaram o nome de *apodos* ou *appellidos*.

Nós não temos actualmente *Catampôna*, *Catapôna* ou *Tapôna*, appellido, mas temos o appellido *Pancada*, synonimo de *tapôna*.

Ahi vae agora um jorreiro de dislates meus a proposito da etymologia de *Cóina*, rio mencionado supra.

Como em assumpto de tal ordem não ha precisão mathematica, vou propôr differentes etymologias para tão extranho nome e deixo a porta *aberta e franca* para outra que melhor satisfaça.

Cóina

— rio da *Extremadura alemtejana*, districto de *Lisboa*, que banha a freguezia de *Paio Pires*, etc., no concelho do *Seixal*,

---

1 *Cão* foi appellido nobre e antigo de *Diogo Cão*, etc. — *Canito* é diminutivo de *Cão* e tambem appellido nosso.

Veja-se o meu *Diccionario de Appellidos Portuguezes*.

— e *Cóina*, villa e freguezia extinctas, hoje annexas á freguezia de *Palhaes*, concelho do *Barreiro*, podem vir:

1.ª — de *Góina*, antigo nome pessoal.

—*Ego Góina Petri de Cambar*...—*Tibi prefacta Góinae*...

Em vulgar: — *Eu Góina Peres de Cambar*... — *A ti supra mencionada Góina*...

Documento da *Cathedral de Vizeu*. Não tem data, mas com certeza é do seculo XII — e póde vêr-se no *Elucidario de Viterbo*, tit. *Deo Vota*.

Góina podia sem violencia dar *Coina*, pois *ca*, *co cu* e *ga*, *go*, *gu* trivialmente se confundiram e substituiram na onomastica portugueza.

Veja-se o topico infra: — *Substituição de letras*.

2.ª — Tambem *Cóina* póde vir do arabe *kouna*, viso de monte, cumeada, [1] pois entre nós *oi* e *ou* confundiram-se e ainda hoje se confundem.

3.ª — Póde tambem *Cóina* vir do *basco* ou euskaro — *cóïn* — altura, elevação, que se encontra em *Tarragôna*, cidade da *Hespanha*, situada sobre um grande rochedo com pendente rapida, como diz *Moncaut*, pag. 456 e 458, — vb. *Escoïn*.

O mesmo auctor accrescenta: — O prefixo *thara* de *Tarragôna* — é *basco* tambem e significa *pena*, *difficuldade*.

Note-se a *identidade* da significação do basco ou *euskaro coïn* — e do arabe *kouna* supra.

4.ª — Tambem *Pinho Leal*, meu benemerito antecessor, diz que a villa de *Cóina* tomou o nome de *Equa Bona*, povoação romana que alli esteve — ou em *Agua de Moura*. [2]

João Baptista de Castro tambem diz que a villa de *Cóina* representa a estação *Equabona*, mencionada no *Roteiro d'Antonino*; mas o dr. *Emilio Hübner* nas suas *Noticias Archeologicas de Portugal*, diz:

«A situação de *Equabona* é completamente *incerta* e não póde affirmar-se que ella corresponde a *Cóina* pela remota semelhança dos nomes.» [3]

Nós temos tambem *Coja*, *Goia*, *Goija*, *Goixa*, *Goixo*, —

---

[1] V. *Cherbonn*, pag. 211.

— *Cóina* foi denominada *Cóuna* por *D. Sancho* I, no codicillo que fez em 1188.

Elucidario, *vb. Bemquerença*, *in fine*.

[2] V. *Cóina* e *Palhaes*, no *Portugal antigo e moderno*, vol. II, pag. 358.

[3] V. *Palhaes* na *Chorographia Moderna*, vol. IV, pag. 406.

Goio, *Goja* e *Gojo*, que talvez tenham a mesma etymologia de *Cóina*, pois *Cóina* podia sem violencia dar *Cóia*, que antigamente se escrevia *Coya* e *Coja?!...*

Por seu turno *Cóia* podia sem violencia dar *Goia*, *Goija*, *Goja* e *Gojo*, pela trivial substituição de *go* e *co*.— E pelo antigo diapasão callaico tambem *Goija* e *Goijo* podiam sem violencia dar *Goixa* e *Goixo ?!...*

Tambem como já dissémos, *Coja*, *Cojinha*, *Coixa*, *Coixinho*, *Coixo* e *Coixos* — varias povoações nossas — e *Monte Coixo* (*S. Domingos de Monte Coixo*) — santuario e monte do concelho trasmontano de *Sabrosa*,—*Gogido* por *Gojêdo*,— *Goija*, *Goije* por *Goijo*, — *Goixa*, *Goixe*, por *Goixo*, — *Goja*, *Gojide* por *Gojêdo* — e *Gojo*, povoações nossas, — podiam tomar o nome de *tojo*, pois *co*, *go* e *to* não raras vezes se confundiram na onomastica portugueza.

Veja-se o topico infra: — *Substituição de letras.*

Note-se que o povo não diz *tojo*, mas *toijo*, — e que o monte de *S. Domingos de Monte Coixo* abunda em *tojo*.

V. *Tojo* e *Tosar* no indice da 1.ª parte, onde se encontra a lista das nossas muitas povoações que tomaram o nome do *tojo*.

Pinho Leal no artigo *Coja* diz que esta villa tomou o nome do arabe *Copje*, que nós pronunciamos *Coje* — e corresponde ao latim *praetor* — pretôr, significando assim *Coja* — villa ou povoação do pretôr.

V. *Coja* no *Portugal antigo e moderno*, vol. II, pag. 358, — e *Coje*, nos *Vestigios da lingua arabica*, de Fr. João de Souza — artigo que Pinho Leal aproveitou, posto que o não citou.

Podia effectivamente *Copje* dar *Coja*, mas na minha opinião *Coja* vem de *Toja*, povoação nossa tambem que tomou o nome do *tôjo*, como em *Aveiro* (?) o sitio denominado *Côjo?!...*

— *Fiat lux.*

* * *

Volvendo á lista das povoações que tomaram o nome das bouças, ainda temos:

— *Bouça Redonda.* — Não admira que fôsse *redonda* a dita bouça; mas temos uma povoação denominada *Ponte Redonda*, cujo nome faz scismar!...

— Com vista aos engenheiros.

— *Boução*, *Bouças* e *Bouceguedim* — por *Bouça Godim* ou *Bouça do Godim?*

— *Bouceiras*, *Boucinha*, *Bouçainha* e *Bouchina* por *Bou-*

cinha, pois no velho diapasão callaico *Boucinha* podia escrever-se *Bouxiña* — unde *Bouxina* e *Bouchina* pela suppressão do *til* — suppressão que era facil, como já dissémos, e na minha opinião deu-se *muitas vezes* nos defumados e antigos codices e na onomastica portugueza?...

— Com vista aos *paleographos* e ao meu successor.

Ainda temos *Boução* e *Bouço* por *Bouça*; — *Bouções*, — *Bouçoães* por *Bouções*, — e *Bouções* ou *Bouções?*...

— Este *Bouçoães* é amphibio!

Junte-se *Bouçó* e *Bouçós* — por *Bouçolos* ou *Bouçolas*, diminutivos de *bouça*, como *Boucinha*, *Bouçainha*, *Boucella* e *Vouzella* supra.

Veja-se o topico infra: — *Diminutivos com a desinencia olus, ola.*

Para atêsto do casco junte-se finalmente:

— *Bousias* por *Boucias* — *Bouças?* — *Bouxa*, diapasão callaico de *Bouça* — e *Bozelha* por *Bocelha* — *Boucelha?*

A *Gallisa*, irmã gemea de *Portugal*, tem muitas povoações com os nomes de *Bouciña* e *Bouziña*, que se lêem *Boucinha*; — *Bouza* e *Bouzas*, que se lêem *Bouça* e *Bouças*; — *Bouzo* e *Bouzos*, que se lêem *Bouça* e *Bouços*; — *Bouzon* que se lê *Bouçon* e corresponde ao portuguez *Boução*, etc.

— Nas outras provincias da *Hespanha* não ha nomes eguaes nem *similares?!*...

Fecharemos este longo topico das *Bouças*, dizendo que *bouça*, terreno inculto, na opinião do snr. Candido de Figueiredo — vem do portuguez *balsa* ou antes *balça*: — matagal; terreno inculto, onde nascem arbustos espinhosos; balseiro ou dorna em que se pisam e fermentam as uvas; especie de funil de madeira, pequeno balde com que se lança o vinho nas cubas e toneis; jangada; antigo pendão, bandeira, estandarte ou balsão dos *Templarios*.

Mas qual a etymologia de *balça?*

— Na opinião do mesmo sr. *Candido de Figueiredo* [2] é o latim *baltea*, plural de *balteum*, o mesmo que *balteus*.

Baltea daria, pois, *balça*, como *puteum* ou *puteus* deu *poço* e *pôça*. — Mas *balteum* significa *talim*, *talabarte*, *boldrié*, *tiracolo*, *cinto militar*, [2] — não *estandarte* ou *bandeira* e menos

---

[1] V. *Novo Diccionario da Lingua portugueza.*

[2] Vem, pois, claramente *balteum* do scandinavo ou teutonico *balt* —*fita*, que deu tambem o nome ao *Baltico*, por ser mar muito estreito e tortuoso, imitando *uma fita*, como se lê algures.

ainda *terreno inculto*, *matagal*, etc., como significam *balça* e *bouça*.

Isto me leva a suppôr que o portuguez *bouça* vem talvez do baixo latim *baucia?* — ou coisa semelhante — mesmo porque temos *Bousias* (quasi *Boucias*) aldeia mencionada supra.

Veja-se o *Glossario de Ducange*, que agora não podemos consultar, — notando-se que no dito *Glossario*, como já dissémos, — *faltam muitos vocabulos do baixo latim*, relativos a *Portugal*, que podiam dar *um grosso folio?!...* [1]

Nós temos 21 povoações com os nomes de *Balsa, Balsas* e *Balsinha* — e eu conheço muito bem uma d'ellas. — Chama-se *Balsa* ou *Balça*; — é uma pequena povoação e fórma com outra *ejusdem fusfuris*, denominada *Desejosa*, uma freguezia pertencente ao concelho da *Pesqueira*, no *Alto Douro*.

Demora ella em sitio escabroso *com pendente rapida* sobre a margem direita do *Tavora*, pelo que a dita povoação da *Balsa* ou *Balça* podia tomar o nome do toscano *sbalzo* — *despenhadeiro*, como já dissémos no longo topico supra, dedicado ao *Diapasão toscano*, vol. 1.º, pag. 45 a 57.

Mas viriam tambem do toscano *svalzo* todas as outras nossas *Balsas?* — *Fiat lux!...*

Tambem no *velho toscano* — segundo se lê no curioso *Vocabulario de las Casas*, publicado em *Veneza* no anno 1537 — ha 372 annos?!... — se encontra *svalzo pulo*; — salto da pella; — e *svalzare* — (quasi *valsar?*) — *saltar*.

Póde, pois, sem violencia, o portuguez *valsar* vir do toscano — *svalzare*.

O sr. *Candido de Figueiredo* diz que *valsar* vem de *valsa*, — esta do francez *valse* — e esta do allemão *walzer* de *wälzen*.

— Será assim; mas o *velho toscano* é anterior ao *latim*, ao *italiano*, ao *francez*, ao *castelhano* e ao *portuguez?!...*

Desculpem os meus poucos leitores tantos dislates e prosigamos com o *diapasão francez*.

O por AU

Na onomastica portugueza e em portuguez não é raro o diapasão francez *o* por *au*.

Cf. *Aldova* por *Adolfa* — e *Dolves* por *Adolves*, povoa-

---

[1] Com vista aos *manes* de *Herculano*, de *Viterbo* e de *João Pedro Ribeiro*, — os antiquarios mais sérios, mais illustrados, mais trabalhadores e mais auctorisados que *Portugal* tem tido até hoje.

ções nossas, cujos nomes foram tirados de *Adolphus*, *i* — *Adolpho*, nome pessoal e nome d'um santo, — e este de *Athaulphus*, *i*, — nome germanico pessoal *muito prolifico* na onomastica portugueza, pois na minha opinião *Athaulphus*, *i*, deu o nome ás nossas povoações seguintes:

— *Adaufa*, *Adaufe*; — *Adaufe* ou *Adoufe* (sic); *Adoufe* — e *Adoufe* ou *Adaufe*, — povoações assim mencionadas na *Chorographia Moderna*, bem como todas as que vou citar.

— *Adufe*, *Aldova* por *Adolfa*, como já dissémos; *Baldrufa* por *Baldufa* e este por *Valdufa?*, — *Casal Doufe* e *Casal d'Ufe*; *Dolves* por *Adolves* — e este por *Adolphis*, o mesmo que *Athaulphis*, patronimico de *Athaulphus*, *i*, que se encontra mais bem desenhado em *Adaufe* e *Adufe*.

Somma e segue.

— *Estrada de Ufe*; *Fonte d'Ufe*; *Val d'oufe* (sic) — o mesmo que *Valdouve* por *Valdufe* — *valle d'Athaulpho*, [1] — ou de *Iben Athaulphus* — *filho* de *Athaulpho*, como *Baldrupha* por *Baldupha*, mencionada supra. [2]

Ainda temos:

— *Villa Duffe*, — *Villar d'Oufe* — e talvez *Tufe* e *Tufos*, povoações nossas.

Tufe por *Atufe* devia ser a fórma anterior de *Adufe* por *Ataufe*, tirada de *Athaulphus*, *i*, que pelo mesmo diapasão podia tambem dar *Athaulpus*, — *Tulfos* — e *Tufos!*.. [3]

O mesmo *Athaulphus*, *i* — deu *Adolpho* e *Adulpho*, nomes de santos, etc., — em latim *Adolphus*, *i*, *is* — unde *Dolves* por *Adolves*, o mesmo que *Adolphis* — e *Aldova* por *Adolpha* supra — de *Adolpha* (villa) — a granja, quinta ou casa de campo de *Adolpho*, como *Regulus* — *Regulo*, nome d'um santo, etc., deu *Regula Villa* — hoje a formosa villa da *Regua*, como já dissémos.

Tambem *Adolpho* deu *Adolphina* e *Adolfino*, em latim *Adolfinus*, *i*, *is* — unde talvez *Doufins* por *Dolphinis*, povoação nossa, aferese de *Adolphinis*?...

— E' assim a *arte nova* — *e rira bien qui rira le dernier!*...

---

1 Note-se que das *estradas* das *fontes* e dos *valles* tomaram o nome talvez mais de *nove mil povoações nossas*, todas mencionadas na *Chorographia Moderna*.

2 Veja-se o meu topico supra: — *Thema Iben*.

3 Cf. *Tougues*, *Touguinha* e *Touguinhó* por *Thioguis*, *Thioguina* e *Thioguinolus*, *i*, fórmas anteriores de *Diogues*, o mesmo que *Diegues*, *Dioguinha* e *Dioguinho*, tiradas do prolifico *Thiagus*, o mesmo que *Diego*, *Diogo* e *Diago*, como já dissémos.

Do exposto se vê que foi muito prolifico na onomastica portugueza o tal sr. *Athaulphus*, que pelo diapasão francez *o* por *au* deu *Adolphus i, is*, unde *Adolpho*, — *Dolves* por *Adolves*, o mesmo que *Adolfis*, *Adaulfis* e *Athaulphis*, — *Adoufe*, o mesmo que *Adaufe* por *Athaulphi*, etc. — E pelo diapasão francez *u* por *ou* — *Adoufe* deu *Adufe*, *Dufe* e *Ufe*, etc., como já dissémos.

Somma e segue o diapasão francez *o* por *au*.

Cf. *Maurelles*, *Mauriz*, *Moura*, *Moura Morta*, *Moural*, *Mourão*, *Mouraria*, *Mouras*, *Mourata*, *Mourato*, *Mouratos*, *Mouraz*, *Moure* e *Mourel*, — o mesmo que *Moural*, pois, como já dissémos, na onomastica portugueza confundiram-se e substituiram-se as desinencias *el*, *il* e *al*.

Junte-se:

— *Mourellinho*, *Mourello*, *Mourellos*, *Mourens* por *Mourins*, o mesmo que *Mouriz*, povoação nossa tambem, mencionada na *Chorographia Moderna*, como todas as que já citei e as que vou citar.

— *Mourento* e *Mouria* por *Mouraria* supra, como *Franzia* por *Francezia*, — *Cardia* por *Cardaria*, etc.

— *Mouril*, o mesmo que *Mourel* e *Moural*; — *Mourilhe*, *Mourim*, *Mourinha*, *Mourinho*, *Mourinhos*, *Mouris*, *Mourisca*, *Mouriscas*, *Mourisco*, — *Mourissó* (?!...); — *Mouriz*, *Mourizes*, *Mouro*, *Mourões* e *Mouros*.

Junte-se ainda:

— *Casal de Mouro* e *Casal do Mouro*. *Córte do Mouro*. — *Cova da Moura*. — *Fonte da Moura*. — *Fonte do Mouro*. — *Fonte Morena* e *Fonte Moura*, — *Foz da Mourisca*. — *Foz do Mouro*. — *Maurelles*, *Mauriz*. — *Monte da Mourata*. — *Monte da Mourinha*. — *Mouralves* por *Mouro Alves?* — *Monte do Mourinho*. — *Monte do Mourique*. — *Monte dos Mouriquinhos* e — *Monte de Adeus Mouros?!*...

Junte-se tambem:

— *S. Martinho de Mouros*. — *Outeiro da Moura*. — *Outeiro do Mouro*. — *Outeiro dos Mouros*.

Pai Mouro por *Pelagio Mouro*, o mesmo que *Paio Mouro* e *Palaio Mouro* ou *Paio Mouro*. — De *Pelagius*, *ii*, antigo nome pessoal, que deu *Pelagio* e *Paio*, nomes de *Santos*, que se encontram em *S. Pelagio de Fornos*, freguezia do concelho de *Castello de Paiva*, — *S. Paio* e *Sampaio* por *S. Pelagio*, — appellido e povoações nossas, como *Paio*, *Paio Pires*, etc.

Tambem *Pelagiis* deu *Pais*, appellido nosso vulgar, — e *Plagianus* deu *Paião*, freguezia do concelho da *Figueira*.

Por seu turno *Pelagius* vem do latim *pelagus* — *mar* — e é synonimo de *Marius* — *Mario*, nome romano e tambem nome d'um santo, etc., como já dissémos.

Volvendo á serie das nossas povoações que tomaram o nome dos *mouros*, ainda temos:

— *Palamoro?* — *Pé de Moura* — sitio nas margens do *Douro*, — *Pego Mourão*, — *Pego da Moura*, — *Penedo do Mouro*, — *Pero Moreno*, — *Pero Mouro* e *Pero do Mouro?!...* — *Poço Mourão*, — *Poço do Mouro* e *Poço dos Mouros!...* — *Ponte de Mouro*, — *Ponte do Mourão* e *Ponte do Mouro!...* — *Porto Mourisco* e *Porto do Mouro*.

— *Relva da Moura*. — *Riba de Mouro*. — *Rio de Mouro*. — *Serra do Mouro*. — *Torre do Mouro*. — *Val de Moura*. — *Val de Mourão*. — *Val de Mourelles*. — *Val de Mourisco*. — *Val de Mouro*. — *Val de Mouros*. — *Val do Mouro*. — *Val Mourão* e *Val Mourisco?!...* *Villa Moura*. — *Villa Mouro*. — *Villar de Mouros*. — *Villar do Mouro*, etc., povoações nossas — ao todo *mais de trezentas*, mencionadas na *Chorographia Moderna*.

Isto prova que os *mouros* tiveram longa residencia em *Portugal* — e que *a onomastica é um valente auxiliar da historia!...*

Elles demoraram-se muito entre nós—nada menos de *quinhentos annos*, — desde o seculo VIII até o seculo XIII, data em que foram expulsos do *Algarve*. — Coube-nos a gloria de os expulsar definitivamente *duzentos annos* antes que a *Hespanha* os expulsasse do seu territorio, pois só no seculo XV os expulsou da *Andaluzia*.

Elles incommodaram-nos muito, — mas tudo pagaran *com o proprio e custas!* Não só os expulsámos *a ferro e fogo* do nosso paiz, mas fômos batel-os na *Africa* e lhes tomámos todo ou quasi todo o littoral de *Marrocos!...* — E, se não fôra o revez d'*Alcacer-Kibir* em 1580 — não sei até onde iriamos?!...

As muitas povoações mencionadas supra tomaram o nome dos *mouros*, como já disse; mas note-se que algumas e *não poucas* tomaram o nome dos *mouros* — não como conquistadores e senhores d'ellas, — mas como *vencidos*, *prisioneiros* e *captivos?!...*

Pondo de parte a historia e volvendo ao diapasão francez *o* por *au*, diremos que as ditas povoações tomaram o nome dos *mouros*, em latim *mauri*, *orum*, que no baixo latim deu *maurus*, *i* — mouro e *Mauro*, nome d'um santo, etc. — em castelhano *Moro* — e em portuguez *Mouro*, quasi *Moro*

por *Mauro*, — nitido exemplar do diapasão francez *o* por *au*, — thema dos nossos dislates no momento.

Maurus, *i*, entre nós deu *Mauranus*, *i*, unde *Mourão*, appellido vulgar, etc. — e *Maurellus*, *i*, *is*, unde *Maurelles*, *Mourel*, *Mourello* e *Mourellos*, supra.

Por seu turno *Maurellus*, *i*, deu *Maurellinus*, *i* — unde *Mourellinho* supra, diminutivo de *Mourello* e subdiminutivo de *Mouro*. [1]

Tambem *Maurus*, *i* deu *Maurinus*, *i*, *is* — unde *Mauriz*, *Mourim*, *Mourinho*, *Mourinhos*, *Mouris*, e *Mouriz* supra, — o mesmo que *Mauriz* por *Maurins* e *Mourens*, diapasão francez de *Mourins!...*

Por seu turno *Mourim* e *Mourins* deram *Morim e Morins*, povoações nossas tambem, cujos nomes foram tirados de *Maurini*, *is*, pelo diapasão francez *o* por *au*.

Tambem *Maurus*, *i*, deu *Maurilius*, *ii*, unde *Mouril*, *Mourilhe* e *Moural* por *Mouril*, como *cabra* deu *Cabril* e *Cabral*.

Veja-se o topico supra: — Desinencias *el*, *il* e *al*.

Tambem *Maurus*, *i*, deu *Mauricus*, *i* — unde *Mouriga* e *Mourigo*, povoações nossas. [2]

Por seu turno *Mauricus*, *i*, deu *Mauricius* — *Mauricio*, nome d'um santo, etc. — E *Mauricius* deu *Mauriciolus*, *i*, unde *Mourissó*, povoação nossa tambem.

Mourissó é pois, diminutivo de *Mauricio* e quer dizer *Mauricinho*, — como *Alijó* e por contracção *Lijó*, veem de *Alexiolus*, *i*, diminutivo de *Alexius*, *ii* — *Aleixo*, nome d'um santo, — e querem dizer *Aleixinho*.

Tambem temos *Eituró*, povoação, cujo nome veiu de *Hectorolus*, *i*, diminutivo de *Hector*, *oris* — *Heitor* — e quer dizer *Heitorsinho*.

Cf. *Santo Heitorzinho*, nome que o povo da freguezia de *Loureiro*, concelho da *Regoa*, dava—*e dá!* — a um *virtuosissimo fidalgo* seu visinho, chamado *Heitor*, que falleceu ha poucos annos e — sem estar ainda canonisado — *é tido e venerado como santo?!...*

Ha tambem no *Douro*, junto da villa da *Pesqueira*, uma formosa quinta, chamada *Cidró*. — Pertence a um irmão do sr. *Marquez de Soveral*, nosso embaixador em *Londres*, ministro

---

[1] Junte-se *Morlinho*, aldeia nossa, contracção de *Mourelinho!...* — E' assim a *arte nova* — e *rira bien qui rira le dernier*.

[2] Tambem *taurus*, *i* — touro, deu *tauricus* e *taurica* unde *touriga*, uva, e *Tourigo*, povoação nossa, como *Tourega*, por *Touriga!...*

d'estado honorario, etc., e desde longa data *persona grata* de Eduardo VII, rei da *Grã-Bertanha*, imperador das *Indias*, etc.

Na minha opinião *Cidró* vem de *Cidrolus*, diminutivo de *Cidrus* — *Cidro*, o mesmo *Izidro*, contracção de *Izidorus* – *Izidoro*, antigo nome d'um santo.[1]

— A quinta do *Cidró* quer, pois, dizer — *quinta do Izidorinho?!...*

— E' assim a *arte nova* — e *rira bien qui rira le dernier.*

Veja-se o topico infra: — *Diminutivos com a desinencia olus, ola.*

Mauricus, i, deu *Mauricius*, como já dissémos, — e *Mauricanus, i*, unde *Mouricão* supra — e *Mourigães* por *Mourigões* o mesmo que *Mouricões*, plural de *Mouricão?!...*

Nós tambem temos *Mouria*, e *Mourio* por *Mouria*, contracção de *Mouraria*, como *Franzia* por *Francezia*, o mesmo que *Francaria*, — *Portuguedia*, o mesmo que *Potuguezia (?)*; — *Touria* por *Touraria*, — *Cardia* por *Cardaria*, etc.

Cf. *Galleguia, Pinheiria, Vacaria, Lameiria, Portelladia, Regadia, Pousia, Soutaria, Serviçaria*, que se encontra em *Outeiro da Serviçaria*; — *Rebolaria* e *Rebolia*, contracção de *Rebolaria*, etc., povoações nossas, — e *Bainharia* (o povo diz *Banharia?*) – rua do *Porto.*

Veja-se o topico supra: — *Desinencia — ia.*

Volvendo á *mourama* da nossa onomastica, ainda temos *Mourisia*, o mesmo que *Mouraria* e *Mouria?*

— *Mourisca, Mouriscas* e *Mourisco* supra — véem de *mourisca* e *mourisco*, — terras de mouros, o mesmo que *Mourisia, Mouraria* e *Mouria* supra.

— *Mouro* deu *Mourisco* e *Mourisca*, como *Franco* deu *Francisco* e *Francisca.*

— *Moura*, appellido vulgar, é o mesmo que *Mouro.* — Tomou a desinensia *a* por *o*, como *Barbosa* por *Barboso, Mosqueira* por *Mosqueiro*[2] — e talvez *Ferreira* por *Ferreiro;* mas *Ferreira*, appellido d'este *Petrus in cumctis, nihil in omni bus*, — talvez provenha do latim *ferrária* — *ferraria* ou mina de ferro.

---

[1] Tambem temos um casal e uma qninta com o nome de *Cidro* — e nas *Caldas do Molledo* os *Quarteis do Cidro*, bastante espaçosos e com uma capella. mandados fazer nos principios do seculo XIX pelo *capitão Cidro*, da *Regoa.*

São tambem povoações nossas *Izidro, Izidoro, Santo Izidoro, Santo Izidro* — e *Zido* por *zidro*, contracção de *Izidro?!...*

[2] *Mosqueiro* é o mesmo que *Moscoso*, appellido portuguez nobre, e antigo tambem.

Veja-se no *Elucidario* o longo topico *Ferros*,- topico *interessantissimo!*— O seu illustrado auctor n'elle prova que o officio de *ferreiro* antigamente foi muito considerado e muito importante, pelo que outr'ora o appellido *Ferreiro* foi *appellido nobre* e adoptado por cavalheiros distinctos, que se orgulhavam de ser *ferreiros de forja* e exploradores de *minas de ferro*.

Cita um documento das *Salzedas*, do anno 1227, no qual figura como doador *Fernão Martins Ferreiro*, casado com *Dona Agueda!* — Isto prova que o dito *Ferreiro* era um *fidalgo distincto*, pois no seculo XIII eram raras as senhoras com o tratamento de *dom*.

No documento citado, — como diz Viterbo, — o tal *Fernão Martins Ferreiro* doou aos monges das *Salzedas* uma vinha em *Ermamar*, onde chamam *Val de Nacar*...

Ahi vão alguns dislates meus:

— *Ermamar* é hoje, sem contestação, *Armamar*, villa e séde de concelho e comarca do districto de *Vizeu*.

— *Val de Nacar* é talvez hoje *Vacalar*, povoação pertencente á freguezia, villa e concelho d'*Armamar*, mencionada na *Chorographia Moderna*.

A escala seria: — *Val de Nacar* — *Valnacar* — *Valcanar* — *Valcalar* — *Vacalar?!*...

A *Viterbo* não occorreu tal etymologia, mas outra muito differente, que póde vêr-se no *Elucidario*, artigo *Bacalar* ou *Baccallar* (sic),— o mesmo que *Vacalar*.

A dita povoação é pequena, mas bem situada, muito antiga, muito vistosa e unica do seu nome em *Portugal* e na *Hespanha*, pelo que na minha opinião, como já disse, d'ella procedeu talvez o appellido *Bacalar*, muito nobre e muito antigo na *Hespanha*. — O *Marquez de S. Filippe*, laureado escriptor hespanhol do seculo XVII, — chamava se *D. Vicente Bacalar y Saña!*...

E' tambem appellido hespanhol *Barrilar* — e talvez provenha da povoação do *Barrilar*, que demora em frente do *Vacalar*, mettendo-se de permeio apenas um pequeno rio ou ribeiro,— e pertence tambem á mesma villa e freguezia d'*Armamar*.

Note se que a povoação do *Barrilar* é tambem *unica do seu nome* em *Portugal* e na *Hespanha*. [1]

---

[1] Com vista ao meu proli-parente: — *primo, sobrinho, compadre, afilhado, herdeiro* e *excellente pessoa*, mencionado supra, — *Albino Rodrigues Cardoso Corvaceira* — residente em *Lisboa*, pois é filho do *Va-*

Tambem *Cardoso* e *Fonseca* são appellidos de varias familias nobres em *Portugal* e na *Hespanha*, — familias que tiveram o seu solar nas pequenas povoações de *Cardoso* (abundante em *cardos*) — e *Fonseca* (*fonte secca*), pertencentes á freguezia de *S. Martinho de Mauros*, concelho actual de Rezende.

Volvendo ainda ao *Fernão Martins Ferreiro*, dono da tal vinha de *Val de Nacar* em 1227, diremos que elle talvez fôsse habitante ou visinho do *Vacalar*, porque junto d'esta povoação ha outra, chamada *Ferradosa*, o mesmo que *Ferrajosa*, *abundante em ferro*, povoação nossa tambem.

Não será, pois, dislate suppôr que o tal *Fernão Martins* explorasse *in illo tempore* os jazigos de ferro da dita povoação da *Ferradosa*, e que d'essa exploração tirasse a fortuna e o appellido *Ferreiro*.

Desculpem os meus poucos leitores tantos dislates.

Viterbo menciona tambem o *Grande Affonso Fernandes Barbuz* (sic), natural de *Arrifana de Sousa*, hoje *Penafiel*, que — sendo fidalgo distincto — era *ferreiro por officio ?!...*

Tambem menciona um *Pedro Ferreiro* (quasi *Pedro Ferreira ?!...*) — que em 1222 *deu foral* aos que andavam povoando *a sua herdade* na margem direita do *Zezere*, chamada hoje *villa de Ferreira do Zezere ? !...* — E cita documentos de *Thomar*, nos quaes o dito *Pedro* umas vezes se chama *Ferrarius*, — outras *Faber*, o mesmo que *Ferrarius* — e outras *Ferreiro*, o mesmo que *Faber* e *Ferrarius*.

O tal meu homonymo *Pedro Ferreiro* era homem tão importante, que *dava foraes* aos povoadores das suas terras?!...

* * *

Ao dito *Pedro Ferreiro* doou muito espontaneamente *D. Sancho I* uma grande porção de terra, chamada *Valdorjaens*, junto de *Thomar*, em 1191, — doação que D. Affonso II confirmou, chamando as ditas terras *Ordiaes*, — o mesmo que *Orjaens* (*Valdorjaens*) supra, — *Orgens*, *Orjaes* e *Cevadaes*, povoações nossas tambem.

Note-se que *Ordiaes* — na minha opinião — vem do latim *hordeum*, *i*, — cevada ; — e *Orjaens*, actualmente *Orgens*

---

calar, visinho da *Ferradosa* e do *Barrillar* — e dono actual do casarão onde eu nasci na pequena povoação da *Corvaceira* — mesmo em frente da *Estação do Molledo*, como já disse.

e *Orjaes*, — vem do francez *Orge*, que significa tambem *cevada*.

Nós actualmente não temos povoação alguma com o nome de *Ordeaes* nem *Ordiaes*, mas temos *Orge*, *Orgens* e *Orjaes* — *Cevadeira*, *Cevadinha* e *Cevadaes*.

Tanto *D. Sancho I* n'aquella doação, como *D. Affonso II* na confirmação, dizem que o tal meu homonymo *Pedro Ferreiro* foi creado *com elles no Paço*, — militou com elles e lhes prestou *relevantes serviços* na batalha de *Monte Mór*, etc., — pelo que lhes cumpria estimal-o, defendel-o e amparal-o, — tanto a elle *Pedro Ferreiro*, como aos seus filhos e á sua familia.

Não leu pela mesma cartilha o nosso *rei venturoso!*...

Devia ser muito importante a herdade supra — e muito estimada pelo tal *Pedro Ferreiro*; mas, não obstante isso, elle — *sendo casado e com successão* — era tão rico e tão generoso que no seu testamento a doou aos *Templarios*, addiccionando-lhe ainda a sua *Villa Verde*, etc.

Legou tambem aos *Templarios* o seu melhor cavallo e a sua armadura de ferro *completa* — além de *vinte morabitinos* em ouro.

E' muito interessante a dita verba testamentaria, pois n'ella se mencionam *todos os artigos d'uma armadura de ferro completa in illo tempore*, pelo que *Viterbo* a copiou *textualmente* no logar citado. — *Attendite et videte.*

Note-se, porém, que *Viterbo* a copiou textualmente no *baixo latim* da época; — mas não a traduziu *nem é facil a traducção* — mórmente a dos vocabulos *Perpuntum*, *carraxos* e *templorium* ou *temptorium*, que n'ella se encontram?!...

Veja-se o *Glossario de Ducange.*

No mesmo artigo, *Viterbo* falla muito e muito bem da villa, do concelho, do castello e do convento de *Ferreira d'Aves*, bem como dos *Pachecos*, senhores da mencionada villa, ostentando muita erudição no esboço historico, etymologico e genealogico do appellido *Pacheco.*

Fallando da villa de *Ferreira d'Aves*, entre outras coisas diz, que a rainha *D. Thereza* a povoou ou repovoou e lhe deu foral; — que os nossos primeiros reis alli puzeram juizes — e que um dos juizes para alli mandado por *D. Affonso Henriques* chamava-se *Pedro Oydiz.*

Do exposto se vê que *Oydiz* foi appellido nobre e muito antigo em *Portugal*, e na minha opinião *Oydiz* ou *Oydis* deu ou podia dar *Ois da Ribeira* e *Ois do Bairro*, povoações e freguezias nossas. *Fiat lux.*

Agora o

APPELLIDO PACHECO [1]

Viterbo, fallando dos *Pachecos*, antigos senhores de *Ferreira* d'*Aves*, descendentes de *Fernão Rodrigues Pacheco*, o celebre defensor do castello de *Celorico da Beira* no anno de 1245, por *D. Sancho II* contra o Irmão *D. Affonso III*, conde de *Bolonha*, insurge-se contra os que dizem que o dito alcaide *foi o primeiro que usou o appellido Pacheco.*

Sustenta que o appellido *Pacheko* ou *Pacheco* é mais antigo e com certeza já vem do seculo XII, — anno 1193 — como provou no seu artigo *Deo Vota.*

Viterbo tambem cita um documento de 1290, que faz referencia a um certo *Gonçalo*, abbade da freguezia de *Pachaco*, por certo muito antiga, da qual se originou o appellido *Pacheco.*

Tambem diz que esta familia *Pachecos* produzira muitas pessoas notaveis, entre ellas *Lopo Fernandes Pacheco*, um dos *doze da Inglaterra*, cantados por *Camões*, — e *Diogo Lopes Pacheco*, um dos assassinos de *Ignez de Castro*, etc.

Ahi vão agora tambem alguns dislates meus.

— No foral de *Castello Mendo* — anno de 1229 — figuram como testemunhas *Suerius Petri pacheca* e *Johannes menendi pacheca.*

Portugaliae Monumenta, 1. *Foralia*, pag. 612.

— *Suerius Petri Pacheka* (talvez o mesmo *pacheca* supra!...) — figura em outro documento sem data, mas do seculo XII.

Elucidario, vb. *Deo Vota*, pag. 259, col. 2.ª — *mihi.*

— Tambem no foral d'*Aguiar de Sousa* — do anno 1269 — figura como testemunha *Domingos pacheco?*

Foralia — 715.

— Tambem no foral da *Azambuja*, do anno de 1272, figura entre as testemunhas— *gonçaleannes pachacho cavalleiro* — e em uma variante se lê *pachaco.*

Foralia — 727.

Do exposto se vê que o appellido *Pacheco* foi vulgar

---

[1] Chamo para estas pobres linhas a attenção do sr. dr. *José Corrêa Pacheco*, meu bom e velho amigo e um dos meus poucos leitores, fidalgo distincto, proprietario e capitalista e actualmente vereador da camara municipal do *Porto.*

entre nós nos seculos XII e XIII com as fórmas *Pachacho, Pachaco, Pacheka* e *Pacheco.* [1]

E' pois, como diz *Viterbo*, — muito anterior a 1245, data em que *Fernão Rodrigues Pacheco* se immortalisou defendendo o castello de *Celorico da Beira.*

Supponho até que o appellido *Pacheco* já vem do tempo dos romanos e foi tirado de *Paciecis*, familia romana, mencionada por *Damião de Goes* na sua *Hispania.*

O *Magnum-Lexicon* latino e o *Diccionario Classico* não mencionam tal familia; mas *Paciecus*, nome ou cognome romano, é mencionado por *Paulus Manutius*, Epist. 18; — *Cicero*, Epist. 1.ª, livro XII *Ad Atticum* e livro IV *Famil.* Epist. 18. — e *Hirtius — De Bello Hispani...* [2]

Tambem nos *Commentarios de Cesar*, pag. 232, se lê pouco mais ou menos o seguinte:

Tendo Cesar recebido emissarios de *Cordova*, que então obedecia a *Pompeu*, pedindo-lhe soccorros para tomarem aquella cidade, *Cesar* annuiu, mandando contra ella um bom numero de tropas, comprehendendo *peões* e *cavalleiros* — « de los quales hizo capitan un hombre conocido de aquella provincia, hombre sabio, que se llamava *Lucio Junio Pacheco...*»

Do exposto se vê que na *Hespanha* — já antes do nascimento de *Christo* — houve o appellido *Pacheco?!...*

Note-se que *Pompeu Magno* morreu assassinado no *Egypto*, contando de edade 59 annos, — no anno 48 antes do nascimento de *Christo.* — E *Sexto Pompeu*, filho de *Pompeu Magno*, foi assassinado no anno 35 *A. Ch.*

Apenas sobreviveu ao pae *treze annos.*

Era tambem *muito valente* e chegou a commandar uma esquadra de 350 vélas, pelo que se dizia *filho de Neptuno* e *Senhor dos Mares?!...*

Nós, além do appellido ainda hoje vulgar — *Pacheco*, temos varias povoações — *aldeias, casaes* e *quintas* — com os nomes de *Pacheca, Pacheca de Baixo, Pacheca de Cima, Pachecas, Pacheco* e *Pachecos.*

— A *Hespanha* — que eu saiba — apenas tem quatro povoações com os nomes de *Pacheca, Pachecas* e *Pacheco* nas provincias de *Albacete, Cadiz, Cuenca* e *Murcia* — e *Pachs* na de *Barcelona.*

---

1 Talvez que *Pachacho* se lesse *Pachaco* pois *ch* e *k* ou *q* substituiram-se e confundiram-se, como já dissémos.

2 *J. Rosini*, pag. 908, col. 1.ª e 2.ª

Cf. tambem *Pachi*, povoação da *Anatolia*, na *Turquia da Asia*, — *Pachino* e *Paceco*, povoações da *Italia*, na *Sicilia*, mencionadas por *Bescherelle* e *Devars*.

Mas qual a etymologia de Pacheco?

Viterbo, como já disse, lembrou-se da velha freguezia *Pachaco*.

Effectivamente *Pachaco* podia dar *Pacheco*. Supponho até que *Pacheco* e *Pachaco* são fórmas do mesmo nome, — bem como *Pachacho* por *Pachaco* supra; mas qual a etymologia de *Pachaco*, *Pachacho* por *Pachaco* — e *Pacheco*?

Nos idiomas *latino*, *portuguez*, *francez*, *castelhano*, *italiano* e *toscano*, apenas encontro o vocabulo italiano *pachetto* — pacote, embrulho — que podia dar *Pacheco*, pois na onomastica portugueza *ta*, *to*, *tu* e *ca*, *co*, *cu* substituiram-se e confundiram-se, como já disse.

Mas deixemos o italiano *pachetto* — pacote, embrulho, masso de cartas — e tentemos outra etymologia.

* * *

Talvez que *Pacheco* venha do supposto latim barbaro *paciecus*, *i*, tirado de *pax*, *acis* — paz, como *pacatus* e *pacificus* — pacato, pacifico, sereno, manso, affavel, tranquillo, — fórmas anteriores ou posteriores de *paciecus*?

V. o *Glossario de Ducange*, que agora não tenho á mão e que é *indispensavel* para este ramo d'estudo.

A fórma *paciecus*, *i*, encontra-se em *Paciecis*, familia romana, mencionada por *Damião de Goes* na sua *Lusitania*, citada supra.

Paciecus podia sem violencia dar *Pacheco* e n'este caso *Pacheco* é synonimo de *affabilis* — affavel, cortez, mimoso, que por seu turno deram *Cortêz*, appellido vulgar, — e *Mimoso*, appellido nobre e antigo.

Tambem temos *Cortez*, *Cortezes*, *Cortezia*, *Cortezões*, *Mimosa* e *Mimoso*, povoações nossas, cujos nomes foram tirados de *Cortez* e *Mimoso* supra, synonimias de *Paciecus* — *Pacheco*?

Tambem *Paciecus* — *Pacheco* — é synonimo do latim *blandus*, *i* — *brando*, — que deu *Blanda* e *Blandina*, nomes de santos.

Blandina foi nome pessoal em *Trancoso*, no meu bom tempo.

Blandanus, outro diminutivo de *blandus* — brando —

deu *Brandano*, tambem nome d'um santo, o mesmo que *Brandão*, appellido e nome de varias povoações nossas.

Blandus deu tambem *Blandinus, i*, unde *Blandina*, supra, — e *Brandim*, povoação nossa.

Por seu turno *Blandinus, i*, deu *Blandianus, i* — e *Blandinianus, i, is* — unde *Brandião* e *Brandinhaes* por *Brandinhães*, povoações nossas tambem.

Paciecus — *Pacheco?* — é tambem synonimo do latim *benignus* — affavel, cortez, benigno, que deu *Benigno*, nome d'um santo, etc.

— Póde tambem dizer-se que é synonimo do latim *jucundus* — alegre, jucundo, suave, que deu *Jucundo, Jucunda, Jucundino* e *Jucundina*, nomes de santos, — bem como *Jagunda* por *Jucunda* — formosa campina junto da villa de *Ceia?!...*

— Póde tambem dizer-se que *Paciecus* — *Pacheco?* — é synonimo do latim *álacris* — jucundo, animado, vivo, alegre, que deu *Alegro* e *Alegre*, appellidos nossos tambem, — *Montalegre, Portalegre, Vista Alegre*, etc., povoações nossas.

Póde egualmente dizer-se que *Paciecus* — *Pacheco?* — é tambem synonimo do latim de *Varrão mansues* — brando, placido, pacifico, sereno, *manso*, que deu *Manso*, appellido nosso tambem, — *Manso* e *Mansos*, nomes de santos, — *Mansa, Mansas* e *S. Manços*, povoações nossas.

— Póde egualmente dizer-se que *Paciecus* — *Pacheco?* — manso, pacato, pacifico, alegre, jucundo, generoso, é tambem synonimo do latim *bonus* — bom, — que deu *Bona, Bom* e *Bôa*, nomes de santos, — *Bom João*, aldeia, — *Jambô*, o mesmo que *João Bom* e *Bom João*, povoação nossa tambem, — e *Santo Homem Bom*, capella, rua e largo de *Vianna do Castello*.

Junte-se *Casal da Nabôa* ou *d'Anna Bôa*, como se lê na *Chorographia Moderna*, — ou antes *Casal de Dona Bôa*, pois em velhos documentos do cabido de *Lamego* já eu encontrei *Dona Bôa*.

Note-se que o dito casal — é *muito antigo* e *muito lindo* — e demora junto do santuario de *Nossa Senhora dos Remedios*, no aro de *Lamego*.

Póde tambem dizer-se que *Paciecus* — *Pacheco* — é synonimo do latim *generosus* — liberal, generoso, que deu *Generosa* e *Generoso*, nomes de santos.

— E' tambem synonimo do latim *liberalis, e*, que deu *Liberal*, appellido, — e pela fórma latina *liberale* — deu *Livralde*, povoação nossa.

— E' tambem synonimo do latim *pacatus* — sereno, pacifico, pacato, tranquillo, manso, que deu *Pacato*, appellido, e pela fórma *Pacati* deu *Pagade*, povoação nossa.

— Póde egualmente dizer-se que *Paciecus* — *Pacheco?* — é synonimo do latim *serenus* — tranquillo, pacato, sereno, que deu *Sereno* e *Serena*, nomes de santos, — *Serem*, *Serena*, *Serenus*, *Sereno* e talvez *Serina* por *Serena*, povoações nossas.

— E' tambem synonimo de *tranquillus* — sereno, manso, tranquillo, — que deu *Tranquillo*, *Tranquilla*, *Tranquillino* e *Tranquillina*, nomes pessoaes, — *Tranquillino*, nome d'um santo, — e *Tranquillo*, appellido já do tempo dos romanos!...

Cf. *Suetonio Tranquillo*, famoso historiador romano.

Viveu no tempo do imperador *Adriano* e foi desterrado da côrte por falta d'attenção para com a imperatriz *Sabina*.

No seu desterro continuou a merecer a amizade de *Plinio*, o *Moço*, — correspondia-se com elle — e dedicou-se inteiramente ao estudo.

Escreveu muito, mas a unica das suas obras que chegou até nós — é *A Vida e a Historia dos doze primeiros Cezares* — e alguns fragmentos do seu *Catalogo dos grammaticos mais celebres*.

A dita *Historia* é muito considerada e muito elogiada pela sua exactidão, mas censura-se a dureza e aspereza com que descreve os defeitos e as estravagancias dos *Cezares*. [1]

Tranquillus deu ou podia dar *Tranquilhos*, povoação nossa, — e *Tranquillitas* — a *Tranquillidade* — foi uma das muitas deusas da antiguidade.

* * *

Por ultimo diremos que *Paciecus* — *Pacheco* — é tambem synonimo do latim *placidus* — manso, tranquillo, pacato, sereno, placido, que deu *Placida* e *Placido*, nomes de santos, — e *S. Placido*, capella e sitio da freguezia e concelho de *Taboaço*.

Tambem na minha opinião *Placidinius*, *ii*, *iis*, diminutivo de *Placidus*, — deu *Prazins*, nome de varias povoações e freguezias nossas.

— Com vista ao meu bom e velho amigo — *Placido Au-*

---

[1] A historia do *povo-rei* menciona outro *Suetonio* muito notavel. Refiro-me a *Suetonio Paulino*, o primeiro general romano que atravessou o *Atlas* com um exercito.

Governou a *Grã-Bretanha* por espaço de *vinte annos* — e por ultimo foi feito *consul*.

gusto de Moura Vasconcellos — chantre do cabido de *Lamego*, tendo sido alli reitor do *Seminario episcopal* muitos annos — e anteriormente famulo do sr. *D. José de Moura Coutinho*, benemerito prelado de *Lamego*, patricio e particular amigo d'elle, — ambos naturaes da freguezia d'*Arnoia*, concelho de *Celorico de Basto*.

As minhas relações com o dito rev. sr. *Placido* já véem do tempo em que fômos condiscipulos em *Lamego*, nas aulas de preparatorios — ou desde 1846. — Contam, pois, a bagatella de *sessenta e tres annos?!...*

— Vive tambem ainda no *Douro*, — lá na minha *Penajulia* ou *Penajoia* — um meu particular amigo desde o tempo em que fômos condiscipulos na aula d'*instrucção primaria*, em 1839 a 1841. — Contava eu então 7 a 9 annos — e elle talvez 8 a 10.

Chama-se *José Fernandes d'Almeida* e — apesar de ser um pouco mais velho — ainda está *muito mais vigoroso do que eu?!...*

Contam as nossas relações a bagatella de 68 a 70 annos — e foram sempre *cordeaes*.

Honram-me tambem ainda com a sua amisade — e mesmo *intimidade* — desde o meu bom tempo de *Coimbra* — 1851 a 1856 — o sr. dr. *Manoel de Barros Nobre*, benemerito desembargador actual na relação dos *Açores*, prestes a ser transferido para a relação do *Porto*, — e o rev. dr. *Abilio Ribeiro Alvares de Mello*, cunhado do fallecido conde de *Tavarede* — e conego d'*Evora*, etc.

Foi tambem meu contemporaneo em *Coimbra* e até hoje *meu intimo amigo* — o sr. conselheiro *Antonio Camillo d'Almeida Carvalho*, — dono da bella casa da *Ermida*, no *Douro*, e que já foi deputado, etc.

Falleceu tambem ha poucos annos na cidade da *Figueira* o dr. *Julio Cesar d'Almeida Rainha*, da opulenta casa *Rainhas*, de *Gouveia*, que foi deputado em differentes legislaturas, meu contemporaneo e condiscipulo em *Coimbra* e desde então *meu intimo amigo*, até que falleceu.

—Honrou-me tambem com a sua amisade desde o nosso bom tempo de *Coimbra* até que falleceu em abril ultimo — o rev. dr. *Alexandre J. Freire de Faria e Silva* — que foi conego — *thesoureiro-mór* do cabido d'*Evora* e alli por vezes governador do arcebispado, etc.

—Foi tambem *muito meu amigo* até que falleceu em *Braga*, sendo alli *conego professor*, o meu contemporaneo, con-

discipulo, companheiro de casa no ultimo anno da nossa formatura — e *primeiro premiado* do nosso curso — *José Gomes Martins*, de *S. Pedro da Torre*, — por antonomasia *o theologo* — pois era considerado e respeitado, como *primeiro theologo de Portugal*, no seu tempo ? !...—V. pag. 367 e 382 do 1.º vol.

— Foi tambem meu contemporaneo em Coimbra e meu companheiro de casa no dito anno lectivo, o sr. dr. *Pedro Augusto Dias*, depois lente muito distincto da *Escola Medico-Cirurgica do Porto*, actualmente aposentado, que é um dos *meus poucos leitores* e ainda me penhora com a sua estima.

Honra-me tambem com a sua amisade e particular estima desde 1858 (?) o sr. conselheiro *Francisco Ribeiro da Silva*, inspector geral das obras publicas, etc.

Honrou-me tambem sempre com a sua estima o sr. *conde d'Alpendurada* — desde 1858 — até que falleceu ha poucos annos.

Tambem desde longa data o sr. *conde de Samodães*, meu patricio e visinho lá no *Douro*, me trata melhor do que eu mereço, — e em 1889 me deu a honra de acceitar-me como *collaborador* do livro : — *Monumento á memoria de D. Antonio Luiz da Veiga Cabral e Camara, bispo de Bragança.*

Foram tambem collaboradores do mesmo livro o sr. padre *Arthur Eduardo d'Almeida Brandão*, distincto escriptor publico, deputado em varias legislaturas, — meu bom amigo tambem *desde a sua infancia*, — e Mgr. *Manoel Antonio Pires*, então conego de *Bragança*, excellente pessoa, distincto escriptor tambem e meu bom amigo desde 1882 até que falleceu.

—*Era um santo !...*

— Penhoraram-me tambem *durante muitos annos* com attenções e finezas os meus bons amigos e *mestres* — *Joaquim Possidonio Narciso da Silva*, benemerito archeologo, — e o distincto escriptor e virtuosissimo sr. *Ignacio de Vilhena Barbosa*, — até que falleceram.

* * *

Honrou-me tambem com particular estima até que falleceu — o sr. *D José de Moura Coutinho*, santo bispo de *Lamego*, que me ordenou em 1857 e pouco depois me nomeou professor do seminario, examinador synodal e vigario geral interino, por estar velho e decrepito o rev. dr. *Diogo de Macedo Pereira*, então provisor e vigario geral da diocese.

Prometteu-me tambem sua ex.ª a nomeação definitiva de

provisor e vigario geral por fallecimento do dito senhor, mas infelizmente falleceu antes d'elle o santo bispo!...

Deus o tenha em bom logar, como firmemente creio, pois era *virtuosissimo!*

Devo-lhe as maiores finezas e — para d'algum modo lhe significar a minha gratidão e não me expôr ao *infame labéu de ingrato* — vejam-se no *Portugal antigo e moderno,* vol. IX, pag. 350, o meu artigo *Telhô*, casa nobre da freguezia de *Arnoia*, concelho de *Celorico de Basto*, onde s. ex.ª nasceu, — e *Villa Pouca*, aldeia da mesma freguezia d'*Arnoia*, vol. XI, pag. 897, col. 2.ª e segg.

Em um e outro dos mencionados artigos se encontram largas noticias genealogicas e biographicas do sr. *D. José de Moura Coutinho* — e dos seus ultimos representantes — dois sobrinhos.

Tambem, como já disse, me honrou com a sua amizade e particular estima, desde que fui para *Coimbra* em 1851, até que falleceu em 1875 na sua casa da rua da *Alegria* — o sr. dr. *José Ernesto de Carvalho e Rego* — meu patricio, pois era natural da minha *Penajulia* ou *Penajoia* lá no *Douro.*

Foi meu lente de theologia na *Universidade* e depois vice-reitor da mesma — durante 21 a 22 annos consecutivos, — caso raro, *rarissimo*, nos annaes da *Universidade.*

— Era tão meu amigo, que chegava a dizer: — *Lamento que este rapaz não seja meu sobrinho!*

Devo-lhe *as maiores finezas*, pelo que tambem para não me expôr *ao infame labéu de ingrato,* dei ao meu antecessor *Pinho Leal* uma longa, minuciosa e muito conscienciosa biographia de s. ex.ª, que póde vêr-se no artigo *Penajoia*, do *Portugal antigo e moderno*, vol. VI. pag. 562 a 564.

Devo tambem a *maxima gratidão* ao mordomo do santo bispo de *Lamego* supra, que me ordenou.

Chamava-se elle *José Antonio Dias;* — viveu *muitos annos* com o dito prelado e era tão estimado e considerado por elle, que, pelo facto de terem ambos o nome — *José*, se dizia que em *Lamego* havia ao tempo dois prelados: — um *José Bispo* — e outro *Bispo José.*

Ambos me estimavam muito — e o *Bispo José* — o tal *José Antonio Dias*, que era uma excellente pessoa, — na sua rude franqueza chegou a dizer me: — *Ninguem é mais seu amigo do que eu — exceptuando unicamente seus paes!...*

— Effectivamente assim era e d'isso me deu *provas penhorantissimas* durante annos — até que falleceu.

* * *

Devo tambem *muita gratidão* á memoria do meu bondoso amigo e collega — *Fortunato Casimiro da Silveira e Gama*, natural da cidade da *Figueira* e que foi muitos annos abbade de *Quinchães*, junto de *Fafe*, onde se collou em 1859 e falleceu no dia 10 de março de 1896, ás duas horas da manhã.

Era *virtuosissimo e generosissimo*, tão modesto como illustrado — e um *bibliophilo distincto*.

Deixou uma livraria selecta, de *cinco a seis mil volumes* talvez, sendo muitos d'elles comprados por mim nos leilões do *Porto*.

Como tinhamos *intimas relações* e eu ao tempo era assiduo frequentador dos *leilões de livros*, — mandava-lhe os respectivos catalogos, — elle indicava os n.os que pretendia, — eu licitava-os na praça e depois enviava-lhe os que podia obter.

Era tão generoso, que estava sempre a dizer-me: — *Tire os que lhe agradarem, pois com isso me penhora*.

Nunca tirei um unico, mas s. ex.ª deu-me alguns manuscriptos que são hoje codices da *Bibliotheca Municipal do Porto*, dados por mim.

Tambem s. ex.ª possuia um bom *mealheiro*, comprehendendo muitas medalhas e moedas antigas, sendo algumas *raras e caras*, — mealheiro avaliado em um conto de reis aproximadamente e que muito generosamente offertou ao *Museu Archeologico* da cidade da *Figueira*, sua terra natal, onde se guarda e conserva.

Foi s. ex.ª educado em *Vizeu*, onde collaborou no *Liberal*, jornal em que publicou varios artigos, avultando entre elles, um intitulado: — *O Cardeal D. Miguel da Silva e a quinta de Fontéllo* — interessante folhetim que assignou e póde vêr-se em o n.º 163 do dito jornal.

Possuia elle, cemo saudosa recordação do seu bom tempo, a collecção completa do mesmo jornal muito bem encadernada, — collecção que por fineza especial me deu tambem e hoje se encontra na *Bibliotheca Municipal do Porto*, dada egualmente por mim, bem como outros jornaes, differentes livros e varios *codices* ou manuscriptos, — ao todo *mais de setenta*.

Só com relação ao *mosteiro de Arouca* dei á mencionada *Bibliotheca* uns 15 a 20 *codices*, — alguns muito *interessantes*

e todos muito dignos de serem consultados por quem se proponha escrever com relação ao dito convento.

No meu longo artigo *Vizeu*, póde vêr-se no *Portugal antigo e moderno*, vol. XII, pag. 1816 e 1817 a biographia do meu saudoso amigo e collega — *Fortunato Casimiro da Silveira e Gama.*

Deus o tenha em bom logar, como firmemente creio, pois *era um santo!...*

Eu nunca tive a honra de o vêr.

Quando visitei *Fafe*, em 1866, ainda o não conhecia, aliás iria comprimental-o, pois já elle era abbade de *Quinchães*, freguezia proxima de *Fafe*.

Nasceu na *Figueira* no dia 22 de setembro de 1835. [1]— Foram seus paes *Francisco Casimiro da Gama*, varão de nobre linhagem, natural da villa d'*Ançã*, official do exercito e um dos *bravos do Mindello*, tendo assentado praça como *cadete*, — e *D. Maria Manuela Candida de Gouveia e Seixas*, natural de *Vizeu*.

Fallecendo o pae na *Figueira*, approximadamente em 1843, a viuva passou para *Vizeu*, sua terra natal, e levou com ella o filho, nosso biographado, que ao tempo contava apenas *oito annos*.

Foi famulo do Bispo de *Vizeu* — *D. José Joaquim de Azevedo e Moura* que, sendo transferido para o arcebispado de *Braga* em 1856, o levou comsigo.

Em *Braga* concluiu a sua ordenação; — no dia 24 d'outubro de 1858 celebrou com grande pompa a primeira missa — e logo no anno seguinte — 1859 — foi apresentado e se collou na abbadia de *Quinchães*, onde se conservou até que falleceu em 1896, como já dissémos.

Foi portanto s. ex.ª abbade de *Quinchães* 37 annos, posto que o sr. *D. José Joaquim d'Azevedo e Moura*, arcebispo de *Braga*, *que muito o estimava*, por vezes lhe offereceu melhor collocação e outras honras que o nosso biographado, pela sua modestia e padecimentos recusou, bem como a eleição de procurador á junta geral do districto, etc.

* * *

[1] Era cerca de tres annos mais novo do que eu, pois nasci em 14 de novembro de 1832.

Foi s. ex.ª socio effectivo da *Sociedade promotora das Bellas Artes em Portugal*, — socio correspondente da *Real Associação dos Benemeritos italianos de Palermo* — e socio *fundador* e *benemerito* da *Real Associação Archeologica da cidade da Figueira.*

Travámos relações approximadamente em 1872 por causa dos livros — e duraram ellas 24 annos — até que s. ex.ª falleceu em 1896.

As coisas passaram-se assim:

— Eu havia comprado em um leilão aqui no *Porto* um *ms.* muito interessante, luxuosamente encadernado em *chagrin* com filetes dourados, escripto em papel inglez e muito boa caligraphia, mas *sem assignatura.*

Pelo contexto vi que o tal *codice* foi escripto pelo rev. dr. *Antonio dos Santos Leal*, de *Moncorvo*, deputado supplente ás côrtes de 1822, desembargador da camara ecclesiastica de *Braga*, abbade de *Quinchães* — e por ultimo *Vigario Geral* e *governador* do bispado de *Pinhel*, onde falleceu.

Desejando eu saber se o tal *ms.* era effectivamente do dr. *Santos Leal* e *autographo*, — escrevi ao rev. abbade de *Quinchães*, pedindo-lhe me esclarecesse, ao que s. ex.ª muito amavelmente sem demora satisfez.

Começaram assim as nossas relações.

O tal *ms.* é hoje tambem um *codice* da *Bibliotheca Municipal do Porto*, dado por mim, — codice *muito interessante*, pois é a historia *minuciosa* e *muito conscienciosa* da revolução que o general *Silveira*, 2.º conde *d'Amarante* e 1.º marquez de *Chaves*, fez em *Traz-os-Montes*, no anno de 1823, derrogando a constituição de 1820 e proclamando novamente rei absoluto *D. João VI.*

O *ms.* — além da revolução propriamente dicta — comprehende a emigração do general *Silveira* com a sua *grande divisão* atravez da *Hespanha* até ás proximidades de *Burgos*, — a sua contra marcha até *Salamanca* — e de *Salamanca* até *Lisboa*, a pedido de *D. Miguel*, para o auxiliar na *villafrancada*, etc.

Note-se que o auctor do *ms.* — *Santos Leal* — era amigo do general *Silveira* e o acompanhou durante a dicta revolução e durante a emigração na *Hespanha*, — indo com o estado maior no quartel general e foi *secretario particular do Silveira!?...*

Santos Leal descreve, pois, a dicta revolução e a emigração como *testemunha ocular*, fazendo por vezes apreciações, — talvez muito justas, mas pouco lisonjeiras para o proprio seu

amigo general *Silveira* e para outros generaes da mesma divisão, porque o auctor, como se vê do contexto, escreveu o dicto codice — não para o dar ao prélo — mas tão sómente e unicamente *para seu uso particular!...*

— Tem, pois, *muito merecimento* o dicto codice, pelo que eu, antes de o dar á *Bibliotheca*, o mostrei ao sr. *José Pereira de Sampaio* (*Bruno*) — distincto escriptor e historiador, auctorisando-o para o copiar, como effectivamente copiou.

* * *

Tambem devo muita gratidão á memoria do rev. *Manoel Henrique da Silva Machado*, reitor de *Bornes*, junto das *Pedras Salgadas*, pois desde 1874 até que falleceu ás 11 horas da noute de 26 de novembro de 1893, me honrou com particular estima.

Duraram as nossas relações 19 annos.

Elle não foi escriptor, mas era bastante illustrado e *muito amante de livros*, pelo que deixou uma das melhores livrarias transmontanas, comprehendendo ao todo *cinco a seis mil volumes*, comprados muitos d'elles por mim nos leilões do *Porto*.

Apenas se distribuiam os catalagos, eu mandava-lhe um; — elle indicava-me os numeros que pretendia; — eu licitava-os na praça, como licitava outros para mim e para o santo abbade de *Quinchães*; — depois mandava-lhe os que podia obter.

Assim comprei nos leilões do *Porto* — durante longos annos — muitos livros para o dicto meu collega e para o santo abbade de *Quinchães*, ambos já fallecidos — e eu *prestes a marchar!...*

Para a biographia de s. ex.ª veja-se no *Portugal antigo e moderno*, vol. XI, pag. 1:371 e 1:372, — o meu artigo *Villarinho das Paranheiras*, concelho de *Chaves*,—freguezia onde s. ex.ª nasceu no dia 26 d'abril de 1834.

Era mais novo do que eu cerca de *dois annos*, pois nasci em 14 de novembro de 1832.

Foi tambem um dos meus amigos *da velha guarda* o rev. *Dionizio Ignacio de Sampaio e Mello* — desde 1846, data em que nos encontrámos em *Lamego* nas aulas de preparatorios, — até que falleceu na *Cogulla*, freguezia do concelho de *Trancoso*, no dia 2 d'abril de 1900 — ou *durante 54 annos*.

Elle era filho de *Marialva*, concelho actual da *Meda*, mas na partilha da casa tocou-lhe um bom casal que tinham na *Cogulla*, onde passou os ultimos annos da vida *muito socegado*,

Pertencia s. ex.ª a uma familia das mais nobres e antigas de *Marialva*, e era primo co-irmão do sr. dr. *José Tiberio de Reboredo Sampaio e Mello*, que foi tambem meu contemporaneo em *Lamego*, nas aulas de preparatorios, — e depois em *Coimbra*, onde se formou em *Direito*, sendo posteriormente advogado em *Foscôa*, governador civil de *Vizeu*, deputado ás côrtes, etc.

Este sr. *Tiberio* tambem tomou parte na grande desordem que se feriu em *Coimbra* no dia 28 de *fevereiro* de 1854— entre a academia, o povo e a tropa que ao tempo guarnecia a cidade,—desordem precursora da celebre *Thomarada*.

Na campanha diurna s. ex.ª nada soffreu; mas na campanha nocturna do mesmo dia, quando *tolamente* parte da academia foi ao *bairro baixo* e na subida ou passagem da *Praça do Commercio* para a rua da *Calçada* dispararam do angulo E. S. E. da dita praça contra a academia alguns tiros, — foi um dos *tres estudantes* que ficaram feridos!...

— Uma bala partiu-lhe um dos dedos polegares;—outra bala feriu de raspão na testa o academico *Leandro José da Costa*, natural de *S. Thomé*, na *Africa Occidental*; — o terceiro ficou ferido no peito, mas tambem de raspão e levemente.

— Eu acompanhei o *farrancho*; — assisti á campanha diurna e nocturna — e fiz toda a celebre *Thomarada*, mas felizmente nada *soffri*.

—Bom tempo era aquelle em que eu apenas contava 22 annos, — emquanto que hoje — 1909 — estou derreado de todo, vergado ao peso de 77 annos e de 87 kilos?!...

Vejam-se as pag. 175 a 187 supra, onde descrevi a celebre *Thomarada*.

Veja-se tambem no *Portugal antigo e moderno*, vol. XI, pag. 774 a 776, o meu artigo *Villa Maior*, freguezia do concelho de *S. Pedro do Sul*, onde *ad perpetuam rei memoriam* contei um episodio da mesma *Thomarada*,—episodio que *me fez chorar*; mas d'ahi a poucos minutos *já ria e cantava*.

Prosigamos.

*
* *

O meu bom e velho amigo supra *Dionisio Ignacio de Sampaio e Mello* — era tambem primo do sr. *Antonio Maria Homem da Silveira Sampaio e Mello*, do *Rabaçal*, freguezia do concelho e comarca da *Meda*, — um dos fidalgos mais ricos, mais distinctos e mais considerados da *Beira*, no seu tempo.

— Foi s. ex.ª quem promoveu a fundação da comarca da *Meda*, só para ter o tribunal mais perto da sua nobre casa do *Rabaçal*.

Os meus poucos leitores já estão fartos de *cantigas*, pelo que ahi vão algumas etymologias, a proposito do *Rabaçal*.

Esta freguezia tomou claramente o nome das *rabaças*, como outras muitas povoações nossas, ao todo mais de vinte. Taes são:

— *Rabaça*, *Rabaçal*, *Rabaças*, *Rabaceira*, *Rabaceiro*, *Rabacinha*, *Rabacinas*, no diapasão leonez *Rabaciñas*, o mesmo que o portuguez *Rabacinhas*; — *Rabaçosa* e — *Rabal*, contracção de *Rabaçal*?

Junte-se tambem *Raviçaes*, talvez fórma de *Ravaçaes*, e este de *Rabaçaes*, — o mesmo que *Ribaçaes*, povoação nossa tambem, como *Ribaçal*, nitida fórma de *Rabaçal*?

E' assim a *arte nova*.

O padre *Dionizio* era tão meu amigo, que por vezes foi da *Cogulla*, junto de *Trancoso*, visitar-me a *Tavora*, concelho de *Taboaço*, onde fui parocho tres annos antes de passar para a freguezia de *Miragaya*, *no Porto*.

Tambem foi por vezes expressamente da *Cogulla* ao *Porto*, só para me vêr e abraçar e passar commigo alguns dias.

Note se que elle já então estava muito doente, muito gasto, muito decepado e tinha de fazer a viagem da *Cogulla* a *Trancoso* — 10 kilometros — em sella; — de *Trancoso* até á villa da *Regoa*, cerca de 80 kilometros, — em diligencia, — e da *Regoa* ao *Porto* 100 kilometros em via ferrea.

Quando ia visitar-me da *Cogulla* a *Tavora* transpunha mais de 40 kilometros de pessimo caminho *em sella* — e de *Tavora* foi tambem um anno commigo em *sella* e por mau caminho até o meu casarão da *Corvaceira*, distante de *Tavora* cerca de 30 kilometros para O.

Tambem eu fui — não de *Tavora*, mas do *Porto* — varias vezes á *Cogulla* só para o vêr e abraçar e passar com elle alguns dias.

— Elle tinha muito genio, — mas foi sempre *meu amigo extremoso*, *muito sincero* e *muito dedicado!...*

* * *

Foi tambem meu amigo intimo o dr. *Antonio Rodrigues Pinto*, de *Sande*, junto de *Lamego*, alli meu condiscipulo nas

aulas de preparatorios em 1846 a 1849 — e depois meu contemporaneo em *Coimbra*, onde se formou em direito — e meu condiscipulo no primeiro anno theologico — 1851 a 1852.

Fiz com elle a campanha da *Thomarada* em 1858 — e com elle regressei de *Thomar* a *Coimbra*.

Pouco depois, para melhor saborearmos o *grande fartote de feriados* que o governo por essa occasião *muito generosamente* (?...) deu aos convencionados, — incorparando as férias do *Entrudo* nas de *Paschoa*, — fiz com elle a exotica viagem de *Coimbra* até *Lamego*, — viagem muito accidentada, que na pobre villa d'*Alva* nos fez succumbir e *chorar!...*

Valeu-nos o santo regedor da pobre villa, que muito generosamente nos acolheu. — Logo nos animámos e d'ahi a pouco já riamos e *cantavamos!...*

V. pag. 175 e seguintes supra — e no *Portugal antigo e moderno*, vol. XI, pag. 774 a 776, o meu artigo *Villa Maior*, freguezia do concelho de *S. Pedro do Sul*, onde descrevi a exotica viagem — *ad perpetuam rei memoriam.*

O tal meu bom amigo *Antonio Rodrigues Pinto* — era um talento verdadeiramente superior — e *um cavalheiro a toda a prova*, por ser filho *de bom sangue.*

O pae, grande proprietario de *Sande*, que eu tambem conheci, — *era honradissimo* — e a mãe *era uma santa!*

— *Qui viget in foliis venit e tradicibus humor* — ou *talis arbor, talis fructus* — tal a arvore tal o fructo. [1]

O meu saudoso amigo dr. *Antonio Rodrigues Pinto* foi advogado em *Lamego* e em *Castro d'Ayre;* — passou depois para a magistratura e, sendo juiz de direito em *Villa Real de Traz os-Montes*, um dia escreveu-me dizendo que tencionava ir com a familia tomar banhos em *Mattosinhos,* pelo que me pedia que fôsse alli arrendar-lhe uma casa.

De bom grado annui — e pouco me incommodei, pois vivia então, como vivo ainda hoje, no *Porto.* — Alli fui cumprimental o algumas vezes e em uma das ultimas disse-me:

— *Vem jantar commigo tal dia... pois tenciono partir no seguinte.*

— Fui. Jantámos e palestrámos; — no fim da tarde acompanhou-me até o carro americano e despedimo-nos, ficando

---

[1] Com vista ao meu *atavico successor* que, se Deus lhe prolongar a vida, será o sr. dr. *Joaquim da Silveira, da Anadia,* — o amigo *mais falso* e *mais ingrato* que n'este mundo encontrei.

— *Suave qui pent!...* — V. pag. 218 a 220, — 337 a 341, etc. — e *Joaquim da Silveira,* no indice da 1.ª parte.

elle de perfeita saude e *muito bem disposto*. — Passados, porém, dois dias, quando eu suppunha que elle já estivesse em *Villa Real de Traz-os Montes*, recebi de *Mattosinhos* um telegramma da irmã, dizendo-me: — *Falleceu o meu Antoninho*.

Fiquei attonito!... — Parti logo; — encontrei-o effectivamente já morto — e coube-me a tristissima honra de acompanhar o cadaver até ao cemiterio?!...

Havia fallecido na vespera, quasi repentinamente, — haverá doze annos — ou em 1897.

Nós deviamos ser da mesma edade: — convivemos muito de perto em *Lamego* e em *Coimbra* — e fomos amigos intimos durante *mais de cincoenta annos* talvez

Deus o tenha em bom logar, pois era uma excellente pessoa, um cavalheiro a toda a prova e *um magistrado dignissimo*.

Tambem ha muitos annos me trata melhor do que eu mereço o ex.mo sr. *D. Joaquim de Carvalho Azevedo Mello e Faro*, residente no *Porto* desde longa data, na sua linda casa da rua *Firmeza*. E', porém, s. ex.ª meu patricio, dono e representante da nobre casa da *Soenga*, uma das mais antigas e mais importantes do concelho de *Rezende*, pelo que lá no *Douro* é cognominado *D. Joaquim da Soenga*.

Casou s. ex.ª em *Baião* com uma senhora da nobre casa de *Fenalva*, freguezia d'*Ancede* e teve duas filhas e dois filhos.

Uma das filhas — a mais velha, *D. Maria da Boa Nova* casou em primeiras nupcias com o sr. *Carlos Maria da Cunha Coutinho*, das *Casas Novas*, freguezia de *Santa Marinha do Zezere*, concelho de *Baião* tambem: [1] — e casou em segundas nupcias com o sr. *Antonio Borges*, da freguezia de *Fontellas*, concelho da *Regoa*, sendo tambem já viuvo — e agora *viuvo novamente*, pois a dita senhora, sendo ainda *muito rigorosa*, já falleceu, deixando successão de ambos os maridos.

A outra filha do sr. *D. Joaquim da Soenga* chama se *D. Maria do Sacramento*; — casou com o seu primo *Alvaro d'Azevedo Pinto Leme* — da dita casa de *Fenalva*, e ainda vive.

Dos filhos do sr. *D. Joaquim* — o mais velho, *D. Alexandre*, ainda está solteiro — o mais novo, por nome *D. Pedro*, casou ha annos com a sr.ª *D. Carolina Pereira Dias*, filha do sr. conselheiro e digno par do reino — dr. *Manoel Pereira Dias*, dono da casa de *Rendufe*, em *Rezende*, que foi depu-

---

[1] Veja-se o meu longo artigo *Zezere* (Santa Marinha do), freguezia do concelho de *Baião*, no *Portugal antigo e moderno*, volume XII, pag. 2:113 e 2:114.

tado em varias legislaturas, lente e decano da faculdade de Medicina na Universidade de *Coimbra* e durante annos reitor da mesma Universidade.

S. ex.ª ainda vive na sua nobre casa de *Rendufe*, mas deve estar, como eu, já velho e gasto, pois fomos contemporaneos em *Coimbra* e devemos ter com pouca differença a mesma edade.

Volvendo á nobre casa da *Soenga*, ainda me recordo de vêr o sr. *D. Alexandre,* pae do sr. *D. Joaquim*, — mas *já cadaver*, pois coube-me a honra de assistir ao funeral d'elle.

Tambem me recordo de dois irmãos de s. ex.ª: — *D. Francisco de Carvalho Azevedo Mello e Faro*, casado em *Mões*, junto de *Castro d'Ayre*, — e *D. Frederico d'Azevedo Faro e Noronha*, que foi lente de *direito romano* em *Coimbra*, no meu bom tempo d'estudante.

Morava s. ex.ª na *Couraça de Lisboa*, onde se dignou receber-me e palestrar commigo algumas vezes.

Era uma excellente pessoa.

As minhas relações com o sr. *D. Joaquim da Soenga* já contam 54 a 55 annos, pois datam de 1854 a 1855, — anno em que (se bem recordo) s. ex.ª casou com a sr.ª *D. Maria Rosa Pinto Leme*, filha de *Francisco Carlos Pinto Leme*, da nobre casa de *Penalva*, freguezia de *Ancede*, em *Baião*.

Datam as nossas relações d'aquelle anno, porque s. ex.ª para festejar o seu casamento — deu um grande baile na sua nobre casa da *Soenga*, baile para que se dignou convidar-me e ao meu irmão *Jorge Augusto Ferreira* que, sendo mais velho do que eu dois annos, ainda vive no casarão da *Corvaceira*, onde nascemos. [1]

Ao mesmo baile assistiu tambem o dr. *José Julio d'Oliveira Pinto*, ao tempo meu contemporaneo em *Coimbra* e que em 1862 ou em 1863, sendo deputado e director geral do ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, foi morto em *Lisboa* no dia 29 de março em um duello fatal. [2]

---

[1] Eu nasci em 1832 — e o snr. *D. Joaquim*, segundo me consta, nasceu em 1833 ou 1834.

Somos, pois, da mesma edade, com pequena differença.

[2] V. *Barqueiros* no *Porugal antigo e moderno*, vol. 1.º pag. 366, — e o meu longo artigo *Zezere (S. Marinha* do*)*, vol. XII, pag. 2115, onde mencionei a triste occorrencia, fallando da nobre casa da *Ermida* e do meu bom e velho amigo, dono d'ella, — o conselheiro *Antonio Camillo d'Almeida Carvalho*, pois sendo então deputado, foi padrinho do *dr. José Julio*, seu visinho e amigo particular, no duello que o victimou!...

Eu senti muito aquella triste occorrencia por todas as considerações, — nomeadamente porque s. ex.ª — além de ser uma excellente pessoa e um talento superior, — foi meu contemporaneo em *Coimbra*, — tratou-me sempre melhor do que eu merecia — e devo-lhe em grande parte a minha apresentação na abbadia de *Tavora*, solar dos *Tavoras*, concelho de *Taboaço*, onde fui parocho tres annos — 1861 a 1864 — antes de me transferir para o *Porto*.

Tambem a minha familia deve muita gratidão ao primo do sr. *D. Joaquim da Soenga — D. Christovam Noronha Mello e Faro de Barreto* — dono do palacio de *Porto de Rei*, na margem esquerda do *Douro*, — um pouco a jusante da nobre casa da *Soenga*, — mesmo em frente da estação actual de *Porto de Rei*, na linha ferrea do *Douro*.

Foi s. ex.ª padrinho d'uma minha irmã e teve muitas relações com o meu pae desde 1828 até que falleceu, approximadamente em 1890, — já decrepito, solteiro, sem successão e *ab intestato*, na sua casa do *Villar*, freguezia de *Barrô*, concelho de *Rezende* tambem.

V. *Villar*, curioso artigo meu no *Portugal antigo e Moderno*, vol. XI, pag. 1:173 a 1:175.

— E' *curioso* o mencionado artigo, porque eu, citando os *Fóros de S. Martinho de Mouros*, indiquei varias familias que no seculo XIV avultavam entre as mais nobres de *Rezende* e expliquei o motivo porque outr'ora algumas povoações, como o *Porto*, *Pinhel*, *Villa Real*, etc., muito estimavam o privilegio de não poderem morar nellas *fidalgos* nem *ricos homens*.

Comprova tambem esta asserção o estranho e *horroroso facto* que mencionei no meu longo artigo *Pinhel*, praticado pelo *marichal D. Fernando Coutinho*, pelo seu filho *D. Henrique* e pelo *conde de Marialva*, seu sobrinho, no segundo quartel do seculo XV.

V. *Pinhel* no *Portugal antigo e moderno*, vol. VII, pag. 70 e 71.

De passagem direi que o mencionado artigo — *é todo meu*, — como *Pinho Leal* declarou no artigo *Pontos do Douro*, artigo meu tambem, — no mesmo vol. VII do *Portugal antigo e moderno*, pag. 200.

Volvendo á longa série d'amigos que por fortuna encontrei neste mundo, ainda mencionarei mais alguns.

Foram tambem meus contemporaneos em *Coimbra* e honraram-me com a sua estima varios filhos de *Rezende*, avul-

tando entre elles o sr. conselheiro e digno par do reino — *Manuel Pereira Dias*, dr. de capello em *medicina*, lente e decano da mesma faculdade, — excellente pessoa e talento superior, — deputado ás côrtes em varias legislaturas e por ultimo bastantes annos *reitor da Universidade*, etc.

Casou s. ex.ª com uma irmã do visconde de *Rendufe* e teve dois filhos, que falleceram de tenra edade, — e duas filhas que ainda vivem. A mais velha — *D Lucinda* - casada com o sr. dr. *Albano de Magalhães*, de *Felgueiras*, meu bom amigo e magistrado dignissimo, actualmente juiz de direito; — a mais nova — *D. Carolina* — casou com o sr. *D. Pedro de Mello e Faro*, filho do sr. *D. Joaquim da Soenga.*

O sr. conselheiro e digno par do reino — *Manuel Pereira Dias* — deve ser da minha edade, mas já o não vi ha muitos annos.

O sr. *D. Joaquim da Soenga* - além do filho *D. Pedro* supra, teve mais dois filhos e duas filhas de legitimo matrimonio.

Dos filhos um, de nome *D. Antonio (?)* falleceu de tenra edade; — o outro, por nome *D. Alexandre*, como o avô, ainda está solteiro.

Das filhas, a mais velha — *D. Maria da Boa Nova* — casou a primeira vez em *Baião* com o sr. *Carlos Maria da Cunha Coutinho* — e teve successão; [1] — ficando viuva, casou segunda vez em *Fontellas*, concelho da *Regoa*, com Antonio Borges, tambem viuvo e agora viuvo novamente, como já dissémos. — A mais nova — *D. Maria do Sacramento* — casou em *Penalva* supra, com o seu primo, o sr. *Manoel Alvaro d'Azevedo Pinto Leme.*

Foi tambem meu contemporaneo em *Coimbra* um excellente moço — *Antonio Pinto Dias Chaves*, filho do dr. *Manoel Pinto Dias Chaves*, dono da casa do *Carujeiro*, freguezia de *S. Frei Gil*, concelho de *Rezende.* [2] — O pobre moço não se formou, porque adoeceu gravemente. O pae, que era um bom facultativo, levou-o de *Coimbra* para a sua casa do *Carujeiro*, onde o tratou com o maior disvelo, mas, passado pouco tempo, falleceu, o que muito senti, porque tanto o pae como o filho eram muito meus amigos.

---

[1] V. *Casas Novas*, no meu longo artigo *Zezere*, do *Portugal antigo e moderno*, vol. XII, pag. 2:113, col. 1.ª.

[2] *Carujeiro* é uma fórma de *corujeiro*, abundante em *corujas*, aves nocturnas; — *Gil* vem de *Egidio* — e este de *Heziodo*, nome grego.

Foi tambem meu contemporaneo em *Coimbra* e muito meu amigo até que falleceu — o dr. *José Teixeira Borges Soeiro d'Almeida*, natural de *Fornêllo* (pequeno *forno*) — freguezia de *S. Martinho de Mouros*, concelho de *Rezende* tambem.

Formou-se em direito, — seguiu a magistratura — e morreu ha bastantes annos, sendo juiz de direito na villa da *Pesqueira*.

Outro meu contemporaneo, filho de *Rezende*, foi o dr. *Frederico de Sequeira Coelho de Macedo*, natural da povoação de *Cantim de Baixo*, freguezia, concelho e comarca de *Rezende*, onde foi advogado. — Casou com a sr.ª *D. Izabel Cardoso Girão*, da quinta do *Bairro*, concelho de *Rezende* tambem.

Ainda vive, mas já viuvo e com filhos — e deve ser da minha edade.

*
* *

Como os leitoreu já estão fartos de *cantigas*, ahi vão algumas etymologias.

— Na minha opinião *Cantim* vem de *Quentim*, diapasão francez de *Quintim* por *Quintini*, patronimico de *Quintinus i*, — *Quintino*, nome d'um santo, etc., diminutivo de *Quintus* — *Quinto*, nome romano e tambem nome d'um santo, tirado de *quintus* — *quinto*, adjectivo numeral.

Note-se que os romanos, como já dissémos, tiraram nomes pessoaes de todos os seus adjectivos numeraes, — desde *primus*, que deu *Primo*, nome d'um santo, e *Prime*, aldeia, quinta e titulo de condado, — até *nonus* e *decimus*, unde *Nonna*, *Nonno*, *Nuno*, *Nunilona* e *Nunilono*, nomes de santos, etc.

Tambem *Quintus*, *i*, deu *Quintilius* e *Quintilianus* — *Quintiliano*, famoso sabio romano e professor de rethorica, auctor do *Compendio de Quintiliano*, que vigorou entre nós até o tempo em que eu estudei preparatorios.

Tambem *Quintus* deu *Quintius* e *Quintianus*, *i*, *is*, unde *Quinchães*, freguezia do concelho de *Fafe* — e *Quintião*, aldeia da freguezia de *Cambres*, concelho de *Lamego*.

Quintinus, *i*, como já dissémos, deu *Cantim*, duas aldeias do concelho de *Rezende*, etc. — Por seu turno *Cantim* deu ou podia dar *Contim*, *Gontim*, *Gondim*, etc. — povoações nossas, — e talvez *Gontinhães*, e *Gondinhães* — de *Gontinianis*, patronimico de *Gontinianus*, *i*, diminutivo de *Gontinus*, *i*, que deu *Gontim* e *Gondim* supra.

E' assim a *arte nova* — e *rira bien qui rira le dernier!?...*

Foram tambem meus contemporaneos em *Coimbra* — e desde então *até hoje* me honraram com a sua estima — dois filhos de *Rezende*, naturaes da povoação de *Cordova*, freguezia de *S. Pedro de Páus*.

São elles o dr. *Albino Augusto Guedes de Mello* — e o seu irmão *Eduardo Guedes de Mello*, filhos de *Alexandre Rodrigues Osorio*, proprietario e capitalista.

O *Eduardo* passou alguns annos em *Coimbra* flanando, pelo que não se formou. Tambem até hoje — 1909 — não casou. — E' uma excellente pessoa e ha muitos annos vive no *Porto* com uma irmã — a mais nova, que elle muito estima. — Chama-se ella *D. Maria Augusta Guedes Pinto de Mello*, senhora de muito merecimento e tambem solteira.

Vivem com muita decencia e muita independencia, por haverem herdado de seus paes boa legitima e terem o bom senso de a conservarem.

Elle foi durante annos empregado da *Real Companhia Vinicola do Porto*, da qual era e é accionista, bem como a sua adorada irmã supra; mas, para não se fatigar e por não ter filhos, abandonou o emprego — e leva melhor vida do que eu!...

Póde dizer com o *Mantuano:* — *Deus nobis haec otia fecit!...*

Além d'isso é *natural do bom genio?* — Eu nunca o vi zangado, pelo que, tendo nascido em 1834 ou 1835 — está bem disposto e muito bem conservado!...

O irmão — dr. *Albino*, pouco depois de formado, casou com uma senhora *muito linda*, — *D. Maria Angelina Pinto Leme* — da nobre casa de *Penalva* supra, irmã da esposa do sr. *D. Joaquim da Soenga* — e teve apenas um filho, que falleceu de tenra edade.

Foi administrador de concelho em *Rezende* e posteriormente conservador em *Amarante;* mas, por ter meios de sobra para viver com decencia e independencia — *e por não ter filhos* — deixou *Amarante* e vive com a esposa na sua bella quinta de *Lòuredo*, contracção de *loureiredo*, freguezia e concelho de *Rezende*.

* * *

Tiveram elles tambem uma irmã — *D. Carolina Candida Guedes de Mello* — que já falleceu, havendo casado em 1853

ou 1854 com o dr. *José Borges de Carvalho Vasconcellos*, da freguezia *d'Oliveira*, concelho de *Mezão frio*, — excellente pessoa e fidalgo distincto, que ao tempo era *o cavalheiro mais rico* da dita parochia e do dito concelho. [1]

D'este consorcio tiveram 2 filhos e 3 filhas: — *Antonio, José, Maria Eduarda*, outra *Maria Eduarda* e *Maria José*, — todos já fallecidos, exceptuando o *José* e a *Maria José*.

O *Antonio* falleceu de tenra edade.

O *José* ainda está solteiro e vive na sua grande casa d'*Oliveira*, — Chama-se *José Borges de Carvalho Vasconcellos Soares d'Albergaria* — e é talvez o homem mais corpulento que ha no *Douro!...*

Parece um *gigante* o dito morgado e, além de ser muito vigoroso e muito alto, — *é muito nutrido*.

— Pesa talvez mais de *cento e vinte kilos?!...*

A sr.ª *D. Maria José Borges de Corvalho Vasconcellos*, irmã do *gigante*, casou em *Rezende* com *José Maria Teixeira Pinto de Gouveia Vasconcellos*, filho do dr. *João Teixeira Pinto de Vasconcellos*, conhecido no meu bom tempo como *fidalgo de Carosa*, por viver na sua nobre casa e quinta de *Carosa*, freguezia de *Cambres*, junto de *Lamego*, onde havia casado. Mas s. ex.ª era natural de *Rezende*, irmão do dr. *José Manoel Teixeira Pinto*, morgado e senhor da nobre *casa de Villa Pouca*, — edificio brazonado, muito espaçoso e de construcção imponente, com quatro faces e um terreiro, a modo de claustro, no centro.

A casa de *Villa Pouca* é talvez a maior e mais regular do concelho de *Rezende* — e é seu dono actual o dito sr. *José Maria Teixeira Pinto*, porque o seu tio morgado lh'a deu em dote, quando casou com a dita sr.ª *D. Maria José Borges de Carvalho*.

Os drs. *José Manoel* e *João Teixeira* supra — eram filhos de *Diogo Luiz Teixeira Pinto*, morgado e senhor da casa de *Villa Pouca*, em *Rezende*, o qual teve tres filhos, todos bachareis formados em direito, — e *seis filhas*, todas ainda solteiras, — total *nove filhos!...*

Foi s. ex.ª bastante prolifico, mas levou-lhe a palma *Julião Sarmento*, visconde de *Moimenta da Beira*, fidalgo distincto e grande proprietario d'esta mesma provincia da *Beira Alta*, pois, como já dissémos — a viscondessa, esposa d'elle,

---

1 V. *Santa Maria d'Oliveira*, curioso artigo meu, no *Portugal antigo e moderno*, vol. VIII, paginas 428.

teve nada menos de *vinte e seis partos* — e vingou *vinte filhos e filhas?!...*

O dr. *João Teixeira Pinto*, de *Carosa* supra, — além do filho *José Maria Teixeira*, dono actual de *Villa Pouca*, teve mais 4 filhas: — *D. Maria da Piedade*, hoje viuva de *Manoel Mendes, de Cambres*, — *D. Maria do Patrocinio*, casada com *Abilio de Mello Sampaio*, da nobre casa do *Paço*, freguezia de *S. José de Godim*, concelho da *Regoa*, — *D. Maria dos Prazeres* e *D. Maria da Conceição*, ainda solteiras.

A casa e quinta de *Carosa* foi dividida pelos 5 irmãos, mas o pae deixou *a terça* ao filho, dono actual da grande casa de *Villa Pouca* supra, casado com a sr.ª *D. Maria José Borges*. — São, pois, bastante ricos, mas *não têem successão* — nem ella, nem os tios d'ella supra, — nem o gigante e morgado seu irmão?!...

A dita sr.ª *D. Maria José Borges*, pelo lado materno é prima do *morgado de Cordova — Justiniano Cesar Osorio* — conhecido tambem por *Justiniano de Cordova*, que no tempo da revolução da *Junta do Porto* — 1846 a 1847 — deu brado como *guerrilheiro!*

Não era *natural do bom genio*, como são os dois *primos* e meus bons amigos *Eduardo* e *Albino* supra.

Birrando com as prepotencias dos *Cabraes*, — armou uma guerrilha de 200 homens seus visinhos, muito valentes, bem escolhidos e capitaneados por elle, como *tenente coronel e commandante do batalhão de voluntarios de Rezende*, titulo dado pela *Junta do Porto*.

Foi um guerrilheiro muito ousado e muito valente; — deu brado durante a dita revolução — e póde denominar-se o *Galamba da Beira*.

Com os seus 200 voluntarios incommodou muito a divisão do conde, então ainda *barão do Casal*, composta de 5:000 homens, que estava em *Lamego*, a 15 kilometros de *Cordova*, pelo que o dito general, a instancias dos *Marçaes de Foscôa*, que andavam unidos áquella divisão com a sua guerrilha ou antes *quadrilha*, — mandou contra *Cordova* e *Rezende* forças importantes varias vezes.

Foram ellas sempre batidas, escorraçadas e repellidas pelo valente guerrilheiro, mas, vendo que não podia continuar a bater-se com forças tão superiores, — deixou *Cordova* e recolheu-se ao *Porto*.

* * *

Sabendo isto os *Marçaes*, foram com a sua guerrilha e com outras forças da mencionada divisão a *Cordova*; saquearam a dita povoação e as povoações visinhas — e incendiaram 13 das melhores casas, principiando pela do *morgado guerrilheiro*, então ausente no *Porto*, — e pela do seu primo e visinho — *Alexandre Rodrigues Osorio* — pae dos meus bons amigos supra, *Eduardo* e *Albino Guedes de Mello*.

Terminada a lucta pela *convenção de Gramido* (deturpação de *gramêdo*) foi o *Galamba da Beira* repetidas vezes administrador do concelho e presidente da camara de *Rezende*, portando se sempre com a maior dignidade, até que falleceu no *Porto* em 25 de julho de 1861.

Pouco depois falleceu tambem a sua esposa — *D. Leopoldina Adelaide e Mello*, da nobre familia *Mellos* de *Adalváres*, junto de *Lamego*, sem deixar successão.

Veja-se no *Portugal antigo e moderno* o meu artigo *Páus*, freguezia do concelho de *Rezende*,— vol. VI, pag. 509 a 512, onde fallei de *Cordova*, povoação d'aquella freguezia, — e do famoso guerrilheiro *Justiniano de Cordova*.

Veja-se tambem no mesmo diccionario o meu longo artigo — *Villa Nova de Foscôa* — vol. XI, pag. 829 a 849, onde rendi *justo preito* (?!...) aos *Marçaes de Foscôa* — desde pag. 842 a 844.

— Com relação á guerra da *Junta do Porto* — veja se *Gramido*, vol. 3.º, pag. 316.

* * *

Volvendo á longa série de pessoas, que *durante muitos annos consecutivos* me honraram e á minha familia com a sua amizade, ainda mencionarei mais algumas.

Occupa distincto logar entre ellas o dr. *João Maria Mergulhão Neves Cabral*, da freguezia de *S. Romão*, concelho d'*Armamar*, que, além de ser uma excellente pessoa e um fidalgo distincto, — foi um dos primeiros jurisconsultos de *Portugal*, no seculo XIX.

Falleceu já decrepito em 21 de novembro de 1884 e me honrou sempre com particular estima, — bem como á minha familia da *Corvaceira* e *do Bacalar*, dando nos muito espontaneamente e muito generosamente o tratamento de primos.

Este tratamento é *tradiccional* entre as duas familias. — Já vem do tempo dos nossos *paes*, *avós* e *bisavós*: — conta mais de *cem* ou *duzentos* annos — e foram sempre *cordeaes* as relações entre as duas familias.

Não ha memoria da minima divergencia entre ellas, — facto não vulgar e muito honroso para ambas, nomeadamente para a minha.

Quando s. ex.ª falleceu em 1884, já tinha fallecido dez annos antes — em 1874 — o seu unico filho varão dr. *Accacio Mergulhão Neves Cabral*, bacharel com *duas formaturas em direito*, — uma no escriptorio do pae, distincto jurisconsulto; — outra na Universidade de *Coimbra*, onde foi sempre laureado estudante e *premiado*. — Nem outra coisa era d'esperar, por ser um talento superior, excellente pessoa e já muito versado em direito.

Quando foi para *Coimbra*, — *já podia reger cadeira*, — pois levava *o curso completo do pae* — e promettia ir *além d'elle*; mas, por estudar muito, adoeceu e morreu pouco depois de formado.

Antes de ir para *Coimbra* tentou ordenar-se e frequentou o curso theologico no seminario de *Lamego*, quando eu fui alli professor em 1857 a 1860, pelo que tive a honra de o contar entre os meus numerosos discipulos.

Só na aula de historia ecclesiastica — aula que eu bem ou mal regi no anno lectivo de 1859 a 1860 — (tive, se bem me recordo) 122 discipulos?!... — E escusado é dizer que o meu primo *Accacio* era absolutamente o primeiro estudante do grande curso, — *estudante distinctissimo!...*

Foram tambem *por distracção* meus condiscipulos *alguns dias* no meu primeiro anno lectivo de 1857 a 1858 os reverendos srs. *Manuel de Oliveira Chaves e Castro* e *Francisco de Moura Secco*, ambos filhos de *Lamego* — e que ao tempo acabavam de ordenar-se. [1]

— Eu tambem me ordenei, — recebendo as ordens todas desde *prima* tonsura até á de *presbitero* — no anno de 1857 e no curto espaço de *tres mezes*, por estar ao tempo já formado em *theologia*. — E em outubro d'esse mesmo anno principiei a reger a aula de *direito canonico* no seminario de *La-*

---

1 Eram dois talentos verdadeiramente superiores e ambos se dispunham a ir para *Coimbra*.

O sr. *Oliveira Chaves* effectivamente foi, porque tinha recursos proprios. — Formou-se e doutorou-se em direito, como todos sabem; — regeu cadeira muitos annos — e tem sido *abalisado jurisconsulto*.

O infeliz *Moura Secco*, por falta de meios não foi para *Coimbra*. — Seguiu a vida parochial muito *contrafeito*; foi abbade na freguezia da *Rua* e depois na minha *Penajulia*, bispado de *Lamego*.

Foi tambem distincto orador, escriptor e poeta — e falleceu ha bastantes annos *ralado de desgostos?!...*

mego, por haver fallecido o professor d'ella — dr. *Francisco José Pereira* — e eu ser convidado pelo santo bispo da diocese para substituir aquelle professor.

Regi, pois, bem ou mal no dito anno lectivo de 1857 a 1858 — e no de 1858 a 1859, a aula de *direito canonico* — e no de 1859 a 1860 a aula de *historia ecclesiastica*, então creada de novo no seminario de *Lamego*.

— Coube-me, pois, a honra de ser no dito seminario o *primeiro professor de historia ecclesiastica*, — disciplina de que eu *gostava muito!...*

Mas — dirão os leitores — sendo você tão novo [1] e tendo cabulado tanto em *Coimbra*, como você proprio já disse, — como se atreveu a leccionar *direito canonico* e *historia ecclesiastica?!...*

Eu effectivamente estudei pouco em *Coimbra*, mas *algo estudei*, pois, havendo entrado em *Coimbra* no mez de *junho* de 1851, *com os tristes preparatorios de Lamego*, — em *junho* de 1856 estava na minha *parvonia* formado em *theologia* — com todos os preparatorios de *direito*, accrescendo ainda os exames de *grego* e de *hebraico!...*

— Estudei pouco, mas nenhum dos meus contemporaneos se formou — *nem podia formar* — em menos tempo.

— Estudei *pouco* em *Coimbra*, mas estudei *muito* em *Lamego*, quando professor e, se não deixasse, como deixei, o professorado, passando para a vida parochial e de escriptor, — talvez que hoje soubesse algo do meu officio.

Eu gostava pouco do *direito* canonico, mas gostava muito da *historia ecclesiastica* — e por fortuna logo no primeiro anno — (e *ultimo?!...*) — em que bem ou mal regi a dita aula, encontrei na bibliotheca do paço episcopal de *Lamego*, — bibliotheca esplendida que foi dos *jesuitas* [2] — *optimos expositores*, avultando entre elles a *Historia Ecclesiastica* de *Fleu-*

---

[1] Nasci em 14 de novembro de 1832 e completei os 25 annos em 14 de novembro de 1857, quando *já era professor em Lamego*.

[2] A extincção dos *jesuitas* comprehendeu o collegio que elles tinham na alta e inhospista *serra da Lapa*, concelho de *Sernancelhe*, junto do santuario de *Nossa Senhora da Lapa*, diocese de *Lamego*, pelo que o governo — ou antes o *marquez de Pombal* — deu aos bispos de *Lamego* o dito collegio com a sua *grande bibliotheca*.

Os bispos conservaram o collegio para residencia dos capellães do santuario e commodidade dos romeiros, mas levaram a bibliotheca para o paço episcopal de *Lamego*.

O vasto edificio do collegio é actualmente *uma bella casa de educação*.

ry — e a de *Tillemond*, — ambas completas e bem encadernadas, comprehendendo *muitos volumes!* ...

Tambem comprei e *compulsei* a grande *Historia Ecclesiastica* do *Barão d'Henrion* — em francez, comprehendendo *doze volumes*.— E' muito interessante, muito linda e parece escripta por um *auctor portuguez*, pois menciona e *descreve muito bem* todos os bispados portuguezes, — tanto os do continente, como os do ultramar, comprehendendo os do *Brazil*, da *Madeira*, dos *Açores*, da *Africa*, da *Asia*, da *India*, da *China*, etc.

Note-se tambem que as ordenações de *Lamego* no tempo em que eu para alli fui como professor — *causavam dó!*...

Não havia periodo regular para matriculas — nem *seminario*, pois, tendo sido devorado por um incendio em 1834,— ao tempo (1857) ainda se tratava da sua reconstrucção. — Só se abriu no meu ultimo anno lectivo — 1859 a 1860 — anno em que residi nelle como professor, sendo vice-reitor do mesmo seminario o meu bom e velho amigo supra — *Placido Augusto de Moura Vasconcellos*.

Os ordinandos matriculavam-se *quando bem lhes parecia* e por vezes — passado pouco tempo — requeriam ao prelado licença para fazerem exame sobre a parte das disciplinas theologicas estudadas, com o pretexto de mandarem vir de *Roma* certos papeis, — obrigando-se á frequencia da parte restante do anno lectivo.

O santo prelado costumava deferir, mas os taes *meliantes* abusavam. — Feito o exame — não mais voltavam ás aulas?!... — Com isso tambem *pouco perdiam*, porque os exames todos naquelle tempo *eram facilimos* — tanto os das aulas theologicas, como os de preparatorios, que então — *credite posteri!* — se reduziam a *logica, retorica e latim*, estudados ordinariamente *pro fórma* nas casas dos respectivos professores.

Não havia exames *d'instrucção primaria* — nem de *francez* — nem sequer uma aula publica ou particular de *francez?!*...

A primeira aula de francez que houve em *Lamego* — foi regida *espontaneamente e gratuitamente* por mim no seminario, em 1859 a 1860, — nas quintas-feiras, dias de feriado, — por ter muita pena dos pobres ordinandos.

O professor de *logica* era então o dr. e clinico — *Domingos Pinto Ribeiro* — homem bastante illustrado e auctor d'um compendio da mesma disciplina.

— De todos os tres professores de preparatorios *era o que melhor cumpria*.

O professor de *rhetorica* era então o velho *padre Mattos*, que durante *muitos annos* regeu a dita cadeira pelo compendio de *Quintiliano* — e ultimamente pelo compendio do grande latinista e humanista padre *Antonio Cardoso Borges de Figueiredo.*

O dito snr. *Mattos* era muito versado em *rhetorica*, mas por extremo *bondoso*, para não dizer *outra coisa.*

— *Nunca reprovou um examinando* — quer fôsse leigo, quer ordinando, — e acceitava francamente tudo quanto elles lhe davam ?! . . .

O professor de latim — *João Teixeira de Mesquita* — era muito illustrado e um afamado *latinista*, mas muito excentrico e *demasiado generoso* para com os ordinandos. — Não hesitava em os approvar, — sem saberem muitos d'elles *coisa alguma de latim*, pelo que muitos ordinandos *in illo tempore* — nem compravam os compendios theologicos, por serem todos *em latim.*

— Custa a crêr, *mas é facto ! !* . . .

Iam para as aulas theologicas *sem compendio* e, quando os professores os chamavam á lição, diziam simplesmente: — *Não vi !*

A frequencia *era de banco*, mas pela *muita generosidade* dos professores *ficavam todos approvados no fim do anno ? !* . . .

* * *

Antes da minha ida como professor para *Lamego* — não havia memoria de ficar um só ordinando *reprovado ? !*...

Eu só no meu 3.º anno lectivo, — 1859 a 1860 — quando bem ou mal regí a aula de *historia ecclesiastica* e tive 122 discipulos, — reprovei 32, — entre elles um que me foi *muito recommendado !* — Encontrando mais tarde no *Porto* o meu amigo, protector d'elle, perguntei-lhe se o tal estudante chegou a ordenar se. Respondeu:

— « Effectivamente ordenou-se, mas *está irregular*, porque *nem sabe lêr o latim ? !*... »

Note-se tambem que antes da minha ida como professor para *Lamego* — tanto os exames de preparatorios, como das disciplinas ecclesiasticas, — não eram feitos *em mesa.* — Os respectivos professores examinavam os discipulos e ordinandos *a sós* — nos cantos d'uma sala cochichando e fallando talvez de tudo, menos da materia do exame.

Tambem nas aulas não havia *continuos.* — As faltas eram

unicamente marcadas pelos respectivos professores, — se é que as marcavam, *do que duvido*, porque ninguem lhes tomava contas.

Tambem os ordinandos iam para as aulas theologicas vestidos a seu *bel prazer*. — Devendo ir de *crépe regular*, todos levavam capa e batina, mas alguns sem cabeção e quasi todos sem sapatos d'entrada baixa nem meias pretas, mas com botas e sapatos de toda a ordem — e calças por vezes *de cotim*.

Estavam tão desconceituadas as ordenações de *Lamego*, que varios ordinandos de *Braga* e de *Bragança*, cidades muito distantes, tendo alli frequentado as aulas, iam em sella por estradas, que ao tempo *nem diligencias tinham*, — fazer os exames em *Lamego*, onde todos ficavam approvados, sendo *uma corja de discolos*, de *cabulas* e *vadios ?!...*

Eu, apenas tive conhecimento do facto, fiquei horrorisado e disse aos outros professores, meus collegas:

—« Isto é uma vergonha, uma affronta para nós,—affronta que deve terminar.— Quando houvermos de fazer favor,— seja aos ordinandos da nossa diocese; — não aos de dioceses estranhas e tão distantes, [1] pois não os conhecemos. — Para esses *todo o rigor!* — e eu darei o exemplo. »

D'ahi a pouco disse-me o escrivão da camara ecclesiastica de *Lamego*:

— Ahi vem um bando de seminaristas de *Braga* fazer aqui os exames.

— Deixe-os vir, pois talvez sejam os ultimos, — respondi eu.

Eis que se apresenta um dos taes, como *cerra-filas*, que elles mandaram deante *em descoberta*. — O pobre moço era bom estudante, mas *reprovei-o*.

— Foi *um remedio santo*, pois não mais appareceu em *Lamego* ordinando algum de *Braga* nem de *Bragança*.

Transformação completa das ordenações de Lamego

Vão agora os leitores vêr como eu — sem plano formado e sem violencia alguma — transformei de *fond em comble* as

---

[1] *Lamego* ainda hoje (1909) dista de *Braga* cerca de 26 legoas — ou 130 kilometros — e de *Bragança* pouco menos.

ordenações de *Lamego* nos tres annos lectivos do meu professorado.

Desde que o santo prelado me ordenou em 1857, tratou-me sempre melhor do que eu merecia, porque, sendo s. ex.ª bispo de *Lamego* desde 1845 e tendo por consequencia decorrido *treze annos* — fui eu o primeiro dos seus diocesanos *formado*, a quem s. ex.ª conferiu ordens,— como elle proprio me disse.

Era s. ex.ª o snr. *D. José de Moura Coutinho*, da nobre casa do *Telhô*, freguezia d'*Arnoia*, concelho de *Celorico de Basto* [1], onde nasceu em 1779, — talento superior, muito illustrado e muito virtuoso, — bacharel formado e *licenciado* em theologia pela Universidade de *Coimbra*, — excellente pessoa, muito tratavel e muito meu amigo.

Falleceu no paço episcopal de *Lamego* — no dia 3 d'outubro de 1861 — e devo-lhe a *maxima gratidão*, pelo que — para não me expôr ao *infame labéu de ingrato* — esbocei a genealogia de s. ex.ª no *Portugal antigo e moderno*. [2]

Poucos dias depois que s. ex.ª me ordenou, como já disse, nomeou-me professor de direito canonico, examinador synodal e vigario geral interino, por estar decrepito o vigario geral effectivo — dr. *Diogo de Macedo Pereira*.

Como o santo prelado era muito accessivel, muito tratavel e muito meu amigo, palestrava com elle repetidas vezes. Certo dia expuz-lhe o estado lastimoso dos ordinandos e lembrei-lhe muito respeitosamente algumas providencias para que elles tivessem uma frequencia regular e adquirissem alguma instrucção.

* * *

---

1 Como os leitores já estão fartos de *cantigas*, ahi vão algumas etymologias:

— *Telhô* vem talvez de *Telliolus*, diminutivo de *Tellus, i* — *Tello*, antigo nome pessoal, cujo patronimico *Tellis* deu *Telles*, appellido vulgar.

Tambem *Tellus* deu *Tellonius*, como *Apollus* deu *Apollonius*—*Apollonio*, nome d'um santo, etc.— E *Tellonius, ii, iis*, deu *Tellões* e *Tenões* por *Tellões*, povoações nossas.

Arnoia, contracção de *Arenoia* — vem do baixo latim *arenola* ou *arenolia*, diminutivo de *arêna* — areia, que deu outras muitas povoações, como já disssémos.

— *Cellorico* — vem de *celloricus*, diminutivo do baixo latim *cellorius* por *cellarius* — celleiro, cujo diminutivo *cellariollus* deu *Celleiró* e *Celleiroz*, o mesmo que *Celorico* e *Celoricos*.

Cf. *Machico*, *Burnico* por *Burrico*, *Pocico*, etc., povoações nossas.

2 V. *Telhô*, vol. XI, pag. 530 a 533 — e *Villa Pouca*, aldeia da freguezia d'*Arnoia* supra, vol. IX, pag. 897, col. 2.ª e segg.

Concordou s. ex.ª em que a *instrucção* era para elles muito necessaria e muito util. Dignou-se até s. ex.ª contar-me o facto seguinte:

— Vagando uma egreja do bispado annos antes, apresentou-se-lhe um presbytero, filho d'ella, pedindo-lhe a emcommendação até que fôsse provida, porque era pobre, bem como a sua familia, que elle estava amparando.

De bom grado annuí, por ter dó d'elle, e recommendei-lhe que se habilitasse para o concurso.

— Eu pretendo apenas *a encommendação* — respondeu o padre.

— Mas, se a egreja lhe convém tanto por *encommendação* — mais lhe convém a *collação*. Habilite-se, pois para o concurso, que eu o favorecerei quanto possa. — Retardarei até mais algum tempo o concurso para revêr as doutrinas que estudou e melhor se habilitar.

— Agradeço muito a bondade de v. ex.ª — accrescentou o desgraçado chorando, — mas eu não posso ir ao concurso nem habilitar-me para elle, porque não sei *latim nem coisa alguma?!...*

— Mas você, quando se ordenou, devia juntar e por certo juntou exames de preparatorios e das disciplinas theologicas do seminario!...

— Effectivamente juntei, mas *nada sei* — disse o pobre, chorando, e accrescentou:

— O meu pae era um pequeno lavrador e, tendo tres filhos, resolveu ordenar um — embora com sacrificio. Mandou, pois, para *Lamego* o meu irmão mais velho. Ordenou-se com tanta facilidade, que o meu pae attonito, mandou tambem para *Lamego* e ordenou com a mesma facilidade outro irmão.— Restava ainda eu e, como o meu pae visse já dois filhos ordenados, tendo gasto com as ordenações d'elles menos do que esperava gastar com a ordenação de um,— mandou-me tambem a mim para *Lamego* e com facilidade tambem me ordenei, — *mas nada sei!...* — disse o desgraçado chorando.

Tive muita pena d'elle — disse o bondoso prelado — e concordo em que os ordinandos — *mesmo por utilidade propria* — devem ser obrigados a estudar e a ter uma frequencia regular.

Vendo eu o santo prelado tão bem disposto, fui-lhe lembrando paulatinamente e muito respeitosamente as providencias mais urgentes para melhorar as ordenações e tiral-as do cahos em que jaziam desde longa data.

Fui tão feliz, que o prelado nunca se recusou a acceitar *uma unica* das minhas propostas—e auctorisou-me para lavrar as portarias, como se fôra secretario d'elle.—Assim lavrei algumas, depois de o consultar;—elle, depois de as lêr, assignava-as;—eu afixava-as na porta da aula do seminario e chamava para ellas a attenção dos ordinandos, concluindo por dizer-lhes muito simplesmente:—*Notem que na minha aula aquella portaria cumpre-se!...*

—Tanto bastava para elles a cumprirem *pontualmente.*

D'esta fórma, com muita facilidade consegui estabelecer um periodo *fixo e regular* para as matriculas nas aulas theologicas do seminario — e pôr termo ao escandalo dos exames que até então muitas vezes se faziam na primeira época do anno lectivo com o pretexto de mandarem os ordinandos vir de *Roma* certos papeis, chamados *reverendas*,— o que era um pretexto para não mais irem ás aulas n'aquelle anno.

Tambem consegui a nomeação d'um *continuo*, encarregado de marcar nas aulas theologicas as faltas dos alumnos— *em voz alta*, para o respectivo professor as marcar tambem na sua pauta.

Consegui tambem do santo prelado uma portaria regulando as faltas pela tabella da *Universidade.*

—Com um certo numero d'ellas ficavam os alumnos *preteridos*;— com outro numero algo maior *perdiam o anno.*— e tambem, como na *Universidade*, certo numero de faltas podia abonar-se *por doença.*

Tambem consegui do santo prelado que o sacramental *não vi* fôsse considerado como *falta inabonavel*, das quaes um limitado numero *preteria*—e outro pouco maior *fazia perder o anno aos alumnos?!...*

* * *

Consegui tambem do santo prelado instituição de *congregações mensaes*, relativas ás aulas theologicas do seminario —congregações formadas pelos diversos professores, presidindo a ellas o prelado.

Nas ditas *congregações*, para as quaes havia um *livro proprio*, se tomava todos os mezes —com relação a cada um dos alumnos — nota das faltas e das lições por elles dadas, com as respectivas qualificações d'ellas, constantes das pautas dos professores, —para se obviar a *empenhos* e *escandalos* no fim do anno.

Havia tambem uma congregação geral no fim do anno

lectivo e nella se tomava nota dos alumnos habilitados para irem aos actos, — bem como dos que ficavam *preteridos* e dos que haviam perdido o anno por faltas ou por outro qualquer motivo, pois nas ditas congregações se registava tambem o *comportamento moral e civil* dos alumnos.

— No paço episcopal de *Lamego* deve existir pelo menos um livro com as actas das ditas congregações — escriptas por mim, — pois era eu o secretario d'ellas, por ser o professor e vogal mais novo. — E todas devem estar assignadas por mim, — pelos outros professores — e pelo santo prelado como presidente.

As taes congregações foram *um remedio santo* para acabarem com os escandalos anteriores.

Note-se que até á minha ida como professor para *Lamego*, por vezes succedia ficar um alumno *reprovado* — e ser na mesma semana e *pelo mesmo professor* novamente examinado — e approvado?!!!...

— Custa a crêr — *mas é facto.*

— No meu primeiro anno lectivo, entre varios alumnos reprovei um, que apenas conhecia pela pauta e que era uma *nullidade completa.*

No mesmo dia o snr. conde d'Alpendurada, que ao tempo ainda não era conde mas simplesmente *João Baptista*.... — morador na rua dos *Loureiros*, — excellente pessoa e *muito acceito* do prelado [1] escreveu-lhe, dizendo pouco mais ou menos o seguinte:

— « Acaba de ser reprovado em *direito canonico* o portador... que é filho d'um meu cazeiro, pelo que peço a v. ex.ª a fineza de ordenar ao professor que *novamente o examine e approve*, porque o pae d'elle é um desgraçado e porque factos semelhantes — se *têem dado aqui mais vezes*... »

Com vista ao respectivo professor — escreveu no proprio *bilhete* (nem carta era!...) — o santo prelado e mandou-me o *bilhetinho* pelo tal meu disciplo *reprovado.*

— Eu fiquei attonito e bem quizera responder *á letra* ao

---

1 Note-se que o snr. *D. José de Moura Coutinho*, antes de ser bispo foi deão da Sé de *Lamego*, como coadjutor e futuro successor do deão *D. Manuel F. Gameiro de Sousa*, desde junho de 1812 até setembro de 1836 — e desde 1836 deão effectivo até 11 de março de 1855, data em que foi sagrado bispo.

Foi s. ex.ª pois, *muitos annos* deão da Sé de *Lamego*, onde teve por collegas dois conegos, tios do snr. *conde d'Alpendurada* e muito amigos do santo prelado.

tal senhor, mas, como vi no estranho bilhete a assignatura do santo prelado,—fui expôr-lhe de viva voz o que sentia, protestando energicamente, *embora muito respeitosamente*, contra semelhante pedido.

* * *

O venerando prelado concordou e desde aquella data — *o escandalo acabou!...*

Foi até talvez um dos motivos porque o sr. *conde d'Alpendurada* desde então, até que falleceu ha poucos annos, me honrou sempre com particular estima.

— Sem violencia alguma e até com muita satisfação minha acabei com a *immunda paparoca* e com a *empenhoca*, de que até á minha ida como professor para *Lamego* — dependiam alli em grande parte as ordenações.

Note-se que desde o tempo *do arroz de quinze* os professores das aulas theologicas do seminario de *Lamego* — *credite prosteri!...* — apenas recebiam 8$305 por mez — ou reis 99$660 por anno, pelo que — *para não morrerem de fome* — acceitavam francamente dos ordinandos *tudo quanto estes lhes davam* — e, *porquanto vós desteis — a todos approvavam?!...*

Custa a crêr.

— Os pobres ordinandos davam-lhes mugens, lampreias, saveis, etc., do *Douro*; trutas do *Varosa* e do *Paiva;* pipos e garrafas de vinho; açafates de laranjas, peras, figos, maçãs, damascos, etc.; — sacos de castanhas e de *carvão de choça*, muito estimado em *Lamego* no inverno, *por ser terra fria!?*

Davam-lhes tambem dôce: — cavacas de *Rezende*, murcellas de *Arouca*, *viuvinhas* de *Villa Real*, pasteis do convento das *Chagas*, de *Lamego*, etc.; — lombos de porco, leitões, cordeiros e os decantados *presuntos de Lamego;* — perdizes, lebres, coelhos, patos, perús, frangos, gallinhas, etc.

Tambem os tres professores e examinadores de preparatorios: — *logica*, *rhetorica* e *latim* — nomeadamente os d'estas ultimas duas disciplinas — acceitavam tudo quanto lhes davam — *inclusivamente dinheiro*, — pelo que eram tão generosos e tão brandos para com os ordinandos. — Davam-lhes inclusivamente *na vespera* do exame os *pontos* e assim os *approvavam a todos!?...*

— Custa a crêr, mas tudo o que levo dito era facto *in illo tempore*, — facto de que ainda hoje se conservam as mais tristes reminiscencias em *Lamego* e fóra de *Lamego*.

* * *

Quando eu para alli fui como professor de *direito canonico*, em 1857 a 1858 — appareceram logo alguns dos meus discipulos com os *presentes do estylo*. — Recusei-me terminantemente a acceital-os, apesar das instancias d'elles — e muito peremptoriamente e claramente lhes disse:

— « Não mais se incommodem com brindes e presentes, porque *não os acceito*. — Para mim a melhor recommendação e o melhor empenho será — *estudarem* e *portarem-se bem*. »

Os moços ficaram attonitos, mas em breve se convenceram de que eu cumpria pontualmente o que dizia.

— Appello francamente para os que por ventura ainda viverem.

— E vivem por certo muitos dos meus discipulos, por serem numerosos e todos mais novos do que eu.

— Appello mesmo para as familias d'elles e para os amigos e representantes d'elles.

— Eu tratava o melhor possivel na aula e fóra da aula os que estudavam e se portavam bem.

— Cumprimentavo-os na rua e apertava-lhes a mão — e nos actos tratei-os sempre com generosidade e brandura.

— *Fui severo* unicamente para com os *discolos e vadios* que se portavam mal e não estudavam coisa alguma, pelo que reprovei muitos d'estes — *sem attender a empenhos*.

— *São pobres e desgraçados!* — diziam-me os amigos que os recommendavam e me pediam que tivesse dó d'elles e os approvasse.

— Eu mostrava-lhes a minha pauta, para que vissem a frequencia d'elles e o seu comportamento, concluindo por dizer: Se são pobres, — portassem-se melhor e estudassem mais alguma coisa.

— Eu *reprovei muitos*, mas, sendo *in illo tempore* os ordinandos *tão numerosos* [1] e não havendo então policia em *La-*

---

1 — Só no meu anno lectivo — em 1859 a 1860, quando bem ou mal regia a cadeira de *historia ecclesiastica*, tive 121 discipulos! Ficaram approvados *nemine* 44; *simpliciter* 38; reprovados 18 — e perderam o anno por faltas 21, — segundo consta d'uma nota d'aquelle tempo que no momento encontrei.

Fica assim rectificado o que sobre o assumpto já disse na pag. 339 supra.

No mesmo anno matricularam-se em *theologia dogmatica* 66 discipulos; foram approvados *nemine* 25; *simpliciter* 30; reprovados 8 — e perderam o anno por faltas 6. — Matricularam-se em *theologia moral* 43;

mego, — eu passeava francamente de dia e de noute, quasi sempre *só* — e nunca os estudantes me desconsideraram nem affrontaram, pois só os discolos olhavam para mim *de travéz.*

Todos os outros me estimavam e respeitavam — e em questões sérias que no meu tempo surgiram contra os estudantes — eu *muito espontaneamente* me colloquei sempre *do lado d'elles.*

Certa noite, por exemplo, estando eu no theatro, o administrador do concelho [1] reprehendeu os estudantes que estavam na plateia fazendo grande arruido e, como elles recalcitrassem, mandou prender dois, — um dos quaes era irmão do reverendo dr. *João Manuel Cardoso de Napoles*, que foi deão em *Lisboa* e arcebispo eleito de *Gôa*, etc.

Eu muito espontaneamente me dirigi logo ao administrador pedindo-lhe que soltasse os estudantes.

— *Não posso* — respondeu elle, porque me desconsideraram recalcitrando, quando eu os reprehendi.

— Estudantes são rapazes. Não se póde exigir d'elles a prudencia d'anciãos — lhe disse eu, — mas se a questão é do arruido e barulho que faziam, — mande-os v. ex.ª soltar, que eu me responsabiliso pela tranquillidade d'elles.

— Promptamente annuiu e mandou logo commigo um official de diligencias com ordem para o sargento da guarda soltar os dois estudantes, que ainda estavam á porta do theatro e em volta d'elles e dos soldados muitos estudantes vociferando.

Foram immediatamente postos em liberdade os dois presos — e eu, tocando no hombro d'um estudante do *Alto Douro* — muito valente e *de pelle diabi* [2] — disse-lhe que me res-

---

foram approvados *nemine* 13; *simpliciter* 5; reprovados 9 — e perderam o anno por faltas 16.

Do exposto se vê que em 1859-1860 o curso theologico do seminario de *Lamego* comprehendia 233 alumnos; vingaram o anno 155 — e perderam-no 78.

— Não ha memoria de *curso tão numeroso* no seminario de *Lamego.*

[1] Era então o snr. dr. *José Beires*, que posteriormente foi governador civil de varios districtos e por ultimo official superior e director d'uma secretaria do estado em *Lisboa*, onde falleceu.

Era s. ex.ª irmão do snr. dr. *Manuel de Beires*, que falleceu ha poucos annos no *Porto*, sendo juiz da *Relação.*

Um e outro eram excellentes pessoas;—foram meus contemporaneos em *Coimbra* e me trataram sempre melhor do que eu merecia.

[2] — *No Douro tudo é bom, menos o que falla!* — Desculpem os meus patricios a franqueza.

ponsabilisára para com o administrador pela tranquillidade d'elles e que esperava me attendessem e não deixassem ficar mal.

— Agradeço a fineza — e pode você estar certo de que não o comprometteremos — disse elle — e muito generosamente cumpriram.

— Na dita recita portaram-se como *cordeiros*, ficando o administrador estupefacto; — na recita seguinte foram ainda mais longe.

— Tomaram *a plateia toda* — e convidaram-me para ir ao espectaculo.

— Eu fui — e elles pareciam *automatos*. — Estavam com tanto respeito e tão silenciosos como na aula e sempre com os olhos fitos em mim. — Só applaudiam e davam palmas, quando eu as dava, — o que foi para mim uma gloria, pois mostraram ao administrador e á cidade toda quanto me estimavam e respeitavam.

* * *

Outro facto mais eloquente:

— Era *in illo tempore* commandante do regimento de infanteria n.º 9, de *Lamego*, um brigadeiro geralmente estimado e considerado; tinha elle, porém, filhos de varios matrimonios, sendo dois d'esses filhos então sargentos e bastante desequilibrados.

Birrando elles com os estudantes e sabendo que estes na fórma do costume sahiriam certa noute com uma *tocata*, por ser vespera de feriado, e percorreriam a cidade, — que fizeram os taes sargentos, filhos do brigadeiro?

Chamaram os outros sargentos, — distribuiram por elles os instrumentos da banda regimental, incluindo os de pancadaria e de metal, e foram na mesma noute com os instrumentos, fazendo um barulho infernal, surprehender, affrontar e provocar em uma das ruas principaes de *Lamego* os estudantes, quando estes iam tocando e marchando em grande numero — *talvez mais de trezentos* — muito *socegadamente?!*...

O facto escandalisou a cidade toda. — Houve grande arruido e podia haver muito sangue, mas o conflicto passou.

Os estudantes continuaram passeando e tocando — e os sargentos recolheram-se *victoriosos* ao quartel, saboreando o estranho facto que haviam praticado e o grande escandalo que haviam dado.

No dia seguinte, um dos taes filhos do brigadeiro, andando a passear na cidade com dois sargentos e encontrando um grupo de estudantes, jogou-lhes certa *piada affrontosa*. Os estudantes insultaram-nos e deram-lhes alguns bofetões.

O filho do brigadeiro foi logo queixar-se ao pae; este officiou tambem logo ao administrador do concelho, que era o tal snr. dr. *José de Beires* supra,— mostrando-se muito magoado e pedindo *processo urgente* contra os estudantes que haviam insultado e desacatado o seu filho, mais dois sargentos, *indo uniformisados!...*

Eu, apenas tive conhecimento de tão estranha occorrencia, muito espontaneamente fui procurar o administrador e disse-lhe que, se os estudantes andaram mal — os sargentos andaram *peor ainda*, como s. ex.ª bem sabia.

— Que os estudantes *eram rapazes* — foram provocados e tinham desculpa,— emquanto que os sargentos não tinham desculpa alguma, por serem *officiaes inferiores* que,— devendo ser mantenedores da ordem,—*eram os primeiros a provocar a desordem*, como todos sabiam.

— Que o snr. brigadeiro, mostrando-se tão magoado e tão irado contra os estudantes — *era injusto*, pois devia principiar por manter a disciplina militar, castigando ou pelo menos admoestando os filhos que o estavam cobrindo de vergonha e expondo-o a graves censuras, como brigadeiro e commandante de infanteria 9, — o que era *publico e notorio* em toda a cidade — e s. ex.ª bem o sabia, *melhor do que eu*, por ser *filho de Lamego*.

Disse-lhe mais: — Póde v. ex.ª estar certo de que, se mandar prender es estudantes incriminados, — eu levarei a questão para a imprensa; - narrarei tudo o que acabo de dizer e *algo más* — e pedirei providencias terminantes ao ministro da guerra.

— O administrador, que era muito prudente e muito atilado e, como filho de *Lamego*, estava ao facto *de tudo...* — conferenciou com o brigadeiro, — este reconsiderou — e tudo terminou em santa paz, por meio d'uma conferencia no salão nobre da camara municipal de *Lamego*.

— A' dita conferencia assistimos eu e elle, — os estudantes incriminados, — o major do regimento — e os taes sargentos, — promettendo uns e outros pôrem termo ás provocações e aggressões, o que — *honra lhes seja!* — cumpriram.

—Na citada conferencia não houve a *minima altercação*.

— Tudo correu com a maior placidez, porque o major levava os sargentos bem dispostos — e bem dispostos levava eu tambem os estudantes.

Volvendo ao *ayer* e *hoy* das ordenações de *Lamego*, ainda direi que eu regulava as approvações e reprovações *pela pauta*.

— Para mim, a frequencia do anno lectivo *era tudo* — e os actos pouco mais valiam do que *uma lição* ou *uma sabbatina*.— Apenas provavam que o examinando estudou nas vinte e quatro horas do ponto.

Certo dia procurou-me um meu discipulo, tremendo com sezões, na vespera do dia em que devia *tirar* ponto, e pediu-me que lhe adiasse o exame para outubro proximo futuro, por estar muito doente.

Eu fui vêr a minha pauta e notando que o tal estudante, que eu não conhecia nem me havia sido recommendado por pessoa alguma, tinha *boa frequencia* e *bom comportamento*, — disse-lhe muito espontaneamente:

— De bom grado o adiarei para outubro, mas você tem *boa frequencia* e *bom comportamento* — e por consequencia tem *tres a a* garantidos. Veja, pois, se ámanhã póde tirar o *ponto* e ir ao *acto* — e tenha a certeza de que *fica approvado* — embora não diga coisa alguma, porque para mim a *frequencia é tudo* — e o acto *pouco mais de nada*.

— O pobre estudante ficou attonito! — No dia seguinte foi tirar o *ponto*; — fez acto com um lenço na cabeça, tremendo ainda com as sezões. — Pouco disse, nem podia dizer, por estar tão doente, mas eu falei por elle animando-o — e de bom grado o approvei.

Passado pouco mais de um anno, fui para *Tavora*, como parocho; — no dia seguinte foi elle cumprimentar-me dizendo: — «Eu sou aquelle estudante que você tão generosamente approvou; — fiquei penhoradissimo e móro n'esta freguezia, pelo que venho offerecer-lhe o meu limitado prestimo».

Chamava-se elle — *João Antonio Ribeiro Nobre*; — pouco depois ordenou-se; — foi parocho muitos annos em *Paredes da Beira*, a pequena distancia de *Tavora*, sua terra natal, onde eu tambem fui parocho em 1861 a 1864, — e alli falleceu em 1905, sendo sempre meu amigo.

— Deus o tenha em bom logar.

— Com vista ao meu *atavico successor*... — o amigo *mais falso e mais ingrato* que n'este mundo encontrei.

— *Qui viget in foliis venit e radicibus humor?!...* [1]

* * *

Volvendo ainda ao *ayer* e *hoy* das ordenações de *Lamego in illo tempore* — fiz mais.

— Sem violencia alguma resolvi o santo prelado a pôr termo aos actos ou exames feitos pelos respectivos professores e examinandos nos cantos d'uma sala *cochichando a sós*.

Desde aquella data, que no momento não me occorre, — principiaram e continuaram a ser feitos em *meza regular*, como então se faziam em *Coimbra* — os *actos e exames todos*, — tanto das disciplinas theologicas, como de preparatorios, comprehendendo o *latim*, pelo que desde então os ordinandos de *Lamego, todos* — ficaram sabendo algo de *latim*.

— Eu exultei de contentamento, mas ficou desesperado e quasi doido o respectivo professor — *João Teixeira de Mesquita*.

Não me podia ver, por lhe tirar a *paparoca*. — Certo dia estando elle na *Praça do Commercio* a palestrar com alguns amigos e passando eu a distancia, disse:

— *Lá vae o cometa de cauda preta, que veiu do inferno para civilisar Lamego!...*

— Chamava-me *cometa de cauda preta*, porque eu nos dias d'aula costumava andar de *crépe* ou *habito talar*, para dar o exemplo aos ordinandos, obrigando-os a usarem tambem *crépe* nos dias d'aula, como prescreviam os regulamentos disciplinares do seminario, — regulamentos que, — a pedido meu e segundo a letra d'uma portaria lavrada por mim — o santo prelado estabeleceu.

Elles fóra das aulas podiam vestir-se laicâmente a seu talante, mas — quando vestissem *capa e batina* — eram obrigados a *crépe regular*, usando tambem *cabeção*, meias *pretas* e *sapatos d'entrada baixa*. — E só assim — trajando *crépe regular*, — podiam entrar nas aulas. — Apresentando-se vestidos d'outra fórma, — o *continuo* vedava-lhes a entrada e marcava-lhes uma falta *inabonavel*.

— Assim puz termo ao escandaloso vestuario anterior dos ordinandos — *nas aulas* e *fóra das aulas*, pois como já

---

1 Vide *Joaquim da Silveira*, no indice da 1.ª e 2.ª parte d'esta minha louca *Tentativa*.

— Elle queixa-se da dureza com que o tracto e com que o tenho desmascarado, mas — *sibi imputet!...*

disse, — por vezes trajavam *capa* e *batina*, mas *sem cabeção*, — calças de *cotim alegre*, — e butes ou sapatos *de toda a ordem?!...*

*
* *

Volvendo ao *ayer* e *hoy* das ordenações de Lamego *in illo tempore*, — ahi vai um escandalo que faz rir.

Quando eu me ordenei em 1857, o prelado não me obrigou aos exames do estylo para me conferir as ordens desde *prima tonsura* até á de *presbytero*. — Deu-se por satisfeito com as cartas da minha formatura; mas tive de juntar para as tres ordens sacras tres exames de *cantochão*.

— Effectivamente juntei certidões dos tres exames de *cantochão* — e com *approvação*,—mas sem saber uma nota do *canto* — nem ir um dia unico á dicta aula — nem sequer sabia *onde o professor morava?!...*

O dicto professor de *cantochão* era cantor do cabido e algo sabia da especialidade, mas — para não incommodar os ordinandos nem elle tambem se incommodar, — era *do estylo* entregarem os ordinandos meia folha de papel sellado com a bagatella de 500 reis a um servente da Sé — mais um tostão para o tal servente. — No dia seguinte o servente entregava ao ordinando a certidão legal do exame de *cantochão*, passada pelo dicto senhor *na fórma do estylo* — com a nota de *approvação?!...*

Assim juntei eu as tres certidões de *cantochão* — sem saber onde o professor morava! — Apenas soube que vivia na *rua da Calçada*, depois que me ordenei e fui nomeado professor, porque o tal senhor foi cumprimentar-me e eu tive de o procurar, para lhe pagar a visita.

Era o dicto professor mais delicado e mais sério do que um seu antecessor que obrigava os ordinandos a irem a casa d'elle, quando precisavam das certidões; — collava-os ao angulo de uma sala e dizia-lhes com certa graça: — «*Esteja firme*, porque não quero jurar falso, dizendo que você *está firme no canto?!...*»

— *Risum teneatis.*

— Acabou tambem no triennio do meu professorado o grande escandalo, porque o santo prelado a pedido meu criou no seminario uma aula regular de *cantochão*. Foi seu primeiro professor o rev. sr. *Miguel Rodrigues de Jesus*, muito versado na especialidade e que é hoje (1909) *capellão cantor* e *regente do côro* no cabido da Sé do *Porto*.

O dicto senhor é natural de *Lamego* e ali foi no meu tempo famulo do santo prelado *D. José de Moura Coutinho.* — O outro famulo de s. ex.ª era o rev. *Placido Augusto de Moura Vasconcellos*, actualmente *Chantre* na Sé de *Lamego*, mencionado supra — e ambos muito meus amigos desde 1846 até hoje 1909 — ou durante *sessenta e tres annos?!...* [1]

As nossas relações datam do tempo em que eu estudei preparatorios em *Lamego* nos annos de 1846 a 1850 — depois de estudar instrucção primaria e *latim* na minha *Penajulia* ou *Penajoia* — decantada *terra das cerejas*... — no aro de *Lamego*, margem esquerda do *Douro* — em frente das *Caldas do Moledo*, como já dissémos.

* * *

Basta com relação ao *ayer* e *hoy* das ordenações de Lamego *in illo tempore.*

Julgo ter provado que durante o simples trienio do meu professorado — sem violencia alguma as transformei de *fond en comble.*

Só me restou crear *distincções* e *premios* — embora fôssem *titulos nominaes:* — simples cartões de papel com as armas do prelado e com uma tarja qualquer.

Os dictos *premios* — embora fôssem *nominaes* e de *papel* — seriam muito estimados pelos ordinandos — e eu por certo os crearia, se me demorasse em *Lamego* mais um anno — e Deus conservasse a vida ao santo prelado — snr. *D. José de Moura Coutinho.* Mas s. ex.ª falleceu em 1861 — e eu deixei *Lamego* em 1860, porque fui *barbaramente preterido* no concurso para um canonicato de *Lamego* com o onus do ensino.

O nosso governo — honra lhe seja! — para melhorar a critica situação em que viviam os professores dos seminarios, — por decreto de 26 d'agosto de 1859, referendado pelo conselheiro *João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens*, vulgo *Martens Ferrão*, — creou os *conegos-professores* com o onus de ensino em todas as nossas dioceses. Pôz logo a concurso grande numero dos dictos canonicatos para as nossas differentes Sés, incluindo tres para a de *Lamego*, por serem tres *in illo tempore* os professores do respectivo seminario.

Os canonicatos de *Lamego* — depois da extincção dos dizimos — são dos menos rendosos de *Portugal.* — Renderão

[1] Com vista ao meu *benemerito successor.*

apenas 300$000 reis por anno, verba pouco importante, mas muito superior aos insignificantes 99$660 reis annuaes — ou 8$305 reis mensaes, que recebiam os professores do seminario de *Lamego*, como já disse, pelo que eu e os meus dous collegas nos habilitámos, como concorrentes aos tres canonicatos, d'accôrdo com o santo prelado.

— Requeiram — disse elle — que eu de bom grado os proporei e muito provavelmente serão providos, porque o governo, pondo a concurso tres canonicatos para *Lamego*, — claramente visava os tres professores d'este seminario. — Além d'isso, no relatorio do decreto, o ministro claramente diz que se regulará *pelas propostas dos respectivos prelados.*

Requeremos, pois, logo os tres professores, contando com o deferimento, nomeadamente eu, porque dos tres era o *unico formado.* Os outros eram simples presbyteros — e dava-se ainda a circumstancia de que o prelado era *muito meu amigo!...*

Eu não sympathisava com a vida de conego, mas no momento convinha-me, pelo que mandei fallar ao ministro — sr. *Martens Ferrão*, com o qual não tinha relações, posto que muito bem o conheci em *Coimbra*, onde foi meu contemporaneo e excellente pessoa.

— Foi tambem s. ex.ª *primeiro premiado* sempre, — geralmente considerado e apontado pela academia como talento verdadeiramente superior e assombro de todos os juristas da *Universidade* no seu tempo -- incluindo os *proprios lentes?!...*

* * *

Ao deputado que por mim lhe fallou, respondeu o snr. *Martens Ferrão:*

— «Se elle é formado e professor do seminario de *Lamego* — está despachado, sendo proposto pelo bispo. Escusam, pois, de se incommodar.»

Eu depositava toda a confiança no snr. *Martens Ferrão*, pelo que plenamente acreditei na sua resposta e não mais o incommodei.

Deu-se até o seguinte facto:

Certo dia, na vespera ou ante-vespera da sua partida para *Lisboa*, fez-me a honra de ir ao seminario despedir-se de mim e offerecer-me os seus serviços o deputado de *Lamego*, que então era o snr. *Antonio Pinheiro da Fonseca Osorio*, posteriormente visconde d'*Arneiroz*.

« Eu tenho esta pretensão. . , como s. ex.ª sabe - lhe disse eu agradecendo; —mas o ministro já deu como certo o meu despacho. Não quero pois incommodar a v. ex.ª e guardo os seus bons officios para outra occasião »

— Como queira — respondeu s. ex.ª — e, quando posteriormente se commentava a minha barbara preterição, — fazia allusão á minha ingenuidade *sorrindo!*. . .

Os outros dois concorrentes, meus collegas, — por não serem formados nem confiarem tanto no santo bispo, apertaram com empenhos o ministro, pelo que este os despachou sem delongas, emquanto que o meu despacho *não apparecia?!*. . .

Decorreram assim alguns mezes e varios amigos meus estranhavam tanta demora; mas eu não me affligia, lembrando-me do que havia dicto o proprio ministro, — mal imaginando a desillusão que me esperava?!. . .

As coisas passaram-se assim:

Quando o governo pôz a concurso os tres canonicatos de *Lamego*, acabava de formar-se o rev.º *Ildefonso José Cardoso d'Almeida Santos*, de *Villa Secca d'Armamar*, então ainda residente em *Coimbra*, onde foi meu contemporaneo alguns annos e convivemos amigavelmente como patricios.

Era elle bastante desequilibrado e muito arrojado, pelo que — sem ser professor do seminario de *Lamego*, nem ter esperanças de ser proposto pelo prelado, — requereu tambem um dos tres canonicatos.

Arranjou em *Coimbra* muitas cartas de recommendação, por ter sido ali durante annos prefeito no grande *Collegio de S. Bento*, — e de *Coimbra* partiu com fé para *Lisboa* na *mala-posta* que, na fórma do costume, ia entulhada de passageiros.

Tambem *na fórma do costume* os passageiros, birrando com os padres e sendo elle o unico padre do bando, iam *derriçando* com elle.

Por seu turno elle ia palestrando e *derriçando* com um lavrador, já velho e mal vestido, que seguia no mesmo carro, em contacto com elle.

A *mala-posta* chegou a *Leiria* já de noute e parou junto de uma hospedaria, onde os passageiros todos cearam *em mesa redonda*, na fórma do costume, por 500 reis cada um.

O padre pagou logo. O lavrador pôz-se a apalpar os bolços e, fingindo não ter dinheiro para pagar a sua quota, disse ao padre:

— Dê lá tambem por mim os 500 reis, que eu depois lh'os darei.

O padre não gostou da lembrança, mas, para não dar parte de fraco, pagou, — sendo um *flautista* em frente do tal lavrador, que era *um grande proprietario* e *grande capitalista,* como os leitores logo verão.

— Seguiram na *mala-posta* até *Lisboa*, onde se apearam, sem que o lavrador lhe pagasse os 500 reis, o que levou o padre a dizer para os seus botões, *como elle proprio contou:* —«Eu durante a viagem caçoei com o lavrador, — mas elle *codilhou-me*, pois ceou á minha custa em *Leiria!...*»

— O lavrador *não o codilhou,* antes *muito generosamente* lhe pagou, — pois quando em *Lisboa* se despediam, o lavrador disse ao padre:

— Você é lá da provincia. Tem aqui alguma pretenção?

— Tenho effectivamente.

— Que pretenção é?

— Pretendo um canonicato de *Lamego.*

— Eu vou com muita pressa para as minhas herdades do *Alemtejo* e não me posso demorar — disse o lavrador; — mas tenho aqui em *Lisboa* um amigo, que lhe póde prestar bons serviços. — Venha d'ahi *seu padre.*

Metteram-se logo em um trem e seguiram, dizendo o lavrador ao cocheiro:

— «Toque para a *rua de tal...* n.º *tantos.*»

Isto contou depois o padre em *Lamego,* accrescentando: —«Eu acceitei e segui com o lavrador sem saber para onde ia, porque elle ainda me estava devendo os 500 reis e, como diz o dictado — *a ruim paga venha em palha!...* —Fiquei, porém, attonito quando o trem parou á porta da casa indicada e o lavrador disse muito altaneiro ao *guarda-portão:*

— Está em casa o snr. *José Estevam?*

— Está, sim senhor.

— Diga-lhe que o *Custodio Gil Carneiro* o procura e deseja falar-lhe.

Volveu rapidamente o *guarda-portão* dizendo:

— *Suba, suba.*

Subiram os dous e foi o lavrador muito amavelmente recebido pelo *José Estevam*, que logo o mandou sentar e lhe perguntou que trabalhos o traziam a Lisboa.

— Eu vou com muita pressa para as minhas herdades do *Alemtejo* e não posso demorar-me. — Quiz só cumprimentar-te e recommendar-te este padre, com quem fiz a viagem desde *Coimbra* e que tem aqui certa pretenção. — Peço-te que o protejas e lhe prestes os serviços que possas.

— Que pretende você? — disse *José Estevam* ao padre.

— Pretendo um dos tres canonicatos de *Lamego*, que estão a concurso.

— E que habilitações tem?

— Sou bacharel formado em theologia.

— E' professor no seminario de *Lamego?*

— Não, senhor.

— Foi proposto pelo bispo?

— Tambem não.

— Estamos mal — disse o *José Estevam* ao lavrador; — em todo o caso eu falarei ao ministro e verei se consigo o despacho.

— Nem eu peço outra coisa — disse o lavrador, accrescentando:

— A tua snr.ª está em casa?

— Está, sim.

— Manda chamal-a.

— Veiu ella sem demora sorrindo, apenas viu o lavrador.

— Está de pé, sr. *Custodio?* — Sente se, sente-se!...

— Não, minha senhora; não me sento, por que não posso demorar-me.

— Quiz só cumprimental-a e recommendar-lhe aquelle padre... — Eu já o recommendei ao seu marido, mas, como elle traz sempre a cabeça a razão de juros, peço a v. ex.ª que lhe lembre a minha pretenção.

— Esteja descançado, sr. *Custodio*, — respondeu ella.

— Você — disse o lavrador ao padre — quando vir que o snr. *José Estevam* se esquece, — dirija-se a esta senhora.

Retiraram-se logo o lavrador e o padre, que ficou attonito — e mais ainda quando, passados mezes, — talvez cinco — foi despachado *conego-professor* para *Lamego*, ficando eu *barbaramente preterido!*

— Vejam como o diabo as arma?!...

* * *

O lavrador, que eu posteriormente conheci no *Porto*, sendo então ali abbade de *Miragaya*, — era, como já disse, — o *Custodio Gil Carneiro*, de *Santo Thyrso*, muito conhecido, muito respeitado e muito considerado no *Porto* e *fóra do Porto*, porque — apezar de viver *sem fausto algum*, confundindo-se apparentemente *com um simples lavrador*, — tinha

uma fortuna superior a *dous mil contos* — em terras e *em numerario?!...*

— Costumando ir á loja d'um grande cambista do *Porto*, o cambista, apenas elle entrava, levava-o logo para o seu gabinete particular, abandonando os freguezes *todos* e quasi todos *capitalistas*, pelo que um d'estes que não conhecia o lavrador, estranhando tantas attenções e defferencias para com um homem tão mal vestido, chegou a perguntar ao banqueiro certo dia quem era o dicto homem.

— E' um dos meus melhores amigos e *melhores freguezes!* — respondeu o banqueiro. — N'este momento póde sacar contra mim até *quatrocentos contos!* ..

Era tão modesto e tão mesquinho — ou tão avaro que, vindo em certo dia de verão ao *Porto* com alguns seus visinhos, todos a cavallo, poisaram em uma modesta hospedaria ou estalagem da rua do *Bomjardim*, aonde chegaram já de noute. — Ficou muito satisfeito o dono da locanda e mais ainda quando subiram os freguezes e lhe disseram que vinha com elles o sr. *Custodio Gil.*

— Mandou logo o hospedeiro preparar camas para os hospedes todos e todos tractaram de se deitar, mas não apparecia o *grande lavrador* e *grande capitalista*, freguez habitual da modesta hospedaria.

— Onde ficou o sr. *Custodio?* — perguntou o dono da locanda a um dos hospedes.

— Não sei! — Elle veiu comnosco e entrou para a cavalhariça.

Mandou logo o hospedeiro procural-o por um criado. Foi este á cavalhariça; — mirou e remirou, mas não o viu. — Bradou então em voz alta:

— *Oh snr. Custodio! — Snr. Custodio!...*

— Você que pretende? — respondeu o *grande proprietario* e *grande capitalista*, que estava deitado *em uma mangedoura na cavalhariça.*

— *Suba, suba!* — lhe disse o creado, pois já tem a cama feita no seu quarto!...

— Estou aqui muito bem! — Já é tarde; — as noutes são pequenas e não vale a pena subir e descer as escadas. — *Estou aqui muito bem!...*

E lá ficou o *grande proprietario e grande capitalista* deitado na *mangedoura nua, — sem roupa nem fronha — ao pé do seu cavallo* — para poupar os *cento e vinte reis da cama!?...*

Isto *me contou* mais tarde e com assombro o proprio dono da *locanda.*

* * *

Era assim o grande proprietario e capitalista *Custodio Gil Carneiro*, — muito rico, mas muito modesto, ou antes — muito avaro e muito *sumitico!...*

Tendo grandes herdades no *Alemtejo*, o administrador d'ellas vivia com mais fausto do que o dono e, porque este se appelidava *Carneiro*, - os taes administradores — fôsse qual fôsse o appelido d'elles — eram no *Alemtejo* conhecidos por *Carneiros* — e muito respeitados e considerados, porque faziam fortuna.

Dentro de poucos annos enriqueciam os taes administradores e viviam com trem montado como *grãs senhores!...*

Certo dia o tal sr. *Custodio Gil Carneiro*, indo ver as suas herdades do *Alemtejo*, onde tinha pendentes valiosas transacções, preveniu o administrador para o esperar em certa estação da linha ferrea. — Quando ali chegou e se apeou, mal vestido na fórma do costume e levando na mão apenas uma pequena saca de chita com alguma roupa branca, não viu o administrador que devia esperal-o e que elle não conhecia pessoalmente.

Apenas viu, luxuosamente vestido, *um fidalgo* com um bom trem. — Este egualmente surprehendido por não ver apear-se na dicta estação mais ninguem, approximou se do lavrador e perguntou-lhe se conhecia o snr. *Custodio Gil Carneiro*, de *Santo Thyrso.*

— E' este seu criado.

Esbarretou-se logo attonito o dicto *fidalgo*, dizendo:

— Eu sou o administrador das herdades de v. ex.ª — e já o estava esperando com o trem da casa. — Suba, suba!...

O grande proprietario e grande capitalista ficou *assombrado, aterrado* e — *suando mais do que se fosse a pé*, — seguiu *no trem do fidalgo;* mas em breve o despediu e mandou para o *Alemtejo*, como administrador das suas herdades, um filho.

* * *

O tal sr. *Custodio Gil Carneiro* possuia tambem muitas casas no *Porto* — e muitas quintas e casaes no concelho de *Aveiro*, onde tinha tambem muitos fóros e muito dinheiro mutuado. — Dispunha por tanto ali de *muitos votos* que dava

ao snr. *José Estevam Coelho de Magalhães*, pelo que este muito o estimava e respeitava -- e o lavrador por assim dizer — o *mandava*, tractando-o inclusivamente por *tu?!*...

Sendo-lhe, pois, recommendado com tanto interesse o dicto padre, foi logo o snr. *José Estevam* á secretaria dos negocios ecclesiasticos e de justiça procurar o sr. *Martens Ferrão*, dizendo-lhe que tinha *todo o empenho* em que despachasse o dicto padre.

Recusou-se o ministro, dizendo:

— Não posso despachar o seu afilhado, porque no relatorio do meu decreto disse que havia de regular-me pelas propostas dos respectivos prelados — e o de *Lamego* propoz para os tres canonicatos os tres professores actuaes do seminario, dando a todos tres *boas informações*. Não propôz o seu afilhado — e deu-lhe *informações pessimas*, como póde ver dos autos, que lhe mostrou. — Além d'isso elle *não é professor do seminario de Lamego* e, se eu o despachasse, levantaria *um conflicto sério* com o respectivo prelado.

Foi isto — pouco mais ou menos — o que disse *Martens Ferrão*, mas *José Estevam* não se deu por vencido e continuou instando pelo despacho do seu afilhado, emquanto que eu dormia a somno solto, muito socegado e tranquillo, *confiado na palavra do ministro*.

Pouco tempo depois de fechado o concurso, *Martens Ferrão*, vendo-se apertado por diversos amigos que protegiam os outros meus collegas, despachou-os — e quizera talvez despachar-me tambem, mas a pedido do snr. *José Estevam* suspendeu o despacho.

Como o principal argumento do ministro eram *as pessimas informações* que o prelado de *Lamego* tinha dado — *não sei porque* [1] — ao afilhado do snr. *José Estevam*, tractou este de ver se d'algum modo as modificava. — Com este intuito retardou o despacho alguns mezes — e um bello dia o padre, *talvez d'accôrdo com elle*, — escreveu-me de *Lisboa*, onde se conservava, para *Lamego*, onde eu estava, dizendo-me pouco mais ou menos o seguinte:

---

[1] Eu nunca tentei saber o motivo que determinou o prelado de *Lamego* a dar semelhantes informações ao dicto padre; mas talvez influissem as relações d'elle com outro irmão que tinha, *tambem padre*, — ainda mais desequilibrado e *muito desordeiro*, que foi envolvido na morte *d'um compadre, seu particular amigo*, etc.

Os taes meus collegas — *padeciam do sangue?!*...

— *Talis arbor — talis fructus!* ..

— «Já perdi de todo a esperança de ser despachado conego para ahi, pelo que me habilitei para uma capellania militar que vagou no *Castello de S. Jorge*. Com a protecção do duque de *Saldanha* e d'outros amigos, espero ser n'ella provido, se o prelado de *Lamego* modificar as informações que me deu e que são realmente *pessimas*. — Muito me penhoraria você, falando-lhe n'este sentido, pois sei que elle é muito seu amigo.»

Eu fui tão asno, que mostrei a propria carta ao prelado.

Respondeu s. ex.ª:

— «Para capellão militar serve e — demais a mais — fica-nos longe. Eu farei o que entender».

* * *

Effectivamente escreveu ao ministro, modificando as pessimas informações que alguns mezes antes tinha dado.

O snr. *José Estevam*, apenas teve conhecimento do facto, — exultou de contentamento e atirou-se bruscamente ao ministro, dizendo:

— Agora não peço — *exijo o despacho do meu afilhado!...*

— Não posso! — lhe disse *Martens Ferrão* — pelas razões que já expuz e porque levantaria certamente conflicto com o prelado de *Lamego*. — Desculpe.

— O prelado de *Lamego* é um santo — retorquiu *José Estevam*. — Ha cinco mezes, por estar então de mau humor, deu *pessimas informações* ao meu afilhado; — agora deu-lh'as *soffriveis* — e se o padre podesse esperar outros *cinco mezes*, por certo lhe dava informações melhores ainda. Mas elle é pobre e não póde continuar a viver em *Lisboa*, pelo que peço a v. ex.ª que o despache *immediatamente*.

— *Não posso! — Não posso!* — desculpe; — respondeu o ministro muito contrariado.

— Se v. ex.ª o não despacha, — *eu passo para a opposição com armas e bagagens!* — disse *José Estevam* muito zangado e disposto a voltar as costas ao ministro e ao ministerio, de que s. ex.ª era absolutamente *o primeiro deputado*.

Dirão os leitores:

— *Você está a fazer versos!...*

— Não faço.

— Tudo o que levo dicto — *é facto*, porque assim m'o contou no *Porto*, passados alguns annos, — o *Rei de Paredes* — snr. *José Guilherme Pacheco*, — assim cognominado, porque

durante mais de trinta annos, como todos sabem, dispoz do circulo de *Paredes* e por elle algumas vezes elegeu deputado o proprio sr. *Martens Ferrão.* — Era, pois, *amigo particular* do ministro; — entrava sem formalidades no seu gabinete — e por acaso entrou *no momento do conflicto*, como s. ex.ª me disse. — Tractou de conciliar os dous e, como ao tempo ainda não me conhecia, — *muito provavelmente se collocou do lado de José Estevam!...*

— O ministro cedeu; — o padre foi despachado — e eu fiquei *a ver navios?!...*

* * *

Não me queixo contra o sr. *Martens Ferrão,* porque estou certo — *certissimo* — de que fez o despacho *violentadissimo!*

Tambem não me queixo contra o sr. *José Estevam* nem contra o sr. *José Guilherme Pacheco*, porque não me conheciam — nem eu lhes tinha sido recommendado.

— Queixo-me unicamente e sómente contra o padre que — sendo meu patricio, meu contemporaneo em *Coimbra* e dizendo-se *muito meu amigo* — me atraiçoou infamemente, como *Judas* a *Christo.*

A minha surpresa não foi grande, porque elle *padecia do sangue*, como já dissémos, — e era tão falto de criterio que, sendo já *conego-professor* em *Lamego*, se jactava de me haver codilhado, narrando tudo e concluindo por dizer *que eu proprio dei a corda com que fui por elle enforcado?!...*

— Era assim o tal snr. conego-professor — *Ildefonso José Cardoso d'Almeida Santos*, que já falleceu ha muitos annos.

— Deus lhe perdôe.

Em pouco tempo inutilisou tudo o que eu havia feito em pró das ordenações de *Lamego.*

Tomando rumo completamente diverso do meu, — quiz botar figura como *politicão d'agua chilra;* — metteu-se a váu sem botas na politica e — para arranjar votos — chamava a sua casa os pobres ordinandos *e os pobres discipulos;* dava-lhes *beberetes* e listas para os paes e parentes d'elles, etc.

— Nunca pôde arranjar *trinta votos*, mas cobriu-se de vergonha como professor do seminario, — tornou-se muito doente e acabou desprestigiado e obscuramente.

— *Talis vita — finis ita.*

Pouco tempo incommodou o santo bispo de *Lamego* — snr. *D. José de Moura Coutinho* — ludibriado por elle tambem, pois o tal snr. tomou posse do canonicato e do professorado

em 1860 e o prelado falleceu — como já dissémos, em 1861, quando eu já era parocho em *Tavora*.

Deu-se até o facto seguinte:

* * *

Certo dia, estando eu em *Tavora*, soube que fôra sacramentado o rev. dr. *Diogo de Macedo Pereira*, já muito idoso, vigario geral e provizor do bispado, regente dos estudos do seminario, etc. — Escrevi logo ao santo prelado, lembrando-lhe a promessa que já me havia feito dos cargos de *provizor* e *vigario geral*, que me permittiam o viver em *Lamego*, deixando em *Tavora* um coadjutor.

O santo prelado respondeu sem demora em carta que devo conservar, mas que no momento não encontro.

Eu costumo guardar as cartas dos meus amigos, mas não as tenho colleccionadas e como são muitas — *ao todo mais de mil* — não me é facil encontrar as que pretendo, como agora — 1909 — a do prelado de *Lamego*, escripta em 1861 — ha 48 annos?!...

Foi uma das *ultimas cartas* que sua ex.ª escreveu, pois falleceu poucos dias depois — em 3 d'outubro de 1861, como já dissémos.

Nella dizia o santo prelado, pouco mais ou menos o seguinte:

«Bem me recordo da promessa que lhe fiz e novamente lhe faço, mas o rev. snr. *Diogo de Macedo Pereira* vae melhorando e talvez que eu seccumba antes d'elle...»

O coração presago não mente, pois effectivamente *passados poucos dias* recebi em *Tavora* a dolorosa noticia de que o santo prelado fallecêra!...

— E eu *presagiei tambem o triste facto*, pois, quando li a carta de sua ex.ª, notei que a letra d'ella differia bastante da sua letra ordinaria, que eu muito bem conhecia e era *muito igual*, *muito firme*, emquanto que a da carta supra era *desigual e tremida!...* — Mostrei-a até a um meu parochiano — *José Guedes de Gouveia Sarmento* — fidalgo de *Moimenta da Beira*, que tinha um bom casal em *Tavora*, onde no momento vivia, e se dizia parente remoto do prelado.

Observei-lhe a differença da letra e disse-lhe que na minha opinião *o santo prelado estava doente*, posto que na sua penhorantissima carta não falava de doença.

— *Não me enganei*, pois soube posteriormente que o santo

prelado contando já cerca de 83 annos (sua ex.ª nasceu em 8 de fevereiro de 1779) — se fatigára e suára bastante a conferir ordens; — constipou-se e adoeceu. — *Foi então que me escreveu;* — não mais se levantou da cama — e pouco depois falleceu no infausto dia 3 d'outubro de 1861?!...

Deus o tenha em bom logar, como firmemente creio, pois era virtuosissimo e *de sangue nobilissimo ?!...*

— *Talis arbor — talis fructus — ou qui viget in foliis — vemit e radicibos humor!...* [1]

* * *

Eu deixei *Lamego* com saudade, por haver tirado com a protecção do santo bispo as ordenações do cáhos em que jaziam, elevando-as *com pouca differença* ao seu estado actual. — E sem violencia alguma, além da *pecuniaria*, pois, para me conservar em *Lamego* tres annos, — vivendo com decencia — e *com a porta travessa fechada* — o que posso dizer *alto e bom som — sem temer contradicta* — fiquei devendo aos prestamistas de *Lamego* cerca de *seis centos mil reis.*

— Nem podia deixar de ser, porque eu apenas recebia do seminario — 8$305 reis por mez — ou 99$660 reis por anno!?...

Celebrava missas, mas ao tempo em *Lamego* a esmola das *missas de rol* era de 120 a 140 reis — cada uma?!... — Assim celebrei muitas. — As *de devoção* regulavam por 200 reis a 240, mas demandavam *horas* e *altares determinados*, pelo que não as podia celebrar, por ter de ir para a aula *a hora fixa*, como ia *pontualmente.*

— Nem eu sei como os prestamistas ou agiotas confiaram de mim tanto dinheiro. — Talvez se lembrassem de que os meus paes — que elles bem conheciam, por serem visinhos de *Lamego*, — eram proprietarios ou lavradores do Douro *abastados* — e de que por morte d'elles a minha legitima dava de sobra para lhes pagar.

Paguei-lhes mesmo antes — *muito antes* — dos meus paes fallecerem, porque a abbadia de *Tavora* rendia 300 a 400 mil reis, — tanto ou mais do que os canonicatos de *Lamego*, — e a abbadia de *Miragaya* rendia o dobro: — 700 a 800 mil reis.

---

1 Vide *Telhô*, artigo meu, no *Portugal antigo e moderno*, vol IX, pag. 531, col. 1.ª — e *Villa Pouca*, aldeia da freguesia *d'Arnoia*, concelho de *Celorico de Basto*, artigo meu tambem, no mesmo diccionario, vol. IX, pag. 897, col. 2.ª e segg.

A abbadia de *Tavora* tinha uma grande residencia e um grande passal, posto que ao tempo já não era a *decima parte* do que foi nos principios da nossa monarchia. [1]

Eu não só o conservei, mas valorisei-o bastante, pois, dando ao meu antecessor — além d'outros generos, fóros, milho, azeite, fructa, etc., — 14 almudes de vinho, — no meu 3.º anno colhi 5 pipas de 550 litros cada uma — e, se ali me demorasse, colheria 30 pipas — *ou mais*, dentro de poucos annos.

* * *

Você está a fazer versos! — dirão os leitores.

— Não faço nem exagero, como vão vêr.

— Só nas vinhas velhas do passal eu colheria 8 a 10 pipas de vinho, passados um a dous annos, pois grangeava-as como nunca foram grangeadas, — cavando-as e redrando as o melhor possivel — e podando-as a meu modo pelo systema *Guiot* (?) — de *vara e torno*.

— Deixava como *espéra* um *tôrno* apenas com *dois olhos* no principio da vara velha; — as outras vergonteas d'ella cortava-as todas, deixando apenas uma das primeiras *por ponta* ou inteira, sem lhe aparar *um só ôlho*, embora tivesse *muitos*.

Ficava, pois, uma videira muitas vezes com 16 olhos e *mais*, devendo ter apenas 8 a 10 pelo systema vulgar da póda; mas qual era o resultado?

— Eu nos 16 a 20 olhos colhia mais vinho do que os visinhos — e as videiras ficavam sempre fortes e com póda *melhor* e *mais certa* para o anno seguinte.

Passando a seiva das vides toda pelos dois olhos da espéra, — estes davam sempre *duas grandes varas*, das quaes no anno seguinte eu deixava a primeira apenas com *dois olhos* para *espéra* — e a segunda *por ponta* ou *com os olhos todos!...*

Por este systema a póda era muito simples! — *Um cego a podia fazer* — e o resultado era surprehendente.

— Assim podei tres annos; — colhi muito vinho — e deixei as videiras fortes e pomposas, nas melhores condições de produção!?...

Outra vantagem do meu exotico systema de póda era obstar quanto possivel ao *prolongamento das videiras*, pois adiantavam por anno apenas o espaço de *dous olhos* — em

---

[1] Vejam-se as pag. 458 a 480 da 1.ª parte, nas quaes dei *copia fiel* do *tombo* do dicto passal, organisado no seculo XV — anno 1:496.

quanto que pelo systema rotineiro adiantavam por vezes o espaço de 3 a 4 olhos — e *mais*. As pobres videiras passados annos attingiam 3 a 4 metros de comprimento e assim as conservavam com as pódas reduzidas a *macacos* ou tórnos de 3 a 4 olhos sómente, porque toda a seiva das pobres vides mal podia sustentar o seu longo e velho *corpanzil* cheio de mataduras provenientes dos *callos* ou córtes das vergonteas que aparavam todos os annos.

* * *

Pelo contrario — andando as vides *curtas*, — conservavam-se mais fortes; não se malbaratava a seiva; — produziam mais uvas e davam melhor póda.

Eu mandei cortar ao réz-do-chão algumas das taes vides velhas *muito compridas* que já poucas uvas davam e — depois de cortadas e enxertadas — logo remoçavam e continuavam a produzir uvas regularmente.

Mais. — Como eu trazia as videiras *curtas*, reduzidas apenas aos dois olhos da *espéra* e á longa vara *por ponta*, — deixava esta pousada e estendida sobre a terra. — Como que recebiam da sombra e da humidade *nova seiva*; — davam *muitas uvas*; — enxofravam-se com facilidade, levantando-as da terra apenas para a enxofração e deixando-as outra vez na mesma posição, aspirando o enxofre cahido.

Davam assim mais uvas, do que se estivessem altas e expostas ao ar e — para não apodrecerem e melhor amadurecerem as uvas, — nas proximidades da vindima fazia a *empa*, levantando as dictas varas e isolando-as da terra apenas com alguns chamiços e algumas pedras.

— Não se perdia nem apodrecia *um bago* — e davam uvas *em barda!...*

No meu ultimo anno — 1864 — vendi o vinho, antes da colheita das uvas a um meu irmão — *Joaquim Augusto Ferreira* — muito versado em agricultura. Não justei por ser meu irmão; — acceitei o que elle me deu e ficou muito satisfeito.

— *Nunca vi tantas uvas!...* — me disse elle.

* * *

As pobres videiras do passal, tendo dado ao meu antecessor apenas 14 almudes de vinho no seu ultimo anno — 1860, n'aquelle anno deram 5 pipas — e dariam 8 a 10, passados 2

annos, porque, estando as vides muito raras, eu tractei de repovoar as vinhas com *mergulhas* ou mergulhias.

Só no dito anno eu mandei lançar de empreitada *cinco mil pontas*, que rapidamente se desenvolveriam e dariam mais 4 a 5 pipas de vinho, se eu lá me conservasse. — Infelizmente o encommendado que me succedeu — padre *Antonio Rodrigues Cardoso*, de *Taboaço* — deu e vendeu, como *barbados*, as taes *pontas* ou videirinhas novas que eu havia lançado ?!...

Vendeu tambem por uma bagatella 5 ou 6 grandes oliveiras que estavam em um lindo chão proximo da igreja e da residencia parochial, — chão que, fazendo parte do passal, o meu antecessor *alienou* (?!...), reservando para a abbadia sómente as taes oliveiras.

— *Arcades ambo!...*

Eu — só nas vinhas velhas do passal — colheria, pois, 8 a 10 pipas de vinho, se ali me conservasse; — plantaria tambem vinha no *Campario,* grande chão que ao tempo estava inculto, pertencente ao passal e contiguo á residencia parochial, — chão que podia muito bem dar 20 pipas de vinho — *ou mais*, — sendo a plantação relativamente *facil* — e o dito chão *muito fertil!...*

* * *

Não faço, pois, *versos* dizendo que, se me conservasse em *Tavora*, eu colheria nos bens do passal *trinta pipas de vinho* — ou *mais,* — dentro de poucos annos.

Note-se que ao tempo apenas se conhecia o *oydium*, que já não aterrava ninguem, pois combatia-se facilmente com o enxofre em pó. — A *phyloxera* e as outras muitas doenças que hoje perseguem as vinhas do *Douro* — appareceram mais tarde.

— Eu valorisei bastante o passal; mas ainda o valorisaria mais se estivesse em *Tavora* no tempo da carestia da *baga dos sabugueiros*.

Eu não apurei um real em *baga*, porque ella no meu tempo estava muito barata e o passal não tinha sabugueiros.

Quando a baga encareceu e chegou a vender-se, como se vendeu em *Taboaço* e no *Douro* a *cinco e seis mil reis* cada arroba de 15 kilos, era então alli abbade um meu successor — *José Lucio de Luna Vasconcellos*. Plantou elle muitos sabugueiros no passal e chegou a apurar só em baga *um conto de reis*, em um anno! — Foi bastante; mas se eu lá estivesse, apuraria talvez mais de 1:500$000 reis, por ser muito versado na cul-

tura da baga, — industria antiga na minha *Penajulia* e na minha casa da *Corvaceira.*

Eu encheria literalmente de sabugueiros *todo o passal*, comprehendendo a parte regadia, o chão de seccadal — e as *proprias vinhas.*

Os sabugueiros são parasitas. Gostam de terra humida e forte; mas tambem se desenvolvem e produzem muita baga em chãos sem agua — sendo fortes e relativamente frescos, taes como as vinhas do passal e os ditos chãos de seccadal.

Eu um anno semeei batatas em uma pequena parte das vinhas e dos dictos chãos e — sem réga nem adubos — colhi nove carros d'excellentes batatas!?...

Estou, pois, certo — *certissimo* — de que, se plantasse nas vinhas e nos taes chãos *sabugueiros* — elles se desenvolveriam e dariam *muita baga!*

Note-se que o terreno de *Tavora* é muito fertil, abundante em humus e relativamente fresco. — E' analogo ao da minha *Penajulia* ou *Penajoia*, - decantada terra *das cerejas* — uma das freguezias mais vastas, mais férteis e mais mimosas do *Douro* e de *Portugal todo!...*

— A minha *Penajoia — é o jardim do Douro,* como já disse.

* * *

Ella produz, como *Tavora,* muitas cerejas, mas tambem, como *Tavora*, — produz *algo mas do que cerejas:* - laranjas, pêras, maçãs, figos, castanhas, damascos, ameixas, pecegos, etc. — ao todo 500 a 600 carros d'optima fructa.

Foi tambem sempre o vinho, como em *Tavora*, a sua produção dominante. — Ainda hoje produz cerca do 3:000 pipas de vinho e 2 a 3:000 razas de baga; mas no tempo da carestia d'ella chegou a produzir cerca de *vinte mil razas de baga por anno?!...*

Póde afoitamente dizer-se que nenhuma outra freguezia de *Portugal* e do *Douro* jámais produziu tanta *baga* — e quasi toda em sabugueiros plantados *entre as vinhas* em chãos de *seccadal!* — E teve sabugueiros enormes que davam por anno *duas a tres arrobas de baga?!...* — Infelizmente a baga baixou de preço e, como os sabugueiros são parasitas e muito gulosos, — estendem as raizes até grande distancia e com a sombra prejudicam muito as vides e as outras plantas, — arrancaram a maior parte d'elles.

A minha *Penajulia* e outras freguezias do *Baixo Douro*,

como *Sande, Samodães, Valdigem, Cambres*, etc., apuraram muito dinheiro em baga. — O mesmo succedeu por excepção no *Alto Douro*, nomeadamente em *Taboaço* e *Tavora*.

— Só a villa de *Taboaço* apurou em baga cerca de *vinte contos de reis* — em um anno!...

Apurou mais dinheiro em baga no dicto anno, do que em vinho, sendo o vinho, como em *Tavora* e na *Penajoia*, a sua produção dominante. — E, se a baga encarecesse novamente e houvesse a certeza de que ella sustentava *durante vinte annos* o preço — não direi de 5 a 6 mil reis, como no tempo das *vaccas gordas*, mas simplesmente o preço de 2 a 3 mil reis cada arroba, — a produção da baga *duplicaria* ou triplicaria novamente e *rapidamente!...*

Note-se que os sabugueiros prendem *d'estaca* e — são arvores de grande pórte e de facil cultura;—apenas demandam *póda* — e dão vergonteas de 1 a 2 metros por anno. — E' muito mais moroso o desenvolvimento das oliveiras — e de todas as outras arvores fructiferas!...

Eu nunca fui lavrador, porque os meus pais desde creança me destinaram para o estudo e nunca me occuparam na lavoura. Mas, por nascer e viver no *Douro* em contacto com os lavradores e por ter lido algo d'agricultura, — *a industria mãe das industrias todas* — algo sei da cultura *das vinhas* e *da baga*. — E, se eu estivesse em *Tavora*, quando o meu successor apurou só em baga *um conto de reis* em um anno, — eu, como já disse, talvez apurasse mais de 1:500$000 reis.

* * *

Talvez que nem me lembrasse de pedir a transferencia, — mesmo porque eu gostava — e gosto ainda hoje muito — de *Tavora*, — freguezia muito mimosa, muito fertil, muito saudavel — e hoje muito linda e muito habitavel.

— E' uma das que mais tem progredido na *Beira* — nomeadamente no concelho de *Taboaço*.

No meu tempo as suas estradas eram barrancos, despenhadeiros, que mal podiam transpôr-se em sella. — Hoje é atravessada por uma linda estrada a *macadam* que, partindo da bella ponte do *Pinhão*, no *Douro*, segue por *Taboaço* para *Moimenta da Beira*, estando a parte maior e mais difficil já feita.

* * *

Atravessa toda a freguezia de *Tavora* em linha horizon-

tal, formando uma bella *estrada — rua*, que já tem differentes casas, sendo uma d'ellas a mais luxuosa da freguezia toda — e uma das mais luxuosas do concelho e da provincia da *Beira*.

Pertence a dicta casa ao sr. *Adriano Gomes Serrano*, meu primo, por affinidade, capitalista brazileiro, filho de *Tavora* e excellente pessoa, que já mandou restaurar e dourar os altares todos da egreja matriz — e é o grande protector da freguezia.

— Graças a s. ex.ª — a egreja de *Tavora* é hoje a mais formosa do concelho — e tem auxiliado a construcção d'uma linda torre da mesma egreja, — construcção promovida por outro filho benemerito de *Tavora* — o sr. *Antonio de Barros Costa*, — primo de s. ex.ª e meu bom e velho amigo desde o tempo em que ali fui parocho — em 1861 a 1864.

A linda torre concluiu-se em 1908 — e terá um relogio de repetição com sino proprio, muito generosamente dados por outro benemerito filho de *Tavora*. — Refiro-me ao sr. dr. *Manuel de Barros Nobre*, actualmente desembargador da Relação do *Porto*, — magistrado dignissimo. [1] — E' s. ex.ª primo do sr. *Antonio de Barros Costa* — e meu bom e velho amigo tambem desde o nosso bom tempo de *Coimbra* — ou desde 1851 a 1856.

* * *

— Mire-se n'este espelho o meu *atavico successor*, que muito provavelmente será o snr. dr. *Joaquim da Silveira*, da *Anadia*, actualmente notario e advogado em *Alcanena*. — E' o amigo *mais falso e mais ingrato que n'este mundo encontrei*, — sendo um dos amigos que mais sincera e cordealmente estimei — e ao qual prestei *mais finezas e mais relevantes serviços?!...*

---

[1] V. *Tavora* no *Portugal antigo e moderno*, vol. I. pag. 518, — e os meus pobres folhetins...

Foi isto o que eu escrevi e mandei para o *Conimbricense* em julho de 1907, mas em agosto do mesmo anno o dicto jornal *acabou*; — em setembro do mesmo anno falleceu no Porto o meu bom amigo desembargador *Barros Nobre* — e em junho do corrente anno de 1909 falleceu em *Tavora* o primo d'elle e meu bom amigo tambem — *Antonio de Barros Costa?!* . .

A torre de *Tavora* é muito linda e ficou concluida, — mas *sem o relogio*, porque as duas sobrinhas, herdeiras do desembargador, se recusaram a cumprir a promessa do seu tio — e até hoje nem mandaram fazer no cemiterio de *Tavora* o mauzolêu em que o tio deve ser inhumado?!...

— Além de bastantes livros, sendo alguns raros e caros, avultando de entre elles um bello exemplar do *Portugaliae Monumenta*, completo e muito bem encadernado, — dei-lhe os meus caros *verbetes etymologicos todos*—em numero de *milhões, talvez* — e que pesavam cerca de 90 kilos, — fructo do meu trabalho insano de 10 a 12 annos, — verbetes que eu, se estivesse mais vigoroso, não dava por *tres contos de reis?!...* Protestando-me s. ex.ª de viva voz e por escripta muitas vezes *eterna gratidão*, — pagou-me com a *mais negra e vil ingratidão.*

Apenas se viu na posse dos meus caros verbetes, — *esgueirou-se com elles*, tratando-me com desdem e voltando me inclusivamente as costas, pelo que o deixei *em paz e ás moscas.*

O homem *padece do sangue*, o que eu ignorava, quando me escreveu a primeira vez de *Coimbra* no seu 2.º anno de direito, como repetente [1], offerecendo-me os seus serviços na *labuta etymologica.*

Padece do sangue, porque eu, não podendo explicar d'outra fórma tão estranho procedimento, tratei de me informar e soube que não me enganava?!...

— *Qui viget in foliis — venit e radicibus humor* — ou *talis arbor, talis fructus.*

— *Sauve qui peut!...*

Eu gostava e gósto ainda hoje muito de *Tavora.* —Passei ali 3 annos admiravelmente, porque me honravam com particular estima as principaes familias de *Tavora*, de *Riodades* e de *Taboaço*, villa proxima de *Tavora*, séde do concelho e da comarca.

Eu estou derreado de todo com o peso dos meus 77 annos e com o meu árido estudo — *lima surda que mina a existencia.*

Ha muito que não sahi nem tenciono sahir do Porto — nem fui a *Tavora,* mas, se ali voltasse, como desejava, seria talvez bem recebido, porque, apesar de haverem decorrido já 45 annos desde que sahi de *Tavora* em 1864, — ainda lá se recordam de mim como prova o documento seguinte.

Desculpem a falta de modestia :

---

1 Elle *deve saber muito de direito*, pois gastou com a formatura *nove annos?!...*

Repetiu o 1.º, 2.º. 4.º e 5.º annos—e não repetiu o 3.º porque eu me empenhei para o salvar.

Passou por muito favor *simpliciter?!...*

V. *Joaquim da Silveira*, nos indices da 1.ª e 2.ª partes d'esta *Tentativa.*

Acta da sessão de trinta de Dezembro de 1906

«Aos 30 dias do mez de Dezembro do anno de 1906, a *Junta de Parochia* d'esta freguezia de *Tavora* se reuniu na salla das suas sessões. — Foram presentes a ella o presidente *Manoel Ferreira de Bastos Caulino*, e os vogaes *Manoel Antonio de Carvalho* e *Manoel Joaquim Monteiro*, comigo *João Baptista Ignacio Ferreira*, secretario da *Junta*, que esta escrevo.

«Aberta a sessão, o presidente propôz que fôsse exarado n'esta acta um voto de louvor ao... rev.mo... dr. *Pedro Augusto Ferreira...*, abbade jubilado de *Miragaya*, em virtude d'este benemerito cidadão ter concorrido com a quantia de *quarenta mil reis*, — sendo *vinte mil reis* para a arborisação da estrada nova que passa n'esta localidade [1] — e outros *vinte mil reis* para ajuda da construcção da torre que se pretendeu construir n'esta parochia de *S. João Baptista de Tavora*, onde o illustre sacerdote mencionado supra foi parocho durante alguns annos, prestando então relevantes serviços aos seus parochianos e a *Tavora*, — serviços que jámais serão esquecidos.

* * *

«Tal proposta foi acolhida e approvada por unanimidade, por traduzir a gratidão que os habitantes de *Tavora* devem ao seu querido e bondoso ex-parocho que, apezar de hoje estar retirado da vida parochial e não ter obrigação de pugnar pelos interesses d'esta freguezia, concorre tão gentilmente... para os seus melhoramentos materiaes e se interessa e consola tão carinhosamente com os progressos que n'esta freguezia de *Tavora* se vão notando, devido aos esforços e energia d'alguns filhos illustres d'esta terra.

«Não havendo mais nada a tratar, o presidente ordenou ao secretario que sem perda de tempo tirasse copia d'esta acta e a enviasse ao illustre sacerdote em questão,— verdadeiro ornamento das letras portuguezas, a quem a patria muito deve. — E por não haver mais nada a tratar, deu elle presidente esta sessão por finda e acabada, que por todos vae

---

[1] Em 1907 dei mais vinte mil reis para a arborisação da dicta estrada.

ser assignada e por mim *João Baptista Ignacio Ferreira*, secretario da *Junta*, que esta escrevi. Era ut retro.

O Presidente — *Manuel Ferreira de Bastos Caulino.*

O vogal — *Manuel Antonio de Carvalho.*

O vogal — *Manuel Joaquim Monteiro.*

O secretario — *João Baptista Ignacio Ferreira.*

— Está conforme ao original, que se encontra no livro das actas das sessões d'esta *Junta de Parochia*, a paginas 49 verso, e 50.

O secretario — *João Baptista Ignacio Ferreira.*»

* * *

Effectivamente eu, lembrando-me de que os sinos de *Tavora*, desde que foi construida nos fins do sec. XVIII a nova egreja matriz, estavam em um pequeno e humilde campanario — e de que o meu bom e velho amigo — snr. *Antonio de Barros Costa* se propunha substituir o pobre campanario por uma torre, — mandei-lhe 20$000 reis para ajuda da despeza.

Note-se que elle tem uma fortuna modesta, mas — desculpe s. ex.ª a franqueza — é um dos cavalheiros *mais honrados* que eu conheço — e um dos *mais benemeritos filhos de Tavora.*

— Adora a sua terra natal e tem-lhe prestado relevantes serviços, promovendo a reparação das fontes, das estradas, etc. — E a camara municipal attende-o, porque sabe que elle é *honradissimo* e zéla as obras municipaes com tanto interesse como se fôssem *suas proprias.*

— Assim no momento está zelando e fiscalisando a construcção da nova torre, — construcção promovida por elle, já por ser uma obra de muito interesse para a sua adorada freguezia, — já porque mora na veneranda *Casa da Torre?!...*

A dita casa é humilde, mas muito antiga, — a unica de *Tavora* que tem inscripções na fronteria — e que, se hoje não tem torre, muito provavelmente já teve *alguma torre*, como está dizendo o seu nome: — *Casa da Torre?!...*

Note-se tambem que por coincidencia a veneranda *Casa da Torre* demora no mesmo plano e a poucos metros de distancia da egreja matríz e da *nova torre.*

Mandei-lhe tambem 20$000 reís para a arborisação da bella estrada a *macadam*, que passa atravez de *Tavora*, a montante da egreja matriz e a jusante do lindo cemiterio da villa, que póde dizer-se — o *jardim publico de Tavora.*

— E' muito vistoso; — domina a igreja matriz,— a restidencia parochial, — a veneranda *Casa da Torre* e a villa quasi toda.

— Tem um lindo portão de ferro, differentes mauzoleus com inscripções — e está bem arborisado.

O mauzoleu mais luxuoso é o do meu primo Serrano.— Tem fronteria de marmore e custou-lhe 1:500$000 reis.

Eu, como presidente da junta de parochia, tentei fazer o cemiterio no *mesmo sitio*, quando ali fui parocho. Não o fiz por causa da minha transferencia para o *Porto*, mas deixei a planta para elle com o respectivo orçamento e as auctorisações precisas — bem como a verba do orçamento já lançada *em derrama* pela junta de parochia sobre a freguezia toda. Construiu-se mais tarde — no anno de 1883 — quando eu já era abbade de *Miragaya*, no *Porto*.

— De passagem direi que a planta do dito cemiterio foi —por deferencia para commigo—levantada em 1863 pelo snr. *Joaquim Ferreira de Macedo Pinto*, de *Taboaço*, então ali benemerito presidente da camara municipal. [1]

O dito snr. ainda hoje vive — e está muito mais vigoroso do que eu, posto que já conta cerca de 90 annos.

— E' o ultimo dos seus oito irmãos e por consequencia representante dignissimo da opulenta casa *Macedos Pintos*, de *Taboaço*, — e ainda hoje — 1909 — *muito meu amigo* e da minha familia.

— Devemos-lhe *as maiores finezas* — e já s. ex.ª duas vezes me disse:

— *As relações entre as nossas familias já veem do tempo dos nossos avós.*

— Contam, pois, mais de 150 annos, o que é *muito honroso* para mim e para a minha obscura familia, porque os snrs. *Macedos Pintos*, de *Taboaço*, — desde tempo muito remoto foram e são o grande *blóco*,— a familia mais impor-

---

[1] — E' presidente actual da mesma camara o snr. dr. *Victor José de Deus Macedo Pinto*,— excellente pessoa e muito illustrado, cavalheiro a toda a prova e bacharel formado em *Medicina*, casado e com successão, filho do snr. *Joaquim Ferreira de Macedo Pinto*.

— *Talis arbor, talis fructus* — ou — *qui viget in foliis venit e radicibus humor*

— Com vista ao meu *atavico successor* — ..... — o amigo *mais falso* e *mais ingrato* que n'este mundo encontrei.

— *Sauve qui peut!*

V. *Joaquim da Silveira* nos indices da 1.ª e 2.ª parte d'esta obra.

tante, mais considerada e mais rica do concelho de *Taboaço* — e uma das mais importantes, mais consideradas e mais ricas do *Douro todo?!...* [1]

* * *

Volvendo a *Tavora*, ainda direi que a arborisação do lindo cemiterio foi dada pelo snr. dr. *Victor José de Deus Macedo Pinto*, benemerito presidente da camara municipal de *Taboaço*, filho do snr. *Joaquim Ferreira de Macedo Pinto*, — e excellente pessoa — ou *do mesmo sangue do pai!...*

Eu apenas dei 40$000 reis para inicio da arborisação da bella estrada nova que passa atravez de *Tavora* e a jusante do cemiterio.

Foi a dita somma empregada nos eucalyptos que lá se vêem, — graças ao meu bom amigo snr. *Antonio de Barros Costa*, que muito generosamente se incumbiu da plantação e conservação d'elles.

Na falta d'outro monumento, os pobres eucalyptos, que são muito vivazes, muito lindos e *muito duradouros*, lembrarão aos vindouros o meu humilde nome e o do meu bom amigo *Barros Costa*.

Elle adora-os, — visita-os muitas vezes e trata-os com todo o carinho. — Criou-os, por assim dizer, *como filhos*; mas, como bom pai, estima e présa *incomparavelmente mais* o seu unico filho — snr. dr. *Alberto de Barros Costa* — excellente pessoa tambem e um talento superior.

— Formou se em *medicina* no anno de 1906 — obtendo sempre *distincções*; — casou em Coimbra com a sr.ª D. Herminia de Barros Costa e, sendo *facultativo do ultramar*, vive actualmente no *Congo portuguez*, com a sua adorada esposa e uma filhinha que já tem.

* * *

Eu não posso esquecer *Tavora*, por muitas considerações e porque na grande residencia parochial, — uma das maiores

---

[1] Vejam-se no *Portugal antigo e moderno* os meus artigos *Miragaya*, vol. 5.º, pag. 269, col. 1.ª

— *Sendim*, vol. 9.º, pag. 103, col. 1.ª.

— *Taboaço*, no mesmo vol., pag. 468 a 475, — e *Vicente* (S.) — sitio da freguezia e villa de *Taboaço*, vol. 10.º, pag. 516 a 519.

e melhores do bispado de Lamego, -- me iniciei na vida *d'escriptor*.

Durante os tres annos em que ali fui abbade — collaborei no *Almanach luso-brazileiro*, publicando *charadas*, *logogriphos* e varios artigos em prosa humoristicos, fazendo-me o seu illustrado director a fineza de publicar todos os annos *tres artigos meus*, — numero *maximo*, concedido aos diversos collaboradores, por serem *muitos*, — e pequeno o formato do lindo *Almanach*.

Tambem durante aquelles tres annos mandei para o *Jornal do Porto cartas* ou correspondencias noticiosas e semanaes, escriptas em *Tavora*, mas com o titulo de *Taboaço*.

As minhas pobres *cartas* contribuiram talvez algo para a febre das *correspondencias posteriores da provincia* — e relacionaram-me com o meu saudoso amigo *Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho*, dono do *Jornal do Porto*, que — durante muitos annos — foi o jornal politico de *mais valor e mais peso* que houve em *Portugal!...*

— Era por assim dizer — o *thermometro da nossa politica*.

— Elle não só se *intitulava*, como outros muitos, — *jornal independente*, mas bem merecia o titulo, pois durante a longa vida do seu benemerito fundador, proprietario e director — foi o *typo dos jornaes independentes* — e *nunca se filiou em partido algum*.

— A politica do *Jornal do Porto*, — era a do seu benemérito fundador, proprietario e director *Cruz Coutinho* supra, — homem honradissimo, — *Portugal velho*, propriamente dicto, — e *muito independente*, por ser muito modesto e ter *fortuna propria*, obtida muito honrosamente pelo seu trabalho como *livreiro-editor*.

— A livraria *Cruz Coutinho*, *aos Caldeireiros*, foi durante muitos annos, — *uma das primeiras do Porto*. — Já era muito acreditada quando fundou o jornal e d'elle e da fortuna obtida por ella vivia, — *não do jornal*, — posto que este algo rendia tambem.

* * *

O *Jornal do Porto*, era muito bem escripto, muito decente, muito bem dirigido, muito acreditado e muito respeitado por todos os governos, por ser *independentissimo!...*

Chegou a ter larga tiragem e nunca lhe deu prejuizo, posto que algumas vezes, quando declarava *opposição franca*

ao governo, se despediam em poucos dias *muitos assignantes*, como eu observei, pois dava-me com o benemerito *Cruz Coutinho* e com o administrador do jornal — *José Antonio de Barros Braga.*

Certo dia disse-lhe este:

— Já esta semana se despediram *tantos* assignantes!...

— *Isso pouco me importa*, porque felizmente tenho ainda recursos para a féria d'esta semana e da seguinte, — respondeu *Cruz Coutinho.*

Elle era *republicano*, mas *opportunista.*

Nunca se pronunciou abertamente a favor da *republica*, por ver que o nosso paiz era um paiz de analphabetos que não comprehendiam — *como ainda hoje não comprehendem* — o que é a republica: — *o governo do povo pelo proprio povo.*

Era *opportunista* e muito prudentemente aguardava dias melhores; entretanto acompanhava os governos monarchicos, mas não *cegamente.*

— Censurava um governo qualquer, logo que o julgava digno de censura, — e louvava por vezes o mesmo governo, quando o julgava digno de louvor, mas nunca foi *pamphletario.*

Presou sempre muito a dignidade da imprensa. — Elogiava e censurava sempre *modestamente* e *respeitosamente* — e era mais propenso a elogiar, do que a censurar.

Foi esta sempre *a sua politica* e a sua norma de conducta, pelo que os governos todos o respeitavam e *temiam!*...

Quando declarasse *opposição franca* a um governo qualquer — esse governo não ia longe.

Ahi vae um facto eloquente:

Um dos meus melhores amigos desde o nosso bom tempo de Coimbra foi, como já disse, o dr. *Julio Cezar d'Almeida Rainha*, da opulenta casa *Rainhas*, de *Gouveia*, — talento superior e muito illustrado.

— Era *licenciado* com o 6.º anno em theologia, — bacharel formado e *sempre premiado* em direito, — deputado em varias legislaturas, etc.

Foi tão meu amigo desde que nos encontrámos como condiscipulos em *Coimbra*, até que falleceu em 1889 na sua casa da *Figueira*, que *muitas vezez* veiu de *Gouveia* e da *Figueira* ao *Porto* — *só para me ver e cumprimentar.*

Por occasião de uma d'essas visitas, disse-me elle:

— Que te parece a nossa politica?

— Eu julgo que o governo actual tem os seus dias con-

tados — respondi eu — porque o *Jornal do Porto* lhe declarou *aberta e franca opposição.*

— O governo não liga importancia alguma ao *Jornal do Porto;* — está firme e muito firme — e durará *muito tempo!* — me disse elle; mas, passádos poucos dias, — o governo foi de *catrambias!...*

* * *

Outro facto:

Certo dia, estando no poder um dos nossos estadistas mais considerados, mandou offerecer ao *Cruz Coutinho — cem contos de reis* para lhe vender o *Jornal do Porto*, mas o honrado *Cruz Coutinho* desprezou com o maior altruismo tão lisongeira proposta, — segundo me affirmaram *pessoas competentes.*

Cruz Coutinho deixou uma fortuna muito solida, avaliada em *sessenta contos de reis*, — uma livraria importante, muito acreditada — e não menos acreditado o seu *Jornal do Porto.*

Deixou tambem um nome illibado! — Se não fôsse tão cavalheiro e tão honrado — só com a proposta supra — podia *duplicar* ou *triplicar* a fortuna.

Infelizmente deixou dous filhos *naturaes* que degeneraram. — Em poucos annos meteram a pique tudo o que o pai lhes deixou.

— Venderam a grande livraria, o *Jornal do Porto*, etc., — e, podendo viver muito bem, luctam com as maiores difficuldades?!...

O mais velho — *Antonio Rodrigues da Cruz Coutinho* — como o pai e pelo pai educado e destinado para seu successor, — é um talento verdadeiramente superior e muito illustrado. — E' muito versado em portuguez, francez, allemão, inglez, etc., — e na *industria dos livros* ainda hoje é talvez o homem *mais competente e mais habilitado que ha no Porto,* mas de nada lhe servem tantas habilitações!...

Depois de dar cabo da sua livraria e da sua fortuna, já esteve empregado em diversas livrarias no *Porto,* em *Coimbra*, em *Lisboa* e no *Brazil.* — Agora está *pela segunda vez* no *Chinde, Africa Oriental,* — como *feitor* ou coisa semelhante em uma *roça do sertão,* — vivendo entre as féras e entre os selvagens, peores do que as féras?! . . . — Elle que é *tão illustrado* e tem já 53 annos, estando por consequencia já velho e gasto! Foi tambem sempre muito franzino, debil, timido e fraco — e nunca matou um coelho nem uma perdiz! . . .

— Custa a crer, *mas é facto.*

— Para feitor d'uma roça no interior da *Africa* era mais competente qualquer salteador ou assassino degredado, como o *João Brandão* ou o *José do Telhado.*

— Pobre *Cruz Coutinho!...* — Degredou-se *espontaneamente*, mas felizmente ainda está solteiro.

O irmão mais novo — *Luiz da Cruz Coutinho* — casou de tenra idade e *figurou.*— Só em um anno gastou *cinco contos de reis,* pelo que malbaratou em prazo breve a sua fortuna e vive do seu trabalho como *simples caixeiro!* — Já esteve em *Loanda* e tem ido muitas vezes ao *Brazil* com amostras de vinho.

* * *

Volvendo a *Tavora,* seja-me licito dizer ainda — que eu nos tres annos em que ali fui parocho não só beneficiei o passal, mas *toda a freguezia*, operando uma transformação importante na agricultura d'ella, como no trienio do meu professorado beneficiei e transformei as ordenações de *Lamego.*

Não exagéro, como os leitores vão ver.

— A freguezia de *Tavora* é mimosissima e fertilissima, porque está no clima *das larangeiras* e *das cerdeiras.*

Póde afoitamente dizer-se que desde a *Regoa* — coração do *Douro* — até á *Barca d'Alva*, fronteira da *Hespanha*, — e mesmo até á *Andaluzia*, a provincia mais fertil e mais mimosa da *Hespanha*, — *Tavora não tem rival!...*

Produz grande quantidade de fructa saborosissima e variadissima, nomeadamente *laranjas* e *cerejas*, pelo que *Tavora* é no *Douro* cognominada, como a minha *Penajulia* ou *Penajoia — terra das cerejas!...*

A minha *Penajoia*, por ser muito mais espaçosa, produz mais cerejas, mas *Tavora* tambem produz muitas e muito temporãs — e apura n'ellas muito dinheiro.

Como são as primeiras que amadurecem n'aquella região, até muitas legoas de distancia nas provincias da *Beira* e *Traz-os-Montes*, — os filhos de *Tavora* desde os principios de *maio*, até os fins de *junho* costumam abastecer com ellas os mercados, romarias e feiras d'aquellas duas provincias.

Levam-nas em cargas até *Sernancelhe*, *Penedono*, *Moimenta da Beira*, *Meda* e *Marialva*, na *Beira*, — e até á *Torre de D. Chama*, em *Traz-os-Montes*, — sitios distantes de *Tavora*, 20 a 50 kilometros.

Tambem produz muito e optimo azeite, batatas, casta-

nhas, milho, cevada, centeio, trigo, etc., — mas desde tempos muito remotos a sua producção principal — é *optimo vinho de meza!...* — Está, por tanto, exposta ás crises vinicolas do *Douro* e, quando eu fui para *Tavora* em 1861 -- causavam dó os seus vinhedos, por estarem todos *carregados e devorarados pelo oydium!...*

* * *

Em grande parte do *Douro*, esta epiphytia já se combatia com o *enxofre.* — O primeiro *lavrador* ou proprietario do *Douro* que o introduziu e applicou — foi o benemerito snr. *Felix Manuel Borges Pinto*, dono da quinta de *Castello de Borges*, no valle do *Tédo*, — e o segundo foi meu pai — *José Antonio Ferreira* — na sua quinta do *Campo Bello* ou *Campo Velho*, muito proxima da do *Felix*, no *Alto-Douro.* — Tambem o meu pai ao mesmo tempo enxofrou o seu casal da *Penajoia* ou *Corvaceira*, no *Baixo-Douro*, pelo que o meu pai e o dito snr. *Felix — reconstituiram logo os seus vinhedos* e apuraram bom dinheiro *em vinho!...* [1]

Note-se que *muitos lavradores do Douro* só passados annos se resolveram a enxofrar, pelo que o vinho do *Douro*, *por ser pouco*, — teve durante annos *venda facil* e *por alto preço!...*

— Quando em 1861 eu fui para *Tavora*, — ainda *ninguem lá enxofrava!...*

Os vinhedos ainda não estavam mortos, por serem muito bem agricultados; — mas toda a freguezia não dava talvez *cincoenta pipas de vinho?!...*

---

[1] O meu pai, pouco depois de reconstituir os seus vinhedos, vendeu por *um titulo unico* a um negociante do Porto — *Augusto de Moraes* — todo o vinho que a nossa quinta do *Tédo* produzisse durante 5 annos — a 72$000 reis cada pipa.

Apurou, pois, só no vinho da mencionada quinta 4:320$000 reis por anno, durante aquelles 5 annos, porque ella dava, termo medio, 60 pipas por anno.

Tambem por essa occasião vendeu a 50$000 reis, termo medio, cada pipa de vinho do casal da *Corvaceira, ou Penajoia*, que dava *40* pipas por anno.

Apurou, pois, só no vinho do dito casal 2:000$000 reis por anno, que unidos aos 4:320$000 reis do vinho da quinta do *Tédo*, prefaziam 6:320$000 reis — só em vinho por anno e durante 5 annos.

Póde tambem computar-se em 500$000 reis o que produziam por anno os dois casaes, em azeite, baga, fructa lenha, madeira, cereaes, etc.

Total do rendimento da nossa casa *in illo tempore* — 6:820$000 reis por anno, approximadamente.

Eu fiquei horrorisado!

N'esse mesmo anno tratei de enxofrar as vinhas do passal e disse aos meus parochianos que enxofrassem tambem as suas, expondo-lhes o que ao tempo se passava no *Douro* e na minha casa.

Clamei e gritei, mas não os pude resolver a enxofrar.

— E' castigo da providencia!... — diziam elles — e cumpre-nos acceital-o.

— Deus tambem dá as doenças — lhe retorqui eu — e nós acceitamos e applicamos os remedios contra ellas. — Appliquemos, pois, o enxofre, remedio facil para combater o *oydium*, como se está combatendo na *França* e na parte restante do *Douro*.

— Não enxoframos!...

* * *

Vendo eu tanta reluctancia, dirigi-me a um dos proprietarios então mais ricos de *Tavora* e que melhor grangeava, — por nome *José Parente*, — e disse-lhe:

— Enxofre as suas vinhas, como eu vou enxofrar as minhas.

— *Não enxofro!* — respondeu elle.

— N'esse caso proponho-lhe um partido: — «Eu enxofro as suas vinhas — e o senhor dá-me a *terça parte* do que ellas produzirem».

— Acceito de bom grado o partido, porque ellas não *produzem coisa alguma* — disse elle.

Feito o contracto, mandei logo no 1.º anno do meu trienio enxofrar as vinhas do passal e as d'elle.

O homem ficou attonito, assombrado, porque as videiras, costumando perder a folha muito cedo, conservaram-se até depois da vindima luxuosas e verdes, — produziram *muitas uvas* e *não se perdeu um bago!...*

— No anno seguinte os meus parochianos todos enxofraram as suas vinhas; — em breve as reconstituiram; augmentaram as plantações e — não tendo colhido a freguezia toda talvez 50 pipas de vinho no anno anterior á minha ida para *Tavora*, — chegou a dar *trezentas* a *quatrocentas* pipas de vinho *por anno?!...* [1]

---

[1] Se a vaidade me não céga, bem merecia o habito ou uma commenda da *Ordem do Merito Agricola*.

* * *

Hoje não produz tanto, porque a *phyloxera* e as outras muitas doenças das videiras, que mais tarde surgiram, novamente destroçaram os vinhedos de *Tavora*; — mas, se ali me conservasse, — *novamente as reconstituiria talvez!...*

— Mas como? — dirão os leitores.

— Imitando o processo adoptado pelos benemeritos donos da quinta das *Aguias* — ou do extincto convento de *S. Pedro das Aguias*, pertencente á mesma freguezia de *Tavora*.

A mencionada quinta *nunca produziu tanto vinho, como produz na actualidade?!...*

Póde considerar-se uma *escola agricola*, — uma *quinta regional* — sem a minima protecção do governo.

— E' uma *quinta modêlo*, — hoje absolutamente a primeira do grande valle do *Tavora*, — muito digna de ser visitada — e *dirigida por uma senhora?!...*

— Custa a crer — *mas é facto!*

Refiro-me á ex^ma^ sr.ª *D. Maria Clementina Pinheiro Leite*, casada com o sr. *Alexandre Augusto Pereira de Barros*, donos da mencionada quinta.

— E' uma senhora de muito merecimento, muito energica, muito atilada e muito digna d'uma commenda da *Ordem de Merito Agricola*.

— A ella e *só a ella*, como todos sabem, por ser muito *atilada* e mais energica do que o marido, — se deve a prosperidade da sua bella quinta das *Aguias*, — quinta *que ella adora!...*

Para evitarmos repetições — vejam-se na 1.ª parte d'esta obra as pag. 382 e segg., onde falámos do *convento* e da *quinta das Aguias*.

Note-se que a dita senhora e o marido são excellentes pessoas, muito tractaveis, muito accessiveis e não se recusam a franquear a sua quinta a todos quanto pretendam visital-a — nem a dar as explicações que lhes peçam.

* * *

Não se recusariam mesmo a dar ou vender por preço rasoavel *bacellos*, *barbados* e *enxertos* das vides americanas da sua bella quinta, — vides que são todas escolhidas entre as mais resistentes e mais apropriadas ao terreno de *Tavora*.

Note-se que as ditas *americanas todas* — foram indicadas

pelo snr. dr. *Joaquim Pinheiro d'Azevedo Leite*, de *Provezende*, compadre e parente da dita senhora, — cavalheiro que s. ex.ª muito estima e respeita como *seu mestre* na especialidade. — E não podia s. ex.ª encontrar mestre melhor, pois, como todos sabem, — o snr. dr. *Joaquim Pinheiro*, de *Provezende*, foi o benemerito introductor das vides americanas no *Douro*; — com ellas reconstituiu os vinhedos da sua grande casa — e com ellas salvou os vinhedos do *Douro* e de *Portugal todo!...*

— Ninguem mais versado nem mais auctorisado do que elle *na especialidade*. — Bem merecia uma commenda ou a *grã-cruz* da *Ordem do Merito Agricola*, — e o *Douro* por gratidão lhe devia erigir uma estatua na Regua ou no Pinhão!...

A quinta das *Aguias* é hoje a que produz mais vinho na freguezia de *Tavora*, [1] por ser muito bem agricultada pela dita senhora e, se os habitantes de *Tavora* seguissem o exemplo d'ella, podia estar assim a freguezia toda ou quasi toda.

Note-se que *Tavora* tem chãos mais mimosos e muito mais ferteis do que os da mencionada quinta das *Aguias*. — Avultam entre elles os da *Ribeira*, do *Paço*, de *Marinhos*, *Quintã*, *Casal Tello* e *Villa Meã*, — nomeadamente os campos que foram do *Passal* e que são hoje do snr. dr. e desembargador da *Relação do Porto* — *Manuel de Barros Nobre* — ou antes das sobrinhas e herdeiras d'elle.

Os dictos campos são absolutamente os mais ferteis dá freguezia de *Tavora* e de todo o grande valle do *Tavora*, — de todo o concelho de *Taboaço* e dos concelhos circumvisinhos!...

Quando ali fui parocho, os dictos campos andavam arrendados pela *terça parte da producção*, — isto é: — o caseiro grangeava-os, dando ao parocho *duas partes* do producto, — ficando elle sómente com a *terça* — e *muito satisfeito?!...*

Note-se que os dictos campos eram muito bem regados e *limados*, — depois de darem differentes camadas d'erva — davam *trigo* — e por ultimo, na *restolha* do trigo, davam *milho*.

— E tudo isto sem outros adubos, além dos que a agua trazia da fonte publica de *Villa Meã*, onde se faziam constantemente *barrelas*, pelo que a dicta agua era um montão de *lixivia*, — optimo adubo!...

— O trigo crescia tanto e com tal pujança, que *dobrava!*

---

[1] Em 1908 produziu ella 150 pipas.

—Para não apodrecer, era preciso metter-lhe gado lanigero para o comer e encurtar.

O maior contra do milho era tambem crescer tanto, que por vezes tombava com o vento.

Quando os habitantes de *Tavora* viam em qualquer parte um campo de milho excepcionalmente pomposo e luxuoso, costumavam dizer:

— *Este parece-se com o do nosso passal!...*

Hoje os dictos campos estão plantados de vinha americana e dão muito vinho, mas já deram e podiam dar mais.

Prosigamos.

* * *

Tambem á dicta senhora *D. María Clementina Pinheiro d'Azevedo*, benemerita agricultora da sua formosa quinta das *Aguias*, se deve em grande parte a bella estrada nova a *macadam* que atravessa a freguezia de *Tavora* e muito a valorisou toda.

As coisas passaram-se assim:

Os srs. *Macedos Pintos*, de *Taboaço*, que são desde longa data a familia mais importante, mais rica e mais considerada d'este concelho, havendo transformado de *fond en comble a villa* de *Taboaço*, elevando-a a séde de comarca, etc., [1] —conceberam o plano de dotar a villa e o concelho com uma estrada a *macadam*, em substituição dos antigos despenhadeiros.

Com este intuito o sr. conselheiro *José Ferreira de Macedo Pinto*, lente jubilado da *Universidade de Coimbra*, tendo já certa edade e podendo passar o resto da vida muito socegado e tranquillo, acceitou a nomeação de *procurador á Junta Geral do Districto de Vizeu* — durante annos — só para advogar a demanda.

Conseguiu que a *Junta Geral* e o governo resolvessem fazer e estrada districtal, n.º 40, — de *Vizeu* ao *Espinho* (foz do *Tavora*, na margem esquerda do *Douro*) — por *Taboaço* e *Moimenta da Beira*.

Do *Espinho* até *Taboaço* correu bem o estudo da dicta estrada, que devia seguir por *Tavora* e *Sendim* para *Moimenta da Beira*, mas o engenheiro encarregado do estudo entre *Taboaço* e *Sendim*, ficou aterrado com a medonha gargan-

---

[1] Vejam-se no *Portugal antigo e moderno*, os meus artigos *Miragaya*, vol. V, pag. 269; *Sandim*, vol. IX, pag. 103; *Taboaço*, no mesmo vol., pag., 469 — e *Vicente* (S.), vol. X, pag. 516.

ta do ribeiro Fradinho, que demora entre Taboaço e Tavora. Disse que era impossivel atravessar a medonha garganta de fraguedo nú e abrupto, pelo que abandonou o traçado por Tavora.

Fez o estudo ganhando em zigue-zagues a villa de Taboaço e seguiu pela inhospita serra de Chavães para Sendim, deixando em paz e ás moscas a mimosa freguezia de Tavora, que nem lobrigaria a nova estrada, pois passava pela dita serra, cêrca de 8 kilometros a montante de Tavora.

Os snrs. Macedos bem queriam que a nova estrada seguisse por Tavora, porque teem alli a sua bella quinta do Rio-Bom, — precisamente na foz do tal ribeiro Fradinho; mas concordaram com o engenheiro que ficou aterrado com a medonha garganta do Fradinho!... — E não menos aterrados por certo ficaram os engenheiros que, por ordem da Velha Companhia dos Vinhos, a instancias de João Salter de Mendonça, então dono da quinta da Avelleira, fizeram a velha estrada, ligando Taboaço a Tavora nos principios do seculo XIX.

Os taes engenheiros, não se atrevendo a transpôr a medonha garganta, fizeram pela margem direita do Fradinho, como já dissemos na 1.ª parte d'esta obra, pag. 495 e segg., — uma calçada horrorosa e muito dispendiosa, de 400 a 500 metros d'extensão, aberta em rocha e com o desnivel de 15 a 20 metros por cento!

O engenheiro de 1883, aterrado com a medonha garganta do Fradinho, apenas se abeirou d'ella, — fugiu com o traçado para a serra!...

Salvou a questão a dita snr.ª D. Maria Clementina Pereira de Barros, supra, dona da quinta das Aguias, como no Porto me disse o proprio snr. conselheiro José Ferreira de Macedo Pinto, accrescentando:

— A dita senhora, horrorisada com tal solução, disse:

— O engenheiro nem sequer fez o reconhecimento através da garganta do Fradinho; e porque elle disse que era impossivel passar por alli a estrada, ¿nós havemos de jurar na sua palavra? Eu proponho que se mande vir do Porto um engenheiro auctorisado que faça o reconhecimento.

Concordaram os snrs. Macedos e a commissão dos parochianos de Tavora, que os acompanhou na empreza, — commissão de que fazia parte o marido da dita senhora.

Mandaram logo ir do Porto o distincto engenheiro Tito

de Noronha, muito meu conhecido e que foi bem escolhido, pois, além de ser muito illustrado,—era forte e vigoroso e tinha pernas de galgo!...

Atirou-se com animo e fé ao medonho gargantão;—teve muito trabalho, mas conquistou alli as suas esporas d'ouro como engenheiro, resolvendo o intrincado problema em favor do traçado por Tavora!...

Tanto os snrs. Macedos como a dita commissão exultaram de contentamento.—Foram a Vizeu e mostraram ao respectivo director das obras publicas a planta levantada e muito bem desenhada pelo Tito de Noronha.

O illustrado director, Antonio Casimiro de Figueiredo ficou attonito!

Mandou logo um engenheiro de toda a confiança ao local para ver se a planta estava exacta;—o engenheiro concordou sem a minima divergencia—e a nova estrada fez-se através de Tavora, como a dita senhora tanto desejava, pois atravessa a freguezia toda e a sua bella quinta das Aguias!. .

Ainda não está concluida, mas já atravessou a funda ravina e as ingremes ladeiras da Granjinha a E. de Tavora; ganhou o vistoso planalto dos Cabris, passando a montante e pouco distante da humilde povoação e do lendario castello dos Cabris,—e já chegou á parochia de Sendim, distante de Tavora cêrca de 8 kilometros.

Tambem já está construido um lanço d'alguns kilometros a partir de Moimenta da Beira para Tavora e Taboaço

E' de facil construcção a parte restante; mas o lanço através do gargantão do Fradinho—lanço que eu já vi e é muito interessante, muito lindo—foi um arrojo de construcção!.

Tem córtes de bastantes metros d'altura em rocha viva—e muros de supporte com altura de 14 a 15 metros—ou mais!...

Os taes muros são muito altos e muito valentes, mas foram relativamente baratos, por haver optima pedra de sobra na localidade.

O dito lanço é horisontal ou plano,—muito suave, muito lindo e muito digno de ser contemplado pelos engenheiros todos.

Contrasta com a medonha calçada do Fradinho a montante è pouco distante, feita pela Companhia dos Vinhos—e n'elle deve gravar-se uma inscripçao com o nome de Tito

de Noronha e a data em que s. ex.ª fez o respectivo traçado, resolvendo com a maior felicidade tão intrincado problema.

O texto da inscripção deverá ser, pouco mais ou menos, o seguinte:

> *O traçado d'esta linda estrada, entre Taboaço e Tavora, foi feito por Tito de Noronha, distincto engenheiro, mandado vir expressamente do Porto, em 1883.*

Foi isto o que eu escrevi em 1907, quando estava publicando em folhetins no *Conimbricense* esta minha pobre *Tentativa,* que agora estou fazendo saír em livro, por haver expirado o *Conimbricense* em agosto do dito anno de 1907. (1)

Hoje, 1911, posso dar aos leitores a noticia de que a mencionada inscripção supra, relativa ao engenheiro Tito de Noronha, já se vê gravada em fortes caracteres romanos — tal qual eu a propunha — em um dos fragões que foi cortado na passagem do ribeiro Fradinho e ficou faceando com a bella estrada de Taboaço a Tavora.

Mandeia-a eu gravar em 1908, havendo já fallecido o Tito de Noronha doze annos antes (em 1 de junho de 1896)

Foi uma homenagem posthuma bem merecida!

*

* *

Voltemos ás etymologias:

PREFIXO SUB

Sub-Outeiro, é nome congénere de Sob-costa, Sob-herdades, Sob-outeiro, Sob-rego e Sorrego por Sob-rego; — Suadro por Sub-adro, Suarriba e Suarribas por Sub-ripa e Sub-ripas ou Sub-Riba e Sub-Ribas.

---

(1) A dita série comprehendeu 207 folhetins — desde o n.º 5:894 do saudoso *Conimbricense*, de 21 de maio de 1904 — até o n.º 6:228, de 24 d'agosto de 1907.

Foi a maior série de folhetins publicada pelo *Conimbricense* durante a sua longa vida de 60 annos.

Cf. Sub-Ripas, velha rua de Coimbra!...

Somma e segue: — Sub-Adro, Sub-Bacello, Sub-Borba, Sub-Caia, Sub-Campo, Sub-Carreira, Sub-Carvalho, Sub-Casa, Sub-Christello, por Cristello, este por Crestello, este por Crastello, este por Castrello, diminutivo de Castro, como Castello por Castrello.

A rua do Christello, em Massarellos, — queria dizer — Rua do Castello, que esteve no sitio onde está a igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem ou de S. Pedro Gonçalves Telmo, padroeiro dos navegantes, — unde *santelmo*, — nome que os marinheiros, no alto mar, depois das grandes tempestades dão aos fogos fátuos que por vezes brilham nas extremidades das vergas e dos mastros, como prenuncio de bonança — ou de que está com elles o seu protector S. Pedro Gonçalves Telmo, por abreviatura S. Telmo, unde *santelmo*.

O S. Pedro Gonçalves Telmo era natural de Tuy, na Galliza, como lá me disseram.

Prosigamos: — Sub-Deveza, Sub-Devezinha, Sub-Egreja, Sub-Estrada, Sub-Moinhos, Sub-Nogueira, Sub-Outeiro, o mesmo que Sob outeiro supra; Sub-Paço, Sub-Pena, Sub-Portella, Sub-Quintã, Sub-Rego, Sub-Riba, Sub-Ribas, Sub-Ribeiro, Sub-Sérra, Sub-Torre, Sub-Veigas, Sulatesta por Sub-la-testa, — Surriba, Surribas por Sub-Ribas, etc., povoações nossas.

*

* *

Farminhão, freguezia do concelho de Vizeu, na minha opinião vem de *Firminianus, i*, antigo nome pessoal, diminutivo de *Firminus*, i, subdiminutivo de *Firmus, i*.

Cf. *Maximus*, *Maximinus*, *Maximilianus* e *Maximianus*; *Antonius*, *Antoninus* e *Antonianus*; *Justus*, *Justinus* e *Justinianus*, etc.

TAVIRA

Caramurú, nome indio do Brazil, em 1640 — quer dizer: — homem de fogo e filho do Trovão.

Por seu turno Tavira, cidade do Algarve, na minha opinião vem de Fabúla, nome do seu penultimo rei arabe, (1)

---

(1) V. *Tavira*, no *Portugal Antigo* e *Moderno*, artigo de Pinho Leal.

pois *fa* deu *ta* na onomástica portugueza, e as letras *i* e *u* confundiram-se, pelo que *Fabúla* deu *Tavila* e *Tavira*, povoações nossas, pois na onomástica portugueza *l* e *r* trivialmente se confundiram.

Tavira vem pois de *Fabúla*, nome arabe. — Por seu turno *Fabúla*, nome arabe, foi tirado do latim *favilla*, — relampago, raio, faisca, nome bem apropriado a um valente guerreiro arabe.

Cf. *Raio*, appellido nosso em Braga, etc., e *Caramurú*, nome do chefe de uma tribu de indios do Brazil, o qual em 1639 a 1641 auxiliou valentemente o grande patriota portuguez da ilha da Madeira, José Fernandes Vieira, para expulsar, como expulsou, os hollandezes de Pernambuco, sendo capitaneados pelo duque de Nassau.

Caramurú, no dialecto indio, quer dizer — *Homem de fogo, filho do Trovão*. Nós tambem temos *Trovão* e *Trovoada*, appellidos . . — *Fabúla*, nome arabe, foi tirado de *favilla* no tempo em que os arabes viveram secretos na Hespanha, vindo a nossa peninsula a augmentar o seu vocabulario com o dos arabes, como diz Gustave Le Bon na *Civilisation des Arabes*.

AINDA TAVIRA

Deriva-se de *Fabila* e este de *Fabúla*, nome do penultimo rei mouro de *Tavira* — pois o ultimo foi *Aben-Fabúla, filho de Fabúla*.

A escala seria: — Fabúla, Fabila, Tavila, Tavilla e Tavira.

Note-se que as lettras *i* e *u*, bem como *l* e *r* — trivialmente se confundiram e substituiram na onomástica portugueza.

Tambem se confundiram e substituiram as letras *F* e *T*, pelo que Fabúla, sem violencia, deu ou podia dar Favila e Tavira. (1)

Ainda diremos que Fabúla é talvez um dos muitos vocabulos que os mouros e arabes, durante a sua longa permanencia na Peninsula (Portugal e Hespanha), levaram e aproveitaram do latim para enriquecerem o seu idioma, como os

---

(1) V. *Tavira*, no *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 9.º, pagina 502, col. 2.ª *in fine* — e para a substituição das letras *f* e *t* — veja-se a 2.ª parte da minha louca *Tentativa Etymologica*, pag. 105 e 106.

povos da Peninsula enriqueceram o seu idioma com muitos vocabulos arabes.

N'este caso Fabùla por Fabila ou Favilla, é talvez deturpação do latim *favilla*, a faisca do fogo, o raio.

Cf. Raio, appellido nosso.

Cf. Favilla, povoação nossa tambem.

Para mostrar que Fabúla podia dar Tavira, vejamos como se confundiram as letras.

FA e TA

Facha e Tacha, appellido.
Facho e Tacho.
Fagilde e Tagilde.
Faias e Taias.
Faínha e Taínho, quasi Taínha.
Falla e Talla.
Fareja e Tareja.
Farrio e Tarrio, muitas povoações.
Farroeira, Tarrogeira e Tarrueiro.
Fartaria e Tartaria.
Favaqueira e Tavaqueira.
Favacal e Tavacal.
Favarrel e Tavarella.
Fazoura e Tezouras.
Alfaião e Tayão.
Falé e Thulé.
Feira e Teira.
Feixe e Teixe.
Feixeiras e Teixeiras.
Feixogueira, e Teixugueira
Fera e Tera.
Ferra e Terra.
Ferrado e Terrados.
Ferrão e Terrão.
Ferras e Terras.
Ferreirinho e Terreirinho.
Ferreiro e Terreiro.
Ferreiros e Terreiros.
Ferrenho e Terrenho.
Ferrões e Terrões.

Ferronha e Terronha.
Ferrugem e Terrugem.

F e T

Festos e Testos.
Fetelaria e Tetelaria.
Fogueira e Tugueira.
Foja e Toja.
Foitos e Toito.
Fojaes e Tojaes.
Fojo e Tojo.
Fojos e Tojos.
Folões e Tolões, talvez o mesmo que Telões e Tenões.
Fontão e Tontão.
Fontella e Tondella.
Fontinhal ou Tontinhal.
Fontinha e Tontinha.
Fora e Tora.
Forneira e Torneira.
Forneiro e Torneiro.
Forneiros e Torneiros.
Forno e Torno.
Foro e Toro.
Forrezello ou Forregello e Torrozello.
Forrejal e Torrejaes, plural de Torrejal.
Foucinhos e Toucinhos.
Fuzeiro e Tozeiro.
Fraguinhas e Traguinhas.
Franqueira e Tranqueira.
Franca e Tranca
France e Trance.
Francelheira e Trancelheira.
Francaria, Franqueira e Tranqueira.
Froia e Troia.
Truta, Truta de Baixo, Truta de Cima, e Trutas, quatro aldeias nossas — e não temos povoação alguma com o nome de Fruta!...

* * *

Em additamento a este 2.º vol., pag. 309, diremos que — Val de Nacar, sem violencia, deu ou podia dar Vacalar.

Por seu turno Val de Nacar na minha opinião vem de *Valée de Nékar* (quasi Val de Nacar) — valle do Rio Nékar, confluente do Reno, vale muito mimoso e muito fértil, pelo que os povos germanicos (Visigodos) quando habitaram o nosso paiz, talvez dessem ao rio *Temilupus*, que banha o Vacalar e é confluente do Douro, o nome do Nékar.

V. Nékar na *Geographia Universal* de Bescherell e Devars.

Ahi se encontra, *ipsis verbis*, *vallée de Nékar*.

Topicos promettidos e outros d'alguma utilidade para o estudo etymologico da onomástica portugueza

NOMES PESSOAES E NOMES DE SANTOS TIRADOS DOS ADJECTIVOS NUMERAES ROMANOS (1)

Primus, *i*, primeiro, deu Primo, nome d'um santo, etc. Por seu turno *Primi*, patronimico de *Primus*, *i*, deu Prime, aldeia e quinta junto de Vizeu, e Prime, titulo de barão, visconde e conde, tirado da mesma quinta de Prime.

Tambem *primus*, adjectivo numeral romano, deu *Primianus* — *Primiano*, outro nome de santo, etc.

V. Prima, Prime, Primiana, Primiano e Primo, no meu *Diccionario d'Appellidos*, já impresso, mas ainda não distribuido, porque lhe falta a introducção, que ainda não pude escrever.

Tambem Primi, pela fórma *Prini*, talvez désse Prim, appellido hespanhol e portuguez, (2) bem como *Primianis*, patronimico de *Primianus*, *i*, talvez désse Priannes, duas povoações nossas, como Primiana deu ou podia dar Priana, povoação nossa tambem.

A bussola é o ouvido; mas talvez que Priannes seja contracção de Peri ou Peres, o mesmo que Pero ou Pedro e Annes, antiga fórma de Joannes, patronimico de João.

---

(1) V. este vol., pag. 331.

(2) *Primus* deu ou podia dar *Preminus*, *i*, e *Primianus*, *i*, como *Justus* deu *Justinus* e *Justinianus*, *Maximus* deu *Maximinus* e *Maximianus*, etc. Por seu turno *Priminus*, *Primini*, deu ou podia dar *Prini*, unde *Prim* supra.

N'este caso Priannes quer dizer: — granja, quinta ou casa de campo de Pedro, filho de João.

Cf. Annes, casal e appellido; Gonçalo Annes, Joanne, Joannes, Martim Annes, Peres, Peres Alves e Peres Escuma, differentes povoações nossas; mais 14 povoações com os nomes de Pedro, Pedrô Alves, Pedro Caldeira, Pedro Moura, Pedro Ferreiro, quasi Pedro Ferreira, auctor d'estes rabiscos, Pedro Jorge, etc.

Temos ainda mais 56 povoações com o nome de Pero, o mesmo que Pedro; mais de 200 com o nome de S. Pedro; 2 aldeias e 15 casaes com o nome de S. Pedrinho; mais 5 aldeias com o nome — Casal de Pedro — além de Pedros e Peros, o mesmo que Pedros, povoações nossas tambem, como Pires (o mesmo que Peres) appellido e nome de 10 povoações nossas, e Paires por Pires!

Do exposto se vê que Pedro, nome d'este *Petrus in cunctis nihil in omnibus*, foi muito prolifico na onomástica portugueza, posto que o povo rude não sympathisa com tal nome. Costuma até (salvo seja!) dizer que os Pedros todos são maus e devemos fugír d'elles!... (1)

Mas nem todos os Pedros são maus. Eu chamo-me Pedro, porque o meu padrinho foi Pedro da Silveira Athayde e Vasconcellos, excellente pessoa e fidalgo distincto da povoação de Relvas, freguezia de Parada de Cunhos, concelho de Villa Real de Traz-os-Montes. Elle nunca me deu 5 réis de folar, mas deu aos meus paes contos de réis, porque, sendo provador da velha Companhia dos Vinhos, e os meus paes lavradores do Douro, dava sempre um grau de favor ao nosso vinho!...

Eu não cheguei a conhecel-o, mas recordo-me de meu pae dizer muitas vezes, depois da extincção da poderosa Companhia: — «Nós iamos bem, se a Companhia durasse mais alguns annos e vivesse o compadre Pedro da Silveira!...

Para significar-lhe d'algum modo a minha gratidão, dei a genealogia de s. exc.ª e da sua nobre familia, no meu longo artigo *Nicolau* (*S.*) freguezia do Porto, (2) quando fallei de D. Joaquim da Piedade da Silveira Mourão, abbade d'aquella freguezia, excellente pessoa tambem e sobrinho do meu bom padrinho.

---

(1) V. o 1.º vol. pag. 356 a 367.
(2) V. *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 6.º, pag. 54, col. 1.ª e segg.

Do exposto se vê que nem todos os Pedros são maus, e para meu conforto e dos Pedros todos já um distincto escriptor francez disse: — «Honra o teu nome e elle te honrará, seja qual fôr!...

O nome Pedro foi muito vulgar e muito considerado na igreja catholica, por ser dado pelo proprio Redemptor ao principe dos Apstolos, pedra basilar e fundamental da nossa igreja santa, catholica e apostolica romana.

O nome d'elle era Simon Barjona [1] — Simão, filho de João e, quando o Redemptor o escolheu para principe do Apostolado, deu-lhe o nome syriaco *Cephas*, que significava pedra, rocha, em latim *petra*, do grego *petra*, o mesmo que *petrós*, quasi *petrus*, rochedo, pedra. A raiz d'estes vocabulos é o sanscripto *pattas*, pedra, que em malaio deu *bat*, pedra; em hindú *pathar*, pedra, unde *pathraná*, apedrejar; em bengalez, *pather*, pedra; em jávanez, *batta*, pedra; em francez, *pierre*, Pedro e pedra; em italiano, *pietra*; em castelhano, *piedra* e em portuguez, pedra

Vide *Boucrand*, vb. *Pierre*.

Tambem temos Petra, appellido, o mesmo que Pedro e Pedra.

Ad ridendum fecharemos este insulso topico dizendo que em Coimbra no meu bom tempo d'estudante (1851-1856) havia um lente de direito, chamado Pedro Augusto Monteiro Castello Branco distincto jurisconsulto, a quem os estudantes, por birrarem com elle, chamavam Pedro Penedo da Rocha Calhau...

*

* *

Prosigamos com a lista dos nomes pessoaes e nomes de santos tirados dos adjectivos numeraes romanos.

Temos agora *secundus*, segundo, que deu os quinze nomes seguintes:

Secunda, Secundaria, Secundario, Secundiana, Secundiano, Secundilla, Secundillo, fórmas de Secundilha e Secundilho, na Hespanha; Secundina, Secundino, Secundola,

---

(1) *Beatus es Simon Bar-Jona* (Matheus, cap. 16, v.17).

Barjona, appellido nosso d'alta cotação, vem, pois, do hebraico *Bar-Jona* e quer dizer filho de Jonas ou de João.

Secundolo, o mesmo que Secundula e Secundulo — Segunda e Segundo o mesmo que Secunda e Secundo.

Todos estes quinze nomes foram nomes de santos, exceptuando os seguintes: — Secundaria, feminino de Secundario; Secundiana, feminino de Secundiano; Secundillo, masculino de Secundilla e Secundola, feminino de Secundolo.

Veja-se o meu *Diccionario d'Appellidos*, mencionado supra.

Por seu turno Secundaria deu ou podia dar Segundeira, duas povoações nossas, bem como Secunda deu ou podia dar Segunda, povoação nossa tambem, mencionada na *Chorographia Moderna* com o nome de Segunda Aldeia, por Segunda, aldeia, pois a dita povoação é effectivamente uma aldeia da freguezia de Villar do Monte, concelho de Barcellos.

Prosigamos:

Tertius, a, um, adjectivo numeral romano, deu Terceiro e Tercio, nomes de santos, que auctorisam as fórmas Tercia e Terceira, como nomes pessoaes femininos e nomes de baptismo.

De passagem direi que na igreja catholica romana todos os nomes do baptismo devem ser tirados de nomes de santos, mas infelizmente abusa-se e encontram-se na actualidade muitos nomes pessoaes que nunca foram nomes de santos. Alguns d'elles são nomes de mera phantasia e outros tirados de comedias, romances, tragedias, poesias, etc.

Se os paes ou padrinhos das creanças querem dar-lhes nomes pouco vulgares, consultem os differentes santoraes da igreja romana e n'elles encontrarão nomes de santos para todos os paladares, sendo alguns tão exoticos e tão estranhos que fazem scismar! . .

Os romanos por vezes davam o nome de Tertia, em portuguez Terceira, á filha que nascia em terceiro logar, como se lê no *Magnum Lexicon* latino, vocabulo *Tertius.*

Tertulla, a terceira filhinha, é latim de Cicero, como se lê tambem n'aquelle diccionario, e Tertulliano, em latim *Tertullianus*, distincto escriptor christão romano que floreceu pelos annos 196 de Christo, parece affim de Tertulla.

O mesmo *tertius* latino deu Terça, Terças e Terceiros, varias povoações nossas, e Terceira, ilha do nosso archipelago dos Açores, assim denominada, por ser a terceira na ordem do descobrimento do mencionado archipelago.

*

* *

Fallemos agora de *quartus*, quarto, adjectivo numeral romano, que deu os seguintes nomes pessoaes e nomes de santos: Quadrado ou Quadrato, Quartilla e Quarto, que auctorisam as fórmas Quadrada ou Quadrata, Quartillo e Quarta para nomes pessoaes e nomes de baptismo.

Tambem temos Quadragesimo, nome d'um santo, e Quaresma, appellido vulgar portuguez, tirado do latim *quadragesima*, feminino de *quadragesimus*, o espaço de quarenta dias ou dez vezes quatro, desde a quarta feira de cinza até o domingo de paschoa.

Tambem prendem com o adjectivo numeral romano *quartus*, quarto, os appellidos portuguezes Quadrio, Quadrios, Quadros, Quartus, Quarteira, Quartelha, Quartelhas, Quartim, Quartin, Quatrim, etc.

São tambem povoações nossas: Quarta Feira, Quartas, Quarteira, Quartelhas, Quartilhas, Quartinos, Quartos, trez povoações; Quartos d'Além e Quartos d'Aquem, Quatrim, Quatro Aguas, Quatro Azenhas, Quatro Caminhos, Quatro Irmãos, Quatro Lagôas, Quatro Marcos, Quatro Olhos, Quatro Varas, Quatro Rodas, etc.

Quarta Feira, povoação da freguezia de Sortelha, concelho de Sabugal, podia tomar o nome d'alguma feira importante que alli houvesse outr'ora e que fosse a quarta d'aquella região na ordem chronologica.

Dicant paduani — respondam os filhos da localidade e note-se que dos mercados e feiras tomaram o nome talvez mais de 40 povoações nossas, todas mencionadas na *Chorographia Moderna*, entre as quaes avulta a Villa da Feira, povoação muito antiga e muito importante, séde de concelho e de comarca, tendo sido muito mais importante na idade média. Estendia-se para o norte até á margem esquerda do Douro, e comprehendia muitos concelhos e comarcas que posteriormente d'ella se desmembraram.

V. Feira e Villa da Feira, no *Portugal Antigo e Moderno*.

*

* *

A Quarteira, vasta quinta do Algarve, no concelho de Loulé, que foi morgado importante dos duques d'este titulo,

por ultimo pertencente ao conde de Azambuja, filho dos duques de Loulé, e actualmente a uma parceria do Porto, que a comprou e explora, talvez se denominasse Quarteira, por ser fertilissima!

Comprehende os chãos mais ferteis do Algarve todo, pelo que na tributação para o Estado talvez que outr'ora pagasse de quatro um, ou a quarta parte dos fructos que produzisse.

Os leitores não se espantem, porque os chãos da Quarteira são os mais ferteis do Algarve todo e de todo o nosso paiz, exceptuando a Veiga da Villariça, no Alto Douro, que é absolutamente a mais fertil de Portugal todo.

Veja-se no *Portugal Antigo e Moderno*, vol. XI, o meu artigo Villariça, pag. 1314.

A tributação de 4, 1, era forte, mas talvez acceitavel.

Eu em 1861 a 1864 fui abbade da freguezia, villa e honra de Tavora, solar dos Tavoras, no concelho de Taboaço, abbadia que teve um passal enorme! Ainda no anno de 1496 o dito passal, que ao tempo já devia estar muito cerceado, comprehendia 103 propriedades. (1)

Com o volver dos seculos os meus benemeritos antecessores (?) alienaram a maior parte do dito passal, mas ainda no meu tempo era um dos melhores do bispado de Lamego e comprehendia campos tambem muito ferteis, absolutamente os mais ferteis do dito concelho! Os caseiros que os grangeavam costumavam dar de renda aos abbades dous alqueires de cada trez que produzissem os taes campos. Por seu turno os abbades apenas davam aos caseiros metade da semente.

Os taes campos eram muito lindos e muito ferteis, talvez tão ferteis ou ainda mais que os da Quarteira, mas muito menos ferteis do que os da Villariça.

*
* *

Quanto á tributação de 4-1, lembra-me tambem o que se dava na freguezia da Penajoia, decantada terra das cere-

---

(1) Veja-se Passal de Tavora n'esta minha louca *Tentativa Etymologica*, parte 1.ª, pag. 458 e segg. onde, *ad perpetuam rei memoriam*, dei uma nota authentica do tombo do dito passal, n'aquelle anno de 1496.

jas, minha terra natal pertencente ao concelho e bispado de Lamego, freguezia que desde os principios da nossa monarchia foi reguengo, villa e séde de concelho com justiças proprias.

Tambem nos tempos prehistoricos da vida errante e pastoril foi cidade com o nome de Guadeixe, Guadixe ou Gadixo por Gadinho. A Penajoia, era, pois, a cidade do gadinho, nome bem apropriado, porque a sua população *in illo tempore*, estava no sitio, hoje completamente deserto, chamado Guediche, nas abas da serra do Poio, ao longo da velha estrada de Lamego para Rezende, Sinfães, etc.

A dita estrada devia ter bastante movimento, pelo que ao longo d'ella tinham os seus curraes e viviam os donos e negociantes do gado que pastoreavam na grande serra a montante.

Com o desenvolvimento da agricultura e da civilisação, mormente no tempo da occupação romana, o povo foi baixando da serra paulatinamente até que chegou á margem do Douro, distante de Guediche cêrca de tres kilometros. Ha, porém, entre aquelles dois pontos, talvez mais de 300 metros de differença de nivel, pelo que foi morosa e muito dispendiosa a occupação. Demandou profundo arroteamento e valente ensocalcamento que hoje não custariam talvez menos do dous mil contos de reis!...

*

* *

Note-se que a minha Penajulia ou Penajoia é a freguezia mais vasta de todo e concelho de Lamego. Comprehende 6 a 7 kilometros de nascente a poente ao longo da margem esquerda do Douro e cêrca de 3 kilometros de terra cultivada, desde a margem do Douro até ás abas da serra ou do monte do Poio, actualmente chão baldio, mas que outr'ora foi cultivado e tem cêrca de 10 kilometros quadrados, pertencente aos concelhos de Lamego, Resende e Castro d'Ayre, e por consequencia tambem á freguezia da Penajoia. Na linha norte-sul comprehende, pois, a minha Penajulia ou Penajoia talvez mais de 15 kilometros d'extensão.

O arroteameuto e ensocalcamento da vasta freguezia até á margem do Douro certamente foram muito morosos e muito dispendiosos, mas conquistaram chãos fertilissimos e mimosissimos, pois demoram no clima das laranjeiras. Pro-

duzem muitas e optimas laranjas e outra muita fructa variadissima da melhor do Douro e de Portugal todo, nomeadamente cerejas, pelo que a Penajoia é denominada o *Jardim do Douro* e a terra das cerejas, pois produz muitas, muito boas, muito variadas e tão temporans, que em todo o Douro e em todo o norte de Portugal só alli se encontram cerejas maduras no fim d'abril, todos os annos.

D'alli e só d'alli vão desde tempo immemorial cerejas maduras todos os annos á feira de Santa Cruz, de Lamego, no dia 3 de Maio. E alguns annos na Ribeira dos Fórnos, — o cantão mais fertil e mais mimôso da Penajoia toda e que produz as cerejas mais temporans, — encontram-se, como eu já vi cerejas maduras no mez de Fevereiro, creadas ao ar livre nas cerdeiras sem folhas e sem abrigo algum, provenientes da florescencia outomnal!...

*
* *

Tambem no meu pomar da Corvaceira, que é sem contestação o melhor da Penajoia, quasi todos os annos se vingam algumas laranjas provenientes da florescencia outomnal, e tivemos na cêrca do nosso casarão, chamado *casa da Capella*, na mesma povoação da Corvaceira, uma figueirinha que todos os annos dava trez camadas de figos: — uns chamados *lampos*, que eram enormes; outros *vindimos*, que amadureciam no tempo da vindima, e outros que nasciam quando estes ultimos se colhiam, e a pobre figueira perdia as folhas. Ficavam na arvore sem abrigo algum, todo o inverno, amadureciam sómente no fim da primavera seguinte, no tempo dos figos *lampos*, eram os mais pequenos, mas em compensação os mais saborosos!...

Tambem na cêrca da casa tinhamos uma figueira que dava só figos *lampos*; eram muito ordinarios mas em cardume; tantos como as folhas!

Tambem lá temos outra figueira que dá sómente figos muito serodios. Amadurecem depois da vindima, quando as figueiras todas perdem as folhas. Eram muito saborosos, mas difficilmente se colhiam maduros, porque nós, os filhos da casa, os creados e creadas e os mesmos jornaleiros e visinhos andavamos sempre a mirar, remirar, apalpar e colher os taes figuinhos, por serem muito serodios e muito saborosos.

Com os da tal figueira das tres camadas, que ficavam na arvore todo o inverno, ninguem se importava nem os apalpava ou colhia, por serem pouco saborosos e porque só amadureciam na primavera do anno seguinte.

*
* *

Desculpem os leitores tantas divagações, a proposito da minha terra natal, a decantada terra das cerejas, chamada tambem jardim do Douro, por ser a mais mimosa do Douro e de Portugal todo.

Para evitar repetições, vejam-se no *Portugal Antigo e Moderno* os artigos do meu antecessor Pinho Leal:

Corvaceira, vol. 2.º pag. 406; Molêdo, aldeia de Penajoia, vol. 5.º, pag. 373, e Penajoia, vol. 6.º pag. 559, col. 2.ª

Veja-se tambem no mesmo diccionario o meu artigo *Vizella*, rio, vol. 12, pag. 1958, col. 2.ª, onde, fallando da Corvaceira, ponto que ha no mesmo rio, dei uma lista das nossas Corvaceiras todas, denominando-as Curvaceira e Curvaceiras, em vez de Corvaceira e Corvaceiras. Ao tempo ainda ignorava que a sua etymologia é côrvo, ave, que deu Corveira e Corvaceira, como fogo deu fogueira e fogaceira e lôdo deu lodeira e lodaceira. E' assim a arte nova.

Veja-se tambem *Corvaceira* e *Penajoia* nos indices da primeira e segunda partes da minha louca *Tentativa Etymologica.*

*
* *

Volvendo a fallar da Quarteira do Algarve e da sua etymologia, eu já disse que talvez tomasse o nome da tributação de 4-1, por ser o chão da Quarteira fertilissimo. A proposito citei a Penajoia, minha terra natal e muito fertil tambem.

Como já disse, a minha Penajulia ou Penajoia foi villa, reguengo e séde de concelho com justiças proprias — desde os principios da monarchia. Teve foral velho, dado por D. Affonso Henriques, foral novo, dado por D. Manoel, confirmando, ampliando e modificando o foral velho, que se perdeu. Já não se encontra na Torre do Tombo, mas sómente o foral novo, de qual tenho uma copia authentica sobre a minha banca d'estudo.

Ahi vae um ligeiro extracto.

O dito foral de D. Manuel, com a data de 15 de Julho de 1514, tem o titulo seguinte:

Foral dado ao concelho de Penajoia, termo de Lamego, por El-Rei D. Affonso Henriques. (1)

«D. Manuel, etc. Posto que pelo dito foral foram particularmente postos os direitos que na mencionada terra se haviam de pagar, os moradores da terra não costumam pagar os ditos direitos, mas outros, desde tempo immemorial, segundo andam intitulados nos tombos e recebimentos dos senhorios dos taes direitos e, sendo perguntado aos ditos foreiros se queriam pagar os fóros como no dito foral velho, dado por D. Affonso Henriques, estavam consignados, ou como agora os pagavam pelos tombos dos senhorios, responderam que queriam pagar como agora pagavam, com a modificação ou corregimento de certos aggravos que adeante se declaram.»

Prosegue o foral novo, que é sem contestação o de D. Manuel, posto que o titulo parece o mesmo do foral velho, dado por D. Affonso Henriques!...

Da parte exposta supra se vê que D. Manuel foi muito attencioso para com os habitantes de Penajoia, consultando-os e perguntando-lhes se queriam pagar como outr'ora pagavam pelo foral velho de D. Affonso Henriques ou se preferiam pagar, como ao tempo estavam pagando, segundo constava dos tombos dos senhorios. Ao que elles responderam que preferiam pagar como ao tempo (1514) estavam pagando, com a modificação e corregimento de certos aggravos, o que D. Manuel acceitou.

Mas, se o concelho da Penajoia era reguengo e propriedade particular dos nossos reis, que senhorios eram os mencionados supra?

O foral não diz o nome d'elles, mas na minha opinião os taes senhorios da Penajoia *in illo tempore* (anno 1514) eram os condes de Marialva, appellidados Coutinhos, que foram *marichaes* e meirinhos móres do reino, pessoas d'alta cotação no seu tempo, e riquissimos!...

---

(1) Para tornar a leitura menos aspera, seja-me licito dar o promettido extracto em portuguez hodierno.

*
* *

Além de serem alcaides-móres e senhores de Marialva, foram tambem alcaides móres de Pinhel (1) senhores dos coutos de Leomil e d'Armamar, dos concelhos e terras de Bem Viver, em Canavezes e de Penaguião, em Traz os-Montes, alcaides-móres de Lamego, condes de Loulé, senhores do couto e morgados de Medello, no aro de Lamego, e da villa, reguengo e concelho de Lamego tambem, hoje simples freguezia, mas muito vasta e bem conhecida como terra das cerejas e mimoso jardim do Douro, minha terra natal, etc. (2)

Tão ricos e tão considerados eram, que o infante D. Fernando, filho legitimo do nosso rei D. Manuel, o venturoso, e da rainha D. Maria, casou com D. Guiomar Coutinho, filha unica e herdeira universal de D. Francisco Coutinho, ultimo dos ditos condes de Marialva que d'este modo se uniram á familia real portugueza e se elevaram mais do que nunca. Mas a dita alliança, tão lisongeira e tão promettedora, foi para elles o ultimo canto do cysne, pois, não tendo a dita senhora successão, extinguiram-se os condes de Marialva e vagou para a corôa e para a casa do infantado a maior parte das grandes rendas e dos bens que possuiam. (3)

Coisas d'este mundo!

Para a genealogia dos condes de Marialva supra, veja-se a *Historia Genealogica da Casa Real*, vol. XII, e o grande *Nobiliario ms. de Gayo* em muitos volumes que, pela disposição testamentaria do auctor, se guarda na secretaria da Misericordia de Barcellos, mas franco para quem pretenda consultal-o.

Não se confundam os Coutinhos, condes de Marialva, que tanto figuraram nos seculos XIV e XV, com os Menezes, condes de Cantanhede, que no seculo XVII, foram agraciados com o titulo de Marquezes de Marialva.

---

(1) V. *Pinhel*, artigo meu no *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 8.º, pag. 60 a 101.

(2) V. Penajoia, no *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 6.º, pag. 559 a 564.

(3) O ultimo conde de Marialva, D. Francisco Coutinho, falleceu no anno de 1493 (era de 1531), como diz o padre Carvalho, artigo *Bertiande*, que Pinho Leal extractou.

V. *Cantanhede* no *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 2.º, pag. 95, col. 1.ª — e o topico — *Palacio do Marquez de Marialva*, no artigo *Lisboa* do mesmo diccionario, vol. 4.º, pag. 134.

Substituição de letras na onomástica portugueza

A e E

Alcanena e Quenena por Canena, o mesmo que Alcanena.

Almelaguez por Almalaguez, o mesmo que Malagueño, filho de Malaga.

Burgatas por Burguetas.

Cf. Burgete, Burgueta, Burguete, Burgueto e Burguinho, diminutivos de burgo, que deu Burgo e Burgos, muitas povoações nossas e Burgos, etc., na Hespanha.

Lavadouro e Levadouro; Lavegada, Levegada e Lobegada por Lobagueda, abundante em lobos?!...

V. Lobagueira e Lobata, por lobagata.

Padral e Pedral; Padrão ou Pedrão; Padreda e Pedreda; Padreiro e Pedreiro; Padrella e Pedrêlo; Padroso e Pedroso; Panascal, Penascal e Penascaes por Panascaes; Panasqueira e Penisqueira por Panasqueira; Parafita, Pedra Fita e Perafita; Parozellos, Pedrozello e Perozello; Penada e Peneda; Penados e Penedos; Penagacha e Penegacha.

Samonde, contracção de Sallamonde, e Semonde por Samonde, povoações nossas.

Cf. Sopegal por Sopagal, este por Sapogal e este por Sabugal, povoações nossas, como Supagal e Supegal, o mesmo que Sapogal, Sopegal e Sabugal.

A, E, I e O

Mendanha, Mendenha e Mendanha.

Mentrestido por Mentrastedo, abundante em mentrastos

A, É, O e U

Marzugueira e Murçogueira por morcegueira, abundante memorcêgos. A bússola é o ouvido.

A e Ei

Fajão e Feijão; Fajarda e Feijarda; Fajó e Feijó; Fajões e Feijões, povoações nossas.

A, J e U

Caguideiro por cagadeiro e este por cagadoiro!...

Cf. Caga-Jones, Cagança, Cagão, Cagarraz e Cagunça, povoações nossas. Junte-se Monturo, sitio de Lamego, chamado outr'ora Mérdeiro em velhos documentos do cabido lamecense.

Adeganha e Adeguinha; Angueiro e Ingueiro; Anquião e Inquião; Asna e Isna; Asnanha por Asninha; Azavel, Isabel e Zavel; Birosa e Barosa; Cangostas, Congostas e Quingostas; Canhão e Quinhão; Chintoada por chantoada; Cimbres, Quimbres e Cambres, são talvez fórmas do mesmo nome.

Somma e segue: — Das Correias e Discorreias; Escallos e Esquillos; Esquinheira por Esquilheira e Escalheira; Fajó e Fijó; Fauza e Fiuza; Farminhão, de *Firminianus, i*, diminutivo de *Firmus, i*, como Firmino; Fontascos, Fontaiscos e Fontiscos; Galhufe e Guilhufe; Gramicho e Gramacho, de Gramaço. Gramaço e Gramaços são povoações nossas, como Gramido por Gramedo; Grimancellos por grabancellos e Grimancinhos por grabancinhos; Guidieiros por Gadieiros, como Guedieiros. (1) Guitoeira por gatoeira. Cf. Gataria e Gateira, povoações nossas, bem como Barroeiras e Barreiras; Figoeira e Figueira; Teixoeira e Teixeira; Laboreiro e Liboreiro; Laceiras e Liceiras; Lagares e Ligares; Lageira e Ligeira; Lago e Ligo; Lateira por Liteira; Libão por Labão, como Nabão; Ligena por Lagena; Maça, Massa e Missa; Madons e Midões. Junte-se Magarreiro e Migarreira; Malhão, Manhão, Milhão e Minhãos; Malheiro e Milheiro; Malheiros e Milheiros; Malhões e Milhões; Malhundes e Milhundos; Manhoca por minhoca e Minhocal; Manhosa e Minhosa: Marão e Mirão; Marinella e Mirinella; Mendanha por Mendinha; Montido por Montado?; Mouraz e Mouriz;

---

(1) *De gadieiro,* pastor ou negociante de gado. Cf. boieiro, ovelheiro, cabreiro, etc.

Panchorra e Pinchorra; Perdagões e Perdigões; Portagem e Portigens por Portagens?; Prachã, Prichã e Pedra Chã; Rabaçaes e Ribaçaes; Rabaçal, Ribaçal e Ribadal; Rabada e Ribada; Rabal, Ribal e Rival; Rabasca, Rabasco, Ravasco, Robisca e Ruvisco; Rabella e Ribella: Rapada e Ripada; Rasca e Risca; Raso e Riso; Ravara e Rivára; Raviçaes, de Rabaçaes; Carviçaes por Carvajaes, e este por Carvalhaes; Raxão, Rechão e Rixão: Ribaçaes e Ribaçal, de Rabaçaes e Rabaçal; Saco e Sico; Salgueiros e Silgueiros; Salgado e Silgado; Salvado e Silvado?; Samão e Simão; Samarra e Simarra; Samarrinho e Simarrinho; Sameira e Simeira; Sameiras e Simeiras; Sameiro e Simeiro! Samões e Simões; São Gil, quasi Sangil e Singil; Tanheira e Tinheiro: Tanhel e Tinhella; Tarrueiro e Tiroeira; Tragal, Trigal e Trigoal!; Traganhal por triganhal; Tragazal por trigaçal? Trancão e Trincão; Vade e Vide; Vaiamonte por Viamonte; Valhegas e Vilhegas; Vallarinho e Villarinho? Vasêu e Visêu?! De Basilêu, o mesmo que Basilio, nomes de santos, tirados talvez de Basileia, hoje Bade, cidade da Suissa, etc. Basilêu podia muito bem dar Vasêu e Visêu; Vilhelho, Valhelho. Cf. Valhelhas; Villagueira e Vallagueira; Villar d'Azeu, Villar de Izeu ou Villar de Geu; Viqueiras por Vaqueiras; Virães por Varães e Varaes; Virella por Varella; Albano e Albino, Urbano e Urbino, nomes de santos, etc.

A e O

substituiram-se no antigo portuguez.

Vide *O*, em Viterbo.

Abregueiro, Abrigueiro e Obrigueiro!... (1) Aião, Ayão e Oyam por Oyão; Arrentella e Orentella?; Barral e Borral; Borrainho por Barrainho!.. Borrel por Borral?; Cacella e Coselhas por Caselhas; Cacilhas, Caselha, Coselho, Caselhos, Coselhas por Caselhas e Cozelhos por Caselhos.

Junte-se: — Carregosa e Corregosa; Cavalhão e Covalhão; Covallo por Cavallo; Cavanca e Covanca; Lambadas por Lombadas; Lavegada, Levegada e Lobegada por lobagada, abundante em lobos.— V. Lobagueira e Lobata.

Somma e segue:

Longarella e Longorella; Majapão, Malha Pão e Molha-

(1) Junte-se Abreiro por Abregueiro.

pão; Marmoiral, Marmoural e Mormeiral, de memorial!... Marzugueira e Murçogueira por morcegueira, que abunda em morcêgos.

Nabainho e Novainho; Pantilhões e Pontilhões; Pasmoria por pasmaria?

Cf. Pasmal, Pasmil, Pasmo é Pasmosa.

Romadinha e Ramadinha; Romagom de Romagão, o mesmo que Ramagão e Ramalhão.

Rosmono, de rosmano, planta, como Rasmaninhal e Rasmanial, fórma de Rosmaninhal e Rosmaninho, povoações nossas tambem; Saraminheira e Saramunheiro, de soraminheira e soramenheiro, e estes dos soromenhos, pereiras bravas, como Seromenha e Seromenho, etc., etc., povoações nossas tambem. (1)

A, O e U

Sabugal, Sopegal, Supagal e Supegal por Sabugal, povoações nossas.

A e U

Braceiro e Bruceiro ou Braceiro (sic); Bulonguinho por Vallonguinho; Cartaxeira e Cartuxeira?; Carutello e Curutello; Carutos por curutos; Friande e Friunde? de Ferdinandi, patronímico de Ferdinandus — Fernando, que deu Fernão e Ferrão.

Aça e Ada
Aço e Ado

Cortegaça e Cortegada por Cortiçada!... Milhaço, Milharada e Milharado por milharaça e milharaço?; A Hespanha tem Mijarada e Millarada, em portuguez Milharada. Tambem temos Pamaraço e Pomarada, quasi pomaraça; Taboaço e Taboado!... Taboaça e Taboada.

A Hespanha tem Tabla, Tablada, Tablaza, Tablazo, Taboada e Taboazas!... Cf. tabuada e tabuado, nomes communs. Tambem temos Taboadella e Taboadello, diminutivos de Taboada e Taboado. Junte-se Pedraça e Pedrada, o mes-

---

(1) V. pagina 229, supra.

mo que Pedreda, povoações nossas tambem, como Rabaçal, Ribaçal e Ribadal.

Aes eÃes

Pecegães por pecegaes, e este por pecegueiraes.

Cf. Pecegal, Pecegueira, Pecegueiro, Pecegueiros, Pesseguido, por peceguedo, e Presigueda por percegueda ou persegueda, povoações nossas que tomaram o nome dos pecegueiros, deturpação de persegueiros, arvores vindas da Persia. Talvez tenham a mesma etymologia, Pexigueiro por pexegueiro, Pexilgaes por pexegaes, o mesmo que Pecegaes? O povo tambem diz Perzegueda e Prezegueda. A Hespanha tem Pesaguero em Santander e os gallegos em vez de pêcegos dizem percêgos ou persêgos!...

Junte-se ainda Tojaes e Tujães.

Aes,Ães eÕes

Perdagaes e Perdigões; Pinhaes, Pinhães e Pinhões etc., povoações nossas.

Ai e I

Bouçainhas e Boucinhas; Cabrinha e Cabrainha; Cervainhos por cervinhos, diminutivo de Cervo-veado? Estevainha por estevinha?

Fontainha, Fontainhas, Fontinha, Fontinhas; Fontaiscos, Fontascos e Fontiscos!... Longa e Longainha por Longuinha, etc., povoações nossas.

Al

Deu aes e ares no plural.

Cf. Alhal, Alhaes e Alhares; Casal, Casaes e Casares; na Hespanha Casal, Casals, Casar e Casares; Felgar, o mesmo que felgal, Felgaes e Felgares; Olival, Olivaes na Hespanha Olivares; Palhal, Palhaes e Palhares, povoação nossa; Poyal e Poyales na Hespanha; Poial, Poiaes e Poiares, entre nós, o mesmo que Poyal e Poyales na Hespanha. Tambem Poiares, povoação nossa, póde vir do antigo portuguez Poyares — pilares.

Veja-se no *Portugal Antigo e Moderno* o meu artigo

«Villa Real de Traz-os-Montes», vol. 11, pag. 932, col. 2.ª, e esta minha louca *Tentativa*, pag. 4, supra.

Al e Au

Confronte-se Adalberto, santo; Alberto, santo; Aldeberto, Auber, appellido, e Auberto, santo, fórmas de Wildberth, como talvez Gilberto, tambem nome d'um santo.

Hildeberta e Hildeberto, nomes actuaes, e Guiberto, appellido, talvez fórma de Gilberto, por Guilberto? e Gualberto, santo, etc., fórma de Walbert por Wilbert ou Wildberth?

Junte-se Arnaldo, nome d'um santo, etc., Arnau, Arnaud e Arnaut, appellidos nossos, differentes fórmas de Arnaldo, em francez Arnaud e Arnould, metatheses de Renaud e Renould, feitos de rein — puro, claro, fino, astuto, e hold-amigo, como diz Boucrand, vbs. Regnaud, Arnaud e Albert.

Al e Il

Cabral e Cabril; Carral e Carril; Carvoal e Carvoil; O Bevial por Obevial, Ovial e Ovil, de ovis, ovelha, como ovile, curral; Oural e Ouril, Outeiral, talvez o mesmo que Oural e Ouril!...

Junte-se Outil por Outeiril e Outiz por Outeiriz? Pasmal e Pasmil, Passal e Passil, etc., etc., povoações nossas.

Al e Ou

Monte Alto e Montouto por Mont'alto?; Outeiro por alteiro, de alto, (Candido de Figueiredo, etc.), e Souto, do latim *saltus*, bosque.

Ales e Ares

Casares por Casales, Casaes; Pombares por Pombales, Pombaes; Valladares por valladales, valladaes. Silvares por Silvadares e este por Silvadales? Confronte-se Silvadal, povoação nossa tambem.

Apt deu Au

Cf. auto, portuguez antigo do seculo XV — apto, do latim *aptus*. Thebaida, port. vol. 1.º pag. 44 (nota).

Au e Ou

Cf. Laureiro e Loureiro; Laurencia e Lourença; Laurenciano, de Laurentianus, o mesmo que Laurentinus, i, unde Laurentim, duas aldeias nossas; Mouro e Moura de Maurus e Maura; Touro, de taurus, etc.

B

caprichoso cahindo e surgindo.

Caramancha e Carambancha? Catacomas por catacombas, catacumbas? Gambôa, Gamoal, Gamoalete e Gamoalinho, por Gamboal, Gamboalete e Gamboalinho?; Paramos e Parambos; Tarima e Tarimba, etc., povoações nossas.

B e D

Alhambra e Alhandra; Badim e Dadim são talvez fórmas do mesmo nome, como Casal Dasco e Casal Vasco, por Basco; Baixa e Daixa; Barra e Darra; Bebereira, vulgo Bobreira, quinta e Dobreira; Belães, freguezia extincta, junto de Bretiande, e Delães; Bolciculo e Duciculos?

Cf. Bouça, Boução, Bouças, Rebouça, Redouça, Redoução e Redouças.

Rira bien qui rira le dernier!...

Cf. Dade e Babe, Bamonde e Damonde, Dardos e Bardo. singular de Bardos; Bouro e Douro; Bragas e Dragas; Bréa ou Breia e Dreia; Bubeiro, masculino de Bubeira e Dobeira; Cabornegas por Cadornegas, dos cadórnos; Diogo e Viogo, Donello e Bonellinho por Donellinho. — Cum suis abiacentiis (por adjacentiis) e cum abicentionibus (por adjunctionibus) suis.

Vimaranis Monum, 5, 2.ª

B, D e V

Beita por Deita. Cf. Torre Deita, de Ecta, antigo nome pessoal. Bonelinho por Donellinho, diminutivo de Donello, povoação nossa; Dalmiro Delmiro e Belmiro? Dalmiro e Delmiro foram santos; escreder por escrever, em Riodades; Raiva, freguezia de Raida, nome d'uma santa, etc. A Tos-

cana tem a palavra visenteria na accepção de camaras, dysenteria e nós temos muitos vocabulos toscanos. (1)

B e F

Brazão e Frazão, appellidos nossos.

B e L

Cf. Bianor, nome d'uma santa, e Lianor, fórma popular de Leonor; Bobo, Lobo e Novo; Boureiro e Loureiro; Bouro e Louro; Bouros e Louros; Bousado e Lousado; Bousende por Bousinde e Luzinde?!...

B, L e V

Substituiram-se e confundiram-se na idade média.

Badieiro, Ladeiro, Ladoeiro e Lodoeiro, quinta da minha Penajulia; Bage e Bages e Baginha, aldeias; Baiza e Laija por Lagea; Bande e Lande.

Bandeira (muitas povoações), e Lavandeira; Banhas e Lanhas; Banhosa e Lanhoso; Beça, Beças, Leça e Leças; Beiró, Beirós, Leiró e Leirós; Bello e Lello, appellidos; Besteiro e Lesteiro; Bicha e Lixa; Bicho e Licho; Bigar e Ligares; Bilhar e Linhar.

Bobal e Luval por Lobal?; Bobezes e Lobazes; Bobo e Lobo; Bodo e Lodo; Bofinha e Lufinha; Bogo e Logo de Deus; Bomba e Lomba; Bombarda e Lombarda; Bombeira e Lombeira; Bombinhas, Lomba, Lombas e lombinhas; Bongo e Longo; Bordeira e Lordeira.

Boriz e Buriz, Louriz e Luriz; Bouçainhas e Louçainha; Boução e Louçam, por Loução; Bouceiras e Louceira; Bouções e Loucões; Boureiro e Loureiro; Bouro, Bouros, Louro e Louros; Bousado e Lousado; Bousinde e Luzinde.

Bubeiro, Lobeiros e Luveiro; Buzio e Luzio. Cf. Eulalia, Olaia, Ovaia, Santa Ovaia, Santa Vaia e Santa Valha entre nós, Santabalha e Santa Baya na Hespanha. Cf. tb. Baceira, Baceiras, Baceiro e Baceiros; Laceira, Laceiras, Laceiros e Ladeira, Ladeiras, Ladeiro.

---

(1) V. *Diapasão toscano*, na 1.ª parte d'esta minha louca *Tentativa Etymologica*.

Labata de Lobata ou Valata, Vallada; Labeado de Baleado, Baliado ou Valiado?; Laboucinho de La por Al Boucinho;

Lagos e Vagos, villa em contacto com patameiras e lagos da ria d'Aveiro; Lilla e Villa (Veiga de Lila); Lillela e Villela; Valim e Lalim; Vares e Lares; (1) Vedoiro e Ledouro; Veiros e Leiros, povoações nossas como Veirós e Leirós.

B e M

Bacalháu por Má Calháu ou Máu Calhau? Cf. Matta Má, Lamamá, Quinta Má e Pedra Má, Pena Bôa e Panamá, por Pena ou Penha Má, tal é a serrania que fórma o istmo de Panamá.

Bacalhôa e Macalhona, fórma callaica de Macalhôa? Bacalhôa e Macalhona são povoações nossas; Baçal e Maçal; Baçar, o mesmo que Baçal e Maçal; Baceira e Maceira; Baceiras e Maceiras; Bacias, 1 aldeia e 3 casaes, por Macias, de Macia, casal? V. Massia em Figueiredo; Masouco; Massa, Massarellos, Maçada, Villar de Massada, povoações nossas; e masia em Valdez.

Tambem Bacias póde ser uma fórma de Cacias, casinhas; Bacunhal por Má-Cunhal ou Mau Cunhal; Badões e Madons, fórma callaica de Madões.

Baganha e Maganha; Bagorrinho e Bagorro; Magurra e Magurro por Magorro? Bagunte e Magonte; Bairos, Mairos e Pairo, singular de Pairos; Bala e Mala; Balaia e Malaia?; Balhadouro e Malhadoura, quasi Malhadouro, mas talvez que Balhadouro seja uma forma de Banhadouro, povoação nossa tambem, pois *lh* e *nh* confundiram-se.

Balhôa, Malhô e Malhôa, appellidos; Banhos e Manhos; Banhosa e Manhosa; Barchiena e Marchiena; Barco e Marco, Barcos e Marcos; Barge, Vargem e Margem; Bario e Mario.

Junte-se: Barqueiros, Marqueiro, appellido e Marquiros, herdade: Barra e Marra; Barrada e Marrada Alta; Barrancha e Marrancha, corcovado; Barrancos e Marrancos?; Barrão e Marrão; Barreiras e Marreiras; Barreiros e Marreiros; Barrocal e Marroquil por Marrocal.

Barrócos e Marrocos, aldeia; Barros e Marros; Basco,

---

(1) *Vares* póde ser tambem uma fórma de Valles, pois *l* e *r* trivialmente se confundiram.

Bascos e Mascos; Batas e Mattas; Batoque e Metoque; Bazorra, Massorra e Mazorra; Beco e Meco; Bedim e Medim; Bega e Mega: Beira e Meira; Beiral e Meiral; Beire, Boire e Moire. Cf. Beiranita e Boiranita; Beires e Meires; Beiriz e Meirins; Bejota e Mejota?! ...

Belchior e Melchior; Bella e Mella; Bellinho e Mellinho; Bello e Mello; Bilhão e Milhão; Bioco, Miogo e Viogo; Bocho e Mocho; Bofarda, Bufarda e Mufarda!...

Bogadella, diminutivo de Bogada e Mogada. Cf. Voga-

Bossejo e Mocejo; Boreira e Moreira; Boreiras e Moda; quasi Bogada; Bógo e Mógo; Boeiro e Moeiro; Boia, Goia e Moia; Boinhas, plural de Boinha e Moinha; Boire e Moire; Boliqueime e Mogueime, e Muqueymes em Orense.

Bossejo e Mocejo; Boreira e Moreira; Boreiras e Moreiras; Boriz, Morins e Mouriz, Bormella por Barmella e Marmella; Borracheira por Borraceira? Murraceira e Borrazeira; Borracheiro por Borraceiro? Borrazeiro e Borreiro, de Bórra e por extensão lama.

Bortaes, Mortaes e Murtaes; Bota e Motta; Botas e Mottas; Bouçós e Mouçós; Bouquinhos e Mouquinho; Bouro e Mouro; Bouros e Mouros; Bozelha e Mozelho, masculino de Mozelha; bugiganga e mogiganga ou mugiganga, dança burlesca, momices, trejeitos. São fórmas do mesmo nome tiradas de bugio.

Felisbina e Felisbino; Felismina e Felismino, sáó nomes pessoaes; Maladão e Valladão; Malado e Vallado; Malagão e Vallagões, plural de Vallagão; Malagueira e Vallagueira; Marzelona por Barcelona; Mascozello por Bascozello ou Vascozello, de Vellascucellus. V. Vasconcellos, Vasco, Vascões, Vasques e Vasquinho.

Mendeira e Vendeira ou Venteira; Mertoldos por Bertoldos, de Bertoldo; Merufe por Berufe, o mesmo que Brufe, de Ebrulfus, i; Murraceira e Morreira por borraceira e borreira; Sarabagos e Saramagos; Vegide e Megide; Verim e Merim; Vinhós e Minhós, etc., povoações nossas.

B e N

Babaes e Nabaes; Babe, aldeia, por Nave; Babainho e Nabainhos; Baceira e Baceiras por Naceira ou Nasseira e Nasseiras; Baceiro e Naceiro; Baceiros e Naceiros! .. Bateiras e Nateiras!; Bellas e Nellas; Bello e Nello; Bespral e Nesperal; Bico e Nico; Biqueira e Nigueira; Boia e Noia;

Bobal, Nobal e Noval; Bobo, Lobo, Nobo. Cf. Nobo, Nobos e Novos, povoações nossas.

B e P

Ba, be, bi, bo, bu, e pa, pe, pi, po, pu.

Baçal e Passal; Baceiros, Palaceiros e Passeiros; Baço de Boi, por Passo de Boi; Bacora e Pecora, provincianismo; Bade e Pade; Badela e Padella; Badieiro e Pardieiro?; Badim e Padim; Badões, Padrões e Madons; Bagões e Pagons, por Pagões; Baião e Paião; Baiol e Paiol; Bairos e Pairo, singular de Pairos; Bala e Palla; Balaia e Palaia, appellido, e Palaios, aldeia.

Balancho, Balanxo, Ballanxo e Palancha, feminino de Palancho. Cf. Vallancho, sitio proximo de Luso; Baleia, em latim *balena* e *Palena*; Baleira, Paleira e Valleira? Balesta e Palestra por Palesta? Balha e Palha, appellidos; Ballinha, Vallinha e Pallinha; Ballão e Palão; Banhas e Penhas; o povo diz Panhas.

Baloca, Palorca por Paloca e Valouta por Valouca, o mesmo que Valloca? e Balouca, povoação nossa tambem como Balouta e Balouto. Nós temos Baloca e Balocas; Baloco e Balocos; Balota, Balouca e Balouco; Balouta e Balouto; Palorca, Valouta, Balurco e Balutos.

Banco e Panco; Bandeira, Pandeira e Salto da Pandeira; Bardeira e Pardeiro, masculino de Pardeira; Bardo e Pardo; Barja, Parja, e Varja e Varzea; Barra e Parra; Barrada e Parrada; Barradinho e Parradinhos; Barrado e Parrados; Barral e Parral; Barreira e Parreira; Barreiras e Parreiras; Barreirinha e Parreirinha; Barrella e Parrella; Barrinho e Parrinho; Barroja e Parrocha por Parroja?; Barrote, appellido, e Parrote por Barrote?

Basseiro e Passeiro; Basto, Bastos e Pastos; Batacas e Patacas; Bataquinhas e Pataquinhas; Batas e Patas; Bateira e Pateira; Batudes, quasi batudos e Patudos; Baúlo e Paúlo; Beba e Peva; Beça, Bessa e Peça; Bechos e Pecho, singular de Pechos; Beduido e Pedorído por Peduido? (1)

---

(1) Beduido por Vedoido é metathese de vidoedo por vidoeiredo bosque ou matta de vidoeiros, o mesmo que betulas.

Cf. Biduedo ou Viduedo (sic), Bidueira, Vidual por Vidueiral, Viduedo, Vidueiro e Vidueiros, povoações nossas tambem.

Pedorido vem talvez do latim *petoritum* — o carro ou a carroça ligeira de quatro rodas. V. *Magnum Lexicon*.

Beixinheira, por Peixinheira, Peixeira?; Bella e Pella; Benello e Penellos, plural de Penello; Bera e Pera; Berlengas e perlengas; Berral e Perral; Bias e Pias, mas Bias foi tambem um sabio da Grecia! Bica e Pica; Bicada e Picada; Bicadas e Picadas; Bicalho e Picalhos, plural de Picalho; Bicanha e Picanha, feminino de Picanho; Bicha e Picha; Bicheiro, Pigeiro e Pigeiros por Bicheiro e Bicheiros!...

Bico e Pico; Bicos e Picos; Bidarra e Pigarra; Biscossa por piscosa?; Bizoeiros e Pisoeira, feminino de Pisoeiro; Boas Eiras e Poaxiras por Poaxeiras (1); Bocarinho, Pucarinho e Pucarinhos; Boeiras e Poeiras; Boeiro e Poeiro; Boisão e Pousão por Poisão?; Bolão e Pulão; Bolegueira e Pulgueira? Cf. Pulga, Pulgas, Pulgueiros e Venda das Pulgas.

Bolo e Polo; Bombeira e Pombeira; Bombinhas e Pombinhas; Borbella, Porvella, Porverba! e Provella, diminutivo de Prova, bacellada, vinha nova.

Botão e Potam; Bragal, Pargal e Pragal.

Bragança e Pragança; Brunhal e Prulhal; Brunheira e Prulheira; Bucara por Pucara. Cf. Pucariça, Pucarinhas, Pucarinho e Pucarinhos, povoações nossas; Bugalho e Pujalho; Bugalhos e Pujalhos; Burga e Pulga; Burgueiros e Pulgueiros.

Buxo, casal, Debuxo, arbusto, do latim buxus, e este de grego puxos; Campizes, De Campezes por Cambezes, de canabis, o linho canhamo. V. Cambeiro, Cambelhe, Cambellas, Cambezes, Cambiaço, Canameiras por Canabeiras, chãos da Villariça, destinados para a cultura do canhamo. Junte-se Canavezes, Caneve, Canevezinhos e Cavez por Canavez, singular de Canavezes.

Palazim e Vallazim; Palença e Valença; Pallas e Vallas; Parracheira e Barra Cheia por Barracheira; Pecelada e Pecelar. V. Bacellada e Bacellar por Bacellal; Praçaes e Baraçal, singular de Baraçaes; Ribança e Ripança, ponto do Douro; Sabugal, Sopegal, Supagal, e Supegal por Sabugal, etc., povoações nossas.

B e R

Banginha e Ranginha; Banhado e Ranhado; Banhadouro e Ranhadouro; Banhas e Ranhas, etc., povoações nossas.

---

(1) Poaxeiras é diapasão callaico de Poas Eiras por Boas Eiras. A bussola é o ouvido.

B e T

Bacelinho e Tacelinho por Bacelinho? etc., povoações nossas.

B por U

Encontra-se no antigo portuguez, ob por ou. V. Ob no *Portugal Antigo e Moderno* e no *Elucidario* de Viterbo.

B, U e W

Cf. Ubaldino do Amaral (Dr.) nome actual no Brazil. E' lá director do Banco da Republica; Wladisláu e Ladisláu; Baltar, Balteiro, Balter, etc., são fórmas de Walter. (1)

B e V

Baçal e Vassal; Bacaria e Vacaria; Bacarice, quasi Bacariça e Vacariça; Bagueira e Vagueira; Bailadouro por Balladouro e Valladouro; Balancho, por Valancho, Valle ancho; Baleira e Valeira; Baleizão e Valeizão; Becaría e Vacaria; Beladãos por Valladãos; Bermil por Vermoil, de Vermundinus, i, como Vermoim; Bulonguinho e Vallonguinho; Cabana e Cabanas, Cavana e Cavanas, etc , povoações nossas.

B e W

Anobra, de Hanower?; Swazilandia; Wolfran, metal que abunda no nosso paiz e é caro!... Cf. Wolfran e Wulfran, Wlfrão nome germanico e nome d'um santo, etc., e veja-se W no indice da 1.ª parte da minha louca *Tentativa*.

Ba e Ca

Bacias e Cacias. V. Cacia, Cacilhas e Caxilhas; Badouços e Cadouços; Badamallos por Cadavallos? Cf. Cadaval.

Baratã e Caratão, quasi Caratã; Barosa e Baroso por Barrosa e Barroso, e Carosa por Barosa e Barrosa. Carosa,

---

(1) V. pag. 41, 104, 364 e 365 na 1.ª parte d'esta *Tentativa Etymologica*.

povoação que eu muito bem conheço, na freguezia de Cambres, junto de Lamego, demora em chão mimoso e muito fertil. Barreteira e Carreteira; Barreto e Carreto, etc., povoações nossas.

Ba e Ga

Balazar e Galazar por Balazar, povoações nossas, de Belisarius, ii, Belisiario, antigo nome pessoal.

Bobadella e Bogadella por Bobadella, povoações nossas; de Abobadella, diminutivo de Abobada, nome de varias povoações nossas tambem, como Abobadas, e Aboadella por Abobadella?

Fiat lux.

Ba e Pa

Mesmo no Japão, v. g.

Barabara e parapara, ruido do que cahe, do que se dispersa, como a chuva, como uma multidão d'homens que se dispersa para um e outro lado. Batabata e patapata, ruido de bater das azas das aves ou de portas que se fechem vivamente.

«Carta do Japão» no *Commercio do Porto* de 20 de janeiro de 1906.

Tambem os arabes marroquinos em vez de *pa* dizem *ba*, como Ichbânjâ por Ispania ou Hespanha.

Mem. Henriquina, d'Alfredo Alves, pag. 52.

Barroca, Barrocaes, Barrochaes por Barrocaes e Barroquinha; Parrocha por Parroca e este por Barroca; Parrochinha por Parroquinha?, como Barrochaes por Barrocaes.

Note-se que *ch* e *k* ou *q* por vezes se confundiram e substituiram na onomastica portugueza. Veja-se o topico *ch* e *k* ou *q*, pag. 301 e 304, na 1.ª parte d'esta minha louca *Tentativa*.

Bi e Pi

O povo ainda hoje diz supito e supita, em vez de subito e subita, v. g. de supito; morte supita, etc.

Bo e Do, Go e Mo

Cabornegas por Cadornegas; Bogim e Gogim; Boia, Goia e Moia? etc., povoações nossas.

Bra e Fra

Branca e Franca: Brancas e Francas, Brancelhe e Francelha; Brancelho e Francelho; Branco e Franco; Brancos e Francos; Branqueira e Franqueira; Brazão e Frazão; Brazões e Frazões. Cf. tambem brazumeira, portuguez popular, — monte de brazas, e Frazumeira, povoação nossa.

C e D

Mirancas, Mirancos; Mirandas, Mirandos e Miranquinhos, diminutivo de Mirancos?!...

A Hespanha tem Miranda, Mirandella e Mirandilla; não tem Mirandas, nem Mirandos, nem Mirancas, nem Mirancos, mas tem Miranciños, quasi Miranquinhos.

Montido por Montico? — Cf. Montarecos, Monteco e Montecos, Montijo, Montijos, Montinho e Montinhos, povoações nossas.

C e D

ça e da, ce e de, ci e di.

Cf. Arregaça por A Regaça e Regada; Cortegaça e Cortegada; Mocifas e Modivas; Regacinha e Regadinha; Reganceira, quasi Regaceira e Regadeira, povoações nossas, como Ribaçaes e Ribadaes, Ribaçal e Ribadal, etc.

C, F, S e T (iniciaes)

Parece que tambem se confundiram e substituiram:

Carrascal, Tarrastal, Tarrasteira? Terrastal; Carrasqueira, Charrasqueira, Sarrasqueira e Tarrascal; Ceira e Teira; Celho, Selho, Telho e Telhô; Cibões (por Cibaes?) e Tibães; Cioga e Tinoca; Faião, Saião e Tayão; Favacal e Tavacal; Favella e Tavilla; Favaqueira e Tavagueira; Favariz e Tavarez; Favarrel e Tavarella.

Fonda em Hespanha, e Tonda; Fundego e Tondogas, povoações nossas.

Fontão e Tontão; Fontella e Tondella; Fontello e Tontello; Fontinha e Tontinha; Fontinhal e Tontinhal; Forneira e Torneira; Forneiro e Torneiro; Forneiros e Torneiros; Forno e Torno.

Fruita, fructa e Truite; Truta, Trutas e Trute, aldeias e uma freguezia; Sabeira e Taveira; Sabeiro e Taveiro; Sacões e Tacões; Sagasta, appellido hespanhol, e Tagasta, antigo povo hespanhol.

Sainde e Tainde; Salaborda e Taborda; Samel, Samuel e Tamel; Sanque e Tanque; Sardoeiro, Sardoura e Tardouro; Sarroeira, Tarrogeira e Tarrueiro; Seixedo, Seixido e Teixedo; Seixeira e Teixeira; Seixo e Teixo; Seixoso e Teixoso; Semide, Themido e Themudo; Semonde e Themonde; Sezite e Thesido; Silvalde e Thibalde, etc., povoações nossas.— *Fiat lux.*

C e K ou Q

Boucinhas, Boucinho e Bouquinhos por Boucinhos?; Carroqueiro, por carroceiro?; Cercal de quercal, Carvalhal; Cercosa por quercosa, como Cerqueira por querqueira, do latim *quercus* — carvalho.

Cf. Carvalheira e Carvalhosa.

Cerqueda por querqueda, Carvalheda; Cerquedo por querquedo, Carvalhedo; Cerqueiral por querqueiral; Carvalheiral; Cerqueiras e Carvalheiras; Cerquida, Carvalhida? Cerquidello, diminutivo de Cerquido, Carvalhido; Cerquinho appellido, e Carvalhinho; Cerquinhos, Carvalhinhos, etc., povoações nossas.

C e P

Confronte-se Alporão por Alcorão, velha Torre de Santarem.

Veja-se Santarem no *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 8.º, pag. 449, col. 1.ª e nota 1.

Confronte-se tambem Cauca e Pauca. — V. Cauca, Cassurado e Villa Pouca d'Aguiar no *Portugal Antigo e Moderno.* Escariz e Espariz, etc., povoações nossas.

E' trivial na Irlanda, v. g. cran por pren ou pran. Tambem na Baixa Bretanha ou Armorica dizem cenn por penn, cabeça. — V. Pencran em Guillou, pag. 113, *mihi.* O cá e pá, có e pó supra, serão reminiscencia dos celtas?

C por Q e vice-versa

Ancião, Anquião e Inquião; Calamanda ou Calamandra,

nome d'uma santa, etc., o mesmo que salamandra?; [1] Canosa, Chanoca por Chanoça e Chanosa; Carroqueiro por carroceiro? — Cimbres e Quimbres: Cimico e Quimico; Cintas e Quintas?

Coalhal e Soalhal; Coalheira e Soalheira; Cobra e Sobra; Cobrada e Sobrada; Cobrados e Sobrados; Cobral e Sobral; Cobreira e Sobreira; Cobro e Sobro; Cobrosa e Sobrosa; Codes e Sodes; Cceira e Soeira; Colarinha e Solarinho, aldeia, masculino de Solarinha; Collares e solares. Veja-se Solar, aldeia.

Comas e Sommas; Courellas e Sourellas; Courinha e Sourinho; Coutana e Soutana; Couteiro e Souteiro; Coutello e Soutello; Coutinha e Soutinha; Coutinho e Soutinho; Couto e Souto; Coval e Sobal por Coval? Covellas e Sovellas; Jeguinte e Jeguintes, de Jacintus, i, is, que se lia Jakintus, Jakinti, Jakintis, de Hiacinthus, i.

Joazim por Joacim, o mesmo que Joaquim; Lapaduços e Sapaducos, fórmas do mesmo nome?; Macada, Maçada e Massada.

Pacar por passar, como diz a velha inscripção seguinte:

Emquanto tiveres deias, [2]
Mira por ti, sê prudente;
Assim como pacas a ponte,
Paca a vida brevemente.»

Antiga inscripção da ponte do Prado, sobre o rio Cavado.

Samossa por Samoça e este por Samoca, o mesmo que Saboga, Sabuga, Sabogueira e Samoqueira.

Sarraquinhos de Sarracinos, sarracenos.

Confronte-se Sarrazim e Serrazim por Sarracim; Sintião por Cintião e Quintião? Sirão de Cirão. V. Queirão e Queiroz, Sirol, Siroles e Siroes; Soudel e coudel por Çoudel.

C ou Ss e D

Cacem e Cadem; Cadema, Cadima e Cassima, p. nossas.

---

1 Note-se que os santos algumas vezes por humildade acceitavam como nomes proprios os apodos com que os affrontavam.

Assim se explica o facto de haver santos com os nomes de Urso, Ursino, Ursula, Tigre, Tigrio, Leopardo e talvez Calamandra por Çalamandra, o mesmo que Salamandra.

2 *Ideias*, vida.

C e T

Alcarva, Carva e Tarva!... De carpa, carpalha, que deu Carvalha, Carvalho, Carvalhosa, Carpalhosa, etc., povoações nossas; attonito e atolico; Barroso e Tarroso; Calhariz e Tralhariz por Talhariz; Cameirão e Tameirão, appellidos, são fórmas do mesmo nome tirado talvez de canabeirão ou canameirão! — Confronte-se Canameiras, chão da Villariça, destinado á cultura do canamo ou canhamo.

Carimba e Tarimba; Carocha, Carochia, e Taroija por Caroicha? Carrascal, Tarrascal, Tarrastal e Terrastal! Cartaria e Tartaria; Coreixas e Tureixas, Tabarca por Cá-Barca? Tagilde, Cagide, Cagil e Cahide por Tagilde,

Talaminho por Cá-Caminho? Confronte-se Laminho e Laminhos por Lameirinho e Lameirinhos, povoações nossas tambem. Talasnal por Cá-l'asnal e este por Cá-l'Arnal. De Arnal por Arenal. povoações nossas; Tamal por Camal e este por Camarnal, povoação nossa, como Tamel por Tamal. Tamara, aldeia, por Camara? — Note-se que em Portugal são raras as palmeiras que dão tamaras; Touvedo por Couvedo? Confronte-se Couval, Couve, Couvelha, Couves, etc., povoações nossas.

Ç e Z

Canizal por caniçal e Canizes por canices. Confronte-se Alcañiz, Alcañices e Canices, povoações da Hespanha.

Ca e Cha

Camparão por Campanão, e Champanão por Campanão?; Chabocos e Caboucos; Chaboteira e Caboqueira por Cabouqueira; Chabouco e Cabouco; Chabrinha e Cabrinha; Chadeira, Cadeira, (Ca-d'Eira, Caeira, Caeiro?) Chaeiros e Caeiros.

Chaes e Cães; Chafé e Café? de Japheth, Chaim e Caim? Chamboa e Gamboa; Chamboeira de camboeira por Gamboeira; Chamboinha por Gamboinha; Champana e Campanas.

Chanal e Canal; Chancella e Cancella; Chancrão por Cranchão e Granjão; Chanosa por Canosa, em castelhano sôa Canoça, unde Camossa, appellido; Chapinha e Capinha; Charitas por Caritas, etc., povoações nossas.

Ca, Co, Cu
e Da, Do, Du

Dardos e Cardos; Darei e Garei?; Daroeira e Caroeira; Dobra e Cobra; Dobreira e Cobreira; Dobrigo e Cobrica; Donde, aldeia, e Conde; Donegas e Conega, ou Donégas por Conégas, coelhas, Confronte-se Coelhas, povoação nossa.

Dorna e Corna; Dornes e Cornes; Dume e Dumes, Cume e Cumes; Durrães por Durraes e Curraes; Mirandas e Mirancas; Mirandos, Mirancos e Miranquinhos, povoações nossas. Junte-se pérca e perda, substantivos femininos com igual significação.

Ca, Co, Cu
e Ga, Go, Gu

Cavião por Gavião; Caviões por Gaviões; Continha e Gontinha; Coutinho e Gontinho; Contumil e Gontomil; Corvella e Gorvella; Cravello e Gravellos; Crixó e Grijó.

Cava e Gava; Gaya e Caya; Gonde e Conde; Gondeixe e Condeixa; Gonta e Conta; Gondim, Gontim e Contim; Gunha e Cunha; Labreco por Labrego; Couxaria, Gouxaria e Moucharia, povoações nossas.

Ca, Co, Cu
e Ma, Mo, Mu

iniciaes, confundiram-se e substituiram-se:

Cachouça, Cachouças, Machoça e Machossas; Cachuxo e machucho; Caçoeira e Maçoeira por Macieira? Cadarnedo por cadornedo, cadorneiredo. — Veja-se Cadorneiro, Codorneiro, Codornellas e Codorno.

Madorna e Madorno por Cadorno? posto que Madorna, Madorno, Madroa, Madroeira e Madroneira, podem vir dos medronheiros, em gallego madroucros?

Cadeiras, aldeia, e Madeiras; Cafarro e Mafarra; Cagide e Magide; Cainha, Cainhas, Mainha e Mainhas; Cairos e Mairos; Calheiros e Malheiros; Calvedo e Malvedo; Calveira e Malveira; Canhão e Manhão; Cancellos e Mancellos.

Carécos e Marécos; Carimba e Marimbo; Cariola, Marivila e Mariola; Carmelleiro e Marmeleiro; Carnota e Marnota; Carutello, Curutello; Carutos e Marutos.

Carvalho e Marvalho; Carvão e Marvão; Cascarria e Mascarra; Catão e Matão; Catadouros, Matadouro e Matadouros; Catellas, Matella e Matellas; Casa e Casas (no diapasão castelhano lê-se caça e caças); Maça, Maças, Massarellos; Massas, Massorra e Mazorra. Nós temos Casarollas e Casarullos que auctorisam as fórmas casarellos e Massarellos.

Cô e Mó; Coço e Moço; Cochão e Mouchão; Cocharro, Moxarro e Muxarro; Coeira, Moeira e Moleira; Collares e Molares; Comeira e Momeira; Conegundes ou Munegundes, nomes de Santos; [1] Continhal e Montinhal; Continho e Montinho; Corim e Morim; Corjães e Murjães; Coutinho e Moutinho; Couxaria e Mouxaria; Coz e Moz; Curalha e muralha, etc., povoações nossas.

Ca, Co, Cu e Ta, To, Tu

Veja-se paginas 336 e segg. da 1.ª parte d'esta minha louca *Tentativa Etymologica*.

Ca e Ga

Cadilhe por cadilho, este por Cadinho e este por gadinho, como Gadunho, povoação nossa!... Confronte-se Gadiche e Guediche por Gadicho e este por gadinho; Guedieiros por Gadieiros; Gadanha por Gadenha; Gadelha, Gadelho, Gadenha, Gados, Guedelha, Guedelhas, Guedelhinhas, Guedexe, etc., povoações nossas que tomaram o nome do gado, como talvez Caieiros e Gaieiros, por Gadieiros?; Caia e Gaia; Cainho e Gainhos; Cairos e Gairos; Calão e Galão; Calinha e Gallinha; Callecas e Callegos por Gallegas e Gallegos, povoações nossas.

Calvão e Galvão; Calvões e Galvões; Cambellas, Gambellas e Gamellas; Camboa e Gamboa; Camellà e Gamella; Camilla e Gamilla; Canados e Ganados; Canal e Ganal; Cançaria e Gançaria; Candoso e Candoxo por Gandoso?

Canhoteira e Ganhoteira! Canilho e Ganilhos; Carção e Garção; Cardaes e Gardaes; Cardal e Gardal; Cardanha e Gardenha por Gardanha; Cardão e Guardão.

---

[1] Veja-se o meu *Diccionario d'Appellidos*.

Carem, Carim e Garim; Carrão e Garrão; Carvão e Garvão; Casa e Gaxa? Casaria e Gaxaria? Casconha e Gasconha; Caseta e Gazeta; Casinha e Gaxinha? Cata e Gata; Catão e Gatão; Catella e Gatella; Cato e Gato; Cavallaria e Gavaria? Cavião e Gavião; Caviões e Gaviões;

Junte-se finalmente Caetano, aldeia, nome pessoal e nome d'um santo, pois Caetano é uma fórma de Gaetano, nome pessoal italiano, tirado de Gaêta, cidade da Italia.

Gaetano foi um famoso violista italiano, que falleceu em Milão no mez de novembro de 1907.

Entre nós tambem o povo geralmente diz gacho em vez de cacho.

Ca e Gua
Por Ga e Ca

Cardal, Cardaes, Cardeira, Cardelha, Cardella; Cardia por Cardaria; Cardiga por Cardida; Cardosa e Cardoso; Cardunxal por Cardosal?; Gardaes por Cardaes; Gardal por Cardal; Guardaes por Gardaes; Guardal por Gardal; Guardão por Gardão, este por Cardão, e este por Cardalão.

Guardeira por Cardeira; Guardete por Gardete, e este por Cardete, contracção de Cardalete! — Confronte-se Punhete por Pinhete, contracção de Pinhalete, etc. Guardilho por Guardinho, de Gardinho por Cardinho ou Cardalinho; Guardinhos por Cardinhos, Cardalinhos ou Cardainhos; Guardizella por Gardizella, de Cardizella por Cardozella, diminutivo de Cardosa.

Todas estas e outras muitas povoações nossas tomaram o nome dos cardos, planta arbustiva, mas muito prolifica na onomastica portugueza.

E' assim a arte-nova — e rira bien qui rira le dernier! [1]

Ca e La

Cabage e Lavage; Cabos e Lavos; Caceira e Laceira; Cacem e Lacem; Cadeiras, aldeia e Ladeiras; Cadoeira e La-

---

[1] Junte-se ainda Galtar e Gualtar, o mesmo que Alter, Alters, Gualter, Valtir. Walter, Baltar, Balteiro, Valteiro, Balter etc. povoações nossas, cuja raiz é Walter, nome germanico.

Veja-se paginas 41, 104, 364 e 365 na 1.ª parte d'esta minha louca *Tentativa Etymologica*, e a lettra *W* no indice.

doeiro, quasi Ladoeira por Lodoeiro e lodoeira, do lodo ou dos lódos por lódãos, arvores.

Caeira e Laeira; Cagida e Lagidas, plural de Lagida; Cagide por Cagido e Lagido; Camarão e Lamarão; Caminho e Laminho; Camoça e Camossa, appellidos e Lamosa, em castelhano Lamóça ou Lamossa. Em Pontevedra ha Lamosa.

Campas e Lampas; Candal e Landal; Candedo e Landedo; Candeira e Landeira; Candeiro e Landeiro; Canhoso e Lanhoso?!... Capa e Lapa; Capas e Lapas; Capinha e Lapinha; Caracha e Larachas; Carção, Garção e Larção.

Cardosa e Lardosa; Cargo e Largo; Carim, Garim e Larim; Casalão, Casão e Lazão, Cascas ou Lascas e Lascas ou Cascas (sic); Cata, Gata e Lata; Cata-peixe 3 aldeias; Cata-rouxos, aldeia; Confronte-se pintarroxo, ave; Catarredo ou Cata-redol, aldeia; Cata-sol, 3 aldeias; Cata-tem, aldeia; Ca-te-fica? aldeia; Catem por Catatem? duas aldeias; Ca-te-vejo, quinta; e Cá-vae.

Cavado e Lavado; Cavadouro e Lavadouro; Caveiras e Laveiras; Cederma ou Sederma (o povo tambem diz Sedesma) e Ledesma. Confronte-se Ciderma, Viterma e Seramena, por Seramenha, dos soromenhos?! [1] Gateira e Lateira, Late-fica, herdade ou casal, e Cá-te-fica, aldeia, supra; Latoeira por gatoeira, unde Gateira e Lateira?!... etc., povoações nossas.

Ca e Ma

Caceira e Maceira; Cachada e Machada; Cachadas e Machadas, muitas povoações? Cachadinha e Machadinha; Cachadinhas e Machadinhas; Cachoça, Machoça e Machossas; Caçoeira e Maçoeira; Cadeiras, aldeia, e Madeiras; Cadeireiros por madeireiros? unde talvez Madeiros e Medeiros, povoações nossas, e Medeiros, appellido.

Cadorno e Madorno; Caeiros e Maeiros; Cafarro e Mafarra; Cagide, Magide, Megide e Vegide! Caia e Maia, Cainha e Mainha; Cainhas e Mainhas; Cairos e Mairos; Cajada e Malhada; Cajadães e Malhadães; Cajados e Malhados; Cajam por Cajão e Malhão.

Calado e Malado; Calheiros e Malheiros; Calva e Malva; Calvada e Malvada; Calvas e Malvas; Calveira e Malveira;

---

[1] Veja-se pagina 229, supra.

Camões e Mamões. [2] Canello e Manellos; Cancellos e Mancellos; Canga e Manga; Cangas e Mangas; Cangueiros (Villa Chã de) e Mangueiros.

Canhão e Manhão; Canhoso e Manhosa; Canhoto e Manhoco por Manhoto; Cannas e Manas; Canteiras e Manteira; Cantellães e Mantellães; Cantim, que deu ou podia dar Contim, Landim, Mandim e Mondim!

Canôa e Manôa; Cão e Mão; Carão e Marão; Carécos e Marécos; Careiro e Mareira; Carim e Marim; Carimba e Marimbo; Carinha e Marinha; Carinhos (Ribeiro dos) e Marinhos; Cariola e Mariola; Carmeleiro e Marmeleiro!

Carnota e Marnota! Marrada Alta por Carrada Alta?! Carrão e Marrão; Carreiras e Marreiras; Carreiros e Marreiros!; Carroceiro e Marrouceiro por Marroceiro? Carros e Marros!

Cartem e Cartim por Martim; Cartes e Martes; Carutos e Marutos; Carvalho e Marvalho; Carvão e Marvão?!... Cascarria e Mascarra; Casqueiro e Masqueiro? Cata e Matta; Catadouros, plural de Catadouro e Matadouro.

Catão e Matão; Catella e Matella; Catellas e Matellas; Mão de Ovelheiro por Cão de Ovelheiro!... Mão pelo Cão. Mascanho, de Cascanho por Castanho; Mathueira, de catoeira por gatoeira. Confronte-se Gataria e Gateira, povoações que tomaram o nome dos gatos bravos ou teixugos, como Teixugeira, etc.

E' assim a arte nova.

Ca e Pa
Co e Po

Cadella, aldeia, e Padella; Cadinho e Padinho; Cadraço e Padraços; — Caires e Paires; Cairos e Pairos; Calaceiro, aldeia; Palaceiros e Passeiro por Paceiro, de Palaceiro; Calheiros, Malheiros e Palheiros; Caracha, Caraxa, Carocha, Carochinha; Paraxa e Paraxinha?... Parrocha e Parrochinha.

Carâmos e Parâmos; Cassadouro e Passadouro; Cobral e Pobral; Coço e Poço; Collo e Pólo; Comba e Pomba;

---

[2] Mamões e Mamouros podem vir de Camões por Ca + Mões e Cá + Mouros, povoações nossas?!...

Veja-se o meu longo topico: — «Prefixo cá assimilado.»

Combinho e Pombinho; Conta e Ponta; Continha e Pontinha; Continhas e Pontinhas; Cortelha e Portelha; Cortelhas e Portelhas; Cortelho e Portelho; Cortello e Portello; Cortinha e Portinha; Cortinho e Portinho.

Corvella e Porvella?!... Costa e Posta; Couve e Pouve; Couves e Pouves; Escarigo e Esporigo por Esparigo, e este por Escarigo? Escairo, Espairo e Espaio por Espairo? Escalhão, Escalheira, Escalheiro por Seccalhão, Seccalheira, Seccalheiro, o mesmo que Sequeira, Sequieira, Sequeiro, Sequeiros e Espalheiros por Escalheiros? Tambem temos Esprigo por Esparigo ou Esporigo; Escariz e Espariz por Escariz?!

Cá, Qua e Gua

Escalheira e Esqualheiral por Escalheiral.

Confronte-se Galtar e Gualtar; Gardaes por Cardaes e Guardaes; Gardal por Cardal e Guardal; Gardão por Cardão, Cardalão e Guardão; Guardeira por Gardeira e este por Cardeira?!...

Ca e Sá ou Çá

Guncalus testis. Doc. 63 a 1:100. Vimaranis Mon. pag. 68, col. 2.ª

Ca e Sa ou Za

Faval; Favacal e Favasal.

Cá e Ta e vice-versa

Ce e te; Ci e ti; Co e to; Cou e tou; Cro e tro.

Alcarva, Carva e Tarva; Cagide, Tagilde, Cahide, Thaíde e Athaide. [1] Calhandriz, Calhariz, Talhariz e Tralhariz, são fórmas do mesmo nome, tiradas das calhandras. A fórma Talhariz encontra-se em Talharezes por Talharizes. Veja-se o topico «Desinencia ezes.» Calhariz, Talharezes e Tralhariz,

---

[1] De Atanagildus, i, nome germanico pessoal, que deu tambem Tangil e Tainde, povoações nossas.

por Talhariz; Camanho, appellido, e Caminha por Tamanha e Tamanho, portuguez antigo. Veja-se Camanho em Viterbo.

Canha e Tanha; Carimba e Tarimba; Caroeira, Tarroeira e Tarroeiro; Carrascal, Tarrastal e Terrastal: Carrasqueira e Tarrasteira; Cartaria e Tartaria; Carves e Tarves; Ceira e Teira; Cibões por Cibães? e Tibães; Couvedo e Touvedo; Coz e Tós; Croca e Troca; Croxa e Trouxa ou Troxa, etc., povoações nossas.

Ca e Ta ou Ta por Ca

Tabarca por Ca-Barca? Tamengos por Cá-Mengos. Confronte-se Mengos, Toposo por Ca-Poço? Tariz de Calhariz ou Ca + Ariz; Tavilla de Tavira ou de Ca + Villa?

Tá deu cá; assim tarambola, ave, deu carambola. Nós temos tarambola, ave, mas não temos carambola, ave, nem se encontra em Valdez.

Veja-se Carambola em Covarrubias.

Ça e Da Ci e Di Çó e Dó

Adelgaçar e Adelgadar, fórmas auctorisadas em bom portuguez actual (1910) Arregaça por A Regaça, e Regada; Cortegaça e Cortegada; Louriçal e Louridal, povoações nossas; Madail por Maçail, metathese de macial, o mesmo que Maciel, appellido, e macieiral, bosque de macieiras. Confronte-se Freixiel e Freixial, Pinhel e Pinhal; Regacinha e Regadinha; Sobredo e Sobreço por Sobredo, povoações nossas, como Ribaçal e Ribadal.

Ça, Sa e Da

Contença, Contensa e Contenda; Contenças, Contensas e Contendas, povoações nossas.

Ce e Ge

Já vem do tempo dos romanos, pois em latim se encontra, vigesimus por vicesimus — em portuguez vigesimo. *Magnum Lexicon.*

Ce por Que

Ronceiras e Ronqueiras são povoações nossas e talvez fórmas do mesmo nome, plural de ronqueira?

Ce e Ze (iniciaes)

Ceba e zeba; cebado e zebado, provincianismo de Melgaço, como cebar e zebar, por cevar, etc.

Confronte-se Sevra e Zebra, povoações nossas.

Cha, Che, Chi, Cho, Chu e Ca, Que, Qui, Co, Cu

Alcabideche e Alcabideque— são povoações nossas e fórmas do mesmo nome.

A 1.ª pertence ao concelho de Cascaes; a 2.ª ao concelho de Condeixa.

Archinho por Arquinho? Barranca e Barrancha, Barrancão, Barrancas, Barranco e Barrancos; Barrochaes ou barrojaes por Barrocaes, povoações nossas, como Barroca, Barrocal, Barrocão, Barrocaria, Barrocas, Barroco, Barrócos e Marrócos por Barrócos!

Bochinhas por Boquinhas. Veja-se Boquinha!; Bocho, Boco e Bócos!; Borrecho, Borreco, Borrego e Borrelho?; Cabra e Chabrinha por Cabrinha; Caim, Chaim, Saim e Xaim, povoações nossas e talvez fórmas do mesmo nome.

Chabocos e Chaboucos por Cabouco e Caboucos; Chadeira e Cadeiras; Chaeiros e Caeiros; Chães e Cães; Chafé, Caféde, e Caféo de Japheth, nome biblico.

Chambôa de Chãbôa ou de cambôa por gambôa, especie de marmeleiro que deu Gambôa, povoação nossa tambem.

Chamboinha é diminutivo de Chambôa, supra. Chamelaria, é uma antiga fórma de camelaria, terra em que abundavam camelos, animaes entre nós extinctos, como ás zebras, ursos, corças, etc.

Chamosinhos por Camosinhos — de gamosinhos, gamos ou veados novos. Confronte-se Gamenhos por Gaminhos, Gamita, Gamitinha, Gamito, Gamosa, etc., povoações nossas tambem.

Chanal e Canal; Chancella e Cancella; Chancrão, methatese de Cranchão por Granjão.

Veja-se Ganjão, povoação nossa tambem — e o topico *Metathezes* ou transposições, na 1.ª parte d'esta minha louca *Tentativa*, pag. 334 e segg.

Chanosa; Veja-se Canosa e Carosa, por Canosa? Chans e Cans; Chaparreira e Caparreira; Chapinha e Capinha;

Chapitel por Capitel, vinha nossa que, segundo supponho, tomou o nome do latim capitellum, i, póte, alambique. [1]

Chaqueda e Caqueda. V. Maqueda e Maceda. Charam por Charão—é uma fórma de Charrão por Carrão, povoações nossas tambem, como Charambeis por Charambois e este por Carrão de bois.

Charniche é uma fórma de Carnicha, povoação nossa tambem.

Charoeira, Caroeira e Jarroeira; Charrão. Veja-se. Charam e Carrão supra; Charrasqueira por Carrasqueira. Veja-se Carrasca e Casqueira; Charrino por Charriño — é uma fórma callaica de carrinho; Charro e Charroada—são fórmas de Carro e Carroada, como tambem Charruada, povoação nossa. Chasqueira e Casqueira; Chaxão. Veja-se Caxão e Chacão, supra. Chorão e Corão; Chorda e Corda; Chorim e Corim; Chorozeira por Corujeira, fórma de Crucheira por Crujeira, como Coruche, Crucho e Cruchos por Corujo e Corujos, povoações nossas tambem. Junte-se Crujaes por Corujaes e Crujães por Crujaes. Chorozeira e Corujeira sôam Churuzeira e Curujeira.

Chosende e Chosendo por Cosende e Cosendo (?) são fórmas de Gosende e Gosendo, povoações nossas tambem, tiu radas de Gundesindus, i, nome germanico pessoal, que detambem Gondesende, freguesia, etc. fórma anterior de Gosende. [2]

A escala seria: — Gundesindi; Gondesende; Gosende; Cosende (?) Chosende?

E' assim a arte nova — e rira bien qui rira le dernier!...

Chouto por Couto ou Souto.

Inchonsos por inconsos e Ingonços.

Villa Cãa e Villa Chã.

Cha, Che, Chi, Cho, Chu e Sa, Se, Si, So, Su

Choutaria e Soutaria; Chouto e Souto: Chafurdaes e Safordão; Chaim e Saim. Veja-se Caim e Xaim, povoa-

---

[1] V. Capote por Cá + Pote.

[2] Confronte-se tambem Nossa Senhora de Condezende de Adorjgo, freguezia do concelho de Taboaço. Condezende é uma nitida fórma de Gondezende.

ções nossas, talvez fórmas do mesmo nome; Chainça e Sainça; Chança e Sancha; Chapa e Sapa; Chapinha e Sapinha.

Chardinheiro e Sardinheira, feminino de Sardinheiro; Charilhe por Charilho e Sarilhos; Charrão, Sarrão e Serrão; Charrasqueiras e Sarrasqueira; Chaveira e Sabeira; Chaveiro e Sabeiro; Cheda e Seda; Cheira e Ceira! Cheiros e Seiros; Chellas, Cellas e Sellas; Chellão, Cellão e Sellão.

Chelleiros, Celleiro e Selleiro; Chenta, Centa e Sentas; Cherita e Cerita; Chiada, Geada, Geadas e Seada; Choeiro, Soeiro e Sueiro; Choqueiro e Soqueiro; Chorão e Sourão; Chousa e Sousa; Chousal e Souzel, o mesmo que Souzal; Chousella e Souzella; Chousellas e Souzellas; Ponchão e Ponsão, de Ponciano, nome d'um santo, etc.

Cha, Sa e Xa

Chaim, [1] Saim e Xaim, povoações nossas; Chaim é tambem appellido: Chainça, Sainça e Xainça!... Chainha e Chainho; Xainha, Xainho e Xainhos, povoações nossas.

Ché, Gé e Zé

Borracheira, Borracheiras, Borracheiro, Borracheta, Borrazeira, Borrazeiro e Burrazeiro. Da borragem? O povo diz borrage, planta leguminosa. Confronte-se Burralhal por Borrajal, como Carvajal por Carvalhal. Confronte-se tambem Chedemiam e Getemião por Ze Damião; Ché, quinta, por Zé; Cheira e Cheiras; Geira e Geiras, povoações nossas.

Chi e Gi

Varchinhas e Varginhas ou Varjinhas, etc., povoações nossas.

Cha, Xa e Fa
Chou e Fou

Chadeira e Fadeira; Choupana e Foupana; Choupaninha e Foupaninha; Xabregas e Fadregas? povoações nossas.

---

[1] Junte-se Caim, povoação nossa tambem, talvez fórma do mesmo nome!...

Cho e Jo

Chorrar, o mesmo que jorrar. Chorreiro—é o mesmo que jorreiro. Chôrro é o mesmo que jôrro. Soacho e Soajo, povoações nossas, são fórmas do mesmo nome.

Co ou Cu por Mo ou Mu

Confronte-se Cunegunda, Cunegundes, Monegunda e Monegundes, nomes de santos, etc.

Co e Go

Eirogo por Eiroco, o mesmo que Eiroca, Eirola, Eirô e Eiró, pequena eira; Feijoca e Feijogo, por Feijoco, etc., povoações nossas.

Co, Go e Lho

Encosta e Ingostas, plural de Ingosta; Botéco, por Botego; Botelho e Botulho por Botelho? etc., povoações nossas.

Co e To

Bajouco e Bajouto; Balouco e Balouto; Campico e Campitos, plural de Campito, são povoações da Hespanha; Tortozendo por Turcozendo.

Confronfe-se Truycosendo Gueda ou Guedes, avô de Egas Moniz, o aio.

Commercio ão Porto, de 28 de Junho de 1907, pagina 1.ª, col. 2.ª e 3.ª, fallando do tumulo d'Egas Moniz e do convento de Paco de Souza. Confronte-se tambem Tructezindo, antigo nome pessoal.

Ça e Ta, Ço e To

Alvoroço e alvoroto, nomes communs.

1.º — De...

Vide Candido de Figueiredo.

2.º—Do italiano alvorotto, alvoroço e alvoroto; [1] alvoroçado e alvorotado; alvoroçadamente e alvorotadamente; alvoroçamento e alvorotamento; alvoroçar e alvorotar.

Cu e Pu

EM NOMES COMMUNS

Espuma e escuma; escumadeira e espumadeira; escumar e espumar.

Triculantes por tripulantes — ainda hoje diz o povo na Foz do Douro e talvez em outras povoações nossas.

D

Intervocalico e caprichoso.

Confronte-se o topico: desinencias ina, ino, inda e indo.

Alcarida por Alcaria?; Alcina e Alcinda; Alcino e Alcindo; Adelina e Adelinda; Adelino e Adelindo; Alfardim por Alfarim.— Veja-se Alfarella, Alfarellos, Alfarins e Alfaro; Alfrivida por Alfria, povoação nossa tambem, como Fria, Frias, etc. Alvaro-gildes por Alvaro Giles?; Canedo e Candedo; Caneira e Candeira; Caneiro e Candeiro; Canosa e Candosa?

Carmelina e Carminda; Casaldate por Calate ou Casalote; Casal Dito por Casaldito, aldeia, de Casalito? Confronte-se Casalzote, Casainho, Casalinho, Casalito, Casalorio e Casanito por Casalíto, povoacões nossas.

Cavandella por Cavanella? — Veja-se Cabanella e Cabanellas, Cavana e Cavanas; Florina e Florinda; Florino e Florindo; Hermano e Armando; Humilde, do latim humilis, e, ou como diz o Snr. Figueiredo, Humilde de humildar, e humildar de humilde.

Tem graça?!...

Laura, Laurina e Laurinda; Laurino e Laurindo; Louçana e Lousandas; Lousanda de Losana ou Lozana, varias povoações da Hespanha. Lucena, Lucenas e Luzendas; Lucinia por Lucina e Lucinda; Luciro e Lucindo; Luzendas por Lucendas, de Lucenas, povoação de Granada. Na Hes-

---

1 Vide Prefumo.

panha tambem ha differentes povoações com o nome de Lucena, unde Lucena, appellido nosso.

Luzim, Luzinde e Luzindinho.

1.º — De Lucinius, ii, nome d'um santo, unde Luzim e Luzinde.

2.º — De Lucinus, i, Lucino, antigo nome pessoal, como Lucina e Lucinda, nomes de santos.

Todos estes nomes foram tirados do latim *lux, ucis*. luz, que deu Lucia (santa), Luciana, Luciano (santo); Lucidia, Lucidio (santo). Lucifer (santo); Lucilia (santa); Luciliana e Luciliano (santo); Lucilio, Lucilla, Lucina, Lucinda, Lucindo, Lucinia, Luciniana, Luciniano, quasi Luciliana e Luciliano, supra, Lucinio, Lucino, Lucio, Luciola e Luciolo, nomes pessoaes e muitos d'elles nomes de santos. [1]

Lucina e Lucino deram Lucinda e Lucindo, porque o *d* é letra caprichosa e costuma surgir depois do *n* intervocalico. Assim Normancos deu Normando, Normania deu Normandia, Florina deu Florinda, Florino deu Florindo, Laurina deu Laurinda e Laurino deu Laurindo, nomes pessoaes; Rosina deu Rosinda. Rosa, Rosina e Rosula, o mesmo que Rosinha, foram Santas.

Tambem pinus deu Pindo; Pinella deu Pindella e Pinello deu Pindello, povoações nossas. Britiani deu Britiande, Beritianus deu Bertiandos; Mirana deu Miranda; Sona deu Sanda; Sonim deu Sondim.

Villaranda por Villarana, o mesmo que Villarina, Villarinha; Villarandello por Villaranello, o mesmo que Villaranillo, Villarinho, etc. Confronte-se tambem Clorina e Clorinda, nomes de santos.

Molães e Moldães; Rebelde, do latim *rebellis, lle;* Salamonde, Sallamonde e Samonde, de Salomoni; Sabordella de Saborella, Sobrella? Veja-se Sobrello e Sovella por Sobrella, antiga rua do Porto. [2] Villaranda, Villarandello por Villarana e Villaranello?

D — cahindo

Aido de aditus? Beita, aldeia, de Benedicta (villa). Bentes, appellido de Benedictis; Brêa e Vrêa, aldeias, de vere-

---

[1] Veja-se o meu *Diccionario d'Appellidos*.

[2] Sobrello e Sobrella são diminutivos de sobro por sobreiro e querem dizer sobreirinho e sobreirinha.

da, caminho, o mesmo que Breda, povoação nossa tambem; Crer, do latim *credere;* Desnuar é o mesmo que denudar, em latim *denudare;* Faedus, feio; Fastio, do latim *fastidium;* Moio do latim *modium.*

Junte-se: Peditare e Peditus; Poio, do latim *podium*, e este do grego *podion;* Radius, raio de luz; Raiar, do latim *radiare;* Redintegrare, reintegrar; Rer e raêr, do latim *radere; Rido, is*, ĕre, em latim antigo o mesmo que *rideo, es, ére*, — rir, rir-se; Traidor, do latim *traditor, oris;* Parrada e Parrainha, por Parradinha, povoações nossas, etc.

D e F

Cotifo, casal, e Cottido nome d'um santo; Guidães e Guidões, Guifães e Guifões; De Guido, onis. Guido e Guidon, antigos nomes de santos, etc.

Abrahão Ortelio no seu *Atlas* que publicou em Anvers, no anno de 1570, dedicou ao Cardeal Guido Ascanio Sforcia um mappa de Portugal, com esta dedicatoria:

« Guidoni Ascanio. . . . »

D e G

Carredal e Carregal, Daivães por Daivões, Gaivão e Gaivões? Dama e Gama, do latim *dama*, corça, Gamo; Danço e ganço? Dardão e Gardão ou Guardão; Darei e Garei; Datão e Gatão; Deilão e Geilão por Gelião; Delvira e Gilvira por Gelvira?

Dem e Gem; Denetos, Genetia e Genetus? Dirão e Girão; Dobeira e Goveira ou Goveiras; Dueça e Gueço; Doide ou Doíde, Goido, Guide e Guido; Donde e Gonde; Dordelinho e Gorlinho?; Drave a Grave; Fundão, Fundedo e Fundego; Ladedo ou Lagedo; Lameda e Lamega; Lamedo e Lamego?

Loredo, Lorido, Louredo, Lourido, Louridos e Lorigo por Lorido? Nodal e Nodar por Nugal, contracção de Nogueiral, como Nodel por Nodal; Pedredo ou Pedrego; Tourido e Tourigo por Tourido, povoações nossas.

Somma e segue:

Gelmires, patronimico de Gelmirus, i, Gelmiro, o mesmo talvez que Delmirus — Delmiro, nome d'um santo, bem

como Delmira, etc. Temos tambem Deltrude ou Deltrudes, santa, o mesmo talvez que Gertrudes. Lenda e lenga-lenga por lenda-lenda?, narração monotona, enfadonha. O snr. Candido de Figueiredo menciona lenga-lenga, mas nada diz da sua etymologia.

Moenda e Moenga; Parlenda, parlenga e perlenga, fórma popular de parlenga; Pudendas (partes) e pudengas, fórma popular.

D e G por D

Gandulpho e Gangulpho, nomes de santos. [1] Confronte-se Lamarigo por lamarido, o mesmo que lamaredo, lamacento; Lamega e Lamego o mesmo que Lameda e Lamedo. A Hespanha tem Lamego e Lamedo, aldeias, da lama, como Lamareda, Lamarigo, Lamarosa, Mamarosa por Lamarosa, Lamosa, etc.

D, G e L

Cadorno ou Codorno, Calorno e Cogorno, appellidos; Dordelinho e Lordellinho; Quintandona por quintalona, quinta grande?

D, G, L e N

Confronte se Portadeiros, Portaleiro e Portaneiros, povoações nossas, de portageiro, cobrador dos direiros de portagem.

Ferradeira por Ferrageira. Confronte-se Ferrageiro, quinta.

Do, Go e Jo

Ferradosa por Ferrajosa, contracção de ferruginosa.

Filhagosa por folhagosa, o mesmo que Folhadosa, povoação nossa tambem.

D e L

Confundiram-se mesmo iniciaes. A substituição de *l* e *d* já vem do tempo dos romanos, que de pecus, ŭdis fizeram pe-

---

[1] Veja-se o meu *Diccionario d'Appellidos.*

culium por pecudium! Veja-se Peculio em Figueiredo. Tambem de pecus, udis, fizeram pecunia. Confronte-se o latim *peculiosus* e *pecuniosus* — que tem grande peculio, endinheirado, rico. — Em uma doação d'El-rei D. Affonso Casto figura D. Vidulfo, Conde Pando. *Vidulfo* era nome germanico, talvez fórma de Vilulfo ou Wilialfus, i, unde Guilhufe?! povoação nossa.

Tambem o *Livro Fidei* menciona em diversas escripturas, especialmente em uma do anno 1065 — um monte do Minho a que dá os nomes de Tedeiras e Telleiras. — Tedeiras é, pois, uma fórma de Telleiras. Confronte-se tambem Aleste, antigo nome do rio Deste, que banha a cidade de Braga.

Argote, vol. 3.º — 306, 307 e 309, diz:

«Item, Domnus Giraldus criou filo Joanne Vadasci.» — Doc. a 1258.

Vadasci por Valasci, repete-se differentes vezes nas *Inquir.* do dicto anno.

«Item, Dominicus Petri criou filio de *Johanne Vadasci.*» — «Item Johannes Martiniz criou fila de Johannes Vadasci.» Loc. cit.

Confronte-se tambem Vermúlus por Vermudus?, nas mesmas *Inquirições*, differentes vezes.

Adejar por Alejar, do latim *ala* — a aza; Calorno por Cadorno; dacryma, antiga fórma de lacrima, lagrima. Magnum Lexicon; [1] Dadim e Lalim; Daffões por Dafões e Lafões; Dama e Lama? 2 aldeias; Damas e Lamas? Deilão, Deirão ou Leirão, e Leirão ou Deirão; Deimãos por Dimãos, Limãos e Limões.

Leixar por deixar; Deolinda e Leolinda; Desdeixado e desleixado; Dobeira e Lobeira; Dobreira e Lobreira, quasi Lobeira; Dobrigo e Lobrigos, plural de Lobrigo; Dordelinho e Lordellinho, povoação nossa, diminutivo de Lordello.

Doroso por Loroso; Confronte-se Lorosos, Louroso e Lourosa, povoações nossas; — Douro Calvo, — revéla um nome pessoal, que podia ser Lauro ou Louro Calvo!... Douro e Louro? Duro e Luro, etc, povoações nossas; Heziodo, Egidio e Gil, de Egilii por Egidii.

Nalga, corrupção de nadega; Odivellas e Olivellas, de Olivella, oliveirinha; Peculiar por Pecudiar, de pecus, udis — gado? que já no latim deu *peculium* por *pecudium.*

---

[1] Tambem temos Sobral, Sobralinho e Sobradinho por Sobralinho.

Regadeira e Regaleira, são talvez fórmas do mesmo nome, porque de e le confundiram-se e substituiram-se. Confronte-se Penajudeia e Penajulia por Penajuleia, antigos nomes da minha Penajoia.

Reluto e Reduto são povoações nossas e fórmas do mesmo nome.

Segodím e Segolim, de Seccalim por Seccalino? Confronte-se Secalina povoação nossa, bem como Sequinique e Sequito, etc. Tambem temos Seculinho por Secalinho, o mesmo que Seccalino? Asseca, Secarias, Sequieira, Sequeira, Esgueira por Sequeira, Escalhão por Secalhão, etc., etc. povoações nossas.

D e L e L por D na Hespanha

Confronte-se Caliz, fórma vulgar e popular de Cadiz, cidade da Andaluzia, anteriormente Gades.

Dizem ser nome fenicio, dado pelos Fenicios, seus fundadores, significando valladar contra a furia do mar e dos inimigos.

Confronte-se o hebraico *gadez*, — muro, sebe, fim, extremidade, e o caldeu *gadiz*, coisa magnifica, engrandecida, coisa cerrada, murada, acabada, como diz Covarrubias.

Note-se que o arabe, fenicio e caldeu são deturpações do hebraico.

Em antigo castelhano diziam melecina, melecinamiento e melecinar por medicina, medicamento e medicar.

— Valdez e Covarrubias.

D, L e N

— Lucidia, Lucilia e Lucinia; Lucidio* Lucilio* e Lucinio*; Luciliana e Luciniana; Luciliano* e Luciniano*; Lucilla*, Lucina* e Lucinda*, nomes pessoaes e quasi todos nomes de santos [1]

D e M

— Cotimos, de Cotidus ou Cottidus; Cotido ou Cottido, antigo nome dum santo, etc. — V. o meu *Diccionario d'Appellidos.*

---

[1] São nomes de santos todos os que vão indicados com o asterisco *.

D e N

— Cadaveira, Cadaveiras e Cadaveiro, por Canaveias ou Canaveiras ou Canameiras, e Canameiro ou Canaveiro. Tambem temos Cadavaes, Canavaes e Cannaviaes, Cadaval e Cannavial?... Mas Cadavae, Cadavaes, Cadaval Cadavoso, etc., podem vir do hespanhol cadava, certa planta; Dulcidia e Dulcinia, Dulcidio e Dulcinio. São nomes pessoaes. Junte-se tambem pecunia por pecudia, de pecus, ŭdis, como diz Figueiredo.

D e P

Duciclos por Pociculos, pócinhos, diminutivo de pôço, como Pocico, Poceco, Possacos, Bussaco por Possaco, Possolos, etc., povoações nossas.

D e R e vice-versa

A substituição do r e d já vem do tempo dos romanos. Confronte-se pecus, coris e pecus, cudis — gado — no latim de Cicero?! [1] Açodar, apressar, antigamente açorar, como diz Figueiredo no *Supplemento* — Ciradelha por Cidadelha? — Veja-se Cidadelhe.

Jardo, Jardoeira, Jardos e Jardosa, por Jarro, Jarroeira, Jarros e Jarrosa — de jarro, planta. — Confronte-se Charoeira por Charroeira, o mesmo que Jardoeira e Jarroeira, Sarreira e Sarroeira. Tambem Jardoeira póde ser uma fórma de Sardoeira ou vice-versa.

Pórfido, pórfiro ou porphyro; Porfidito e porfirito ou prophyrito, são nomes communs, mencionados pelo snr. Candido de Figueiredo.

D e S

Dissedse por dissesse.

Carta de Tavora, concelho de Taboaço, com data de 26-11-1905.

---

[1] *Magnum Lexicon.*

D e S ou Z

Nagosa, Nagosella, Nagosello e Nagodinho por Nagosinho? povoações nossas.

D e T

Centiaes, Centiães e Sendiães por Centiães, o mesmo que Centiaes. — Confronte-se Sande e Sante, na Hespanha e entre nós Centieira, Sentieira e Sendieira; Chedemiam e Getemião por Zé Damião; Sandinies e Santenys por Sandiniz, na Hespanha. — Val de Soudo por Val de Souto, o mesmo que Val do Souto, povoação nossa tambem; Vital e Vidal, nomes pessoaes e nomes de Santos, tirados do latim *vitalis*, que dá, sustenta e conserva a vida; Drave e Trave, povoações nossas.

D e V

Casal Dasco e Casal Vasco, povoações nossas; Escreder por escrever, provincianismo de Riodades; eordegildo test, por Leovegildo test.

Vimaranis Mon. 24, 2.ª doc. a. 1:009.

Padesada, o mesmo que pavesada.— Hercul. — Hist. 1.º — 389 — padesadas, e Figueiredo, *Supplemento*.

Padiola o mesmo que paviola;

Paraviso por Paradiso,—portuguez antigo, hoje Paraiso. — Veja-se Paraiso em Viterbo. — Raiva, freguezia de Raida, Santa? — Rebalvia e Rebaldia. — Confronte-se Rebaldio, povoação nossa. — Santos Evos, por Santos Ivos e Santos Idos; Violinda por Deolinda, nomes pessoaes.

Veja-se o meu *Diccionario d'Appellidos*.

Da e Va

Cf. Valle do latim *vallis*, e este do sanscrito *dal*, *valle*. *Guillou*, 140, vb. Taulé.

D e Z

Gulodice e Gulosice; *Medentius*, ant. latim, por *Mezentius*.

Magnum Lexicon vb. Z.

Da e Fa

Ameijoafa, Ameijoafia e Ameixoafra por Ameixoada? pov. nossas.

Da e Ga

Artida e Artiga, anteriormente Zahara, segunda esposa de D. Ramiro II, de Leão. *Tentativa Etymologica*, parte 1.ª, pagina 383.

D preposição e prefixo assimilado, o mesmo que A de...

Demenderes. — E' talvez o mesmo que Demendes por De Mendes. Cf. Mendo, Villa Mendo, Mendes e Mendiz (Val de Mendiz) pov. nossas. Cf. tb. Daires, Daldas, Dalva, Dalvares, Damonde, Danaia, Danço, Daporta, Dardão, Darnella, Daroaes, Daroal, Daroana, Daroeira, Daroeiras, Degodana por Degodina, Degoiva, Deirão, Delhalva, por Del Alva.

Delouca, Demó, Demotta, Dessourinho, etc. pov. nossas, em cujos nomes a preposição *de* se incorporou. Debroa e Brôa; Destriz e Estriz; Diagares e Agares; Dirão por Deirão e Eirão; Discorreias por Das Correias. Cf. Da Correia.

Dobeira por Lobeira; Dobreira por Dobeira; Dobrigo. V. Lobrigo e Brigo, aldeia. Doganda e Ogando? n. pess.; Dolves de Adolphis? Dônegas. De Onega, ant. n. pess. Doroana, Doroanna e Douroanna, de Ouroana, ant. n. pess. Doroeira. V. Daroeira, Doroso por Daroso. V. Arosa, contracção de Arenosa; Dragas. V. Bragas?

Dueça por Do Eça. V. Eça e Deça; Dume e Dumes, do latim *Dumus*, i, o espinheiro, que deu dumetum, o espinhal, unde talvez Medo por Dumedo, pov. nossas.

Da Do Du e Ga Go Gu, por da do du

no antigo portuguez.

São frequentes nos prazos estas locuções: — campa tanjuda e campa tanjuga por campainha tangida; e quando havia interdicto: malho tanjudo, malho tanjugo e malho batudo por malho batido. Elucidario, vb. Batudo. — Note-se tb. a substituição de *u* por *i*.

De e Re

Alferradede e Alferrarede, povoações nossas do concelho d'Abrantes.

Dé por Té e Di por Ti

Casal d'Ello por Casal Dello e Casal Tello, casal do Tello.— Sendiães por Sentiães e este por Centiaes, povoações nossas; Sendieira por Centieira, povoações nossas tambem.

Do Go e Jo por Go

Ferradosa por Ferragosa ou Ferrajosa; em castelhano sôa ferragosa; Folhadosa e Filhagosa, por Folhagosa o mesmo que Folhadosa; Regaendo e Regaengo em Viterbo, o mesmo que Regalengo e Reguengo.

E — caprichoso

Recarei, de Recaredus, i, — Recarêdo, nome d'um rei gôdo, etc., o mesmo que Ricardus, i, Ricardo, — de Rikard, nome germanico, em francez Richard. — Ricardus < Ricarédus < Ricarédus, i < Recarêdo < Recarei. — Confronte-se Carabalho por Carvalho — outra epenthese!...

E e em

Painçage por Painçagem.
Veja-se *e* e *em* no topico *Desinencias*.

E e J

Cisto e Sisto, o mesmo que Sixto, Xirto, Xisto e Xistro, povoações nossas, que tomaram o nome de Sexto, antigo nome pessoal, e este de *sextus* — sexto, adjectivo numeral romano.—Sexto, Sixto e Xisto, foram santos.

Edanha e Idanha; Egreja e Igreja; Emprôa e Impronas, plural de Improna, quasi Imprôa; Encados e Incados; Enviande por Enviando e Inviando; Enxamêa e Inxamêa; Enxidro e Inxidro; Enxuldro, Enxudro e Inxudro.

Ermigil e Irmigil, de Hermenegildo; Loindreiro por Loendreiro; Lomite por Limite; Marcineiro por Marceneiro; Monte de Velarinho por Villarinho; Monte dos Algravéos por Algarvios.

Recaredo e Recarei de Rickaridus, Rickaredi? Segarral de Cigarral. Confronte-se Cigarrinha e Cigarrosa, povoações nossas tambem; Sequeiros, Esqueiros e Isqueiros por Esqueiros, metathese de Sequeiros!... etc., povoações nossas.

E e O

Confundiram-se na latinidade ferrea.

Já em latim se encontram as fórmas *versus* e *vorsus*, *versoria* e *vorsoria*; *verto* e *vorto*; *Vertumnus* e *Vortumnus*, como se lê no *Magnum Lexicon*.

Arrojello por Arroiello, o mesmo que Arrayollo por Arroiollo; Barrete e Barrote, povoações nossas; Beiranita e Boiranita. — Tambem temos Boirana por Beirana, o mesmo que Beirôa, feminino de Beirão.

Beliago, appellido e Boliago, aldeia. — Bojorreira e Bezerreira. Note-se que *ja*, *je*, *ji*, *jo*, *ju*, deram *za*, *ze*, *zi*, *zo*, *zu*. — Campezinhos e Camposinhos; Cobrada e Cobradinha por Quebrada e Quebradinha.

Ervedal, Ervededo, Ervedeira, Ervedeiro, Ervedinho, Ervedosa, Ervedoso, etc. — de ervedo por ervodo, medronheiro, Ervedeiro, Ervideiro e Orbideiro?!... são o mesmo que medronheiro. Esmeriz, Esmoriz e Esmorins por Esmoriz, como Cabriz e Cabrins por Cabriz, Sanfins por S. Fiz, de S. Feliz, o mesmo que S. Felix. Confronte-se S. Felix, povoação nossa, Sanfix e Sanfiz, varias povoações da Hespanha. Confronte-se tambem Sinfães, metathese de Sanfins.

Junte-se Mouris, Mouriz, Mourens e Mourins, povoações nossas.

Feitos e Foitos; Fentella e Fontella; Fermentãos e Formentãos; Fermentellos e Formentellos; Ferrenha e Ferronha; Guerredoura por Gorredoura e este por Corredoura.

Lagueza por Lagosa, unde Nagosa; Lamoso e Lamesinhos por Lamosinhos; Lavegada, Levegada e Lobegada por Lobagada? Confronte-se Lobagueira, Lobata, Lobeira, etc., Lobata e Lobato são talvez contracções de Lobagata e Lobagato!...

Ledões e Lodões; Limede por Limedo; Marcelino e Marcolino, diminutivo de Marcus, Marco; Meloal, Molual e Peloal; Moinhella e Moinhola.

Murço, Murçogueira, quinta, de Morcegueira, abundante em morcêgos; Murtede por Murtedo; Orbideiro por Ervideiro; Ortezedo por Ortozedo. Cf. Ortozello; Orvida e Orvieira por Orvideira, o mesmo que Ervideira. V. Orbideiro, supra.

Pedregal e Pedrogal; Perfia, Porfia e Porfias; Prometor por Promotor; Quintella e Quintola; Reboleiro e Roboleiro.

Reboreda e Roboreda; Reboredo e Roboredo; Reçaio e Roçaio; Rechoso e Rochoso; Sangemil e S. Jomil; Santecinhos e Santosinhos; Seixezello e Seixoso; Seromenha, Seromenho, Serominhão, Serominheiro, etc. dos soromenhos, pereiras bravas, como Sederma, Sidesma, Siderma, Juromenha, etc,

E e U

Gentios e Juntíos? etc. pov. nossas.

Ee por Ei

Maria Migueez por Maria Migueis.
Doc. da Collegiada de Guimarães a. 1352.

Ei e I

Almeida, Almeidinha e Almidinha por Almeidinha; Casaleixo por Casalixo, dim. de casal, como Cazalzote, Casalito, Casanito por Casalito, Casalorio, Casalinho e Casainho por Casalinho. Esteira Manteus e Estira Manteus; Feijó e Fijô; Feijoeira e Fixoeira por Fijoeira; Feitos e Fitos; Geira e Gira.

Guadeixe por Gadixe, actualmente Guedixe, nome d'um sitio que ha na minha Penajoia, sitio hoje deserto, mas que outr'ora foi cidade, como diz a tradição local.

O foral de D. Affonso Henriques e o de D. Manuel, dados á dita Penajoia, mencionam o tal sitio com o nome de Guadeixe, por Gadixe, este por Gadixo e este por Gadinho. Era, pois, Gadiche a cidade do Gadinho. O foral de D. Manoel, de 1514, menciona Guadeixe com 7 casaes [1].

---

[1] V. Penajoia nos indices da 1.ª e 2.ª partes d'esta minha louca *Tentativa*.

Leira e Lira; Leiria e Liria; Meira e Mira; Paires por Peires e Pires; Queires e Quires; Queiroga e Quiroga; Teira e Tira etc., povoações nossas.

Ei e Oi

Estiboiral por Estiveiral. Cf. Esteveira, Estiveira, Estiveirinha, Esteval por Esteveiral e Estiboiral por Estiveiral. A bussola é o ouvido!...

Ei Oi e Ou

Apeadeiro e apeadoiro ou apeadouro; Avelleira, Avelleiras e Abeloiras por Avelloiras ou Avellouras, o mesmo que Avelleiras; Despenhadeiro e despenhadouro? Estiboiral por estiveiral.

Feitos e Foitos; Refonteira e Refontoura; Seccadeira e seccadoiro ou seccadoûro; Valleira e Valloura, o mesmo que Valloira e Valleira; Valleiro e Baloiro por Valloiro ou Vallouro, o mesmo que Valleiro; Venidero em cast., vindouro em port. Junte-se finalmente: Milheiro e Milhouro, pov. nossas.

EL e ER

Cf. Mello, villa, outr'ora Merlo por Melro.

Note-se que o pelourinho da villa de Mello, na serra da Estrella, tem por emblema um melro sobre um pinheiro, como eu já vi.

Tambem temos Xavier e Zaviel por Xavier (?) povoações nossas, e em bom portuguez aluguel e aluguer, o mesmo que aluguel.

EM e IM

Agostem por Agostim, povoação nossa. Tambem se encontra em Magostim por Bagustim, de Iben Agustini, povoação do aro de Lamego. Alpoem e Alpoim; Alvem e Alvim; Cartem e Cartim; Catem por Gatem e Gatim; Dadim e Daem por Dadem? como Dem por Daem!...

Lagarem e Lagarinho; Lebrem e Lebrinho; Mem Mar-

tins; Mimvaqueiro por Mem Vaqueiro[1] e Mim Velho por Mem Velho.

Metem por Metim e este por Metelim, unde Medelim e Medim; Morelim e Morem por Morim; Ourem por Ourim? Ousarem; Penozem por Perozem de Perozim por Perozinho, como Penuzinhos por Perozinhos.

Pernigem de penugem? ou penuge, como Valdigem por Valdige, Valduje por Val d'Ujo; Pexem por Pexim, de Peixinho; V. Pexins por Peixinhos; Pintem e Pintim por Pintinho ou Pintainho, e Pintens por Pintins.

Porem por Porim e este por Porrim, o mesmo que Porrinho; Roem ou Ruim; Rozem, de Rozende?... Confronte-se Mem de Mende ou Mendo, e Memende de Mem Mendo; Tourem e Tourim de Taurinus, i, Taurino, antigo nome pessoal e nome d'um santo, diminutivo de Taurus, Touro[2].

EM, IM e UM

Medim, Metem por Metim e Metum por Medim ou Metim, contracção de Medelim por Metellim, povoações nossas.

F, B, U e V

Confronte-se Aurego, que em documentos antigos designava o quadrante sul, porque se lia avrêgo, o mesmo que abrêgo por africo o mesmo que africano ou do lado da Africa.

«Outra casa pequena... Do agiom (lia-se aguiom por aguião, o mesmo que aquilão, do latim *aquilo, onis,* norte) parte com o muro; e da travesia (o mesmo que travecia e travessia, lado poente) com a rrua que vay pera o postigo; e do ssoão (leste ou nascente, lado do sol ou solano) com adro da Igreja e do aurego (cá está elle) com gil vasques genrro do loução.»

Tombo da villa de Penella nas *Noticias de Penella*, por Delfim José d'Oliveira, pag. 13.

Soão é o mesmo que solão ou solano, do lado do sol ou do nascente.

---

1 Mem e Mim são contracções de Mendo.
2 Veja-se o meu *Diccionario d'Appellidos.*

F por B ou V e vice-versa mesmo iniciaes

Vide B, V e F, supra.

Alfobre, Alfofre e Alforre; Baldreu, Faldreu, Fraldeu e Valdreu. De Wilderedus, i? V. Aldarete, Aldrete e Aldreu. Baleira, Valeira, Valeirinhas e Valeiro

Farginhas de Varginhas, dim. de Vargea ou Varzea. Cf. Varchinhas, Varginha; Varzinha e Varzinhas. Farginhas é uma pov. visinha de Castro Dayre. Faldigens e Valdigem.

Faleira, Faleirinha, Faleiro e Faleiros; Valleira, Valleiras, Valleirinhos e Valleiro; Fareja e Vareja; Farjella e Varjellas; Feijó e Beijós; Feijoca, Beijocas e Feijouca por Beijoca o mesmo que Feijoca; Fofinho, Bofinho e Bufinhos.

Foia e Boia; Foreira e Boreira; Forneira e Borneiras; Forno e Borno; Francos e Brancos; Franqueira e Branqueira; Frazão e Brazão; Frazões e Brazões; Frazumeira e Crazumeira, port. popul. da Beira, muitas brazas.

Framão e Bramão, appellido, e Bramanfão! Freme e Bremes; Fretos e Bretos; Friellas e Briellas; Frio e Brio; Fulão e Bolão; Furnaria e Bornaria; Forniço por Fornico e Burnico; Valla e Falla; Vallagueira e Falagueira? etc., pov. nossas.

F e G

Atafona e Atagona por Atafona? Cochafonis e Cochagonis por Cochagões, grandes coches? V. Alcochete no indice da primeira parte desta minha louca *Tentativa*.

F e P iniciaes

Os neo-celtas de Galles, trocam por vezes *f* por *p* e dizem v. g. fil por pil — dardo, lança. — *Guillou*, 122. Fação e Paçam por Pação; Fadeira e Padeira; Faião e Paião; Faleira e Paleira; Falla e Palla; Falorca e Palorca, aldeia do districto de Bragança e da minha Penajoia.

Fardo e Pardo; Fataca, Fatacos, Pataca, Patacas, Patacos e Patacões; Fatella e Patellas, plural de Patella; Fatinho e Patinho; Fato e Pato; Favões e Pavões; Fecho e Pechos; Feixeiras e Peixeiras; Feliteira e Peliteira.

Fermedo e Premedellos por Permedellos — Fermedellos? mas Fermedo, como dizemos n'outra parte, é talvez uma fór-

ma de sermedo, contracção de Seromedo por soromedo, soromenhedo, bosque de soromenhos. V. Salmanha.

Fermentellos, Fermontellos, Formentellos e Permontello, singular de Permontellos, o mesmo que Fermentellos e Fermontellos, supra, povoações nossas, como Frumento, que tomaram o nome do latim *frumentum, i,* — pão em grão: trigo, cevada e milho, etc. V. Pernão Pote na minha louca *Tentativa Etymologica*, parte II, pag. 31.

Confronte-se tambem Ferrães e Perrães; Fernão Bacho, Fernão Calvo, Fernão Gil, Fernão Pires, Fernão Porco e Pernão Pote por Fernão Pote; Ferra e Perra; Ferradal, Ferral e Perral; Ferro e Perro, aldeias; Fiães e Piães; Fião e Pião, 4 aldeias, 2 casaes, etc.

Ficalho e Picalhos, plural de Picalho; Figoeira e Pigoeira?!... Figueiral e Piqueiral; Fiolhoso e Piolhosa, feminino de Piolhoso; Fixoeira e Pixoira por Pixoeira ou Feijoeira, povoações nossas tambem; Focilgal, Possijal, que já se leu Possigal e Possilgaes, plural de Possilgal?!... Tambem temos Possilgão e Possilgões. A etymologia é a mesma de Pocilga, Pocilgo e Pocilgão, vocabulos portuguezes tirados do latim *porcile* e este de *porcus* — como diz o snr. Figueiredo.

Foejo e Poejo, planta, do latim *pulegium*. Fója e Poja; Fojaco, Fujaco, Fujacos; Pujalho e Pujalhos por Pujaco e Pujacos? — Folhelho e Pulhelho; Folforinho e Polvarinho, por Polvorinho; Fonte Gallega e Ponte Gallega, antigo nome d'uma quinta do Padilha, onde se fez a villa da Regoa.

Fonteira e Ponteira; Fortunho, Fortunhos e Portunhos; Foupana e Poupana; Foupaninha, Poupanita e Poupinha; Confronte-se tambem Choupana, Choupaninha e Choupanita.

Fragosa e Pragosa; Frechão, Frijão, Frijom e Prichã; Fregeira, Fregueira e Pregueira; Friães e Priannes; Frieira e Prieira; Fulão e Pulão; Ponches e Fonxe, singular de Fonxes; [1] Porcalho e Forcalhos, plural de Forcalho, etc., povoações nossas.

---

[1] Ponches vem de Pontiis, que se lê Ponciis, patronimico de Pontius — Poncio, nome romano de Poncio Pilatos e d'um santo, chamado Ponciano.

Por seu turno Pontianus deu Ponchão e talvez Ponsão, povoações nossas tambem.

De passagem direi que Pontius e Pontianus, nomes romanos e no-

F e S

Facaes por Favacaes e Sacaes, bella quinta do Porto! Faial e Saial; Faião e Saião; Fail e Sahil; Faimaes, Faimas e Sahimes, Saima e Saime; Farafão, Sarafana, Safardão e Safardana.

Farminhão por Sarminhão. Confronte-se Saraminheira, Seraminheiro, Seromenha, Seromenho, etc. dos soromenhos [2]; Famão e Samão; Famões e Samões; Favaqueira e Sabacheira; Favaxa e Sabacho; Faveira e Sabeira; Faveiro e Sabeiro.

Feixeiras e Seixeiras; Fermedo e Sederma por Sermeda, o mesmo que Sermedo e Fermedo? Fermino e Sermino; Ferrado, Serrada e Cerrado; Ferraz e Serrazes; Ferreira e Serreira; Ferrel e Serreleis; Ferrenho e Serrenho o mesmo que Serrano (Algarve); Ferrôa, Serôa e Serrôa; Ferrões e Serrões.

Fiadeira, fiadouro e Siadouro; Fialho e Sialho; Fiandal e Sianda; Fião e Sião; Figoeira e Sigoeira! Fois e Sois; Folgos e Solgos! Folha e Solha; fonda e Sonda; Fornea e Sorna, etc. povoações nossas.

F e T

Fainha e Tainha; Falé e Thalé; Fareja e Tareja; Faroja ou Faroia e Faroija por Taroia; Farrio e Tarrio; Farropa e Tarouba por Tarroba? Fartaria e Tartaria; Fazoura e Tesoura.

Favacal e Favaqueira, Tavacal e Tavagueira; Tavarede por Favarede ou Favaredo; Tavarella por Favarella? Favella por Favarella e Tavarella?

Feixegueira e Teixugueira; Feixeiras e Teixeiras; Fejos

---

mes de santos, etc., foram tirados de Pontus, *i* — o Pontò, nome que os romanos davam ao Mar Negro.

Poncio e Ponciano querem, pois, dizer: — filhos ou oriundos da região do Mar Negro on do Ponto.

Com vista ao meu bom primo — Ponciano Luiz dos Santos, de Adorigo, concelho de Taboaço.

[2] V. Ledesma, Salmães, Sederma, Sedesma, Siderma e Soromenhos, supra, pag. 229 e seguintes.

e Tejos; Fellões ou Follões, Tellões ou Tolões? Ferra e Terra; Ferronha e Terronha; Ferrão, Terrão e Torrão? Ferrenho e Terrenho; Ferrugem e Terrugem!

Fetelaria ou Tetelaria! Fixoeira por Feixoeira (feijoeira) e Teixoeira; fonda, Tonda, Tondella e Tondellinha; Foia, Foja e Toja; Foios, Fojos e Tojos ou Fojos. Fontão e Tontão; Fontello e Tontello! Fontinha e Tontinha; Fontinhal ou Tontinhal! — Fontinhosa, Tontosa, Tontousa e Toutosa.

Forneira e Torneira; Forneiro e Torneiro; Forneiros e Torneiros; Forno e Torno; Foro e Toro; Fragusta e Tragusta; France e Trance ou France; Francelheira e Trancelheira! Franqueira e Tranqueira; Freixedo e Treixedo, o mesmo que Freixedo; Froia e Troia, etc., povoações nossas.

F e V

Gafino por Gavino e este por Gavinho, unde Gabim. Gavim, Gobim e Gouvim? povoações nossas.

Fa, Ba e Va

Boucinhas, Boicinhas e Foicinhas; Falagueira e Vallagueira; Faldigens e Valdigens; Faldreu, Fraldeu e Valdreu; Faleira, Valleira e Baleira; Faleirinha e Valleirinha; Faleiro e Valleiro; Faleiros e Valleiros; Falla e Valla.

Falorca por Faloca, Baloca, Balouca, Balouta e Palorca?!... — Fariginhas por Farginhas e Varginhas; Farjella, Bargellas e Vargellas; Farrio, Barrio, Barrios e Barriosa, muitas povoações nossas; Farroeira e Barroeiras, plural de Barroeira; Fascaim por Fiscaim, o mesmo que Fiscainho e Biscainho, povoações nossas. Fofinho, Bofinho e Bufinho.

FA, FE, FO, FU e GA, GE, GO, GU

Facha e Gacha; Faia e Gaia; Faião e Gaião; Faias e Gaias; Falé e Galé; Falla e Galla; Farraia e Garraia; Farrobo [1] e Garrobo; Fatella e Gatella.

---

[1] Talvez de farropo ou farroupo — porco ainda novo que não tem mais de um anno. Confronte-se Leitão, appellido nobre tambem.

Fens e Gens; Feria e Geria; Fermil e Germil; Ferros e Guerros; Foes e Goes; Fofe e Gove; Fontão, Gondão e Gontão; Fonte e Gonte; Fontinha e Gontinha; Frejufe e Grijufe?!... Frota e Grota; Fundaes e Gundaes; Fundão, Gundão e Guntão; Fundeiro, Gondeiro e Gundeiro, povoações nossas.

Fa e Pa

Fação e Paçam; Faceira e Passeiro, masculino de Passeira; Fadeira e Padeira; Faião e Paião; Faleira e Paleira; Falla e Palla; Falorca e Palorca; Fataca e Pataca; Fatacos e Patacos; Fatella e Patellas; Fatinho e Patinho; Fato e Pato; Favões e Pavões, etc. povoações nossas.

Fa e Ta

Fa deu ta no antigo portuguez, como já dissemos, e no gaulez, normando e celta ou neo-celta.

Hericher, verbo *Fang* — lôdo, lama, pag. 26 e 27, diz: *fang* é um dos vocabulos que se encontram simultaneamente nos idiomas celtas e germanicos e mesmo no latim (confronte-se *fimus* — esterco, lôdo, lama), e no armoricano *faneg* — lôdo. — *Que le mot (Fang) ait produit tangue, le sable des estuaires, c'est probable, quoique soit tres difficile de faire le passage de t à f.*

Depois diz: — Esta etymologia se acha confirmada em um documento relativo aos direitos *sur la tangue*, a jusante de *Saint Lo:*

«*Tangue estoit ce qu'ailleur appellent fange... icelle appelée tangue comme estant par fange.*»

Littré não remonta este vocabulo além do seculo XV, mas elle é muito mais antigo: *excepta tanga* — diz um documento do anno 1192, e *in tangaria mea* — outro documento do anno de 1198.

O francez *tanguer* e *tangage* se diz dos navios que mergulham a prôa na agua e no lôdo, *dans la fange.*

«Na Terra Nova os normandos dão o nome de *tangon* a uma cruz de madeira que serve d'ancora, litteralmente *qui tangue, i. é*, que se enterra na areia.»

Fa e Ta. Fe e Te na onomastica portugueza

Fagilde e Tagilde de Atanagildus, i, como Athaide, Tainde, Thaide, Cagide, Cahide, etc., povoações nossas.

Faião e Tayão; Faias e Taias; Falé e Thalé; Favacal e Tavacal; Favagueira e Tavaqueira, quasi Tavagueira; Tavarede por favarede ou favaredo?; Favarrel por Favarel e Tavarella por Favarella?

Junte-se: — Falla e Talla; Falleira e Talleira; Fareja e Tareja, antiga fórma de Thereza: Farrio e Tarrio; Farroeira e Tarroeiro, masculino de Tarroeira; Fartaria e Tartaria, povoações nossas.

Feira e Teira; Feixe e Teixe; Feixegueira por Feixugueira? e Teixugueira que tomou o nome dos teixugos, gatos bravos.

Feixeiras e Teixeiras; Fejo e Tejo; Fejos e Tejos; Fellões ou Folliões (*sic*) e Tellões, Tenões ou Tollões (*sic*)?!...

Feras e Tera, singular de Teras; Ferra e Terra; Ferrado e Terrado; Ferrão e Terrão; Ferras e Terras; Ferreirinho e Terreirinho; Ferreiro e Terreiro; Ferreiros e Terreiros; Ferrenho e Terrenho; Ferrões e Terrões; Ferronha e Terronha?!. .

Junte-se ainda: — Festos e Testos ou Fustos (sic); Fetelaria ou Tetelaria e Tetelaria ou Fetelaria (sic), povoações nossas, todas mencionadas na *Chorographia Moderna*, de João M. Baptista, e que são um bello especimen da onomastica portugueza comparada.

Este filão é muito interessante para o estudo etymologico das nossas povoações, pois, como já dissemos, grande numero d'ellas já vem da idade media, do tempo em que, por falta de luz, todos andavam a jogar a cabra-cega. A um e o mesmo vocabulo por vezes davam diversas fórmas, e taes fórmas deram a muitos nomes das nossos povoações, que mal se acredita serem os mesmos. — Prosigamos.

FA, BA e VA

Alfafar por Alfafal, e este por Alfaval, o faval; Bufalo, do latim *bubalus* — bufalo, boi silvestre. Faldigens e Faldijaes por Faldijães.

São talvez fórmas de Valdigens, plural de Valdigem, mas Valdigem vem de Valdige, o mesmo que Valduge e Valdujo por Valle do Ujo, povoações nossas tambem.

Faldreu, Baldreu, Valdreu, e Fraldeu por Faldreu?!...

Faleira, Baleira e Valleira; Faleiro e Valleiro; Falla e Valla; Falorca, Palorca e Baloca por Valloca? Faquinhas e Vaquinhas.

Farginhas ou Fariginhas por Varzinhas ou Varginhas; Farjella por Varjella. Cf. Barge, Bargellas, Barges, Bargina por Barginha, Barigellas, Barja, — Varga, Vargas, Varge, Vargellas, Vargem, Varginha, Vargiota, Varizellas, Varzea, Varzeas, Varziella, Varziellas, Varziellinha, Varzigueto, Varzina, Varzinha, Varziellas, povoações nossas.

Jenovefa e Genoveva, dois nomes da mesma santa. — Jafa, vulgo Java, porto de mar da Palestina. — Nafarros por Navarros? Olafo * e Olavo, nomes pessoaes e nomes de santos, etc.

Fe e Pe

Cf. Permontello, Fermentellos, Fermontellos, Formentellos e Frumento, povoações nossas, cujos nomes foram tirados do latim *frumentum, i* — pão em grão.

Fe, Be e Ve

Alféloas por Alvéloas. — Cf. Alveola, povoação nossa, que tomou o nome de alvéola, ave.

Felino e Bellino, nome d'um santo, e Avelino, tambem santo.

Fermil, Bermil e Vermil, povoações nossas.

Fi e Pi

Ficalho e Picalhos, plural de Picalho? — Figoeira e Pigoeira?!... por Figoeira, o mesmo que Figueira. — Cf. Teixoeira e Teixeira; Figueiral e Piqueiral, povoações nossas.

Fi e Vi

Fiscainho, Biscainha, Biscainho, o mesmo que Viscainha e Viscainho. Tambem temos Fiscal, que podia dar Fiscainho por Fiscalinho; Gafino, Gabim e Gavim por Gavino.

Fo e Po ou Pho e Po

Já no latim puro se escrevia Bosphorus, Bosporus e Bosporos, para designar o Bosphoro. — Focilgal, Possijal, Possilgaes, Possilgão e Possilgões, Foejo por Poejo; Foio e Foios, Poio e Poios; Foja e Poja; Fonxe e Ponches, de Pontius, ii, iis.

Fôrca e Pórca; Forcalhos e Porcalho, singular de Porcalhos; Fôrcas e Pórcas; Foupana e Foupaninha por Poupana e Poupaninha? — Cf. Poupa, Poupana, Poupanita e Poupinha, povoações nossas. Cf. tambem Fortunhos, e Portunhos por Fortinhos ou Portinhos; Foão, Fulão e Pulão, etc., povoações nossas.

Fo e To

Fontão e Tontão; Fontella e Tondella?; Fontello ou Tontello e Tontello ou Fontello (sic); Fontinha e Tontinha; Fontinhal ou Tontinhal e Tontinhal ou Fontinhal (sic.); Forrejal e Torrejaes por Forrejaes?; Foucinhos e Toucinhos, etc., povoações nossas.

Fo e Vo

Olafo e Olavo nomes de santos, etc., fórmas de *Olaf*, nome actual (1908) na Suecia, etc,, Trevo de *trifollium*, que tem 3 folhas.

G — cahindo

«Devemos desconfiar do *g*. E' uma letra caprichosa e banal, que serve de liame euphonico entre duas vogaes, quando ellas se pronunciam separadamente, mas desapparece quando ellas tomam o som unico de dithongo. Assim *Braoïl* de *Bragogil*, etc.» isto disse *Houzé* com relação á França, e o mesmo se dá com relação a Portugal, v. g. de Pelagio, Paio; de *Pelagianus*, Pelagião, Paião? ruido de rugido? etc. «*La lettre g est sujette aux chutes.*» *Houzé*, 37 e 40.

Ba, Ga e Va. Bu e Gu. Vi e Gui.

Balazar e Galazar, de *Belisarius*, *ii*, povoações nossas;

Balbana e Galvana; Balisa e Galliza? Baltar, Galtar e Gualtar [1]; Banal, Ganal e Canal; Banduja e Ganducha?

Barcia, appellido e Garcia, aldeia, appellido, etc.

Bardeira e Guardeira por Gardeira; Barrado e Garrado; Barrido e Garrido, mas Barrido é talvez uma fórma de Barrêdo.— Barrogueira por Barrojeira e Garrocheira por Garrojeira? Barrunchos e Garrunchos; Bastos e Gastos; Batas e Gatas; Bocha e Bouxa; Goija, Goixe, Goja e Gouxa.

Bocho, Gocho e Gouxo; Bodeal e Godeal ou Bodeal; Bodim e Boim, Godim e Guim; Boia e Goia; Boleta e Goleta; Boino e Boinos; Goio e Goios por Goino e Goinos? Borbella, Gorvella!... e Gorvellos. Cf. Corba, Corva, Corvel e Corvella!...

Borda e Gorda; Bordinheira e Gordinheira; Bordôa e Gordôa; Borraz e Garraz, antigo nome d'um sitio de Tavora, pertencente ao velho passal. Cairão por Gairão e Vairão [2] Gueral e Veral; Guerres e Verres, nome ou cognome romano.

Guidão e Vidão; Guide e Vide; Guilla e Villa; Guilhão, Vilhano e Vilhões; Guilheiro e Vilheiro; Guilhade e Vilhades [3]; Guindaes e Guindas, do castelhano guinda, ginja' que talvez désse Vinda, aldeia nossa.

Guissoi de Visoi [4], antigo nome pesssoal. Guihe por Gulho e Bulho; Gulpilhares e Gulpilheira — de vulpis — raposa.

Galgodins, de Val de Godins. Confronte-se Val de Go-

---

[1] V. pag. 56, supra.

[2] De Valerianus, nome romano.

[3] Guimarães, de Vimaranis, patronimico de Vimaranus, i, is, nome germanico, e Guimarei de Vimaredus, i, antigo nome pessoal tambem.

[4] Visoi foi nome vulgar nos seculos X e XI, como provam varios documentos, de todo o ponto authenticos, mencionados no *Portugaliae monumenta historica*.

Veja-se o meu longo artigo *Viseu* no *Portugal Antigo e Moderno*, vol. XII, pag. 1715, col 2.ª

Aproveitando o ensejo, ahi vai outra etymologia de Viseu e que é talvez a mais acceitavel.

Viseu póde ser contracção de Basilêu, o mesmo que Basilio, nome d'um santo, etc. — O mesmo Basilêu tambem deu Vaseu, antigo nome pessoal, que pouco differe de Viseu e na minha opinião Vasèu, Basilio e Basilêu tomaram o nome de Basilia, antiga cidade da Allemanha, hoje pertencent á Suissa, com o nome de Bale.

Ainda direi que Visoi deu Guisoi e no diapasão leonez Guiçoi ou Guissoi!... — E' assim a arte nova — e rira bien qui rira le dernier.

dinho, povoação nossa. Galgueira, Gallegueira e Valgueira; Galvôa e Valbôa; Gariz e Variz; Gasco e Vasco e Gasconha por Vasconha, paiz dos Bascos ou Vascos, no baixo latim *Vasconia;* Gasconha e Vasconha, etc., povoações nossas.

G e L

Ganfei. — Confronte-se *Lamphey*, povoação da Inglaterra, no principado de Galles.

Nós temos gaiva, provincianismo duriense—fenda aberta na terra, e laiva, prov. dur. — ferida na cabeça?!...

Confronte-se Larção e Garção? Leira e Geira? Lenço e Genço? Lesteiro e Gesteiro ou Giesteiro; Lestido e Gestido!...

Liboso e Giboso; Lira e Gira; Lirio e Girio; Liz e Giz; Lodão e Godão; Loio e Goio; Loios e Goios; Loivo e Goivo? Loivos e Goivos? Loja e Goja, etc., povoações nossas.

G e M

Confundiram-se e substituiram-se já no velho grego, como em *marmarisô* e *gargarisô*.

Vide Margarida, Margaride, Margarido, infra, e Margarite, em *Guillou*, pag. 119.

Gaia e Maia; Gaios e Maios; Gairos e Mairos; Galgueira, Malagueira, Valgueira e Vallagueira; Galla e Mala, aldeias; Galmeira e Malveira? Gandim e Mandim!...

Ganhoteira e Minhoteira; Garim e Marim; Gariz e Mariz; Garnel e Marnel; Garrão e Marrão; Garvão e Marvão?

Geadas e Meadas; Gelhe e Melhe? Gera e Mera; Gigua e Migoas; Goia e Moia; Goios e Moios; Golães e Molães?

Gondão e Mondão; Gondariz — casal nosso — e Mondariz — bello estabelecimento thermal da Galliza. Gondim e Mondim; Gontão e Montão; Gontijo e Montijo; Gontim e Montim; Gontinho e Montinho; Gontinhos e Montinhos; Gorlinho e Morlinho!?...

Goulão e Moulões, plural de Moulão; Gouxaria e Mouxaria? Gulato e Mulato?... etc., povoações nossas. Margarida — santa, Margaride — villa, e Margarido — appellido.

«O verbo grego *marmarizô* significa *brilhar*, unde o latim *marmor* — *marmore*. Este verbo pronunciava-se indifferentemente *marmarizô* e *gargarizô;* as duas fórmas se reuni-

ram para fazer *margarite* — brilhante, subentendendo-se o vocabulo *pedra.*

«Este genero de vocabulos denomina-se *onomatopêa. Populus* — povo, é onomatopêa de *numero; papillon* — borboleta, é onomatopêa de *movimento; marmarizô* é onomatopêa de *brilho*, em francez *éclat.*» — *Guillou,* pag. 119.

Margarida, Margaride e Margarido veem, pois, do grego *margaritès* — brilhante (pedra) — e este de *marmarizô*, o mesmo que *gargarizô* — brilhar.

Figueiredo diz que margarida ou *margarita* — pérola, pedra preciosa, — vem do latim *margarita*, este do grego *margaritès*, e este provavelmente do persa *mervarid?!*...

G e Z

Aprigio e Aprizio; Beringel e Berinzel; Bojorreira por Bezerreira; Brigida por Brizida; Eduviges e Edwizes; Ginzo o mesmo que Ginjo, povoações nossas, como Ginja, Ginjal, Gingeiro, Quinjeira e Quinjeirinha por Gingeira e Ginjeirinha. Confronte-se tb. Guindaes, Guindas, Guinde e Guindo, povoações nossas que tomaram o nome do castelhano guinda, ginja.

Juzarte e Zuzarte, appellidos e povoações; quigéras e quigéste por quizeras e quizeste, (diz o povo); rapazão, vulgo rapagão; Sargedo e Sarzedo, povoações nossas. Tojal e Tuzar, aldeia. Urge e Urze; Urjal e Urzal, povoações nossas; Varge, Vargea e Varja por Varzea (diz o povo).

Ga, go, gu e ja jo ju

Lagos e Lajos por Lagos? Laija e Laiga por Laija? o mesmo que Lage ou Lagea, povoações nossas.

Ga e Gua

Baltar, Galtar e Gualtar por Baltar e este por Walter?! Cardal, Gardal e Guardal por Gardal e este por Cardal; Cardaes, Gardaes e Guardaes por Gardaes e este por Cardaes; Cardeira, Guardeira por Gardeira e este por Cardeira.

Galdim, appellido; Galdins e Gualdim por Galdim, este

por Gualdino e este por Ubaldino, diminutivo de Ubaldus — Ubaldo, nome d'um santo, de Wild ou Wald, nome germanico?!... Trigal e Trigual, são tambem povoações nossas.

Ga Ja e lha

Camajam por Camagão e Camalhão; Bodegão e Bodelhão; Bolegão e Borbelegão, Bolhão e Borbolhão; Boucega por Bouxega e este por Boucega, o mesmo que Boucelha; Romagom, o mesmo que Ramagom e Ramalhão, etc., povoações nossas.

Ga e Va

Galazar, Balazar e Val de Azares de *Belisarius*, ii, Belisario, nome d'um santo, etc., ou de Balthazar, tambem santo. Galgodins de Valgodins.

Confronte-se Val de Godinho, povoação nossa.

Galhufe de Viliulphi por Wiliulphi de Wiliulphus, i, que deu Guilhufe, povoação nossa tambem; Galifanxe, de Walifonsi o mesmo que Wilifonsi por Ildefonsi!

Galtar de Walter, como Gualter, Gualtar e Baltar; Gariz, de Variz e este de Viaríz por Viariquiz [1]; varlopa e garlopa. — Candido de Figueiredo, no *Supplemento*.

Gê e Guê

Borguete, Burgo, Burgueta, Burguete, Burgueto e Burgete por Burguete; Burgueiros e Burgeiros ou Burgeieiros; Correginha por Correguinha. V. Corguinha; Gavei, de Gavedi por Gafeti, de Japheti, como Cafede, Bem-que-fede, Chafé e Caféo, povoações nossas.

Gera e Guera; Gelhe por Gelho e Guelho. Confronte-se Guemil, Sangemil e S. Gemil; Gueral, freguezia de Geral, nome d'um santo, etc. o mesmo que General, tambem santo; ou de Geral por Giral, de Geraldo por Gerardo, o mesmo que Giraldo, unde Giral Paes, povoação nossa, etc.

---

[1] Patronimico, de *Viaricus*, nome germanico.

Gé, Gué e Qué, Gi e Gui

Farragelinha ou Farraquelinha, de Farragem como Ferragial; Gaga, Gago e Gagim por Gaguim ou Gaguinho? V. Orgueira, Orijal, Urgal, Urgeira, Urgezes, Urgueira, Urjal, Urjariça, Urzal e Urzalão. Junte-se Ulgueira e Cabeça da Urqueira, o mesmo que Urgeira e Urgueira, etc., povoações nossas.

Ge, Gue e Ze

Sabuzedo por Sabuguedo, contracção de Sabugueiredo, como Sabugo é contracção de Sabugueiro; Sabugal — de Sabugueiral, e Sabugosa — de Sabugueirosa.

Sargedo e Sarzedo, são tambem povoações nossas.

Ge e Se

Cf. Gestal e Sestal; Gestosa e Sestosa; Giesta, o mesmo que Gesta e Sesta; Sestaes por Gestaes, plural de Gestal, etc., povoações nossas.

Ge e Xe

Rogel e Roxel, são tambem povoações nossas.

Ge e Ze

Beringel e Brinzel por Beringel; Chorozeira e Corujeira; Finges e Finzes, etc., povoações nossas.

Gi Gui e Qui

Cf. o antigo hespanhol *gitar*, que se lia *guitar*, unde o portuguez *quitar*, tirar, deitar fóra.

«...que todas las ditas gentes armadas sean gitadas de Çaragoça...»

Doc. do a. 1410.

A versão hespanhola posterior é:

«...que echasse fuera de la ciudad de Çaragoça las gentes armadas...»

Cf. Ginja, Ginjal por Ginjeiral; Ginjeiro e Ginzo por

Ginjo, povoações nossas. — Tambem temos Guindaes por Ginjaes, do castelhano *guinda* — ginja, que deu tambem Guindas, Guinde e Guindo, povoações nossas. — Ginjeira e Quinjeira por Guinjeira?— Quinjeirinha, diminutivo de Quinjeira, etc., são povoações nossas tambem.

Gi Gy e Gui

Cf. gissa e gyssa, portuguez antigo, actualmente guisa, — maneira, modo.

Archivo da Collegiada de Guimarães, doc. do a. 1373.

Gi e Zi

Cf. Astroluzia por Astrologia, portuguez popular. — Cf. Remigio e Remizio, nomes de santos, etc., e Val de Remigio, povoação nossa.

Cf. tambem Ermigio e Hermigio, nomes pessoaes e appellidos e Hermogio, nome d'um santo.— Hermogio é talvez o mesmo que Hermigio, Ermigio, Remigio e Remizio?!...

As meias tintas confundem e a minha lente d'arte nova, forjada por mim a martelo, está a pedir outra melhor e mais aperfeiçoada.

Go e Iho

A Hespanha tem Pontejos, que se lê Pontegos, entre nós Pontelhos; Pontigo, entre nós pontilho; Pontigon, entre nós Pontilhão; Berdejo que se lê Berdego, quasi Verdego, unde Verdelho e Verdego, povoações nossas.

Gu e Vu

Na Hespanha antigamente escrevia-se *gu* por *vu*.

«Que la magestad del Emperador Carlos Quinto, seguiendo el consejo del Rey don Fernando su Aguelo...» Aguelo, por abuelo, avô. — Doc. do a. 1520. — Gulpilhares e Gulpilheira, do latim *vulpis* — raposa.

Gue por Vé

Prouguer por prouver e este por aprouver. — Doc. d'Arouca de 1205,

Gue e Ze

Sabuzedo por Sabuguedo.

Gui e Qui

Guimaterra e Quimaterra ou Queimateirra; Guimbra e Coimbra; Guinchães e Quinchães, de Quintianis, patronimico de Quintianus, nome romano; Guinchoso, Quinchosinho e Quinchousos; Quinjeira de Guinjeira por Ginjeira; Quinjeirinha de Guinjeirinha por Ginjeirinha, etc. povoações nossas.

Gui e Vi

Guilherme e Guilhermina do allemão Wilhelm e Wilhelmine [1]; Guimarães de Vimaranus, Vimarani, Vimaranis; Guissoi de Vizoi?!... antigo nome pessoal, ut supra.

I — caprichoso

Alvaiazere por Alva Azere; Buinhosa e Bunhosa; Olmos e Olimos!... Orijal e Orjal, o mesmo que Urgal, Urjal e Urzal, unde Urzalão, etc. povoações nossas.

I e Ai

Cabrinha e Cabrainha; Tambem temos Fetos, Fieitos, Fentos, Fitos e Faitos, do latim *filix*, féto e *filictum* ou *filicetum* — fetal, feital, o mesmo que Felgar, Felgueira, Felgueiras, Folgosa, Folgoso, Folgosinho, Folgarosa, Feiteira, Feitosa, etc.

Fontinha e Fontainha; Estevainha por Estevinha? Pires e Paires? Quires e Caires; Sinde e Sainde; Sino Saimão por signo Samão e este por Salomão? Viamonte, appellido, e Vaiamonte. Tambem temos Vide Monte, aldeia e freguezia.

---

[1] V. *Guillaume* em *Boucrand*.

I por Ei e Ei por I

Cf. Almeida, Almeidinha e Almidinha; Barbeita e Barbeitas de barbita e barbitas? — Cide, Side e Seide; Cidões e Seidões; Dirão e Deirão.

Einez Gonçalves por Ignez Gonçalves.

Doc. da Collegiada de Guimarães, da era 1350, — *Revista de Guimarães*, vol. 22, n.º 1. — Janeiro de 1907, pag. 9.

Estira Manteus e Esteira Manteus; Fijó e Feijó; Fitos e feitos, ou fieitos; Fixoeira por Fijoeira e Feijoeira; Meão (o povo diz mião) e Meião; Mira e Meira?

Pias e Peias; Quires e Queires; Quiroga e Queiroga; Tira e Teira; Tires e Teire, singular de Teires; — Tive, quinta, e Teive, aldeia; Tapira por Toupira e Toupeira; — Torreilha por Torrelha, Torrilha ou Torrinha; Sirogato e Ceirogato, etc., povoações nossas.

I e J

Alcaria e Alcarja por Alcaria, povoações nossas; Aldeias e Aldeijas por Aldejas, antiga fórma de Aldeias.

I, J e Y

Tijosa, Tojosa e Toyosa por Tojosa, povoações nossas que tomaram o nome do tojo.

I, O e U

Congosta e Quingosta; Congostas e Quingostas; Fijacos, Fojaco, Fujaco e Fujacos; Filhadella e Folhadella; Filhagosa e Folhadosa por Folhagosa, como Ferradosa por Ferragosa; Guiães e Goães; Lourizella e Lourozella; diminutivo de Lourosa; Mintezello e Montosello; Nigueira e Nogueira, etc. povoações nossas.

I, O e Oi, U e Ui

I deu ui, como ai, ei e oi,

Fortuinhos por Fortinhos. V. Fortim por Fortinho e

Forte. V. tb. Fortunho e Fortunhos por Fortinho e Fortinhos!... Gramoinha e Graminha; Gumirães por Guimarães; Gundaes por Guindaes; Portunhos, Portinho e Portinos, quasi Portinhos, etc., povoações nossas.

I e U

Aguincheira, Aguincho, Aguncheiro e Agunchos por Aguincheiro e Aguinchos; Algeruz e Algeriz; Almuro por Al-Miro? Benevenuto, nome d'um santo e nome actual, de Benevenitus, Bemvindo, que deu Bemvindo e Bemvinda, tambem santos.

Bitarães e Butaraens por Butarães, de Victorianis; Brinheiro e Brunheiro; Brinhola por Brunhola? Caçapunho por Caçapinho. V. Caçapos, Cassapa e Cassapos, povoações nossas tambem.

Derribar, o mesmo que derrubar, é portuguez actual. Enxido e Enxudos; Enxidro, Enxudros e Enxuldro; Fijacos e Fujacos por Fojacos, pequenos fojos? V. Fojaco: Fortunho e Fortunhos por Fortinho e Fortinhos, o mesmo que Fortim e Fortuinhos, povoações nossas. Gainde, Guinde e Gunde, de Galindus, i, ant. nome pessoal? Tambem Guinde e Guindo podem vir de Gundesindus, i.

Gandim e Gandum? Gadunho por Gadinho; Garrido e Garrudo, appellidos, Gorducho por Gordicho, Gordinho. Confronte-se Lagartixo por Lagartinho; Guilhufe e Val de Galhufe por Val de Guilhufe: Gnimarães e Gumirães, pela graphia Gimarães, quando gi soava gui, como ge soava gué.

Guindaes e Gundaes, do castelhano guinda e guindales, ginja e ginjaes. Inxidro, Inxudreiro e Inxudro; Martinheira e Martunheira. Confronte-se Mortinhaes, Murtinhal, Murtinheira, Murtede e Murtosa, etc. da Murta em latim *myrtus*.

Portinhos e Portunhos, o mesmo que Portinhos. Confronte-se Porto, Portinho, Portinos, o mesmo que Portinhos, Portellinho, Portellinhos, Portozello, Portouro, de Portolo, Portolio ou Portorio, pequeno porto, etc., povoações nossas. Rebimbar (provincianismo) e rebombar ou rebumbar.

«Os criados e criadas hoje estão de rebimba o malho!» — dizia um meu velho sachristão de Miragaya (Porto), censurando os criados, como dizendo que mereciam grossa pancadaria!

Rebimba o malho, era o mesmo que rebombe ou rebumbe

o malho, allusão ás obras (muros ou casas) feitas sobre estacas, metidas a malho.

Rebombe ou rebumbe o malho, queria pois dizer: bata com força! faça rebombar o malho!

De bombo, termo onomastico.

Simodães por Samodães, no sec. 14. Çumadaes por Cimadaaes ou Cimadães — chãos que demoram no alto, no cimo ou cume d'uma encosta ou ladeira.

Tal é a posição de Samodães, freguezia do concelho de Lamego e titulo de Condado.

Soutilho, Soutinho e Soutulho por Soutilho; Themido e Themudo, appellidos. Valdigem por Valdige — de Valduge por Val d'Ujo. — Note-se que o povo diz Valdige e temos Valduge e Valdujo, povoações nossas tambem.

I e U por E

Penude, freguezia abundante em fragas e penedos. — De Penudo por Penido e este por Penedo. — Cf. Peneda, Penida, Monte da Penida e Penido, povoações nossas, como Azevedo e Azevido, Loureda, Lourede, Louredo, Louriçal, Louridal e Lourido; Carvalheda, Carvalhedo e Carvalhido; Roboreda, Roboredo e Robuido; o mesmo que Roborido, etc. Junte-se Cardal, Cardida e Cardido por Cardeda e Cardedo; Cabeda e Cabedo; Cabida e Cabido; Sobreda, Sobredo e Sobrido, etc., povoações nossas.

I e Ui

Rival e Ruival; Rivoz e Ruivoz.

I e Y

Aiala ou Ayala e Ayalla, appellidos — de Ahala, cognome da familia romana *Servilios* — *Diccionario Classico.* Arroio, Arroyo e Arrayolos por Arraiolos; Caiado e Cayado; Meira e Meyra.

Iço e Ido?

como aça deu ada.

Confronte-se Cortido por Cortiço; como Cortegaça por Cortegada e este por Cortiçada, que já se escreveu Corticada.

Ida, Ido, Iga, Igo

Confronte-se Cardeda, Cardida e Cardiga; Cardedo, Cardido e Cardigos, plural de Cardigo; Loureda, Lourido, Loridos, Loriga e Lorigo, povoações nossas. Tambem temos Pedreda, Pedrego Pedrido, que auctorisam as fórmas Pedredo e Pedrego, Pedrido e Pedrigo.

Ido por Ijo ou Igo

Montido e Montijo, povoações nossas, notando-se que Montijo veio da Hespanha, onde se lê Montigo. Tambem temos Tourigo e Tourido por Tourigo?

Il e Im

Vermoim, Vermoil, Vermil e talvez Fermil por Vermil; e Formil por Vermoil? De *Veremundinus*, *i*, diminutivo de *Veremundus*, *i*, que tambem deu Bermudo e Bermudes.

Im e Inho

Agostem por Agostim e Agostinho. Confronte-se Magostim; Alcoutim e Coutinho; Chaim, appelido [1], Larim e Larinho; Martim e Martinho; Picotim e Picotinho; Quatrim por Quartim? Confronte-se Quartínos; Rebolo e Rebolim, de rebolinho! Requim e Requina lembram réquinho e réquinha?!...

Samarím e Samarinho? Samorim e Samorinha; Sandim e Sandinho; Santar, Santarem por Santarim e Santarinho?!... Sarrazim, Serraquim por Serracim e Serraquinhos por sarracinos, sarracenos? Sendim e Sendinho; Senhorim e Senhorinha; Sepinho e Sepins por Sepinhos; Sezim e Sezinhos: Thomazim e Thomazinho; Thourim, Tourim e Tourinho; Trancoim por Trancosim e Trancosinho, etc. povoações nossas.

---

[1] Confronte-se Xaim e Xainho, povoações nossas.

Ins por Inhos

Pitins por Pitinhos, Pintainhos? Tambem temos Pintim, Pintem por Pintim e Pintens por Pintins, povoações nossas.

Is e Ins

Barrins e Barris, plural de Barril; Bezerrins! Confrontese Bezerral e Bizarril! Cabris e Cabrins; Esmorins e Esmoriz; Mouriz e Mourens por Mourins; Ruins de Ruiz; Rodrigues, como Roriz, contracção de Róderiquiz, patronim. de Rodericus, que deu tambem Roligo, povoação nossa.

J e Z

O povo diz Campo da Jezua em vez de Jejúa, o mesmo que Gigua, povoações nossas; Bojorreira por Bezerreira, *ut supra;* Java e Zava; Joio e Zoio, se é que Zoio não vem de Zoilo; Jorjaes e Zorzaes ou Zurzaes; Juzarte e Zuzarte; Tosar, Tozal e Tuzar por Tojal?!... Urjal e Urzal, etc., povoações nossas.

Ja, Cha e Xa

Javier na Hespanha. Xavier e Zaviel em Portugal. Tambem temos: Chaim e Xaim, Chainça e Xainça, Chainha e Xainha, Chainho e Xainho, Chambôa e Chambona, Charnaes e Xarnaes, Chasqueira e Xasqueira, Gerez e Xerez, povoações nossas. O povo tambem diz — deijar por deixar.

Ja e Ga

Tugal por Tojal, etc., povoações nossas.

Ja e Lha

Camajam, Camalhão e Camalhões; Caneja e Canelha; Carvajal, appellido, e Carvalhal, Majapão por Malha pão; Majôa e Malhôa? Olalhas de Olajas, actualmente Olaias; Quejas e Quelhas; Zambujal e Zambulhal, povoações nossas.

Jé e Che ou Xe

Peijes e Peixes, etc., povoações nossas.

Je e Gue

Tugueira por Tojeira, povoações nossas. Confronte-se Tugal por Tojal, supra.

Jé e Zé

Chorozeira por Corujeira; Mojes e Mozes, etc., povoações nossas.

Jo e Go

Brejos e Bregos; Togo por Tojo, etc., povoações nossas.

Jo e Xo

Ameijoafra e Ameixoafra, povoações nossas, como Ameijoafa por ameixoada?

Jo e Zo

Confronte-se Joel e Zoel, santos, etc.

Ju e Gu

Jobim e Gubim, de Jubinos, i, Jubino, nome dum santo, etc. Jubina nome de mulher.

Ju e Zu

Jurzaes e Zurzaes, o mesmo que Jorjaes, Orjaes e Urjaes!... Juzarte e Zuzarte, etc., povoações nossas.

L — cahindo

Adito e aido? Borrainho por Borralinho e este por Barralinho. Confronte-se Borral por Barral; Cardal, Cardalinho e Cardainho! Carregainho e Carregalinho; Casal de S. Juyaão por S. Julião.

Documento da Collegiada de Guimarães da era 1350.

Casalinho, Casalinhos, Casainho e Casainhos por Casalinho e Casalinhos, povoações nossas; Certainha por Cercainha, de Cercalinha, diminutivo de Cercal, carvalhal? Cervainhos por Sorvainhos, de Sorvalinhos. Confronte-se Sorval.

Nabainhos por Nabalinhos; Novalinho e Novainho; Pardainhos por Pardalinhos; Silvella e Sivella; Sobradinho, Sobralinho e Sobrainho; Solidão e soidão (ant.); Troviscainho por Troviscalinho, etc., povoações nossas.

L e M

L e *m* iniciaes tambem por vezes se substituiram como *l* e *n*. Confronte-se Lamarosa e Mamarosa. Desatrelar e desatremar por desatrelar, pois *l* e *m* confundiram-se e substituiram-se.

O snr. Candido de Figueiredo vb. desatremar — perder o tino, desarvorar, desviar-se do bom caminho, diz: — «é uma expressão popularissima cuja origem desconheço. O sentido liga-se ao de desatrelar, mas duvido do parentesco dos dois vocabulos.»

O parentesco, na minha opinião, é a identidade, apenas com a trivial substituição de *l* por *m*, como já dissemos.

O mesmo senhor no *Supplemento* dá atremar por atermar — de termo — e desatremar como vindo de des + atremar. Prosigamos.

Ladroeira, Madroeira, Madroneira e Medronheira, dos medronhos; Ladrugães, Madruga Nova, Madruga Velha e Madruguinha; Lembrar de membrar e este do latim *memorare*, como diz Figueiredo, ou antes do toscano *membrare* — lembrar-se. No toscano ha tambem *memoranza* — memoria, lembrança. — V. *Las Casas* [1].

Lucio e Luciano, Mucio Muciano, nomes de santos, etc.

L, M e N

Confronte-se Landim, Mandim e Nandim de Landelinus, i, nome d'um santo. A Hespanha tem Mandim e Nandim

---

[1] Veja-se tambem o topico *Diapasão Toscano*, na primeira parte d'esta minha louca *Tentativa*, paginas 45 a 57.

(na Gallisa), mas não tem Landim. Confronte-se tambem ril, rim e rins do latim *ren, enis*, e no plural renes, unde o portuguez rilada em vez de rinada?!... Junte-se Loura, Moura e Noura, etc., povoações nossas.

L e N iniciaes

Já vem do tempo dos romanos.

Aldeia de Nacomba por La Comba — a Comba ou pomba. Confronte-se Laboucinho por Laboucinha? Laeira, por La Eira, Lacerda, por La Cerda; Labrunhal por L'Abrunhal? ou Lo Abrunhal? Casal da Nabôa ou d'Anna Bôa, talvez de Dona Bôa?!...

Eleutherio, santo, e Leutel, appellido, Neoterio ou Neuterio e Neutel, santos, etc. o mesmo talvez que Luthero. Labão e Nabão, rio; Labnco, appellído, e Nabuco.

Laceira, Laceiras, Laceiros e Naceiros; Laços por Naços, o mesmo que naças? Confronte-se Lamprieira, Pesqueira, Peixe, Peixe Cerne, Peixeira, Peixeiro, Peixinhos, Peixota, Pexoto, Peixotos, Bacalhau e Bacalhôa.

Lagido por Lagêdo e Nazido por Nagido e Lagido? Lamorello ou Namorello e Namosello ou Lamosello; Landim e Nandim; Landufe e Nandufe; Laranja, Laranjeira e Laranjo; na Hespanha —Naranja, Naranxeira e Naranjo, varias povoações.

Lavios por Navios, nos concelhos da Povoa, Espozende, etc. Leão e Neão, santos, Lebrijo e Nebrijo, appellidos. Lebução, aldeia, de Nepociano, santo; Leiva e Neiva, appellidos. Lello e Nello; Léo, aldeia, e Néo, santo e casal.

Leodegarius (Lodegero?) e Neodegarius. «En tercer lugar sucedio — S. Neodegario, monge professo d'esta casa,... O bispo de la ciudad de Augusta...» Yepes, 3.º — 236, 2.ª

Leonisia e Leonisio, appellidos e nomes pessoaes — Neonisia, nome d'uma santa, e Neonisio, appellido; Leopoldo e Neopoldo, santos; Leveda, fórma pop. de neveda; Liceia, talvez de Niceia; Licha e Nicha; Lisga por Lisca e Nisca: Livel e Nivel, do latim *libella;* Livelar e Nivelar.

Ló e Nó, appellidos, Lobazes, plural de Lobaz e Novaz; Lobelhe e Novelhe; Lobios na Hespanha e entre nós Loivos e Novios por Lobios — Loivos?

Lodão, Lodeiro, Lodeiros e Nodeirinhos por Lodeirinhos, nomes tirados do lôdo ou dos lódos. Confronte-se Lo-

deiro, sitio da minha Penajulia com duas quintas, na margem esquerda do Douro, mesmo em frente das Caldas do Molledo, e note-se que na minha Penajoia houve muitos e grandes lodãos ou lódos!... Eu ainda vi alguns.

Note-se tambem que no sitio do Lodoeiro não ha lódo.

Lodar (Lodares) e Nodar; Lomão e Numão; lomear, fórma popular de nomear; Loronha e Noronha, appellidos; Lorvão e Norbanus; Luval por Lobal e aliquando Noval por Lobal? Luzellos e Nuzellos, povoações nossas; Lympha — agua — e Nympha deusa das aguas: membrar, hoje lembrar; Nacomba de Anna Comba ou de La Comba ou de D. Comba? Nagalho ou negalho, do aragonez ligallo (lê-se ligalho), liga, atilho, cordel, negalho!...

Do mesmo ligallo póde vir lagalhé — pessoa insignificante, jagodes, badameco, bisborria.

Ligallo < lagalho < lagalhé, — uma semelhança de nagalho ou nagalhinho pôdre e pequeno, sem valor algum. Covarrubias, vb. Mesta.

Nagodinho por Nagosinho, Nagosela e Nagosa por Lagosinho, Lagosa, Lagosella e Lagoso? Confronte-se Lago, Lagôa, Lagoaça, Lagoaceiro, Lagoços, Lagoeiro, Lagoella, Lagoiços, etc. Nagosa, Nagosella e Nagosello, de Lagosa, Lagosella e Lagosello.

Nebrijo por Lebrijo o mesmo que Lebrinho, povoação nossa; Nevogilde e Novegilde de Leovigilde; Nobancha por Lobancha — loba grande, ancha; mas Nobancha por Nobancho póde vir de Noval ancho.

Nodar e Lodares plural de Lodar; Nodeirinhos por Lodeirinhos. Confronte-se Lodeiro e Lodeiros; Norbana, Norbano e Lorvão por Norvão [1]? Nordello (por Lordello), pequena povoação entre Queluz e Bemfica, no aro de Lisboa. Noronha, appellido e aldeia, de Loroña, povoação da Hespanha em Huesca, como Loroño, na Viscaia.

A Hespanha não tem povoação alguma denominada Noroña (Noronha). Noura por Loura e este por Loureira. Confronte-se Loureira, Loureiro e Louro, povoações nossas; Novato, Novata e Lobata?...

---

[1] Mas Lorvão póde vir de *laurus-vanus* — loureiro vão, ôco, já carcomido.

L e N mediaes

Alcolena por Alcalena e Alcanena; Aloques da Biquinha no Porto, por anoques. De anoque, vasilha ou tanque para curtir couros. Note-se que os Aloques da Biquinha eram restos de cortumes, como provam o Largo dos Pelames e a rua dos Pelames, pouco distantes dos taes Aloques.

Avellal e Avenal; Avelleda e Aveneda; Bononia e Bolonha, cidade da Italia, etc. Cabril, Cabris e Cabrins por Cabrils, fórma de Cabris, na Hespanha; Casalito e Casanito; Fraguil e Fraguins por Fraguis e Fraguils?

Monfalim e Monfanim; Taboleda, Taboleiros e Taboneira por Taboleira? Taboneira por Taboleira é o mesmo que Tabosa por tabulosa, e Taboeira do latim *tabula* — taboa unde Taboa e Tavora por Tabula, o mesmo que Taboa.

Tello, Tellões, Tenães e Tenões, de Tellus, Tello, antigo nome pessoal, como Toulões por Tolões e este por Tellões? povoações nossas; Virgilio e Virginio, nomes pessoaes, são talvez fórmas do mesmo nome, como Zilia e Zinia, nomes pessoaes tambem.

L e R

Abbade de S. Crimente por S. Clemente. — Doc. da Collegiada de Guimarães da era de 1388, (a 1350) — Alboritel por Arboritel? Alfarellos por Alfareros — oleiros; Almansor e Armaçor por Armançor? Avellar e Avellal; Alvellos e Arvellos.

Alvre e Arvore; Avenal e Aveneda por Avellal e Avelleda e estes por Avelleiral e Avelleireda; Azuleiral por Açoreiral; Bernaldo e Bernardo; Borrões (Olival dos) e Monte dos Bolrões; Burlateira por Borrateira ou Burrateira. Confronte-se Borrazeira, Bustello, Bustellos e Bustarenga. Junte-se Brácala por Brácara, no sec. 12.

...*sede sancte marie de bracala*...

Doc. n.º 74, do anno 1124, no *Vimaranis Monumenta*, parte 1.ª, pag. 74. Tambem na minha opinião tabula deu Tavora, como Bracara deu Bracala; Casalão e Casarão; Casimira, Casimiro, Casmillo, Creixomil Queixomar, Queixomil, Pasmal, Pasmil e Posmil?!... povoações nossas. De Casimirus, i, — Casimiro, nome d'um santo, etc.

Casimiro, em francez *Casimir*, vem do slavo e significa — homem celebre, ou senhor da casa. V. Boucrand.

Somma e segue: — Catalina por Catharina. — Doc. da Collegiada de Guimarães — sec. 14. — (Catalina Fofenso, ibi).

Já os classicos latinos escreviam Palilia e Parilia — festas da deusa Pales, deusa dos pastores. — Palilitium e Parilicium o sete estrello. — *Magnum Lexicon.*

Clina e crina; Coulella e Courella; Conlellas por Coulellas e Courellas, povoações nossas.

Escurquella, de Esculquella, diminutivo de esculca — atalaia; Fancaria e Fancalhia por Fancalia, o mesmo que Fancaria? .. Flariz, Frariz e Freiriz, de Fraderiquiz por Frederiquiz, patronimico de Fredericus, iqui, unde Fradique, appellido, etc., e Frique por Fradique, appellido nosso tambem. Fleirinhas por Freirinhas.

Fulmino por Firmino, nomes de santos; Geraldo e Gerardo; Golpilhares de Golpilhales, Golpilhaes; Pombares de Pombales, Pombaes. — Tambem temos al e ar, que podiam dar Golpilhal e Golpilhar, Pombal e Pombar, como Avellal e Avellar, Marmelal e Marmelar, Cebolal e Cebolar, etc., povoações nossas.

Tambem temos Casal e Casares por Casales — Casaes. Gorreta e Gulreta por Gurreta, povoações nossas; Lagôa de Rabarrabos e Lagôas de Rabarrabos por Lava Rabos. Confronte-se Lava Rabos, aldeia, e Rabarrabos, duas aldeias.

Mello, Merlo e Melro; Milleu por Mirleu, o mesmo que Milreu e Milrico por Melrico. — Dos melros. — V. Mello e confronte-se Milharico, Burnico por Burrico, Pocico, etc. Monte dos Bolrões por Borrões; Natalia, santa, e Nataria, aldeia.

Junte-se ainda: Peliquito e Periquito, appellidos actuaes; Pombares por Pombales — Pombaes; Portouro de Sangalhos, de Portolio de Sangalhos? Confronte-se Radoal por Ladoal e este por lodoal ou lodoeiral, como Ladoeiro e Lodoeiro, — dos lódos ou lodãos, arvores.

Raimundo e Laimundo, o bordão de Brito; Rameiro e Lameiro; Rosalia, vulgo Rosaria; Roligo e Rorigo, o mesmo que Rodrigo; Saldoura por Sardoura.

Solveira por Sorveira? — Das sôrvas. — Confronte-se Sorval, tres povoações nossas. Sirarelhos por Villarelhos? — Taboa e Tavora por Tabula; Vernaldo por Bernardo, como Bernaldo, etc., povoações nossas.

L e S[1]

Abbadim e Sabbadim por L'Abbadim, de Labbadim por Al-Abbadim? Almedina em Portugal, e na Hespanha, Salmedina (por Lalmedina?) na Hespanha; Laboriz, Lavariz, Lavoriz, Sabariz e Savariz?!

Lago e Sago; Lameira, Lameiras, Lameiro e Sameira, Sameiras, Sameiro? Laminho ou Saminho e Saminho; Landal e Sandel por Sandal? Landeiro e Sandeiro; Landim, Nandim e Sandim?

Lapa e Sapa; Lapaduços e Sapaduços por Lapaduços; Lapeira e Sapeira; Lapeiro e Sapeiros; Lapinha e Sapinha; Lardeira e Lerdeira — Cerdeira e Sardeiras, plural de Sardeira — das cerdeiras — Lardoeira, Sardoeira, Sardoira e Sardoura. — Dos sardões.

Tambem Lardeira póde ser contracção de Lardoeira, como Sardeira e Sardeiras podem ser contracção de Sardoeira e Sardoeiras, povoações nossas; Larjal ou Sarjal, Sargeal e Sarjal ou Larjal, Serigal e Serjal. De Laranjal e Cerejal, povoações nossas tiradas das laranjas e das cerejas.

Lavadouro, Levadouro e Sebadouro; Lavariz, Sabariz e Savariz. Junte-se ainda — Ledesma e Lederma (o povo tambem diz Sedesma). Ledões e Sedões; Ledouro, Sedoura, Sedouro e Sedouros; Leiros e Seiros.

Leixões por Seixões! Confronte-se Seição de Baixo, Seição de Cima e Seixão; Leixosa e Seixosa; Lemede, Semide e Semedo, appellido quasi Semede; Lemenhe e Semelhe, por Semenhe, pois *lh* e *nh* confundiram-se; Lente e Sente, appellido; Leomil, Solmil e Sumil, v. Lomar [1].

Lercas, aldeia, Cerca e Cercas; Lerdeira, Cerdeira e Serdeira; Leside e Sezite, de Le Sid? Lesteiro e Cesteiro, aldeias!... Lever e Sever; Libães por Libões e Cibões.

Lidadelha e Cidadelha; Linhaceiros, Linheiro e Cinheiros; Lizandro, nome grego, e Sizandro por Lizandro, rio de Torres Vedras, *ut alibi;* Lobreiro e Sobreiro; Lomar e Assumar de *Al* e Somar por Lomar, de Leodomirus, i, que deu Leomil e Loumar.

Lopo e Sopo? Loridos, Lourido e Chorido? Chorido é

---

[1] Este topico é aspero, mas talvez seja acceitavel! — *Fiat lux.*
[2] De *Leodomirus, i,* nome germanico.

fórma callaica de Sorido por Lorido ou Lourido, o mesmo que Louredo por Loureiredo. Loure e Soure; Lourinhos e Sourinho; Louro e Souro; Lousa e Sousa; Louseiro e Souzeiro? Lousella e Souzella [1].

Somma e segue: — Quinta da Leixada, aldeia, por Quinta da Seixada, o mesmo que Seixeda, povoação nossa tambem. Sabordella. Confronte-se Saportella na Hespanha, talvez fórma de Laportella, por La Portella, povoação da Hespanha tambem.

Note-se que a Hespanha tem 29 povoações denominadas Portella — todas na Galliza; fóra da Galliza tem Portella Portellada, Portiella, Portilla, Portillo, etc. Saportella está em Lerida bem como Laportella. Laportella encontra-se no meu *Diccionario geographico da Hespanha*, pag. 152, col. 2.ª

Sapaducos por Sapaduços? e este por Lapaduços — lapa d'ursos? Confronte-se Peraduça — pedra da ursa? Sarrabina por Larrabina e este por la ravina — a ravina? S. Colmado e S. Cosmado, etc., povoações nossas.

L e T iniciaes

Lagoeiro e Tagoeiro; Lourencinho e Tourencinho por Lourencinho?

Lh e Nh

Lha, lhe, lhi, lho, lhu, por nha, nhe, nhi, nho, nhu.

Assilhô, de Azinhó por Azinheirola, Azinheirinha. Confronte-se Azilheira, Azinheira e Azinheirinha, povoações nossas. Note-se que *lhe* e *nh* se confundiram e substituiram, como *l* e *n*. Confronte-se Avellal e Avenal, Avelleda e Aveneda, etc. Azelha e Azenha são fórmas do mesmo nome, como Azilheira e Azinheira.

Baganha e Bagalhinha por Baganhinha; Balhadouro e Banhadouro; Baralha e Baranha; Bicalho e Bicanho.

Bilhão, Bilhar por Bilhal, Biihó, etc., de Vinhão, Vinhal e Vinho... Calçadilha e Calçadinha, appellido portuguez; Carapilheira e Carapinheira, são fórmas do mesmo nome; Chapilhar, o mesmo que chapinhar, dialecto popular transmontano; Coelheiros e Coenheiros.

---

[1] Sousa, etc., tambem podem vir do baixo latim *saucia* — salgueiral.

Cortinho e Cortinhos por Cortilho e Cortilhos — Cortêlhos? Cuvinhó por Cuvilhó. Vide Covilhó; engalfilhado e engalfinhado; engalfilhar e engalfinhar; Fernandilho e Fernandinho, povoações nossas; Figurilha e figurinha; Fornilhos e Forninhos, povoações nossas. Godilho e Godinho, appellido; Ilha, Inha e Inha ou Ilha! Lilhares e Linhares.

Junte-se ainda — Juromenha; no seculo 16 — Juromelha, como se lê no *Livro das Fortalezas*, de Duarte d'Armas. Paralheira e Paranheiras (Villarinho das); Povoa da Polvinheira por Povoa da Polvilheira. Prulhal e Prulheira, são fórmas de prunhal e prunheira, do latim *prunus, i*, o abrunho. Confronte-se Brunhal e Brunheira, povoações nossas, aferese de Abrunhal e Abrunheira, povoações nossas tambem.

Rasquilha e Rasquinha; Selhariz, Senharei e Senhariz, de Seniorinus, i, is, que deu tambem Senhorim, Senhorinha e Cannas de Senhorim. Confronte-se tambem engalfilhado e engalfinhado, engalfinhar-se e engalfilhar-se, nomes communs portuguezes.

1.º — De...

Vide o *Novo Diccionario*, do Snr. Candido de Figueiredo.

2.º — Do antigo portuguez filhar, agarrar á força; engalfinhado e engalfinhar-se, véem, pois, de engalfilhado e engalfilhar-se.

Soutilha e Soutinha, Soutilho e Soutinho; Telheiros e Tenheiros; Vilha, casal, de Vinha, pois *lhe* e *nh* confundiram-se, como em Bilhó por Vinhó, Vilheiro e Vinheiro, Vilhelho por Vinhelho, Vilhões por Vinhões e este por Vinheirões, pl. de Vinheirão, aldeia nossa.

Junte-se finho por filho, como já ouvi dizer no Douro.

M — cahindo

Cuibranitos por Coimbranitos; Cuibrans por Coimbrans. Confronte-se Coimbra, Coimbrã, Coimbrães ou Coimbrões, Coimbrão, Coimbró, Coimbrões, etc., povoações nossas.

M por N e vice-versa

Confronte-se o latim botánico de Cicero e Tournefort, *nasturtium* o mastruço planta hortense. Alecrimes por Alecrines; Avellanoso e Vellamoso por Vellanoso, o mesmo que

Avellanoso [1]; Camoça e Canoça, appellidos; Cotáma por Cotana?

Confronte-se Coutana; Mandim e Nandim, de Landim! Mavandeira ou Alavandeira por Lavandeira? Mazes e Nazes; Mazo e Nazo (santuario transmontano da Senhora do Nazo).

Mogrão, Mogueira, Mogueirães, Mogueiras e Mogueirinha, das nogueiras; Moia e Noia, appellidos; Nazido de Mazido. Confronte-se Macido por Mazido, de Manzanido por Manzanedo. Confronte-se tambem Mazeda, feminino de Mazedo, rua, fonte e quinta de Lamego.

Nomede por Namede e este por Mamede.

«Emprazamento, em tres vidas, dos moinhos da freguezia de S. Nomede daldã... »

Documento da Collegiada de Guimarães do anno 1349, na *Revista de Guimarães*, vol. 23.º, pag. 15. A freguezia de S. Noméde daldã é hoje a freguezia de S. Mamede d'Aldão, concelho de Guimarães.

Val das Aremas por Val das Arenas — areias. Confronte-se Val de Areia, povoação nossa tambem.

M e P

Malheiro, Malheiros, Palheiro e Palheiros; Maral, Paral e Peral; Maranhão e Paranhão; Marréco e Parréco; Messagães por Messegães e Pecegães, Pecegueda, Prezegueda, por Pecegueda, Pesseguido por Peceguedo — pecegueiredo, etc.

Mortagua e Portagua; Portagide por Mortagide, Mortazide, Mortazede ou Murtazede, o mesmo que Murtede, povoação nossa, como tambem Murtal e Murtosa. Confronte-se Mortazel por Murtazal e este por Murtaçal — unde Murtal.

Somma e segue.

Maforinha, Mafra e Pafora? Mairos e Pairo; Marachão e Parachão; Meloal, Molual e Peloal por Meloal; Montal e Pontal; Montão e Pontão; Montega e Pontega; Monteira e Ponteira; Montesella e Pontisella; Montesello, Pontisellos e Monteserros por Montesellos?

Montido e Pontido! Montilhão e Pontilhão; Passadas por Maçada e Maçadas; Portagide por Murtagide, o mesmo que

---

[1] Avellanes, rio das Pedras Salgadas. E' uma fórma de Avelanes por Avellanas.

Murtazede e Murtede. Confronte-se Morgido por Mortagido, Portagide e Portagido; Ribeira dos Pelrinhos por Melrinhos? etc. povoações nossas.

M e T

Confronte-se o portuguez popular tarreca, tarreco, tarrequinha, tarrequinho — e marreca, marreco, marrequinha e marrequinho, unde Marécas, Maréco, Marécos e Marrécos, povoações nossas, e Marrecas, appellido nobre.

Junte-se: — Magide, Mangide, Tagilde e Tangil, de *Athanalgidus, i,* nome germanico pessoal, que deu tambem Ataide, Thaide e Cahide, povoações nossas.

Temos ainda — Maias e Taias; Malhada, Malhadas — Talhada e Talhadas; Malurdo e Talurdo?!... Mancos, aldeia, e Tancos, villa; Maré e Taré; Mariz e Tariz; Meira e Teira; Melles e Telles?!... Mello e Tello; Mellões e Tellões; Mera e Tera.

Junte-se: — Mó e Tho; moras e Thoras; Moulões e Toulões; Moura e Toura; Mourão e Tourão; Moural e Toural; Mouraria, Mouria e Touria por Touraria; Moure e Toure; Mourigo, touriga e Tourigo; Mouril e Touril: Mourim e Tourim; Mourinha e Tourinha; Mourinho e Tourinho; Mouriz e Touriz; Mourões e Tourões.

Ainda temos — Mujães e Tujães por Tujaes ou Tojaes; Mucifal e Turcifal por Tucifal, povoações nossas, talvez d'origem carthagineza!...

Confronte-se Annibal, Asdrubal, Setubal e Tentugal por Tentubal ou Tentuval, povoações nossas tambem, congéneres de Mucifal e Turcifal ou Tucifal.

M e V

Maldonados e Val do Nado por Maldonado, povoações nossas.

Má, mal e mau, toponimicos

Barrimau, de Barrio (Bairro ou barro) máu: Casal Mau; Castro Mau; Costa Má; Cova Má; Gandra Má; Lage Má; Lama Má; Macabrão por (Mau cabrão?); Macarra (por Má Cara?); Malafaia (por Mala faia?); Malas-casas.

Mal Caberão. Vide Malcabrão; Mal Cofarte por Mal que

farte! Mal Curado, Maldonado. Confronte-se Mafalda e Mafaldo por Malfadada? Mal dorme; Mal Enforcado; Mal Forno, por Mau forno?, Mal Gasto; Mal Joga e Mal Julgada.

Somma e segue:—Mal Julgado; Mal Lavado; Mal Medra; Mal Partida; Mal Partilha; Mal Pensa; Mal Penteada; Mal Penteado; Malpica; Mal Pique; Mal Talhada; Mal Talhado; Maltratado; Mal Vás por Mal Vaes ou Malvaes? Confronte-se Malvedo e Malvedos.

Malvisins?; Manariz por Mau Nariz?; Masinha, aldeia; Matamá e Matta Má; Mau Anno; Mau Frade e Mau Ladrão.

Junte-se ainda:—Mau Vinho; Maúcha por Má Ucha [1]; Mausinho, Mausinhos; Mavandeira por Má bandeira ou Má Vendeira?; Maviso por Mau-Viso?; Má Vontade; Outeiro Mau, Pedra Má—sitio—d'Arouca; Portimão o mesmo que Portimáo—Porto Máu? Confronte-se Barrimão e Barrimau [2]; Quinta Má; Rio Mau; Souto Mau; Terra Ruim, o mesmo que terra má; Triguinho Mau; Vista Má—herdade. Macarca.

1.º—De...

2.º—De Mácarcara.

V. Carcara e Carquere, povoações nossas. Confronte-se Macarra, Machoça, Machossas, Malagarta, Malaguarda, Malarranha, Malas-Caras. (Confronte-se Macarra por Má-Cara?); Mala Venda por Má Venda ou Venda Má.

Confronte-se Venda da Escarapella, Venda das Pulgas, etc., povoações nossas.

Mó e Pó

Morfeito e Perfeito.—O povo diz Porfeito

N—caindo

Cabeda e Cabedo, povoações, e Cabedo, appellido.

1.º—De...

2.º—De Canabedo e este de canabis—canhamo? Vide Cambiaço, Canavezes e Cavez, por Canavez, etc., povoações nossas.

---

[1] Confronte-se Ucha, Ucharia e Uchas, varias povoações nossas.

[2] Barrimão e Barrimáu, povoações nossas, tomaram talvez o nome de bairro ou barro mau, mas Portimão, segundo se lê na interessante *Monographia de Villa Nova de Portimão*, recentemente publicada pelo muito illustrado snr. José Gonçalves Vieira, prior aposentado da mesma villa, tomou o nome de *Portus Magnus*—porto grande, como foi outr'ora o de Portimão, hoje muito açoriado.

N — caprichoso

Abelenda, appellido, e Avelleda; Adegueiro e Adengueiro, povoações nossas; Alvora por Alvore ou Arvore — Alvorninha por Alvorinha? Antoinha por Antoninha? Confronte-se Antonicas e Antoninha, povoações nossas.

Aragões e Arangões; Aragonez e Aranguez; Badões e Bandões; Baginha e Banginha; Barris e Barrins!... plural de Barril por Barral, como Barraes!... Bezerrins por Bezerriz, plural de Bezerril. Confronte-se Bezerral e Bizarril por Bezerril o mesmo que Bezerral.

Brissos ou Brinços, Briço e Brinço. — De Brissus, nome d'um santo; Briche e Brinches; Briço e Brinço; Cacaborrada e Cancaborrada — asneira, disparate.

Cabril, Cabris e Cabrins! Cancinhôgo e Cancinhola, de Casinhoga e casinhola, no diapasão gallego cacinhoga e cacinhola; Catalão, Catellães e Cantellães? Chichorro e Chinchorro; Codeceira e Concedeira, por Cocedeira, metathese de Codeceira?

Corvaceira e Corvanceira [1]. Confronte-se o portuguez ribança que deu Ribança, aldeia, Ripança, ponto do Douro, e ribanceira, de riba e este de ripa — margem de rio, ribeiro ou ribeira [2].

Somma e segue: — Costançana por Costazana: Covide, Covido e Convido: Cucos e Cuncos; Cuqueira, Cuqueiro, Conqueira, Conqueiro e Cunqueiro! Demenderes, de Demetriis? Destriz e Gestrins por Gestriz, o mesmo que Destriz? Esmoriz e Esmorins; Fiadeira e Fiandeira; Fiadeiro e Fiandeiro.

Gazalho, Zagalho e Zangalho, Sangalhos por Zangalhos e este por Gazalhos; Labrengos e Labregos; Laçada e Lançada; Ladeira e Landeira; Ladeiro e Landeiro; Lagedo e Lagendo, Castedo e Castendo; Lavadeira e Lavandeira; Lavadeiro e Lavandeiro.

Junte-se ainda: — Macedo por Mazedo, de Manzedo por Manzanedo. Confronte-se Mazeda, sitio de Lamego; Maçores e Mansores; Magide e Mangide; Martigo e Martingo; Me-

---

[1] A etymologia de Corvaceira é côrvo, que deu Corveira e Corvaceira, como fogo deu fogueira e fogaceira, e lodo deu — lodeira e lodaceira.

deiros e Mendeiros; Medo e Mendo; Mide e Minde; Miguenzes e Minguezes.

Modellos e Mondellos; Mogueira e Mogueiras por Nogueiras!... Mujães plural de Mujão e Munjão; Pedral e Prendal? Picaros e Pincaros; Pintim, Pintens por Pintins; Pintem por Pintim e Pintins; Reganceira de Regaceira, o mesmo que Regadeira; Rodolphus, Rodulphus, Radulphus, Randolphus e Randulphus [1]. De Rogerius, ii, Rogel, Rogil, Rugel, Ragel (?) e Rangel?

P e P

Em algumas terras do concelho de S. Pedro do Sul dizem marte em vez de parte — substantivo feminino.

R e R

Abaneja por A Baneja, o mesmo que A Vareja. Confronte-se Vareja de Cima e Vareja de Baixo, povoações nossas; Anal e Aral, de Arenal? como Areal e Arenal, povoações nossas; Banreza por Bunrosa e este por Barrosa? Banrezes e Barrezes por Barrosos? Burnico por Burrico e Burrinho, povoações nossas; Cacheina por Cacheira? Cartarida por Cantarida; Cartemil por Cantemil e este por Candemil o mesmo que Candomil, Gondomil, Gontomil e Gondomar, de Guntimirus, i.

Correlhã de Corneliana; Correlho de Cornelio? Einó e Eiró; Elvira e Elvina; Elviro e Elvino; Estorrinheira por Estorninheira? Note-se que Estorrinheira pertence ao districto de Braga, o mais fresco do nosso paiz! Ethelvina e Etelvira, são talvez fórmas do mesmo nome.

Junte-se ainda Nabainhos por Nabalinhos e Rabainho; Nabal a Rabal: Pena e Pera — pedra, do latim *petra*, que deu Pera, como Petrus, i, Pedro, deu Pero e Peres.

Por seu turno Pera deu Pena pela trivial substituição de *r* e *n*.

Assim tambem aradía deu ou podia dar Anadía!...

Picarnel e Picarrel, povoações nossas, e Monte do Picarrel.

---

[1] De Radulphus — Raul, — e de Randulphus, i — Rendufe, povoação nossa.

Picarnel é um moinho e um casal meu na margem esquerda do Tedo, freguezia de Santo Adrião, concelho de Armamar.

Picarrel encontra-se no Monte do Picarrel, casal ou sitio do districto d'Evora; Sandoeira e Sardoeira, o mesmo que Sardoura; Sangrinheira, Sanguinheira e Sargoinheira por Sanguinheira, etc., povoações nossas.

N e S

Paisso por Painço? Confronte-se Painça, Painçaes, Painçal, Painçage e Painzella por paincella; Paniceiro por painceiro, e talvez Pariço por paniço, o mesmo que painço!... Junte-se tambem Porisso, aldeia, talvez fórma de Pariço?...

Na e Nha

Azinal e Azinhal, etc., povoações nossas.

No por So

Confronte-se Val de Nobrel por Nobral e Val de Novreira por Nobreira, de Sobral e Sobreira? Confronte-se Sobral e Sobrello ou Sobrallo e Sobreira, etc., povoações nossas.

O — prefixo

O Bevial. Vide Ovial e Ovil, do latim *avis* — a ovelha. Odiaz por O Dias; Oledo por O Ledo. Confronte-se Tio Ledo, povoação nossa tambem.

O — caprichoso

Alcorovel por Alcorvel. Confronte-se Corval e Corvel; Leiroinha por Leirinha, etc., povoações nossas.

O por E

Confronte-se Orbideiro, Ervedeiro e Ervideiro. O povo tambem diz somana por semana.

O e Ou

Confronte-se Baloca, Balota, Balouca e Balouta, fórmas do mesmo nome, como Palorca por Paloca, e este por Baloca — Valloca; Baloco, Balouco e Balouto são tambem fórmas do mesmo nome, como Balota e Balouta, Balouto e Baloto?

Barroca e Barrouca: Barrocal e Barroucal; Barrocas e Barroucas?!... Beijoca e Beijouca; Côto e Couto, por Côto, aliquando! No Douro ha duas quintas do Couto — uma em frente da outra — e ambas em picotos, sitios altos, vistosos ou côtos. — Mazopo e Masouco ou Mazouco, são talvez fórmas do mesmo nome [1]. Loupinho por Lopinho — lobinho; Soza e Sousa; Villarôco e Villarouco, etc., povoações nossas.

O, Ou e U

Barroca e Barrocal, Barrôco, Barrouca, Barroucal, Barroucas e Barruco por Barrôco, etc., povoações nossas.

Barrôco e Barruco!... Casarollas e Casarullos por Casarollas? Chorozeira por Corujéira; Chouças, Chousas e Chusas; Choupal e Chupal; Curceiro por Corceiro; Curtinha por Córtinha; Curvaceira por Corvaceira; Curval por Corval; Curvella por Corvella; Curvo por Corvo; Curvos por Córvos.

Custeira por Costeira; Cutêlo por Cotello; Cutinho por Cotinho; Cutarella por Cotarella; Cuval por Coval; Cuvilhão por Covalhão; Cuvinhó por Covinhó e este por Covilhó.

Gandufe, Gondufe e Gundufe; Golfar e Gulfar; Golpilhares e Gulpilhares; Golpilheira e Gulpilheiras, de *vulpis* — raposa; Gominhães e Guminhães; Gomirão e Gumirães por Guimarães, de *Vimaranus, i, is*?!...

Gondam, Cundam e Guntão; Gorreta e Gubreta por Gorreta; Marzugueira e Murçogueira, abundante em morcêgos?!... Morganheira e Murganheira, abundante em murganhos (ratos pequenos); Mortinhaes e Murtinhal — da murta ou dos mutinhos; Moscão e Muscão — das moscas; Moxarro e Muxárro — dos muchões.

---

[1] Para a etymologia de Masouco vejam-se na primeira parte d'esta minha louca *Tentativa*, as paginas 324 e seguintes.

Volcanos e Vulcanus — Vulcano; volgus e vulgus; Volnus e Vulnus; Voltus e Vultus; Volturius e Vulturius; Volturnus e Vulturnus, etc. — já diziam os romanos.

Juntem-se os nomes communs portuguezes — agoa e agua, taboa e tábua, etc. e muito boa gente escreve tambem Regoa e Regua, villa [1].

Ol e Ou

Confronte-se Adoufe por Adolfi e este por Athaulphi, patronimico de *Athaulphus, i,* nome germanico muito prolifico na onomastica portugueza, pois, além de Adolpho, nome d'um santo, etc., deu Adaufa, Adaufe, Adoufe, Adufe, Aldova por Aldopha, villa, Baldrufa por Valdufa, Casal Doufe, Casal d'Ufe, Dolves, Doufins por Adolphinis! — Estrada de Ufe, Fonte d'Ufe, Ufe, Valduve por Valdufe, Villa Duffe, Villar d'Oufe, etc., povoações nossas [2]?!...

Ou e U

Ou deu *u* já no tempo dos romanos ou do latim.

J. Rosini — 884, vb. *Fulviae,* — menciona *Cneius Fulvius* e diz:

«*Foulvius autem veteres scribebant, ut Fourius, et multa hujusmodi, graecam scripturam imitantes.*»

Tambem já entre os romanos *i* deu *ei* e vice-versa.

«*Opimiae, vel ut est in argenteis denariis, Opeimiae, gentis plebeiae frequens est mentio apud veteres scriptores*». — *J. Rosini.* 886, col. 1.ª

«*Serriliam gentem* (*vel ut innummis notatum extat Serveiliam*) *dictam forte a Servio praenomime,...*» — Ibid. 887, col. 1.ª

Tambem já no velho latim se encontra *r* por *s* — Pluses e plusima por plures e plurima. — Ibid. 582.

Theusaurus por thesauros, no antigo latim. — Ibid. 510, 2.ª

---

[1] Junte-se Maroteira e Maroteiras, Maruto e Marutos por maroto e marotos? etc. povoações nossas. — *Risum teneatis*.

[2] Junte-se, finalmente, Cachadoufe e Cachoufe por Cachadoufe — Cachada de Adolpho?!...

Valendae por kalendae. — Ibid. 263, 1.ª

Chousas e Chusas por Chousas; Morim e Mourim; Morins por Moriz e Mouriz; Mourens e Mureis por Murins? Mouria e Murias, plural de Muria; Mouriga e Murigães por Mourigães ou Mourigaes? Mourões e Murões ou Mourões; Poupa e Bouça da Pupa, por Bouça da Poupa; Touriz e Turiz por Touriz, etc. Veja-se o topico diapasão francez: *u* por *ou*.

P e Q

Pinhão e Quinhão; Pinheiro e Quinheiro; Pinhões e Quinhões; Penique, quasi penico ou pinico e Qninico?... etc., povoações nossas.

P e T[1]

Aprigio ou Aprizio, nome d'um santo, e Frizio, aldeia' de prizio, afereze de Aprizio?... Emprégado por entrévado — é termo popular; Padim e Tadim; Painho e Tainho; Palada e Taladas; Paleira e Talleira; Palião e Talião.

Palha e Talha; Palhinha e Talhinha; Palla e Talla; Pallas e Tallas; Panque e Tanque; Papada e Tapada; Paralheira, por Taralheira? Confronte se Taralhão, Taralhãos e Taralhões.

Paranhão por Paralhão e Taralhão; Passinha e Tacinha; Pavilhão ou Tavilhão, Tavilhão ou Pavilhão e Tivilhão por Tavilhão! De pavilhão — bandeira. Confronte-se Bandeira, appellido, povoação, etc. Pecho e Peixe, Teixo e Teixe; Pedom e Thedom, hoje Thedo, rio.

Somma e segue: — Peixeira e Teixeira; Peixinhos e Teixeinhos; Peja e Teja; Pelho e Telho; Penha (o povo diz Panha) e Tanha?

Pera e Tera; Perra (duas aldeias) e Terra; Perraço e Terraco; Perrada, Terrada e Terrados; Perrães por Perrões (?) Terrões e Torrões; Peso e Teso, muitas povoações; Peso ou Teso e Teso ou Peso (sic)?...

Talvez que a nebulosa etymologia de *Peso* venha do portuguez *teso*, sitio aspero, alcantilado; outeiro; monte alcantilado ou ingreme; cume de monte. Tal é o Peso da Re-

---

[1] Este topico é muito interessante!..

goa, pois demora um sitio alto com pendente rapida sobre o Douro e sobre a formasa villa da Regoa, e talvez que as nossas muitas povoações denominadas *Peso* e *Teso* estejam nas mesmas condições geographicas!...

Dicant paduani—respondam os filhos d'ellas.

Peso e *Teso* são synonimos de Côto (Outeiro), que deu Cotello, Cotinho e Cotinhos, como Peso deu Peselo, o mesmo que Pesinho, diminutivo da Peso, e Pesellinhos, diminutivo de Pesellos?...

Tambem temos Outeiro Redondo e Peso Redondo, Outeiro do Meio e Peso do Meio, Outeiro de Cima e Pesos Cimeiros ou de Cima, Outeiro de Baixo e Pesos Fundeiros ou de Baixo!...

Tambem temos Montesello e Monte Sello por Montesello, do baixo latim *monticellos*, *i*, diminutivo de *mons*, *montis*, que deu *Monte Cele*, o mesmo que Monte Cello, Monte Sello e Montesello.

E' assim a arte nova — e *rira bien qui rira le dernier*.

Montesello recorda Arcozello, do baixo latim *arcucellus*, *i*, diminutivo de *arcus*—arco; por seu turno *arcucellus*, *i*, deu tambem *arcucillus*, *i*, unde Argoncilhe, povoação nossa.

Veja-se o meu longo topico: — Diminutivos formados pela desinencia *cellus*, *celli*.

Veja-se tambem o topico supra: — *R* e *S* ou *Z*.

Proseguindo com o topico *P* e *T* junte-se Pexouro por Pezouro e Thesouro; Piar e Tear, aldeia; Pigeiro e Tigeiro por Tojeiro; Pijão e Tijão por Tojão, Tojalão? Pinheiro e Tinheiro; Pinhel e Tanhel por Tinhel? Pinhella e Tinhella?!...

Pinouca, quasi Pinóca e Tinoca; Pinta e Tinta; Pinte e Tinte; Pintim e Tintim, aldeias; Pinto e Tinto; Pires e Tires; Piroleira e Tiroeira por Tiroleira?

Pisoeira e Tiroeira por Tisoeira? unde talvez Trezouras por Tezouras, este por Tisouras e este por Tisoeiras, Pisoeiras, Pisões, Pisoarias?

Pó e Thó; Pogeira e Tojeira; Poido, Pugido, Tugido e Tuido; Poja e Toja; Polo e Tolo?!... de Paulo, santo, etc., povoações nossas.

Junte-se ainda: — Pomar e Thomar; Pomarinhos e Thomazinhos; Ponce, appellido, e Tonce.

Ponta e Tonta; Pontão, Tontão e Fontão; Pontello, tontello e Fontello; Pontinha, Tontinha e Fontinha; Porinhas e Torrinhas? Porqueiros e Torqueiros?!

Porrão e Torrão; Porreira e Torreira; Porvilhão e tur-

bilhão; Pragal e Tragal; Pravé, provincianismo da Beira, vento aspero e frio no inverno, quando estão abertas portas fronteiras. — De travé por través?!...

Praves, Trave, Traveira e Traves; Prazeiro e Trazeiros, plural de Trazeiro; Predo e Tredo; Prega e Trega ou Prega; Pregaes e Trigaes! Pregal, Trigal e Trigual; Pregueira e Trigueira (3 aldeias) por trigoeira, que abunda em trigo. Priana e Triana?!... Trilhão e Trinhão por Trilhão? E talvez que Trilhão seja uma fórma de tralhão ou taralhão — ave, porque as letras *i* e *a* trivialmente se confundiram e substituiram na onomastica portugueza, e porque temos varias povoações com os nomes de Tralhão, Tralhãos e Tralhões, que tomaram evidentemente o nome das ditas aves.

Note-se que os tralhões são aves de arribação que abundam em varias regiões do nosso paiz, nomeadamente no coração do Douro. E' assim denominado o cantão do nosso paiz formado pelos concelhos de Lamego, Regua, Mesãofrio e Santa Marta de Penaguião, tendo a formosa villa da Regua como centro.

E' o cantão mais fertil e mais mimoso de Portugal e foi tambem o mais valioso e mais rico no tempo em que vigorou a Companhia dos Vinhos fundada pelo marquez de Pombal, porque no dito cantão era e é o vinho a sua producção dominante.

Veja-se o meu artigo *Villa Jusã*, freguezia de Mesãofrio, publicado no *Portugal Antigo e Moderno.*

Prova, Trofa por Trova, e este por Prova, do baixo latim *prova*, bacellada, vinha nova. Provella e Trovella, que se encontra em Ponte da Trovella, etc., povoações nossas.

Pa e Ta no baixo latim

Feltaria por Felparia o mesmo que *feltrum*-feltro. — *Ducange.*

Pi e Qui

Pinhão Celle por Pinhãocello? e Quinhãocello!... Pinhão e Quinhão; Pinheiro e Quinheiro; Pinhões e Quinhões, etc., povoações nossas.

Po e To

Confronte-se Sam Xpoũa por S. Christovam. Documento da Collegiada de Guimarães, anno 1360, na *Revista*

de Guimarães, vol. 25, fasciculo 1.º, pagina 21, documento n.º 265.

Poido e Tuido por Tugido, de Tojedo; Pojeira e Tojeira; Poledo e Toledo; Polo e Tolo; Porqueiros e Torqueiros; Porrão e Torrão, etc., povoações nossas.

Q e T

Caboqueira por Cabouqueira e Chaboteira por Caboqueira? Confronte-se Chabocos por Cabouços; Chaboco e Cabouco; Chabrinha e Cabrinha; Chadeira e Cadeira por Cá-d'Eira? Chães e Cães; Chafé e Café; Chaim e Caim, etc., povoações nossas.

Vide o topico supra: — *Chá* por *Cá*.

Que e Te

Monchique e Monchite?-povoações nossas.

R por D e S[1]

«*R — litera communionem habet cum s litera. Itaque apud antiquos honos, labos, arbos, dicebantur: nunc honor, labor, arbor.*»

Isid. Hisp. — Op. Omn. — 12, 119 e 169. Confronte-se Massilia e Marsilia — Marselha; Esmoriz, de Ermoriquiz por Armoriquis. «*R* por *d* — laurea por laudea; auricula por audicula; meridies por medidies, subedies por suberies (o sobreiro), etc.» — Ibid. 231 e 232.

R falso

Baberques por Babeques e este por Valleques — valles pequenos; Espindo e Espindro o mesmo que Espedo, Espendo; Sepeda por Cepeda; Sepedellos e Sepedros por Cepedos?

Lodeira e Lordeira; Longa e Longra; Longas e Longras; Palorca por Paloca, este por Balloca e este por Valloca — pequena valla, como Vallega, Valleja e Vallelhas, etc., povoações nossas tambem.

---

[1] Vide o topico infra: — *R* e *S*.

R — caprichoso

Antólhos e antrólhos — como diz o povo; Antrepostos (provincianismo minhoto) por antepostos — diz-se dos bois antes de jungidos ou junguidos ou appostos ao carro. Camarinha, Camarinhal, Camarinhas e Cramarinhos.

Cujo, de crujo por Corujo; Curcomellos por cocomellos — Cogumellos; Demenderes por Demendes, o mesmo que De Mendes? Vide o topico supra: — *De*, preposição e prefixo. Enxido e Enxidro; Enxudos, Enxudros e Enxuldro [1] Escochar e escorchar; Fancaria e Francaria; Lustosa e Lustrosa; Macella e Marcella — planta [2]; Picões e Pricões; Registar e registrar; Segude e Sergude [3]; S. Frausto, antiga fórma de S. Fausto, sec. 14, é hoje S. Faustino de Riba Vizella. Sobal e Sobral; Taganhal e Traganhal; Teixedo e Treixedo; Tralhariz por Talhariz, este por Calhariz, e este por Calhandriz, — sitio em que abundam calhandras, aves, especie de cotovias.

R por L

Aguiar por Aguial, das aguias, como Aguilar; Avellar por Avellal, Avelleiral; Marmelal e Marmelar; Rabarrabos por Lavarrabos; Raro, fórma popular de rallo, — insecto, es-

---

[1] Estas tres povoações, bem como Enxudral, Enxudreira, Enxurreira e Enxurreiros, povoações nossas tambem, tomaram o nome do portuguez *enxurro*, — corrente ou jorro de immundicies; patameira, lodaçal.

Em Bagauste, no Alto-Douro, margem direita, ha uma quinta denominada Enxudreiro ou Enxurdeiro, que tomou claramente o nome de enxurreiro! — Note-se que a mencionada quinta (eu conheço-a) na parte baixa, confinante com o Douro, é bastante plana, pelo que o Douro nas enchentes a inunda até distancia e ali deixa ou deposita grandes nateiros, lamaçaes, enxurdeiros ou enxurreiros, que estão plantados de vinha e produzem muito vinho!...

Bagauste é talvez uma fórma de Banagusti por *ben* ou *iben* Augusti, filho de Augusto. Por seu turno Bagauste por metathese deu Baguaste, povoação nossa tambem.

[2] Murcella ou Ponte da Murcella, povoação nossa, na passagem do Alva e Murcellão, na foz do Alva, talvez sejam fórmas de Marcella e Marcellão.

[3] Segude, Sergude e Sergudo são talvez fórmas de Sergide e Sergido, povoações nossas tambem, que tomaram o nome das cerejeiras, como Cerejal, Cereje e Cerejo, Serigal e Serijal por Cerejal, e Serijo por Cerejo, povoações nossas tambem. A bussola é o ouvido.

pecie de grillo, do baixo latim *rallus* — rallo. Junte-se ainda Cebolal e Cebolar, etc,, povoações nossas.

R por N

Rabainho por Nabainho. Vide Nabainhos, supra.

R, o mesmo que RR e vice-versa ou r brando e forte.

Bairos, Bairosa, Barrio, Barrios, Barriosa e Barrosa! Baraças, Barracha e Barraxas; Barosa, Baroso, Barrosa e Barroso; Capareira e Capareiros, por Chaparreira e Chaparreiros! Dos chaparros, sobreiros novos [1].

Caparosa, Caparrosa e Caparrosinha por Chaparrosa e Chaparrosinha; Caracha, Caramão, Caraxa, Carazona, Carazonas, Carazonita, Carazonitas e Carracho, Carrajóla, Carramão, Carrazona, etc.

Caricola por Carricola; Cariolinha por Carriolinha; Caroada e Caroadinha por Carroada e Carroadinha; Caroca por Carroca; Caroceiras por Carroceiras; Carocho por Carrocho; Caroeira por Carroeira.

Carotes por Carrotes; Charoeira por Charroeira o mesmo que Sarroeira por Jarroeira, nomes tirados do jarro, planta; Estorinheira por Estorrinheira; Muritta e Murrita, nomes de santos.

Pitarella e Pitarrella; Poretos por Porretos. Porinhas por Porrinhas. Confronte-se Porraes, Porreira, Porreiras, Porretas, Porrinho e Pôrro, dos pórros, planta hortense.

Portas Faronhas por Portas Farronhas e este por Portas Ferronhas. Confronte-se Portas de Ferro, povoação nossa tambem, como Portas Fronhas por Portas Ferronhas; Sarolla por Sarrolla, de Sarrazolla? o mesmo que Serrazolla, povoação nossa tambem. Confronte-se Zarola.

R e S

confundiram-se e substituiram-se. Confronte-se o Bretão, armoricano ou neo-celta Bermir e Besmir, Bernard e Besnard etc. *Guillou*, 121, *mihi*. Tambem Gellio no latim escre-

---

[1] Ou do latim *cappari* — a alcaparra, arvore e o fructo.

veu *asa* em vez de *ara*, como diz o *Magnum Lexicon*. Vide topico supra: *R* por *D* e *S*.

Honos, oris, Cicero; *Honor, oris*, Cicero e Virgilio. *Jecur* — o figado e *jecusculum* — pequeno figado. Cicero.

Na onomastica portugueza temos Adorarcos ou A dos Arcos (sic). Aremel, que póde vir de Asemel ou antes de Armel, povoação nossa tambem, como Armil, fórmas de *Ariamirus, i* — *Ariamiro*, nome germanico pessoal, que antigamente se escreveu *Arjamirus, i* e *Argimirus, i*, e deu ou podia tambem dar Armilo, Argemil, Argomil e talvez Arganil, por Argamil, povoações nossas, todas mencionadas na *Chorographia Moderna*.

Com vista aos manes do snr. conselheiro J. Dias Ferreira, distincto jurisconsulto, deputado, ministro e presidente de ministros, natural d'Arganil.

Somma e segue:

Arribas por As Ribas. Arnado e Asnado, appellido actual; Aroal, Aroil e Azuil? Arramadas por As Ramadas: Arramadinhas por As Ramadinhas; Arranas por As Ranas, quinta; Arreigadas por As Reigadas. Confronte-se Regada, Regadas e Reigada [1]; Arroçadas por As Roçadas.

Somma e segue:

Arrochas por As Rochas; Arroellas por As Ruellas. Vide Ruella e Ruellas, povoações nossas. Carinha, Carinhas, Casinha e Casinhas, povoações nossas.

Cirne por Cisne e Cysne; Corteirinhas por Costeirinhas. Confronte-se Costeira e Costeirinha; Cubilhores por Cubilhoses e este por Covilhoz, Confronte-se Covilhã, Covilhão e Covilhó, povoações nossas, bem como Figueiró e Figueiroz, Mó, Moz e Mozes?!...

Esmorigo e Esmorigos, povoações nossas, talvez sejam fórmas de Ermorico e Ermoricos, por Armoricano e Armoricanos, filhos ou oriundos da Armorica, hoje Baixa Bretanha. Por seu turno Armorica vem do neo-celta e quer dizer: — região da beira-mar ou que demora em frente do mar, pois em neo-celta o prefixo *ar* ou *are* significa junto de, em frente de, — como diz Guillou.

Esmoriz, povoação e freguezia do concelho d'Ovar, — é

---

[1] Do latim *rigata* — regada, part. p. de *rigare* — regar.
Note-se que na onomastica portugueza *l* deu *ei*.
Vide o meu longo topico *Substituição de letras*.

talvez uma fórma de Ermoriz, patronimico de Ermoricus por Armoricos ou Armoricanos, supra.

Note-se que a mencionada freguezia de Esmoriz demora á beira-mar, junto de Espinho, lado sul.

Tambem temos Esmorins, o mesmo que Ermorins, como Esmoriz por Ermoriz, supra.

O mesmo diapasão comprehende o antigo portuguez cossario e cossairo, por corsario.

Tambem temos Harse e Hasse, appellidos portuguezes ou usados por cidadãos portuguezes.

Joarim e Joazim, o mesmo que Joacim por Joaquim? Jor ou Joz, Jós e Jás ou Jor (sic), povoações nossas.

Junte-se ainda — Lamorello por Lamosello, diminutivo de Lamoso. Confronte-se Lamesinhos por Lamosinhos, Lamarosa, Mamarosa por Lamarosa, Lamosa, Lamorello ou Namorello e Namorello ou Lamorello.

Leiria e Leisia por Leiria? Lobarim (Aldeia de) e Lobasim; Pegarinha, Pegarinhos e Pegarrinhos por Pegasinha e Pegasinhos; Pontarrinhas por Ponterrinhas e Pontesinhas, são fórmas do mesmo nome e diminutivos de ponte!...

Sermonde, freguezia de Gaya, antigamente Sismonde, de *Segismundus, i;* Val da Uça, Val da Urra, Val da Ursa e talvez Urros e Urrós por Ursos e Ursós.

Xisto e Xirto, o mesmo que Cisto, Sisto, Sixto e Xistro, povoações nossas, de Sextus, antigo nome pessoal, e este de sextus — sexto, adjectivo numeral romano.

Sexto, Sixto e Xisto foram santos.

R e S ou Z

Monterellos e Montesellos ou Montezellos; Outeiro, Outarello, Outorella e Outozello por Outeirello? Outrela, Outrelle e Outrete por Outeirete, Outrello por Outeirello, Outil por Outeiril o mesmo que Outeiral, e Outinho por Outeirinho, etc., povoações nossas.

R e T

Lamatide por Lamaride? o mesmo que Lamaredo, Lamarigo, Lamareda, Lameda, Lamedo, Lamega, Lamego, etc., povoações nossas que tomaram o nome da lama.

R e Z

Sanradella, Sanzadella, Senradellas, plural de Senradella, Senrella e Senrellas por Senradella e Senradellas. Do portuguez serradela, planta leguminosa, e este do latim *serratula*, de *serratus*, como diz o snr. Candido de Figueiredo.

S, B e V

Confronte-se Salteiros, Balteiro e Valteiro, de Baltarius e este de Walter; mas Salteiros póde ser uma fórma de Solteiros ou vir de saltão, insecto. Vide Saltão, Solteiras e Solteiros, povoações nossas.

Fiat lux.

S e L iniciaes

confundiram-se e substituiram-se.

Larjal e Sarjal; Lemede e Semedo, appellido. Leixões e Seixões; Leixosa e Seixosa; Ledesma e Sederma, vulgo Sedesma e Siderma, povoações nossas.

S e T iniciaes

confundiram-se e substituiram-se.

Confrontem-se os vocabulos portuguezes sarro e tarro —sedimento de qualquer liquido. Do castelhano *sarro* e e este? Talvez de *sar* por *sal!*..

Carrapassal e Carrapatal, Carrapeçal, Carapesal e Carrapetal, Carapeço e Carapeto, Carapiço e Carapito; povoações nossas. Carapesal foi appellido nobre e antigo de João Carapesal, alcaide-mór de Leiria no tempo de D. Sancho I. Vide Leiria no *Portugal Antigo e Moderno*, volume 4º, pagina 79.

Carrapassal ou Carrapaçal, Carrapatal, Carapeçal, Carrapetal e Carapesal são fórmas do mesmo nome tirado de de Carapeço, por Carapeto, Carapiço e Carapito, e estes de carrapato, contracção de carrapateiro, especie de feijão, que dá o ricino.

Vide Carapeços, Carapeta, Carapetal, Carapetalinho, Carapeteira, Carapeteiro, Carapeto, Carapetos, Carapetosa, Carapicha, Carapiço, Carapita, Carapito, Carapuço e Carapuços, por Carapicho e Carapiço, e Carrapassal, Carrapatal.. Car-

rapatello... Carrapatosa, Carrapatoso, appellido, Carrapichana, Carrapitos por Carrapatos, etc., povoações nossas.

Ceira e Teira; Celho (Cima de Celho) Telhe e Telho; Cesteira e Testeira: Saboneiro, appellido e Taboneira; Saborreira, Zaborreira e Taburreira; Saião (Poço do Douro) e Tayão.

Saim e Thaim; Sainde e Tainde; Salla e Talla; Samel. Samuel e Tamel; Sanque e Tanque; Sanguinhal e Tanganhal por Tanguinhal: Sardoeira, Sardoura e Tardouro; Sarrazim, Sarrazina e Terrazina; Sarrea, appellido. Sarria, na Hespanha e Tarria, casal nosso.

Sarroeirã e Tarrueiro; Sedões e Tedões; Seixedo, Teixedo e Treixedo; Seixeira e Teixeira.

Somma e segue:

Seixo e Teixo e Teixo; Seixoso e Teixoso; Sello e Tello; Sellões, Tellões e Tenões; Semonde e Themonde; Sendal e Tendaes, plural de Tendal; Sendas e Tendas; Sente e Tente; Serena e Terena; Serina e Terina?

Serrão e Terrão, aldeias; Serreira e Terreira; Serrenho Terranho e Terrenho; Serrões e Terrões, aldeias; Setinha e Tetinha; S. Gil e Tangil; Sonda e Tonda.

Junte-se ainda: — Sonim, Tonim e Tunim; Soppo e Topo; Sourinho, Thourim e Tourinho; Souto e Touto; Soutosa e Toutosa; Sugueiro e Tojeiro; Taburreira e Zaburreira por Saburreira?

Tões, Toitão, Toito e Touto, povoações nossas.

1.º — De...

2.º — De *Theotonius*, *ii*, *iis*, nome d'um santo, etc. a que o povo chama Titonio, na Italia Titoni, unde Titonis — Tões. De Titonio — Toito e de Toito, Touto? Tambem Theotonius podia dar Titonius e Titonianus, unde Toitão? Confronte-se Antonius e Antonianus; Aurelius e Aurelianus, etc., nomes de santos.

3.º — Toito e Touto parecem tambem fórmas de Souto, a que o povo chama Soito. Confronte-se Soutosa e Toutosa, povoações nossas: mas *só* daria *tó?* Com vista aos mestres de glottologia. Confronte-se tambem Sanganhal e Tanganhal, Sainde e Tainde; Sabeira e Sabeiro, Taveira e Taveiro; Tapedão por Tapadão, de sapadão — grande sapada? ou de Tapadão — grande Tapada? etc. povoações nossas.

S e V?

Sirarelhos por Villarelhos? povoações nossas.

S e X

Confronte-se Sextus — sexto, que deu Sexto, Sixto e Xisto, nomes de santos, — Cisto, Sisto, Sixto, Xirto, Xisto e Xistro, povoações nossas. Confronte-se tambem Estremo e e Extremo; Estremadouro e Extremadouro; Estremadura e Extremadura; estrangeira por extrangeira; estrangeiro por extrangeiro; estranho por extranho; Estremoz e Extremoz; extremas e estremas, etc.

S e Z

O povo no Alemtejo, etc., diz ração em vez de rasão ou razão.

«Quando já tinha uso de ração.» — Ibi. Confronte-se Adozeiros, Sebouças, Seloureiros, Selouros, Sepedros, Sevivos, Soliliveiras, Zeiteiros, Zabelleiras, etc., povoações nossas, por As Bouças, Os Loureiros, Os Louros, As Oliveiras, Os Pedros, ou Peros. Confronte-se Pedros e Peros, povoações nossas; As Avelleiras?!... e os Azeiteiros.

Junte-se Adozeiros por A dos Eiros; Zorzaes por Os Orjaes ou Urjaes ou Urzaes ou Os Urjaes ou Os Urzaes. Confronte-se Orge, Orgens, Orjaes e Orje, Urjaes, Urjal e Urzal. Do francez *orge* — cevada, ou da *urze* — planta. Confronte-se tambem Soliveiras por As Oliveiras, e veja-se o meu longo topico: — *Diapasão callaico.*

Sa e Xa

Ansara e Enxara, povoações nossas. Desenxabido por desensabido, do latim *sapidus, a, um* — saboroso, que tem gosto ou sabor. Candido de Figueiredo e M. Lexicon.

Si e Xi

Sixto e Xisto, nomes de santos. Tambem temos Cisto, Sixto, Xistro e S. Xisto, aldeias.

So e To

Coensos por Coentos e este por Coentros. Confronte-se Ccentral, Coentros, Alcoentre por Alcoentro e Alcoentrinho, povoações nossas.

T e S

T deu *s* na Inglaterra e na Mancha, v. g. Tarn por Parn, rio; Tara e Thara, hoje Saire (por Sara), rio da Mancha, —«*exemple unique, à notre connaissance, ou le th se soit adouci en s, comme en anglais.*»

Hericher, 46 vb. Tarn.

Confronte-se Ceira e Teira; Sabacheira Tavagueira; Sabeira e Taveira; Sabeiro e Taveiro; Sabordella, Taborda e Taborella.

Saganhal (por Sanganhal), Taganhal e Tanganhal; Saim e Thaim; Sainde e Tainde, de Athanagildi; Saindos por Taindos, de Athanagildus; Salaborda e Taborda.

Salla, Talla e Tallas; Samel e Tamel; Sanque e Tanque; Saonda, Sonda e Tonda; Sarraco e Tarraco, provincianismo beirão. — rapaz baixo e gordo; atarracado; Seixedo e Teixedo; Seixeira e Teixeira; Seixo e Teixo; Seixoso e Teixoso; Sello e Tello, povoações nossas.

Junte-se ainda: — Sellões e Tellões; Serena e Terena; Serges e Terges, ribeira do Alemtejo; Serina e Terina; Sogilde e Tugilde; Soirão, Sourão e Tourão; Soirinho, Sourinho e Tourinho; Soleima e toleima, nome commum.

Sonim, Tonim e Tunim; Soppo e Topo; Sourões e Tourões; Souto e Touto; Soutosa e Toutosa; Sugueiro, Tojeiro, Tugal e Tugueira, povoações nossas.

T e Z

Confronte-se Taburreira e Zaburreira — chão que dá milho zaburro?

U e Ou

O provincianismo oupa! é a fórma popular de hupa!... Vide *Ou* e *U*, supra.

U e Ui

U deu *ui* em bom portuguez do seculo XVII.

«...por causa das muitas chuivas...» E' influencia do latim *pluvia* — chuva.

U e V

Em antigo hespanhol *v* valia *u* e vice versa.

Assim em documentos do seculo XIV e XV se encontra *uuo* por *uvo* — houve, teve, e *tuuo* por *tuvo*, idem.

Tambem no seculo XV em Aragão se escrevia *vuo* por *uvo* — houve, — como em Portugal se escrevia — *vua* por *uva*. Tambem na Hespanha outr'ora se escrevia *obtuuo*, significando *obteve*, etc.

Va, Vé, Vi, Vo, Vu deram Ga Gué, Gui, Go, Gu

Para evitarmos repetições, vejam-se os topicos supra.

G, B e V. Ga, Ba e Va. Gu e Vu. Gué por Vé. Gui e Vi

Junte-se *gó* por *vó*, que se encontra em gomil, outr'ora em vomil, do latim *vomĕre* — vomitar. O povo diz gomitar.

Elucidario, vb. Vomil, artigo muito interessante.

W

Esta letra — *W* — de origem tentonica (?) soffreu tratos de polé na onomastica portugueza e no idioma portuguez, por não haver no latim letra correspondente. Assim *Walter*, nome germanico e nome d'um santo, entre nós deu Alter e Alther, Baltar, Balteiro, Balter, Galtar, Gualtar, Gualter, Valteiro, Valter, Walter, etc.

Para evitarmos repetições, vejam-se na primeira parte d'esta minha louca *Tentativa* as paginas 41, 104, 364 e 365.

X e Z

Menexas e Menezas; Monxorro por Monzorro!... Confronte-se Montorro, povoação nossa tambem.

Z por Ç e S

Azueira por Açoeira e este por Açoreira? Azuleiral por Açoreiral; Azurara por Açorara e este por Açorera o mesmo que Açoreira? Azurva por A Sorva ou Sorveira. Confronte-se Sorval, povoação nossa tambem.

Vide o topico *S* e *Z*, supra.

Desinencias da onomastica portugueza pouco vulgares

Ac

E' terminação vulgar na Baixa Bretanha ou em neo-celta.

Confronte-se Polignac — dominio de Paulino; Brissac — dominio do bretão; Cognac — dominio do *cum* ou principe, etc. — *Guillou,* 150.

Aça - aço

E' por vezes augmentativa.

Barbaça; Barcaça (nome commum); Cambiaço por Canabiaço, abundante em canabis — canhamo; Colmassa por Colmaça — muito colmo. Confronte-se Palhaça; Cortegaça; Ervilhaca; Gestaço e Gestaçô; Gramaça e Gramacho por Gramaço.

Confronte-se Lagoaça, Villaça, Pedraça e talvez Alcobaça por Al+Covaça, povoações nossas, como Vinhaça.

Confrontem-se tambem os nomes communs populares, mulheraça, caraça, barcaça, barbaças, etc.

Melgaço e Melgaz; Melgar e Melgasa; Mijarada e Millarada, em portuguez Milharada; Milhaço e Milhaça (Bouça da Milhaça) Mulheraça, mulher muito grande. Paja, Pajar, Pajares e Pajaro, em portuguez Palha, Palhal, Palhares ou Palhaes e Palhaço, o mesmo que entre nós Palhaça; Palhaça, não palhaço.

Pedraça, não pedraço; Pomaraço, o mesmo que Pomarão — grande pomar, antithese de Pomarelho e Pomarinho. Populaça é termo vulgar, equivalente a populacho e plebe; Ricaço — muito rico, ricaça.

Sardaça e na Hespanha Sardon e Sardoncillo, que se lê Sardoncilho, unde Sardonselhe por Sardoncelhe, o mesmo que Sardoncelho e Sardoncilho — sardãosinho. Sadonselhe

é povoação nossa. Senhoraça (nome commum), Taboaça, Taboaço e Taboaçô, do latim *tabula* -- taboa.

Tambem ha na Hespanha — Tabla, Tablada, Tablaza, Tablazo, Taboada e Taboazos; Traba, Trabada, Trabazas, Trabazo e Trabazos e Travazos: Travassô e Travasso, não Travassa; Villaca, appellido, aldeia, freguezia, etc.; Vinhaça, aldeia.

Aço, masculino de aça

Brunhaxos por Brunhaços, plural de Brunhaço por Abrunhaço, grande Abrunhal; Calhamaço por canhamaço, de canabis — canhamo, como Cambiaço por Canabiaço; Camacho por Gamacho e este por Gramacho, da grama, como Gramicho, Gramido, etc. etc. Carcasso por Carcaço? Confronte-se Carcaça, casal nosso tambem; Cortegaço; Espinhaço; Grandassos, plural de Grandaço por granataço, abundante em grãos? Madraço por Malandraço — grande malandro — nomes communs.

Aça e ada

Cortegaça e Cortegada; Louriçal e Louridal; Milhaço por milharaço e Milharado; Milhariça por milharaça e Milharada; Rabaça e Rabada; Pedraça, Pedreda e Pedrada por Pedraça, tres aldeias. Samaça por simaça? e Simada; Taboaça, Taboaço e Taboado. Não vingou a fórma Taboada.

Acho

Corbacho. Confronte-se Corvacho, Corbete, Corvete e Corvite por corvinho; Gramacha, Gramacho, Gramaça e Gramaços.

Aco e eco

Fijacos por Fijocos ou Fojacos? Vide Fujaco, povoação nossa; Forneco e Forniço por Fornico.

Ada collectiva

Confronte-se Bacellada; Boiada; Burricada; Cabrada; Cainçada; Canniçada; Carneirada; Farrapada; Fumarada; Futricada; Garotada; Gericada; Ninhada; Mascarada; Papelada; Passarada; Salsada; Torresmada, etc., nomes communs.

Alhadas de Alhada; Carvalhada; Cortiçada; Feitada; Leirada; Milharada e Milharadas; Moitadas, plural de Moitada; Outeirada; Panellada; Panelladas; Pereirada; Pomarada; Sobrada por sobreirada, etc , povoações nossas.

Adiga e adigas. Ariga e arigas

Barcadigas ou Barcadias, povoações nossas, como Fradigas e Fragas. Confronte-se Villardiga, em Zamora; Garrida, em Pontevedra; Garriga e Garrigas, em Gerona e Barcelona. Arandiga, nome d'um santo e d'uma povoação da Hespanha. Cardia por Cardaria; Cardida e Cardido; Cardiga por Cardida e Cardigos por Cardidos? Caria, Carias e Carigas; Alcaria, Alcarias e Alcarida, o mesmo que Alcariga?

Carigas talvez seja uma fórma de Caridas e Carias, como Alcarida é uma fórma de Alcaria, Cardiga, de Cardida e Cardigos de Cardidos? Cardida e Cardido são talvez fórmas de Cardeda e Cardedo. Confronte-se Lourido e Louredo; Azevido e Azevedo; Carvalhido e Carvalhedo; Reborido, Robuido, Reboredo e Roboredo; Gestedo por Gestido; Barredo e Barrido; Ramalhedo e Ramalhido; Sobredo e Sobrido.

Fragas, Fragoas, Fradigas, Fradizella e Fradizellas. Fradigas e Fradizella são talvez o mesmo que Fragoas e Fragozella!...

Fórmas anteriores da desinencia ães

Aes, ãos, ães, ens, ões e *ois* por *oes*; *eis* e *eis*.

Vide pagina 263 da primeira parte.

Albarrães por Al+Barraes; Antunhaes por Antunhães, de Antonianis? Azagães por azagaes.

Brandinhaes por Brandinhães, de *Blandinianis*, patronimico de *Blandinianus*, *i*. Confronte-se Brandão, Brandião, etc. Brirães e Briraes ou Brirães; Brunhaes e Brunhães por Brunhaes ou Abrunhaes.

Caes, Cães e Cacães por Ca+Cães; Cardaes e Recardães, de Recardaes; Carraes, Carrães e Carrões; Centiaes, Centiães e Sentiaes; Cepães, Sepães e Cepões, dos cepos; Cidrães e Cidraes; Corjães por Corjaes e este por Crujaes, de Corujaes. Crastovães, de *Christofanis*, patronimico de *Christophanus*, *i*, Christovam.

Faldijaes por Faldijães e Faldigens por Valdigens, plural de Valdigem? Fanhaes por Fanhães e Fanhões. Talvez de fanha, nome que o povo dá aos defeituosos da falla. Fu conheci o *Fanha de Goujoim*, assim denominado, porque nas campanhas da mocidade perdeu os *gorgomilos?*!...

Na mesma campanha, um campanheiro d'elle perdeu o nariz, pelo que ficou sendo denominado o *Sem Nariz*, do Bacalar; outro companheiro ficou apenas manquejando levemente; outros dois companheiros succumbiram. A campanha foi uma romaria ao *Bom Jesus de Braga!*...

Fiães, Fiaes e Povoa de Fiaes; Guardaes e Guardães por Guardaes. Vide Cardal e Cardaes.

Lamaçaes e Lamações por Lamaçaes.

Maçã, Maçans e Macens; Messegães e Pecegães por pecegaes. Mogueirães por Mogueiraes e este por Nogueiraes? Moiraes, Moirães, Moiram, Mourão, Mourãos, Mourens e Mourões?!...

Orjaes, Urjaes e Orgens por Orjães? Pecegães por Pecegaes — dos pecegos ou pecegueiros; Penedaes por Penedães e este por Penedões. Confronte-se Penedão e Penedones; Perdagães por Perdigães e Perdigões; Pinhaes e Pinhães por Pinhaes.

Sapogães por Sapogaes, o mesmo que sabugaes, como Sapogal por Sabugal; Serraes (por Serrães?) ou Serrões; Serrôa, Serros e Serrões.

Serreleis de serrelaes, serrelães ou serrelens, e estes de serrela por serradella, planta leguminosa, em latim *serratula*, de *serratus*.

O povo tambem diz sarradela e senradela. Confronte-se Sanradella, Sanradellas, Sarnadella por Sarradella? Sarnadello por Sarradello? Sarreira por Sarreleira; Sarrella por Serradella; Senradellas por Serradellas; Senrella, Senrellas por Senradella e Senradellas; Serradello; Serreira por Ser-

releira, e Serreleis por Serrelaes, Serrelães ou Serrelens, como já dissemos.

Tibães e Tivaes [1]? Tojaes e Tujães por Tojaes; Touraes, Tourães, Tourem, Tourim, Tourão e Tourões?!...

Ruivaes e Ruivães.

Varães e Varaes; Alvorações, Alvorações e Alvações por Alvorações?

Ardegães e Ardegão. Confronte-se Aldegão, Aldeão e Aldeijas por Aldeias, unde Aldegão por Aldeijão, Ardegão por Aldegão, Ardegães por Aldegães e este por Aldejães, o mesmo que aldeães e aldeões. Alvarães e Alvarões; Azagães por Azagaes e Azões por Azagões? de Azagaes — pastores. Bitarães e Butarens por Bitarens ou Bitarães [2]; Cepães e Cepões: Chavães e Chavões, de Flavianis, como Chaviães; Coimbrã, Coimbrães, Coimbrão, Coimbró e Coimbrões.

Junte-se Cuibrans, Cuibranitos, Guimbra, Guimbras e Guimbriz, povoações nossas tambem.

Junte-se ainda dous carreiros muito ingremes e muito estreitos que ha em Avintes, aprumados sobre o Douro e chamados guimbras, pelos quaes os negociantes de madeira arrastam com o peso proprio e com o auxilio de cordas a madeira que exportam pelo Douro para o Porto.

Nas taes guimbras d'Avintes talvez esteja a nebulosa etymologia de Coimbra, pois na minha opinião guimbra por goimbra, quasi Coimbra, vem de Colimbria, por Colibria, e este de *coliber* por *coluber*, serpente, cobra, por serem os taes carreiros tão ingremes, que sómente podem vencer se em torcicollos ou serpeando como as cobras. Taes são as ruas da parte alta de Coimbra, e assim eram talvez as de Condeixa Velha ou da velha Coimbra, outr'ora Colimbria.

Coluber deu ou podia dar *coliber*, *bri*, pois já no latim puro as letras *i* e *u* se confundiram. Confronte-se *monimentum* e *monumentum* e *mytilus*, o mexilhão, denominado tambem *mutilus*, *mutulus* e *mytulos* por *Plinio*, *Horacio*, etc., como se lê no *Magnum Lexicon*.

Coimbra póde, pois, vir de *coluber*, mesmo porque no brazão d'armas de Coimbra figura uma serpente!...

---

[1] São talvez fórmas de Estevaes, povoação nossa tambem.

[2] De Victorianis, patronimico de Victorianus, i—Victoriano, antigo nome pessoal e nome d'um santo, diminutivo de Victor, como Victorino, tambem nomes de santos.

Farelães e Farlens por Farelães? Fermentães, Fermentãos e Fermentões; Gontães ou Gontens e Gontão; Guivães e Guivans.

Minhães e Minhãos; Negraes por Negrães e Negrões.

Pedações por pedações? Confronte-se Pedaço, Pedaço Mau e Pedaços, povoações nossas; Poldrães por Poldrões, dos poldros? como Poldraria e Poldreirinhos.

Prosigamos.

Quintães e Quintões; Samaiães e Samaiões; Sandiães, Sandião, Santiaes, Sendiaes; Sapiães, Sapiões e Seipião; Tabelliães e Tabelliões; Tellões, Tenães e Tenões por Tellões.

A desinencia *ão* dos substantivos e adjectivos portugueses no plural deu *ãos*, *aes* e *ões*. O povo sympathisa mais com a desinencia *ões*. Assim em vez de mãos, pagãos, cidadãos, pães, escrivães, tabelliães, etc. — diz mões, pagões, cidadões, pões, escrivões e taballiões.

«.... que o levam almocreves e regatãees....» — portuguez do seculo XVI. Ruy Fernandes — 554.

— Adão, Adães, e Adões, mas Adães pode vir de Atães ou Attiães ou Atheães povoações nossas tambem. — Aldeãos e Aldeões; — Ancião, Anciães e Ançoes por Anciões? — Burgão, Burgães e Burgões. — Chão, Chães e Chões, povoações nossas; — Cidadão, Cidadãos e Cidões por Cidadões, antigamente cidadães; — Coimbrão e Coimbões; — Fontão e fontões, antigamente fontães; Frião, Friães e Friões. Fundo, Fundão, Fundaes, Fundoães e Fundões; Galeão, Galeães e Galeões; Galrão e Galrães por Galrões; Gavião, Gaviães e Gaviões. De *Guido*, *onis* — Guidão, Guiães por Guidães, Guidãos, Guidões, Guifães e Guifões!

Junte-se Goães por Guiães e Godão por Guidão; Gondão, Gondiães, Gondians, Gondião; Guidãos e Guidões, de Guido ou Guidão e Guidon, nomes de santos; Gundão ou Gondam, Guntão e Gontães ou Gontens; João e Joães por Joões?

Limão, Limãos e Limões, povoações nossas; Mogão e Mogãos; Mourão, Mourões e Mourens por Mourães ou Mourões; Moção, Mução, Muçaes e Mucães ou Mucens! povoações nossas.

Perdigão, Perdigões e Perdagães por Perdigães ou Perdigões!...

Quintão, Quintãos e Quintões; Rebordãos e Rebordões, povoações nossas. O povo tambem diz Rebordães.

Santão, Santães e Santagões, algo más do que Santõesr e Santegãos por Santagãos, o mesmo que Santagões po, santarrões?; Sedão, Cedães e Sedões; Sapiãos e Sapiões, de Seipião; Simão, Simães e Simões.

Taralhão, Taralhãos e Taralhões. De taralhão ou tralhão, ave; Tecelão e tecelões, antigamente tecelães.

Afains por Al+Fains e Fens por Fins?; Agrações — Povoa de Agrações e Sobral de Monte Agraço; Alcains por Al+Cains; Cães e Cacães por Ca+Cães; Almargem, Almarjão, Almarjães, Almargens e Almarjões? Alvar, Alvarão, Alvarães e Alvarões. De Alvar, pinheiro? ou de Alvarus, Alvaro, nome d'um santo.

Bouça, Boução, Bouço, Boucoães e Bouções; Careis e Caréis e este por Carins, de Carinis? Carro, Carrão, Carrães e Carrões; Catello, Catellães e Catellões; Chã, Chans, Chães e Chões; Cidral, Cidraes e Cidrães; Coto, Cotães, Cotens, Cotiães e Cotões.

Ervilha, Ervilhal, Ervilhães, Ervilhão, Revilha por Ervilha. Revilhães por Ervilhaes e Revilhões por Ervilhões.

Farlens ou Farelães e Farelães ou Farlens (*sic*).

Maçans e Macens; Magalhã, Magalhães, Magalhans e Magães por Magalhães? Martim Duroaez por Durães. — Documento da Collegiada de Guimarães, anno 1350.

«Dado ao cabido por Martim Lourenço e Joham Lourenço, irmãos, *celorgioaes* da villa de Guimarães»,... cirurgiaes da villa de Guimarães. — Documento da Collegiada de Guimarães do anno 1352. — Mureis por Muréis o mesmo que Mourens, Mouris e Mouriz. De Mourinis?

Pia, Piães, Pião e Piões; Pintim, Pintem, Pintens, Pitães, Pitins e Pitões. Dos pintainhos, chamados tambem pintos e pitos; Portigens ou Portigans, talvez fórma de portagens? Confronte-se Magalhans e Magalhães.

Quintã, Quintans, Quintães, Quintão, Quintões, Quintião, Quintians e Quintiães.

Revilha, Revilhães e Revilhões. Confronte-se Ervilha, Ervilhas e Ervilhão; Rola, Rolã, Rolans, Rolães e Rolão; Ruival, Ruivaes e Ruivães.

Sabugal, Sabugaes e Sapogões por Sabugaes, de Sapogal por Sabugal; Sacões e Sacois; Silva, Silvã, Silvan, Silvanes, Silvão, Silvãos e Silvões. Do latim *silva* — selva, matta, brenha, bosque.

Ai

Canavae ou Canavai, de Canaviali? — A Hespanha tem Canabal! Vide Cambiaço.

Donai. De Donadi por Donati, patronimico de *Donatus, i* — Donato, nome d'um santo, etc.

Garibay, appellido hespanhol. de Garibaldi, appellido italiano. Gondivae, de Gondibaldi? Guilhovai, de Wilibaldi o mesmo que Vivaldi!... Viavai, de Vivaldi.

Ainha e ainho

Agra e Agrainhas por Agrinhas; Andainho, Andal, Andalho, Andão e Andinho. Bouçainhas por Boucinhas; Cabrainha por Cabrinha; Campainhos por campinhos? Casainho e Casainhos por Casalinho, diminutivo de Casal; Certainha e Sartainho; Cibrainho ou S. Cibrainho por Cyprianinho, diminutivo de Cibrão e S. Cibrão por Cypriano e S. Cypriano.

Estevainha por Estevinha; Fontainha, Fontainhas e Fontainho por Fontinha, Fontinhas e Fontiscos? Longa e Longainha por Longuinha; Louçainha por Loucinha; Maçainha, por Maçadinhas? Confronte-se Maçadas e Villar de Maçada, de Maça ou Massa — granja, quinta, estabelecimento rural.

Nabainhos, de Nabalinhos, diminutivo de Nabal, como Nobainho por Nabalinho. Novainho por Novalinho, diminutivo de Noval. Pardainhos por pardalinhos, diminutivo de pardal.

Rabainho, de rabaninho, diminutivo de rabano, ou de Rabadinho. Confronte-se Rabada, Rabadella e Rabadôa; Regainho, de Regadinho. Confronte-se Regada, Regadas, Regadia, Regadias, Regadinha, Regadinhas e Regado.

Sapainho, Sapal e Sapalinho; Sartainho, Sartainhos e Casal de Sartainho por Sertainho, de certaninho? certanejo, como Certaninha supra.

Sobrainho e Sobralinho.

Trochainho? de tochainho por tochalinho. Vide Tojalinho. Troviscainho por Troviscalinho. Vide Troviscal, Vica e Vicainha. Confronte-se Bica, Biquinha e Fontainha; Villa Frescainha por Villa fresquinha.

Al e ar

Al e *ar* confundiram-se.

Aguiar por Aguial, o mesmo que Aguilar; Avellal e Avellar; Bacellal e Bacellar; Casal e Casares por Casales; Cebolal e Cebolar; Golpilhal e Golpilhares; Luval por lobale e Luvar; Marmelal e Marmelar; Rebolal e Rebolar; Tojal e Tuzar por Tujal; Vinhal; Xapelar por Bacellar? Zebral; Ulmar, Urmal e Urmar, dos olmos, choupos, como Choupal.

Nomes unicos

Armamar, Armamil, Armão, Armel, Armental, Armil, Armoniz, Arnadello, Arneiricho, Arnequinha, Arnim.

Bacalar ou Vacalar, Valdigem.

Maçal por Macial — contracções de maceiral ou macieiral, bosque de maceiras ou macieiras, arvores que produzem maçans e deram o nome a muitas povoações nossas. Taes são: Maçã, Maçans, Maceda, Macedinho, Macedo, Macedos, Maceira, Maceiras, Maceirinha, Maçens por Maçans, — Macido por Macedo, Macide por Macido, Macieira, Macieras, Marseninha, Macieiro, Maçoeira por Macieira, Mazeda, rua, quinta e fonte de Lamego, contracção do hespanhol Manzaneda, que deu Mazeda, o mesmo que Maceda supra. Tambem manzanedo entre nós deu mançanedo e por contracção Macedo.

Junte-se Maciel, appellido, o mesmo que macial e Maçal, supra, como Freixiel e Freixial, infra, são fórmas do mesmo nome.

Tambem temos Machial e Machieira, Maxial e Maxieira que talvez sejam fórmas de Macial e Macieira ou de Ameixial e Ameixieira, povoações nossas que tomaram o nome das ameixieiras ou ameixoeiras.

As meias tintas confundem.

Prosigamos com as desinencias *al el* e *il*.

Al el il

Alparrel por Alparral, — o parreiral; Areal e Aroil por Areil? ou Aroeiril por Aroeiral — bosque ou matta de aroeiras — lentisco.

Barril.

1.º— De...

2.º – De barral que abunda em barro. Confronte-se Barral, mais de 100 povoações nossas. Barrocal e Marroquil por Barroqnil? Confronte-se Barrocos e Marrocos por Barrócos? Borral e Borrel; Cabanil; Cabral e Cabril; Caramoxel por caramoxal, de Caramujo e caramujal.

Carral e Carril, povoações nossas; Carvoal e Carvoil; Favacal, Favaial, Faval, Favarrel por Favarral e Favasal por Favacal; Fetal e Fetil, povoações nossas; Fraguil; Freixial e Freixiel; Juvenal e juvenil. Landal, o mesmo que Landral e Landril; Loural, Lourel e Louril, povoações nossas.

Maçal e Maciel, appellido; Malhadal, malhadil e Malhaíl, povoações nossas; Marnal e Marnel; Melriçal ou Melrissal; Mortal por Murtal e Mortazel por Mortazal; Moural e Mouril; Murtaçal, Murtal e Murtinhal, da murta.

Nesperal, Nogueira e Nugal; Noval.

Olival; Orgal ou Urgal; Orijal! Ortigal; Oural e Ouril; Outeiral e Outil por Outeiril? Ovial e Ouvil.

Padral; Painçal; Pampilhal; Panascal: Paral e Peral; Pargal. Vide Espagal por Espargal; Parragel por Parrajal e este por Ferragial; Parral e Parreiral; Pedral, Pedregal; Peral e Perral; Pinhal e Pinhel; Portal e Portel; Pasmal e Pasmil? Passal e Passil, povoações nossas.

Saboral e Sobral; Sabugal; Tarrastal por Carrascal? Telhal; Tojal, Tozal, Tugal e Tuzar, fórmas de Tojal?!... Toural e Touril, muitas povoações. Trigal, Trogal, Trugal e Turguel por Torgal etc. Tubaral e Tuberal. Ulmal, Urmal e Urmar. Vide Ormal e Olmal; Urgal e Urjal. Vide Orjal.

Zambujal; Zebral e Zimbral.

El por al

Alportel, Portel e Portal; Corvel e Corval: Ervidel e Ervidal; Espinhel e Espinhal; Fael, Fail e Faial; Ferrel e Ferral; Mourel e Moural; Nodel e Nodar por Nodal; Pontevel por Ponteval, o mesmo que Ponte do Val, povoação. Tamel e Tamal por Thomar? Turquel por Turcal, o mesmo que Torgal, Trogal e Trugal, da torga, urze.

Il deu el

O povo diz — dois mél reis, tres mél reis, quatro mél reis, etc., por dois mil reis, tres mil reis, quatro mil reis, etc., e em vez de facil diz facel, e deficel por difficil.

Azuil e Zuil por Joel e Zuel, nomes de santos, tirados de Joel ou Johel, nome biblico.

Ana, ano, ão, ans,ães, ãos e ões

Abbação, Abeção, Abelhão, Abrãa, Abragão, Abrahão, Abrão, Abregã; Abregão, Adão, Adebagão, Adorão; Adrão, Adrejães, Adriano, Adrião, Agadão (santo), Agrações, Agrão, Agro-chão, Aguiã, Aguião, Aguilhão, Aiana, Airães, Airão, Albardão, Alcanhões, Alcarão, Alcaron, Aldão, Aldeão, Aldegão, Aldrogões e Aldrogos, Alentejão, Alfaião, Alfeirão, Alfeirões, Alfoizirão, Allfolões, Alfundão, Algarão, Algibeirão, Algueirão, Alhões, Aligão, Aljão, Allão, Allemão, Almarjães, Almarjão, Almarjões, Almofães, Almorjão, Alpallão, Alqueidão, Alvação, Alvações, Alvarães, Alvarão, Alvarões, Alvarrão, Alvarrões, Alviães, Alvões, Alvorações, Alvorão, Alvorrão, Ambrões, Anciães, Ancião, Anções, Andam e Andão, Andeão, Andões, Anhões, Anquião, Antão, Antões, Antunhaes, Appellação, Aragão, Arangões, Arão, Arcã, Arcam e Arcão, Ardão, Ardãos, Ardegães, Ardegão, Areaes, Areões, Argana, Argueirão, Armação, Armão, Arões, Arranas, Arrão, Arrachã, Arriais!... Arrolans, Arrudom, Arudão, Ascensão, Assões, Atães, Atão, Atheães, Aveção, Avellaes, Avellans, Avellões, Avessão, Avessões, Avesão, Avonões, Aião ou Ayão, Ayrão, Azagães, Azeitão, Azinhaes, Azões.

Babaes, Badanaes, Badões, Baians, Baião, Bailão, Bailham, Baiões, Bairão, Bairraes, Bairrão, Baldões, Baleizão. Ballão, Ballugães, Bandilhão, Bandões, Barambão. Barão, Barbacão, Barbadães, Barbadans, Barbadão, Barbães ou Barbaes, Barbelães, Barracão, Barrancão, Barrancões, Barrão, Barregão, Barreirão, Barrigões, Barrimão, Barrimau ou Barrio mau, Barrocaes e Barrochaes, Barrocão, Barrosan, Barrosão, Batocaes ou Batoçaes, Beiram e Beirão, Beladãos por Valladãos? Berbedã, Bergançção, Bodegão, Bodelhão, Boião, Boisão, Boisões, Boivães, Boivão, Bojões, Bolão ou Rolão, Bolbugão. Bolegão, Borbolegão, Borbolhão, Boqueirão, Botão, Botelhão, Boubã, Boução, Bouçoães e Bouções, Braçaes e Braçal, Braciaes e Bracial, Bramanfão e Bramão, appellido, Brandão, Brandião, Bravães, Brazão, Brazões, Bregiaes, Brejão, Brincão, Brirães ou Briraes, Brunhães ou Brunhaes, Bugalhão, Bujão, Bulhão, Bulhões, Burbelão, Burgães, Burgão, Burgões.

Cabanões, Cabeçaes, Cabeção, Cabração, Cabrão, Cabrellões, Cabrões, Cacães, Cachão, Cachofães, Cadavão, Cadeirão por Ca de Eirão!... Caes e Cães, Cagão, Cajadães e Cajados, Cajam por Cajadão, Calão, Calção, Calções, Caldeirão, appellido, Caldeirões, Calvães ou Calvaes, Calvão, Cam e Cão, Camalhão, Camalhões, Camarão e Gamarão, Camarão, Cambas e Cambãs e Cambões, Camões, Campanhã, Camparão, Camparrão, Campeã, Can-can, Candão, Canhão, Canhões, Cans, Capões, Caramachão, Caramão, Carambon, Carapuções, Caratão, Carção, Carcavão, Cardão, Carlão, talvez fórma de Cardão, Carraes e Carrães, Carramão, Carrão, Carrasona e Carraxana por Carrazana? Carregam, Carrões, Carrou, Cartão, Carvalhão, Carvão, Carvões, Casalão, Casarão, Casarões, Cascalhão, Casões, Cassurrães, Castanhaes, Castanheirão, Casteição, Castellans, Castellão, Castellãos, Castellões, Castilhans, Castilhão, Catalão, Catão, Catellães, Catião, Catrivana e Catrivanita, Cavalhão, Cavalhões, Cavallões, Caverna, Cavernães, Cavião, Caviões, Cebolaes, Cedães e Sedões, Ceidão, Ceifão, Ceivães, Cellão, Centiaes, Centiães e Sendiães, Cepães, Cepões, Cerciães, Cerejaes, Cervães, Cevadaes, Chabão, Chães, Champana, Champanão. Confronte-se Campana e Camparão por Campanão? Chancrão. Vide Granjão; Chans, Chão, Chãos; Charco, Charcoes; Charnaes; Charneião; Charqueirão; Chavães; Chavão; Chaviães; Chavim; Chavões; Chaxão; Chões; Chorão; Chorinca e Chornica; Choupana; Christovão; Christovãos; Cibões; Cidadãos; Cidões por cidadões? Confronte-se Ceidão e Seidões. Cidraes e Cidrães; Cidrão; Cigana; Cigano; Cintrão; Cinzão; Cobrancã; Cochão; Cochofrom; Cochogom; Cocões; Cocujães; Codão; Codeçaes; Cogana; Coimbrã; Coimbrães ou Coimbrões e Coimbrão e Coimbró!... Colchões; Colmeaes; Commissão; Communaes; Concão; Constanção; Corão; Corca; Corçães; Corçãos; Cordovão; Cordovões; Corgão; Corjães; Corjaes; Crujães e Crujaes; Cortegana; Cortezões; Cortinhaes; Cortões e Cortonis; Costães; Costançana; Costilha; Costilhão; Cotaes ou Cotães; Cotão; Cotellões; Cotem; Cotens; Cotinho; Cotões; Coutana; Coutinho; Couvanas; Covaes; Covalhão. Vide Cavalhão e Cavalhões; Covão; Covellães; Coviães; Covilhã, Covilhães; Covilhans e Covilhão e Covilhó; Crastovaes; Cravais; Crujaes e Crujães. Vide ...Cubalhão; Cucana e Cucanha, hoje Ucanha; Cudição; Cuibrans; Cullão; Cungaes; Cunhas; Curraes; Curralão; Curralões; Curvião; Custaes; Cutena; Cutiães; Cuvilhão; Cuvinhó.

Daffoes por Dafões e Lafões; Daivães... Dalhães; Dardão; Daroama; Datão; Deão; Deilão; Deimãos: Deirão ou Leirão!... Delães; Dirão da Rua; do Durão; Domingão; Damões; Dos Cãos; Dossãos; Durão, Duro, Durões; Durrães por Durrões e este por Durões?

Eiraes; Eirão; Eirinhaes; Eixião; Engarnaes: Enxofrães; Ermentão; Ervilhaes; Ervilhão; Ervões; Escamarão; Escandarão; Escapães; Escarapão; Escrivã; Escrivão; Esmogães; Esmujães; Espaldão; Esperão; Esperões e Esporões; Espigão; Estevaes; Estevão; Estorãos; Estragamantens; Estraganhaes; Estrufans; Estrujaes; Esturãos.

Facaes; Fação; Fafiães e Fafião unde Fiães; Faião e Fião; Faimaes; Faiões; Fajão, Fajó Fajões; Falcão; Falcões; Faldigense; Faldigaes por Faldijaes? Famaes; Famalicão; Famão; Famões; Fandinhães; Fangarrifão; Fanhaes; Fanhões; Fão; Farafão e Farfão; Farelães ou Farlens!.. Farminhão; Farrobeirão; Fasamões; Favões; Feijão; Feijó; Feijoaes; Feijões; Feirão, Feirões; Felgaes; Fellões ou Follões: Fermelã ou Fermellã; Fermentães; Fermentãos; Fermentellos; Fermentões; Fernão; Ferradaes; Ferraes ou Ferrães; Ferram e Ferrão; Ferrões; Fiães; Fião; Fitaes; Foão; Fogões ou Fungões; Fojaes; Folgão; Follões. Vide Fellões; Fontanaes; Fontão; Fontões; Fontom; Forjães; Forjão; Formão; Formentões; Fortinhaes; Fragão; Fraião; Fralães; Framão; Framinhões; Frazão; Frazões; Frechão; Frejão ou Frião; Frelaes ou Frelões; Friães; Frião; Frijão; Frijom; Friões; Fullão; Fnnhaes; Fundaes; Fundão; Fundilhões: Fundoães; Fundões; Fungões.

Gaibãa; Gaivão, appellido; Galão; Galbão; Galeães; Galeão; Galifões; Galiana; Galiano: Galião; Galiena; Galrão; Galvão; Galvões; Gamarão; Garalhaes; Garção; Garções; Gardaes; Garfões; Garrão; Garrião; Garvão; Gasparões; Gatão; Gatians; Gatões; Gaviães Gavião; Gaviões; Gelião; Getemião. Vide Chedemião; Gião; Ginjões; Giões; Goães; Godão; Goilão; Golaes; Golão; Golegã; Golões; Golpilhães?... Gomarães; Gominhães; Gomirão; Gondam ou Gondão; Gondellães; Gondiães; Gondians; Gondião; Gondinhães Gondivão e Gondivan; Gonfão; Gontaes ou Gontens e Gontão; Gontinhães. Vide Gondinhães! Gordimães; Gorgolões; Gorgorão! Gorgulão e Gorgolhão; Gorjão; Gorjões; Goulão; Gouvães; Gouveães; Gração! Gram; Grandão; Granhão; Granjão; Grifão; Grilhão; Grilheiros; Guardães; Guardaes; Guardão; Guiães; Guidão; Guidãos; Guidões;

Guifães; Guinfães; Guifões; Guilhadães; Guilhão; Guimarães; Guinchães; Guindaes; Guinfães; Guivães e Guivans; Guminhães; Gumirães; Gundaes; Gundam; Guntão; Gusmão e Gusmões.

Hilarião.

Idães; Idanha; Improas; Inquião; Invenções.

Jandurão; Joães; João; Jordão; Jordões; Jorjaes; Julião; Juncaes; Jurzaes; Juzão.

Lações; Ladrões; Ladrugães; Lafão; Lafões; Lagarem; Lagarinho; Lamações; Lamaçaes; Lamaes; Lamarão; Lameirão; Lameirões; Lanção; Larçã; Larção; Latães; Latagão; Lavatões; Lazão; Leão; Lebução; Ledões e Lodões; Leião; Leirão; Leirião; Leitão; Leitões; Lenteirão; Lenturões; Lentiscaes; Lções; Lezirão; Lezirões; Libães; Libão; Limão; Limãos e Limões; Lobaes; Lobão; Lodão; Lodões; Lomão; Lombão; Longões; Lorvão; Louçam; Louções; Louraes; Lousã; Lumião.

Macã; Macabrão; Macans; Mação; Macens; Machiaes; Mações; Maçom; Macotão; Madeirã; Magães; Magalão; Magalhã, Magalhães e Magalhans; Maganha; Magarão; Majapão. Vide Malha Pão e Malhapão; Maladão; Malagão; Mal Caberão. Vide Macabrão; Malhadaes; Malhadões; Malhão; Malha Pão e Malhapão; Malhões, Malhô e Malhou!... Mamões; Mamporção e Mão-pelo-cão; Mancão; Mangação; Manjões; Mantelães; Mão e Mãos; Marachão; Maranhão; Marão; Marchães, Marchão, Marchião; Marcões; Marrão; Martinhães; Marvão; Marxão; Marzagão; Marzonaes; Mastarrão; Matão; Mean-Means; Meão; Medrões; Medronhaes; Meião; Meiões; Meijão; Meimão; Meixões; Melão; Meleões; Mendavão; Mendões; Meredãos; Mergulhão; Meriães; Meriões e Merões; Mesquitana; Messagães; Messejana; Mexilhão; Michão; Midão; Midões; Mijão; Milão; Milhão; Milhões; Minhães; Minhãos; Minho; tões; Mirão; Mirões; Mixão; Moção; Mões; Mogão; Mogrãos; Mogrão; Mogueirães por Mogueiraes, o mesmo que Nogueiraes; Moiraes e Moirães, Moiram ou Moirão, Mourão, Mourãos e Mourões; Molães; Moldães e Moldes; Mondrões; Monjões ou Manjões; Monsão; Monsões; Montaes; Montalvão; Montão; Moradaes; Morçoãs; Morentães; Moriães; Morilhões; Morraçã; Mosteirão; Mouchaes; Mouchão; Mouchões; Moujazão; Moulões. Vide Mourões; Mourão; Mourãos; Mourens; Mouricão; Mourões; Muçaes, Mucães ou Mucens!... Mução. Vide Moção; Mujães; Munjão; Murão; Murção ou Monsão; Marcellão; Murigães; Murjães; Muscão.

Negrões; Nevões; Ninães; Nizão,

Oldrões e Oldrons!... Olhão; Olheirão; Olheirões; Olivão por Olivalão; Orelhão; Orjaes; Ossaes; Ougrão; Ouraes; Ouriçaes; Ourilhão; Outão; Outeirão; Ouzão; Ovelão ou Avelão; Oyam.

Pãa; Paçam; Padirão; Padrão; Paiam e Paião; Pai Cão; Painçaes; Paiões; Paixam e Paixão; Palhavã; Palheirão; Confronte-se Alpalhão; Palião; Pallão; Palmazões; Panão; Pantaleão; Pantilhões; Pão; Paracham e Parachão por Morachão; Paranhão. Confronte-se Maranhão? Passões; Patacão; Patacões; Patão; Patões; Patrons; Pavão; Pavilhão; Pavões; Pavoraes; Pedacães; Pecegães; Pedom; Pedrão; Pedregaes, Pedregulhaes; Pedrogão; Pegões; Pelagão; Pelicano; Pelicão; Penações; Penão; Penascaes; Pendão; Penedaes; Penedão; Perdagães por Perdigões! Perdurão; Pereirão; Pereirões; Perrães; Petimão; Piães; Pião; Picão; Picões; Pijão; Pimpão; Pinhão; Pinhosão; Piodão; Pisão; Pitães e Pitões; Poceirão; Poldrães por Poldrões; Polvarão; Pomarão; Ponchão; Ponsão; Pontalão; Pontão; Pontãos; Pontegãos; Pontilhão; Pontilhões; Porção ou Poroão; Porraes; Porrão; Porvilhão; Posataes; Possilgaes; Possilgão; Possilgões; Pousão; Poveraes; Povoação; Povoações; Pracaes; Prachã; Pragaes; Preirões; Presandães? Prichã; Priscões? Prilhão; Pulão.

Quarteirões; Quartilhães; Quartinhaes; Quebrantões; Queijaes; Queiram; Queirão; Queirões; Queirom; Quinchães; Quintã; Quintaes; Quintães e Quintans; Quintão; Quintãos; Quintiães; Quintians; Qnintião e Quintões de quintalões?

Rabecão ou Rabeção; Rabião; Ramalhão; Ramalhões; Randam e Randão; Ranhão; Rapejães de Rapejaes e este de rasaes? Ratão; Ratões; Raviçaes. Confronte-se Carviçaes e Rabaçaes!... Raxão. Vide Rechão!... Rebentão; Reboltão; Rebordans; Rebordãos; Rebordões; Recantão; Recardães de recardaes! Rechã, Rechans, Rechão, Recião. Vide Reguião e Requião; Redoução; Refalcão; Regueirão; Reimão; Relãos; Religães; Religião; Relvaes; Relvão; Remigão ou Remongão; Remicaes; Remoães; Repeilão; Requiães; Resgaes?... Revilhães. Vide Ervilhaes; Revilhões; Riães; Ribaçaes e Ribaçal. Vide Raviçaes; Ribão. Vide Ribeirão. Roães; Rochão; Rodam ou Rodão; Rojão; Rola, Rolã, Rolães, Rolans; Rolão; Roldão; Rolhão; Romã; Romagom; Romão; Romãos; Romarigães; Romãs; Romeirão; Romeão; Romeões; Ron-

dães; Rondão; Rotão. Vide Rolão; Roulã; Roulão; Ruão; Rubiães; Ruivaes; Ruivães.

Sacarrão; Sacões; Sadão; Saes. Vide Ossaes; Safães. Vide Safões; Safardão. Vide Safarão; Saffordão e Safurdão; Saiam e Saião; Sairrão; Salgam; Salgom; Salmães; Salomão; Saltão; Samaiães; Samaiões; Samão; Samardã; Samardão; Samarrão; Samodães; Samões; Samorão; Sandão; Sandarão; Sandelhão; Sandiães e Sandião; Santães; Santagões; Santão; Santegãos; Santiaes; Santulhão — de S. Julião? Sapiãos e Sapiões; Sapogães. Vide Sabugaes; Sardão; Sarrão; Sarrião; Satam; Sebastião; Sedão; Sedões; Segadães; Segões; Seição; Seidões; Seilão; Seirrãos; Seixão; Sejães; Sellão; Sellões; Semião; Semilhans; Sendão; Sendiães; Sepães. Vide Cepões; Sermagão; Serralhão; Serrão; Serrões; Sertão; Serviães; Sestaes. Vide Gestaes; Seteaes; Sevilhaes; Sião; Silhães; Silhão; Silvan; Silvão; Silvãos; Silvões; Simães; Simão; Simões; Sinçães; Sinfães; Sintião; Sirão; Sirões; Sistaes; Soalhães; Sobraes; Sobram; Sobrans; Sobrão; Sobrecão; Soirão e Sourão; Solteirão; Sorens; Sortilhão; Sourões; Sucçães; Sueirão; Sumarães; Suxão.

Tabellião; Tação; Tacões; Tagarraes; Tapedão; Taralhão; Taralhãos; Taralhões; Tarrazães; Tavilhão; Tayão; Tedões; Telhaes; Tellões; Tenões; Temperão; Temporã; Temporão; Temporãos; Tenães; Tendaes; Tenraes; Terrão; Terrões; Tibães. Vide Tivaes; Tições; Tijão; Tivaes. Confronte-se Tibães; Tivilhão; Tões; Toitão; Tojaes; Tojão; Tolões. Vide Tellões, Tenaes, Tenões, e Toulões; Tontão; Toqueirão; Torrão; Torreão; Torrejaes; Torrejão; Torrejões; Torrões; Tostão; Toulões; Touraes; Tourães; Tourão; Tourões; Trancão; Trancões; Tranozam; Transfontão; Trevões; Trincão; Trinhão; Trobulhão; Tudão; Tujães. Vide Tojaes; Tuvirães.

Ulmaes; Unhaes; Unhão; Urbão; Urjaes. Vide Orjaes e Orjães; Urzalão.

Vairão; Valeizão. Vide Valeirão; Valentão; Vallagões e Vallegões; Valleirão; Vallões; Valmão; Varaes e Varães; Vascão; Vegião; Verão; Verdizão; Verdugão; Vermões; Vião e Viando, que podia dar Vião, como Fernando deu Fernão; Vidão; Videgão; Vigão; Vilhões; Villão; Villarião; Villões; Vinhaes; Vinhão; Vinheirão; Viraes e Virella. Vide Varães e Varella.

Zambujaes; Zangão; Zorzaes ou Zurzaes, e Zurzaes ou Zorzaes. Vide Orgens, Orjaes, Urjaes, Urgal ou Orgal, Ur-

gaes, Urgeira, Urgeiro, Urgezes, Urgueira, Urjal, Urjariça; Urqueira por Urgueira, Urzal, Urzalão, Urzelhe e Urzella.

Da *urze*, que o povo chama *urge*, planta arbustiva.

Ana e ena, irmãs gemeas de ôna

Alcanena e Alcolena!... Barbacena; Barcarena; Barquiena; Barratena por Barratana. Confronte-se Balrateira por barrateira. Confronte-se tambem barbatana e barbatona, carrazona, peruana, mocetona, Silveirona, catapona e Foros da Catampona por Catapona, de catapona, apodo ou appellido.

Beirana é o feminino de Beirão, como beiroa; Boirana e Boiranita por Beirana e Beiranita? Burratena; Carrapichana; Cortegana; grande córte? Coutana; Goudigana; Guêna; Matana; Matrena; Soutana.

Anca, anco e ancos

Cobrancã por Cobranca? Covanca; Mirancos: Poçanco; Tancos; Travanca.

Ancha e ancho

Balancho; Balanxo, Ballanxo; Barbanxa e Barbanxo. De valle ancho e barba ancha — grande valle e grande barba. Barrancha, aldeia; Barranchó por Barrancho? terra abundante em barro? Brejanja por Bretancha? Carreirancha; Corregancha por Correga ancha. Confronte-se Corga, Corgas, Corgo e Corgos, muitas povoações nossas. Cumeirancha por Cumieira ancha? Lameirancha; Magancha e Monte da Magancha; Malhadancha; Novancha—de Lobancha, loba grande, ou Novancha por Novancho, Noval ancho? Pernancha? Pernanchinha e Perna Chã por Pernancha? e Outeiro da Pernancha; Portanxo; Pranchas, aldeia por Pedranchas, pedras anchas, grandes; Prenxa por Prancha? V. Pedrancha e Pranchas; Vallancho, sitio proximo do Bussaco.

Anços

Anços, Britanços, Pinhanços e Villa Nova d'Anços.

Ans e ens

Maçans e Macens.

Ão, ãos e ões

Limão, Limãos e Limões.

Ão e áu

Barrimão e Barrimáu; Burgáo ou Burgáu e Burgão; Gondivão e Gondiváu; Portimão; e Porto Máu?!...

Asco e isco

Fontasco, Fontaiscos e Fontiscos.

Az

Alcafaz. Tambem temos Alcafache e Alcafacho, que parecem affins de Alcafaz?!... Confronte-se Tavragem, vulgo Travage e Travaz; Ferragem, vulgo Ferrage e Ferraz; Alfarazes, plural d'Alfaraz; Algaz. Confronte-se Ferraz, Travaz, Mouraz, Dardavaz, Geraz, Gervaz, Jagaz, lambaz, rapaz, Serrazes, plural de Serraz; Alcafaz, Monsaraz, goraz e Gorazes, plural de Goraz; Algiraz, Garraz e Casal do Garraz, antigo casal da freguezia, villa e honra de Tavora, concelho de Taboaço; Gilvaz, Barrabas, etc. Algiraz. — Confronte-se Aljariz, Algeriz, Argeriz, Aljezur, Algeruz, Argeriz e Aljuriça por Aljariça?!... Alvernar, appellido nos Açores; Barrabás; Braz, nome d'um santo e de varias povoações nossas. Cagarraz e Chão do Garraz, antigo nome d'um sitio de Tavora (Taboaço). Dardavaz D'Alda Vaz? Dentazes, plural de dentaz?... Detraz... Ferraz. (Confronte-se Ferroz!)... Forjaz, appellido. Gervaz, de *Gervasius, ii*, que deu Gervaz, como *Blasius, ii*, deu Braz, etc. Gilvaz, Goiaz; Gorazes, plural de Goraz; Jagaz; Jonas ou Jonás e Janós; Lobazes, plural de Lobaz... Marrazes, plural de Marraz? Moás ou

Moaz? Monsarás ou Monsaraz; Mouraz e Mouriz!... Novaz, de Novaes?... Organaz; Palmaz, Palmazes e Palmazões; Paz; Pelgazes, plural de pelgaz; Quiraz, Quires e Quirois; Thomaz e Thomazes; Trâncaz; Travaz; Traz; Vaz.

E e em

Barje, Varge e Vargem; Valdigem e Valdige — como diz o povo e diz bem, pois Valdigem vem de Valdige e este de Valduje por Vadujo, valle do ujo ou dos ujos — aves nocturnas de rapina que deviam abundar em Valdigem, porque demôra no sopé da grande serra de S. Domingos. Confronte-se Valduje e Valdujo, povoações nosssas tambem.

E e o

Alferrarede por Alferraredo; Alte e Alto; Alvite e Alvito; Barbeite e Barbeito; Barrete e Barreto; Batoque e Batoco; Bellide e Bellido; Bertufe e Bertufo; Burguete e Burgueto; Cadeade e Cadeado; Calvelhe e Calvelho; Carrazede e Carrazedo; Contraste e Contrasto; Cortelhe e Cortelho; Enviande e Inviando; Fofe e Fofo; Gainde e Gaindo; Guinde e Guindo; Lavage e Lavajo; Limede por Limedo; Lourede e Louredo; Morgade e Morgado; Murtede por Murtedo; Novelhe e Novelho; Picote e Picoto; Pomarelhe e Pomarelho; Pousade e Pousado; Quelhe e Quelho; Rabalde e Rabaldo; Redonde e Redondo; Saide e Saido; Sambade e Sambado; Sergide e Sergido, o mesmo que Sergude e Sergudo; Teixe e Teixo; Torne e Torno.

Eco e ico

Montarecos; Monteco e Montecos, e Montega por monteca; Monte do Sunica por Soneca? Pocico; Ponte da Lagorica, por Lagarica e este por Lagariça?

Êda, êdo, ida, ido

Alferrarede; Alpedreda (Horta de). Antuzede e Antosido; Arazede; Avelleda, Bellaido, Belledo, Bellido Belida, Belide por Belido; Velleda, Velledos, Vellida, Vellide e Riba

Bellida; Azevedo e Azevido, Barbaido por Barbedo; Barredo e Barrido; Bellaido por Bellido ou Belledo, Avelledo; Cantanhede; Cardida e Cardido por Cardeda e Cardedo; Carrazeda, Carrazede e Carrazedo; Carvalheda, Carvalhede, Carvalhido; Codecedo e Codexido: Gestido; Ladreda, Ladredo e Ladrido? Lagedo, Lagidas e Lagido: Lameda, Lamedo e Lamego por Lamedo? Limede; Louredo e Lourido; Macedo, Macide e Macido; Machede; Morgido por Mortagido. Confronte-se Portagide por Mortagide, o mesmo que Mortagido ou Murtagido, Murtede, Murtosa, etc. Murtede: Nesprido; Pedra, Pedraido, Pedreda e Pedrido; Pisqueiredo — dos piscos? Confronte-se Pisca, Piscaes, Piscãoselo? Pisco, Piscola, etc. Pontido; Portagide por Murtagide, o mesmo que murtagede, murtazede e Murtede supra. Confronte-se Mortazel por Mortazal e este por Murtaçal, o mesmo que Mortal e Murtal, abundante em murta, ou Murtosa. Mó deu pó. Confronte-se Mortagua e Portagua, etc.. Pegido ou Pugido? das pegas? Peneda, Penedia, Penedo, Penidello, Pindello, Penido e Penida. Vide Monte da Penida; Peseguido e Pesseguido por peceguido e este por peceguedo, pecegal, pecegueiredo; Reboido, Reboreda, Reboredo, Reborido, Revoreda, Roboreda, Roboredo, Robuide, Rovido, o mesmo que Robuido e Reborido; Saborida, Saborido, Sobreda, Sobredo e Sobrido; Seixedo e Seixido; Tavarede; Thesido, Tugido e Tuido por tojedo ou tojido; Torgueda e Trogueda, da tórga como Torgal, Trogal, Trugal e Turgal por Turcal, Torgal!... Tourido; Val de Vellido; Zido. Vide Azevedo, Azevido, Azeda, Azedo, Azevo e Azido.

Ega

Alvega, A Veiga? Arega; Ardega; Caregas; Ega; Fontega; Hortega, appellido hespanhol e portuguez; Lamega; Montega; Pontega; Vallega; Venega.

Ei e eis

Babe Porei; Carem; Boreis; Careis; Crueis; Darei: Dorneis; Fieis; Frei, aldeia; Ganfei; Garei, o mesmo que Girei ou Gorei? Gavei, de Japhedi por Japheti. Vide Café, freguezia, Caféo e Bem que fede.

Gomiei; Gostei; Guilhofrei; Guilhovai e Guilhoveis; Guimarei; Jesufrei; Lizei. Confronte se Elizeu, em latim *Elizéus*, *Elizei*, *Lizei?*

Mei e Mei de Baixo. Confronte-se Meio da Aldeia, Meio de Baixo, Meio de Cima, Meio do Logar, Meio do Souto e Meio do Valle; Migueis; Quarteis; Quitarei. E' talvez apocope de Quitareis por Quitarães e este por Bitarães, de Victorianis, patronimico de *Victorianus*, *i*, diminutivo de Victor, como Victorina e Victorino.

Bitarães < Vitarães < Guitarães < Quitarães < Quitaréis? < Quitarei?

Victor foi santo e deu Victoria e *Victorius*, *ii*, unde Bitoure, povoação nossa, como Victor, Victoria, Victorias, Victorina, Victoriuo, Victorio e Vitorinho por Victorino.

Victoriano, Victorico, Victorina, Victorino, Victorio, Victricio e Victuro o mesmo que Victorio? foram santos. Quitarei é um especimen de *qui* por *gui* e este por *vi*.

Confronte-se tambem Guinchães e Quinchães, de Quintianis, ut alibi; Recarei; Senharei; Serreleis; Taré e Tarei. Confronte se Guimaré e Guimarei?...

Tambem temos Tares e Tariz, Gomares e Gomariz por Guimares e Guimariz, como Gomarães por Guimarães e Gumirães.

Confronte-se tambem Garei, Garim e Gariz.

Eime

Boliqueime e Mogueime, povoações nossas, Mugueymes, em Orense. Mogueime foi nome pessoal.

Eira

Abelheira; Abutreira; Açoreira; Agueira; Aguieira; Aguincheira; Angueira; Avitureira; Azureira; Bagueira; Barregueira; Barrogueira; Brogueira; Carregueira; Chorozeira e Corujeira; Corvaceira e Victoreira ou Abitureira. Confronte-se Andorinheira — sitio proximo das Caldas das Taypas. Vide *Observações á Citania do Dr. Hübner*, por Martins Sarmento, paginas 8, nota 4.

Corveira; Cotovieira; Cuqueira; Curvaceira; Esgueira; Espargueira, Espregueira, appellido; Estorinheira e Estorrinheira.

Falagueira; Felgueira; Figueira; Filgueiras; Fogueira; Formigueira; Fragueira e Fregueira.

Gafanhoeira; Galgueira; Galheira [1]; Gallegueira; Gavieira; Gavinheira; Gralheira; Lobagueira; Longueira.

[1] Vide Gralheira, infra.

Malagueira; Margueira; Marzugueira por Morcegueira? Melreira; Melroeira; Minhoteira, de minhoto, ave, papa-pintos; Mogueira, Mogueiras e Mogueirinhas; Mosqueira.

Moucheira. Confronte-se Mocho, Mochos, Moucharia, Mouchinho, Mouchinhos, Mouchão e Mouchões, dos mochos ou dos mochões ou muchões, espécie de mosquitos.

Murçogueira; Musqueira; Nogueira, Nogueiras e Nogueirinhas; Ortigueira; Palhagueira; Pardaleira; Pecegueira; Pedregueira; Pedreira; Perdigueira [1]; Picanceira; Pregueira; Purtigueiras; Regueira; Roleira.

Tavagueira; Teixugueira; Tramagueira; Trigueira; Tugueira; Ulgueira; Urgueira; Urgueiras; Vagueira; Valgueira; Vallagueira; Vallongueira; Vallongueiras; Victoreira; Vidigueira; Villagueira por Vallagueira? e Zurragueira.

Eis por ães ou ens

Careis por Carëis, e este por Carens, e este por Carins, de Carinis; Cotem, Cotens, e Cuteis por Cotëis ou Cotens por Cotins, Cotinhos, Coutinhos ou Godinhos; Mourens por Mourins, o mesmo que Mouris, Mouriz e Mureis por Murëis, o mesmo que Murens por Mourens.

Eita por ita?

Barbeita e Barbeito; Gordeita por gordita? Confronte-se Gorda, Gordesas, Gordim por gordinho? Gordina por gordinha; Gordo, Gordôa, Gordos, Gorducho, Gorduras, etc., povoações nossas.

El por É'loah-Deus

Abdeel; Abdiel; Abiel; Abimael; Adiel; Aharehel; Ariel;

---

[1] Confronte-se Pertigueira, povoação nossa tambem, o mesmo que Perdigueira?

Asael; Asabel; Asiel; Asrael; Asriel; Azael; Azahel; Azarreel; Bathuel; Basebeel; Daniel; Esriel; Ezechiel; Gabriel; Ismael; Ismiel; Israel; Jalaleel; Jeriel; Joel; Manuel (Emmanuel); Mathusael; Miguel (Michael); Misael; Nathanael; Oziel; Raphael; Samuel; Suriel; Uriel; e Zabadiel.

Todos estes nomes foram tirados por mim da *Concordancia Biblica* e alguns d'elles se encontram mais ou menos deturpados na onomastica portugueza.

Elha, elhe e elho

Alvitelha; Amarelho; Arelho; Bertelhe; Boelhe; Borrelho; Botelho; Boucelha; Calvelha, Calvelhe e Calvelho; Cambelhe; Cardelha; Caselha, Caselho, diminutivo de casa; Cozelhas por Cazelhas, diminvtivo de casas; Cervelhos; Chavelhas, Chavelho; Cidadelha e Cidadelhe, diminutivo de cidade.

Cortelha, Cortelhe e Cortelho, diminutivo de córte; Cavelhas, diminutivo de covas; Cravelhe; Ervelho; Farelhe; Forelha; Formoselha; Francelha; Francelho; Gadelha; Gadelho; Gelhe; Gelhelhe ou Gelhelha; Gomelha; Gontelhe; Gontelho; Gravelhe; Guerrelha; Lagarelhos, diminutivo de lagares.

Lidadelha; Linharelho, diminutivo de linhar; Lobelha, Lobelhe, diminutivo dos lobos; Lombelho; Melhe; Negrelho; Novelhe, Novelhes, Novelho e Novelhos.

Nunelhe; Pardelhas e Pardelhe diminutivo das paredes; Pelho; Pingarelhos; Pomarelhas; Pomarelhe, Pomarelho e Pomarelhos, diminutivo de pomar; Pontelha e Pontelho, diminutivo de ponte; Porcelhe; Portelha e Portelho; Prozelhas e Prozelho.

Pulhelho; Quelha, Quelhas, Quelhe e Quelho; Quartelhas; Quintarelhos, diminutivo das quintas; Rebelha; Rebelhos; Remelhe; Revelha; Revelhe e Revelhos.

Sabadelhe e Sebadelhe, diminutivo de cevada; Sandelhas; Sernancelhe; Silvarelhos; Telhe e Telhelhe, diminutivo da telha? Torreilha por Torrelha; Tourelhe, diminutivo de touro, como Tourilhe e Tourinho, povoações nossas tambem; Urzelhe; Valhelhas, diminutivo dos valles; Verdelha; Verdelho; Vermelha e Vermelho; Vilhelho; Villarelho, diminutivo de villar; Villelhe; Zarelho, casal, etc. povoações nossas.

El e er

Confronte-se o portuguez aluguel e aluguer, auctorisado pelos diccionaristas.

Xavier e Zaviel por Xavier, povoações nossas.

Em, na provincia de Gôa (India portuguesa)

Arondem; Arvalem; Assorem; Barzem; Betalbatem; Birandem; Cacora Langem; Canrem; Caraxalem; Carazalem; Carchirem; Chorlem; Cocoldem; Colem e Calem; Colorem; Compordem; Conquirem; Corangoenem; Corfem? Damoxem; Dantaxem; Datem; Derodem.

Embarbacem; Gavanem; Gonsalem; Goundogrem; Laem; Latobursem; Lolien; Maem; Malcomem? Mandrem; Manquem; Matiem; Mauninguem? Mencurem; Mollem e Mulem; Morlem; Nagarem; Nenorem; Nunem; Ornem.
Paliem; Parascalem; Pernem; Pissurlem; Pololem; Porantem; Poriem; Porsem; Potrem; Pozem; Salem; Sanvordem; Sanvorxem; Sarolem; Sircorem; Tamboxem; Tinem; Torxem; Ugem; Ustem; Vaddem; Vaguriem e Vagorem; Verem; Vertem; Vorondem; Heldem, etc.

Ena

Alcanena; Alcolena por Alcalena? Barcarena e Barchiena; Burratena? Centena Guêna, Guêno. Confronte-se Buena e Bueno, Bôa e Bom, antigos nomes pessoaes; Lucena; Marchiena; Matrena; Morelena (Paço de); Morena; Motrena; Pontena por Pontella, pequena ponte? Confronte-se Fontella; Quenena; Serena; Sobrena; Verderena; Vilhena.

Ende, na Hespanha

Gondesende, em Orense; Gosende em Orense; Gusendes, em Leão; Marcosende em Pontevedra; Modrosende, em Pontevedra; Resende (não Rezende) em Lugo; Tosende, em Lugo e Orense.

Enga

Alvarenga; de alva areneca — areiinha alva. Confronte-se Arealva e Arealve; Arenga; Berlenga ou Berlengas; Bustarenga de Bostarenga, aldeias; Enga feminino (portuguez popular) pasto, parasitismo; costume; uso.

E prefixo de muitos vocabulos portugueses.

Lenga-lenga; Moenga; Mostrengo, nome commum; Pendenga (brasileiro) pendencia; Perlenga; Podenga ou podengo; Pudengas (partes) por pudendas; Soenga, [1] solarenga? Vilhenga, etc.

E'o

A Hespanha tem Fontelo e Fontéo. Nós temos Aléo e Aléus; Boléo-quinta; Botaréos plural de Botaréo; Coruchéo e Coruchéos; Lello, appelido e Léo, aldeia; Portello e Portéo; Réo, pomar, etc.

Ermo e erma

Castermo, aldeia; Caserma; Casermo; Fonterma; Sederma. O povo tambem diz Sedesma; Siderma.

Erto (desinencia)

Alberto; Dagoberto; Felisberto; Gilberto; Roberto, Gualberto, Gumberto, etc., nomes de santos.

Ete, eta

Achete; Alcochete, por Al-tojete? Aldarete; Alegrete; Azinhalete, diminutivo de Azinhal; Balicete; Bacello, Bacellete e Bacellinho.

Baixetes; Barquete; Barrete; Batanete; Bilrete; Bordalete e Bordalo; Borgo, Borguete, Burgete, Burgo, Burgueta, Burguete, Burgueto e Burguinho.

---

[1] Soenga vem do portuguez popular soenga — fabrica de panellas de barro.

Brete, Bretes e Bretos; Cadete; Caniveta e Canivete; Cavallo, Cavallinho, Cavalucho e Cavallete; Corvete e Corvite por Corvito.

Cruzetes por cruzetas. Confronte-se Cruzetinhas, Cruzetinhos, Cruzinha e Cruzinhas; Fragueta e Fraguinha; Furreta e Fuzeta.

Gaeta? por Gaieta, dos Gaios, como Gaiata e Gaiate. Confronte-se Gaia, Gaião, Gaio, Gaios, Gaiinhos, Gaioso, Gaiosa, etc. Gafete de Japheth? Gamoalete e Gamoalinho; Gazeta por cazeta — quinta. Gorreta e Gulreta.

Guardal e Guardete por Guardalete, o mesmo que guardalinho por Cardal e Cardalinho; Guardinhos por Guardalinhos e Cardalinhos; Guardete por Gardete, de cardete por cardalete?

Lagareta; Marmelete; Olivete de Olivalete, diminutivo de Olival; Outrete por Outeirete, diminutivo de Outeiro; Palheta, Palhetinha, Palhinha e Val de Palhete.

Pinhete; Pipalete; Piquete; Punhete, de Pinhete por Pinhalete, diminutivo de Pinhal, como Pinhalinho. Confronte-se Azinhalete e Azinhalinho, diminutivos de Azinhal; Ramalhete, diminutivo de ramo ou ramalho; Rodete; Roquete; Tapete; Villacete, etc. povoações nossas.

Eu

Baldreu ou Valdreu, povoação nossa; Caheu ou Alto do Caheu ou Alto do Calhau, povoação nossa; Milleu e Mirleu, de millium, milho. D'aqui talvez Milreu!... e de sal, Salreu? Viseu e Viseus. De Visoy? antigo nome pessoal ou antes de Vaseu, por Basileu, o mesmo que Bazilio, antigo nome d'um santo, tirado de Basileia, cidade da Suissa. Confronte-se Pompeia e Pompeu, Bazileia e Bazileu, Roma e Romeu, Thodeia e Thadeu, etc.

De Vizoi ou Vízoy Visoius, Viseius < Visêio, Viseu? De Bazileia < Bazilêu < Vazeu < Vizeu?...

Eu (nomes proprios)

Abrêu; Achillêu e Aquilêu, santos. Confronte-se Achilléa, antigo nome d'uma ilha do Mar Negro, onde se crê sepultado Achilles, e Aquileia antiga cidade da Italia. Vide Magn. Lexicon. Aggeu, santo Agilêu e Agillêu, santos. Agyllêu foi

nome d'um luctador famoso e d'um filho d'Hercules. Aquilêu, santo.

Alfêu ou Alphêu, santos do latim *Alphêus, i*, Alphêu, rio da Morêa, celebre nas fabulas, unde Alpheias, adis, Alpheia ou Arethusa, Nympha, amante de Alphêu. Alphêu foi tambem, nome biblico, em latim *Alpheus, ii;* Amadêu, santo. Amidêu? Andrêu?

Argêu, santo, do latim, *Argêus, ei*, o mesmo que Argivus, *i*, d'Argos ou da Grecia. Astrêu. Bartholomeu, santo: Basilêu, santo. E' o mesmo que Basilisio ou Bazilio; Borromêu, santo; Briarêu?

Cachêu; Carizêu? Carizia, Carizio e Carisio foram santos; Chaldêu; Cindêo ou Cindêu, santo; Clodoveu? E' o mesmo que Ludovic, Luiz e Clovis; Cyreneu; Deuladeu, santa. E' o mesmo que Deodata, Deodato, e Deus dedit, tambem santos.

Dorostovêo ou Dorostovêu, santo; Dorotêu, santo, como Dorotêa, tambem santa; Dosileo, santo ou Dosileu? Drotovéo ou Drotovêu, santo; Elisêu, santo. E' o mesmo que Elisio, Elyseu e Elyzeu, tambem santos: Filisteu; Filothêu e Philotêu, santos; Galdêu; Hebrêu; Idumêu; Irenêu, santo; Isêu (em latim Isaeus) nome grego do mestre de Demosthenes.

Lebrêu; Lycêu; Macabêu e Machabeu, santos, unde Macabio, povoação nossa; Menelêu, santo; Menêu, santo. Moseu e Museu, santos; Morphêu (myth.); Narsêu, santo; Nerêu; Peleu, santo de *Peleus, ei*, Pelêu, pae de Achilles.

Perseu? Pompeu, santo; Promethêu (myth.); Prothêu; Ptolomêu, santo, nome de 18 reis do Egypto; Pyrêu; Romeu? Salrêu; Sandêu; Tadêu e Thadêu, santos; Thadêu, Thadeia, Thodeia e Parada Thodeia; Thesêu, rei d'Athenas, filho de Egeu e de Ethrêa, filha de Pithêu; Talalêu, santo; Tolomêu, santo. Vide Ptolomêu; Vazêu? Zachêu, santo, de *Zachêus, ei*, nome biblico; Zebedêu, de *Zebedeus, ei*, nome biblico, etc.

Êz, eza, ezas e ezes

Banreza e Banrezes; Braveza, bravura, qualidade do que é bravo, bravio ou Bravêz? unde bravezes e Abravezes por Al + Bravezes — na acepção de montezes — porcos montezes, cabras montezes, porcos bravos ou javalis e cabras bravias, selvagens, bravas.

Nós não têmos actualmente, mas talvez que já tivessemos bravêz e bravezes na acepção de bravo e bravos, montez e montezes supra, o mesmo que montanhez, adjectivação tirada dos montes e montanhas. Burguês e burguezes; Cambezes; Canavezes; Chaldeus e Chaldezes; Cortês e Cortêz — do baixo latim curtensis — de curtis = cortis — côrte; descortês e descortêz. São adjectivos e deram no plural cortezes e descortezes para os dous sexos, — não cortezas nem dercortezas, como soêz, tambem adjectívo, — deu soezes — não soêzas. Pelo contrario portuguez deu portuguezes e portuguezas; francez deu francezes e francezas; inglez deu inglezes e inglezas; irlandez — irlandezes e irlandezas; escocez — escocezes e escocezas; norueguez — norueguezes e norueguezas; dinamarquez — dinamarquezes e dinamarquezas; leonez — leonezes e leonezas, etc.

Parece que montez deu montezes, não montezas. Assim dizemos porcos montezes e cabras montezes, não montezas. Menezas e Menezes; Montês, não montez; Pequenez e pequeneza; profundez, profundeza, profundidade, profundura e profundas (popular).

Refesas e Refezes; Revés e revez, masculino. Robustez, robusteza e robustidão; Rudez e rudeza; Seccura e sequidão, não sequidez; Serenidade, não serenidez; Sofreguidão, não sofreguidez. O povo diz sofreguice.

Sordidez e sordideza; surdez, não surdidão nem surdeza; Talharezes, de Talhariz? Confronte-se Tralhariz por Talhariz e este por Calhariz!... Confronte-se tambem Canavezes por Canabizes, que deu tambem Campizes por Cambizes e Cambezes?!... Terrantês e terrantez, natural d'uma terra ou povoação.

Ia

Vide pag 107 e seguintes d'esta minha louca *Tentativa Etymologica*, parte 2.ª

Abbadia; Abegoaria; Albergaria; Alcaidaria; Bernardia; Curia por Curaria; Freiria; Donairia; Alcaria; Alegria, quinta do Douro; Alfeiria por Alfreiria ou Alfeitaria; Alfria... Algarvia ou Algravia; Almadia ou Armaria.

Alvadia; Anadia, de aradia? Confronte-se Lameiria, Lavradio, Trabalhia, Sapataria, Curia por Curaria, Mesadia, Vestiaría, Trafaria, Ucharia, Lameiria.

Pedraria, Penedia, Pescaria, Pinheiria, Pisoaria, Pombaria, Portelladia, Portoguedia, Vallaria, Vessaria, Vistoria, Cardia por Cardaria; Aravia; Astroluzia; Azedia; Bainharia, Banharia e Picaria — ruas do Porto.

Barreiria; Barrocaria; Berberia; Bernardia; Boquia? Bordalia? Bornaria por Borraria ou Burraria — das bórras ou dos burros. Confronte-se Cavallaria, Chamellaria, Carneiria, Gançaria e Cançaria por Gançaria.

Aravia, Berberia, Mouraria, Mouria, Cabría por cabraria, Couxaria, Gouxaria, Gataria, Cocaria, Coparia por Cucaria, Gavaria e Gavia por Gaviaria, Pataria, Vacaria, Poldraria; Brazia; Bugia.

Carapía por Casa Pia? Carneiria; Carvoaria; Casaria; Cascaria; Castellaria; Cavallaria; Chamelaria; Cocaria e Coparia — fórmas do mesmo nome, pois *ca*, *co*, *cu* e *pa*, *po*, *pu* confundiram-se. Vide o meu longo topico Substituição de letras.

Congeitaria? Cortezia; Cotovia; Couxaria, Gouxaria e Mouxaria, povoações nossas, que tomaram o nome dos mochos, aves e dos muchões, mosquitos. Moucharia deu ou podia dar Couxaria e por seu turno Couxaria deu Gouxaria; Enfermaria; Enxertaria e Enxertia; Espia; Fanadia; Faria; Feitoria — talvez de Feitaria ou Fetelaria; Felgaria, o mesmo que Fetelaria.

Francaria, dos francos, o mesmo que Franzia por francezia, dos francezes, e Galleguia, dos gallegos; Portoguedia, o mesmo que portuguesia, dos portuguezes; Mouraria, dos mouros; Judiaria, dos judêus; Andaluzia, dos andaluzes; Berberia, dos berebéres; Franzia por francezia.

Freiria; Furnaria; Gafaria; Garcia; Gataria; Gavaria por Gaviaria; Gordaria por Cordaria e este por Cordoaria? Gouxoria; Guia.

Joaria. Confronte-se Joara, Joarilla, e Juara em Leão, na Hespanha. Judia; Jugaria. Confronte-se Jugueria em Oviedo; Juhia e Juía; Lameiria; Lavradio, o mesmo que lavradia; Leiria e Leisia.

Moía e Muhia (Villa Nova da Muhia), do castelhano molina que deu tambem Moinha, povoação nossa, Moinhelha, Moinhola e Munhota por Molinhota. Tambem temos Mulineta e Mulinheta.

Monceravia; Moria; Mossomodia, de Mossamedia e este de Mossamedes; Moucharia; Mouraria e Moura por Mouraria.

Olaria; Pairia; Palmeiria; Pataria; Penedia; Pescaria, rua de Gaya; Pinheiria; Pisoaria; Poldraria; Pombaria; Porfia e Porfias — contendas, lides? Portelladia; Portuguedia.

Pousia, Pousias, Pousios; Rebalxia; Rebalvia (Rebaldia?) Rebolaria e Rebolia, contracção de Rebolaria ou de reboleiria, souto ou Soutaria de Reboleiras ou reboleiros, o mesmo que Rebolal, Rebolar e Rebordal, povoações nossas.

Os castanheiros bravos tomaram o nome de *reboleiros*, porque dão castanhas redondas, a modo de *rebolos* ou *rebolãs*, unde Rebordans e Rebordãos, o mesmo que Rebolãos, povoações nossas.

Rebordãos é o mesmo que rebolãos e Reboleiros, castanheiros que dão castanhas *rebolãs* ou arredondadas, unde Rebolosa, Rebollão, o mesmo que Rebordão, Rebordainhos, Rebordal, o mesmo que Rebolal, Rebolar e rebordeiral; Rebordans, Rebordãos, Rebordeiras, o mesmo que Reboleiras, Rebordello, Rebordinho, o mesmo que Reboleirinho, Rebordo Chão, Rebordões, Rebordondo, Rebordosa e Reboleiro, povoações nossas.

Rebordo Chão — é o mesmo que Rebordosão, augmentativo de Rebordoso ou de Rebordão. Confronte-se Rebordachão em Pontevedra (Gallisa), o mesmo que Rebordasão, porque a Hespanha não tem *z* sibilante.

Rebordondo vem talvez de Rebordono, o mesmo que rebordano e Rebordão. Regadia, Regadias e Regadio; Rexaldia; Sapataria; Serviçaria e Outeiro da Serviçaria; Sesmaria; Soutaria; Tetelaria ou Fetelaria. De Fetal, como Felgaria de Felgar o mesmo que Fetal.

Tomadia; Touria por Touraria. Confronte-se Tural e Toural; Trafaria por Trafegaria. Umbria; Vacaria; Vallaria e Vallia por Vallaria. Vespería por vesparia. Confronte-se Vespeira e Vespeiro, Bespeira e Bespeiro e Zangaria dos zangões; Vessaria; Vestiaria; Vestoria; Via... Vigia, Villa Fria; Villa Garcia; Zangaria; Zombaria, etc. pov. nossas

Íbal, úbal e úgal, talvez o mesmo que úbal

Setubal e Tentugal. Confronte-se Asdrubal, general cartaginez que figurou muito na nossa peninsula. Tambem Turcifal recorda Annibal, outro general cartaginez da peninsula.

Ica e ico

Burnico por burrico; Celorico, diminutivo de cellorio — celleiro, no baixo latim *cellariolus*, unde Celleiró, Celleiroz e Sellouros por Cellouros? Cerolico por Celorico; Choupica e Choupico. Cobrica; Forneco e Forniço por Fornico!.. Joanico e Joaninho, etc. povoações nossas.

Iça

Adiça e Povoa d'Adiça; Alcainça por Alcaniça, na Hespanha; Aljuriça? Alvariça; Apariça; Canniça; Carvalhiça; Castainça por Castaniça; Costariça; Favarica; Gandariças; Lagariça e Lagariças.

Melriça, o mesmo que Melrissal, Melreira e Melroeira, abundante em melros — Milhariça; Pocariça; Porcariça; Pucariça; Rapadica; Reboriça e Revoriça em vez de roboriça, de robur carvalho, como Carvalhiça; Roliça, abundante em rolas? Confronte-se Melriça; Urjariça — da urze ou urge. Confronte-se Urgal, urgares, Urgeira, Urgezes, Urgueira, Urjaes, Urjal, Urzal, Urzalão, Urzelhe, Urzella e Zorzaes ou Zurzaes, o mesmo que Os urzaes? Da urze, planta — ou do francez orge, cevada.

Confronte-se tambem Jorzaes, Jurzaes, Orgal, Orge Orgem, Orgens, Orgueira, Orijal, Orjaes, Orje e Orjo?!... Vacariça. Cf. Bacaria, Bacarice e Vacaria; Vellariça e Villariça de Avellariça, bosque de Avelleiras, pov. nossas.

Iche, ique e ico

Peniche, Penique e Peniquinho?!... Talvez que Peniche outr'ora se lesse Penique, pois *ch* já soou *k* ou *q*. V. o topico *Substituição de letras*.

Icho, ou icho por inho

Arneiricho e Arneirinho; Casaleixo por Casalixo e Casalinho; Cavalluche, casal de Sacavem, por cavallucho, este por cavallicho, e este por Cavallinho, povoação nossa: Ga-

vicho, appellido, e Gavinho; Lagartixo por lagartinho; Rabicho e rabinho.

Ico

Celorico por celeirico, pequeno celleiro ou celleirinho, cemo celleiró e Celleiroz, do baixo latim *cellariolum*, diminutivo de *cellarium*, celleiro; Cobrica, o mesmo que Cobrinha, povoações nossas; Fornico, o mesmo que Forneco, Fornello, Fornilho e Forninho, pov. nossas.

Joanico e S. Joaniço, povoações nossas; Mendricos? Milrico por melrico ou Melrinho, povoações nossas; Passico por Pacico de palacico, o mesmo que Pacinho e Passinho, Paçô e Palaçoulo por palacinho? Pocico, o mesmo que Pocinho, povoação nossa. Tambem temos Poçoulos, Popollo, appellido, e Possacos, diminutivos de Poço, e talvez que Bussaco venha de possaco? Roxico, diminutivo de Roxo? etc , povoações nossas.

Ida

Alcarida por Alcaria? Alfrivida por Alfria? povoação nossa tambem, como Fria, Frias, etc. Bastida, povoação do districto de Vianna do Castello, e sitio deshabitado em um esteiro entre Ovar e Estarreja, districto d'Aveiro.

Confronte-se Bastida, 4 povoações da Hespanha nas provincias de Lugo, Lerida e Salamanca, e Bastido na de Cadiz.

Confronte-se tambem Bastida na Toscana.

Bastidasse (em portuguez Bastidassa) duas povoações de França, na Provença.

Bastide (em portuguez Bastida) duas povoações da Provença tambem.

Bastide (em portugez Bastida) 10 povoações do Languedoc, tambem sul da França.

Bastide (em portuguez Bastida) 7 povoações do departamento d'Aveyron (França). Junte-se Bastide, uma das povoações da Provença no departamento do Var e note-se que a nossa Bastida, sitio despovoado, demora no concelho d'Ovar, quasi Var, disricto d'Aveiro, quasi Aveyron.

A França tem mais com o nome de Bastide, em portuguez Bastida, as povoações seguintes: 1 no departamento do

Cantal; 2 no de Gers; 1 no Lot; 1 no de Lozère; 1 no Rossilhão; e 1 no departamento d'Ariège.

Tem, pois, a França 32 povoações com o mesmo nome de Bastide, em portuguez Bastida, todas mencionadas na *Geogr. Univers.* de Bescherelle e Devars. E talvez tenha mais, porque a dita geographia não menciona as povoações todas, mas só as mais importantes. Junte-se Bellída. Cerquida, o mesmo que Cerqueda e Carvalheda, povoações nossas.

Ige

Carcamige? por carcamuge, e este por carcamujo? Cf. Valdige, fórma pop. de Valdigem. Valdige é o mesmo que Valduge por Valdujo—Val do ujo, pov. nossa que eu já visitei duas vezes. E' uma freguezia pertencente ao concelho de Trancoso.

Il

no plural *eis* ou *is*.

Adail, adais; Aguazil, aguazis; Barril, barris; Buril, buris; Cabril, Cabris; Canil, canis; Cantil, cantis; Carril, carris; Ceitil, ceitis; Estoril, Estoris; Funil, funis; Fuzil, fuzis; Gentil, gentis; Gomil, gomis; Mercantil, mercantis; Projectil, projectis ou projécteis; Quadril, quadriz; Tamboril, tamboriz; Textil, textis; Viril viris.

Il, ins e iz

Barral, Barril por Barral, Barrins e Barriz? Bizarril, Bazarril e Bezerrins por Bezerris; Cabral, Cabril, Cabrins e Cabriz; Carril, Carris e Carrizes; Esmoriz e Esmorins por Esmoriz; Fraguil e Fraguins; Loural, Louril e Louriz, etc., povoações nossas.

Im e ino

Agostim e Agostinho. Confronte-se Agostem e Magostim, povoações nossas; Alvim e Albino; Arentim por Arentino, de *Arinthinus*, *i*, diminutivo de *Arinthus*, *i*. Arintho e

Arinto, antigos nomes pessoaes e hoje appellidos; Beduino e Bedim por Beduino; Bensafrim e Safrim, povoação nossa, de *Zephyrinus, i,* Zephyrino ou Zeferino, santos.

Bernardim e Bernardino; Cantim e Contim, de Quintim por Quintino; Constantim e Constantino; Gogim e Goujoim, de *Gosuinus, i*; Gualdim e Gualdino; Jozim (aldeia) e Josino; Landim, freguezia, e Nandim, appellido, de *Landelinus, i,* Landelino, nome dum santo. Por seu turno Landim deu Nandim, como *Landolphus, i,* nome germanico, deu Nandufe por Landufe [1].

Laurentim e Laurentino; Lazarim e Lazarino; Lourentim por Lourentino, de *Laurentinus, i;* Laurentino, santo, etc. o mesmo que Lourencinho, casal, diminutivo de *Laurentius, ii,* Lourenço, santo, que deu tambem *Laurentianus, i,* unde Laurenciano, casal nosso.

Martim, Martino e Martinho; Mimvaqueiro por Mem Vaqueiro, e Mim Velho por Mem Velho, de Mendo Vaqueiro e Mendo Velho. Cf. Agostem e Agostim supra. Nostim por Nostino, de *Naustinus, i,* dim. de *Naustus, i* Nausto, santo; Paim, appellido nobre e antigo, é o mesmo que Painho, pov. nossa, de *Pelaginus, i,* dim. de *Pelagius, ii,* que deu Pelagio, Paio e Paes, como *Pelagianus, i,* deu Paião.

Tourim, aldeia e appellido de *Taurinus, i,* Taurino, S.to etc. dim. de *taurus, i,* touro. O mesmo *Taurinus, i,* deu Tourem e Torino, pov. nossa, e talvez Torim, cidade italiana. Severim e Severino; Verim por Verino, de *Verinus, i,* dim. de *Verus, i,* Vero, santo.

Im e em por im (diapasão francez)

Abbadim e Abbedim; Agostem por Agostim, o mesmo que Agostinho; Alcanim e Alcaninzinhos? Alcoutim; Aldarem por Aldarim? e Aldarinho!... Alfardim por Alfarim. Confronte-se Alfarins e Alfaro por Alfarero, unde Alfarellos? Alfeixim por Alfreixim — o freixinho?

Alfenim, de Alfena? Almadanim? Almadantim? Almeirim, Almeirinho, Almeirinhos e Almeirões; Almorquim; Alpoem e Alpoim; Alpolentim? Alporxim; Alquerubim; Altim; Alvarim; Alvem e Alvim.

---

[1] Vide o tópico *Substituição de letras.*

Amorim: Arentim; Arestim; Arpim (do); Attim. Vide Altim; Badim; Baguim; Barturim, de Iben Arturini; Bassim? Bedim por Badim? Bensafrim, filho de Zeferino.

Bodim. Confronte-se Godim!... Bogim, Boim e Villa Boim!... Confronte-se Boinhas, Boíno e Boínos; Bostelim; Boucegodim por Bouçagodim, Bouça do Godinho!...

Brandim; Caim; Calquim; Cautim; Caparim; Cardim; Carem e Carim!... Cartem e Cartim: Catem por gatem e Gatim; Cedovim?... Cedrim por cedrinho? Confronte-se Cedro, povoação nossa.

Ceromil, de ceramil por celamil e este por celamim!... Chacim; Chaim; Chamoim; Chavim; Chorim, Corim e Carim. São talvez fórmas do mesmo nome tirado de Carini... Codim e Godim; Coixim e Coixinho?!... Confronte-se Coixa, Coixo e Coixos; Constantim e Constantino: Contim. Vide Cantim por Quentim de Quintini.

Cotem por cotim ou coutim, que se encontra em Alcoutim; Cotens plural de Cotens supra; Crespim — de *Crispinus, i*; Crestim e Crestins — de Christini, santo; Eidim e Eidinho!...

Enxertim por enxertinho? Escaroupim; Espertim; Falporrim; Fascaim por Fiscaim o mesmo que Fiscainho; Gabim, Gavim e Gavinho; Gobim e Gouvim?... Confronte-se Gavião, Gavianito e Gaviãosinho, Gaviello, Gavinho e Gavinhos. Gavim por Gavinho; Gabim por Gavim; Gobim por Gabim; Gouvim por Govim e este por Gobim. Tambem Gobim póde ser uma fórma de Godim!... Confronte-se tambem Gafino por gavino?...

Gagim por Gaguim ou Gaguinho. Confronte-se Gaga, Gago e Gagos [2]; Galandim por Galantim e galantinho. Confronte-se Galante, appellido; Galdins e Galgodins — de Val-Godins? Note-se que *va* deu *ga* e *gua*, etc. — Gandim. Vide Galandim, Gondim, Gontim, Cantim e Contim?!...

Gargolim: Garim [1]: Gato e Gatim por gatinho? Gebelim? — Godelim, Godim e Goim por Godim. Confronte-se Godos, Goda, Godel, Godela, Godilha, Godinha, Godinhella, Godinho, Godinhos, e Godins, etc., povoações nossas.

Goivim por goivinho? — Confronte-se Goiva e Goival. Gombim por combim? Vide Combinho, Comba, Pomba, e

---

[1] Tambem Gagim póde ser uma fórma de Gogim!...
[2] Vide Carem e Carim, supra.

Pombinha; Gondelim e Gondim?!... Gordim e Gordinho?!... Goujoim; Gouvim; Gradil, Gradim, Gradins (quinta e ponto do Douro) e Gradiz, o mesmo que Gradins plural de Gradil?

Gualdim por Gualdino, etc. Confronte-se Galdins patronimico de Galdim, velha fórma de Gualdim; Guetim. Vide Gatim; Guim. Vide Goim e Godim, Guins e Godins!...

Joaquim, Joazim (por Joacim que já soou Joaquim) e Joarim, são fórmas do mesmo nome; Jozim; [1] — Jubim. Vide Jovim; Laborim; Landim e Nandim — de *Landelinus, i!...* que deu tambem Landina por Landelina; Larim, Vide Lazarim; Lebrem por lebrim, o mesmo que Lebrinho.

Levarim. Vide Laborim e Laboriz, unde Lavariz? — Lexim, de Aleixim por Aleixinho. Vide Alijó e Lijó; Lobaim por lobaguim? Vide Lobagueira, Lubasim e Lubasins; Lourentim, de *Laurentinus, i*, diminutivo de Laurentius — Lourenço; Lourim; Luzim, de Lucinii, etc. povoações nossas.

Im, na provincia de Gôa (India portuguesa)

Ambelim; Ansolim; Arossim; Arsulim; Bambolim; Batim; Benacolim; Bicholim; Bombaim; Camorlim; Camaguenim; Cancaulim; Candolim; Carmolim; Cartarim; Cavetossim; Champalim.

Chicolim; Coelim; Corlim; Cortalim; Cundaim; Cuissim; Dabolim; Dangerim; Dangim; Doncolim; Gandaulim; Guirim; Juarim; Letolim; Lontulim.

Marcaim; Morgim; Naguelim; Naiquinim; Navelim; Nertodim; Orlim; Pangim; Purvarim; Querim; Salganim; Sanquelim; Sarolim; Siolim; Sirtim; Talanlim, Tivim; Ucassaim; Vangutmim; Vantim; Vavelim; Vellim, etc.

Ina e inda. Ino e indo

Arminda — de Arminia ou Ermina, Ermino foi santo, bem como Herminia, Hermina é nome actual. Carlinda — de Carolina; Carlindo de Corolino; Carminda de Carmilina? Carmindo — de Carmilino; Clorinda — de Colorina?

Ermelinda — de Ermelina; Ermelindo — de Ermelino; Flo-

---

[1] De *Jesuinos, i* — Jesuino, nome pessoal e appellido.

rinda — de Florina; Florindo — de Florino; Galinda — de Gallina? Galindo — de Gallino. Confronte se Galla e Gallo, nomes de santos, etc. Idalinda — de Idalina; Idalindo — Idalino.

Laurinda — de Laurina; Lucinda * de Lucina * ou Lucinia; Lucindo — de Lucinio * ou Lucino; Raindo — de Raino — Rainho? Raulindo — de Raulino; Rosinda — de Rosina * Rosinha * Zuzulinda e Zuzulindo? — de Zurzulina e Zurzulino, nomes pessoaes e appellidos.

— Os asteriscos suppra (* *) revelam nomes de santos.

Inho e osinho

Camposinhos, em Leça da Palmeira, junto de Mattosinhos, e Campinhos; Mattosinhos e Mattinhos; Ouro, Ourosinho e Ourinho, etc. povoações nossas.

Ino e iano

Antonius, Antoninus e Antonianus; Florus, Flora, Florinus, Florina; Florindus, Florinda e Florianus, *a* Justus, Justinus e Justinianus; Maximus, Maximinus, Maximianus e Maximilianus; Severus, Severinus e Severianus.

Ins, iz e izes (plural da desinencia il)

Barral, Barraes, Barril, Barrins, Banrezes e Barrezes. Confronte-se Meneixos; Menexas, Menezas e Menezes, povoações nossas, e Menizes, appellido archaico. Barril, Barrins e Barris; Cabril, Cabrins e Cabris; Carril, Carris e Carrizes.

Mende, Mendel, Mendes, Mendalvo, Mendim, Mendis e Val de Mendiz; Moural, Mouraz, Mourel, Mourens por Mourins, Mouril, Mourim, Mouris, Mouriz e Mourizes!... Junte-se Morem, Morim e Morins, Boreis, Boriz e Buriz, por Mourens e Mouriz (?), povoações nossas.

Ique e ico

Casal de Nique; Henrique; Laxique ou Val do Laxique; Manique; Manrique; Monchique; Monte do Mourique; Monte

dos Mouriquinhos; Morachique e Mourachico; Mourique (Monte do Mourique).

Ourique; Peniche, villa, Penique e Peniquinho, casaes; Pussich, appellido nosso. Saquinibaque e Sequinique; Val de Laxique; Tarik, nome arabe; Totenique; Val de Brique, etc. povoações nossas.

Isa e iza

Anisa, Balisa, Bemvisa, Clavisa, Devisa, Niza, Revisa, etc. povoações nossas.

Isca, isco

Corisca, Coriscada, Coriscas e Coriscos; Faisca, Faiscas e Faisco; Fontaiscos e Fontiscos; Francisca, Franciscas e Francisco e Franciscos; Lentisca, Lentiscas e lentisco; Penediscas, plural de Penedisca; Pisca e Pisco; [1] Robisca e Ruvisco, etc. povoações nossas.

Ita e ito

Azenhita; Beiranita e Boiranita, são fórmas do mesmo nome; Cabanita; Cabeçanita; Cabrita; Caganita (é uma quinta); Casalito; Casita; Catrivana e Catrivanita; Cegonhita; Chelrito; Corcitos e Fillipito.

Ganita, Gavianito; Guarita; Lopitos; Melrinita; Monte da Ganita; Monte das Baionitas; Monte do Melanito; Oleirita; Olhitos; Padre Cabecanita; Pai Canito e Pai Cão; Paixanita; Pisanito; Poupanita, etc., povoações nossas.

Iz e ins

Barril, Barris e Barrins; Cabril, Cabriz e Cabrins; Esmoriz e Esmorins; S. Felix, S. Feliz, S. Fiz, na Hespanha,

---

[1] Dos piscos, aves, ou de Priscus, Prisco, nome d'um santo, etc. que deu S. Pisco, orago antigo da Regoa.

e entre nós Sanfins e Sinfães por Sanfins!... Mouril, Mouris, Mouriz e Mourens por Mourins, etc., povoações nossas.

Jó por xó, e vice-versa

Alijó e Lijó, de Alixó e este de *Alexiolus, i*, Aleixinho, diminutivo de *Alexius, ii*, Aleixo.

Crixó, de Grijó, o mesmo que Egrejó, de Ecclesiola — egrejinha ou pequena egreja, o mesmo que Ermida, Mesquitinha e Mesquinhata por Mesquitanha, o mesmo que Mesquitinha, povoações nossas.

Má e mau

Barrimão e Barrimau por Barro Mau [1]? Carrimá; Casal Mau; Costa Má; Cova Má e Cova da Má ou Covada Má; Lama Má; Massamá; Matamá e Matta Má; Quinta Má; Pedaço Mau; Pedra Má, sitio no fundo do Val d'Arouca. E' um despenhadeiro medonho, onde passa a nova estrada a macadam. Porto Máu; Rio Máu, etc., povoações nossas.

Nó

Cominó, casal.

O por eiro

Castanho e Castanheiro; Louro e Loureiro; Pinho e Pinheiro; Sobro e Sobreiro, povoações nossas.

Oca e ôco

Baloca, Baloco; Balouca e Balouco; Balouta, Balouto; Beijocas; Bejota por Beijota, este por Beijoca e este por Feijoca? Bichoca; Eirogo por eiroco, o mesmo que eiroca; Engenhoca; Feijoca e Feijogo por feijoco!... Furoca!?... Marnoco, appllido, Tinoca, Tinoco, povoações nossas.

---

[1] Confronte-se Portimão e Porto Máu?!...

Oche

Cantroche — quinta.

Ôco, ôgo e ouco

Alvôco; Balôco e Balouco; Barroca e Barrôco; Biocas e Biôco; Boca Bôco; Boga e Bogo; Diôgo e Viogo; Eirogo — caldas de Barcellos; Miôgo; Mogo; Moxoco; Tinôco; Villarôco e Villarouco, etc. povoações nossas.

Oes e ões

Pereirões e Preiroes, por Preirões, etc. povoações nossas.

Oi

Estoy é uma freguesia do Algarve; Godoy é appellido nosso; Guissoi — Talvez de Vizoi — antigo nome pessoal, que entre nós foi vulgar nos seculos 10 e 11.

Vide Vizeu, longo artigo meu no *Portugal Antigo e Moderno*, vol. 12, pag. 1715, col. 2.ª e 1716, 1.ª.

Note-se que *vi* deu *gui* e *zo* deu *só* no diapasão leonez, etc. Vizoi tambem teve a fórma Vizoy. Magoi é uma povoação nossa. Confronte-se Maiolo e Mayolo, nomes de santos, em latim *Maiolus* e *Mayolus*, *i*, que já se escreveram *Majolus*, *i*, unde *Magolus*, *i*, no diapasão castelhano.

Por seu turno Magoli deu ou podia dar Magoi!...

Confronte-se tambem o italiano magio e mago — mago, feiticeiro, sabio, unde talvez Magiolo, Maiolo, Mayolo e Magolo, supra.

Tambem Maiolo pelo diapasão italiano podia dar Magioli, unde Magoli e Magoi? Nitheroy, é uma cidade do Brazil; Quirois; Rajoi, aldeia.

Oiço e ouço

Alouço; Barcouso; Bouço; Cadoiço e Cadouça, Cadouço e Cadouços; Choiça; Chousa por Chouça e Cachouça por

Ca + Chouça; Lagoiços e Lagoços por Lagouços? Morouço e Morouços; Pedroiços, Pedrouço e Pedrouços; Penouços; Recouço; Ribouça; Villouços.

Oiga

Pontoiga. De Pontica, Pontigas, Ponteiga, Pontoiga?

Talvez seja uma forma de pontoila, diminutivo de ponte, como Fontoura por Fontoira, de Fontolia, quasi Fontoila e Fontoiga.

Confronte-se Rirasoila, Moçoila e Piscoila, pov. nossas.

Note-se que *g* e *l* se confundiram e substituiram na onomastica portuguesa.

Vide o topico — Substituição de letras.

Confronte-se Pontega e Ponteguinha.

Oila

Caçoila, instrumento culinario e tambem apodo ou appellido; Formicoila; Moçoila; Papoila, flor e appellido; Picoila; Rirasoila; Rapoila e Rapoula, etc., povoações nossas.

Om

Adão, Adon e Adões; Cabra, Cabrão, Cabrões e Cabrum por Cabrom?

Mas Cabrum talvez seja adjectivo, indicação de gado cabrum — cabras e bodes.

Confronte-se Cavallum, povoação nossa, e ovelhum, nome commum.

O snr. Figueiredo não deu o adjectivo cavallum, mas sómente cabrum e ovelhum. Foi lapso.

Carro, Carrão, Carron e Carrões; Fonte, Fontão, Fontom e Fontões.

Ona

Arjona; Atafona; Atagona: Barahona; Barbatona; Barjona; Cachadona, grande Cachada? Confronte-se Cachadinha;

Campona; Carmona e Carona, appellido. O povo tambem diz pernona, mocetona, pimpona, solteirona, babona, marafona, lambona, frescalhona, felisona, Carrasona; Crasona por Casarona? Dona, Donas, Casal das Donas, Casal Dona; Foros da Catampona? Lagardona ou Lagarda Dona; Mona; Monte da Feiteira e Monte da Feiteirona; Quintandona por Quintã da Dona; Victorino das Donas; Silveirona; Sonna, etc., povoações nossas.

Onfra

Azugonfra?!... casal.

Onga e ongra

Camatonga; Longa, Longra, Pendonga; Perlonga, etc., povoações nossas.

Ontra e ontras

Lontra, Mastrontas, etc., povoações nossas.

Ostias

Remostias, aldeia, etc.

Ote e oto

Botto; Carreiroto, aldeia; Carvalhote e Carvalhotinho; Côto; Cotoviote; Escrevote por Escrevelhote? Confronte-se Escravelho e Escravelhos; Faleoto; Fatiota; Ferrariota; Galé e Galeota, povoações nossas; Marnoto; Maroto, appellido; Peixoto; Perdigoto, casal; Pericoto; Picoto e Picotos, muitas povoações; Pinhote.

Ouço

Barcouço; Bouço e Bouços; Cabadouso; Cadouço e Cadouços; Couço e Couços; Lagoiços o mesmo que Lagouços; Morouço e Merouços; Pedrouco e Pedrouços; Villouços.

Ua

Carapua. Confronte-se Carapia; Carcua; Gandua; Gigua e Jejua; Rua; Tua.

Ude

Magude, em Lourenço Marques; Penude, concelho de Lamego. Vem de Penide por Penido e este por Penedo. Confronte-se Monte da Penida, povoação nossa, como Penedo, Peneda, Penedaes, Penedia. Note-se que a freguesia de Penude e a serra de Penude abundam em penedos.

Um

Cabrum e Cavallum; Fatum.

Ures

Caldures; Sezures.

Uste

Baguste; Conguste; Fuste; Juste.

Uza

Fauza e Fiuza. Parecem fórmas do mesmo nome.

Zote

Vide Casalote, aldeia, por casalote, pequeno casal, e Zote, aferese de Cazalzote, que talvez se escrevesse Cazal Zote. Confronte-se rapazote, o mesmo que rapazelho, pequeno rapaz, antithese de rapazão, o mesmo que rapagão, rapaz corpolento e forte.

Desinencias onomasticas da Hespanha pouco vulgares e congéneres das nossas

Alamico, Alamillo e Alamo; Aldea e Aldecos; Altico e Alto; Barqueras, Barquilla, Barquillo, Batan e Batanejo — pisão, moinho? Canal, Canalica, Canalito; Capella e Capellita; Carrascal e Carranalico; Casal, Casar, Casarito; Casa, Casica e Casicas, Casilla e Casillas (Cacilhas) Casita e Casitas na Hespanha.

Nós tambem temos Casita, e dizemos casota, e a Hespanha tem Casota, Cazalegas, Cazalilla, Cazolgas, Cazorta, Cazullas, Cazurra, etc. Cebral, Cebrecos, Cebreiro e Cebreiros; Celorico, na Hespanha Cellorigo e Celorio; Cerro, Cerrico, Cerrito; Cortijo, Cortijico e Cortijillos; Dehesa, Dehesica e Dehesila; Ficheco, Fichos e Fica; Janella e janeilita; S. Joanico, povoação nossa; Juanic, Lugo; Marchal e Marchalico, Almeria; Marchena e Marchenica, Jaen-Mazo, Mazon, Mazueco e Mazuecos, na Hespanha, e Mazouco em Traz-os-Montes; Mola, Molar e Molarico; Molia, Molina, Molineto, Molinecos, Molinicos, Molinilla, Molinillo, Molino; Montico; Mora, Moral, Morales, Moralicos; Naval, Navalguijo e Nalvaliego; Oliva, Olivar e Oliveirico, Oliveirica, Olivicos, Olvillos; Oter, Oterico e Otero; Pedroco; Pedrouco e Pedrueco; Pilar, Pilarejo, Pilarico, Pocico, Pocicos; Pozacas, Pozanco e Pozo; Ponte, Pontica e Pontigo; Puentecico, Almeria; Quartico, Quarto e Quartos.

Desinencia ENGA na onomastica da Hespanha

Confronte-se Montuenga, aldeia de Burgos, Segovia e Soria; Naval e Navaluenga—Toledo; Paul, Paulenga, Paules e Pauls; Pazo, Pazos e Pazuengos; Revenga, em Burgos; Riolengo, em Guadalajara; Taboazas, Tabuenca, em Saragoça; Tor, Torlengua—Huesca; Torremenga; Venta de Montuenga — Soria; Verengo — Orense; Zalengas e Zabagos — Valhadolid.

Desinencia SENDE por ZENDE na onomastica da Hespanha

Confronte-se Gomesende e Gondesende, em Orense.

Hermisende — Zamora; Lugo-Lesende — Corunha; Levosende — Lugo; Lousende — Lugo; Madrosende e Modrosende — Orense e Pontevedra; Marcosende — Pontevedra; Mousende — Lugo; Mosen e Mosende — Lugo; Nava Morcuende — Toledo; Peñansende; Quetesende — Lugo; Rasinde — Leão; Recesende, — Lugo; Rejosende — Orense; Troitosende; Tusende — Lugo; Vilalosende — Lugo.

Desinencia, aço, aça

Gramacho por Gramaço? Gramicho, appellido, talvez fórma de Gramacho. — Gramicho, quinta, appellido, etc. — Vide Gramacho por Gramaço, o mesmo que Gramido por Gramêdo, sitio abundante em grama.

Gramaços, pov. nossa, é plural de Gramaço e recorda Taboaço, abundante em taboas; Melgaço, abundante em mel; Travasso, abundante em trevo, por Trevaço; Milhaço, abundante em milho; Espinhaço, o mesmo que Espinhosa e Espinhoso, abundante em espinhos; Trigache por Trigacho e este por Trigaço, abundante em trigo; Vinhaça por Vinhaço, abundante em vinho; Colmassa por Colmaço, abundante em colmo, etc.

Tambem temos Cortegaça, Cortegacinha, Cortegaço, Cortegada, Cortiçada, Cortiçadas e Cortiçadinhas, que tomaram o nome da cortiça, em latim *cortex, icis,* que deu *corticatus* e *corticosus*, coberto de cortiça. Por seu turno *corticatus, a*, deu Cortegada, o mesmo que Cortegaça, pois que

Bá, bé, bi, bó, bú e Má, me, mi, mó, mu, iniciaes, confundiram-se:

Baçal e Maçal; Bacalháu por má calhau; Bacalhôa por Bacalhona e Macalhona, povoação nossa. Baceira, Baceiras, Maceira e Maceiras. Badões e Madons, quasi Madões. Ba-

ganha e Maganha; Bairos e Mairos; Bala e Mala; Banhos e Manhos.

Note-se que junto de Lamego, na confluencia da velha estrada de Lamego para a Regua com a nova estrada districtal de Lamego para Castello de Paiva por Sinfães, ha uma quinta e uma fonte publica denominadas Manhos, que bem podiam tomar o nome de banhos.

Somma e segue:

Banhosa e Manhosa, povoações nossas. Banreza, Banrezes, Marrazes e Manreza, povoação da Catalunha. Bariz ou Variz e Mariz. Barbelães por Barbelaes; Marmelal e Marmelaes. Barbeloto, Barbelote ou Barbelete e Marmelete. Barcelona e Marzelona. Barqueiros e Marqueiros. Barquinha, Barquinhas e Barquinho. Marquinha, Marquinhas e Marquinho. Barra e Marra. Barrada e Marrada. Barrão e Marrão. Barrancos e Marrancos! Barras e Marras. Barreiras e Marreiras. Barreiros e Marreiros. Barrócos e Marrócos, quinta do Alto Douro, que tem grandes despenhadeiros, barrancos, barrocaes ou barrócos, *unde* Marrócos por Barrócos!...

Somma e segue:

Barrocal, Marroquil por Marrocal e este por Barrocal! É assim a arte nova. Barros e Marros. Beco e Meco. Bega e Mega. Beira e Meira. Beiral e Meiral. Beiriz e Meirins, quasi Meiriz. Confronte-se Cabris e Cabrins, povoações nossas tambem. Bejota e Mejota. Beladãos e Maladão, singular de Maladãos. Confronte-se Valagões por Valadões, unde talvez Beladãos por Valadãos e este por Vadões.

Belchior e Melchior. Bellide e Melides, plural de Melide. Bellinho e Mellinho. Bello e Mello. Bellos e Mellos. Beloitos e Menoita? Bento, Benta e Menta. Bera ou Vera e Mera. Bertholo e Mertola, quasi Mertolo, mas Mertola foi cidade romana, chamada pelos romanos *Myrtilis* (Julia) a cidade da murta, planta que ainda hoje abunda no alfoz de Mertola, como eu já vi.

Batoque e Metoque. Vidão e Midão. Vidas e Midas. Vide e Mide. Vidões, plural de Vidão, e Midões. Biga e Migas, casaes. Bilhão e Milhão. Bilhó e Milhó por Milheiró, singular de Milheirós?

Vilheiro e Milheiro. Vilhões e Milhões. Boia e Moia. Bofarda, Bufarda e Mufarda de bufarada, e muitos bufos? Bogo e Mogo. Boiranita por Moiranita, o mesmo que Mourinha? Boleiros e Moleiros. Bom Jardim, Bomjardim e Monjardim, appellidos.

Boreira e Moreira. Boreiras e Moreiras. Boriz e Morins? Bortaes, Mortaes e Murtaes. Bossejo e Mocejo. Bota e Motta. Botas e Mottas. Boução e Mução por Moução; Boução e Mouchão por Moução?

Bouçós e Mouçós. Bouções e Mouchões. Bouro e Mouro. Bouros e Mouros.. Bouquinhos e Mouquinho, singular de Mouquinhos. Boreis por Bureis, quinta; e Mureis por Bureis, outra quinta. Boriz, Burís e Mouriz? Brussó e Murçós, de Brissolus, diminutivo de Brissus, e nome d'um santo, etc. Confronte-se S. Brissos, povoação nossa. Bucella, singular de Bucellas e Mucella? Bucellas por Boucellas, o mesmo que Vouzellas e Mousellas.

Ba, be, bi, bo e na, ne, ni, no, iniciaes, confundiram-se na onomastica portugueza

Babaes e Nabaes. Babainhos e Nabainhos por nabalinhos. Babe e Nave. Babelhas e Navelhos. Baceira e Naceira. Baceiros e Naceiros. Bateira, Bateiras e Nateiras. Bebeda e Neveda. Bellas e Nellas?... Bello e Nello?... Belmenso e Nelmenso?... Bera e Nera ou Neras. Bespral e Nesperal. Bico e Nico. Bingre, appellido e Ningre. Biqueira e Nigueira. Bobal e Noval. Bobo e Nobo (sic) Bolonha e Noronha, aldeias nossas e povoações antigas.

Tambem temos Noronha, appllido nobre e antigo, talvez tirado da nossa aldeia de Noronha, freguezia e concelho de Oeiras, ou de Bolonha, aldeia nossa e cidade de França, pois Bolonha podia dar Noronha, porque *bo* e *no*, *lo* e *ro* confundiram-se.

A Hespanha não tem povoação alguma denominada Bolonha nem Noronha. Apenas tem Lorona ou Loroña, aldeia insignificante de 38 almas.

Re (prefixo augmentativo)

Confronte-se Baixia e Rebaixia; Balde e Revalde; Baldeira, Baldieira, Rebaldeira e Ribaldeira; Baldio e Rebaldio; Baldos e Rebaldo; Bella e Rebella; Bellas e Rebellas; Bello e Rebello; Bellos e Rebellos.

Bentinho, Ventinho e Rebentinho; Bimbo, Bimba e Re-

bimba; Bôa e Reboa; Boeira e Reboeira; Bolho e Rebolho; Bola e Rebola; Bolo, Rebolo e Rebolos.

Botto, appellido, e Reboto; Bouça e Rebouça; Bougada, Vougada e Rebocada, de Revocata, santa; Bougado e Revogato, de Revogatus, santo.

Cacho, Cachos e Recachos; Canto e Recanto; Cardaes e Recardaes ou Recardães; Chã e Rechã; Chans e Rechans; Chão e Rechão; Chãosinho e Rechãosinho; Cheira e Recheira.

Somma e segue:

Chiada e Recheada; Choso e Rechoso; Chousa e Rechousa; Comeira e Recomeira; Covellos e Recovellos; Cume, Cumo e Recumo; Facha, Faixas e Refaxa; Falcão e Refalcão.

Fijó, Fijo ou Fojo, Foia, Foio, Foios, Fojo, Fojos e Refoios, Refojó, Refojos, Refoyos e Refroias o mesmo que Refoias? Gançaria e Reganceira; Garei e Recarei; Gata e Regata; Gataria, Gateira e Regateira.

Manga e Remanga; Mendeira, Mendeiros e Remendeideiros; Mendo e Remendo; Mirão e Remirão; Môço e Remôço (l. Remôco), Moinho, Remoinho e Remunho; Moinhos e Remoinhos.

Junte-se ainda:

Ponte e Reponte; Poupa e Repoupa; Pouso e Repouso; Presa e Represa; Presas e Represas; Pulo e Repulo; Queijada e Requeijada; Queijo e Requeijo; Queijó e Requeijó; Queiro e Requeiro; Queixada e Requeixada.

Samonde e Resamonde; Sezinhos e Recezinhos; Sião e Recião; Sumil, Reçomil e Resomil; Tacho e Retacho; Torta e Retorta; Torto e Retorto; Velha, Rebelha e Revelha; Velhos, Rebelhos e Revelhos; Venda e Revenda; Vilheiro e Revilheira; Villões e Revilhões; Vinhas e Revinhas; Volta e Revolta; Voltinha e Revoltinha.

Differentes fórmas dos mesmos nomes

Adalberto, Alberto, Aldeberto e Ildeberto; Affonso, Alfonso, Alonso e Ildefonso; Alladio e Illidio, santos. Anibal e Alibal. Aprigio e Aprizio, nome dum santo; Arnaldo e Armaldo; Aroil, Azuil e Zuil, santo; Augusto e Gustavo; Baldo e Ubaldo, santos.

Balduino, Gualdino e Ubaldino; Beatriz e Brites. Bricio.

Briço e Brissos, santos; Bruno, Brwn, Braun, Broun e Brum; Calimaco, Callimacho e Climaco.

Carmelina e Carmelinda; Clorina e Clorinda, santas; Cosme e Gomes? Deça, Dessa, Dueça e Eça, de Decia (villa) e este de Decius, Decio, nome romano, tirado de decem—dez? Doce, Dulce e Adosinda; Dulia e Obdulia, santas; Edgard, Edgardo, Eduardo e Duarte são fórmas do mesmo nome.

Edgardo, Eduardo e Duarte foram santos.

Edwiges, Edwigis e Edwizis; Eleutherio e Luthero; Ermigio, Hermigio, Remigio e Remizio; Eulalia e Olalha, santas. Eupsichio, Eupsiquio, Eusiquio e Euziquio, nomes de santos.

Everardo e Berardo; Examena, Exemia e Ximena; Florina e Florinda, Florino e Florindo.

Junte-se ainda:

Floro, Froila e Fruela; Fonseca e Affonseca, de fonte sêcca; Frederico e Fradique; Galama, Glama e Galamba, appellidos; Gerard, Geraldo, Gerardo, Giral e Giraldo.

Gustavo e Augusto; Hermano, Elmano e Germano; Hermas, Hermes e Hermio, santos; Hesidio, Egidio e Gil,

Huberto e Humberto, santos; Hugucião e Ugucião, santos; Humbelina e Umbelina, santas; Hylarião e Hylario. santos; Iacob, Jacob, Jacome, Jayme, Jacques, Thiago, Diago, Diego, Diogo, Diaz, Dias, Diegues e Diez.

Juzarte e Zuzarte, appellidos; Liborio e Ligorio, santos; Livia e Lybia; Luiza e Luzia. Mafalda e Mathilde; Nivaldo e Nivardo, santos; Pedro, Pero, Piro, Peres e Pires.

Peliquito e Periquito. Odalrico e Uldarico, santos; e Ulrik; Odilia, Obdilia e Optilia, santas; Olafo e Olavo, santos; Orlando, Rolando e Roldão.

Rodolpho e Raul; Rodrigo e Ruy; Rodrigues e Roriz; Salvato e Salvado; S. Cosmado por S. Cosme e Damião; Soropita, appellido nobre e antigo, de suro+pito; pito suro? ou de Soeiro Pita. Confronte-se Soropires, de Soeiro Pires.

Temudo e Themido por Temido; Theodoro, Theodora, Theodorino, Theodorina, Theodorinda, Theodorindo, Theodolinda, Theodolindo, Deolindo e Deolinda são fórmas do mesmo nome.

Theodora, Theodoro e Theodorina foram santos.

Ulmaro ou Urmaro ou Ursmaro, santos; Vivaldo e Vivardo, irmãos de S. Bernardo. — *Chr. Cister*, *411*.

Walfrido, nome dum santo, é o mesmo que Alfredo e Wilfrido, tambem santos.

Walter, nome germanico pessoal, deu Valter e Gualter, nomes de santos, Alter, Alther, Baltar, Balteiro, Galtar, Gualtar, etc., povoações nossas.

Wencesláu é o mesmo que Vencesláu, nome d'um santo, etc.

Willibaldo, nome d'um santo, é o mesmo que Villebaldo e Vivaldo, tambem santos; Vivar e Bivar, appellidos.

Wladimiro, nome germanico e nome d'um santo, em latim *Wladimirus, i,* deu Baldomero, tambem santo; Val d'Amil (sitio), Val de Mil, Valdemir, Valdemiro, Valdemar, Val de Mar e Val do Mar, povoações nossas; Waldemar, Waldemaro, Waldemira, Waldemiro, Waldimira e Waldimiro, nomes pessoaes e appellidos.

Wladisláu é o mesmo que Ladisláu, nomes de santos, etc.

Wolfango e Wolfgango são nomes de santos e talvez fórmas do mesmo nome.

Wulmaro, Gumaro, Vulmaro e Ulmaro, são nomes de santos e fórmas do mesmo nome?

Avelleiras

Abeloiras (por Avelleiras), Aboleira, Aboloura; Aval (de Avellal?); Avellada (Avelleirada); Avellaes; Avellal, Avellames, por Avelanes, Avellans; Avellar; Avelleda, (Avelleireda); Avelleira; Avelleiras; Avelleiro, Avellela; Avellinha, (Avelleirinha); Avellões (Avelleirões); Avellosa (Avelleirosa); Avenal (Avellal!...); Aveneda (Avelleda!...)

Junte-se Bellaido, de Avellanido, o mesmo que Bellide e Bellido; Belledo por Avelledo e este por Avelleiredo. Bellida por Bellidas ou Velleda, Avelleireda; Bellide por Bellido e este por Belledo, o mesmo que Velledo por Avelleiredo.

Tambem temos Bellido, aldeia, o mesmo que Bellide supra.

Revellada (Re+Vellada); Revelladas (Re+Velladas); Vellada (por Vellada, Velleirada, Avelleirada, Avelleda); Veladas (por Velladas); Vellamoso (de Vellanoso, Avellanoso); Vellariça (de Avillaça ou Avellariça); Velledos (de Avelledos); Vellida (de Velleda, Avelleda); Vellide (de Velleda, Vellido, Velledo); Vellosa, Velloso e Villariça, de Vellarica por Avellariça. Vellosa e Velloso podem ser fórmas de Avellosa e Avelloso, ou vir do latim *vellus*, o vello da lã. Vide Lanhoso.

Soromenhos (pereiras bravas)

Lista das nossas povoações que tomaram d'ellas o nome: Juromenha por Soromenha; Salmanha por Sarmenha? Saraminheira; Saraminheiro; Sarmenha; Sederma por Sermeda e este por Seromeda — soromenheda? Sermanha, rio e aldeia na margem direita do Douro e viaducto da linha do Douro, junto das Caldas do Molledo.

Sermenheiros, Seromenha, Seromenho, Serominhão, Serominheiro, Soromenho, appellidos; e Siderma por Sederma? dos soromenhos — pereiras bravas.

Vide Saraminheira, Saraminheiro, Saramenha, Sarmenho, Soromenha e Soromenho em Figueiredo.

Note-se que a aldeia da Sederma demora na extremidade O. da freguezia de Godim, concelho da Regoa e dista apenas dois a tres kilometros do rio Sermanha e que Siderma, sitio com cinco quintas, pertence á freguezia de Galafura [1], do mesmo concelho da Regoa.

Note-se tambem que Salmanha é nome d'uma aldeia da freguezia de Tavarede, concelho da Figueira e nome d'um casal e d'uma quinta da freguezia de Villa Verde, do mesmo concelho da Figueira, onde ha salinas e que o povo da Figueira dá o nome commum de salmanha aos depositos do sal e ás casas onde recolhem o sal.

Tambem o povo no Douro dá a Sederma o nome de Sedesma, porque as letras *r* e *s* confundiram-se.

Fim do II volume

[1] Galafura vem de Glafura por Glafyra, nome d'um santo, etc.

ABREVIATURAS

a — anno.
ant. — antigo, antiquado.
app.º — appellido.
cast. — castelhano.
Cf. — confronte-se.
desin. — desinencia.
dim. — diminutivo.
dur. — duriense.
n. pess. — nome pessoal.
onom. port. — onomástica portugueza.
pop. — popular.
port. — portuguez.
pov. — povoação.
prov. — provincianismo.
sec. — seculo.
suff. — suffixo.
s. etym. — sua etymologia.
tb. — tambem.
teut. — teutónico.
unde — d'onde, ou d'onde se deriva.
V. — veja-se.
v. v. — vice-versa.
vb. — verba, ou palavra.
v. g. — verbi gratia, ou por exemplo.

CITAÇÕES EM BRANCO

Pag. 92, linha 9, refere-se a pag. 80.
Pag. 94, linha 17, a referencia é a pag. 220 e seguintes do 1.º volume.

TERMINOLOGIA

Desinencia — terminação das palavras.
Onomástica — nomenclatura, lista dos nomes.
Patronymico — derivado.
Pejorativo — para peor.
Topico — ponto, assumpto, thema.

INDICE

A

Pag.

A Academia Polytechnica e os Lyceus do Porto 203
Abexim ou Boxim — e Boxem ou Abexim e s. etym. 275
Abraã, Abram, Abrão e s. etym. 62
Abreviaturas 549
Abricote ou Albricote 287
Acebal, Acebeda, Acebedo e outros nomes da Hespanha, congéneres de Azeval, Azevedo, etc. 257
Aço 541
Açor 271
Adaufa, Adaufe, Adoufe e Adufe 304
Adaufe, Adoufe, Adufe, Dolves, Nandufe, Rendufe, Regoufe, Regufe e s. etym. 56
Adaufe, Adufe, Dolves, Doufins e s. etym., ... 41 e 56
Adaufe, Adoufe, Adufe, Casal d'Ufe, Dolves e s. etym. . . . 133
Adaufe, Adolfo, Adoufe, Adufe, Casal d'Oufe, Casal d'Ufe, Dolves, Estrada d'Ufe, Fonte d'Ufe, Luffe, Ufe, Villar d'Oufe e s. etym. 265
A de, prefixo . . . o mesmo que a granja, quinta ou casa de campo de... . . . . 104 e 105
Adela, Abeila, Alviella, Viella e s. etym. 67
Adolpho e Adulpho, nomes de santos e s. etym.. 304
Adorigo, Adourigo, Origo, Oriz, Ourique e s. etym. 105
Adosinda, Ouzenda, Ozende, Gende e s. etym. 42
Adosinda, Aldosinda e s. etym. 55
Advento dos lumes promptos, do telegrafo electrico e da illuminação a gaz em Coimbra 201
Advogado (um) e um juiz arbitario. 179
Afains, Alcains, Mains e s. etym. . . . . 132 e 137
Afilhada e s. etym. 52
Affinidade entre a onomástica portugueza e a hespanhola . . . 271
Almargem, Almarjão e o Padre Sousa 138

Pag.
Affonso, Alonso, Ildefonso, etc. 42
Agares e s. etym. 62
Agilde, Cagide, Cagil, Cahide, Athaide, Tagilde, Tainde, Tangil e suas etym. 49
Agostem e s. etym. 275
Agueiros, Arrayollos e s. etym. 298
A Hus ou Logar da Hus e s. etym. 63
Aido, eido e suas etym. . . . . 33 a 35
Al . . . . . 5 e 80
Al e ar . . . . . 6 e 95
Albano, Bellino e varios appellidos nossos tirados de nomes de santos . . . . . 48 e 49
Alberto, Alfredo e s. etym. 55
Albino Corvaceira, meu poli-parente . . . . . 285 e 286
Albino Guedes de Mello e Eduardo Guedes de Mello 332
Alborrol, Albuquerque, Alcobella, Alcobia, Alcovas, Alcomilhes, Alcordal, Alcoruchel e s. etym. 270
Abricoque e s. etym. 287
Alcains, Mains . . . . . nota 2 de pag. 137
Alcoentro, Coensos, Coentral e s. etym. . . . . 269 e 270
Aldarem, Alvem, Alvim e s. etym. 275
Aldarete, Aldrete, Aldrêu e s. etym. 42
Aldariz, Aldrigo, Aldriz, Alhariz, Amares, Ariz, Algeriz, Aljeriz, Argeriz, Viariz, Vilharigues e suas etym. 44
Aldoar, Aldara, Alda, Aldarete, Aldrete, Aldreu e s. etym. . . 270
Aldova, Dolves e s. etym. . . . . 303 e 304
Alfarellos 64
Alferrara, Alferrarede, Azurara, Ferrara, Ferreira, Ferreiró e s. etym. . . . . 211 e 212
Alfontes, Alfreita, Freita, Freitas e s. etym. 270
Alfredo 55
Alfredo Alves, distincto escriptor 165
Algar, Algareira, Algares, Ligares e s. etym. 223
Algês e s. etym. 42
Algoso, Vimioso e s. etym. 12
Algramassa, Gramaça, Gramacho, Gramatinha, Gramella, Gramesinhos, Gramido, Graminheira, Gramoinha, Gramual, Gromicho por Gramacho, como talvez Camacho por Gamacho e s. etym. 250
Alijó, Crixó, Eirô, Eiró, Eituró, Figuelró, Grijó e s. etym. . . . 236
Alijó, Cidró, Eituró, Mourissó e s. etym. 307
Aljariz, Aljeriz, Argeriz, Algeruz, Algiraz, Forjaz e s. etym. . . 9

Pag.
Almoriz, Armoriz, Esmorigo, Esmoriz, Esmorins, Sanfiz, Sanfins, Sinfães e s. etym. 44
Almoster, Alpedrinha, Alpedreira, Aquarelha e s. etym. . . . 270
Alpalhão e s. etym. 10
Alpajares e s. etym. 9
Alquetes, propriedade minha e s, etym. 296
Alva, quinta e castello — Barca d'Alva e s. etym. 10
Alvaiázere 261
Alvaro, nome prolifico na onomástica portugueza 287
Amadeiras e s. etym. 250
Amarante e s. etym. 59
Amareira, Mareira e s. etym. 251
Amares e s. etym. . . . . 162 e 163
Amigos que durante longos annos me honraram com a sua estima . . . . . 317 e seguintes, até 335 e 370
A minha primeira viagem de Lamego para Coimbra 206
Ancha 25
Andaluzia e s. etym. 58
Angueira, Samora, Zamora e s. etym. 35
Antanhol e s. etym. 231
Antão, Antões, Antoinha, Antunhaes e s. etym. 277
Antelagar, Lagarem, Lagarinho e s. etym. 281
Antonio Camillo d'Almeida Carvalho, meu amigo da velha guarda. 328
Antonio Moreira Cabral, o *Cabral da rua das Flores,* negociante de vidros e grande colleccionador de livros, pinturas, gravuras, mobiliario antigo, cerámica e objectos d'arte. . 81 e 82
Antonio Rodrigues Pinto, de Sande, meu saudoso amigo . . . 325
Antonio dos Santos Leal, de Moncorvo, e o General Silveira . . 322
Appellidos importados de Hespanha . . . . . 117 e 118
Appellidos que passaram de Portugal para a Hespanha . . . 20
Appellidos tirados da militança 245
Apodos, appellidos e nomes de povoações tirados das barbas. 257 e seg.
Apothicario e s. etym. . . . . (texto e nota) 251
Aralla, Arcellas e s. etym. 251
Araujo, Azuaga, Vilhena e s. etym. 117
Ardão, Armoniz e s. etym. 251
Arnaldo 85
Arnoia e s. etym. 341
Aroal e s. etym. 264
Aroil, Barril, Cabril, Bizarril, Cabanil, Carril, Carvoil, Fetil, Fail, Malhadil, Marroquil, Landril, Louril, Ouril, Outil, Ovil, Pasmil, Passil, Resomil, Touril e s. etym. . . . . 80 e 81

Pag.
Arramadas e s. etym. 252
Arrefecimento gradual da terra 163
Arribana, Arribas e s. etym. 252
Arvores grandes. . . . . 69, 70, 242 e 254
Arzelas e s. etym. 253
Asanto, Assabeiros e s. etym. 252
Assares, Assarias e s. etym. 63
Asseiceira e s. tym. 249
Assimilação do prefixo arabe *al* (*o, a, os, as*) na onomástica portugueza . . . . . 249 a 257
Assumar, Lomar e s. etym. 230
As viagens em liteira no estio eram uma tortura, um martyrio, 209 a 212
Atagona, Barbatona, Cachadona, Campona, Crazona, Feiteirona, Silveirona e Fóros da Catampona 124
Ataia, Ataja, Ataya, Talaia 116
Ataide, Tainde, Tagilde e s. etym. . . . . 253 e 289
Atlas de Abrahão Hortelio 158
Athaufus, *i*, nome germanico . . . . . 303 e 305
Athenor e s. etym. 11
Atianha e sua jocósa etym. 254
Atranco, Trancão, Trancões, Trancoso e s. etym. 254
Aval, Avanteira, Avarga e s. etym. 255
Avelez, appellido e s. etym. 103
Avelleda, Velledo, Vellida, Vellide, Belledo, Bellido, Bellaido, Velleirinho, Aveneda, Venade e s. etym. 255
Aveleiras 255
Avinhó, Crixó, Grijó, Figueiró, Alijó, Eituró e s. etym. . 236 e 256
Avitureira, Vitoreira e s. etym. 256
Ayrão 297
Azabucho, Zabucho e s. etym. 256
Azagões, Azagaia, Azalfrias, Azavel, Azebral, Azeimota, Zemoto e s. etym. 256
Azela, Azelha, Azella e s. etym. . . . . 67 e 68
Azeredo, Azevedo, Azevo e s. etym. . . . . nota de 243
Azeredo, Alvaiazere e s. etym. 261
Azeval, Azevido, Azibal, Aziboso e s. etym. 256
Azibeiro e s. etym. 262
Azueira e s. etym. 263
Azuleiral e s. etym. 263
Azurara e s. etym. . . . . 263 e seguintes e 271
Azurem, por Azurim e s. etym. 276

B

Pag.
Bá, bé, bi, etc., e má, mé, mi, etc. confundiram-se 541
Bá, bé, etc. e ná, né, etc. confundiram-se. 543
Bá, bé, etc., e pá, pé, etc. 413
Bacalar ou Vacalar e s. etym. (1) 309
Bacios de prata 216
Bacorinhos, Bacoros, Barcos e s. etym. . . . 68 a 70, 75 e 76
Bagauste, Baguaste e s. etym. . . . . 46 e 294
Baixellas de prata no Douro 215
Balanxo, Barbanxo, Portanxo e s. etym. 257
Balça ou Balsa, povoações nossas; valsa e valsar, nomes communs e s. etym. . . . . 302 e 303
Bald, suffixo teutonico, o mesmo que *bold* e *hard* 84
Balde, Baldos, Galdins, Gualdino, Balduino e s. etym. . . . 16
Baldossa, Lapaduços, Peraduça, Sapaduços, Serra d'Ossa e s. etym. 229
Baldrêu, Baldrigo, Bamonde, Barrozende e s. etym. 46
Baldrufa e s. etym. 304
Baltar, Galtar, Gualtar, Gualter, Valter Walter e s. etym. . . 56
Barão de Forrester 240
Barateza do vinho e da aguardente no Douro em 1851 . . . 153
Barbosa, Ferreira, Mosqueira, Moura, app.os e s. etym., 259, 308 e seg.
Barcellos, Vouzella e s. etym. 296
Barcos, Buarcos, Sabrosa, Sabroso, Taboaço, Tabosa, Tavora e s. etym. . . . . 68 a 78 e 85
Bargellas, Vargellas, Bargina, Barigellas, Varchinhas, Varziella, Varzieta, Varzinhas, Fariginhas por Farginhas e s. etym. . 220
Bargina, Barigellas e s. etym. —V. Bargellas.
Barrabas, Barrabeis e s. etym. 63
Barranca, Barrancha, Barranco do Inferno, Barranquinho, etc. e s. etym. 223
Barrão e s. etym. 87
Barreiria, Barrocaria, Bernardia, Bordalia, Caixaria, Cançaria, Carapia, Canaria, Casaria, Castellaria, Chamelaria, Congeitaria, Cortezia, Cocaria, Coparia, Couxaria, Gouxaria e suas etymologias . . . . . 108 e seg.
Barril, Barral e s. etym. 264

(1) V. *Vallée de Nekar*, em *Bescherell* e *Devars*.

Pag.
Barrillar, appellido e s. etym. 309
Belchior d'Albuquerque 207
Bem Canis e s. etym. 47
Bemnonis, Mumadona, Miomães, Mões, Monha, Monim, Moniz, Nunelhe, Monelhe, Nono, Nunes, Nuno e s. etym. . 47 e 48
Bem-que-fede, Caféde, Caféo, Chafé, Gafete e s. etym. . . . 60
Bermudes, Vermil, Vermoil, Vermoim e s. etym. 51
Berrasco, Berredo, Borrão, Varrão, Verride, Berraria, Urra, Urrô, Urró, Urrós, Urros, Pedra Curra e s. etym. . . . 85 e 86
Bertha, Brette, Brecht e s. etym. . . . . (nota) 55
Bertiandos, Britiande, Brito e s. etym. 99
Bibliotheca esplendida que foi dos jesuitas 337
Biographia do anctor (notas para ella), 173 a 177, 187 (nota), 193, 198, 324, 326, 336 até 369, 372 . . . . . e no fim de 375
Bivar, Vivar e s. etym. 80
Bizarril e s. etym. 264
Blandina, Brandão, Brandião, Brandim, Brandinhaes e suas etymologias . . . . . 314 e 315
Bojorreira e s. etym. 226
Bom lanço de rede!... 101
Bouça de Pupa e s. etym. 296
Bouceguedim e s. etym. 301
Boucelha, Bucellas, Vouzella e s. etym. 210
Bouchina e s. etym. 301
Bouça e s. etym. . . . . 302 e 303
Bouça d'Airó e s. etym. 297
Bouça de Guindas, Guindaes, Guinde, Guindo e s. etym. . . 297
Bouçoães, Bouçó, Bouçós e s. etym. 302
Bousias, Bouxa, Bozelha e s. etym. 302
Brandão 315
Brandião 315
Breve noticia dos fenicios 62
Breve noticia dos judeus e da sua barbara expulsão de Portugal e da Hespanha 61
Briche, cambraia, Carmona, damascos, pecegos, tangerinas e suas etymologias 38
Brito 99
Bucella, Vouzella . . . . . 210 e 296

C

Pag.
C e s 21
Ca e ga 53
Ca, có, cu e ma, mo, mu 114
Cá, có, cu e pá, pó, pu 111
Cabria, Cabrial, Cabrins, Palmeira, Valença, Portugal e a Hespanha 80
Cabril, Carril, Carvoil, Fail, Fetil e s. etym. 264
Cabulei muito em Coimbra, mas nenhum dos meus contemporaneos se formou nem podia formar em menos tempo — e sem um R 187
Cachouça, Machouça 113
Cadorneiro, Codorneiro, Codornellas, Codorno, Cogorno e s. etym. 230
Cadouços e s. etym. 298
Calhandriz, Calhariz, Tralhariz 134
Calor no Douro . . . . . 121 (nota), 218 e 219
Caes do Saltinho 3
Calorno, Cogorno e s. etym. 74
Camoêsa de rosa — maçã portugueza, deliciosa!... 244
Campanha da neve e da academia em Coimbra 188
Campos fertilissimos de Tavora 383
Candemil, Candomil, Cartemil por Cantemil, Contumil, Contumilo, Gondomil, Gontumil, Gondomar e s. etym. . . . 51, 59 e 60
Candomil, Santomil e s. etym. 36
Candumil, Candomil, Contumil, Contumilo, Gondomil, Gontomil, Gondomar e s. etym. 230
Cantim, Contim, Gondim e s. etym. . . . . 281 e 331
Carapeços, Carapeta, Carapetal, Carapeteira, Carapeto, Carapetosa, Carapicha, Carapiço, Carapita, Carapito, Carrapassal, Carrapatal, Carapatello, Carrapato, Carrapatosa, Carrapatoso, Carrapichana, Carrapitos e s. etym. 269
Cardão, Casão, Gardão e Guardão por Cardão, Olivão, Pinhão, Serrão, Sobrão, Tojão e s. etym. 247
Cardia, Cardida, Cardido, Cardiga, Cardigos, Cardim, Cardote por Cardalote, Cardunxal e s. etym. 277
Cardia, Caria, Curia, Franzia, Galleguia, Mouria, Mourisca, Portuguedia, Pousia, Rebolia, Regadia, Soutaria e s. etym. . . 308
Cardoso e Fonseca, appellidos e s. etym. 310
Careis e s. etym. 295

Pag.
Carem, Carim e s. etym. 276
Carmões, Garvão e s. etym. 243
Carosa 333
Carrasco, Carrascosa, Carrazeda, Carrazede, Carrazedo e s. etym. 242
Cartem, Cartim, Quartilho, Quartilhaes, Quartinhaes e s. etym. 276
Carujeiro 330
Carvalha do Presepio (Castro Daire) 254
Carvalhos, cedros, medronheiros e pinheiros magestosos . . . 242
Carneiros que fizeram fortuna 359
Casa da Torre. 373
Casarollas, Figueirola, Moreirola, Nogueirola, Tabarola, Taborla e Taborda. 73
Casas circulares na freg. de Poyares conc. de Freixo d'Espada á Cinta 241
Casemillo, Creixomil Queixomil, Quixomar e s. etym. 51
Casita e s. etym. 243
Castaide, Castainça, Castainço, Castedo, Castendo, Casteição, Castinçal e s. etym 72
Castanheiro do Salvado 70
Castanheiro magestoso do Alferce, no Algarve 254
Castello do Borges 239
Castello do Calfão e s etym. . . . . 70 e 71
Castro Daire e s. etym 206
Castro Laboreiro, Laborim, Laboris, Lavoris por Laborins e s. etym. 282
Castrum 206
Cata e Gata, Catão e Gatão, Catella e Gatella, Catellaria, Catellas, Cateosa e s. etym. 280
Catem, Gatim, Guetim e s. etym. 280
Cavalheiro que bem merecia a grã cruz da Ordem de Merito Agricola 383
Cavalluche, casal de Sacavem e s. etym. . . . . 285 e 286
Cecilio Claudio Izidoro, bem mais rico do que eu!... . . . 49
Ceiça, Ceiçal, Ceiceira, Ceissa, Seiça, Seição, Seixa, Seixal Seixalvo, Seixão, Seixas, Seixedo, Seixeiros, Seixinha, Seixezello, Seixido, Seixieira e s. etym.— V. Seiceira.
Cellorico, Celleiró, Celleiróz e s. etym. 341
Celtas e teutonicos, irmãos gemeos. . . . . nota 56
Cemiterio de Tavora 373
Cepeda 102
Cercio e s. etym. 22
Cezimbra e s. etym. . . . . 22 e 248
Cha e ca, cho e co 109

Pag.
Charoeira e s. etym. 61
Chavães, Chave, Chaves Chaviães, Chavões . . . . 120 e 121
Cheriz, Oriz e s. etym. 266
Chorido e s. etym. 231
Chousal, Chousas, Chouso, Chusas. Inchousos e s. etym. . . . 293
Christovam (D.) de Noronha Mello e Faro de Barreto 329
Ci, ki, ou qui . . . . . 52 e 53
Cibrão e s. etym. . . . . 99 e 297
Cicouro e s. etym. . . . . 15 a 18
Cigoffrey, Guilhofei, Jesufrei, Safredo, Val de Safredo e s. etym. 51 e 52
Cinheiros e s. eym. 230
Cintra e s. etym. . . . . 22 e 248
Citações em branco — preenchidas. 549
Có e pó 4
Codeçal, Codecedo, Codexido por Codecido, Codeçosa, Guindaes e s. etym. . . . . 18, 297 e 298
Coderneiro, Codornellas, Codorno, Cogorno e s. etym.— V. Cadorneiro.
Códices que o autor deu á Bibliotheca Publica do Porto . . . 320
Coimbra 248
Coja. 301
Coina e s. nebulosa etym. . . . . 299 e seg.
Cometa de cauda preta... 351
Como eu grangeei as vinhas do passal de Tavora, colhendo muito vinho sem estrume, nem adubos e conservando-as fortes e pomposas . . . . . 365 a 367
Como o diabo as arma!... 357
Concelho de Freixo d'Espada á Cinta -- Esboço etymologico . . 1
Concelho de Miranda do Douro — Esboço etymologico . 11 e seg.
Condes de Marialva . . . . . 401 e 402
Congregações mensaes e finaes no seminario de Lamego . . . 343
Constantim, V. N. de Constancia, — Punhete e s. etym. . . . 17
Contim e s. etym. 331
Contraste entre os vinhos do Douro e os do sul. 226
Contriz, Gondariz, Gondoriz, Gontariz e s. etym. 58
Contumil, Contumillo e s. etym.— V. Candemil.
Correios desde Lisboa no seculo XVIII. 169
Coruche e s. etym. 178
Corujeira, Escalhão, Esgueira, Esqueira, Esqueiros, Sequeiró, Sequieira, Sitinheira e s. etym. 242
Corvaceira e s. etym.— V. Setiaes e pag. 400.

Pag.
Cota, Cotas, Cotão, Cotães, Cotalleira, Cotarejo, Cotares Cotarinhos e s. etym. 278
Cotelaio, Reçaio, Roçaio, Focaio, e s. etym. 278
Cotelhe, Cotello, Cotelões e s. etym. 278
Cotem, Cotens, Cuteis, Cutens ou Cotins, Cotinhos, Coutinhos ou Godinhos e s. etym. 295
Cotens, Cotões, Cotolinho, Cothurinho, Cotoluda e s. etym. . . 279
Coto — Outeiro 277
Cotimos e s. etym. . . . . 279 e 280
Cotinho, Coutim, Coutinho, Cotem, Coto, Couto e s. etym. 277 a 279
Coturella, Coturellos, Cutarella, Cuteis, Cutello, Cutinho e s. etym. 279
Coubella, Beltrão, Germano, Roligo e s. etym. 93
Couxaria, Gouxaria, Moucharia. 115
Cujo 134
Curcomellos, Zagalho, Sangalhos 132
Creixomil, Queixomil e Queixomar. — V. Pasmal e Pasmil. . . 266
Critica de mofa é critica banal, balofa, impropria de gente séria . 95
Crixó, Grijó e s. etym.— V. Alijó
Criz e s. etym. 83, nota e 265
Crizes do Douro desde tempos muito remotos . . . . 133 e 155
Curso theologico, o mais numeroso de que ha memoria no seminario de Lamego. . . . . nota 346
Custodio Gil . . . . . 355 e seg.

D

D e *Z* — Já no tempo dos romanos se confundiram 93
Dadim, Daem, Dem e s. etym. 289
Daem, Dem e s. etym. 280
Daffões, Deirão, Dobeira, Dobrigo, Dordelinho, Doroso Odysseia, Peculio e s. etym. 74
Daniel, Ezechiel, Gabriel, Ismael, Israel e s. etym. 88
Desgraçado arlequim! 200
Desinencia eira no patois do sul da França que parece patois portuguez . . . . . 234 e 235
Desinencias da onomástica portugueza pouco vulgares. . . . 497
» de tres regiões 232
» da Hespanha, congéneres das nossas . . . . 540 e 541
Desinencia aço 541
» a, e, i, o 270
» aes,ães, eus, ãos e ões 138

Pag.
Desinencia ães . . . . . 137 e 499
» ães e ans. 140
» ães, ões, etc. 507
» ainho 504
» al . . . . . 5 e 80
» ancho 513
» eira . . . . . 232, 233, 242 e 517
» el e al 262
» elhe, etc. 519
» ens por ins. Veja-se diapasão francez.
» êzes . . . . . 96 e 523
» ia . . . . . 107, 108, 115, 119, 308 e 524
» icho por inho 527
» iça. 527
» il e al. . . . . 25, 80, 92, 264 e 268
» im 530
» im em volta de Lamego 232
» im por em — v. diapasão francez.
» ona . . . . . 124 e 132
» ôso, osa 280
» ote. . . . . 284 e 285
» oufe 265
» udo 279
» zote 539
Deus nobis haec otia fecit!. 193
Diapasão francez na onomastica portugueza . . . . . 273 e seg.
» » no port. pop. 294
» » em por im . . . 265, nota, 275, 280, 283 e 288
» » im e in por em . . . . . 290 e 530
» » ens por ins, eis por êis, o mesmo que ães e ens. 294
» » *o* por au . . . . . 303 e 305
» » *u* por ou . . . . . 290 e 296
» italiano e francez no ant. port. 292
Differentes formas dos mesmos nomes 544
Diminutivos com a desin. olus, ola. . . . . 13 e 29
Diminutivos de nomes de santos na onom. port. terminados em inho 99
V. topico: Dim. com a desin. olus, ola
Diminutivo ote 284
Dionizio Ignacio de Sampaio Mello 323
Distincto professor de latim. 339
Distincto professor de rhetorica 339

Pag.
Doble *u* ou *W*. . . . . 55 e 56
Documento lisonjeiro para mim 372
Doenças das vides. 154
Dois Portos, Portelladia, Sobral de Monte Agraço, Liandro, Sizandro, e s. etym. 228
Dona, Donairia e s. etym. 115
Doufins e s. etym. 304
Douro — paiz do ouro e da prata . . . . . 216 e 217
Douro — sua divisão pela antiga Comp. dos Vinhos 121
No Douro tudo é bom menos o que falta. . . . . nota 347
D. Joaquim, da Soenga 327
D. José de Moura Coutinho. 341
Dr. Francisco Joaquim Fernandes 104
Dr. Joaquim Pinheiro, de Provezende. 383
Dr. Manuel Pinto d'Araujo . . . . . 177 a 183 e 185 a 187
Dr. Mergulhão 335
Dous conflictos com os estudantes de Lamego e os serviços relevantes que eu lhes prestei . . . . . 347 a 350

E

E e *A* confundiram-se e substituiram-se 125
E e *O* confundiram-se na onomastica portugueza . . . 30 e 224
Edde tua!... 95
Edras, Edrosa, Edroso, Eira, Ereira, Ericeira e s. etym. . . . 235
Egidio, Gil, Gilvaz e s. etym. 73
Eido, aido . . . . . 33 e 274
Eira, desinencia própria e caracteristica de Portugal e da velha Galliza 233
Eira, Ereira, Ericeira e s. etym. — V. Edras.
Eiras. — Lista de povoações nossas que tomaram d'ellas o nome . 236
Eiras notaveis . . . . . 237 e 238
Eirô, Eiró, Eituró e s. etym. — V. Alijó e o tópico — *Diminutivos em olus, ola* . . . . . 13, 236 e 297
El, il, al . . . . . 80, 92, 250 e 264
Em e im 265
Eleições da mócada... 178
Enfistella, Infesta e s. etym. 294
Entrada franca em um manicomio 88
Enxudro, Inxidro, Inxurdeiro e s. etym. 294
Ericeira 235

Pag.
Ericio, nome d'um santo e s. etym. 235
Esboço etym. do concelho de Freixo d'Espada-á-Cinta 1
Esboço etym. do concelho de Miranda do Douro 11
Escandalo que faz rir 352
Escurquella, Fanadia, Faria, Faro, Alarcão, Araujo, Azuaga, Vilhena e s. etym. 117
Escurquella, Folgosa, Sernancelhe, Távora e s. etym. . . nota 240
Esparto e s. etym. 84
Especiosa e s. etym. Port. e o Japão 24
Esperes ou Espeses e s. etym. . . . . 101 e 102
Esquadra de 350 vélas antes da nossa era 313
Estado lastimoso das ordenações de Lamego até 1858 338
Esther, Parada d'Esther e s. etym. 63
Estradas de Távora 385
Etymologias de *pelle diabi!*... 97
Etymologias—várias para um só nome—5, 93, 94, 231 a 232, 299 e 300

F

F e T . . . . . 106 e 391
Fá, fé, fi e vá, vé ví 126
Fa e Ta 390
Faria . . . . . 119 e 120
Falorca e Palorca 126
Fariginhas, Farjella, Faldigens, Faldrêu, Falleira, Falla, Falorca, Farrio, Fiscainho e s. etym. . . . . 126 e 127
Fariginhas e s. etym.—V. Barjellas.
Faroia, Forjães, Forjão, Forjaz, Froes, Froia e s. etym. . . . 52
Fartotes de feriados em Coimbra 177
Favaios, Chavães, Chavim, Chavões e s. etym. . . . . 120 e 121
Fé e *Té* confundiram-se na onomástica portugueza 130
Feiposa . . . . . 135 e 136
Feitoria e s. etym. . . . . 121 e 122
Felgaria, Fetelaria, Felgoso, Folgosa, Folgoso, Feltia, Fentela, Ventiella e s. etym. . . . 129, 130, 131, 132, 133, 134 e 135
Felix 134
Fenicios 62
Fenicios e hollandezes, cumulo de maldade e avareza . . nota 126
Fens, Fins, Sinfães, Sanfins e s. etym. . . . . 288, 294 e 295
Fens, Finges, Finzes, Sanfins, Sinfães, Alcains, Mains, Mães e Mões e s. etym. . . . . 132 e 137

Pag.
Feras — reminiscencia 298
Feriado completamente inesperado . . . . . 187 a 192 e 198
Fernando, Fernão e Ferrão são fórmas do mesmo nome . 31 e 32
Fernão de Magalhães, Pinho Leal, José Augusto Pinto da Cunha Saavedra, Henri Vast, Christovam Colombo, etc. . . 141 a 160
Ferradosa e s. etym. 310
Ferreira . . . . . 259, 271 e 308
Ferreirinha, sua fortuna — gastos de seu segundo marido n'uma eleição . . . . . 180 e 181
Ferrem, Terrem e s. etym. 290
Fidalgo distincto, ferreiro por officio 310
Fidalgos prolificos 333
Fidalgos ricos sem successão 334
Fieitos, fentos, fetos . . . . . 122, 129 a 135
Filhos benemeritos de Tavora 370
Flariz, Frariz, Freiriz, Fradique e Frique, app. e s. etym. . . . 45
Foia, Foio, Foja, Fojos, Refoyos e s. etym. 298
Folgosa e s. etym.— V. Escurquella 240
Fonseca. 310
Fonte Lataca e s. etym. 22
Foral de Penajoia 401
Formarigo, Formariz e s. etym. 45
Fórmas anteriores da nossa desinencia *ães* na onom. port. . . 137
Fornos, freg. e s. etym. 1
Foros de Beja, de Gravão, da Guarda e de S. Martinho de Mouros 292
Foros da Catampona e s. etym. 299
Förstmann e Martins Sarmento 50
Fortunato Casimiro da Silveira e Gama 321
Fortunhos, Fortuinhos, Portunhos e s. etym. 281
Francaria, Franzia, Galleguia e s. etym. 273
Francello, Marcello, Sendello e s. etym. 40
Francisco José da Silva Torres . . . . . 178 e seg.
Franzia, Galleguia, Judia, Mouraria, Algarvia, Anadia, Aravia, Cacia, Curia, Pinheiria, Portelladia, Portoguedia etc. . . . 107
Frasqueira importantissima, a primeira do Porto, de Portugal e talvez do mundo todo! 181
Frederico 45
Freguezias annexadas 1
Freitas, serra da Freita e s. etym. . . . . 210 e 270
Freitosas 135
Fretos . . . . . 134 e 135
Freixo d'Espada á Cinta e s. etym. . . . . 1 e 2

Pag.
Freixo magestoso, o maior de Portugal 254
Fretos, Marcella, Camarinhos, Tralhariz, Calhariz, Corcumellos, Sangalhos, Enxidro, Enxuldro, Taganhal, Cujo, Treixedo, Espindro, Longra, Lordeira, Sepedros, e s. etym. 134

G

Ga, xa e za confundiram-se . . . . . 93 e 94
Gabrieis, Gabriella, Gabriellas e s. etym. 63
Galhufe, Guilhufe e s. etym. 56
Galifonxe, Guilhafonce, Guilhafonso e s. etym. 54
Gajove e s. etym. 63
Galamba da Beira 334
Gallegueira, Gallises, Francaria, Franzia, Mouraria e s. etym. . 246
Gallisa. — E' irmã gémea de Portugal 234
Gama 259
Gandufe, Gondufe, Gondufo, Gonfão, Gunde, Gundufe e s. etym. 60
Ganfei, Gavei e s. etym. 60
Genisio e s, etym. 23
Gerardo, Geraldo, Giraldo, Giral e s. etym. 84
Germanello, Jarmello e s. etym. 93
Gilberto, Gualberto e s. etym. . . . . 56 e 330
Godim, Laurentim, Nostim e s. etym. . . . . nota 283
Golias, casal nosso, e s. etym. 63
Gonça, Gonce, Goncinha, Goncinho e s. etym. 59
Gonçala, Gonçalves, Gondizalves e s. etym. 59
Gondarem, Gondariz, Gondoriz, Contriz e s. etym. 281
Gondesende, Gozandina, Gozende, Gozendes, Gozendinho, Gozendo, Gozundeira, Guizande e s. etym. 60
Gondifellos, Gondifellinhos e s. etym. . . . . 58 e 60
Gondim, Contim, etc. — V. Gontães 281
Gondinhães, Gontinhães e s. etym. 331
Gondivau, Gondivão, Gondevae, Gondivae, Gondivenho, Gondivinho e s. etym. 58
Gondomar, Gondomil, Gontomil e s. etym. — V. Candemil.
Gontães, Gontens, Gondim e s. etym. 295
Gove, Jouve e s. etym. 63
Grande cheia do Mondego 201
Grande desabamento no Douro no inverno de 1822. 221
Grande incendio em Coimbra 200
Gravatos, Horta da Silva e s etym. 23

Pag.
Gregos 99
Grijó 236
Guadiche 398
Guilhabrêu e s. etym. 56
Guilhamil, Guilhemil, Guilherme, Guilhomil, Guimara e s. etym. 49 e 50
Guimarães, Gomaraens, Gomares, Gomariz, Gumirães e s. etym. 49
Guindaes . . . . . 18 e 297
Guesto Ansur, Gostei e s. etym. . . . . nota 263
Gumaro, Ulmaro, Vulmaro, Wimaro, nomes de santos, o mesmo que Vimarus, Wimarus, Wilmarus . . . . . nota 50
V. *W.* no indice da 1.ª parte.
Gund, prefixo teutónico . . . . . 38, 58 e 60

H

Hard, suffixo teutónico . . . . . 44, 83 e 84
Honra o teu nome e elle te honrará — seja qual fôr!... . . . 236
Hulf ou ulphe, suffixo teutónico e celta . . . . . 43, 84 e 85

I

Iben — filho — é prefixo árabe que se encontra em muitas povoações nossas . . . . . 45, 46 e 47
Iffanes e s. etymologia 24
Igo e ilho 53
Ildefonso J. Cardoso, Custodio Gil Carneiro, José Estevam e o Rei de Paredes . . . . . 355 e seg.
Im por em. — V. diapasão francez 530
Inchouzella e s. etym. 293
Indicação dos tópicos tantas vezes promettidos n'esta minha louca *Tentativa Etymologica*. 272
Infante D. Henrique . . . . . 161 a 171
Ingosta e s. etym. 293
Insua do cantado e decantado Vianna 191

J

Ja e *ga*. 60
Ja e *za*. 94

Pag.
Jaca, Jadão e s. etym. 64
Jagaz e s. etym. 63
Jagunda e s. etym. 315
Jalaleel, Joel, Raphael, Samuel e s. etym. 67
Jalles, Alfarella de Jalles e s. etym. 64
Jambô, Nabôa e s. etym. 315
Javali e s. etym. 87
Jericó e s. etym. 64
Jeguinte, Jeguintes e s. etym. 52
João Gomes d'Oliveira Guimarães 253
João Maria Mergulhão Neves Cabral e Accacio Mergulhão Neves Cabral, meus saudosos primos . . . . . 335 e 336
Joaquim Ferreira de Macedo Pinto 77
Joaquim d'Oliveira Guimarães, tão bondoso, como desditoso, 165 e 166
Joaquim (D.) de Carvalho Azevedo Mello e Faro 327
Joaquim Pinto d'Araujo . . . . . 183 e 185
Joaquim da Silveira (Dr.) 37 (nota 3), 40, 41, 53, 68, 78, 101, 111, 133, 232, 234, 326, 350, 351, 353, 370, 371 e nota . . . 374
Joarim, Joazim e s. etym. 64
Joaves e s. etym. 63
Joazim, Sarraquinhos, Serranchinos, Serraquim, Sarrazim, Serrazim e s. etym. 53
Jordana, Jordão, Jordões e s. etym. 65
Jornal, que foi o thermometro da nossa politica 376
José Augusto Pinto da Cunha Saavedra . . . . . 141 e 142
José Borges de Carvalho Vasconcellos. 333
José Ernesto de Carvalho e Rego, prelado da Universidade, meu patricio e muito meu amigo . . . . . 190 a 192
José Julio d'Oliveira Pinto, morto em um duello 328
José Maria dos Santos, grande proprietario e capitalista e o maior colheiteiro de vinhos que ha no Alemtejo, em todo o nosso paiz e no mundo inteiro 220
José (D.) de Moura Coutinho, bispo de Lamego 341
José Tiberio de Roboredo Sampaio e Mello 323
Judeus . . . . . 61 e 62
Judia, Judias e s. etym. 64
Julio Schneider, privado das barbas e fazendo rir as pedras das calçadas 260
Juncaes, Juncal, Juncalinho, Juncosa, Junqueiro, Junquinho e s. etym. 243
Juromenha e s. etym. — V. Ledesma.
Justiniano de Cordova e os Marçaes de Fozcôa 334

L

Pag.
Labarella e s. etym. 265
Labourinho e s. etym. 265
Labrunhal e s. etym. 265
Laceira e s. etym. 265
Lacerda e s. etym. 265
Laeira e s. etym. 265
Lagares — Breve noticia d'alguns, e das nossas muitas povoações que tomaram o nome d'elles . . . . . 281 e 282
Lagoaça e s. etym. 3
Lama Má 113
Lamó e s. etym. 265
Landril, Lauril e s. etym. 264
Lapaduços e s. etym. — V. Baldossa.
Lardoeira, Larjal, Sarjal, Sebadouro e s. etym. 229
Larjal e s. etym. — V. Lardoeira.
Latadas e o x em Coimbra 202
Lavage e s. etym. 265
Lebra, Lebrem, Lebrinho e s. etym. 282
Leça, Eça, Deça e s. etym. 265
Ledesma, Sederma, Sedesma, Siderma, Salmães, Salmanha, Sermanha, Juromenha e s. etym. 229
Lei do menor peso. —V. Apothicario e pag. 298.
Leirão, Leiró, Leirós e s. etym. 265
Leixões e s. etym. . . . . 230 e 249
Lente forjada por mim a martello 107
Leonil, Lomar e s. etym. 51
Leonte, sitio historico do Gerez, e s. etym. . . . nota 2 83
Lerdeira e s. etym. 230
Lesid, Sezite e s. etym. . . . . 230 e 265
Lever e s. etym. 265
Levide e s. etym. 265
Liga Academica, semelhante á Carbonária 185
Ligares e s. etym. — V. Algar 3
Lista de alguns homens notaveis de Sabrosa 151
Lista de povoações que tomaram o nome dos cepos e troncos das arvores . . . . . 102 e 103
Lista de algumas povoações nossas, com a desinencia *êde* . . . 232

Pag.

Lista de muitas povoações nossas, com a desinencia *im*, todas proximas de Lamego 232
Lista de muitas povoações do concelho de Torres Vedras, com a desinencia *eira* 233
Lista de povoações portuguezas que tomaram o nome dos francos ou francezes 273
Liteiras 210
Livralde e s. etym. 315
Locomoção antiga e moderna . . . . . 172 e 176
Loison — sua bagagem de salteador 216
Lomar e s. etym. — V. Assomar.
Longra e Longa 134
Lordello, Louredo, Lourosa, etc. 265
Lorigo e s. etym. 265
Louredo e s. etym. 332
L e *R* confundiram-se e substituiram-se . . . . . 93 e 95
L e *S* confundiram-se na onomastica portugueza. — V. o topico *Substituição de letras* . . . . . 228 a 231
Lourentim 283
Luilhas e s. etym. 265
Lumes prontos, gazómetro, etc., em Coimbra 201
Luriz, Oriz e s. etym. 266
Lutra, Utra e s. etym. 266
Luval, Luvar, Luvares e s. etym. 266

M

Má — suffixo de varias povoações nossas 4
Macabio e s. etym. 65
Macada, Malhada, Penamacôr e s. etym. 59
Maçãs Camoezas no vinho . . . . . 244 e 245
Maçagoso, Maçainhas, Maçaira, Maçal, Maçanicas, Maceda, Macedo, e Mazeda — rua de Lamego e s. etym. (1) . . . 243 e 261
Macens, Macide, Macido, Maciel, Freixiel, Pinhel e s. etym. — V. Maçagoso.
Macedo 261

(1) Maceda, Macedo e Mazeda podem vir tambem do hespanhol Mãzaneda e Manzaneda, bosque de manzanas, macieiras ou maçãs, que deram Manzaneda e Manzanedo, muitas povoações da Hespanha, e Manzanares, rio microscópico de Madrid.

Pag.
Maceira 243
Macinhata, Maçoeira, Maçoira e s. etym. — V. Maçagoso.
Madail e s. etym. . . . . 25 e 26
Madalena ou Magdalena e s. etym. 66
Magães, Magalhôa, Maganha, Maganhe, Magalão e s. etym. . . 141
Magalhães 140
Mais feriados e as forças caudinas 190
Malhadas e s. etym. . . . . 25 e 26
Mamarosa, Lava Côlhos, Lava Rabos, Mija Velhas e outros nomes portuguezes que devem ser substituidos . . . . 17 e 18
Manaças, casal nosso e s. etym. 66
Mancilha ou Mansilha e s. etym. 262
Mandim, Memende, Mendalvo, Mendares e s. etym. 291
Manoel Henrique da Silva Machado, reitor de Bornes 323
Manoel d'Oliveira Chaves e Francisco de Moura Secco, benemeritos filhos de Lamego 336
Manoel Pereira Dias, doutor de Capello, Par do Reino e reitor da Universidade . . . . . 327 e 329
Manoel Pinto d'Araujo e a saudosa Thomarada 175
Mansilha 262
Manoel e s. etym. 66
Marçaes de Fozcôa 335
Mario de Castro 207
Marquez de... Mashanaglass 159
Marquezes de Marialva 402
Marrocos, notavel quinta do Douro e s. etym. 222
Martens Ferrão e a minha barbara preterição no concurso para um canonicato de Lamego com o onus do ensino . . 355 e seg.
Martens, Martins e s. etym. 296
Martinel, Martinxel e s. etym. 277
Matacães e s. etym.—V. Alhandra.
Matheus, Mathias e s. etym. 65
Maurelles, Mauriz, Moural, Mouraz, Mourel e s. etym. . . . 305
Medelin. 288
Medim 283
Medlicotte, esboço etymologico . . . . . 284, 285, 287 e 288
Meios de locomoção e communicação antigos e modernos, 172 a 176
Meixomil e s. etym. . . . . 231 e 276
Mello, villa e appellido, — Melres, quinta, etc. e s. etym. . . . 223
Melres 224
Mendel, Mendenha, Mendiz, Mendanha, Mendonha e s. etym. 291
Menezes 96

Pag.
Mendo, Mim, Mem e s. etym. 262
Metem, Medelim, Médello, Medim e s. etym. 283
Meteoro da onomastica portugueza 108
Mezio e s. etym. 210
Micahëlis, Migueis, Miguel, Miquel e s. etym. 67
Mimosa leitura para senhoras... 39
Mimvaqueiro, Mim Velho e s. etym. 291
Minde, Mindello e s. etym. 292
Minhatosa e s. etym. 280
Miomães, Moumiz, Nunelhe, Ceidão, Seidães, Pagons e s. etym. 140
Miranda do Corvo, Miranda do Douro, Corvaceira, Douro e s. etym. . . . . 11, 26, 27 e 28
Mirus, i, desin. dos ns. germ. na onom. port. deu mil e mar . . 51
Mixilhoeira, Serpigeira e s. etym. 246
Mochos, muchões, lagartos e sardões na onom. port. . . . 113 a 115
Mões, Monha, Monim, Mumadona e s. etym. 139
Moinhos de mão e sepulturas abertas na rocha 71
Molães e s. etym. 296
Monin, Moniz, Nunelhe, Monelhe, Nono, Nunes, Nuno e s. etym. . . . . 47 e 48
Monte — o que significa no Alemtejo e no Algarve 274
Monteiro 278
Moreda, Navarro, Dias, Diegues, Thiago, Biscainho, Faria, Gravia, Cardia, Franzia e s. etym. 119
Morem, Morim, Mourins e s. etym. . . . . 288, 295, 305 e 307
Morlinho, Mourim, Mourins e s. etym. 307
Morgado da Ribeira de Sabrosa . . . . . 152 e 153
Morgado gígante . . . . . 232 e 333
Morte do santo bispo de Lamego, D. José de Moura Coutinho e a sua genealogia . . . . . 263 e 264
Motivo porque certas pov. muito estimavam o privilegio de não poderem morar n'ellas fidalgos . . . . . 292, 293 e 329
Mourens, Mouriz, Mourizes, Moreis e s. etym. 295
Mourento, Mouria, Mouril, Mourilhe, Mourissó, Mouriz e s. etym. 305
Mouricão, Mourigães e s. etym. 308
Mouriga, Tourega, Touriga e s. etym. 307
Mouros, povoações nossas que tomaram d'elles o nome, 305 e 306
Mouros. Incommodaram-nos muito, mas pagaram-nos tudo — proprio e custas!... 306
Mund, suffixo teutonico 57

N

			Pag.
N e *V* confundiram-se			93
Naufragio do *grão turco*			195
Nazido e s. etym.			262
Nomes affrontosos		235 e	236
Nomes derivados dos açores			263
» »	de adjectivos numeraes romanos	331	392
» »	das aveleiras (1)		255
» »	dos barrócos	222 e	223
» »	dos bezerros		226
» »	das bouças	296, 301 e	303
» »	de cabras		80
» »	dos cardos		277
» »	dos carrapatos		269
» »	dos castanheiros		72
» »	das cêpas e troncos das arvores	102 e	103
» »	das corujas		110
» »	dos cotos		277
» »	dos cucos		110
» »	das eiras		236
» »	das favas		120
» »	dos fetos	122 a	137
» »	dos francezes	104, 105 e	273
» »	dos gatos		280
» »	do hebraico		62
» »	da hera		235
» »	dos lagares		282
» »	dos lagartos		113
» »	das lebres		282
» »	dos leões	83, 84 e	236
» »	das maçãs		261
» »	dos mochos		113
» »	dos mouros	305, 306 e	308
» »	dos ouriços cacheiros		235

(1) Vol. 1.º, paginas 351 a 354.

Pag.
Nomes derivados dos peixes . . . . . nota 266
» » de porcos . . . . . 79, 82, 85, 86 e 87
» » de possilgas 87
» » das romeiras ou romanzeiras 267
» » dos teixos 13
» » dos troncos de árvores . . . . . 103 a 105
» » de urze . . . . . 94 a 96
» » das zebras 243
» » V. Povoações.
Nomes indecentes 18
» importados 38
» que devem mudar-se 17
Nostim 283
Nunilona, Nuno e s. etym. 331

O

O por *a* na onomastica portugueza 8
Odivellas e s. etym. 73
O Douro e o Marquez de Pombal 217
O Douro, — as vides europêas e as vides americanas 219
Oiś da Ribeira, Ois do Bairro e s. etym. 311
Olival dos Borrões e s. etym. . . . . 86 e 87
O meu casarão da Corvaceira 214
Onomastica portugueza, valente auxiliar da historia. 306
Onomastica portugueza comparada. 106, 112, 115, 131, 134, 135 e 139
O palacete do conde da Borralha 197
O prefixo arabe *al*, perdendo o *l* e formando um todo com varios ns. de povoações nossas 19
Ordenações do Seminario de Lamego — sua reforma, 340, 342 e seg. 350, 351 e 352
Ordenado dos antigos professores do seminario de Lamego . . 364
Ordiaes, Orgens, Orjaes e s. etym. 310
Orreiro, Orros, Reiro, Reiros e s. etym. . . . . nota 86
Os criados tambem podiam succeder nos vinculos e ser morgados 153
Oural, Ouraes, Ouriçaes, Ouriz e s. etym. 265
Ourem, Ourim, Ourinho e s. etym. . . . . 265 e 288
Ouril, Oural e s. nebulosa etym. . . . . 264 e seg.
Ousarem e s. etym. 289
Outil e s. etym. 266
Outro jorreiro de feriados, ao todo mais de 70 192

Pag.

Outro jorreiro de feriados, e nós todos aprovados sem fazermos acto 198

P

Pa, po, pu e *ba bo bu* confundiram-se 126
P e *T* confundiram-se e substituiram-se na onom. port. . . . 135
Pacheco, appellido e s. etym. . . . . 311 a 316
Paço Frio ou Passa Frio. 70
Padella, Padrella, Penella, Peninha e s. etym. V. Lapella.
Padim, Paim, Tainho, Palada Palleira, Panque, Paralheira, Paranhão, Tavilhão, Teixe, Peja e s. etym. 135
Pagade, Serem, Tranquilhos e s. etym. 316
Paimogo e s. etym. 298
Pai Mouro, Paião, Paio, Pais e s. etym. 305
Paio Pires ou Aldeia de Paio Pires, sua apologia e s. etym. . . 299
Pais, Paião, Paio, Sampaio e s. etym. 298
Palacio das Sereias ou da Bandeirinha e s. etym. 212
Palaçoulo e s. etym. Pertence á grande série de povoações nossas em cujos nomes se encontra a desinencia *olus, ola.* Indicam-se muitos dos taes nomes 29
Palamoro, Pé de Moura, Porto Mourim e s. etym. 306
Palancar e s. etym. 27
Palha carissima 168
Palorca. 135
Panasqueira, Panascal, Panasquita, Melrita, Casita e s. etym. 243
Parada, Paradella, Paradinha e s. etym. 30
Paraduça, Peraduça e s. etym. — V. Baldossa.
Paranhão 135
Pasmal, Pasmil e s. etym. 51
Passil, Resomil, Touril e s. etym. . . . . 80 e 81
Passil, Passal e s. etym. 267
Paturra, quinta, e s. etym. 3
Pedro . . . . . 393 e 394
Pedro Bôcca de Porco, era o nome do papa Sergio IV 87
Pedro da Silveira Athayde e Vasconcellos. 393
Pedrogo e s. etym. 98
Pelagio . . . . . 305 e 306
Pelho, Tanha, Tera, Perraço, Perrães, Pigeiro, Tigeiro, Pijão, Tijão, Tinheiro, Tanhel, Tinhella, Tires, Tiroeira, Pogeira, Pugido,

Pag.

Tugido, Tuido, Tosar, Tugal, Tuzar, Tocho, Togo, Tuxo e s. etym 136
Pena Branca e s. etym. 28
Penajoia e s. etym. 73
Penajoia, Taboaço, Tavora e a baga de sabugueiro . 367, 398 e 400
Penozem e s. etym. 289
Penude, Penide, Penides, Pindella Pindello e s. etym. 210
Perdagães, Pintães, Pitões, Touraes, Tourães, Tourões e s. etym. 139
Perdão d'acto 198
Perfeitos, familia muito antiga, muito nobre e muito rica . . . 237
Petrus in cunctis 259
Pexem e s. etym. 289
Picoté por Picoto e s. etym. 30
Pintem, Pintens e s. etym. 296
Pintim e s. etym. 289
Pinto d'Araujo e o Dr. Castro, vulgo Castrinho 178
Pinto d'Araujo e o seu acto 186
Plantação de vides — preços no Douro e no Alemtejo 220
Pobreza do districto de Bragança 1
Poda das vides 365
Poiares ou Poyares e s. etym. 4
Poído, Pugido, Tuido 136
Poja, Poledo, Polo, Tonta, Tontão, Tontello, Porvilhão, Tragal, Tredo, Prilhão, Trinhão, Trofa, Trovella e s. etym. 136
Politicão d'agua chilra 362
Porca de Murça 86
Porcalho, Porcalhota, Porcariça, Porcariço, Porcel, Porcelhe, Porches, Porcimo, Progo e s. etym. 79
Porcia, Porciana, Porciano, Porcilia, Porcilio, Porcinia, Porcinio, Porcino. Porcio e s. etym. 79
Portelladia e s. etym. — V. Dois Portos.
Possijal, Possilgaes, Possilgão, Possilgões, Pexilgas e s. etym. . 87
Pousadouro, Pousadouros e s. etym. 7
Povoa e s. etym. 33
Povoações que tomaram o nome dos teixos 13
Povoações que tomaram o nome de Martinus, *i* 15
» que tomaram o nome de Leodomirus, Guntimirus, Theodomirus e Wladimirus, *i* 23
Povoações nossas que tomaram o nome dos francos . . 104 e 107
» que tomaram o nome dos feitos, fentos, fétos ou fieitos . . . . . 122 e seg.
Povoações que tomaram o nome dos bezerros 226

Pag.
Povoações da Hespanha que tomaram o nome das maçãs . . . 261
» nossas que tomaram o nome das boiças ou bouças, 296 e seg.
» — V. nomes derivados.
Praves. 137
Prazins e s. etym. 316
Prefixo *al* 270
Prefixo castelhano *la*, metathese do antigo árabe *al*, que entre nós deu *a* . . . . . 265 e 266
Prefixo *sub*. 387
Pregaes, Pregal, Pregueira 136
Prilhão e Trilhão 136
Prime e s. etym. . . . . 296 e 321
Producção das vides por milheiro 227
P e *t* confundiram-se 135
Prova, Provella, Trovella. 136
Pulgas em barda e Albergaria das Cabras 209

Q

Quarteira 396 397
Queixomar 267
Quinta das Aguias 382
Quinta de Castello de Borges e a nossa do Campo Velho, ambas no Alto Douro e margens do Tedo 239
Quinta Grande 65
Quinta de Valmôr e s. etym. 218
Quintas que já foram parochias. 1
Quando o Douro esteve em alta eram ali triviaes as *salvas faqueiros* e até *bacios de prata!*... 216

R

R, letra falsa 134
Rad, rich, hulf 43
Rabaceira, Rabaceiro, Rabacinhos, Rabaçosa e s. etym. . . . 87
Rabasca, Rabasco, Rabasqueira, Ravasco, Ravasqueira, Ravasquinha, e s. etym. 87
Rainha D. Theresa.— Passeava pela Galliza como nós por nossa casa 234
Rainhas de Gouveia 38

Pag.
Ramada e suas accepções . . . . . 127, 128 e 274
Rande, Raul, Raulim, Rolim, Rodolpho, Rol, Route, Randufe, Rendufe e s. etym. 43
Re, prefixo augmentativo 543
Recarei, Reçamonde, Recamonde, Recamunde, Rica Monte, Rocamonde, Reimonda, Reimonde, Reimondinho, Raymundo e s. etym. . . . . 56, 57 e 84
Recião, Reguião, Requiães, Requião e s. etym. . . . . nota 53
Recordação dos tempos de Coimbra . . . . . 173 a 209
Redacção que era uma pequena praça de guerra. 183
Refega e s. etym. 27
Refojos 298
Reiros, etc. . . . . nota 85
Remesal 267
Reminiscencias dos gregos 99
Rendimento da nossa casa durante 5 annos . . . . . nota 380
Republicano opportinista . . . . . e 374 384
Resomil e s. etym. 267
Rezenda, Rezende, Rezenta, Rozem, Rozim e s. etym. 290
Ribaçaes, Ribaçal 325
Ribadeneira, appel. hesp. e s. etym. 234
Ricardo . . . . . 57 e 84
Ricassos do Douro . . . . . nota 215
Rich — poderoso, rico, suffixo e prefixo germanico muito prolifico 43, 44, 57 84
Riqueza de Cecilio Claudio Isidoro 49
Rira bien qui rira le dernier!... 95
Roberto 93
Rodrigo, Roligo, Rorigo, Roriz, Ruy, Ruins, etc. e s. etym. 42, 43 e 133
Romagem e s. etym. 268
Romaneira e s. etym. 267
Romazelhas, Romeiral, Romeirão, Romeirinha, Romeirinhos, Rumelha e s. etym. 267
Romeu, Romaneira, Romeirão, Romezal, Remezal, Romeirinho e s. etym. 65
Rompecilhas e s. etym. 210
Ronca, Roncanito, Roncão, Roncas, Ronqueira, Ronquilha, Ronquinha e s. etym. 86
Ronceiras é talvez o mesmo que Ronqueiras . . . . nota 2.ª 86
Roteiro de Castro — hontem e hoje . . . . . 167 e 168
Ruminhal, Ruminheira, Ruminheirinha e s. etym. 268
Runa e s. etym. — V. Alhandra.
Ruy Fernandes e a ponte dos piares 5

S

Pag.
Ser 127
Saavedra e s. etym. . . . . nota 1.ª 149
Sabordella e s. etym. 228
Sago e s. etym. 229
Sagres, Chaves, Alares, Amares e s. etym. . . . . 162 e 163
Salvador Paes 215
Salmães, Salmanha, Sermanha e s. etym.—V. Ledesma.
Salto da Pandeira e s. etym. 3
Sameira, Sameiras, Sameiro e s. etym. 228
Samel, Samil, Tamel, Tamal e s. etym. 268
Samor, Samora, Samorão, Samorim, Zamora e s. etym. . . . 271
Sampaio 305
Samuel Gelb em Coimbra . . . . . 177 e 183
Sancho I, Affonso II e o Rei Venturoso não leram pela mesma cartilha!... 311
Sande, Sandiaes, Sandião, Sandim, Sandinha, Sandinho, Sendim, Sendinha, Sendinho e s. etym. 231
Sandiães, Cepães, Sepães, Faldijaes, Faldigens, Fralães, Farlens, Fundães, Gontães, Guntens, Muções, Orjaes, Orgens e s. etym. 138
Sandim, Sendim, Sindim e s. etym. . . . . 36 e seg.
Sanfins, Sinfães 132
S. Gil e Tangil 91
Santelmo 388
Sapaduços e s. etym.—V. Baldossa.
Saragoça Rainha e s. etym. 38
Sarjal e s. etym.—V. Lardoeira.
Sarrão, Sarricos, Sarranheira, Sarroeira, Serrão e s. etym. . . 246
Sa, se, so e *ta, te, to*, confundiram-se na onomastica portugueza . . . . . 90, 268 e 269
Schisto—pranchões 241
S. Colmado, S. Cosmado e s. etym. 231
Sebadoiro e s. etym.— V. Lardoeira.
Sederma, Sedesma, Siderma e s. etym.—V. Ledesma.
Seiceira e s. etym. . . . . 248 e 249
Senande, Sernande, Sernancelhe e s. etym. . . . . 36 e 51
Senandus, etc. 231
Sendiães, Sendieira e s. etym. 39
Sendim, Sendinha, Sendinho e s. etym.—V. Sande.

Pag.
Senhora que bem merecia uma commenda da Ordem de Merito Agricola . . . . . 382 e 384
Sensaboria por causa d'uma poesia . . . . . [illegible]
Sernancelhe e s. etym.—V. Escurquella . . . . . 231 e 240
Serra da Freita 210
Serra d'Ossa e s. etym.—V. Baldossa.
Serra das Talhadas e s. etym. 210
Serviços que prestei na freguezia de Tavora . . . . 379 e seg.
Setiaes e s. etym. 247
Sever, Severim, Cervães e s. etym. 16
Sinções, Sinceira, Sinceirinha e s. etym. —V. Seixeira.
Sindieira e s. etym. 247
Sizandro, rio, e s. etym.—V. Dois Portos . . . . . 228 a 231
Soares, Soura, Souro, Soirinho, Souralva, Soure, Sourinho, Souro Pires e s. etym. 80
Sobal, Fancaria, Palorca, Freitosas, Feiposa e s. etym. . . . 135
Sobrada, Sobrado de Paiva e s. etym. 128
Sobradinho, Sobrainho e s. etym. 74
Sobral de Monte Agraço.—V. Dois Portos 228
Soenga, Tulheiras e s. etym. . . . . nota 225
Some-te, coisa má!... . . . . nota 137
Somil e s. etym. 230
Soppo e s. etym. 230
Soromenhos.—Povoações que tomaram d'elles o nome. . . . 229
Sousa, rio, Sousella, etc. e s. etym. 230
Substituição das letras *E* e *O* na onomastica portugueza . . . 224

Substituição de letras:
a 403
b 409
c 417
d 432
e 441
f 445
g 455
i 460
j 465
l 466
m 474
n 477
o 480
p 483

Pag.
q 486
r 486
s 491
t 494
u 494
v 495
w 495
Suffixo hebraico *El-Deus* 67
Suffixo *el* — Daniel, Gabriel, Ezequiel, etc. 88
Suimo, Suina, Suino e s. etym. 82
Synonimias de Pacheco . . . . . 314 e seg.

T

Tep 135
Tá, té, etc. deram *dá, dé,* etc. 289
Tabaçô, Tabelladas, Tablado, Taboaço, Taboeira, Taveira, Taboeiro, Toveiro, Taboneira, Taborda, Tabosa, Tavares, Taveira, Taveiro, Tavora e s. etym. . . . . 71 e 73
Taboada de Garrido e os nossos correios . . . . 168 a 172
Tadim, Tagilde 289
Tagilde 49, 91 289
Talis arbor, talis fructus . . . . . 326 e 360
Talhadas . . . . . 210 e 296
Talis vita — finis ita 362
Tanhal 136
Taralhão 135
Tavira . . . . . 388 e 389
Tavora — filhos benemeritos 370
Tavora e s. etym. — V. Escurquella 240
Teixeira 13
Teixos e castanheiros notaveis e uma fidalga muito desequilibrada 14
Telhô, Tellões, Tenões e s. etym. 341
Terminologia 549
Thadim, Thaim, Tainde, Tedim, Thaide, Tangil, Tagilde e s. etym. 289
Theobalde, Tibalde, Tibaldo, Tibau, Tovar e s. etym. . . . 85
Theomil, Thomar e s. eym. 51
Thomarada . . . . . 175, 177, 185 e 324
Thourim, Tourem, Turiz e s. etym. 290
Tiburcio, nome pessoal, e s. etym. 40

Pag.
Tinheiro 136
Tinhella. 136
Tires 136
Tito de Noronha 386
Tocho, Tojo, Tuxo 136
Toito, Touto, Toutosa e s. etym. 269
Toja, Tocha 136
Tomem a penna, — desçam do palanque, — entrem no redondel — e verão o que lhes succede!... . . . . 95 e 100
Tonce, Torqueiros, Trizio e s. etvm. 137
Topicos promettidos e outros mais. . . . . 272, 392 e seg.
Torres Vedras, Matacães, Runa, Alhandra e s. etym. . . 227 e 242
Torres Vedras e s. etym. —V. Alhandra.
Torres Vedras — desineneia *eira* . . . . . 232 e 242
Tougues, Touguinha, Touguinhó e s. etym. . . . . nota 304
Tour du Monde ha quatro séculos por 2 navegantes portuguezes. 157
Touta, Toutão, Tontello, Tontinha 136
Tozal, Tuzar, Urzal, Zurzaes e s. etym. 94
Trancoso por Troncoso 254
Transformação completa das ordenações de Lamego, de 1857 a 1860 340
Trisio 137
Trofa 136
Tufe, Tufos e s. etym. 304

U

Urrô 85
Ursos. —Varias povoações que tomaram d'elles o nome . . . 229
Urze, planta muito prolifica na onomastica portugueza . . 94 e 96

V

Vacalar. 309
Vaccaria, Vacariça, Vaqueira e s. etym. 291
Vairão, Ver, e s. etym. 35
Val de Mira e s. etym. 23
Val de Nacar . . . . . 391 e 392

Pag.
Valdigem e s. etym. 17
Valdosende e s. etym. 54
Varchinhas, Vargellas, Varziellas, Varzieta e s. etym.—V. Bargellas 220
Vasconcellos 118
Viação antiga . . . . . 167, 168 e 173
Viagem deliciosa do Porto a Villar de Maçada 211
Viagem de Amarante á Rêde e vice-versa no tempo das liteiras e das diligencias 213
Videira que já deu em um só anno duas pipas de vinho de 550 litros cada uma 255
Vidigueira, etc. 255
Viegas e s. etym. 45
Villaça, Vasconcellos, Padim, Queiroga, Saldanha, Tovar, Calainho e s. etym. 118
Villa Duffe, Villar d'Oufe e s. etym. 304
Villa Fonche e s. etym. 133
Villa Pouca, palacio notavel de Rezende 333
Vinho de 20$000 a garrafa, 14:000$000 cada pipa 181
Vinho do Alto Douro, feito d'uva passa 238
Vitoreira 256
Vouzella . . . . . 210 e 296

W

W . . . . . 55 e 56

Z

Za e *ja* 94
Zamora. 35
Zaviel e s. etym. 93
Zebras — pov. nossas que tomaram d'ellas o nome 243
Zeiteiros, Zenha, Zevinho e s. etym. 256
Zimbral, Zimbreira, Zimbreirinho, Zimbro e s. etym. 243

ERRATAS

Pag. 1, linha 7, onde se lê nos concelhos, leia-se no concelho.

Pag. 13, linha 6, onde se lê Tão, leia-se Taes.

Pag. 30, ultima linha, onde se lê Beirão, leia-se beirão.

Pag. 37, linha 6, e n'outras páginas, onde se lê — meu atávico successor — entenda-se: provavelmente meu successor n'estes trabalhos etymologicos, mas com defeitos moraes atávicos, ou herdados de seus passados.

Pag. 46, linha 17, onde se lê *Ranzendo,* leia-se *Rausendo.*

Pag. 65, nota. A quinta tem só 16 kilómetros de circunferencia, compreendendo propriedades encravadas d'outros dônos; e não tem tres estações, mas apenas a do Romeu e o apeadeiro dos Avantos, esta quasi fora da mesma quinta.

Pag. 81, linha 3, onde se lê *e Louriçal,* leia-se *Louriçal e Louridal.*

Pag. 95, linha 7, onde se lê *edd tua,* leia-se *ede tua* (*ede tua opera* — publica as tuas obras).

Pag. 143, nota 2. Esta nota é uma errata. Fica sem valor, porque o texto está bem.

Pag. 175, linhas 25 e 26, onde se lê vol. II, pag. 774, leia-se: vol. XI, pag. 775.

Pag. 199, linhas 30 e 31, onde se lê: em Portugal e Coimbra, leia-se em Portugal e designadamente em Coimbra.

Pag. 237, linha 21, onde se lê ensocalculada, leia-se ensocalcada,

Pag. 264, linha 23, onde se lê *ficitos,* leia-se *fieitos.*

Pag. 285, 286, etc., onde se lê proli-parente, leia-se poli-parente (muitas vezes parente).

Pag. 339, linhas 28 e 29, onde se lê 122, leia-se 121, e onde se lê 32' leia-se 18. Veja-se a rectificação na nota da pag. 346.

Pag. 340, ultima linha de texto, onde se lê *de fond em,* leia-se *de fond en;* e na 1.ª linha da nota supprimam-se as palavras ainda hoje (1909).

Pag. 341, nota 2, onde se lê vol. XI, leia-se vol. IX, e onde se lê vol. IX, leia-se vol. XI.

Pag. 345, linha 17, onde se lê *prosteri,* leia-se *posteri.*

Pag. 355, linha 30, onde se lê *entulhada,* leia-se *atulhada.*

Pag. 364, linhas 9 e 10, onde se lê *vemit e radicibos,* leia-se *venit e radicibus,* e no fim da nota, onde se lê vol. IX, leia-se vol. XI.

Pag. 381, linha 10, onde se lê lhe, leia-se lhes.

DP
515
F47
v.2

Ferreira, Pedro Augusto
Tentativa etymolico-
toponymica

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 07 07 09 016 5